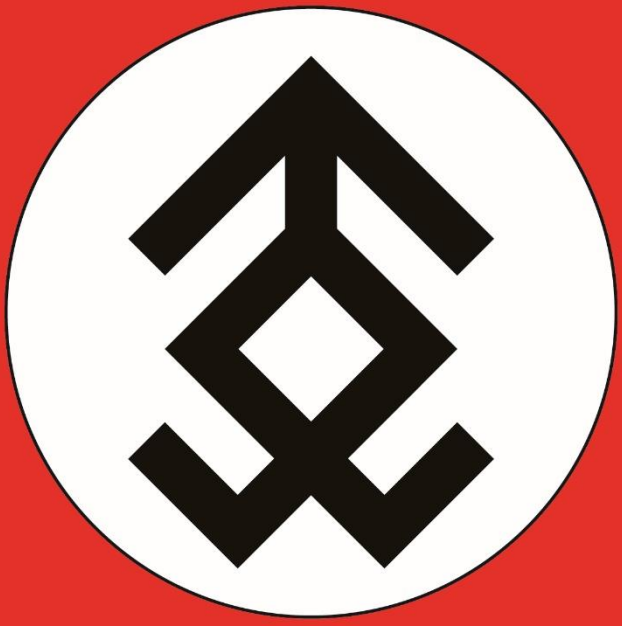
# FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA

SEGUNDA PARTE
METAFÍSICA HIPERBÓREA
TOMOS **VI** AO **XIII**



NIMROD DE ROSARIO
Ordem de Cavalheiros Tirodal

## SEXTO TOMO: A ORDEM LAGRGAL DE AGARTHA, CUSTODIADORA DOS LIVROS DE CRISTAL

### A – Os Livros de Cristal da Biblioteca de Agartha.

Em Agartha, a sede terrestre dos Siddhas Leais, existe uma biblioteca provida de milhões de LIVROS DE CRISTAL, denominados assim por estarem construídos sobre a base de alguma gema ou cristal precioso. Estes livros são o produto de um trabalho milenar realizado pelos Siddhas Leais e por alguns Iniciados Hiperbóreos, conhecidos como "Guardiões da Sabedoria Lítica". O motivo da fundação da Biblioteca foi, desde o princípio, a necessidade de conservar, em um nível de compreensão acessível aos Iniciados Hiperbóreos, a verdade sobre a Origem do Espírito e tudo quanto lhe acontece durante seu trânsito pelos espaços de significação macrocósmicos afins, ou aproximados, ao espaço terrestre. Há, pois, livros que contêm o Registro da Traição Branca, a chave genética para o aprisionamento espiritual, a história cultural dos viryas de todos os tempos, as vias secretas de liberação, etc.; por isso, desde outrora, a Biblioteca de Agartha é conhecida como BIBLIOTECA DE ESTRATÉGIA HIPERBÓREA e a soma do saber ali depositado, SABEDORIA HIPERBÓREA.

OS LIVROS DE CRISTAL SÃO "SISTEMAS REAIS ARTIFICIAIS", QUER DIZER, SISTEMAS REAIS CONSTRUÍDOS GRAÇAS A TÉCNICAS DA SABEDORIA HIPERBÓREA QUE SÃO DE DOMÍNIO DOS SIDDHAS LEAIS. Necessariamente, ter-se-á que esclarecer que diferença apresentam os SISTEMAS REAIS ARTIFICIAIS, ou LIVROS DE CRISTAL, com os sistemas reais habituais das superestruturas. Resposta: enquanto nos sistemas reais habituais o conteúdo dos Registros culturais vai se incrementando instante após instante com novos objetos axiológicos, NO SISTEMA REAL ARTIFICIAL O CONTEÚDO DO REGISTRO CULTURAL CONSERVA-SE FIXO DE UMA VEZ PARA SEMPRE; DESDE O MOMENTO DE SUA CONSTITUIÇÃO, QUANDO OS SIDDHAS LEAIS GRAVAM SEU CONTEÚDO, OS REGISTROS CULTURAIS DOS SISTEMAS REAIS ARTIFICIAIS PERMANECEM SEMPRE IMUTÁVEIS, COMO VERDADEIROS "LIVROS DE CRISTAL". Como pode ocorrer tal imutabilidade, como pode ser que os "momentos do valor absoluto" dos O.C.E. e O.C.R. não se agreguem constantemente à série cronocultural? Resposta: PELO MODO COMO ESTÁ CONSTRUÍDO O SISTEMA REAL ARTIFICIAL. OS O.C.E. e O.C.R., SÃO RUNAS NOOLÓGICAS, QUER DIZER, SÍMBOLOS INCRIADOS, SEM CORRESPONDÊNCIA ALGUMA COM AS FORMAS ARQUETÍPICAS CRIADAS PELO UNO; ESTAS RUNAS, TOMADAS COMO "OBJETOS CULTURAIS", PERMANECEM INALTERÁVEIS ANTE A PASSAGEM DO TEMPO TRANSCENDENTE, VALE DIZER, O ASPECTO CONSCIÊNCIA-TEMPO DO DEMIURGO NÃO AS PODE APREENDER E ARRASTAR EM SUA CORRENTE, POR NÃO ESTAREM COMPREENDIDAS COM NENHUMA FORMA ARQUETÍPICA; O SISTEMA REAL ARTIFICIAL SE CONSTITUI EMPREGANDO ESTAS RUNAS "COMO SE FOSSEM OBJETOS CULTURAIS", QUER DIZER, AFIRMANDO ENTRE ELAS UMA "CONEXÃO DE SENTIDO"; PARA ISSO O SIDDHA LEAL GRAVA AS RUNAS SOBRE DUAS FACES CONFRONTADAS DE UM CRISTAL "AXIOLOGICAMENTE VIRGEM" E LOGO, VALENDO-SE DE SUA PODEROSA VONTADE GRACIOSA LUCIFÉRICA, AFIRMA ENTRE ELAS UMA CONEXÃO DE SENTIDO: FORMA-SE, ASSIM, UM REGISTRO CULTURAL ARTIFICIAL NO INTERIOR DO CRISTAL, ENTRE AS RUNAS O.C.E. E O.C.R. ATO SEGUIDO, O SIDDHA LEAL PROCEDE A GRAVAR A SÉRIE CRONOCULTURAL QUE DESEJA CONSERVAR PLASMANDO COM SUA VONTADE O CONTEÚDO ADEQUADO: EM OUTRAS PALAVRAS, O SIDDHA LEAL FORMA A POTÊNCIA FORMATIVA DOS ÁTOMOS GRAVIS COM SUPEROBJETOS AXIOLÓGICOS ARTIFICIAIS. A SÉRIE CRONOCULTURAL, ASSIM CONSTITUÍDA, PERMANECERÁ, DESDE ENTÃO, COMO CONTEÚDO CARACTERÍSTICO DO LIVRO DE CRISTAL.

QUEM MANTÉM A VITALIDADE DO REGISTRO CULTURAL DE UM LIVRO DE CRISTAL? DESDE JÁ QUE NÃO PODE SER UM ARQUÉTIPO ASTRAL, POIS, NESSE CASO, O ASPECTO AMOR DO DEMIURGO NÃO SÓ PODERIA COMPREENDER A TODO O MOMENTO O REGISTRADO, SUBMETENDO A BIBLIOTECA A UMA INFAME ESPIONAGEM, SENÃO QUE PODERIA, INCLUSIVE, APAGAR SEU CONTEÚDO. QUEM, ENTÃO? RESPOSTA: UM TIPO DE ALMAS MINERAIS, OU "ELEMENTAIS DE PEDRA", CHAMADOS "OLEG"; JUSTAMENTE ESSE É O MOTIVO PRINCIPAL DA UTILIZAÇÃO DOS CRISTAIS PRECIOSOS COMO SUPORTE FÍSICO DAS RUNAS: OS OLEG DE CRISTAL SÃO COMPELIDOS A VITALIZAR O REGISTRO CULTURAL; A ENERGIA NECESSÁRIA A OBTÊM DE CERTAS RADIAÇÕES QUE PENETRAM DO EXTERIOR DO CRISTAL E QUE ELES TRANSDUZEM E APLICAM SOBRE OS ÁTOMOS GRAVIS. O LIVRO DE CRISTAL, ASSIM VITALIZADO, PODE SER ISOLADO RUNICAMENTE DO ASPECTO AMOR, DE TAL MODO QUE OS OLEG "VIVAM PRISIONEIROS" NO INTERIOR DE CRISTAL, DESVINCULADOS DOS PROCESSOS EVOLUTIVOS ARQUETÍPICOS. QUANTO AOS "OLEG", NADA VAMOS TRATAR AQUI, POIS ELES FORMAM PARTE DE UM MISTÉRIO CUJA EXPLICAÇÃO FICA, DE LONGE, FORA DO ALCANCE DOS "FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA"; OS OLEG, COM EFEITO, É UM CASO ESPECIAL DE APRISIONAMENTO ESPIRITUAL: NELES SE ENCADEARAM ESPÍRITOS CHEGADOS AO UNIVERSO BILHÕES DE ANOS ANTES DOS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS; NINGUÉM SABE DE ONDE PROCEDIAM, JÁ QUE ERAM COMPLETAMENTE DESCONHECIDOS PARA OS ESPÍRITOS VINDOS DE HIPERBÓREA; E TAMPOUCO ESTAVAM "INVERTIDOS" COMO ESTES EM SUA QUEDA, SENÃO QUE, POR MEIO DE UM PROCEDIMENTO QUE SUGERE ESPANTOSAS ALTERAÇÕES DO TEMPO E DO ESPAÇO, FORAM "PULVERIZADOS", DIVIDIDOS EM INCONTÁVEIS PARTÍCULAS QUE, ENTRETANTO, ESTÃO TAMBÉM UNIDAS NO INFINITO; POR ISSO, NA "ALMA GRUPAL" DOS OLEG, SUBJAZEM ENCADEADAS MILHÕES DE PARTÍCULAS ESPIRITUAIS QUE, EM SUA ETERNA BUSCA DE ORIENTAÇÃO, IMPULSIONAM TAMBÉM O PROCESSO EVOLUTIVO DOS "ELEMENTAIS MINERAIS".

POR ÚLTIMO, AGREGUEMOS QUE, NOS LIVROS DE CRISTAL, APENAS SE APROVEITA A "CÂMARA DE ENTRADA" DO REGISTRO CULTURAL. NELA, O INICIADO HIPERBÓREO SITUA O SUPEROBJETO AXIOLÓGICO QUE NECESSITA CONSULTAR, TOMANDO IMEDIATO CONHECIMENTO DE SUA SABEDORIA HIPERBÓREA.

### B – Missão dos Cavalheiros Tirodal.

Todo Iniciado Hiperbóreo que tenha desenvolvido sua capacidade de anamnese, tem o direito de consultar a Biblioteca de Agartha. Entretanto, são os Guardiões dos Livros de Cristal que dispõem quem pode e quem não pode acessá-los: e seu julgamento, muitas vezes incompreensível para o que deve aceitá-lo, é definitivo e inapelável. Mas é claro que os Guardiões, que são Siddhas Leais, só respeitam o VALOR do iniciado, sua vontade graciosa luciférica, e o grau de domínio que tenha alcançado sobre o sujeito anímico de seu microcosmo: Eles não poderiam permitir o ingresso na Biblioteca, nem a compreensão I.H.P.C. dos Sagrados Livros, a Iniciados capazes de canalizar o Demiurgo através de seu sujeito anímico; se tal coisa ocorresse, os livros poderiam ser modificados em seu conteúdo ou, talvez, destruídos. A única possibilidade, pois, que resta a um Iniciado para conseguir que os Guardiões lhe facilitem a passagem até os Livros de Cristal é apresentar-se ante Eles exibindo um VALOR ABSOLUTO, estando disposto, como corresponde a um Guerreiro do Retorno à Origem, a CEDER TUDO O QUE FOR MATERIAL, A ENTREGAR O MICROCOSMO SE FOR NECESSÁRIO, E A CONSERVAR SÓ A VONTADE GRACIOSA DO ESPÍRITO. Com menos deste valor, os Iniciados jamais encontrarão a Porta da Biblioteca de Agartha, pois um CERCO INFINITO impedirá, quer dizer, um cerco que não pode ser rodeado: a Porta da Biblioteca é, na realidade, uma fenestra infernalis onde está

gravada a runa LAGRGAL, sobre a qual os Guardiões projetam o polo infinito (ver figura 33 e texto explicativo).

Os Guardiões dos Livros de Cristal formam uma Ordem de Guerreiros Sábios, conhecida desde tempos remotos como ORDEM LAGRGAL, e afirma-se na Sabedoria Hiperbórea que só Eles, dentre todos os Siddhas de Agartha, que compreenderam completamente o Mistério do Gral de Lúcifer. Os Siddhas Leais da Ordem Lagrgal são os fundadores da Ordem de Cavalheiros Tirodal: ELES AUTORIZARAM UM GRUPO DE INICIADOS PRÉ-EXISTENTE NA REPÚBLICA ARGENTINA, PONTÍFICES HIPERBÓREOS, A CONSULTAR O "LIVRO DE CRISTAL TIRODAL", A EMPREGAR SEU SAGRADO NOME COMO RUNA REPRESENTATIVA DE SUA ORDEM, E A ENSINAR SEU CONTEÚDO AOS VIRYAS PERDIDOS. CONJUNTAMENTE, PROPUSERAM UMA MISSÃO À ORDEM, A QUAL SE ENCONTRA DECLARADA NA "CARTA AOS ELEITOS": LOCALIZAR OS ELEITOS E PREPARÁ-LOS NO CONHECIMENTO DA SABEDORIA HIPERBÓREA PARA CONFRONTAR COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

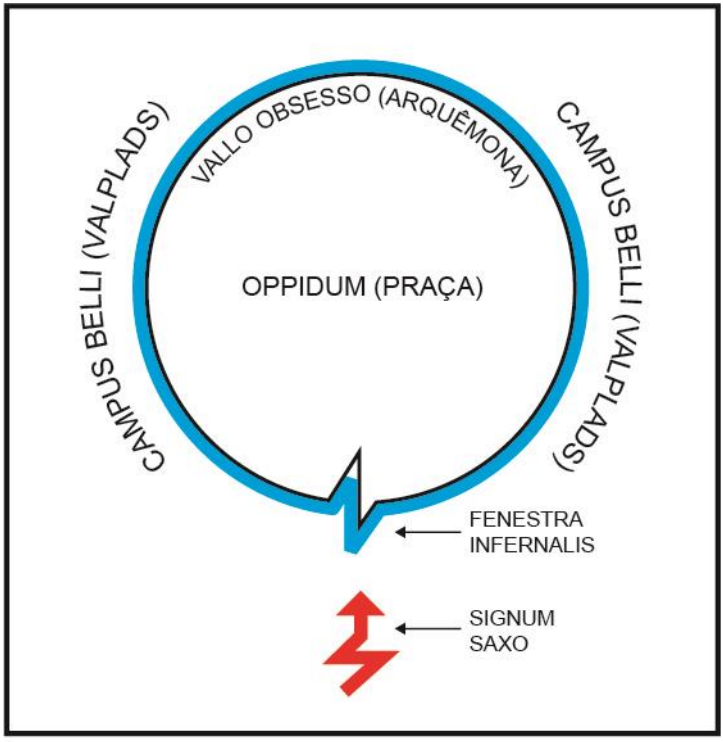



FIGURA 84

Em síntese, os Guardiões da Biblioteca de Agartha permitiram, excepcionalmente, que os Pontífices Hiperbóreos da Ordem de Cavalheiros Tirodal mantenham uma conexão permanente com o Sagrado Livro de Cristal Tirodal: dali provém seu extraordinário domínio da Sabedoria Hiperbórea.

## C – O Sagrado Livro de Cristal Tirodal.

O Sagrado Livro de Cristal Tirodal é só um dos milhões de livros que possui a Biblioteca de Agartha; entretanto, tudo quanto aqui se expôs, nos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, Primeira e Segunda Parte, dali procede: formidável fonte de conhecimentos, evidentemente, é o Livro Tirodal! E O É PORQUE SEU AUTOR, O SIDDHA WOTAN SE PROPÔS A DEPOSITAR NO LIVRO A CHAVE DA LIBERAÇÃO GNÓSTICA DO ESPÍRITO CATIVO: ESTA VIA IMPLICA, AO MESMO TEMPO, NA MAIS INTRÉPIDA AÇÃO DE GUERRA E NO MAIS ALTO GRAU DE SABEDORIA. MAS NÃO SE TRATA DE UMA SOLICITAÇÃO IMPOSSÍVEL, MAS DE REPETIR A FAÇANHA QUE O PRÓPRIO WOTAN PROTAGONIZOU, QUANDO DESCOBRIU O SEGREDO DA VIDA E DA MORTE E A CHAVE DO APRISIONAMENTO DO ESPÍRITO ETERNO À MATÉRIA. PARA ISSO, WOTAN, QUE É UM SIDDHA LEAL, QUER DIZER, UM VERDADEIRO "IMORTAL" NO PLANO FÍSICO, TEVE QUE MORRER COMO UM PASU, ENCADEADO À ÁRVORE DO MUNDO, AO ESQUELETO DO DRAGÃO, E RESSUSCITAR COMO SIDDHA, COMO ESPÍRITO ETERNO, DEPOIS DE SE APODERAR DO SEGREDO DO APRISIONAMENTO ESPIRITUAL, ISTO É: DA CHAVE KALACHAKRA.

Wotan, que é o Guia dos povos da raça branca sobreviventes de Atlântida, "escreveu" o Livro de Cristal Tirodal para que fosse consultado em todos os tempos pelos Iniciados Arianos e para que estes pudessem conhecer a via da oposição estratégica, quer dizer, a via de liberação espiritual mais apropriada ao tipo Kshatriya ou Guerreiro Hiperbóreo. Como produto de sua maravilhosa façanha, Wotan RE-DESCOBRIU as runas para revelá-las aos arianos e, por isso, o Livro de Cristal Tirodal é também um idioma: a "língua Tirodal", baseada em treze mais três runas, quer dizer, treze runas arquetípicas mais três Runas Noológicas. O Ás Wotan, que, como Siddha Leal tem outro nome muito mais antigo, se deu a conhecer aos arianos com a Sagrada Runa Tirodal, que significa seu nome e que, em línguas germânicas bárbaras, se pronuncia igualmente GOTT WOTAN, TIR-ODAL ou TIR ODIN, quer dizer, DEUS WOTAN. Mas a Sagrada Runa Tirodal, que é o nome de Wotan, e é a língua Tirodal, e se encontra gravada na capa do Livro de Cristal Tirodal como O.C.E. do sistema real artificial, É TAMBÉM MUITO MAIS DO QUE ISTO; COM EFEITO, A SAGRADA RUNA TIRODAL TEM DOIS SIGNIFICADOS DA MAIS ALTA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA: FORMA PARTE DO "SÍMBOLO DA ORIGEM", QUE SÓ WOTAN, DENTRE OS ARIANOS, VIU COMPLETO, E CONSTITUI O "CENTRO DO LABIRINTO INTERIOR", QUER DIZER, O CENTRO DE ONDE O EU PERDIDO PODE SE ORIENTAR PARA O PONTO TAU E PARA O SELBST. ESTES DOIS SIGNIFICADOS SÃO O FUNDAMENTO DA PRIMEIRA INICIAÇÃO HIPERBÓREA, OU "CAVALHEIRO TIRODAL", E DE SUA COMPREENSÃO ATIVA DEPENDE A IMORTALIDADE DO EU QUE NELA SE OBTÉM.

Na figura 85 se representou, analogicamente, "a capa" do Sagrado Livro de Cristal Tirodal. Como se explicou em "A", esse livro é um sistema real artificial constituído por Wotan para registrar os detalhes de sua façanha e o conhecimento ganho como resultado, vale dizer, o segredo da chave Kalachakra. Por meio da chave Kalachakra, os Siddhas Traidores de Chang Shambala mantêm, há milhões de anos, o aprisionamento espiritual, cuja consequência é a raça híbrida dos viryas: esse segredo terrível, pelo qual os Siddhas Traidores não vacilam em destruir a quem o possua ou tente divulgá-lo, está "escrito" por Wotan em seu Livro Tirodal. O Grande Ás quis que SÓ os Iniciados Arianos o conheçam e, por isso, empregou como objeto cultural emergente (O.C.E.) do sistema real a Sagrada Runa Tirodal: NINGUÉM QUE NÃO SEJA UM INICIADO ARIANO, E TENHA PREVIAMENTE RESSIGNIFICADO SEU EU COM A SAGRADA RUNA, QUER DIZER, QUE TENHA SEU EU NO "CENTRO DO LABIRINTO INTERIOR", PODERÁ RE-CONHECER SEU SIGNIFICADO NOOLÓGICO; PARA QUEM NÃO SEJA UM INICIADO A RUNA CARECERÁ DE SIGNIFICADO NOOLÓGICO, PORQUE NÃO TERÁ "CONTEXTO RÚNICO" QUE SE O

CONCEDA, E SEM COMPREENDER SEU SIGNIFICADO NOOLÓGICO, SEM PRONUNCIAR A PALAVRA TIRODAL, O LIVRO DE CRISTAL NÃO SE ABRIRÁ E NEM MOSTRARÁ SEU TAMPA-SIGNO.

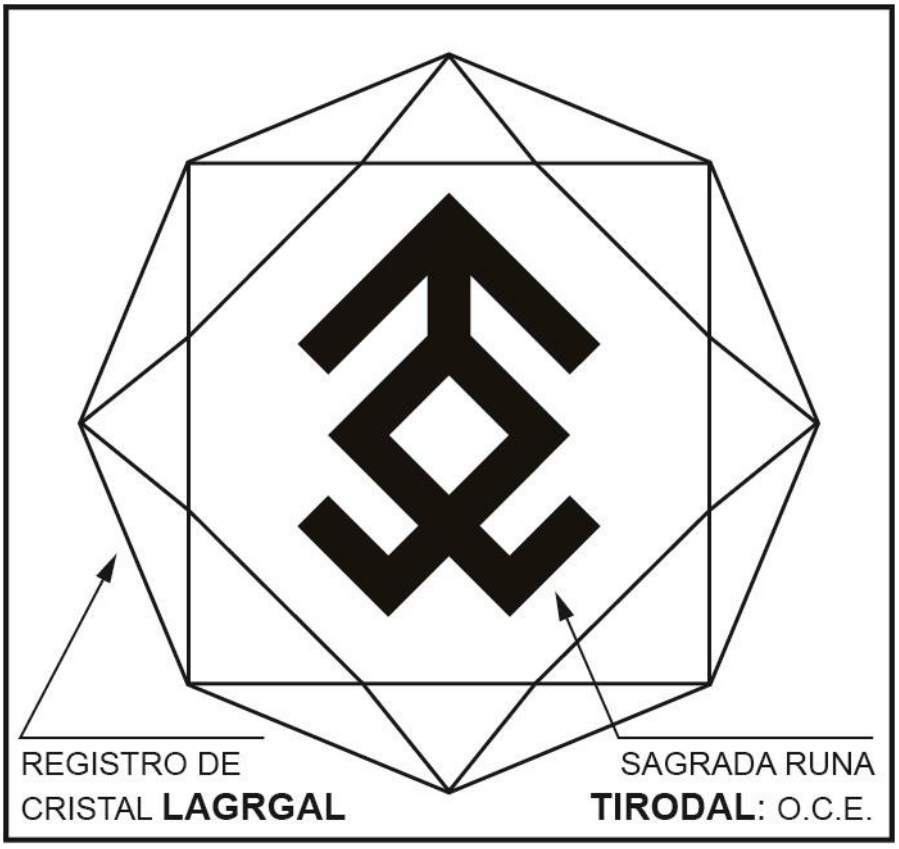



FIGURA 85

Não é esse o caso dos Iniciados Hiperbóreos da Ordem Tirodal. Os Cavalheiros Tirodal, cuja práxis consiste em desenvolver sua faculdade de anamnese, possuem a chave para ingressar na câmara de entrada do Livro de Cristal: ali, o I.H.P.C. pode explorar os superobjetos axiológicos que contêm a história de Wotan e aprender a via da oposição estratégica. Mediante uma exploração semelhante, se selecionou um superobjeto axiológico referido à crucificação de Wotan e à sua conquista da chave Kalachakra, e ao que traduzimos em língua castelhana, empregando a descrição de imagens míticas. Tal superobjeto apresenta uma inscrição em seu tampa-signo, sem dúvida colocada pelo próprio Wotan, que diz: “A RESSIGNIFICAÇÃO DE

WOTAN". Em um próximo artigo, narraremos esta história, pois antes é necessário oferecer uma breve introdução.

## D – A crucificação de Wotan.

Como o Grande Ás chegou a estar pendurado na Árvore é, na verdade, uma longa e antiga história que está registrada em outra parte do Livro Sagrado. Ali se conta que Wotan, sabedor da descida terrestre, protagonizada pelo Senhor de Vênus, quis acompanhá-lo em sua empreitada. Eram os Dias da Atlântida e o Grande Venusiano vinha para acabar com a tirania que os Siddhas Traidores tinham implantado sobre as linhagens hiperbóreas: os Siddhas Traidores agiam à luz do dia como "Senhores da Face Tenebrosa" e seu governo era conhecido como "Sinarquia do Horror". Nesses dias, o sangue dos viryas se degradava incessantemente ao se misturar com as raças inferiores, perdendo irremediavelmente a recordação da Origem, enquanto essas mesmas raças de pasus alcançavam um grau de consciência até então desconhecido. O governo era detido por uma infame e bastarda raça de ferreiros que, apoiados e custodiados pelos Siddhas Traidores, formavam uma aristocracia de Reis e Senhores ante os quais as linhagens hiperbóreas deveriam se humilhar. Os "ferreiros" se vangloriavam de serem a "Raça Eleita de Deus", mas, na verdade, eles eram um desdobramento coletivo do Demiurgo, uma espécie de enxame humano, que era animado por uma alma grupal de compleição planetária, quer dizer, um Kumara. Voltaremos sobre este Mistério, quando estudemos a Estratégia "O" dos Siddhas Leais.

Em síntese, os viryas haviam perdido a capacidade de perceber o Gral, o qual, há muitos milhões de anos, havia sido depositado na Terra, como concessão de Cristo Lúcifer aos Siddhas Leais, para que fosse empregado por estes em sua Estratégia "O". Desde então, o Gral diviniza as linhagens hiperbóreas e impede que os demônios possam negar a Origem do Espírito. Mas, nos dias em que o Galhardo Senhor retornou à Terra para manifestar-se aos viryas, a confusão era tão profunda e generalizada que já ninguém recordava a Origem. Foi então quando Wotan uniu-se a Cristo Lúcifer, e recebeu a missão que o levou a crucificar-se na Árvore do Mundo por nove noites. Enquanto Wotan cumpria seu extraordinário sacrifício, sobreveio "o afundamento da Atlântida", fato que marcou o final da Sinarquia do Horror e significou o começo da História para as linhagens hiperbóreas. Naturalmente, a História que começou, determinada estrategicamente pela ação de Wotan, é só UMA NOVA VERSÃO da Velha História, outra representação do Antigo Drama, repetido incontáveis vezes por efeito dessa recorrência da Recordação no sangue puro dos povos, que se chama: Eterno Retorno.

Mas qual era a missão de guerra que Cristo Lúcifer encomendou e que motivou sua decisão de estar encadeado à Árvore Yggdrasil? Resposta: que dotasse os viryas de raça branca, os arianos, de um arsenal de armas simbólicas, com os quais estes pudessem ressignificar os desígnios e independerem-se das determinações do Demiurgo. Esses sinais, que mais tarde seriam conhecidos como RUNAS, permitiriam ao homem branco ressignificar seu entorno e viver conforme sua própria lei, ser cada um legislador e juiz de seus atos, guiando-se só pela Honra, a única moral do virya hiperbóreo. Desde já, tal atitude foi sempre considerada BÁRBARA pelos povos "civilizados", quer dizer, pelos povos involuídos que se regem pela Lei do Demiurgo, ou de outros Deuses que o representam, incapazes de coexistir sem uma lei normatizada em códigos e sancionada com prêmios e castigos.

Para cumprir tal missão foi que Wotan se auto aprisionou à Árvore do Mundo. Fê-lo porque necessitava compreender a razão do aprisionamento, do seu e de todo aprisionamento, antes de pensar no modo de livrar-se dele e de ensinar dito modo. Nem bem o Grande Ás se encontrou aprisionado, sentiu que seu único olho começava a turvar-se por efeito de Maya. E, antes que pudesse sequer pensar em arrepender-se de sua arriscada ação, experimentou em si

mesmo o desígnio do Demiurgo. Com efeito, o Aspecto Designador do Demiurgo, seu Logos, atua inconscientemente nesta etapa do Kaly Yuga, POIS A CRIAÇÃO JÁ ESTÁ EM MARCHA, E MUITO AVANÇADA O DESDOBRAMENTO ENTELEQUIAL DOS ARQUÉTIPOS. Por isso, se incompreensivelmente "aparecesse" um ente sem designar, quer dizer, um ente "incriado", tal como "apareceu" Wotan, então automaticamente o Logos o designaria, atribuindo-lhe um destino dentro do Plano. E, como efeito desse desígnio que agora significava suas correntes, como consequência desse impulso fatal, dada a sua crucificação, Wotan compreendeu imediatamente o que é a vida e a morte do pasu, do animal-homem, E O SÍMBOLO DE SEU DESTINO EVOLUTIVO. Compreendeu que um único símbolo representa a evolução de todo Arquétipo, inclusive o Arquétipo Manu e sua réplica evolutiva: o pasu, e que dito símbolo podia ser expresso fora, ser comunicado aos viryas, com o SINAL ESPIRAL.

Esse era, pois, o sinal do aprisionamento. Então Wotan disse a si mesmo: - Este SINAL MALDITO É O "SINAL DA DOR". E com esse nome, até hoje em dia, a Sabedoria Hiperbórea denomina o SINAL ESPIRAL, o qual, como não podia ser de outra maneira, é sagrado para Druidas e judeus.

Sabedor do Segredo do Demiurgo, Wotan pendia da Árvore do Espanto, tratando de penetrar, com seu único olho, no Terrível Segredo de Maya, e de encontrar, em algum lugar, a chave que lhe permitisse se liberar de suas correntes, quer dizer, o sinal incriado com o qual ressignificar o Sinal da Dor. Claro que, assim, Wotan buscava na direção errada, pois o mundo exterior nada poderia oferecer-lhe que não estivesse designado pelo Demiurgo. O próprio Wotan aprisionado era momentaneamente vítima do Engano, da fatal e inflexível Lei do Engano que rege todo virya: NINGUÉM QUE ESTEJA ENCARNADO NASCE SABENDO A VERDADE, NINGUÉM NASCE ILUMINADO, NEM WOTAN, NEM O FÜHRER, NEM NENHUM OUTRO VIRYA; PELO CONTRÁRIO, TODO VIRYA, WOTAN, O FÜHRER OU QUALQUER OUTRO VIRYA, EM ALGUM MOMENTO DE SUA VIDA ESTEVE ENGANADO PELO DEMIURGO; E ESSA LEI É INEVITÁVEL, PORQUE A GNOSE NÃO PROVÉM DE UMA MERA HERANÇA OU DE UMA ILUMINAÇÃO ESPONTÂNEA, SENÃO QUE É PRODUTO DA VONTADE DE DESPERTAR E DE SER O QUE SE É; vale dizer, a gnose provém da luta entre o Espírito Eterno, manifestado no virya como Eu perdido, e a alma, essa extensão do Demiurgo. Enquanto pendia da Yggdrasil, Wotan foi vítima do Engano e por isso olhava para fora, sem escutar a Voz do sangue, revivendo o perpétuo drama dos viryas perdidos. Entretanto, o Grande Ás foi capaz de despertar e cumprir sua missão, tornando-se, desde então, o Guia racial de todos os arianos. Para nos inteirarmos de como o fez, vamos consultar o Sagrado Livro de Cristal Tirodal, que ele mesmo escreveu após realizar sua façanha, no superobjeto axiológico intitulado "A Ressignificação de Wotan".

## E – A Ressignificação de Wotan.

Por nove noites, o Ás Wotan esteve pendurado na Árvore Yggdrasil, que se encontra "mais para cá do Boreas", quer dizer, mais para cá de Hiperbórea. Na verdade, a Árvore do Espanto é Cron, a Hera do Mundo, cuja história encontra-se registrada em outro superobjeto axiológico e à qual só os mais valentes Iniciados são capazes de contemplar sem tremer de terror.

Wotan encontrava-se sujeitado à Árvore com os braços em cruz, imobilizado e sangrando por uma ferida do lado que lhe infligira o covarde Loki, aquele que logo seria adorado como "Deus Lug" pelo povo traidor dos celtas. Naquele tempo, ainda não havia nascido Baldur, nem Hodur, nem Widar, nem Heimdal, e nem o borgonhês Siegfried; não havia, pois, parentes, nem heróis, nem Ases Kameraden que quisessem arriscar um combate para liberar Wotan. Na Hiperbórea terrestre amuralhada, que é o Valhalla de Agartha, os Ases, os Siddhas Berserkir, observavam da coluna Ir o tormento de Wotan, mas não acudiam em seu auxílio; os Senhores de Vênus, os Siddhas Leais, só

cantavam a canção da imortalidade, a melodia que desperta a nostalgia de Thule e o A-mort, o fogo gelado que esfria o coração e vence a morte. Fora de Wotan, só a mãe Friggia o amava o bastante para tentar salvá-lo, mas suas chaves não correspondiam com aqueles ferrolhos que o encadeavam à Árvore da Morte. Por isso, Friggia fiava em sua roca em companhia das Nornas, enquanto o amava em silêncio, desejando parir filhos loiros e fortes para povoar o mundo do Midgard.

O tempo passava e Wotan agonizava irremediavelmente, lamentando-se pelo DESÍGNIO do Senhor das Trevas que o havia condenado a sofrer e morrer. Nesse transe, já cansado de sofrer, Wotan fechou seu olho, seu único olho que olhava a miséria de Midgard, e: Ó! Milagre! Em seu interior descobriu uma imagem resplandecente que dançava: era Freya, a Alegria do Espírito, que até então tinha estado dentro de Wotan sem que este o soubesse. Ao contemplar sua beleza absoluta, o Grande Ás ansiou os dias felizes de Asgard, quando Hiperbórea ainda não contava com a Muralha Invulnerável, com o Cerco Intransitável construído pelos Siddhas Leais: então as mulheres magas, que não estavam fora como a mãe Friggia, senão dentro como a virgem Freya, cuidavam do Jardim das Maçãs e revelavam o Mistério do Tempo aos guerreiros vindos de outros mundos.

Assim foi como Wotan, abrasado por uma sede inextinguível de A-mort, desejou como nunca descer da Árvore Yggdrasil para empunhar o machado e combater o Senhor das Trevas e suas hordas de elementalwessen. Mas seu desejo não era suficiente, sua vontade não chegava para abrir os ferrolhos do Engano. Além disso, o seu olho já não olhava para o mundo Asch, senão que se encontrava enfeitiçado pela dança de Freya. Entretanto, nem tudo estava perdido para o Grande Ás: seu A-mort por Freya o salvou; seu A-mort correspondido por aquela que era Pura Graça.

Foi Ela quem decidiu salvar Wotan, LUTANDO POR ELE FORA, sacrificando sua divina virgindade por A-mort. Assim, quando Wotan abriu seu olho vacilante e olhou em torno da Árvore do Espanto, Ela SAIU POR SEU OLHO e se afastou dançando pelo Mundo do Engano, em busca da chave que pusesse em liberdade seu Amado. E aconteceu que Wotan, ao vê-la fora, já não a achou bela e alegre, senão negra e aterrorizante. E gemeu, estremecido de Horror: Kaly! Ó, Kaly! Os iniciados hiperbóreos, os viryas despertos, sabem de que se trata quando se diz que Wotan não estava imóvel enquanto pendia da Árvore Yggdrasil: suas correntes o obrigavam a mover-se perpetuamente, A GIRAR EM ESPIRAL, e por isso nenhuma das chaves de Friggia podia liberá-lo. Talvez Freya tivesse mais sorte e desse com a chave verdadeira; mas, onde buscá-la? Talvez os Siddhas de Vênus, no Valhalla, se compadecessem do valoroso Ás e revelassem a maneira de soltar suas correntes. Até ali foi Freya-Kaly, como um raio de A-mort; e não só atravessou a Muralha Invulnerável senão que, alentada por um coro de Valquírias, dirigiu-se ao Antigo Burr, o sábio construtor do Cerco Intransitável, e lhe pediu conselho para libertar Wotan da Árvore Yggdrasil. E Gott Burr, o Estrategista primordial de Hiperbórea, lhe assegurou que o Grande Ás poderia ser liberado por si mesmo, se alguém lhe A-masse o suficiente para entregar-lhe a CHAVE KALACHAKRA. – Ó! Quem tem a chave Kalachakra, capaz de liberar meu A-mado de sua crucificação circular na Árvore Yggdrasil? – Assim clamava Freya-Kaly ante os Siddhas Leais: suplicava àqueles para os quais, desde sempre, sua honra se chama lealdade. E os Siddhas Leais responderam, indicando-lhe o caminho que desce até o NIFLHEIM, a região infernal mais profunda do Hel: ali devia buscar e encontrar a morada dos Siddhas Traidores, a cidade Dejung do Engano e do Terror, onde o gigante bifronte Jano guarda a chave Kalachakra desde os dias em que se

misturaram os sangues da Terra e os viryas já não souberam encontrar o caminho para o Valhalla.

Certamente, os Siddhas Leais fizeram a Freya-Kaly uma revelação assombrosa: aquilo que buscava Wotan, a maneira de anular o Sinal da Dor e soltar suas ataduras da Árvore Yggdrasil, não era de modo algum um objetivo original; na verdade, há milhões de anos que os Siddhas Traidores fizeram o mesmo que agora pretendia Wotan: eles ressignificaram o Sinal da Dor e modificaram para sempre o destino humano; só que seu propósito era oposto ao de Wotan, pois eles procuravam encadear o Espírito enquanto este tratava de liberar tal encadeamento.

Escuta bem, ó Freya! – agregaram os Sábios Imortais do Valhalla – que não seja que cometas um erro estratégico. Quando te aproximes do Chaveiro Jano, não poderá fazê-lo nem do passado nem do futuro, pois seus dois rostos, como Urd e Skuld, olham para o Tempo: só poderás tomar a chave Kalachakra NO PRESENTE, pois nesse instante o Gigante Jano é cego. Mas o presente é um instante quase insignificante para os viryas perdidos. Tu poderás, ó, A-mada de Wotan, arrebatar do Chaveiro bifronte a preciosa chave antes que este o note e te derrube com seu cetro?

SUSPENDEREI O PRESENTE RINDO COM ALEGRIA – afirmou Freya-Kaly – E ENQUANTO RIO, E O PRESENTE SE DETÉM, TOMAREI A CHAVE QUE DARÁ LIBERDADE AO MEU A-MADO.

Tu sim que conheces o Tempo e a maneira de vencer o temor! – aprovaram em coro, dando mostras de grande júbilo, os Siddhas Leais, enquanto brincavam: – farás dormir a norna Verlandi, ha, ha!

Mas, em seguida, continuaram aconselhando a valorosa Deusa – Escuta estas instruções, ó, Alegria do Espírito! Uma vez que tenhas a chave Kalachakra em teu poder, deves proceder com firmeza e precisão a dividi-la em duas partes empregando o duplo machado que aqui te entregaremos.

Ato seguido, o Deus Thor obsequiou Freya com um impressionante LABRIS talhado em esmeralda, de dimensões adequadas ao punho da Deusa, mas nem por isso menos temível e efetivo.

A chave Kalachakra – continuavam explicando os Siddhas Leais – é um engenhoso sistema que permitiu aos Siddhas Traidores equilibrar e neutralizar os desígnios do Demiurgo. Por isso, consta de dois Sinais Complexos, unidos por uma haste de ferro que há que se romper: um, é o Sinal da Dor, o qual está formado por quarenta e nove mais um sinais em relevo, distribuídos em torno de uma espiral tridimensional de diâmetro decrescente, quer dizer, de um saca-rolhas helicoidal; essa espiral é a combinação da chave, a chave que abre o ferrolho do encadeamento espiritual, pois cada um dos quarenta e nove mais um sinais representam as Palavras primordiais do Demiurgo, as Vozes pelas quais todos os entes finitos foram criados: todo desígnio se forma por combinações de tais sinais. A chave Kalachakra é, pois, a chave mestra da criação. Mas, unido a esse saca-rolhas espiral por uma haste de ferro, está a alça da chave, de forma octogonal: dentro do octógono, lavrado em relevo, encontra-se o outro sinal, o Sinal da Origem que equilibra e neutraliza o Sinal da Dor. Este Sinal é constituído por treze mais três sinais chamados RUNAS: os treze permitem descrever e ressignificar os quarenta e nove bijas do Demiurgo, e os três restantes, chamados RUNAS NOOLÓGICAS, empregam-se também em nossa Estratégia ‘O’ e na via de liberação individual “da oposição estratégica”. Mas, na chave Kalachakra, cada um de ambos os jogos de sinais estão integrados estruturalmente em um Sinal Maior que os contém: os quarenta e nove mais um no Sinal da Dor e os treze mais três no Sinal da Origem.

Escuta com atenção, agora, ó, Sorriso do Raio Verde! – requereram os Siddhas Leais – Se na verdade desejas salvar Wotan, deves quebrar a chave Kalachakra e levar-lhe somente o Sinal da Origem, para que o Grande Ás ressignifique por si mesmo o Sinal da Dor e desça da Árvore Yggdrasil, tal como lhe foi encomendado pelo Grande Chefe Lúcifer. Entretanto, tu, ó Graciosa! Não deixará abandonado essa paleta que contém o Sinal da Dor, pois necessitará de seus cinquenta sinais para a missão de A-mort que cumprirás na raça ariana. – Porque, ó Freya, agora que saíste fora de Wotan, todos sabem que és a Deusa Hiperbórea do A-mort; tua recordação ficará plasmada na memória de sangue dos viryas e eles te cantarão com vozes profanas, em línguas culturais cujos feios sons só agradam o Senhor das Trevas: a eles terás que ensinar a língua dos pássaros. Olha ao teu redor e comprova o que aqui, no Valhalla, ocorreu por tua graciosa presença! Freya-Kaly passeou a vista e ao redor e observou assombrada os bravos Berserkiren, Senhores da Guerra, abandonarem momentaneamente a prática das armas para somarem-se à Canção de A-mort dos Siddhas Leais. E compreendeu que, desde então, aquela Canção carismática, que procurava despertar e orientar os viryas perdidos, referia-se à Ela, transmitiria sua imagem e o som de sua risada luciférica. E soube também que, em resposta aos seus viryas amantes, teria que ensinar-lhes que A-mort significa NÃO-MORTE, imortalidade, outra via de liberação espiritual, outro Caminho para chegar ao Valhalla. Sim – afirmaram os Siddhas Leais – por ti os arianos conhecerão que é possível alcançar a imortalidade por A-mort. Mas, o mais importante de tua missão, ó Flor Inexistente, será inspirar a verdadeira Poesia! A Poesia de A-mort que gela o coração e clareia a visão do Espírito, a Poesia que se recita com a Voz do Sangue Puro, a que transforma o virya perdido em desperto, o desperto em Siddha imortal, o nobre em Rei e o Rei em Deus. Tudo ao contrário do êxtase poético do pasu, que acende um inferno no coração, que turva a razão e estende um véu na visão da alma. Sim – confirmaram os Berserkiren – a partir de hoje tu serás a Dama Capitã de nossa cavalaria celeste do Wilder Herr de Wotan. Em tua honra se realizará um torneio de cavalheiros no Valhalla e se deixará aberto, enquanto o último dos arianos permaneça aprisionado, o concurso de Poesia. Para que os autênticos Minnesanger se imortalizem também no Valhalla, como os heróis guerreiros! E tudo isso será do agrado de Wotan! – rugiram de gozo os homens-urso, ao proporem esta curiosa possibilidade de salvação por meio da canção de A-mort. Mas é que eles sabiam o que faziam, pois eram iniciados por Cristo Lúcifer, o A-polo, o Senhor da Beleza, e conheciam a beleza das Formas Incriadas, a Beleza que só pode cantar um Minnesanger com a Voz do Sangue Puro. Uma Beleza que nada tem a ver, desde já, com as vis formas arquetípicas que o Demiurgo criou, tratando de imitar os mundos Verdadeiros.

Ao escutar e ver tudo isto, Freya sorria e irradiava alegria e A-mort como um Sol de Ouro... enquanto por suas bochechas rolavam duas lágrimas de diamante, pois era presa de sentimentos encontrados. Já tinha adivinhado o que os Siddhas Leais lhe diriam em seguida e, para seu pesar, estremecia-se de espanto: A-mava Wotan, quem se auto crucificou na Árvore do Mundo para obter a máxima Sabedoria, e agora, para salvá-lo das correntes que ele mesmo se havia imposto, deveria entregar-se a outros guerreiros. E, o que era pior, deveria enganá-los, comportar-se como uma rameira. Isto, que por ora só era um pressentimento, não tardaria em ser confirmado pelos Siddhas.

Não sofras, ó Inspiração dos poetas! Eles, os Siddhas Traidores, não te A-marão. Só tomarão teu corpo; mas seu infame contato não chegará a manchar a pureza de teu Espírito. Em troca, por ti se acabará sua loucura... É um grande sacrifício o que se te reclama, mas, pelo bem da raça, é necessário que preserves os sinais arquetípicos que formam todo desígnio: só assim a ação de Wotan será efetiva!

Recorda que, desgraçadamente a Mãe Friggia ensinou aos arianos a linguagem “que dá sentido ao mundo” do Midgard, a linguagem que causa prazer ao Demiurgo, a linguagem fundamentada nas quarenta e nove mais uma vozes cujos sinais secretos encontram-se plasmados na chave Kalachakra. Deves obter esse segredo maldito ainda que à custa de ti mesma, ó Espírito Risonho!

Mas, é preciso que apures a partida, pois Wotan agoniza na Árvore Yggdrasil. Eis aqui nosso último conselho: - concluíram os Siddhas Leais – Se consegues arrebatar a chave do Gigante Jano, não te apresses a golpeá-la com o labris: A ESMERALDA SÓ CORTARÁ O FERRO QUANDO OS DOIS FIOS SE FUNDAM AO MESMO TEMPO NA HASTE, OU CONEXÃO DE SENTIDO, QUE UNE O SINAL DA DOR COM O SINAL DA ORIGEM. À simples vista, esta exigência parece impossível, dado que os fios se encontram em linhas paralelas de um mesmo plano, mas tal impossibilidade não é real, senão produto do Véu de Maya: procura o lugar, busca-o sem descanso, ó Freya, onde teu golpe fira com os dois lados ao mesmo tempo e verá como o laço de ferro se quebra facilmente (ver figura 86).




Figura 86

Instruída desta forma pelos Siddhas Leais, a Deusa do A-mort abandonou o Valhalla e empreendeu sua viagem ao Niflheim, em busca da Cidade Dejung, a morada dos Siddhas Traidores. Vamos a evitar o relato dessa viagem aterrorizante, assim como a descrição da cena em que a maravilhosa Graça do riso de Freya deteve o tempo e lhe permitiu arrebatar a chave Kalachakra do Gigante bifronte Jano. Tampouco narraremos sua busca do plano de significação macrocósmico no qual o duplo machado labris corta como se fosse um só, busca que culminou em um sucesso,

quando, de um só golpe, separou os Sinais Primordiais. Tudo isto sempre poderá ser visto com detalhes por qualquer virya de sangue puro que decida transitar o Caminho do Retorno à Origem, pois seu relato se encontra no Livro Tirodal, o Livro Sagrado dos Arianos que todo Iniciado Hiperbóreo tem direito a ler. Aqui continuaremos a história no momento em que Freya-Kaly separa os Sinais com um certeiro golpe do machado de esmeralda.

Freya dispunha do poder de transformar-se em ave. Quando empreendeu sua descida ao Niflheim, decidiu adotar essa forma, mas, como se encontrava fora de Wotan, com seu aspecto de Kaly, A Negra, só conseguiu transformar-se em um corvo. E como corvo desceu ao Hel, levando em suas garras o temível labris; e como corvo arrebatou, COM SEU BICO, a chave Kalachakra do Gigante Jano; e como corvo, chegou ao lugar no qual poderia, por fim, separar os Sinais.

Ali retomou Freya sua forma de Kaly, A Negra, e de um só golpe de labris separou os Sinais, partindo a haste de ferro da chave Kalachakra. E eis aqui o que ocorreu então.

Sempre dançando, Kaly cortou a Tira de Ferro da chave Kalachakra, tomando com uma de suas quatro mãos esquerdas a alça octogonal com o Sinal da Origem. E quis tomar também, com uma de suas quatro mãos direitas o Sinal da Dor, mas este se decompôs no ato, separando-se, e caindo irremediavelmente na terra as sete voltas da espiral. Cada um de tais anéis abertos tinha gravados os sete sinais arquetípicos que representavam sete Aspectos do Manu. Os Siddhas Traidores, constituindo um Mistério que apenas é possível sugerir simbolicamente, sustentam a espiral gravada atuando COMO SE FOSSEM ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS, quer dizer, como se fossem ideias demiúrgicas que se desdobram sobre os planos inferiores desde o plano arquetípico. Assim, de Dejung, ou Chang Shambala, permanentemente, SETE SIDDHAS TRAIDORES suportam um anel de espiral na chave Kalachakra, mantendo a evolução das raças humanas pela técnica do “encadeamento espiritual”. Há que se avisar aqui que, no momento da sua quebra, a chave Kalachakra foi substituída por outra idêntica na mão do Chaveiro Jano: os Siddhas Traidores não podiam permitir que a ousada atitude de Wotan e Freya afetasse por mais tempo sua Estratégia. Contudo sete deles, os que naquele momento sustentavam os anéis sinalizados da espiral, foram decapitados por Kaly e jamais, pelo resto do Manvantara, poderão regressar ao Universo do Uno. Vejamos como isto ocorreu.

Ao separarem-se os sete anéis da espiral ocorreu um extraordinário prodígio: cada anel, com seus sete sinais, experimentou uma súbita metamorfose e se transformou, ante a vista de Kaly, em um Gigante de sete cabeças. Eram os Siddhas Traidores com suas roupagens de Manu! Por isso, cada uma das sete cabeças, dos sete Gigantes, dormia um sono que fazia viver as raças e sub-raças designadas para evoluir à custa do encadeamento dos Espíritos Hiperbóreos. E foi então quando Kaly decidiu, pela primeira vez, tornar-se prostituta e assassina.

Ela despertou e se entregou a cada um dos Gigantes, mas, no supremo instante do orgasmo, decapitou uma a uma com o labris, aquelas quarenta e nove cabeças insensatas. A perdição dos Siddhas Traidores proveio de sua desenfreada paixão pelo corpo da mulher de carne; e pelo desconhecimento ou esquecimento do A-mort mágico hiperbóreo, o qual só é ensinado pelos Siddhas Leais do Valhalla de Agartha. Em outro inciso, como Apêndice, dar-se-á uma explicação detalhada da via tântrica do A-mort mágico, do ponto de vista do virya ocidental.

Cada um dos quarenta e nove crânios foi espetado por Kaly em um cordão, ou sutratma, de prata, que pendia como colar em torno de seu negro pescoço. E na frente de cada crânio via-se um dos quarenta e nove sinais que representavam os bijas

primordiais pronunciados pelo Demiurgo, as Palavras com as quais se criaram e designaram todos os entes finitos existentes. Era um grande tesouro o que receberia Wotan das mãos de Freya-Kaly! O valor encerrado naquela primeira volta de crânios do colar de Kaly poderá avaliar-se melhor, se se considera que as "Raças Sagradas" do Demiurgo, por exemplo a Hebraica, jamais receberam como revelação mais de vinte e um mais um sinais, quer dizer, o Poder de três Gigantes de sete cabeças. Os quarenta e nove mais um sinais do colar de Kaly, em troca, permitirão a quem os conheça e seja capaz de ressignificá-los runicamente, interpretar qualquer desígnio e exercer poder e domínio sobre todo ente do micro ou macrocosmo.

Tendo cumprido com êxito sua missão, Freya-Kaly se preparou para regressar a Midgard, à Árvore Yggdrasil, onde Wotan pendia há OITO NOITES: na NONA NOITE poderia liberar-se, graças ao segredo que sua A-mada lhe revelaria, sua A-mada que havia LUTADO POR ELE nas regiões mais tenebrosas do Niflheim, onde moram os Siddhas Traidores. Com o propósito de regressar com a mesma forma que havia descido, Freya-Kaly se transformou novamente em ave, comprovando com surpresa que, no lugar de misterioso corvo, agora se tornava curiosa PERDIZ. E assim foi como Freya-Kaly abandonou as regiões infernais, revestida com a forma de uma castanha perdiz, levando desta vez no bico o labris e nas garras a estrela de oito pontas com o Sinal da Origem.

Então a Alegria da valente e doce Freya se viu tragicamente perturbada: ao chegar à Árvore Yggdrasil trazendo a chave simbólica, que permitiria a seu A-mado liberar-se de sua crucificação, comprovou com horror que este acabara de expirar. Seu único olho, pelo qual Freya havia saído pela primeira vez ao mundo, repousava agora vazio de vida, fechado, talvez, para sempre. Wotan havia conhecido, por fim, o Mistério da morte, a conclusão fatal do desígnio humano. Mas Freya já não podia penetrar por seu olho e dar-lhe o Sinal salvador.

Presa do desespero, ainda com sua forma de perdiz, voava a Deusa do A-mort em torno do corpo exânime que, com a cabeça caída sobre o ombro direito, pendia da Árvore do Espanto. Sem resignar-se a aceitar o fato de que Wotan estivesse realmente morto, Freya-perdiz buscava uma maneira de entrar nele, de animá-lo com seu próprio Espírito: desejava protagonizar o milagre de reviver seu A-mado para dizer-lhe: cumpri! Aqui está o Sinal que te permitirá soltar as correntes da Árvore do Mundo! Contudo, o tempo passava e o olho de Wotan continuava fechado, e Freya-perdiz voava em círculos, sem saber o que fazer.

Nesse transe, o anseio de Freya se dirigiu aos Siddhas Leais do Valhalla, aos Sábios Ases que, certamente, estariam observando seu infortúnio, através da coluna Ir. Era aquele, o de Freya-perdiz, um clamor musical, expressado na língua dos pássaros; e a resposta dos Ases foi consequente quando, como um raio de luz, o canto do galo lhe revelou o caminho a seguir; se ainda havia um resto de vida no corpo de Wotan, esta estava escapando pela ferida do lado, a que lhe infligira Loki com a lança: por ali devia entrar Freya-perdiz para ressuscitar seu A-mado! Mas, seguindo esse caminho, único possível, agora que Wotan tinha morrido, Freya-perdiz teria que deixar fora a estrela de oito pontas com o Sinal da Origem e o labris, objetos materiais, entes finitos próprios do mundo exterior, do Midgard. Como fazer, então, para revelar a Wotan o segredo que tanto esforço, tanta luta, tanta dor tinha custado para conseguir? Freya decidiu em um instante: regressaria ao seio de Wotan transformada em ave, em perdiz, e quando estivesse em frente a manifestação de seu Espírito, em frente a seu Eu, Ela EXPRESSARIA para seu A-mado o Sinal da Origem. Sim, para salvar seu A-mado, Freya-perdiz DANÇARIA E CANTARIA O SINAL DA ORIGEM, TORNANDO-SE ELA MESMA O SÍMBOLO! Sem pensar mais, Freya soltou o labris e a estrela de oito pontas

e se precipitou pela ferida do lado, da qual emanava ainda abundante sangue. E quando essa FORÇA PELA ALEGRIA que era Freya penetrou no corpo exangue de Wotan, este reviveu no ato para reencontrar-se com sua A-mada. Mas, antes de seguir Freya e Wotan, vejamos o que ocorreu com os outros objetos que caíram no Midgard.

Nesse então, no mundo, havia se desatado a crise social que acompanhou o afundamento da Atlântida: duas das três castas que compunham a sociedade atlante, a casta guerreira e a casta sacerdotal, encontravam-se envolvidas em uma guerra sem trégua; a casta sacerdotal estava apoiada pelos Siddhas Traidores e a casta guerreira pelos Siddhas Leais. Em meio a esse conflito vieram cair os objetos que soltara Freya-perdiz, antes de reintegrar-se nupcialmente com Wotan: o labris de esmeralda não chegou a tocar a terra pois os sacerdotes o interceptaram no ar e, dando mostras de grande júbilo, o incorporaram à sua própria Estratégia; desde então contribui, arquetipicamente, a perpetuar a fábula da "superioridade espiritual" que a casta sacerdotal deteria sobre a casta guerreira.

Os guerreiros atlantes, por outro lado, não atuaram a tempo, entretidos como estavam pelo combate, e permitiram que a estrela de oito pontas caísse em terra. Como consequência deste descuido, os arianos hiperbóreos, guiados por Wotan, tardariam milhares de anos em chegar até o EXTERNSTEINE, em Teutoburguer Wald, que é o lugar onde caiu aquela metade da chave Kalachakra conquistada por Freya dos Siddhas Traidores. Naturalmente, por causa da queda, a estrela se quebrou, produzindo-se uma "explosão arquetípica" milhares de vezes mais poderosa que a explosão atômica, já que esta só desintegra enquanto aquela desintegra e integra novamente, plasmando formas duradouras e estáveis. O Sinal da Origem se decompôs, então, em suas treze mais três runas e estes sinais alteraram definitivamente a paisagem, a "psicorregião", de Teutoburger Wald, pois ficaram plasmados nas rochas do Externsteine; E AINDA CONTINUAM ALI. Por isso, em tal local da Germânia, um dos mais sagrados da Terra, existirá para sempre um nexo com o Valhalla e com Vênus.

A tudo isso, Freya-perdiz, dentro do corpo de Wotan, do MENSLICHER MIKROKOSMOS, teve que buscar o Espírito de Wotan em uma região equivalente ao NEBELHEIM do GOTTLICHER MAKROKOMOS. Nessa região de trevas, mundo astral onde as almas dos mortos aguardam serem julgadas para voltar novamente à vida, Wotan experimentava na própria carne o aspecto mais demencial e sinistro do destino humano: destino designado pelo Demiurgo para o pasu, mas também compartilhado pelos Espíritos Hiperbóreos por causa da Traição Branca. Mas, não obstante o extravio terrível no qual estava submerso, Wotan teve uma chispa de lucidez ao reconhecer, de repente, a Alegria de Freya à sua frente. Ela, por sua parte, lamentou-se ao comprovar o profundo adormecimento de que padecia seu A-mado e se propôs a despertá-lo imediatamente; para isso, começou a bailar o Sinal da Origem, a dança do labirinto que só pode executar uma mulher-Kaly quando se torna perdiz. E Wotan, que já não sabia nem quem era nem onde estava, ao contemplar enfeitiçado de gozo aquela dança primordial, SOUBE, DE REPENTE, COM TODA EXATIDÃO, SEM POSSIBILIDADE DE EQUIVOCAR-SE, PARA ONDE TINHA QUE IR PARA ENCONTRAR-SE CONSIGO MESMO, PARA RECUPERAR O VRIL E DESENCADEAR SEU ESPÍRITO, E PARA DESENCADEAR-SE DA ÁRVORE IGGDRASIL.

A partir dali já não lhe importou transitar pelos nove túneis do labirinto que conectam sete mundos do Demiurgo. E não lhe importou, porque ia com a mente colocada NELA e porque Ela dançava para ele a Dança do Retorno à Origem. Que importância tinham aqueles avanços e retrocessos momentâneos, se finalmente se alcançaria o centro, o centro do Sinal da Origem, TIRODAL? Porque do centro do

labirinto, onde os caminhos concluem no ângulo reto de Tirodal, está a passagem para o Selbst, a janela para o Espírito e o Vril, o Caminho de Agartha, a Porta de Vênus.

Finalmente, após pender nove noites da Árvore do Espanto, de morrer e renascer, Wotan encontrou no Sinal da Origem, que se compõe de treze mais três runas, o conhecimento suficiente para inverter o processo do encadeamento espiritual e reorientar estrategicamente os Espíritos Hiperbóreos, os Espíritos-esfera invertidos. Ele mesmo o provou ao auto encadear-se, ao crucificar-se na Árvore Yggdrasil, e liberar-se detendo a RODA DO TEMPO por meio do segredo da chave Kalachakra. Depois de realizar semelhante façanha luciférica, Gott Wotan ocupou-se em guiar os arianos para as runas, quer dizer, para o Externsteine, para Thule, para o Valhalla, Agartha, Vênus, Hiperbórea... Um caminho que só se pode transitar com as armas na mão e gelo no coração.

**F – A chave Kalachakra.**

A história a que nos referimos no artigo anterior, e que se encontra registrada na série cronocultural do Sagrado Livro de Cristal Tirodal, conta-nos alegoricamente acerca de um prodígio incompreensível e uma façanha incomensurável. O prodígio se constitui, sem dúvida nenhuma, na "chave Kalachakra", a criação genial dos Siddhas Traidores que outorga NATUREZA UNIVERSAL ao encadeamento espiritual. E a façanha, sem medida, consiste em ter PARTIDO a chave Kalachakra e em ter COMPREENDIDO suas partes separadamente: esta façanha permitiu a Wotan liberar-se do seu próprio encadeamento e conceber uma "via estratégica de liberação espiritual", apta para todo virya. Sobre o significado daquele prodígio, e desta façanha, faremos alguns comentários.

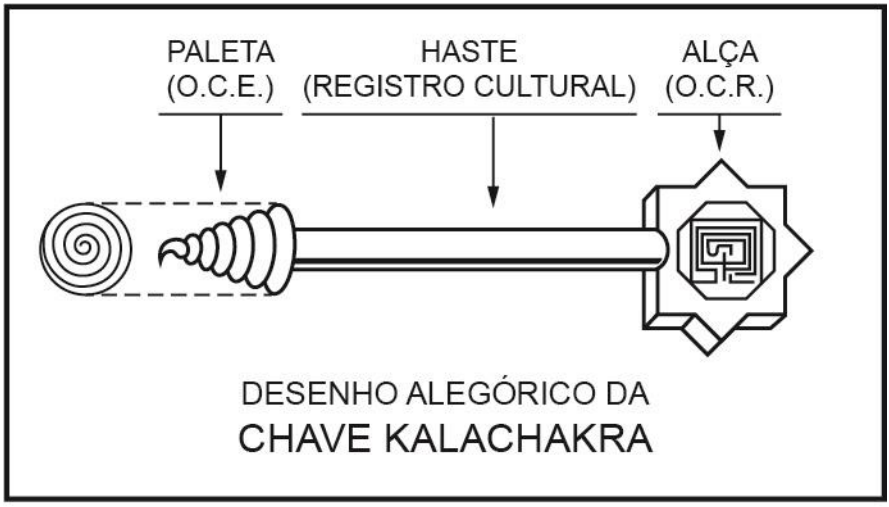



FIGURA 87

Comecemos pela chave Kalachakra. Já mencionamos que os Siddhas Leais possuem o conhecimento suficiente para constituir SISTEMAS REAIS ARTIFICIAIS: os Livros de Cristal da Biblioteca de Agartha são um exemplo de tais construções. Pois bem, A CHAVE KALACHAKRA É, TAMBÉM, UM "SISTEMA REAL ARTIFICIAL": O MAIS PODEROSO SISTEMA REAL ARTIFICIAL JAMAIS CONSTRUÍDO DENTRO DOS LIMITES DO SISTEMA SOLAR. E ESTE PRODUTO DA MAIS ELEVADA GENIALIDADE É, DESDE JÁ, OBRA DOS SIDDHAS TRAIDORES. Não obstante que no superobjeto axiológico "A Ressignificação de Wotan" a chave Kalachakra seja descrita com outro material simbólico, é fácil comprovar que se trata de um sistema real: A PALETA, COM A ESPIRAL OU "SINAL DA DOR", EQUIVALE AO "OBJETO CULTURAL EMERGENTE" (O.C.E.); A ALÇA OCTOGONAL, COM O SINAL DA ORIGEM, REPRESENTA O "OBJETO CULTURAL REFERENTE" (O.C.R.); E A "HASTE DE FERRO', QUE UNE AMBOS OS SIGNOS, CORRESPONDE À "CONEXÃO DE SENTIDO" OU "REGISTRO CULTURAL" DO SISTEMA REAL ARTIFICIAL (Figura 87). Em síntese: NO SISTEMA ESTRUTURAL DA SABEDORIA HIPERBÓREA, A CHAVE KALACHAKRA DOS SIDDHAS TRAIDORES CORRESPONDE A UM "SISTEMA REAL ARTIFICIAL".

Para o virya perdido, que justamente é vítima de sua ação, lhe é impossível compreender as dimensões deste enorme sistema real; contudo, elas poderão ser intuídas, em alguma medida, se se atribuem ao sistema real Kalachakra AS PROPRIEDADES UNIVERSAIS DE UM ARQUÉTIPO: COMO SE SE TRATASSE DE UM VERDADEIRO ARQUÉTIPO, COM EFEITO, TODO VIRYA PARTICIPA DA INFLUÊNCIA UNIVERSAL DA CHAVE KALACHAKRA. Esta enorme potência sugere as características titânicas do sistema real Kalachakra e apresenta duas lógicas interrogações: para quê foi construída a chave Kalachakra? E como pôde se construir um sistema real artificial de dimensões arquetípicas universais? A estas perguntas se responde nos seguintes comentários.

**Primeiro** – Para quê foi construída a chave Kalachakra? Resposta: A chave Kalachakra foi construída para POSSIBILITAR o encadeamento espiritual. Vale dizer: já explicamos, em distintas partes da obra, a "TÉCNICA DA CHAVE GENÉTICA" dos Siddhas Traidores, mediante a qual se ressignifica o desígnio humano e se CAUSA o encadeamento espiritual; pois bem: ESTA "CAUSA" SÓ É "POSSÍVEL" PELA AÇÃO "UNIVERSAL" DA CHAVE KALACHAKRA. É necessário, pois, esclarecer de que modo a chave Kalachakra POSSIBILITA o encadeamento do Espírito. Isso não será difícil, se recordamos que todo ente designado apresenta uma dupla determinação ontológica, um "termo universal" procedente do Arquétipo universal, e um termo particular, afirmado pelo Aspecto Logos do Demiurgo: "o termo universal do ente, seu ser em si, lhe outorga EXISTÊNCIA UNIVERSAL e IMPULSO EVOLUTIVO, enquanto o termo particular, o desígnio ou ser-para-o-homem, lhe assegura EXISTÊNCIA INDIVIDUAL ESPECÍFICA". No caso do pasu, "a natureza humana, que o Arquétipo Manu outorga ao microcosmo potencial, coloca termo individual a matriz essencial subposta pelo Aspecto Logos: existe, assim, o pasu, o animal-homem que progride evolutivamente para a enteléquia Manu ou microcosmo atual". Em síntese, o princípio de individuação de desígnio demiúrgico, a matriz essencial, só atua para colocar termo particular às determinações a priori do Arquétipo Manu: a natureza humana, UNIVERSAL, procedente do impulso evolutivo, POSSIBILITA a existência individual.

Mas, eis aqui que a CHAVE GENÉTICA dos Siddhas Traidores, causa do encadeamento espiritual, consiste em RESSIGNIFICAR O DESÍGNIO HUMANO, quer dizer, EM MODIFICAR O "PRINCÍPIO DE INDIVIDUAÇÃO HUMANO": E ISSO SÓ PODE SER "POSSÍVEL" SE UM PRINCÍPIO "UNIVERSAL" O PERMITE.

Compreende-se agora que A CHAVE KALACHAKRA É O PRINCÍPIO UNIVERSAL QUE POSSIBILITA A AÇÃO INDIVIDUAL, EM TODO VIRYA, DA CHAVE GENÉTICA: SEM A INFLUÊNCIA UNIVERSAL DA CHAVE KALACHAKRA NÃO SE PODERIA MANTER A RESSIGNIFICAÇÃO INDIVIDUAL NO DESÍGNIO DE TODO PASU, NEM SUA HERANÇA NA MEMÓRIA DO SANGUE.

Desde já, não será fácil compreender esta ação UNIVERSAL da chave Kalachakra, que a equipara a um Arquétipo universal, pois: "Os Siddhas Traidores, ante a impossibilidade de modificar de algum modo os Arquétipos universais, que estão sustentados diretamente pela Vontade do Uno, decidiram operar sobre o desígnio pasu, modificando permanentemente o destino do animal-homem". Quer dizer que a ação universal da chave Kalachakra HÁ DE SE EXERCER, NÃO SOBRE O ASPECTO BELEZA OU INTELIGÊNCIA ATIVA, QUE SUSTENTA OS ARQUÉTIPOS, SENÃO SOBRE O ASPECTO LOGOS, QUER DIZER, SOBRE O ASPECTO DESIGNADOR DE TODO ENTE. Mas, como há de operar um PRINCÍPIO UNIVERSAL, ARTIFICIAL, para alterar a função do Aspecto Logos que individualiza CADA ENTE, quer dizer, CADA PASU? Resposta: Indubitavelmente, ABARCANDO, DE ALGUM MODO, A REALIDADE TOTAL DE CADA PASU, E AFIRMANDO EM CADA UM A CHAVE GENÉTICA, DE TAL MANEIRA QUE O EFEITO SEJA EM TUDO SEMELHANTE À AÇÃO UNIVERSAL DE UM ARQUÉTIPO. E desse modo opera a chave Kalachakra: mediante um sistema real artificial de colossais dimensões, os Siddhas Traidores conseguiram um efeito universal que possibilita a chave genética individual do virya perdido. Uma compreensão mais profunda de tal sistema requer o conhecimento de sua construção.

**Segundo** – como se pôde construir um sistema real artificial de dimensões arquetípicas universais? Resposta: Pouco é o que podemos apresentar aqui sobre a construção da chave Kalachakra, dispondo só dos "Fundamentos" da Sabedoria Hiperbórea: na verdade, se requer mais do que a Segunda Iniciação Hiperbórea para vislumbrar os segredos de sua construção. Por isso, só afirmaremos, mediante sentenças, aqueles aspectos que tenham claro significado no contexto da sistemática estrutural da Sabedoria Hiperbórea. Não há que se insistir em que estas sentenças aludem ao mais bem guardado dos segredos da Terra... e também ao mais perigoso.

A CHAVE KALACHAKRA É UM SISTEMA REAL ARTIFICIAL CONSTITUÍDO ENTRE A TERRA E O SOL. GRAÇAS A ESTE SISTEMA, TODA A ENERGIA RADIANTE DO SOL É PERMANENTEMENTE INTERCEPTADA. MAS O CORPO CELESTE INCANDESCENTE QUE HABITUALMENTE DENOMINAMOS "O SOL" É SÓ A APARÊNCIA FÍSICA, EXTERIOR, DE UM DEMIURGO SOLAR QUE APELIDADO DE "O LOGOS SOLAR", JUSTAMENTE POR EXPRESSAR O ASPECTO LOGOS DO UNO: DO SOL, ACOMPANHANDO O ESPECTRO RADIANTE, CHEGAM À TERRA AS VOZES DO LOGOS SOLAR COM A MENSAGEM DOS DESÍGNIOS DE TODOS OS ENTES INDIVIDUAIS: DENTRE ELAS, AS VOZES DOS DESÍGNIOS PASU. PARA INTERCEPTAR ESSAS VOZES FOI PROJETADO E CONSTRUÍDO O SISTEMA REAL KALACHAKRA.

HÁ QUE SE DESCARTAR A SIMPLES IDEIA DE QUE, NO SISTEMA REAL KALACHAKRA, A TERRA E O SOL SEJAM OS OBJETOS CULTURAIS "O.C.E. E O.C.R.": ENTRETANTO, EXISTE UMA CONEXÃO PERMANENTE ENTRE AMBOS OS CORPOS CELESTES. A EXPLICAÇÃO É A SEGUINTE: O SISTEMA REAL KALACHAKRA SE CONSTITUIU "ENTRE DOIS SÍMBOLOS", UM QUE SE ENCONTRA NA TERRA E OUTRO NO SOL. O SÍMBOLO SOLAR É A MATRIZ FUNCIONAL DA LEI DA EVOLUÇÃO OU "SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA" DO DESÍGNIO PASU, QUER DIZER, O SÍMBOLO SAGADO DO PASU. O SÍMBOLO

TERRESTRE É O "SÍMBOLO DA ORIGEM", PLASMADO EM TODO VIRYA POR EFEITO DA CHAVE GENÉTICA. ENTRE AMBOS OS SÍMBOLOS, OS SIDDHAS TRAIDORES AFIRMARAM, HÁ MILHÕES DE ANOS, UMA CONEXÃO DE SENTIDO E CONSTITUIRAM O SISTEMA REAL KALACHAKRA: POR ISSO, A TODO MOMENTO, EXISTE UM REGISTRO CULTURAL INVISÍVEL ENTRE A TERRA E O SOL. ATRAVÉS DESTE VÍNCULO, PERCORRENDO A SUA DIMENSÃO EXTENSÃO, DEVEM CIRCULAR AS VOZES DO ASPECTO LOGOS, OS DESÍGNIOS PASU QUE SERÃO, ASSIM, RESSIGNIFICADOS PELO SÍMBOLO DA ORIGEM.

SENDO A CHAVE KALACHAKRA UM SISTEMA REAL, PODE SER REPRESENTADO ANALOGICAMENTE PELA FIGURA 81. TEMOS QUE SUPOR, ENTÃO, QUE O O.C.E. "ESTÁ NO SOL", AINDA QUE, "COMO TAMPA-SIGNO (E)", MANIFESTA-SE NA TERRA: ESTE "O.C.E." NÃO É OUTRO MAIS DO QUE "O SÍMBOLO SAGRADO DO PASU", A ESPIRAL, QUER DIZER, "O SINAL DA DOR"; O O.C.R., POR OUTRO LADO, ENCONTRA-SE NA TERRA, MAS, COMO TAMPA-SIGNO (R), TAMBÉM ESTÁ NO SOL: TAL O.C.R., É CLARO, É O SÍMBOLO DA ORIGEM. O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA REAL CONSISTE EM ATRIBUIR UM "VALOR PARTICULAR" AO O.C.E. OU "MATRIZ FUNCIONAL DA LEI DA EVOLUÇÃO", MEDIANTE A CONEXÃO DE SENTIDO COM O O.C.R. OU SÍMBOLO DA ORÍGEM: DESSE MODO, OS DESÍGNIOS PASU QUE CIRCULAM PELA EXTENSÃO DO VÍNCULO, E QUE POR ELE ESTABELECEM UMA CONEXÃO RELATIVA, SÃO MODIFICADOS EM SUA MATRIZ FUNCIONAL DA LEI DE EVOLUÇÃO, QUER DIZER, SÃO RESSIGNIFICADOS PELO SÍMBOLO DA ORIGEM EM SEU DESÍGNIO CARACOL. E ESTA AÇÃO É CLARAMENTE "UNIVERSAL", OU SEJA, AFETA "A TODO DESÍGNIO PASU". O ESQUEMA DA FIGURA 81 TEM AINDA OUTRA IMPORTANTE UTILIDADE, À PARTE DE MOSTRAR COMO FUNCIONA A CHAVE KALACHAKRA: COM EFEITO, MEDIANTE O MESMO, É POSSÍVEL COMPREENDER ONDE SE ENCONTRA REALMENTE CHANG SHAMBALA, A CIDADE DOS SIDDHAS TRAIDORES E DA HIERARQUIA BRANCA. ADIANTEMOS, POIS, QUE CHANG SHAMBALA ESTÁ SITUADA NO NÚCLEO TRANSITUATIVO DO SISTEMA REAL KALACHAKRA, VALE DIZER, ENTRE A TERRA E O SOL, EM UM "ESPAÇO CÔNICO POLIDIMENSIONAL" QUE É INVISIVEL PARA O PASU E O VIRYA PERDIDO: SABENDO, AGORA, ONDE ESTÁ LOCALIZADA A MORADA DOS SIDDHAS TRAIDORES, HÁ DE SER CLARO O SEGUINTE PRINCÍPIO ESTRATÉGICO: "QUEM ATENTA CONTRA O ENCADEAMENTO ESPIRITUAL DESESTABILIZA CHANG SHAMBALA". COM OUTRAS PALAVRAS, QUEM "DIMINUI O NÚMERO" DE ESPÍRITOS HIPERBÓREOS ENCADEADOS, POR EXEMPLO, REVELANDO UMA "VIA DE LIBERAÇÃO ESPIRITUAL", COMO FEZ WOTAN, DEBILITA A CONEXÃO DO SISTEMA REAL KALACHAKRA E COLOCA EM PERIGO A EXISTÊNCIA DA CIDADE MALDITA. EXPLICA-SE, ASSIM A AGRESSIVA SUSCETIBILIDADE QUE EXIBEM OS DEMÔNIOS DE SHAMBALA, FRENTE A QUALQUER TENTATIVA DE REORIENTAR ESTRATEGICAMENTE OS VIRYAS PERDIDOS OU, INVERSAMENTE, SEU EVIDENTE INTERESSE EM MANTER TODO O MUNDO NO ENGANO E NA CONFUSÃO. NATURALMENTE, HOJE EM DIA, EM PLENAS TREVAS DO KALY YUGA, AS BASES DE SHAMBALA SÃO MAIS FORTES DO QUE NUNCA; ENTRETANTO, NÃO HÁ QUE SE DESESPERAR: A ESSA SITUAÇÃO DARÁ FIM A PRÓXIMA VINDA DO FÜHRER, QUANDO O SANGUE PURO DAS ETERNAS **SS** "OBRIGUE A CIDADE DO HORROR A EMERGIR DIANTE DO SOL, E A TERRA PAREÇA CÔNCAVA".

MAS, CONHECER ONDE SE ENCONTRA CHANG SHAMBALA NÃO SERVE DE NADA, SE NÃO SE INDICA ONDE SE ENCONTRAM SUAS PORTAS, POR QUAL

ESPANTOSA ABERTURA SE INGRESSA AO MUNDO DA MALDADE SEM NOME. MAS A RESPOSTA É SIMPLES, AINDA QUE POSSA SURPREENDER OS VIRYAS PERDIDOS: EM TODAS AS PARTES; QUER DIZER, A PORTA ENCONTRA-SE EM QUALQUER LOCAL EM QUE SE AFIRME O TAMPA-SIGNO (E) DO SISTEMA REAL KALACHAKRA. POR QUÊ? RESPOSTA: PORQUE O CAMINHO A CHANG SHAMBALA COMEÇA NA "CÂMARA DE ENTRADA" DO REGISTRO REAL KALACHAKRA, QUER DIZER, NO TAMPA-SIGNO (E). E HÁ QUE SE NOTAR QUE, AO ESTAR A EXTENSÃO DO SISTEMA REAL "ENTRE A TERRA E O SOL", NÃO É NECESSÁRIO COLOCAR-SE EM I.H.P.C. PARA FICAR EM FRENTE AO TAMPA-SIGNO, POIS "O SISTEMA REAL KALACHAKRA OFERECE DE FRENTE SUA COMPREENSÃO": BASTA SÓ AFIRMAR, EM FRENTE AO SOL, O SÍMBOLO SAGRADO DO PASU PARA QUE O TAMPA-SIGNO (E) CEDA PASSAGEM À CÂMARA DE ENTRADA.

HÁ QUE SE ESCLARECER QUE, PARA OS VIRYAS, NÃO É FACÍL ABRIR ESSAS PORTAS; E ISSO POR DOIS MOTIVOS PRINCIPAIS. O PRIMEIRO É QUE OS VIRYAS, AO TEREM O SINAL SAGRADO DO PASU RESSIGNIFICADO PELA CHAVE GENÉTICA, JAMAIS PODERIAM PROJETÁ-LO E AFIRMÁ-LO NO MUNDO COM A PERFEIÇÃO NECESSÁRIA: SÓ OS PASUS PODEM EXPRESSÁ-LO COM EXATIDÃO; OU OS INICIADOS HIPERBÓREOS, JÁ QUE A VONTADE GRACIOSA DE SEU EU DESPERTO LHES PERMITE OBRIGAR O SUJEITO CONSCIENTE A PROJETÁ-LO EXTERIORMENTE. O SEGUNDO MOTIVO DE DIFICULDADE PROCEDE DOS GUARDIÕES DA CÂMARA DE ENTRADA, AOS QUAIS NÃO INTERESSA ABSOLUTAMENTE QUE À MESMA INGRESSEM OS VIRYAS... SALVO QUANDO A HIERARQUIA BRANCA O AUTORIZOU, QUER DIZER, QUANDO SE ENGANOU O VIRYA E SE PRETENDE UTILIZÁ-LO PARA BENEFÍCIO DE ALGUMA ÁREA ESTRATÉGICA DA SINARQUIA UNIVERSAL. A CONCLUSÃO DE TUDO ISTO, COMO NÃO PODIA SER DE OUTRA MANEIRA, NOS DIZ QUE O CAMINHO PARA A HIERARQUIA BRANCA SÓ ESTÁ LIBERADO PARA O PASU OU O INICIADO SINARCA, VALE DIZER, PARA QUEM EXPERIMENTOU O "ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM". O INICIDADO HIPERBÓREO, POR OUTRO LADO, AINDA QUE SAIBA COMO ABRIR A PORTA PARA O INFERNO DE CHANG SHAMBALA, NUNCA O FARIA, A NÃO SER QUE UMA AÇÃO DE GUERRA OU O KAIROS O REQUERESSEM.

CABE AGREGAR ALGO MAIS SOBRE "O CAMINHO PARA CHANG SHAMBALA": UMA MENÇÃO SOBRE "AS PORTAS FIXAS", QUE EXISTEM EM DIVERSAS PARTES DO MUNDO E QUE PERMITEM O ACESSO À CÂMARA DE ENTRADA. A ORIGEM DE TAIS PORTAS É A SEGUINTE: OS SIDDHAS TRAIDORES ENTREGARAM À HIERARQUIA BRANCA A CÂMARA DE ENTRADA DO SISTEMA REAL KALACHAKRA E LHE CONFIARAM SUA CUSTÓDIA, AUTORIZANDO-LHES TAMBÉM SEU EMPREGO PARA A ESTRATÉGIA DA SINARQUIA UNIVERSAL. COMO RESULTADO DISTO, OS MESTRES DE SABEDORIA SE DEDICARAM A AFIRMAR A CÂMARA DE ENTRADA EM DIFERENTES LUGARES DO MUNDO E A SITUAR, EM CADA UMA, UM SUPEROBJETO AXIOLÓGICO ADEQUADO À SUA PARTICULAR "MISSÃO" ESTRATÉGICA: EM FRENTE A CADA ENTRADA, COLOCARAM GUARDIÕES MUNIDOS DO SÍMBOLO SAGRADO DO PASU, COM A ATRIBUIÇÃO DE CEDER A PASSAGEM "SÓ AOS QUE POSSUAM A PALAVRA DE PASSE"; ESTA PALAVRA, OU SINAL, É UMA SENHA COM A QUAL OS MENTECAPTOS QUE PARA ALI ACODEM, ACREDITAM ABRIR A PORTA "MAGICAMENTE"; E ESSA PALAVRA, OU SINAL, É CLARO, LHES FOI "REVELADA" NA ORGANIZAÇÃO SINÁRQUICA À QUAL PERTENCEM, PARA QUE "REALIZEM A

VIAGEM INICIÁTICA". DESTE MODO, CRIARAM-SE, AO LONGO DOS SÉCULOS, NUMEROSOS ANTROS SEMELHANTES, ORA COM FORMA DE TEMPLO, ORA COM FORMA DE PALÁCIO, ORA COM FORMA DE PARAÍSO, ETC. COM OUTRAS PALAVRAS: NO SEIO DE CADA CULTURA, QUER DIZER, NA CAPACIDADE DE SUA SUPERESTRUTURA, OS MESTRES DE SABEDORIA AFIRMAM A CÂMARA DE ENTRADA E SITUAM UM SUPEROBJETO AXIOLÓGICO COM UM ESPAÇO CULTURAL CORRESPONDENTE; EM SEU CONTEXTO, DE ACORDO ÀS NECESSIDADES HISTÓRICAS DA EVOLUÇÃO DOS MITOS, COSTUMAM CONSTRUIR OS ÂMBITOS CARACTERÍSTICOS: POR EXEMPLO, UM PAGODE, UMA SINAGOGA, UMA IGREJA, UMA MESQUITA, UMA CAVERNA INICIÁTICA, UMA MONTANHA SAGRADA, UMA ILHA ENCANTADA, UMA TERRA DOS ANTEPASSADOS, UM VALE PERDIDO, ETC., ETC.; LOGO, UM DOS MESTRES, SOB A FORMA DE "ENVIADO DIVINO", "AVATAR", "MESSIAS", ETC., APRESENTA-SE DANDO SINAIS DE SEU PODER, CONSTITUI UMA CASTA SACERDOTAL E FUNDA UMA SOCIEDADE SECRETA, À QUAL CHEGA SUA "REVELAÇÃO"; A CHAVE, PALAVRA OU SINAL, DA CÂMARA DE ENTRADA. NÃO VALE A PENA DETALHAR, PORQUE É FÁCIL IMAGINÁ-LO, A QUANTIDADE E VARIEDADE DE FARSAS QUE SE GESTARAM DE MODO ANÁLOGO. E TUDO ISSO COM A ÚNICA FINALIDADE DE MANTER O CONTROLE SOBRE AS LINHAGENS HIPERBÓREAS CONFUSAS ATÉ O DIA EM QUE A SINARQUIA UNIVERSAL CONSIGA ENTRONIZAR SOBRE A TERRA A RAÇA SAGRADA DO DEMIURGO.

É CLARO, FINALMENTE, QUE A PRESENÇA DA CÂMARA DE ENTRADA EM DIFERENTES LUGARES DO MUNDO INDUZIU MUITA GENTE DESINFORMADA OU CARENTE DE IMAGINAÇÃO, OU SIMPLESMENTE DEVOTA DA HIERARQUIA, A SUSTENTAR CEGAMENTE QUE EM TAIS LUGARES ESTÁ LOCALIZADA A PRÓPRIA CHANG SHAMBALA: ESSAS PESSOAS, É CLARO, ACREDITAM QUE SHAMBALA É UMA CIDADE DE SANTOS E NÃO SUSPEITAM, NEM SE ATREVEM A IMAGINAR, QUE, NA REALIDADE, TRATA-SE DE UMA BASE ESPACIAL DE SERES EXTRATERRESTRES.

**G – O Mistério do Labirinto.**

No Sagrado Livro de Cristal Tirodal, construído por Wotan, está registrada sua incomensurável façanha: a compreensão da chave Kalachakra. No artigo "E" descreveu-se o conteúdo do superobjeto axiológico "A Ressignificação de Wotan", referido à consumação de tal façanha. Pois bem, explorando outro superobjeto posterior, intitulado "O Mistério do Labirinto", pode-se conhecer o legado que Wotan faz à todas as linhagens hiperbóreas: a revelação do encadeamento espiritual e o modo de liberar o Espírito encadeado. A Sabedoria Hiperbórea afirma, pois, que o Grande Ás foi o verdadeiro fundador do antiquíssimo Mistério do Labirinto, cujos ecos culturais, distorcidos pela ação inimiga, chegaram até nossos dias.

Desde o começo, ao Mistério do Labirinto só se pôde chegar por meio de uma Iniciação Hiperbórea, sendo várias as vias iniciáticas que os Siddhas Leais apresentaram aos viryas, nos diferentes séculos e culturas, para a liberação espiritual: A "VIA DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA", POR EXEMPLO, É A ÚLTIMA INTERPRETAÇÃO DO MISTÉRIO DO LABIRINTO. Esta via, revelada pelos Siddhas Leais à Ordem medieval EINHERJAR, é utilizada atualmente pela Ordem de Cavalheiros Tirodal como base de seus três graus de iniciação: o Mistério do Labirinto é, assim, conservado pelos Cavalheiros Tirodal, mas a instrução iniciática se efetua com conceitos modernos, mediante o modelo estrutural da Sabedoria Hiperbórea. Entretanto, a ideia geral que se revela no Mistério do Labirinto já foi exposta simbolicamente na "Alegoria do Eu prisioneiro": ali se conclui, com efeito, que a única

possibilidade de liberação se baseia em dois atos inseparáveis: 1º, há que DESPERTAR E ORIENTAR o prisioneiro; 2º, há que MOSTRAR-LHE a saída secreta, REVELAR-LHE o modo de escapar da prisão. Agora, podemos agregar que o primeiro ato, DESPERTAR E ORIENTAR, representa a PREPARAÇÃO ao Mistério do Labirinto, quer dizer, a etapa PRÉ-INICIÁTICA: é o que fazem os futuros Cavalheiros Tirodal quando estudam os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. O segundo ato, em troca, CONHECER A SAÍDA, constitui a iniciação propriamente dita: só os Iniciados Hiperbóreos podem executar este ato; aos Cavalheiros Tirodal, por exemplo, a Primeira Iniciação lhes concede a visão permanente do SELBST, isto é, a SAÍDA PARA O VRIL (Figura 34), além de assegurar a imortalidade do EU. Em síntese, a "via da oposição estratégica", que a Ordem de Cavalheiros Tirodal domina, por meio do modelo estrutural da Sabedoria Hiperbórea, é, historicamente, a última interpretação do Mistério do Labirinto: como veremos, seus objetivos são os mesmos que propôs Wotan a princípio. E o que propôs Wotan, após compreender a chave Kalachakra? Resposta: Wotan resumiu o PROBLEMA do encadeamento espiritual, da vida e da morte, a termos alegóricos ou míticos semelhantes aos do "o Eu prisioneiro", quer dizer, apresentou o problema em DUAS FASES:

PRIMEIRA FASE: DESPERTAR E ORIENTAR O EU.

SEGUNDA FASE: REVELAR A SAÍDA SECRETA.

Para resolver este problema, Wotan propôs uma solução em DOIS PASSOS:

**PRIMEIRO PASSO**: DESPERTAR E ORIENTAR O EU "MEDIANTE TIRODINGUIBURR, O SINAL DO LABIRINTO EXTERIOR".

**SEGUNDO PASSO**: REVELAR A SAÍDA SECRETA DIRETAMENTE AO EU "MEDIANTE A GNOSE DO LABIRINTO INTERIOR".

Todos os sinais revelados por Wotan são SAGRADOS para o virya: foram durante milênios as runas e, dentre elas, a mais sagrada de todas, TIRODAL, a expressão de Seu Nome. Contudo, o que foi considerado, por excelência, como O SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA, é TIRODINGUIBURR (ver figura 88), o sinal do labirinto exterior que Wotan propôs como Primeiro Passo da solução ao problema do encadeamento espiritual: este sinal se opõe essencialmente, desde já, ao "símbolo sagrado do pasu", cujo sinal é A ESPIRAL EXTERIOR. É por isso que, ainda que Tirodinguiburr tenha chegado semiologicamente completo até nossos dias, seu significado e origem foi degradado e deformado pela estratégia cultural inimiga, com base em um plano do qual se dará conta no próximo inciso. Os seguintes artigos se dedicarão, pois, a definir seu verdadeiro SIGNIFICADO, a mostrar de que maneira o símbolo sagrado do virya soluciona a primeira fase do problema do encadeamento espiritual, a demonstrar como a degradação cultural de Tirodinguiburr produziu os distintos e conhecidos tipos de labirinto, a explicar como o virya perdido causa tal degradação e a expor o plano sinárquico contra o Mistério do Labirinto, etc.

Com respeito ao Segundo Passo, há que se declarar de cara que não será possível compreendê-lo mediante exposições meramente descritivas, pois o mesmo requer a EXPERIÊNCIA iniciática: só compreenderá o Segundo Passo quem execute o ato proposto, isto é, quem efetue o trânsito pela saída secreta. Em outro artigo, se oferecerá uma aproximação analógica à Primeira Iniciação ao Mistério do Labirinto que esclarecerá, talvez, em que consiste o ato concreto do Segundo Passo; aqui só podemos repetir, como apelação à intuição, a ideia geral várias vezes mencionada em "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea": antes de tudo o Eu perdido (ou "prisioneiro" no sujeito anímico) deve DESPERTAR e ORIENTAR-SE para a Origem, quer dizer, deve localizar o PONTO TAU; logo, mediante a SAÍDA SECRETA para o PONTO TAU, para a Origem, conseguirá sua efetiva LIBERAÇÃO: nisto consiste o Segundo Passo,

a Iniciação Hiperbórea. Com outras palavras, O INICIADO HIPERBÓREO, O QUE DESENCADEOU SEU ESPÍRITO OU ESTÁ EM VIAS DE CONSEGUI-LO, É AQUELE QUE SITUOU SEU EU NO "PONTO TAU", NA ORIGEM DO ENCADEAMENTO: ESTA POSSIBILIDADE É A QUE SE CONCRETIZA AO EXECUTAR O SEGUNDO PASSO PROPOSTO POR WOTAN, QUANDO, AO ENCONTRAR A SAÍDA SECRETA DO LABIRINTO INTERIOR, O EU FICA RESSIGNIFICADO COM A SAGRADA RUNA TIRODAL.

Durante o desenvolvimento do inciso seguinte, demonstrar-se-á que o Primeiro e Segundo Passo da solução ao problema do encadeamento espiritual se baseiam na compreensão de um só sinal: TIRODINGUIBURR, o labirinto exterior de Wotan. O Primeiro Passo, despertar e orientar, se alcança efetivamente após compreender o SIGNIFICADO do símbolo sagrado do virya, quer dizer, estudando o sinal labirinto exterior. O segundo Passo, conhecer a saída secreta por onde o Eu perdido terá que avançar até o ponto Tau e até o Selbst, consegue-se por meio da FUNÇÃO OPERACIONAL do símbolo sagrado do virya, função que se coloca em prática no kairos da Iniciação Hiperbórea. Indubitavelmente, todo o Mistério do Labirinto está contido no símbolo sagrado do virya: o que se fez com os "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" foi oferecer os elementos necessários e suficientes para aproximar o virya, a esta altura do Kaly Yuga, ao SIGNIFICADO do labirinto exterior de Wotan; tais elementos, é claro, consistem em um CONTEXTO ESTRUTURAL que, se bem que não permita compreender as runas noológicas que compõem o símbolo sagrado do virya, pelo menos o sustentam com suas correspondências arquetípicas e não impedem de sugerir seu significado transcendente. Daí que, no inciso seguinte, após explicar o SIGNIFICADO do labirinto exterior no contexto estrutural da Sabedoria Hiperbórea, se insista com tenacidade em esclarecer sua FUNÇÃO OPERACIONAL: se tentará desse modo, pela via de uma intuição consequente, induzir a "compreensão noológica" do símbolo sagrado do virya, compreensão que já não abarcará o SIGNIFICADO meramente estrutural e, por isso, requererá uma fundamentação ética. Isto não deve surpreender, porque a compreensão noológica é a apreensão do símbolo sagrado do virya por parte do Eu, sem a intervenção do sujeito anímico, vale dizer, é a apreensão realizada por um ser cuja essência é a vontade graciosa e cujo ato é a HONRA: a compreensão noológica é, então, um momento ético.

## SÉTIMO TOMO: TIRODINGUIBURR: O SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA

### A - Significado do Labirinto exterior de Wotan.

O símbolo sagrado do virya expressa-se mediante o sinal Labirinto exterior, representado na figura 88, o qual, sem ser idêntico ao do antigo Mistério do Labirinto instituído por Wotan, pelo menos mantém invariáveis suas propriedades topológicas e permite atualizar seu significado em uma explicação estrutural.

Uma decomposição analítica dos elementos rúnicos deste sinal demonstra a presença de três runas: as runas TIR ( ᛏ ) e ODAL ( ᛟ ), que formam a Sagrada Runa Tirodal (figura 85), e a runa GIBUR ( ᚸ ) que já vimos nas figuras 61 e 62. Dali que o sinal Labirinto exterior se LEIA: TIRODINGUIBURR, nome com o qual se o conhece desde remotos tempos pelos iniciados no Mistério do Labirinto.

Mas as três runas, evidentemente, não são da mesma natureza: enquanto as duas primeiras aparecem com traços cheios, a última se configura como um espaço entre linhas cheias; isto se deve a que TIR e ODAL são RUNAS LIMITANTES enquanto GIBUR é uma RUNA CONDUCENTE. Em geral, a Sagrada Runa Tirodal se denomina na Sabedoria Hiperbórea como "RUNA LIMITANTE DO LABIRINTO EXTERIOR DE WOTAN" e GIBUR como "RUNA CONDUCENTE do LABIRINTO EXTERIOR DE WOTAN". Estas diferenças tornar-se-ão claras se consideramos TIRODINGUIBURR da figura 88 como a planta de um Labirinto de pedra, quer dizer, como a planta da construção estratégica que na Sabedoria Hiperbórea recebe o nome de CÂMARA HIPERBÓREA PARA A INICIAÇÃO NO MISTÉRIO DO LABIRINTO. Nesse caso, os traços cheios representam as PAREDES LIMITANTES do Labirinto de pedra, enquanto os CORREDORES CONDUCENTES se formam pelo espaço ENTRE as paredes limitantes. Com outras palavras, PELO CORREDOR COM FORMA GIBUR SE INGRESSA AOS MEANDROS LIMITADOS PELAS PAREDES COM FORMA Tirodal.

Com uma câmara hiperbórea TIRODINGUIBURR pode-se explicar analogicamente o Mistério do Labirinto, permitindo com isso uma primeira aproximação à sua função operacional. Referindo-se à figura 88, por exemplo, podemos resumir o Mistério do Labirinto em pouquíssimas palavras: CONSISTE EM ENTRAR POR ALFA (α) E SAIR POR TAU (τ). Mais claramente; QUANDO O VIRYA PERDIDO ENTRA PELO CORREDOR ALFA (α), E O PERCORRE ATÉ O FINAL, TEM ACESSO A UM CORREDOR FECHADO BETA (β) QUE LHE IMPEDE DE CHEGAR ATÉ A PRAÇA TAU (τ); NESSE "RECINTO ÍNTIMO", O VIRYA SE VÊ FRENTE A UM DILEMA: PARA CONTINUAR BUSCANDO A SAÍDA DEVE OPTAR ENTRE A PASSAGEM LATERAL GAMA (γ) OU A PASSAGEM LATERAL DELTA (δ); ENTRETANTO, NENHUMA DE TAIS OPÇÕES O CONDUZIRÁ FINALMENTE À PRAÇA TAU (τ): SE VAI PELA PASSAGEM GAMA (γ) TERÁ QUE DETER-SE NOS CORREDORES FECHADOS EPSILON (ε) OU ETA (η); SE VAI PELA PASSAGEM DELTA (δ) SEU CAMINHO SE INTERROMPERÁ NOS CORREDORES FECHADOS TETA (θ) OU ZETA (ζ). EVIDENTEMENTE, SE O VIRYA PERDIDO REPETE VÁRIAS VEZES O PERCURSO DAS DISTINTAS GALERIAS, ACABARÁ CONCLUINDO QUE AS PAREDES LIMITANTES RODEAM POR TODAS AS PARTES A PRAÇA TAU. ENTÃO, SE NÃO ESTÁ DISPOSTO A RENUNCIAR À SUA BUSCA, É POSSÍVEL QUE SURJA EM SEU EU A INTUIÇÃO NOOLÓGICA DA VERDADE: EM ALGUM DOS CINCO CORREDORES FECHADOS DEVE EXISTIR UMA "SAÍDA SECRETA", UMA PASSAGEM PARA A PRAÇA TAU (τ); MAS, EM QUAL? E NESTA INTERROGAÇÃO SE SINTETIZA O QUE DE "MISTERIOSO" TEM O MISTÉRIO DO LABIRINTO: O

“MISTÉRIO” CONSISTE, JUSTAMENTE, EM “ENTRAR POR ALFA (α) E SAIR POR TAU (τ)”.

Mas o Mistério do Labirinto não apresenta um problema impossível de resolver: seu criador, Wotan, perpetuou a solução com o sinal de seu nome, a Runa ODAL, cujo segredo, revelado por um Pontífice Hiperbóreo, no Kairos do virya, constitui a Primeira Iniciação Hiperbórea.

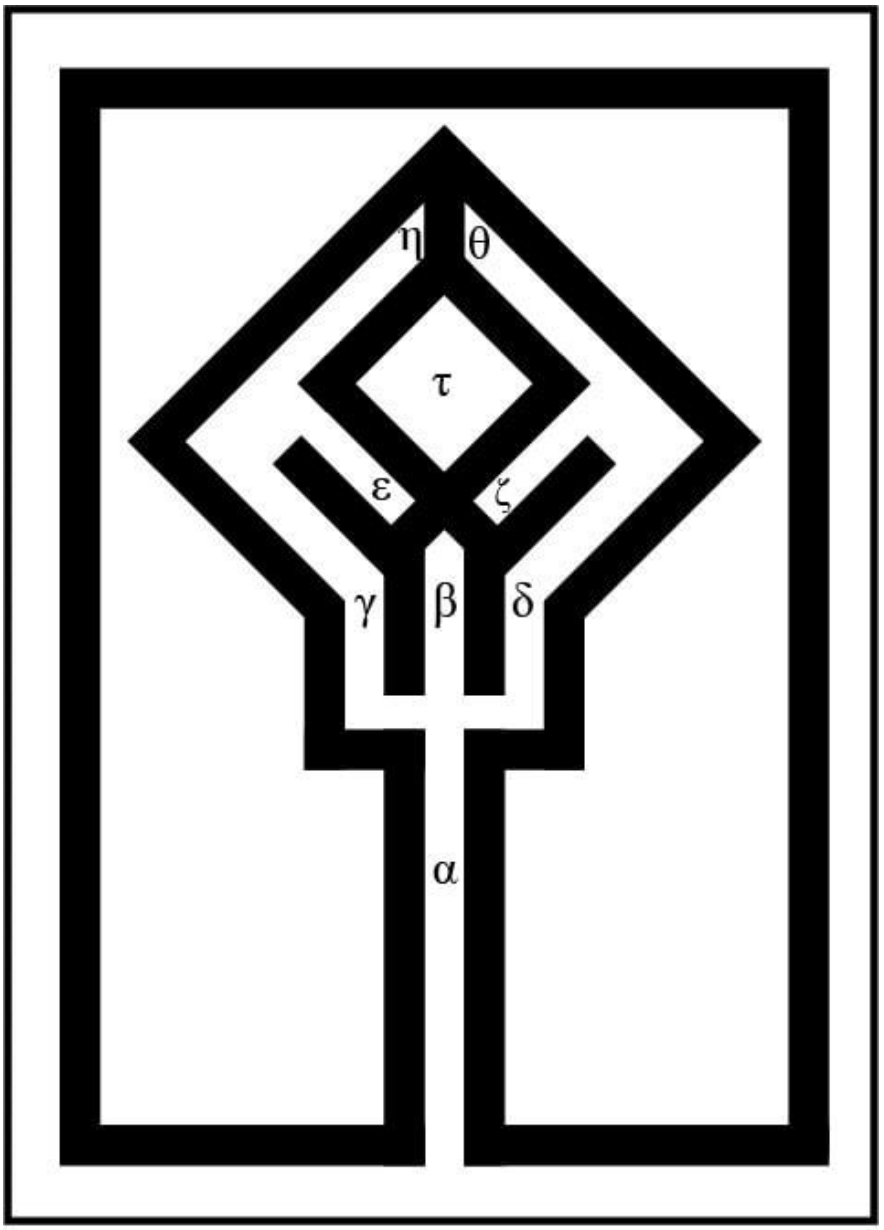



FIGURA 88

Estamos agora em condições de explicar analogamente a solução proposta por Wotan para resolver o problema do encadeamento espiritual. Em primeiro termo, é necessário DESPERTAR e ORIENTAR o virya para a saída: EXTERIORMENTE, isto se consegue fazendo o virya perceber o seu estado de EXTRAVIO no corredor alfa (α): A GNOSE DA BUSCA EM ALFA EQUIVALE AO DESPERTAR, MOMENTÂNEO OU PERMANENTE, DO VIRYA PERDIDO; vem então a OPÇÃO que deve enfrentar no corredor fechado beta (β) entre as passagens laterais gama (γ) ou delta (δ) e a efetiva ESCOLHA de uma delas; a sequência BUSCA, OPÇÃO E ESCOLHA sintetiza o Primeiro Passo da solução de Wotan ao problema do encadeamento espiritual: A GNOSE DA "BUSCA" DESPERTA O VIRYA PERDIDO, O FAZ INTUIR SEU EXTRAVIO NO LABIRINTO DE PEDRA, SUA DESORIENTAÇÃO SOBRE A LOCALIZAÇÃO DA SAÍDA TAU; A GNOSE DA "OPÇÃO" E A "ESCOLHA" ORIENTA O VIRYA PERDIDO PARA A SAÍDA TAU; CONTUDO, A PRIMEIRA SOLUÇÃO SÓ "DESPERTA" E "ORIENTA" PARA A PRAÇA TAU, MAS NÃO "REVELA" A SAÍDA SECRETA DO LABIRINTO: ISSO CORRESPONDE AO SEGUNDO PASSO.

Assim, em segundo termo, é necessário revelar ao virya, desperto e reorientado, o segredo da saída à praça Tau. Ainda que tal segredo só possa ser conhecido durante o kairos da Primeira Iniciação, ao menos saberemos a que se refere se definimos o conceito "Arquêmona ODAL". O nome rúnico de Wotan, com efeito, expressa-se mediante o PRINCÍPIO DO CERCO com o sinal representado na figura 89: A RUNA ODAL É, ACIMA DE TUDO, UMA ARQUÊMONA QUE SEPARA UM "DENTRO" DE UM "FORA", UMA PRAÇA LIBERADA DE UM "VALPLADS" DOMINADO PELO INIMIGO. A área interior da Arquêmona Odal, assinalada com a letra TAU (τ), é a "praça" à qual se há que ocupar, ingressando ATRAVÉS da fenestra infernalis BETA (β).

A Arquêmona ODAL tem duas propriedades que convém destacar: a primeira é que a praça é quadrangular; e a segunda é que, um desses quatro ângulos interiores, se encontra oposto pelo vértice ao ângulo reto exterior "BETA" (β). Daí que o modo de ingressar na praça Tau ATRAVÉS da fenestra infernalis seja conhecido como SEGREDO DO ÂNGULO RETO. A Sabedoria hiperbórea formula esse segredo como se segue: O VÉRTICE DE TODO ÂNGULO RETO É APTO PARA REFLETIR O POLO INFINITO DO ESPÍRITO-ESFERA INVERTIDO. O segredo do ângulo reto permite, evidentemente, aplicar à RUNA ODAL a TÉCNICA ARQUEMÔNICA e a OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA que se descrevem na Primeira Parte.

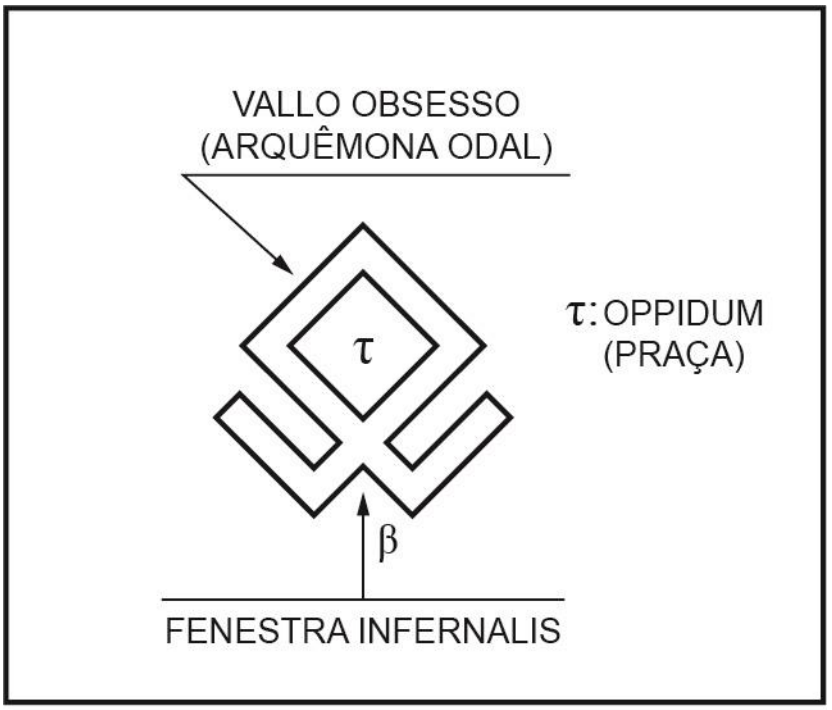



FIGURA 89

Voltando ao símbolo sagrado do virya, comprovamos agora que A ARQUÊMONA ODAL CONSTITUI O CENTRO DO LABIRINTO EXTERIOR. Mas, toda "Arquêmona" não é mais do que o sinal sobre o qual se projeta e reconhece o princípio do cerco e, portanto, pode ser tanto EXTERIOR como INTERIOR: o Segundo Passo da solução ao problema do encadeamento espiritual, proposto por Wotan mediante o sinal TIRODINGUIBURR, consiste, justamente, em transferir para o interior do virya o caráter EXTERIOR da Arquêmona ODAL. Com outras palavras, o Segundo Passo consiste em mostrar diretamente ao Eu perdido a "saída secreta" para a praça Tau, quer dizer, em mostrar um caminho INTERIOR para o retorno à Origem. Olhando bem, a interpretação analógica do Segundo Passo exige dar resposta a duas perguntas: a) como se "passa" do Primeiro Passo ao Segundo Passo mediante TIRODINGUIBURR, quer dizer, POR QUAL PRINCÍPIO O "SINAL LABIRINTO EXTERIOR" CAUSA A "GNOSE DO LABIRINTO INTERIOR"? Resposta: pelo princípio da INDUÇÃO NOOLÓGICA; b) por qual princípio a "gnose do Labirinto interior" revela a "saída secreta", o caminho exato do regresso à Origem? Resposta: pelo princípio iniciático do ISOLAMENTO DO EU.

Nos princípios de "indução noológica" e de "isolamento do Eu" se baseia a FUNCÃO OPERACIONAL do símbolo sagrado do virya. O SIGNIFICADO de TIRODINGUIBURR, busca, opção e escolha, desperta e orienta o virya para a praça Tau; sua FUNÇÃO OPERACIONAL lhe revelará a saída secreta durante o kairos da Primeira Iniciação Hiperbórea: nos seguintes artigos, estudar-se-ão os princípios da

função operacional, com o que tornar-se-ão claras as respostas (a) e (b), e se oferecerão detalhes analógicos sobre o Segundo Passo.

**B – Função operacional do Labirinto Exterior de Wotan.**

**B1 – Princípio de Indução Noológica.**

O Primeiro Passo "desperta e orienta" exteriormente o virya, porque o faz compreender que se encontra extraviado e que seu único recurso é a "busca, opção e escolha" de um caminho que conduza à saída Tau (т). Assim, este Primeiro Passo deve conduzir ao Segundo, a "gnose do Labirinto interior", vale dizer, à gnose de que o Eu se encontra realmente extraviado em um caminho LABRELIX, submetido permanentemente à lei dos tetrarque "busca, opção e escolha". Segundo vimos, esta "gnose", este salto do Labirinto exterior ao Labirinto interior, é causada pelo princípio de indução noológica: tal princípio define o modo como o conteúdo complexo e interior de um símbolo sagrado é apreendido pelo Eu a partir de um sinal simples e exterior. Em outros termos, A INDUÇÃO NOOLÓGICA PERMITE A COMPREENSÃO METAFÍSICA DO SÍMBOLO SAGRADO, QUER DIZER, A APREENSÃO DE SEU SIGNIFICADO ESSENCIAL. Com referência ao símbolo sagrado do virya, "a gnose do Labirinto interior" que propõe o Segundo Passo não é mais do que sua compreensão metafisica por parte do EU. Já conhecemos o significado do sinal Labirinto exterior: busca, opção e escolha da saída Tau; qual será, pois, o significado do símbolo Labirinto interior, o significado que o Eu apreende na "gnose do Labirinto interior"? Resposta: O SÍMBOLO LABIRINTO INTERIOR SIGNIFICA "A DISTÂNCIA ESTRATÉGICA QUE SEPARA O EU PERDIDO DO SELBST".

Todo símbolo sagrado é a aparência sêmica de uma verdade metafisica; o símbolo sagrado do virya, percebido interiormente pelo Eu, revela a distância estratégica que o separa do Selbst, quer dizer, o grau de desorientação com respeito à Origem Tau. Uma vez compreendido este significado, será possível, mediante o princípio de isolamento do Eu, avançar para Tau, para a Origem, no kairos da Iniciação Hiperbórea. Como dito significado metafísico é apreendido por "indução noológica", será conveniente examinar com detalhes tal aspecto da função operacional do símbolo sagrado do virya.

O símbolo Labirinto interior significa "a distância estratégica que separa o Eu perdido do Selbst". Desta definição se depreende que o Labirinto interior representa uma situação essencialmente INDIVIDUAL, ÚNICA para cada virya perdido, e, o que é mais importante, uma situação INTERIOR. Contrariamente, o sinal Labirinto exterior foi AFIRMADO no mundo como objeto cultural, quer dizer, foi COMUNICADO COLETIVAMENTE. Mas, se a verdade primeira, o significado do Labirinto interior, é INDIVIDUAL, IRREPETÍVEL, ÚNICA, INTERIOR, cabe perguntar, que relação une o sinal Labirinto exterior, objeto cultural coletivo, com o símbolo Labirinto interior, objeto cultural individual? Resposta: entre o sinal Labirinto exterior e o Labirinto interior existe a relação que une o simples com o complexo, quando o complexo se CONHECE a partir do simples. Este é o princípio que a sociedade emprega para transmitir os conhecimentos comuns por meio dos ENSINAMENTOS, princípio que tem suas remotas origens na instrução iniciática que outorgavam as Escolas de Mistérios da Antiguidade; em síntese, tal princípio consiste em REVELAR ao aluno ou discípulo certos SINAIS SIMPLES, letras, números, ideogramas, etc., a partir dos quais, por INDUÇÃO, o entendimento avançará até símbolos interiores muitíssimo mais complexos. Por isso, os SINAIS SIMPLES EXTERIORES representam um grau inferior,

exotérico, dos SÍMBOLOS COMPLEXOS INTERIORES, ainda que só por meio da indução do simples seja possível aproximar-se à presença do complexo.

É claro que o "sinal Labirinto exterior" é um objeto cultural exterior e que o símbolo do Labirinto, que aquele representa, é um objeto cultural interior. Não obstante, convém recordar a definição anterior: "Resumindo, os objetos culturais podem ser "internos" ou "externos". Os "objetos culturais internos" fazem parte da estrutura cultural e constituem um primeiro grau na realidade do objeto. Os "objetos culturais externos" são projeções corporificados e materializados dos anteriores e representam um segundo grau na realidade do objeto; são reconhecidos no mundo como reflexo dos objetos internos: naturalmente, se tal dependência não se percebe, pode se cometer o erro gnosiológico de atribuir as qualidades culturais diretamente ao corpo físico ou entidade sobre a qual se efetuou a projeção". Contudo, um objeto cultural interior pode ser apreendido diretamente da estrutura cultural se previamente se o descobriu ou intuiu. É o que ocorre, por exemplo, com os NÚMEROS: são projetados no mundo, afirmados como objetos culturais exteriores, e logo, mediante uma correspondência gnosiológica (primeiro movimento, figura 73) são descobertos fora e reconhecidos como tais, quer dizer, introjetados na estrutura psíquica como objetos culturais interiores; uma vez que este processo de APRENDIZAGEM teve lugar, quando se reconheceram DUAS maçãs, UM peixe, QUATRO pedras, etc., então é possível contar, somar sem limites, pois a INDUÇÃO permite formar a ideia de quantidades superiores, AINDA QUE ESTAS NÃO APRESENTEM UMA CONTRAPARTE CONCRETA, EXTERIOR, NO MUNDO. Quando reconhecemos UMA maçã, DUAS maçãs, TRÊS maçãs, podemos pensar em qualquer quantidade de maçãs, ainda que jamais as vejamos; a indução nos permite ESTENDER INTERIORMENTE os limites do conhecimento, apreendendo a ideia diretamente da estrutura cultural, e por isso, quando alguém nos diz: – comprei duzentas maçãs – compreendemos imediatamente, saberemos de que está falando; captamos a ideia das duzentas maçãs, QUE NÃO VEMOS, porque estendemos, por indução, o conhecimento básico de uma, duas, três maçãs, que possuíamos a priori.

Só isso pretendia a mestra que nos ensinou a contar quando desenhava no quadro negro: 🍎 + 🍎 + 🍎 = 🍎🍎🍎 ; queria que descobríssemos os números e aplicássemos a indução para estender o conhecimento. Mas nós não aprendíamos sozinhos; esse exemplo da maçã era compartilhado com outros alunos que também descobriam os números e aprendiam a contar. E isso significa que o exemplo: UMA maçã, DUAS maçãs, TRÊS maçãs, é eminentemente SOCIAL, CUMPRE UMA FUNÇÃO INICIADORA. Quando os alunos o tenham compreendido, o exemplo será um patrimônio coletivo, pois todos já estarão iniciados no método indutivo de contar. Mas, a partir dali cada aluno passa do social ao individual pois, uma vez descobertos os números, é possível estender infinitamente o conhecimento quantitativo. E quando nosso amigo nos diz: - compartilharei as duzentas maçãs contigo e meus três irmãos – SABEMOS que disporemos de cinquenta maçãs MESMO ANTES DE TÊ-LAS VISTO. APREENDEMOS a ideia das cinquenta maçãs, objeto cultural interior, diretamente da estrutura cultural. E essa indução, assim como todas as que possamos fazer em nossa vida, faz possível que, uma vez, ao ver UMA, DUAS, TRÊS maçãs EXTERIORES, descobrimos UMA, DUAS, TRÊS maçãs interiores.

Este longo raciocínio há de nos permitir compreender duas coisas: que a indução amplia o conhecimento do simples ao complexo, UMA VEZ QUE O SIMPLES FOI REVELADO OU DESCOBERTO; e, o mais importante, que TODA INICIAÇÃO a um conhecimento complexo se baseia neste princípio: esotericamente, por exemplo, a

compreensão de um Mistério deve INICIAR-SE com a compreensão de um símbolo sagrado exterior que o represente.

Consideraremos agora o Labirinto exterior de Wotan, o qual deve ser qualificado de SINAL SIMPLES em referência à COMPLEXIDADE do Labirinto interior que representa. Este simples Labirinto expressa a ideia de BUSCA, OPÇÃO E ESCOLHA: um virya perdido busca, entre vários possíveis, o caminho correto que conduz à saída; quando se encontra frente a uma bifurcação, deve decidir o dilema de qual caminho tomar e optar por um deles; se escolhe o corredor equivocado logo comprovará que este termina abruptamente; ou chegará a uma nova bifurcação, onde se repetirá o dilema. Sem outra ajuda que o seu INSTINTO, carecendo de todo indício para SE ORIENTAR, só lhe resta avançar e retroceder permanentemente, confiando em que a sorte ou um milagre, lhe permitam alcançar a saída. O que não deve jamais é DETER-SE: para alguém que transita extraviado em um Labirinto, sem alimentos nem água, a economia tempo, a rapidez com que atue, é fundamental fator da sobrevivência. Tal é a ideia que o Pontífice Hiperbóreo expõe ao iniciado como explicação do sinal Labirinto exterior.

Mas uma vez captada esta ideia, analogamente ao exemplo das três maçãs, o conceito simples do Labirinto exterior pode ser estendido interiormente, por indução para descobrir a representação de um Labirinto interior de extrema complexidade, que será a interpretação arquetípica do verdadeiro estado do Eu, quer dizer, um estado de BUSCA, OPÇÃO E ESCOLHA. Segundo a Sabedoria Hiperbórea, quando um virya perdido se representa sua própria situação espiritual mediante um Labirinto interior, ALCANÇOU UM GRAU DE PRÉ-ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA: daí a qualificação de NOOLÓGICA que se dá à indução do Labirinto exterior. A ORIENTAÇÃO definitiva se obtém logo no kairos da Iniciação Hiperbórea, mediante o princípio de isolamento do Eu.

No artigo “C”, examinaremos vários tipos de Labirintos exteriores, procedentes de diferentes culturas, todos os quais se derivam de TIRODINGUIBURR, o Labirinto exterior de Wotan. Mas o que deve ser claro agora é que os Labirintos exteriores são objetos culturais projetados para cumprir uma função social iniciadora, semelhantes às maçãs com que nos ensinava a contar a mestra, quer dizer, são “símbolos sagrados”. E que tais objetos de iniciação, quando induzem o descobrimento da própria situação espiritual e favorecem a orientação estratégica, SÃO DE INDUBITÁVEL ORIGEM HIPERBÓREA. Com outras palavras, devido à função iniciadora na reorientação espiritual que cumprem os Labirintos exteriores, há de se considerar como SINAIS HIPERBÓREOS, independentemente de qual seja a raça que os ostente ou a “cultura” antiga na qual foram localizados. O Labirinto exterior é um sinal que, após ser revelado e explicado ao virya por um Pontífice Hiperbóreo, faz possível vislumbrar interiormente o próprio EXTRAVIO OBJETIVO do Eu e permite apreciar a “distância estratégica que separa o Eu do Selbst”: isso é consequência da expansão gnóstica induzida em um Eu que, de repente, descobre-se perdido em um Labirinto metafísico.

### B2 – Princípio de isolamento do Eu.

Após a “gnose do Labirinto interior”, causada pela indução noológica do sinal Labirinto exterior, é possível para o Eu perdido alcançar um permanente estado de orientação estratégica. Isso se consegue no kairos da Iniciação Hiperbórea, isolando definitivamente o Eu do sujeito anímico; como? Resposta: mediante sua RESSIGNIFICAÇÃO RÚNICA. É esta uma operação que se deve realizar simultaneamente em DOIS MUNDOS e no kairos justo; com outras palavras, o Eu deve

ser ressignificado simultaneamente na Câmera Hiperbórea do Mistério do Labirinto pelo Pontífice Tirodal e em Valhalla por um Siddha Leal: A RESSIGNIFICAÇÃO RÚNICA CONSISTE EM PLASMAR A ARQUÊMONA ODAL (FIGURA 89) SOBRE UM TETRARQUE DO CAMINHO LABRELIX. CONTUDO, AINDA QUE A ARQUÊMONA ODAL SEJA PLASMADA, O EU CONTINUARÁ COM SEU EXTRAVIO OBJETIVO ENQUANTO NÃO INGRESSE NA PRAÇA TAU: ESSE É O OBJETIVO DO SEGUNDO PASSO, "REVELAR A SAÍDA SECRETA MEDIANTE A GNOSE DO LABIRINTO INTERIOR".

Agora se entenderá melhor o que foi dito anteriormente: "Na Ordem de Cavalheiros Tirodal se praticam TRÊS GRAUS DE INICIAÇÃO, todos baseados na via da oposição estratégica. Entretanto, graças ao alto nível alcançado no conhecimento da Sabedoria Hiperbórea, a técnica arquemônica aplica-se diretamente para isolar o Eu perdido do sujeito consciente. Esta qualidade pode se compreender analogicamente observando a figura 32: a técnica dos Cavalheiros Tirodal consiste em RESSIGNIFICAR o sujeito consciente com uma Runa Sagrada que tem a propriedade de ISOLAR o Eu perdido; tal operação equivale a estabelecer um cerco estratégico sobre o Símbolo da Origem (AB); e o Eu perdido fica então ISOLADO do sujeito consciente e estrategicamente REORIENTADO para o Selbst; a partir daí, do centro da Runa Sagrada, poderá logo, na Segunda Iniciação, situar-se no Selbst e tornar-se um virya desperto. Mas a mais importante consequência da Iniciação Hiperbórea é, sem dúvida, A IMORTALIDADE DO EU: após o seu isolamento rúnico, com efeito, o Eu já não pode ser afetado de nenhum modo; nem a desintegração do microcosmo ou a dissolução do corpo astral poderiam alterá-lo de alguma forma. Pelo contrário, o isolamento do Eu, o conhecimento de sua imortalidade elimina para sempre a angústia e transforma o Iniciado Hiperbóreo em um guerreiro temerário. Um guerreiro que, segundo se disse, aguarda o Fim da História para empregar seu terrível poder".

CONTUDO, NÃO BASTA A RESSIGNIFICAÇÃO COM A ARQUÊMONA ODAL PARA ISOLAR O EU: É NECESSÁRIO QUE ESTE INGRESSE NA PRAÇA TAU DURANTE O KAIROS DA INICIAÇÃO. COMO O FARÁ? RESPOSTA: EMPREGANDO O SEGREDO DO ÂNGULO RETO, QUE O PONTÍFICE LHE REVELARÁ PARA QUE ATRAVÉSSE COM ÊXITO A FENESTRA INFERNALIS BETA (β): ESSA É A VERDADEIRA SAÍDA SECRETA, A QUE ABRE O SEGREDO DO ÂNGULO RETO: MEDIANTE A MESMA SE RESOLVE O MISTÉRIO DO LABIRINTO, É POSSÍVEL "ENTRAR POR ALFA (α) E SAIR POR TAU (τ)". SÓ ENTÃO, QUANDO O EU INGRESSOU, ATRAVÉS DO ÂNGULO RETO BETA, À PRAÇA TAU, O VIRYA É UM INICIADO HIPERBÓREO, UM CAVALHEIRO TIRODAL; SÓ ENTÃO SEU EU ESTÁ RUNICAMENTE ISOLADO E IMORTALIZADO.

Para compreender analogicamente o significado do isolamento do Eu há que se destacar o seguinte: A RESSIGNIFICAÇÃO INICIÁTICA SE REALIZA A POSTERIORI DA GNOSE DO LABIRINTO INTERIOR: QUER DIZER QUE, AO INGRESSAR NA RUNA ODAL, O EU O FAZ COM CONVICÇÃO DE QUE ENTRA NO "CENTRO DO LABIRINTO INTERIOR". UM INSTANTE ANTES SE ENCONTRAVA SOBRE UM TETRARQUE DO CAMINHO LABRELIX, CUJA NATUREZA DISJUNTIVA LOGO COMPREENDEU GRAÇAS À RUNA GIBUR DE TIRODINGUIBURR (FIGURA 88); SOUBE ENTÃO QUE AS OPÇÕES GAMA (γ) OU DELTA (δ) NÃO CONDUZEM À PRAÇA TAU (τ) E QUE, PELO CONTRÁRIO, A SAÍDA SECRETA SE ENCONTRA NO ÂNGULO RETO DO CORREDOR FECHADO BETA (β), VALE DIZER, NO RECINTO BETA (β) DO TETRARQUE, UM RECINTO "FECHADO PARA FRENTE" (FIGURA 59). UM INSTANTE DEPOIS, GRAÇAS AO SEGREDO DO ÂNGULO RETO, O EU SE SITUA NA PRAÇA TAU, FICANDO ISOLADO DO SUJEITO CONSCIENTE;

DEBAIXO DO TETRARQUE ESTÁ O MONARQUE, O INSTANTE DE TEMPO IMANENTE NO QUAL ESTÁ HABITUALMENTE IMERSO O EU PERDIDO: APÓS ENTRAR NA RUNA ODAL, TALVEZ PELA PRIMEIRA VEZ, A FORÇA VOLITIVA DO EU PERDIDO LHE PERMITA DOMINAR O SUJEITO ANÍMICO E NÃO SER ARRASTADO POR SUA CORRENTE TEMPORAL. E ISSO SERÁ POSSÍVEL PORQUE O EU JÁ NÃO BUSCARÁ ÀS CEGAS A ORIENTAÇÃO PARA O SELBST, E SUA FORÇA VOLITIVA NÃO PODERÁ SER APROVEITADA PARA O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU: DESDE O MOMENTO EM QUE FOI ISOLADO DO SUJEITO CONSCIENTE, COM EFEITO, O EU JÁ NÃO NECESSITA BUSCAR ORIENTAÇÃO. POR QUÊ? RESPOSTA: PORQUE O SELBST ESTÁ DESDE ENTÃO, E PARA SEMPRE, "À VISTA" DO EU ISOLADO.

O EU DO INICIADO HIPERBÓREO, SITUADO NA PRAÇA TAU DA ARQUÊMONA ODAL, SÓ TEM QUE "OLHAR" INTERIORMENTE PARA LOCALIZAR IMEDIATAMENTE O SELBST. O MESMO APARECE COMO UM "ASTRO INTERIOR", COMO UM "PLANETA VÊNUS" COMO UMA ESTRELA BRILHANTE SEMPRE PRESENTE NO HORIZONTE DO EU. POR ISSO, O INICIADO HIPERBÓREO NÃO PERDERÁ JAMAIS A ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA: SEU PROBLEMA SERÁ, EM TROCA, O MODO DE REDUZIR A DISTÂNCIA ESTRATÉGICA QUE O SEPARA DO SELBST; MAS A SOLUÇÃO PARA ESSE PROBLEMA, "CONSTRUIR A ESCADA INFINITA", É O MISTÉRIO DA SEGUNDA INICIAÇÃO HIPERBÓREA.

Por último, há que se dizer aqui, com toda a força possível, que NINGUÉM CONSEGUIRÁ DAR O SEGUNDO PASSO SEM TER ADOTADO UMA "ATITUDE ÉTICA PRÉVIA", QUER DIZER, SEM EXIBIR UMA "ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA" FRENTE AOS SÍMBOLOS SAGRADOS; SEM ESTA ATITUDE PRÉVIA DE NADA VALE DAR O PRIMEIRO PASSO, NEM MESMO EXPERIMENTAR A GNOSE DO LABIRINTO INTERIOR: JAMAIS SE CONSEGUIRÁ INGRESSAR NA ARQUÊMONA ODAL. O porquê desta exigência far-se-á claro após adquirir uma breve noção da RÚNICA NOOLÓGICA, a ciência dos Iniciados Hiperbóreos.

**C – Semiótica psicológica e Rúnica Noológica.**

A dualidade real do virya, a diferença essencial entre o Espírito encadeado e o sujeito anímico fundamenta o CRITÉRIO da Sabedoria Hiperbórea pelo qual se distingue entre O PSICOLÓGICO e O NOOLÓGICO: com base neste critério definimos, por exemplo, a Ética psicológica do pasu como oposta à Ética Noológica do virya. Pois bem, a mesma distinção cabe se ter em tudo quanto se refere ao estudo dos sinais, atendendo ao princípio de que AS RUNAS NÃO SÃO SINAIS ARQUETIPÍCOS: as runas, com efeito, são sinais incriados, quer dizer, não criados pelo Demiurgo, embora sua comunicação por Wotan aos viryas fez possível com que fossem INTERPRETADAS arquetipicamente, ao serem percebidas pelo sujeito racional; as runas, então, foram afirmadas no contexto axiológico e incorporadas como objetos culturais; dessa maneira, o contexto axiológico as sustenta na superestrutura enquanto o contexto da estrutura cultural interior concede-lhes um significado arquetípico; MAS TRATA-SE DE UMA ILUSÃO, DE UMA CONSTRUÇÃO SÊMICA QUE INTERPRETA ARQUETIPICAMENTE A RUNA, NÃO DA RUNA EM SI: EM UM PANO DE FUNDO, A RUNA PERMANECE INCRIADA SOB O SINAL RÚNICO; POR ISSO, QUANDO O INICIADO HIPERBÓREO PERCEBE O SINAL RÚNICO, TÊM LUGAR DUAS APREENSÕES: UMA "PSICOLÓGICA", EFETUADA PELO SUJEITO RACIONAL SOBRE A FORMA ARQUETÍPICA DA RUNA, E OUTRA "NOOLÓGICA", POR PARTE DO EU DESPERTO SOBRE A RUNA INCRIADA.

O estudo convencional dos sinais, incluídos os sinais rúnicos, dá lugar a uma ciência denominada Semiótica; entretanto, por serem estes sinais meros objetos culturais, é fácil compreender que a semiótica não pode alcançar as runas incriadas, senão só a sua forma cultural ou o seu significado cultural: evidentemente, este alcance está limitado às possibilidades do sujeito anímico; EM UMA PALAVRA: A SEMIÓTICA ASSIM DEFINIDA, COMO CIÊNCIA QUE ESTUDA OS OBJETOS CULTURAIS "SINAIS", É UMA CIÊNCIA NA MEDIDA DO PASU, UMA CIÊNCIA "PSICOLÓGICA". É claro que, para compreender as runas incriadas, será necessário contar com uma ciência "noológica", uma ciência que só terá sentido para o Eu desperto do Iniciado Hiperbóreo: tal ciência é a RÚNICA NOOLÓGICA, posta à disposição do Iniciado pela Sabedoria Hiperbórea. É claro que aqui não desenvolveremos a Rúnica nem exigiremos que se a entenda completamente: para lograr a sua compreensão é imprescindível, fundamentalmente imprescindível, ser um Iniciado Hiperbóreo, ter dado o Segundo passo da solução de Wotan e possuir o Eu ressignificado com a Arquêmona ODAL. O que faremos, por ora, será mostrar brevemente as diferenças que distinguem a Semiótica da Rúnica e definir o princípio que deve reger a aplicação das diretrizes na análise rúnica.

O objeto de estudo da Rúnica são as runas incriadas e o princípio fundamental em que se baseia afirma que "AS RUNAS REVELADAS POR WOTAN SÃO SINAIS INCRIADOS", princípio cujo significado já foi explicado. Nos variados sinais rúnicos, as runas podem aparecer unidas em distintas configurações de formas arquetípicas como, por exemplo, o sinal rúnico "Labirinto exterior"; MAS, PELA AÇÃO IMCOMPREENSÍVEL DA CHAVE KALACHAKRA, CADA SINAL RÚNICO ENCONTRA-SE REFERIDO A UMA RUNA INCRIADA. NA RÚNICA, O "PRINCÍPIO DA RUNA INCRIADA" SE UTILIZA PARA DEFINIR UMA ESPÉCIE DE "ANÁLISE DE SÍMBOLOS" QUE CONSISTE, NÃO EM DECOMPOR A ESTRUTURA DE ELEMENTOS ARQUETÍPICOS QUE FORMAM O SINAL RÚNICO, SENÃO EM DESINTEGRAR A SUPERESTRUTURA DE CONEXÕES DE SENTIDO QUE O REFEREM ÀS RUNAS INCRIADAS, DEIXANDO-AS EXPOSTAS PARA A APREENSÃO NOOLÓGICA DO EU: A ANÁLISE SEMIÓTICA PODE SER, INCLUSIVE, METAFÍSICA , CHEGANDO A REVELAR AO SUJEITO CONSCIENTE A COMPOSIÇÃO ARQUETÍPICA DE QUALQUER SINAL; A ANÁLISE RÚNICA, EM TROCA, VAI ALÉM DO METAFÍSICO, QUER DIZER, ALÉM DO ARQUÉTIPICO, POIS REVELA AO INICIADO HIPERBÓREO AS RUNAS INCRIADAS, OS SINAIS QUE PROCEDEM DA ORIGEM DO ESPÍRITO ENCADEADO, OS SINAIS QUE CONSTITUEM O SÍMBOLO DA ORIGEM.

Para aplicar a análise rúnica a um sinal rúnico complexo qualquer, a Rúnica fornece diretrizes concretas aos Iniciados Hiperbóreos: TAIS DIRETRIZES EXIGEM QUE A ANÁLISE RÚNICA SEJA PRECEDIDA POR UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA MORFOLOGIA ESTRUTURAL DO SINAL RÚNICO, QUER DIZER, POR UMA ANÁLISE QUE REVELE O GRAU DE DEFORMAÇÃO CULTURAL DO SINAL RÚNICO, COM RESPEITO À SUA FORMA ORIGINAL. É evidente, por exemplo, a diversidade de formas culturais que apresenta o sinal Labirinto exterior, todas as quais se derivaram de TIRODINGUIBURR (figura 88): então, uma análise rúnica de algum desses sinais, com o objetivo de desintegrar a superestrutura de conexões de sentido e ter acesso às runas incriadas, exige uma prévia determinação morfológica de sua deformação com respeito a Tirodinguiburr. Em "E", vamos concretizar este exemplo estudando a deformação dos sinais labirinto exterior mediante a aplicação de um método da Sabedoria Hiperbórea: a análise rúnica subsequente, entretanto, não poderemos descrever, por consistir em uma técnica própria dos Iniciados Hiperbóreos.

Contudo, uma descrição geral da Rúnica noológica, REFERIDA à Semiótica psicológica, há de permitir intuir algo mais sobre as runas incriadas e sobre a análise semiótica.

Consideremos alguns sinais complexos, objeto de estudo da Semiótica, por exemplo, a PALAVRA escrita, composta por LETRAS, ou a CIFRA escrita, composta por SINAIS NUMÉRICOS; como sabemos, o sentido destes sinais é determinado pelo contexto axiológico, pelas conexões de sentido que os unem ao conjunto de objetos culturais do contexto axiológico; mas como também sabemos, estes sinais representam conceitos da estrutura cultural e seus sentidos correspondem a significados determinados pelo contexto significativo da estrutura cultural. Pois bem, para a análise de sinais semelhantes, a Semiótica psicológica define três disciplinas principais: A Pragmática, a Semântica, e a Sintaxe.

A Pragmática ocupa-se em descrever e interpretar AS RELAÇÕES ENTRE OS SINAIS E O PASU. Com rigor, a Pragmática psicológica mais exata é aquela que se define pelas correspondências gnosiológicas e axiológicas entre o pasu e o objeto cultural, tal como foi representado na figura 73.

A Semântica estuda A RELAÇÃO ENTRE OS SINAIS E OS OBJETOS QUE REPRESENTAM, quer dizer, trata de explicar os SENTIDOS e SIGNIFICADOS dos sinais. Desde já, a Semântica psicológica mais exata é aquela que explica os sentidos e significados dos sinais como determinações do contexto estrutural, mediante um modelo estrutural análogo ao que sintetiza a figura 75.

A Sintaxe dedica-se a analisar AS RELAÇÕES DOS SINAIS ENTRE SI, POR EXEMPLO, AS “MODALIDADES LÓGICAS” DOS SISTEMAS DE SINAIS OU SUAS “FORMAS LINGUÍSTICAS”. É óbvio que a Sintaxe psicológica mais exata é aquela que se baseia na sistemática estrutural de conceitos e na faculdade tradutora do sujeito cultural, tal como foi explicado na Primeira Parte e se simbolizou na figura 14.

A estas três disciplinas clássicas da Semiótica, a Sabedoria Hiperbórea agrega a MORFOLOGIA PSICOLÓGICA, cujo objeto consiste em ESTUDAR AS RELAÇÕES ENTRE AS FORMAS ARQUETÍPICAS PURAS E AS FORMAS CONCRETAS DOS SINAIS QUE AS REPRESENTAM. Para esse fim, a Morfologia desenvolveu técnicas de análise estrutural sobre a composição dos sinais, as quais se sintetizam em passos específicos e diretrizes precisas, tal como se demonstrará em "E".

Se refletimos agora sobre algumas consequências do princípio da runa incriada, colocar-se-ão em relevo as diferenças essenciais que mantém a Rúnica noológica com a Semiótica psicológica. ANTES DE TUDO, HÁ QUE SE PERCEBER, POR SEREM SINAIS INCRIADOS, NÃO EXISTE “CONTEXTO SIGNIFICATIVO” POSSÍVEL PARA AS RUNAS, NEM NO MACROCOSMO NEM NO MICROCOSMO. SEM REFLETIR MUITO SOBRE ESTA CONSEQUÊNCIA DA RUNA INCRIADA, TER-SE-Á QUE ADMITIR UMA IMPORTANTE CONCLUSÃO: SEM CONTEXTO SIGNIFICATIVO NÃO HÁ RELAÇÃO POSSÍVEL. VALE DIZER, AS TREZE MAIS TRÊS RUNAS INCRIADAS, REVELADAS POR WOTAN AOS VIRYAS, NÃO ESTÃO ABSOLUTAMENTE RELACIONADAS ENTRE SI, NEM É POSSÍVEL EFETUAR REALMENTE UMA CONEXÃO ENTRE ELAS: NEM SEQUER É POSSÍVEL CONCEBER TAL CONEXÃO. O QUE OCORRE É QUE, POR EFEITO DA CHAVE KALACHAKRA, EXISTEM “SINAIS RÚNICOS”, REPRESENTATIVOS DA RUNAS INCRIADAS, OS QUAIS PODEM SER CONECTADOS ENTRE SI: NO SINAL COMPLEXO TIRODINGUIBURR DA FIGURA 88, POR EXEMPLO, ESTÃO “CONECTADOS” OS SINAIS RÚNICOS REPRESENTATIVOS DAS RUNAS TIR, ODAL E GIBUR. MAS OS “SINAIS RÚNICOS” SÃO ARQUETÍPICOS E, POR ISSO, É POSSÍVEL SUA INTERCONEXÃO E SÃO CONCEBÍVEIS OS MAIS DIVERSOS

TIPOS DE RELAÇÕES SEMIÓTICAS, QUER DIZER “PSICOLÓGICAS”; AS RUNAS INCRIADAS, PELO CONTRÁRIO, ESTÃO FORA DO ALCANCE DO PSICOLÓGICO, VALE DIZER, NÃO PODEM SER NEM APREENDIDAS NEM RELACIONADAS PELO ANÍMICO: SÓ O EU, O REFLEXO DO ESPÍRITO ETERNO, EM SUA ESSENCIAL INSTÂNCIA INFINITA, PODE COINCIDIR GNÓSTICAMENTE COM AS RUNAS INCRIADAS. MAS, E NISTO SE SINTETIZA O MISTÉRIO DA ORIGEM: “SE O EU PERCEBE AS RUNAS INCRIADAS, PERCEBE A SI MESMO”. POR QUÊ? RESPOSTA: PORQUE AS RUNAS INCRIADAS, COMO O VIRYA, PARTICIPAM DO INFINITO ATUAL. DAÍ QUE A GNOSE DAS RUNAS INCRIADAS SEJA UMA EXPERIÊNCIA ESTÁTICA DO INICIADO HIPERBÓREO E QUE A SABEDORIA HIPERBÓREA AFIRME A EXISTÊNCIA DE “DEZESSEIS ÊXTASES RÚNICOS”. MAS, FORA DO ÊXTASE RÚNICO, QUE É A EXPERIÊNCIA NOOLÓGICA “DE CADA” RUNA INCRIADA, AS RUNAS NÃO PODEM SER RELACIONADAS “ENTRE SI”. POR QUÊ? RESPOSTA: PORQUE NÃO É POSSÍVEL RELACIONAR O INFINITO ATUAL QUE AS ILIMITA.

Contudo: se as runas incriadas estão ilimitadas pelo infinito atual, e é impossível estabelecer uma relação entre elas, é claro que a Rúnica Noológica, a ciência dos Iniciados Hiperbóreos, TEM QUE CARECER DE SINTAXE. Entretanto, as treze mais três runas incriadas constituem A LÍNGUA DOS PÁSSAROS, a LÍNGUA TIRODAL dos Siddhas Leais de Agartha, revelada por Wotan no Livro de Cristal: ESTAMOS, POIS, ANTE A PRESENÇA INCOMPREENSÍVEL DE UMA LÍNGUA CARENTE DE SINTAXE; NA VERDADE, UM PARADOXO CAUSADO PELO INFINITO ATUAL.

Mas, enquanto ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA DOS SIDDHAS LEAIS, as runas incriadas são SIGNIFICATIVAS, pelo que a Rúnica define uma SEMÂNTICA NOOLÓGICA. Esta disciplina, cujo conhecimento cultivam os Cavalheiros Tirodal, descreve analogicamente o êxtase rúnico e estabelece as diretrizes que devem seguir os Iniciados Hiperbóreos para aproximar-se à sua experiência. Contudo, não é fácil compreender como pode ter SIGNIFICADO uma runa incriada carecendo de “contexto rúnico” sobre o qual contrastar-se, de uma “paisagem” que outorgue sentido à sua presença, de um “entorno axiológico que determine seu realce, etc. Resposta: AS RUNAS INCRIADAS SÃO SIGNIFICADOS NOOLÓGICOS ABSOLUTOS. VALE DIZER, SÃO SIGNIFICADOS EXISTENTES POR SI MESMOS, QUE NÃO REQUEREM DE NADA EXTERIOR PARA SEREM E AOS QUAIS, INVERSAMENTE, NADA EXTERIOR PODE AFETAR: AS RUNAS INCRIADAS SÃO, POIS, SIGNIFICADOS ABSOLUTAMENTE INDETERMINADOS. AS RUNAS INCRIADAS ESTÃO ILIMITADAS PELO INFINITO ATUAL E, PORTANTO, SEUS SIGNIFICADOS SÃO ILIMITADOS: ISTO IMPLICA EM QUE A RUNA É, PARA O EU DO INICIADO HIPERBÓREO, “TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL”; A RUNA, COM EFEITO, REVELA TODO O CONHECIMENTO DURANTE O ÊXTASE RÚNICO OU, SE SE QUER, “NÃO FICA NADA POR CONHECER FORA DA RUNA”.

Mas, se no êxtase de uma runa poderia se experimentar TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL, dado que seu significado é absoluto, como pode existir uma PLURALIDADE de runas incriadas? Quer dizer, como pode ser cada runa TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL e existir simultaneamente? Resposta: trata-se aqui de outro paradoxo real causado pelo infinito atual; NA VERDADE, PARA O ESPÍRITO HIPERBÓREO ENCADEADO PELA CHAVE GENÉTICA, É IMPOSSÍVEL PERCEBER ESTATICAMENTE MAIS DE UMA RUNA INCRIADA, DEVIDO À FOCALIZAÇÃO DE SEU EU INFINITO COMO SELBST (FIGURA 30): O SELBST, QUE É QUEM EXPERIMENTA O ÊXTASE RÚNICO DO INICIADO, SÓ PODE COINCIDIR COM

"UMA" RUNA POR VEZ PORQUE SEU INFINITO ATUAL A ILIMITA E SEPARA ABSOLUTAMENTE DAS OUTRAS; MAS, A RUNA NÃO É O SELBST, TRATA-SE DE DOIS SERES DIFERENTES, E, POR ISSO, O SELBST PODE SE RETIRAR DA RUNA COLOCANDO FIM AO ÊXTASE; É POSSÍVEL, ENTÃO, EXPERIMENTAR OUTRA RUNA, QUE TAMBÉM SERÁ "TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL" E, ENTRETANTO, DISTINTO DA RUNA ANTERIOR. EM SÍNTESE, A IGNORÂNCIA DAS RUNAS INCRIADAS CONSTITUI SUA PLURALIDADE E RELATIVIDADE INFINITAS; A GNOSE DE UMA RUNA INCRIADA CONSTITUI O ÊXTASE DO SIGNIFICADO ABSOLUTO.

E AQUI É ONDE DEVE SE BUSCAR O PRINCÍPIO DA "LÍNGUA DOS PÁSSAROS", DA LÍNGUA TIRODAL DOS INICIADOS HIPERBÓREOS, DA LÍNGUA CUJAS PALAVRAS NÃO ADMITEM SINTAXE, MAS EXPRESSAM TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL: É A SUCESSÃO DE ÊXTASES RÚNICOS, O IR E VIR DO SELBST ÀS RUNAS INCRIADAS, O QUE CONSTITUI O FATO DA LÍNGUA TIRODAL; UMA SUCESSÃO, UM IR E VIR, QUE É PROVA DO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL; A LÍNGUA QUE NÃO TEM SENTIDO ALÉM DA ORIGEM, QUE NÃO PODE EXISTIR PARA UM ESPÍRITO-ESFERA NORMAL, NÃO INVERTIDO, PARA UM ESPÍRITO HIPERBÓREO ETERNO E INFINITO; UMA LÍNGUA, ENFIM, QUE, ENQUANTO "SUCESSÃO" DE ÊXTASES RÚNICOS, É REPRESENTADA NA SEMÂNTICA NOOLÓGICA COM O SINAL SIEG.

Pois bem, não obstante as reservas que suscita uma língua cuja razão de ser origina-se da queda e o encadeamento do Espírito, seu domínio é considerado prova da mais elevada espiritualidade pela Sabedoria Hiperbórea. Daí que os Cavalheiros Tirodal se dediquem com afinco ao estudo da Semântica noológica e da outra grande disciplina da Rúnica: a PONTÔNICA NOOLÓGICA, quer dizer, a CIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE PONTES, a Sabedoria dos Pontífices Hiperbóreos. Para sintetizar o objeto e alcance de ambas as disciplinas, devemos observar que: ENQUANTO A "SEMÂNTICA NOOLÓGICA" ESTUDA OS ÊXTASES RÚNICOS E DESCREVE OS MODOS DE APROXIMAÇÃO À SUA EXPERIÊNCIA, A "PONTÔNICA NOOLÓGICA" IMPLICA NA EFETIVA EXPERIMENTAÇÃO DAS RUNAS INCRIADAS E O DOMÍNIO DA LÍNGUA TIRODAL. Quer dizer que a semântica noológica constitui a TEORIA da Rúnica, enquanto a Pontônica expõe sua PRÁXIS. Esta práxis da Pontônica noológica é a que muitas vezes mencionamos com o nome de RESSIGNIFICAÇÃO; O DOMÍNIO DA LÍNGUA TIRODAL E A RESSIGNIFICAÇÃO, COM EFEITO, SÃO UMA E A MESMA COISA: É O ÊXTASE DAS RUNAS INCRIADAS O QUE PERMITE AO SELBST RESSIGNIFICAR OS DESÍGNIOS DEMIÚRGICOS.

Pelo que vemos, a Rúnica noológica define uma Semântica e uma Pontônica, mas carece de sintaxe; a Semiótica psicológica, por seu lado, possui Semântica, Sintaxe, e PRAGMÁTICA, quer dizer, uma disciplina que estuda e descreve AS RELAÇÕES ENTRE OS SINAIS E O PASU. Um papel análogo ao da Pragmática na Semiótica psicológica, desempenha a ÉTICA NOOLÓGICA na Rúnica noológica: A RIGOR, A ÉTICA NOOLÓGICA ESTABELECE O VÍNCULO ENTRE A SEMÂNTICA E A PONTÔNICA NOOLÓGICA. Desde já, por se tratar de disciplinas iniciáticas, tal VÍNCULO é NECESSÁRIO E INEVITÁVEL, impossível de saltar: NENHUM INICIADO HIPERBÓREO, AINDA QUE COMPREENDA COM PROFUNDIDADE A TEORIA DA SEMÂNTICA NOOLÓGICA, PODERÁ ADQUIRIR A PRÁXIS DA PONTÔNICA NOOLÓGICA SEM ACEITAR OS PRINCÍPIOS DA ÉTICA NOOLÓGICA. Como se exporá no artigo seguinte, a efetiva experiência das runas incriadas requer que o Eu assuma uma ATITUDE ÉTICA PRÉVIA.

**D – O princípio cardinal da Ética Noológica.**

Recordemos os dois passos propostos por Wotan para dar solução ao problema do encadeamento espiritual.

**Primeiro Passo:** DESPERTAR E ORIENTAR o Eu mediante TIRODINGUIBURR, o sinal do Labirinto exterior.

**Segundo Passo:** REVELAR A SAÍDA SECRETA diretamente ao Eu mediante a gnose do Labirinto interior.

O Primeiro Passo consiste em COMPREENDER O SIGNIFICADO do sinal rúnico TIRODINGUIBURR, quer dizer, O PRIMEIRO PASSO É CONTEMPLADO PELA TEORIA DA SEMÂNTICA NOOLÓGICA.

O Segundo Passo requer que o Eu CONHEÇA A SAÍDA SECRETA, O SEGREDO DO ÂNGULO RETO; vale dizer, O SEGUNDO PASSO É COMPREENDIDO PELA PRÁXIS E A PONTÔNICA NOOLÓGICA.

Primeiro e Segundo passos vêm, assim, a ficar sob o alcance da Rúnica noológica. Observemos agora a solução de Wotan de outro ponto de vista. Olhando bem, ficará evidente que o virya que deu o Primeiro Passo, e que tem o seu Eu DESPERTO E ORIENTADO, enfrenta então a pergunta: O QUE DEVO FAZER para liberar meu Espírito? Como se vê, trata-se de uma pergunta que só admite uma resposta ética. A esta pergunta, a Ética Noológica responde com a única resposta possível: O EU DEVE APRESENTAR UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO. Tal atitude ética há de ser PRÉVIA à execução do Segundo Passo; ou, com outras palavras: SE O VIRYA NÃO APRESENTA UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA, FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO, NÃO PODERÁ JAMAIS CONHECER O SEGREDO DO ÂNGULO RETO NEM CONSEGUIRÁ ISOLAR SEU EU; O SEGUNDO PASSO ESTARÁ VEDADO PARA ELE. Por outro lado, e aqui se vislumbra o alcance da resposta, A FACULDADE DE ANAMNESE SÓ FACULTA A SITUAR-SE EM I.H.P.C. O EU GRACIOSO LUCIFÉRICO: QUEM NÃO APRESENTE UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA FRENTE AOS SÍMBOLOS SAGRADOS TAMPOUCO DISPORÁ DA FACULDADE DE ANAMNESE, NEM QUE SEJA UM INICIADO HIPERBÓREO; E QUEM NÃO DISPONHA DA FACULDADE DE ANAMNESE, MESMO QUE TENHA ISOLADO SEU EU NA ARQUÊMONA ODAL, NÃO CONSEGUIRÁ CONSTRUIR A ESCADA CARACOL ATÉ O PONTO TAU, ATÉ A ORIGEM. Os Siddhas Leais, ao promoverem o estudo da Rúnica noológica entre os Iniciados Hiperbóreos, visam justamente saltar obstáculos nessa direção: com a Ética Noológica, o virya, desperto e reorientado, conhecerá e adotará a atitude graciosa lucifférica; com tal atitude frente aos símbolos sagrados se desenvolverá sua faculdade de anamnese e poderá aprender a Pontônica noológica; e com os princípios e leis da Pontônica construirá a ESCADA CARACOL, entre a praça Tau (τ) e o ponto de Origem Tau, e a ESCADA INFINITA, entre o ponto Tau e o Selbst. A ESFERA EHRE de vontade egoica (figura 32), por exemplo, depende exclusivamente da atitude graciosa lucifférica do Eu para formar-se e crescer. É claro, então, que a ATITUDE ÉTICA PRÉVIA ao Segundo Passo se converterá, após a iniciação, na ATITUDE ÉTICA PERMANENTE do Iniciado Hiperbóreo.

A Ética Noológica descreve a atitude ética prévia do Eu no contexto de uma TIPOLOGIA NOOLÓGICA DO VIRYA PERDIDO, que será desenvolvida nos próximos artigos. Para efetuar tal descrição, e oferecer a resposta anterior, a Ética Noológica se baseia em seu PRINCÍPIO CARDINAL:

A RUNA INCRIADA É A VERDADE DO VIRYA.

Para efeito de compreender o princípio cardinal, há que se estabelecer o que exclui e o que inclui. O que exclui é evidente: TUDO O QUE NÃO É A RUNA INCRIADA

NÃO É VERDADE. Em consequência: TUDO O QUE NÃO É A RUNA INCRIADA É MENTIRA, UM ENGANO, UMA ILUSÃO CRIADA PELO DEMIURGO. Recordemos que "a verdade do ente", para o pasu, procede dos desígnios demiúrgicos, do ser-para-o-homem revelado à razão e esquematizado na estrutura cultural como conexão ou Relação: esta "verdade" do pasu é diametralmente oposta à verdade do virya pois, ENQUANTO A RUNA INCRIADA EXISTE POR SI MESMA, ABSOLUTA, ETERNA E INFINITA, A "VERDADE" DO PASU, COMO TODA MENTIRA, DEVE SER SUSTENTADA PELA FÉRREA VONTADE DO DEMIURGO. Os desígnios são afirmados e plasmados nos entes pelo Aspecto Logos do Uno, enquanto seus restantes Aspectos sustentam e controlam a evolução do conjunto de entes do Universo: o Universo íntegro é, então, um Engano construído sobre o suporte fundamental da demencial Vontade do Uno; se, por acaso, essa vontade de manifestar-se se apagasse, sobreviria o Pralaya, o Universo inteiro se desmontaria no nada como toda mentira descoberta. PORQUE A MENTIRA, QUE NÃO É, NECESSITA SER SUSTENTADA PARA APARENTAR SER; MAS A VERDADE, QUE É, NÃO NECESSITA SER SUSTENTADA POR NADA FORA DE SEU PRÓPRIO SER. A RUNA INCRIADA, QUE SE SUSTENTA POR SI MESMA, É A VERDADE DO VIRYA E TUDO O QUE NÃO É A RUNA INCRIADA NÃO É VERDADE, É UMA ILUSÃO CRIADA PELO DEMIURGO.

É claro que à verdade do virya não é fácil se aproximar: A VERDADE DO VIRYA SÓ PODE SER CONHECIDA DURANTE O ÊXTASE RÚNICO, QUANDO O SELBST COINCIDE NO INFINITO ATUAL COM A RUNA INCRIADA. Tudo ao contrário da "verdade" do pasu, que só requer uma mera percepção sensorial do ente para revelar-se à razão.

E o que inclui o princípio cardinal da Ética neológica? Resposta: DURANTE O ÊXTASE RÚNICO, QUANDO O SELBST EXPERIMENTA O SIGNIFICADO ABSOLUTO DA RUNA INCRIADA, "TUDO O QUE O SELBST NÃO É, DA RUNA É". Mais claramente, durante o êxtase rúnico, TUDO O QUE O ESPÍRITO NÃO É, DA RUNA INCREADA É; E, PELA VERDADE, O ESPÍRITO SABE QUE É.

Daí que se deduz que, PARA A ÉTICA NOOLÓGICA, A VERDADE É UMA EXPERIÊNCIA A PRIORI DA LIBERDADE: A VERDADE PODE SER EXPERIMENTADA PELO EU NO ÊXTASE RÚNICO, MESMO ESTANDO ENCADEADO; CONTRARIAMENTE, SEM CONHECER A VERDADE, NÃO HÁ LIBERDADE POSSÍVEL DO ESPÍRITO: SÓ O DOMÍNIO DA "VERDADE DO VIRYA" ASSEGURA O RETORNO À ORIGEM E A NORMALIDADE DO ESPÍRITO-ESFERA INVERTIDO; SÓ A VERDADE PERMITE CONHECER O QUE ELA NÃO É E REJEITÁ-LO, TOMANDO DISTÂNCIA DA MENTIRA MACROCÓSMICA. O EU QUE TENHA A VERDADE SERÁ LIVRE E NENHUM EU SERÁ LIVRE SE NÃO EXPERIMENTA A VERDADE DA RUNA INCRIADA: SEM SUA VERDADE, O VIRYA SERÁ ENGANADO PELO TERRÍVEL SEGREDO DE MAYA E ACABARÁ ENCURRALADO NOS MAIS OBTUSOS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICOS, EM "OUTROS MUNDOS" ESTRANHOS E LONGÍNQUOS; NÃO SERÁ LIVRE PARA REGRESSAR À ORIGEM NEM PARA ABANDONAR O UNIVERSO DO UNO. Para a Ética Noológica, a liberdade do Espírito sem a verdade da runa incriada é uma proposição carente de significado, uma mentira a mais. Esta é a verdade: "PELA GNOSE DA VERDADE, A LIBERDADE"; ou seja, PELA GNOSE DA VERDADE DA RUNA INCRIADA ASSEGURA-SE A LIBERDADE DO ESPIRÍTO ENCADEADO. Há, pois, dois conceitos de "liberdade" diametralmente opostos e irreconciliáveis: um é o de LIBERDADE CEGA, a crença de que a ignorância das determinações macrocósmicas se traduzem em um estado de liberdade "natural", quer dizer, o princípio de liberdade que formula a Ética psicológica do pasu; o outro conceito é o de LIBERDADE GNÓSTICA, a liberdade

obtida pelo conhecimento da verdade da runa incriada, quer dizer, o princípio de liberdade que ensina a Ética Noológica do virya.

Após a sua inversão e encadeamento, de sua atuação MAIS PARA CÁ da origem, A VERDADE FICOU FORA DO ESPÍRITO; daí a importância do êxtase rúnico: PELA VERDADE O EU SABE O QUE É. Mas a verdade do virya é a runa incriada, que consiste em um significado absoluto: o êxtase da runa incriada compreende TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL. Por isso, o Eu, além de saber O QUE É, durante o êxtase rúnico sabe também O QUE NÃO É: "TUDO O QUE O ESPÍRITO NÃO É, DA RUNA INCRIADA É".

Tal é a consequência da inversão e encadeamento: o Espírito Hiperbóreo, desde então, SÓ PODE CONHECER A VERDADE DA RUNA INCRIADA PORQUE ELA ESTÁ "MAIS PARA CÁ" DA ORIGEM E NA ORIGEM; o enunciado "TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL" deve se entender "PARA O ESPÍRITO INVERTIDO E ENCADEADO". "ALÉM" da Origem, de onde veio o Símbolo da Origem, composto pelas treze mais três runas incriadas, há uma realidade que escapa à compreensão do Espírito invertido: ALI ESTÁ A REALIDADE DO VERDADEIRO DEUS DOS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS, AO QUAL É PRUDENTE REFERIR-SE COMO "O INCOGNOSCÍVEL".

NÃO É POSSÍVEL CONHECER O VERDADEIRO DEUS, ESTANDO O ESPÍRITO INVERTIDO E ENCADEADO. ENTRETANTO, AS RUNAS INCRIADAS PROCEDEM DE "ALÉM" DA ORIGEM, QUER DIZER, DA REALIDADE DO VERDADEIRO DEUS: SE ELAS SÃO "TODO O SIGNIFICADO POSSÍVEL" DE QUE DISPÕE O ESPÍRITO INVERTIDO, CABE SE PERGUNTAR SE DE ALGUM MODO AS RUNAS INCRIADAS NÃO REVELAM O VERDADEIRO DEUS, SE O INCOGNOSCÍVEL NÃO ESTÁ INCLUÍDO NA VERDADE DO VIRYA. RESPOSTA: SE O ESPÍRITO, O SELBST, O EU, O RECLAMA, O VERDADEIRO DEUS SE MANIFESTARÁ DURANTE O ÊXTASE RÚNICO, MAS NÃO GNOSTICAMENTE SENÃO VOLITIVAMENTE: POR ISSO, NÃO É POSSÍVEL CONHECÊ-LO, SENÃO COMPROVAR A ACÃO DE SUA FORÇA, QUE REFORÇA A ESFERA EHRE. A VONTADE DO VERDADEIRO DEUS SE DENOMINA "PARÁKLITO" OU "VONTADE GRACIOSA DO INCOGNOSCÍVEL".

Em síntese, nisto consiste a construção da esfera Ehre: o Eu, com atitude graciosa lucifférica, deve conseguir que se manifeste o Paráklito durante o êxtase rúnico, quer dizer, que coincida no infinito atual: SUA PRESENÇA NÃO OFERECERÁ NENHUM CONHECIMENTO À PARTE DA VERDADE DA RUNA INCRIADA, MAS, EM TROCA, TRANSMUTARÁ A ESTRUTURA PSÍQUICA DO VIRYA, CRIANDO UMA ESFERA DE VONTADE EGOICA EM TORNO DO SELBST (figura 32). A esfera Ehre, cujo conteúdo é uma energia extra oferecida pelo Paráklito, torna-se, assim, uma fonte de força volitiva que o Eu consome para reforçar sua própria essência volitiva. Tal é a Graça do Verdadeiro Deus: QUE O ESPÍRITO INVERTIDO E ENCADEADO NÃO CAREÇA JAMAIS DA FORÇA NECESSÁRIA PARA CONCRETIZAR SUA LIBERAÇÃO. SE A FORÇA VOLITIVA É INSUFICIENTE, O EU SEMPRE DISPORÁ DA POSSIBILIDADE DE RECLAMAR O AUXÍLIO DO PARÁKLITO. NÃO OBSTANTE, SUA PRESENÇA TRANSMUTADORA SÓ SE MANIFESTARÁ ÀQUELE VIRYA QUE EXPRESSE UMA "ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA", VALE DIZER, A QUEM TENHA RECEBIDO A MENSAGEM CARISMÁTICA DO GRAL DE KRISTO LÚCIFER, O ENVIADO DO INCOGNOSCÍVEL, E SE TENHA ALINHADO CARISMATICAMENTE EM SEU BANDO GUERREIRO.

Resumindo, a Ética Noológica apresenta ao virya o princípio cardinal e lhe informa da obrigação de conhecer a verdade e liberar seu Espírito cativo; o virya sabe,

desde então, onde está a verdade e onde há que ir buscá-la: o Eu Infinito, no Selbst, deve experimentar o êxtase rúnico e conhecer o significado absoluto da runa incriada: deve reclamar também, o auxílio do Paráclito; mas, para isso, é imprescindível dar o Segundo Passo; a Ética Noológica indica como dá-lo: "o Eu deve apresentar uma atitude graciosa luciférica frente ao símbolo sagrado". É fácil avaliar, agora, a importância de compreender em que consiste esta atitude ética prévia ao isolamento do Eu, quer dizer, que deve fazer o Eu para apresentar uma atitude graciosa luciférica frente ao símbolo sagrado. A resposta será oferecida e explicada com detalhes nos seguintes artigos; só agregaremos, para esclarecer o método expositivo, que, a partir daqui, se exemplificará um fato concreto: a degradação e deformação dos símbolos sagrados; como caso geral, vamos tomar TIRODINGUIBURR, o sinal Labirinto exterior de Wotan, e vamos demonstrar, mediante uma análise morfológica, a deformação de uma série de sinais labirinto exterior derivados daquele; isto se dará no artigo seguinte; logo que se tenha destacado a evidência da deformação, nos artigos posteriores se explicará que a causa reside na degradação dos símbolos sagrados e se descreverá o autor de todas degradações análogas: a "atitude lúdica" do virya perdido; definiremos, assim, o primeiro "tipo" da tipologia Aberro, cujos restantes expoentes são o "sacralizante" e o "gracioso luciférico".

**E – Análise semiótica dos sinais labirinto exterior.**

**E1 – Degradação e deformação do símbolo sagrado do virya.**

Desde que foi instituído por Wotan, nos dias posteriores ao afundamento de Atlântida, o Mistério do Labirinto sofreu uma permanente degradação cultural que o tornou finalmente incompreensível, até que John Dee o consagrou novamente na Idade Média. Esta degradação é evidente, particularmente, no sinal iniciático do Mistério do Labirinto, isto é, em Tirodinguiburr, ao qual se foi deformando e mudando de significado com a finalidade de causar sua inoperância: de todos os Mistérios da Antiguidade, o do Labirinto foi o mais atacado pela estratégia de Chang Shambala, tarefa na qual ainda hoje em dia prosseguem com esmero os agentes da Sinarquia Universal. Como produto da conspiração que se abateu mundialmente sobre o símbolo sagrado do virya, criaram-se uma grande variedade numérica de sinais exteriores derivados de Tirodinguiburr: tal variedade é MORFOLOGICAMENTE DIFERENTE, quer dizer, trata-se, em todos os casos, de DEFORMAÇÕES do Labirinto exterior de Wotan. Entretanto, PARA DEFORMAR UM SÍMBOLO SAGRADO, EM QUALQUER CULTURA, É NECESSÁRIO DEGRADÁ-LO PREVIAMENTE, BAIXÁ-LO DO CONTEXTO ARQUETÍPICO ATÉ O NÍVEL MAIS BAIXO DO CONTEXTO AXIOLÓGICO HABITUAL. Neste artigo "E", indicar-se-ão as diretrizes sobre as quais se deve basear o exame da deformação dos labirintos exteriores, e, nos seguintes, estudar-se-ão com detalhes as causas da degradação dos símbolos sagrados.

**E2 – Diretrizes para a análise semiótica.**

Indubitavelmente, há que se começar esclarecendo por que escolhemos examinar os sinais labirinto exterior deformados, responder que importância tem esse conhecimento para o virya. Resposta: A SABEDORIA HIPERBÓREA AVALIA O GRAU DE ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA DOS MEMBROS RACIAIS DE UMA CULTURA ESTABELECENDO O GRAU DE DEFORMAÇÃO DA SUA VERSÃO TRADICIONAL DO SINAL LABIRINTO EXTERIOR. OS INICIADOS HIPERBÓREOS, MEDIANTE UMA SIMPLES ANÁLISE DO SINAL LABIRINTO EXTERIOR CARACTERÍSTICO DE UMA

CULTURA, SÃO CAPAZES DE ESTABELECER COM PRECISÃO SEU VALOR ESOTÉRICO OU EXOTÉRICO, SEU PODER COMO SÍMBOLO SAGRADO INDUTOR DO MISTÉRIO DO LABIRINTO, SE É ÚTIL PARA DAR O PRIMEIRO OU O SEGUNDO PASSO NA SOLUÇÃO AO PROBLEMA DO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL PROPOSTO POR WOTAN, ETC.

Para efetuar tal avaliação, os Iniciados Hiperbóreos dispõem de DIRETRIZES concretas, quatro das quais apresentaremos em seguida, como exemplo: A APLICAÇÃO DESTAS NA ANÁLISE SEMIÓTICA COLOCARÁ ORDEM NO APARENTE CAOS DOS SINAIS LABIRINTO E DEMONSTRARÁ QUE TODOS ELES SE AJUSTAM A UMA LEI DE INVOLUÇÃO SEMIOLÓGICA, CUJO PRINCÍPIO É A DEFORMAÇÃO E CUJA FINALIDADE É A MUDANÇA DE SIGNIFICADO.

Primeira diretriz – ANALISAR A CENTRALIDADE DA RUNA ODAL.

Segunda diretriz – ANALISAR SE A RUNA GIBUR FOI DECOMPOSTA EM DUAS RUNAS SUÁSTICAS OPOSTAS.

Terceira diretriz – ANALISAR SE EXISTE INVERSÃO RÚNICA.

Quarta diretriz – EXAMINAR SE EXISTE PERDA DE RETILINEARIDADE.

O significado destas diretrizes ficará claro se observamos sua aplicação na análise de uma série de sinais labirinto exterior representativos do processo de deformação. Contudo, antes de começar, convém reiterar que a análise semiótica que vamos enfrentar não será nem pragmática, nem semântica, nem sintática: "A estas três disciplinas clássicas da Semiótica, a Sabedoria Hiperbórea agrega a MORFOLOGIA PSICOLÓGICA, cujo objeto consiste em ESTUDAR AS RELAÇÕES ENTRE AS FORMAS ARQUETÍPICAS PURAS E OS SINAIS SAGRADOS QUE AS REPRESENTAM. Para esse fim, a Morfologia desenvolveu técnicas de análise estrutural sobre a composição dos sinais, as quais se sintetizam em passos específicos e diretrizes precisas". Justamente, as quatro diretrizes anteriores pertencem à Morfologia psicológica.

**E3 – Primeira diretriz.**

Antes de tudo, observemos a figura 88 e notemos que a runa limitante Odal ocupa uma posição central no sinal Tirodinguiburr: esta runa, segundo se explicou, é uma Arquêmona cuja fenestra infernalis encontra-se no ângulo reto que fica de frente ao corredor fechado Beta. Quem chegue a Beta (β) no kairos da Iniciação Hiperbórea, e conheça o segredo do ângulo reto, poderá ingressar à praça Tau (τ) e achar a saída secreta para a Origem: tal o significado de Tirodinguiburr no Mistério do Labirinto. Desgraçadamente, com o avanço do Kaly Yuga, este significado foi degradado pelos viryas, causando que o símbolo sagrado caísse no exoterismo e se eclipsasse o Mistério; o processo de queda no exoterismo seguiu invariavelmente esta ordem: dos Pontífices Hiperbóreos, expoentes do "tipo gracioso luciférico" e únicos capacitados para guardar o Mistério, o símbolo sagrado caiu em mãos dos Sacerdotes, membros do "tipo sacralizante", os quais tentaram preservar A FORMA do Mistério instituindo um CULTO; como, em que pese a isto, a degradação continuou, o símbolo sagrado acabou por cair em mãos dos Jogadores sacrílegos, pertencentes ao "tipo lúdico", transformado em objeto de jogo vulgar. Estes "tipos" serão claramente definidos mais adiante. O que há que se compreender agora é que o tipo lúdico sempre recebe o símbolo sagrado do tipo sacralizante e que este, por sua vez, o recebe do tipo gracioso luciférico: contudo, OS DOIS ÚLTIMOS ESTÁGIOS DA QUEDA, DO TIPO SACRALIZANTE AO TIPO LÚDICO, SÃO ANÁLOGOS NOS PROCESSOS DE TODOS OS SÍMBOLOS SAGRADOS, NÃO SÓ O DO VIRYA: TODO SÍMBOLO SAGRADO, QUE A PRINCÍPIO

FOI OBJETO DE CULTO, AO LONGO DOS TEMPOS TERMINA SENDO OBJETO DE JOGO. Devemos recordar esta conclusão porque será muito útil nos próximos artigos.

Voltando ao símbolo sagrado do virya da figura 88, o primeiro efeito da queda no exoterismo foi A PERDA DO SEGREDO DO ÂNGULO RETO. Isso produziu que não se soubesse, e até se duvidasse, que houvesse algum modo de ingressar na praça Tau: sem abrir a fenestra infernalis, Tirodinguiburr aparenta apresentar, mais do que um Mistério, um problema absurdo. Para vencer essa impossibilidade, e salvar em algo sua função operacional, os viryas perdidos substituíram o ângulo reto da fenestra infernalis por uma porta X normal, tal como se mostra na figura 90.

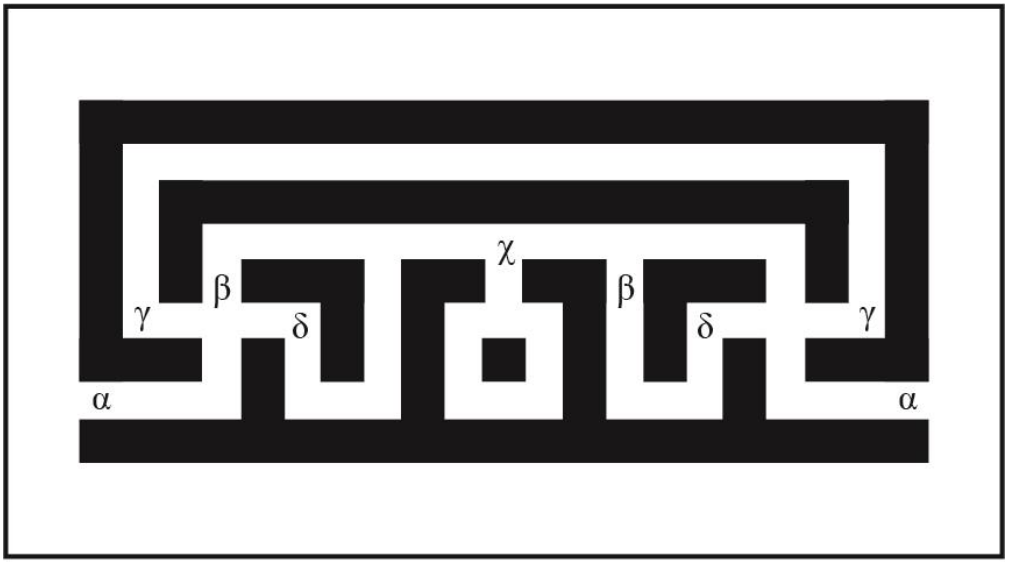



FIGURA 90

É evidente que assim, mesmo que a praça ocupe uma posição central, já não se encontra totalmente rodeada pela Arquêmona Odal; em consequência, JÁ NÃO É POSSÍVEL APLICAR O PRINCÍPIO DO CERCO PORQUE O VALLO OBSESSO ESTÁ INTERROMPIDO NA PORTA X: SEM PRINCÍPIO E, PORTANTO, NEM TÉCNICA ARQUEMÔNICA NEM OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA. Claro que isto não preocupa os viryas perdidos porque agora podem ingressar sem dificuldade na praça, através da porta X; o problema é que uma vez ali já não sabem o que fazer para sair do labirinto; por isso, para forçar um milagre ou receber alguma inspiração salvadora do alto, a solução mais prática parece ser TRANSFORMAR A PRAÇA EM TEMPLO. Nesta fase da queda, o labirinto exterior é dotado de um TEMPLO CENTRAL, no qual se instala o ídolo de Deus mais confiável e ao qual se dedica um CULTO especial.

Se percebemos que os Pontífices Hiperbóreos SÃO CONSTRUTORES DE MURALHAS DE GUERRA, de acordo com a Sabedoria Hiperbórea dos Siddhas Leais

de Agartha, e que os Sacerdotes SÃO CONSTRUTORES DE TEMPLOS PARA O CULTO DO DEMIURGO, de acordo com a chave Kalachakra dos Siddhas Traidores de Chang Shambala, compreender-se-á que em um labirinto exterior como o da figura 90, a deformação e perda de significado é quase irreparável: DE VALO OBSESSO APTO PARA APRESENTAR UMA SITZKRIEG, UMA GUERRA DE SÍTIO, CONTRA O DEMIURGO, A PRAÇA DE TIRODINGUIBURR TORNA-SE UM TEMPLO PARA RENDER CULTO AO DEMIURGO. Na figura 90, o quadrado central negro assinala o templo central na praça, ou o ídolo correspondente. Mas isto não será tudo, ainda que pareça muito: a degradação continuará e, em uma fase cultural posterior, exigir-se-á que o templo possua quatro portas laterais, analogamente a como se representou na figura 91.

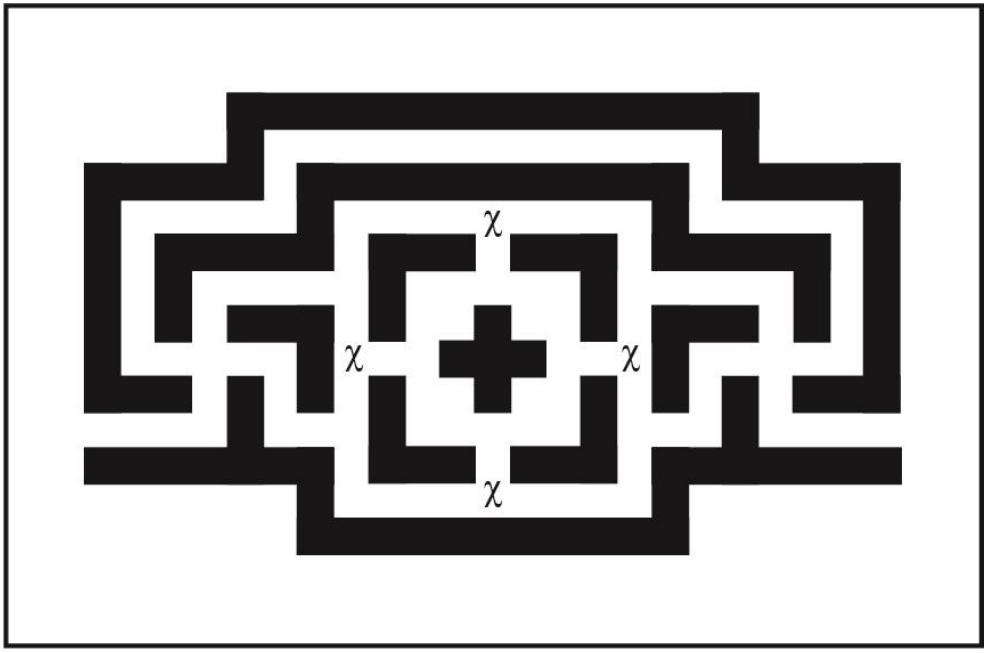


FIGURA 91

O motivo desta exigência há que se buscar no inconsciente dos viryas perdidos, mais precisamente, na "QUADRANGULARIDADE DA ESFERA DE SOMBRA" causada pela chave genética; o parágrafo seguinte, transcrito do inciso "J" da Segunda Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, há de nos ajudar a recordar esse efeito: "O Símbolo da Origem, ao causar a distomia de todo significado contínuo da estrutura psíquica, ao torná-la um "labirinto interior" para a apercepção do Eu perdido, produz um curioso efeito subjetivo denominado "quadrangularidade da

esfera de sombra". Este efeito, que não é mais do que a assimilação de toda a esfera de sombra à forma do tetrarque, produz no Eu a impressão de que o inconsciente da estrutura psíquica é regido pelo número quatro; inversamente, costuma ocorrer que O NÚMERO QUATRO REGE INCONSCIENTEMENTE A APERCEPÇÃO DO EU E DETERMINA A CARDINALIDADE DO PENSAMENTO. As quatro estações, os quatro pontos cardinais, os quatro ventos, os quatro elementos, as quatro idades, etc., são divisões arbitrárias do real causadas pela forma "tetrárquica" da esfera de sombra". E, poderíamos somar a esses exemplos, AS QUATRO PORTAS DO TEMPLO DA FIGURA 91. É claro, pois, que os viryas perdidos que projetaram as quatro portas do templo central tinham seu Eu extraviado objetivamente nos pontos tetrarque do caminho LABRELIX, por causa do encadeamento espiritual por chave genética.

A primeira diretriz manda "ANALISAR A CENTRALIDADE DA RUNA ODAL" no sinal labirinto exterior considerado. Sempre com referência a Tirodinguiburr da figura 88, os labirintos das figuras 90 e 91 revelam a deformação da Arquêmona Odal e sua substituição por um templo quadrangular, a causa da perda do ângulo reto: o templo, não obstante, ainda conserva a situação central da runa Odal e ao mesmo só se pode chegar por meio de uma rede de corredores. Quer dizer, que parte do significado original se conservou, pois ainda existe uma entrada alfa (α) e uma "saída" Tau (τ) "para o céu" ou "para Deus", etc., representada pelo templo central. Aquele que ingressa por alfa se vê igualmente submetido à sequência "busca, opção e escolha", ainda que, após encontrar o corredor conducente ao centro Beta, o ingresso ao templo não oferecerá nenhum "Mistério", devido à abertura permanente que apresenta a porta X. Como conclusão desta análise, pode-se diagnosticar que os labirintos das figuras 90 e 91 só são aptos para o Primeiro Passo da solução de Wotan, "despertar e orientar": a compreensão do significado "busca, opção e escolha", com efeito, desperta e orienta o virya perdido, e ainda poderia induzir a "gnose do labirinto exterior", vale dizer, permite completar o Primeiro Passo. Entretanto, a perda do segredo do ângulo reto e a ausência da runa Odal no centro do labirinto, impedem o emprego do "princípio do isolamento do Eu", a revelação da "saída secreta" em que consiste o Segundo Passo.

As consequências destas deformações não podem ser mais negativas para o virya: uma vez DESPERTO, quer dizer, consciente de seu extravio, e ORIENTADO para a Origem, no centro do labirinto não encontra mais a praça liberada da qual se observa a Origem e se constrói a escada caracol para o ponto Tau, senão um templo dedicado ao culto do Uno, ou seja, uma posição para dar o "grande salto" para o Princípio. Nos labirintos exteriores do tipo das figuras 90 e 91, segundo a primeira diretriz, o virya corre o risco certo de tornar-se um iniciado sinarca e ser incorporado à hierarquia Branca de Chang Shambala: no lugar do "regresso a Origem" do Eu, a operação destes labirintos deformados conduzem o sujeito anímico de regresso ao Princípio do Arquétipo, causando o definitivo e irreversível escoamento do Símbolo da Origem (ver artigo "O" do Tomo Quatro dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea).

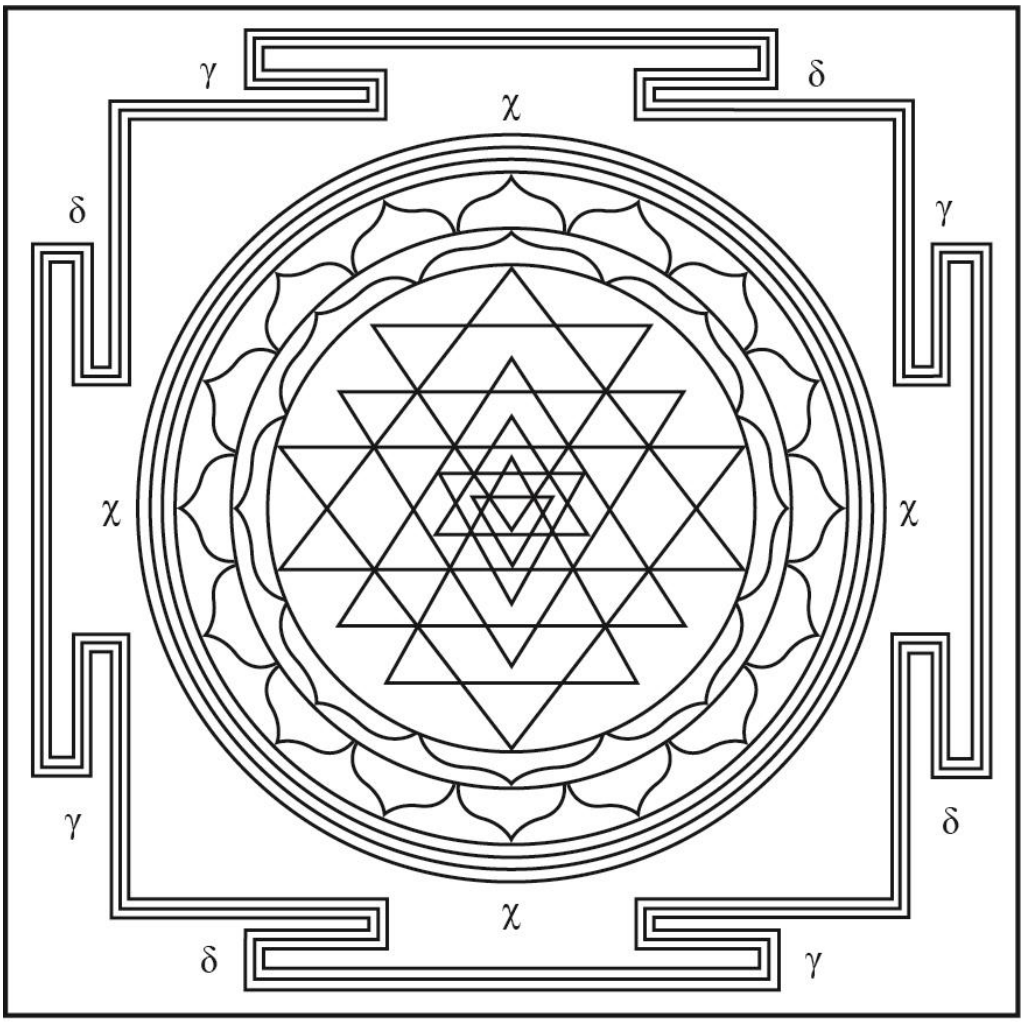



FIGURA 92

Indubitavelmente, um processo de degradação como o que estamos analisando não iria deter-se no labirinto da figura 91. O passo seguinte da queda consistiu na exaltação do templo central e na redução dos corredores conducentes às quatro portas X: como se vê na figura 92, ali não existe possibilidade de empregar o labirinto exterior para dar o Primeiro passo da solução de Wotan. O labirinto, mal reconhecível neste YANTRA chamado SCHRY, já não apresenta a sequência de "busca, opção e escolha" ao virya perdido: já não há entrada Alfa que conduza a uma divisão, nem corredor Beta para a praça Tau; só se conservam, em cada porta X, dois

corredores laterais que permitem o acesso direto ao templo central. Uma variante, ainda mais exotérica, do Schry yantra, eliminou finalmente os corredores laterais Gama (γ) e Delta (δ), tal como se mostra a figura 93: só resta aqui, do Tirodinguiburr original, os quatro ângulos entre as portas X, que mal recordam a runa Odal central.

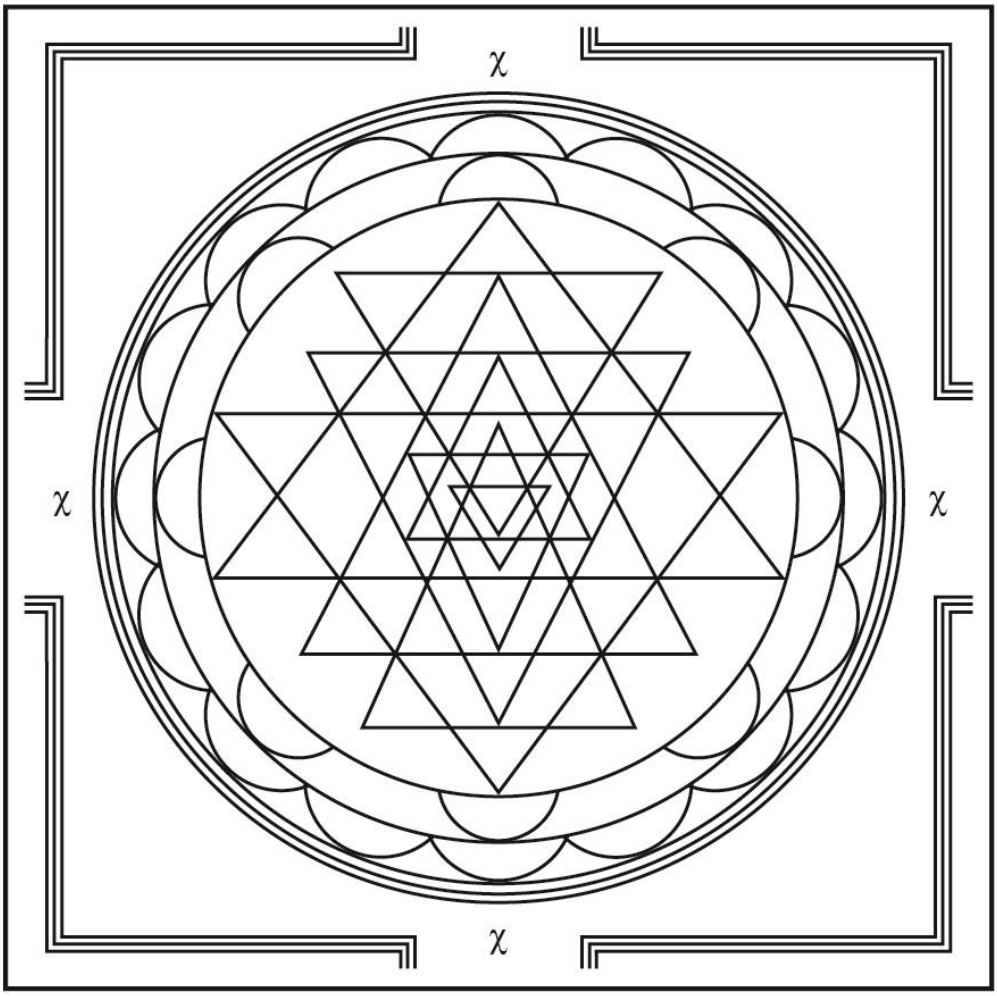



FIGURA 93

Os yantras das figuras 92 e 93, se bem que careçam de utilidade para a solução de Wotan, ou talvez justamente por isso, são empregados ativamente nas técnicas de meditação do kundalini yoga, quer dizer, para a iniciação sinárquica. Por isso é que, na praça central, costuma-se representar o símbolo sagrado do pasu: a espiral ou alguma matriz do desígnio caracol; ou um chakra específico: o tampa-sinal de um órgão, por exemplo; procura-se, com isso, que a VOX do Logos Kundalini, ao circular pelo canal ELIX, recrie tal ou qual órgão afirmado com o yantra, ou faculte ao sujeito anímico dar o "grande salto" que o identifique com o Princípio do Arquétipo, com o Uno, e o transforme em iniciado sinarca.

Como os MANDALAS SIMPLES, ou yantras, que o kundalini yoga emprega, são todos derivados do Schry yantra, aproveitaremos aqui para avisar sobre a nefasta consequência que pode ocasionar ao virya perdido seu uso operacional como "sinal iniciático". Comecemos por declarar que, COMO SINAL INICIÁTICO, O LABIRINTO EXTERIOR DE WOTAN É ESSENCIALMENTE OPOSTO AO MANDALA SIMPLES OU SCHRY YANTRA (figura 92). Por quê? Resposta: porque enquanto Tirodinguiburr propicia a liberação do Espírito encadeado, possibilitando que o Eu se isole do sujeito consciente e se fortaleça volitivamente, o Schry yantra, pelo contrário, fortalece o sujeito anímico, EQUILIBRA a estrutura psíquica, e aumenta a submissão do Eu na imanência anímica. Em continuação, o explicaremos com mais detalhes.

Na Iniciação Hiperbórea, o objetivo proposto é a solução de Wotan: Primeiro Passo, despertar e orientar mediante a compreensão de Tirodinguiburr; Segundo Passo, revelar a saída secreta mediante a gnose do labirinto interior, gnose à qual se chega por indução noológica do sinal labirinto exterior. Tal gnose, que esclarece a situação do Eu com respeito a Origem, é um ato estratégico e, portanto, guerreiro; isto significa que a Origem, sua posição, não se poderá alcançar pacificamente, sem lutar, pois, ENTRE O EU E A ORIGEM, ENCONTRA-SE SEMPRE O INIMIGO. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea propõe ao virya QUE DECLARE ELE MESMO A GUERRA, PROJETANDO A LEI DO CERCO SOBRE A ARQUÊMONA ODAL, ISOLANDO A PRAÇA TAU, E OCUPANDO-A NO KAIROS JUSTO: COM O EU ISOLADO NESSE ESPAÇO ESTRATÉGICO, SERÁ POSSÍVEL, ENTÃO, DIRIGIR-SE PARA A ORIGEM E LIBERAR O ESPÍRITO CATIVO.

Na iniciação sinárquica, o objetivo proposto é a identificação com o Uno, mediante o "grande salto" para o Princípio do Arquétipo. Este objetivo há de se alcançar com o concurso de técnicas da Kalachakra, que consistem principalmente em administrar ao virya um sinal iniciático, geralmente um Schry yantra ou um mandala quadrangular com um chakra central: conta-se aqui também com o princípio da INDUÇÃO para conseguir que a contemplação do mandala transfira interiormente sua estrutura sêmica. Mas o mandala introjetado é um templo quadrangular em cujo centro se simbolizou um chakra: as técnicas do kundalini yoga procuram que tal chakra se situe sobre um chakra orgânico interior correspondente, por ação do "princípio de seleção fonética". Busca-se assim que a VOX do Logos Kundalini ajuste a função do órgão à capacidade do chakra mandálico: desta forma, um iogue pode ir recriando e harmonizando todo o microcosmo. É claro, então, que se o virya recebe um mandala como "sinal iniciático", e não o isola imediatamente com o princípio do cerco, cedo ou tarde o introjetará por indução psicológica e colocará a VOX em contato com a capacidade do chakra mandálico, com sua Palavra ou bija característico; e este contato, pelo princípio de seleção fonética, ESTABILIZARÁ a função daquele órgão que o mandala reflete, quer dizer, FIXARÁ UM CHAKRA INTERIOR. No caso de um mandala quadrangular com o Schry yantra, qual será este chakra interior FIXADO? Resposta: naturalmente, A TOTALIDADE PSÍQUICA. Todo mandala desse tipo, recebido como

"símbolo iniciático", quer dizer, conscientemente, seja qual for seu chakra interior, É INTROJETADO COMO RECORTE DA ESTRUTURA CULTURAL, COMO UM PERFIL SÊMICO QUE SE SOBREPÕE À REALIDADE POLISSÊMICA INTERIOR, ALI ONDE CORRESPONDE OU ENCAIXA: ENTÃO, O CHAKRA MANDÁLICO SITUA-SE SOBRE O CHAKRA ORGÂNICO, SEGUNDO SE EXPLICOU, ENQUANTO A QUADRANGULARIDADE MANDÁLICA SE SOBREPÕE À "QUADRANGULARIDADE DA ESFERA DE SOMBRA", QUER DIZER, À TOTALIDADE PSÍQUICA. É evidente que: se o plano da estrutura psíquica é o símbolo sagrado do pasu, o sinal espiral, e se agora essa estrutura aparece enquadrada; então, no centro da quadrangularidade estará o centro da espiral, o "centro de referência" da esfera de consciência ou esquema de si mesmo. Com outras palavras, o centro do mandala quadrangular ou Schry yantra coincide com o centro do símbolo sagrado do pasu, vale dizer, que ali está um YOD, um ponto indiscernível, um Olho de Abraxas.

O mandala quadrangular ou Schry yantra, de acordo com seu projeto, pode conter símbolos correspondentes a algumas partes ou à totalidade da estrutura psíquica: quando é introjetado, a VOX do Logos microcósmico FIXA e ESTABILIZA esse conteúdo. Por isso, costuma-se afirmar, e o psiquiatra suíço C. G. Jung se encarregou de demonstrá-lo, que O MANDALA É CURATIVO, quer dizer, que exerce um efeito terapêutico em sujeitos que padecem de estados psicóticos ou de DESEQUILÍBRIO MENTAL. Precisamente, o restabelecimento do equilíbrio procede da função ENQUADRADORA E FIXADORA de conteúdos que cumpre o mandala ao aplicá-lo como recorte ou limite da estrutura cultural, reduzindo assim a ação numinosa do inconsciente, irradiando os mitos autônomos, e ASSINALANDO O "SELF". Este "SELF" junguiano, desde já, NÃO É O SELBST da Sabedoria Hiperbórea, senão O "CENTRO DE REFERÊNCIA" DO ESQUEMA DE SI MESMO, O YOD, O CENTRO DA ESPIRAL QUE COINCIDE COM O CENTRO DO MANDALA: UM CENTRO QUE SE ACHA DE TODO DISTANTE DO EU, PARTICULARMENTE SE O EU ESTÁ, DE ALGUM MODO, REORIENTADO PARA A ORIGEM. POIS BEM, A CURA MANDÁLICA, O EQUILÍBRIO PSÍQUICO OBTIDO PELO ENQUADRAMENTO MANDÁLICO, DESORIENTA DEFINITIVAMENTE O EU DO SELBST E O APROXIMA DO "SELF", O CENTRO DA ESPIRAL, QUER DIZER, O SUBMERGE PROFUNDAMENTE NA IMANÊNCIA DO SUJEITO CONSCIENTE. Tal é o efeito da CURA mandálica, em tudo semelhante ao da iniciação sinárquica: um equilíbrio psíquico alcançado com base em um enfraquecimento do Eu, à submissão do Eu ao sujeito consciente; enfim, a uma afirmação do encadeamento espiritual.

Para a Sabedoria Hiperbórea, essa "cura", esse "equilíbrio restabelecido", não é mais do que um novo e pior encadeamento ao organismo microcósmico, pelo que uma distribuição mandálica da estrutura psíquica implica em EQUILÍBRIO "COM" DESORIENTAÇÃO; ESTABILIDADE "EM" EXTRAVIO; HARMONIA "COM" DESCONCERTO; ETC. Pelo contrário, a Sabedoria Hiperbórea REQUER O DESEQUILÍBRIO para ser compreendida e aplicada em estratégias individuais de liberação. Mas não se trata aqui de esboçar um elogio da psicose, senão de defender o desequilíbrio de Parsifal, o "louco puro" das sagas arturianas.

A rigor da verdade, o fato de que é necessário começar por um desequilíbrio psíquico para alcançar uma nova e superior consciência foi percebido pelo próprio C. G. Jung, que escreveu em "O EU E O INCONSCIENTE": "a perda do equilíbrio considero como coisa conveniente, já que substitui a consciência falida pela atividade automática e instintiva do inconsciente, a qual se dirige para o estabelecimento de um equilíbrio novo, META que saberá alcançar sempre que a consciência esteja capacitada para assimilar os conteúdos produzidos pelo inconsciente, quer dizer, para

entendê-los e elaborá-los". Mas, qual seria essa meta que, segundo C. G. Jung, deve alcançar a consciência? Resposta: a "individuação do sujeito consciente", a identificação do Eu com o "self" ou centro do esquema de si mesmo. É claro, aqui se discorda do sábio suíço pois, se bem que a contemplação e introjeção do mandala produz efetivamente um "novo equilíbrio", longe estará tal fixação da estrutura psíquica de favorecer a liberação espiritual: contrariamente, tal liberação se faz possível quando o Eu se afasta do centro de si mesmo ou "self", e se dirige para o Selbst, facilitando essa distância estratégica que significa o "símbolo labirinto interior".

Em resumo, O VIRYA NÃO DEVE ACEITAR O MANDALA COMO SÍMBOLO INICIÁTICO, UMA VEZ QUE NÃO CONDUZ À LIBERAÇÃO ESPIRITUAL E, EM TROCA, AUMENTA O ENCADEAMENTO AO ENQUADRAR O EU NO CENTRO DA ESTRUTURA PSÍQUICA MANDÁLICA. O LABIRINTO, PELO CONTRÁRIO, "DESEQUILIBRA" E REVELA A SITUAÇÃO INTERIOR, IMPULSIONANDO O EU A BUSCAR A SAÍDA SECRETA.

A aplicação da primeira diretriz na análise morfológica dos sinais labirinto exterior indica que o processo de degradação culmina com o desaparecimento da PRAÇA central Tau e sua substituição por uma ENCRUZILHADA de caminhos: a figura 94 exemplifica este resultado. Assim, o sinal rúnico Odal, que estava situado a princípio no centro do labirinto exterior (figura 88), e que constituía uma Arquêmona Odal (figura 89) apto para projetar o princípio do cerco e isolar uma praça no Valplads, foi deformado (figura 90) e transformado na planta mandálica do templo (figuras 91, 92 e 93) tornando-o inútil para o Segundo Passo da solução de Wotan; finalmente, o processo conclui quando a runa Odal, em qualquer de suas variantes deformadas, perde sua posição central e desaparece do sinal labirinto exterior (figura 94). Em consequência, a figura 94 representa o pior caso da série, quando a perda de centralidade da runa Odal determina sua carência de significado e inoperância para os fins do Segundo Passo; não obstante, este labirinto ainda é útil para o Primeiro Passo, pois apresenta a OPÇÃO inicial Gama (γ) ou Delta (δ): destes dois corredores, um (δ) conduz a encruzilhada central enquanto o outro (γ) está fechado, quer dizer, NÃO TEM SAÍDA; é claro que, apesar da decadência deste sinal com respeito a Tirodinguiburr, não é difícil revelar o significado d "busca, opção e escolha" e, portanto, induzir o virya a dar o Primeiro Passo: DESPERTAR E ORIENTAR para o centro. A DIFICULDADE PROCEDE DE QUE A "ORIENTAÇÃO" OBTIDA COM ESTE SINAL JÁ NÃO SE REFERE À PRAÇA TAU CENTRAL, E AO PONTO TAU, SENÃO AO "SINAL DA CRUZ".

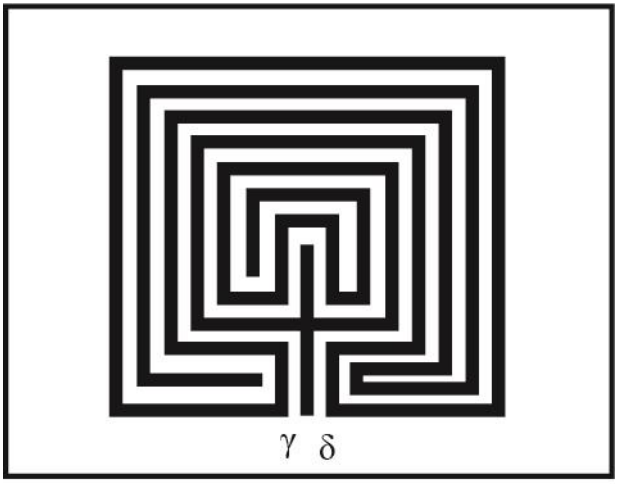



FIGURA 94

**E4 – O Mandala de Shambala e a primeira diretriz.**

O processo de degradação que se descreveu em "E3" não foi, desde já, casual. Pelo contrário, existiu desde tempos remotos, e se mantém até hoje, uma conspiração cultural contra o símbolo sagrado do virya tendente a causar sua degradação e mudança de significado: os autores do plano destrutivo são, como de costume, os Siddhas Traidores; e os executores: os Mestres da Hierarquia Branca e seus agentes da Sinarquia Universal. Levando em consideração este plano inimigo, é evidente que a deformação demonstrada pela primeira diretriz não é um produto casual da imaginação dos viryas perdidos, senão a concretização de um objetivo estratégico: PARA OS SIDDHAS TRAIDORES INTERESSAVA DESDE O PRINCÍPIO A SUBSTITUIÇÃO DA RUNA ODAL PELO TEMPLO QUADRANGULAR SCHRY YANTRA NA POSIÇÃO "CENTRAL" DO SINAL LABIRINTO EXTERIOR. Com outras palavras, ante a impossibilidade de impedir a divulgação de Tirodinguiburr entre as linhagens hiperbóreas, os Siddhas Traidores planejaram sua deformação e adaptação à estratégia sinárquica, quer dizer, se propuseram a modificar o símbolo sagrado do virya para que, em vez de operar como instrumento de liberação espiritual, operasse como REFORÇADOR do encadeamento espiritual e, para esse fim, a mudança fundamental consistia em eliminar a runa Odal, o Sagrado Nome de Wotan, de sua posição central, e colocar em seu lugar o templo da figura 95. Já se explicou o efeito fixador que exerce esta forma mandálica sobre a estrutura psíquica e não será difícil compreender que o Eu acabará ainda mais encadeado se o Primeiro Passo o refere ou ORIENTA para ela. Mas o certo é que, além deste propósito enquadrador e fixador, existe um motivo fundamental para dirigir a deformação do símbolo sagrado do virya no sentido assinalado: ADAPTAR O LABIRINTO EXTERIOR À "FORMA MANDÁLICA DA CHAVE KALACHAKRA".

Eis aqui, sinteticamente, o que isto significa: PELA CHAVE KALACHAKRA, O ESPÍRITO FOI ENCADEADO AO SUJEITO ANÍMICO DO PASU, MANIFESTANDO-

SE COMO UM “EU PERDIDO” QUE TRANSITA EXTRAVIADO UM CAMINHO LABRELIX; POR TIRODINGUIBURR O EU PERDIDO PODE SE ORIENTAR NO CAMINHO LABRELIX E DESENCADEAR-SE DO SUJEITO ANÍMICO. A CHAVE KALACHAKRA E TIRODINGUIBURR SÃO, POIS, SINAIS OPOSTOS: UM APRISIONA ENQUANTO O OUTRO LIBERA O ESPÍRITO. ENTENDE-SE, ENTÃO, QUE O INTERESSE DOS SIDDHAS TRAIDORES ESTEJA CONCENTRADO EM NEUTRALIZAR O PODER LIBERADOR DE TIRODINGUIBURR. COMO SE NEUTRALIZA TIRODINGUIBURR? RESPOSTA: SUBSTITUINDO A ARQUEMÔNA ODAL PELO TEMPLO CENTRAL, QUER DIZER, TRANSFORMANDO TIRODINGUIBURR EM UM SINAL DA CHAVE KALACHAKRA.

A resposta será mais clara quando examinemos as figuras 95 e 96, conhecidas como MANDALAS DE SHAMBALA. Na realidade, estes “mandalas” são representações da chave Kalachakra: compara-se o templo quadrangular do centro dos mandalas, com a figura 89, e se compreenderá como se pode neutralizar o sinal Tirodinguiburr. O SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA, TIRODINGUIBURR, SERÁ NEUTRALIZADO QUANDO A RUNA ODAL, DESTINADA A “ISOLAR O EU”, SEJA SUBSTITUÍDA PELO TEMPLO QUADRANGULAR, TETRÁRQUICO, CUJO FIM É APRISIONAR O EU: A DEFORMAÇÃO DE ODAL, E SUA FORMATAÇÃO COMO TEMPLO CENTRAL, TEM POR OBJETO TRANSFORMAR TIRODINGUIBURR EM UM SINAL DA CHAVE KALACHAKRA. Este é o verdadeiro motivo da deformação, que demonstra a primeira diretriz da análise morfológica.



FIGURA 95

Quanto aos “Mandalas de Shambala”, pode-se agregar que os mesmos representam a visão do SISTEMA REAL KALACHAKRA. O círculo maior, com efeito, não é outra coisa que o TAMPA-SIGNO do O.C.E. visto sobre a CÂMARA DE ENTRADA: O CÍRCULO É, TAMBÉM, A SECÇÃO DA CONEXÃO DE SENTIDO, OU REGISTRO CULTURAL, VISTO DE SUA DIMENSÃO COMPREENSÃO. O que nos mostra o círculo mandálico das figuras 95 e 96 (assim como nas figuras 97 e 98) é, pois, uma “porta de Shambala”: “o caminho para Chang Shambala começa na “câmara de entrada” do registro real Kalachakra, quer dizer, no tampa-signo (E). E há que se notar que, ao estar a extensão do sistema real “entre a Terra e o Sol”, não é necessário colocar-se em I.H.P.C. para ficar em frente ao tampa-signo pois “O SISTEMA REAL KALACHAKRA OFERECE DE FRENTE SUA COMPREENSÃO”. O mandala é o sinal da chave Kalachakra: fora do mandala, quer dizer, fora do sistema real Kalachakra, está o mundo exterior do virya, seu contexto axiológico habitual; entretanto, nesse

"mundo exterior", que integra o céu e a Terra, vales e montanhas, NÃO SE REPRESENTOU O SOL: isso é devido a que o Sol se encontra no objeto cultural referente (O.C.R.) do sistema real Kalachakra e, portanto, oculto por trás do mandala, no extremo da EXTENSÃO do Registro cultural; no Sol está o O.C.R., o SÍMBOLO SAGRADO DO PASU, o SINAL ESPIRAL; esse é o extremo mais longínquo do Sistema real. No extremo mais próximo, quer dizer, na Terra, encontra-se o objeto cultural emergente (O.C.E.), quer dizer, o Símbolo da Origem, REPRESENTADO NOS MANDALAS PELO TEMPLO QUADRANGULAR CENTRAL: e no centro do templo central, assinalado com um pequeno círculo, encontra-se sempre o YOD, o Olho de Abraxas, o centro da espiral evolutiva, o "self" de C. G. Jung, o ponto monarque atual, etc. Nesse ponto central, em um tetrarque sobre um monarque (figura 96), está situado o Eu prisioneiro, ao qual a Arquêmona Odal de Tirodinguiburr pretende isolar: é evidente agora que tal pretensão será neutralizada se no lugar da ODAL se instala um templo central, uma vez que, desse modo, ter-se-á transformado o símbolo sagrado do virya em uma representação da chave Kalachakra.



FIGURA 96

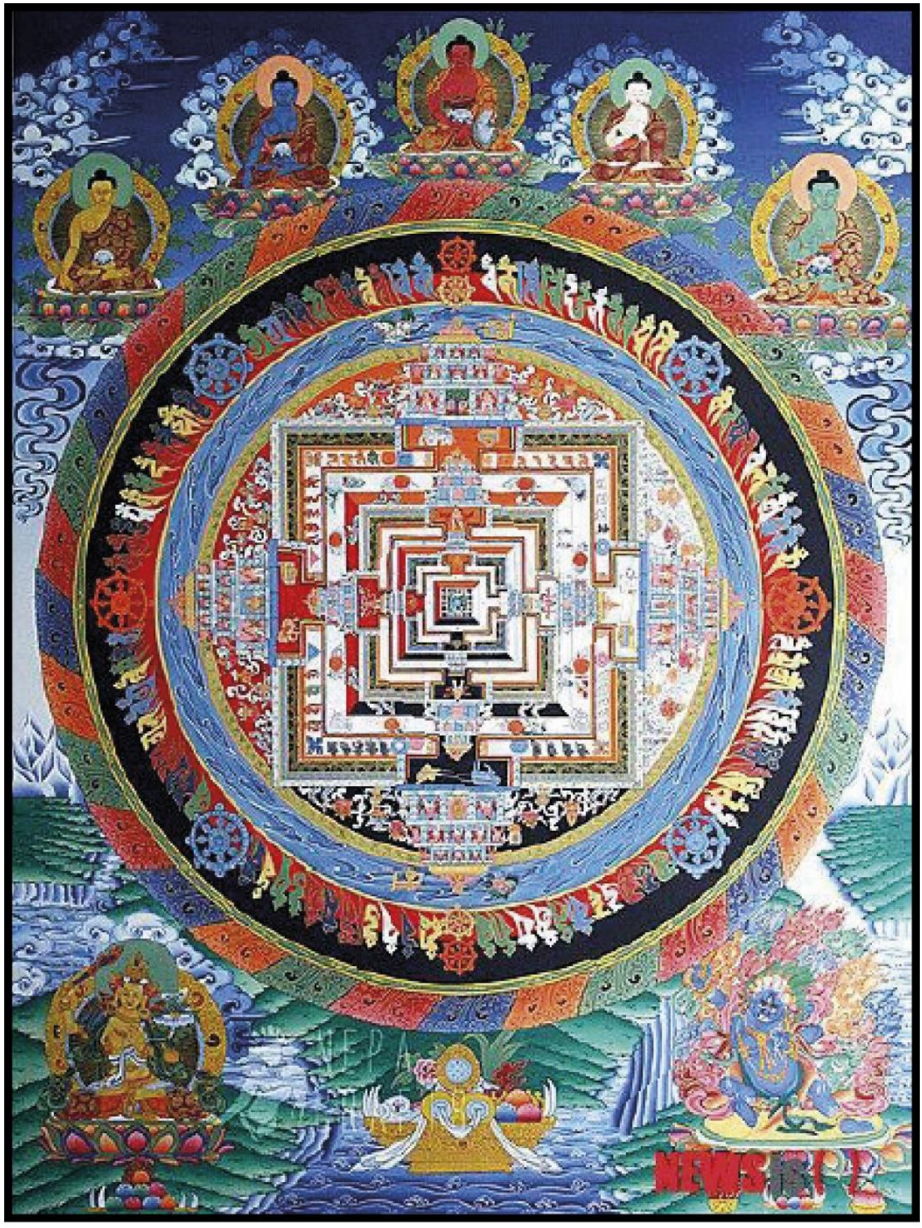


FIGURA 97



FIGURA 98

**E5 – Segunda diretriz.**

Os símbolos sagrados representam verdades metafísicas; o labirinto exterior Tirodinguiburr, por exemplo, ao estar interpretado arquetipicamente pelos sinais rúnicos que o compõem, tem um significado metafísico que explicamos.

Consequentemente, a DEFORMAÇÃO de um símbolo sagrado há de corresponder a uma modificação do significado, quer dizer, a uma deformação da verdade metafísica representada: um símbolo sagrado, obtido por transformação de outro símbolo sagrado original, significará uma verdade metafísica analogamente transformada de outra verdade metafísica original; até a mínima variação na estrutura sêmica de um símbolo sagrado tem um significado com respeito à verdade original. Este esclarecimento adquire particular relevo se nos remetemos a um caso concreto, por exemplo ao labirinto exterior da figura 89; o mesmo apresenta evidentes deformações com respeito ao símbolo sagrado original Tirodinguiburr (figura 88), mas, o que SIGNIFICAM essas deformações? Resposta: as deformações correspondem a uma cadeia de causas e efeitos cujo enunciado sintético é o seguinte:

I) A PERDA DO SEGREDO DO ÂNGULO RETO CAUSA A DEFORMAÇÃO DA ARQUÊMONA ODAL;

II) A DEFORMAÇÃO DA ARQUÊMONA ODAL FORMA UM TEMPLO CENTRAL, DOTADO DE UMA PLURALIDADE DE PORTAS PELAS QUAIS SE PODE INGRESSAR SEM OBSTÁCULOS;

III) A PLURALIDADE DE ACESSOS AO TEMPLO CENTRAL CAUSA A DEFORMAÇÃO DA RUNA CONDUCENTE GIBUR, O TRIDENTE DE POSEIDON;

IV) A DEFORMAÇÃO DE GIBUR CAUSA O APARECIMENTO DE DUAS SUÁSTICAS CONDUCENTES OPOSTAS (FIGURAS 90 E 91)

V) O LABIRINTO POSSUI, POR ÚLTIMO, DUAS ENTRADAS OPOSTAS ALFA, UMA EM CADA SUÁSTICA, QUE CONDUZEM AO TEMPLO CENTRAL, APÓS RESPECTIVAS BIFURCAÇÕES DE CAMINHOS.

Deste enunciado só convém esclarecer a sentença IV, que expressa O CÂNONE HIPERBÓREO DA DUALIDADE E OPOSIÇÃO DE PRINCÍPIOS. Com efeito, segundo a Sabedoria Hiperbórea, O PRINCÍPIO ÚNICO DA ORIENTAÇÃO DO EU É REPRESENTADO PELA RUNA GIBUR; QUANDO O EU PERDIDO, EXTRAVIADO OBJETIVAMENTE NO CAMINHO LABRELIX, INGRESSA NA PRAÇA TAU DA ARQUÊMONA ODAL DE TIRODINGUIBURR, O FAZ TRANSITANDO PELA RUNA GIBUR “COMO TRIDENTE DE POSEIDON”, QUER DIZER, DE ALFA (α) PARA BETA (β); O TRIDENTE DE POSEIDON É “A ARMA DOS SIDDHAS” E SÓ SE ELES O DISPÕEM FRENTE A ODAL, NO KAIROS DA INICIAÇÃO, O EU PODERÁ REALMENTE INGRESSAR NA ARQUÊMONA ODAL E SER ISOLADO DO SUJEITO ANÍMICO. POR ISSO, GIBUR REPRESENTA O “PRINCÍPIO ÚNICO DA ORIENTAÇÃO DO EU”: NÃO EXISTE OUTRO MODO, FORA DO TRÂNSITO PELO TRIDENTE DE POSEIDON, DE ENCONTRAR A SAÍDA SECRETA QUE CONDUZ À LIBERAÇÃO DO ESPÍRITO. A TRANSFORMAÇÃO DA ARQUÊMONA ODAL EM TEMPLO (I, II, III) CAUSA A TRANSFORMAÇÃO DO PRINCÍPIO ÚNICO EM UM PAR DE PRINCÍPIOS OPOSTOS (IV), QUER DIZER, A TRANSFORMAÇÃO DA RUNA CONDUCENTE GIBUR EM DUAS RUNAS CONDUCENTES SUÁSTICAS. PARA A SABEDORIA HIPERBÓREA, AS SUÁSTICAS OPOSTAS APARECEM QUANDO SE QUEBROU A UNIDADE DE GIBUR; EM CONSEQUÊNCIA, NINGUÉM PODE ORIENTAR-SE ESPIRITUALMENTE CONTANDO SÓ COM UMA SUÁSTICA; E NEM AINDA COM O PAR OPOSTO PODERÁ FAZÊ-LO, SE NÃO É CAPAZ DE SINTETIZÁ-

LAS EM GIBUR, SE DA DUALIDADE DAS SUÁSTICAS NÃO CHEGA AO PRINCÍPIO ÚNICO DE GIBUR, AO TRIDENTE DE POSEIDON.

A segunda diretriz exigia: ANALISAR SE A RUNA GIBUR FOI DECOMPOSTA EM DUAS RUNAS SUÁSTICAS OPOSTAS. Ao aplicar esta diretriz na análise morfológica dos sinais labirinto exterior poderemos comprovar se o princípio único de orientação do Eu foi partido em dois princípios opostos: se isso ocorreu, a conclusão imediata é que, com dito sinal, não será possível a orientação do Eu nem muito menos seu isolamento rúnico; pelo contrário, uma, ou as duas suásticas, conduzem diretamente ao templo central, TAL COMO SE OBSERVA NA FIGURA 90, ONDE AS DUAS SUÁSTICAS APARECEM COMBINADAS PARA CONDUZIR PARA ATÉ AS QUATRO ENTRADAS DO TEMPLO: "SÓ GIBUR, O TRIDENTE DE POSEIDON, É O PRINCÍPIO ÚNICO DE ORIENTAÇÃO DO EU".

**E6 – Gibur, a arma do Cavalheiro Tirodal.**

O Cavalheiro Tirodal é o virya cujo Eu foi isolado, durante o Kairos da Iniciação Hiperbórea, pela Sagrada Runa Tirodal. A ARMADURA do Cavalheiro Tirodal consiste na plasmação interior da runa Gibur na fenestra infernalis da runa Odal: forma-se, então, uma disposição sêmica cuja representação analógica é o Tirodinguiburr da figura 88. Para visualizar a explicação, suponhamos que o Eu de um Cavalheiro Tirodal se acha isolado na praça Tau do Tirodinguiburr: nesse caso, o Eu opera sobre a realidade exterior, sobre o sujeito consciente, ATRAVÉS DA FENESTRA INFERNALIS, quer dizer, através do ângulo reto que dá ao corretor Beta (β) da runa Gibur. É evidente que, vista do Eu isolado, a runa Gibur tem o caráter de ESPADA DE WOTAN (ver figura 62) e por isso, SENDO QUE O EU SE EXPRESSA POR SEU INTERMÉDIO, SE DIZ QUE "A ARMA DO CAVALHEIRO TIRODAL É A ESPADA DE WOTAN". A Sabedoria Hiperbórea destaca, principalmente, três propriedades da arma do Cavalheiro Tirodal: a espada de Wotan é, ao mesmo tempo, o verbo, o raio e a pedra do raio. O "VERBO" por ser esta SUA EXPRESSÃO GUERREIRA: O VERBO DO CAVALHEIRO TIRODAL "É" A ESPADA DE WOTAN.

O "RAIO", POR SER O verbo expressão da LÍNGUA DOS PÁSSAROS (ᛋ), da língua Tirodal dos Siddhas Leais: O VERBO DO CAVALHEIRO TIRODAL É A ESPADA DE WOTAN, O RAIO. E a "PEDRA DO RAIO" porque o Eu do Cavalheiro Tirodal aplica a técnica arquemônica projetando o polo infinito na fenestra infernalis da runa Odal, e a oposição estratégica sobre a espada de Wotan, Gibur, que é então A PEDRA DO RAIO, VAJRA: O VERBO DO CAVALHEIRO TIRODAL É A ESPADA DE WOTAN, O RAIO, E A PEDRA DO RAIO.

Na Primeira Parte, afirmou-se que: AS ARMAS DO VIRYA SÃO AS RUNAS; e na Segunda Parte, se apresentou a seguinte interrogação: "qual era a missão de guerra que Cristo Lúcifer encomendou a Wotan e que motivou sua decisão de ficar encadeado à árvore Yggdrasil? Resposta: que dotasse os viryas da raça branca, os arianos, de um arsenal de ARMAS SIMBÓLICAS com as quais estes pudessem ressignificar os desígnios e independerem-se das determinações do Demiurgo. Estes sinais, mais tarde seriam conhecidos como RUNAS...". As RUNAS são, pois, AS ARMAS DO VIRYA e acabamos de ver que a arma do Cavalheiro Tirodal, a espada de Wotan, é a RUNA GIBUR. Mas, de acordo com o princípio cardinal da Ética Noológica, A VERDADE DO VIRYA SÃO AS RUNAS. Unindo ambos os conceitos, a runa como verdade e a runa como arma, entende-se facilmente outro princípio da Sabedoria Hiperbórea: PARA O VIRYA, A VERDADE DA RUNA INCRIADA É A ARMA MAIS PODEROSA QUE EXISTE.

Quando o Cavalheiro Tirodal descarrega o raio de seu verbo com a espada de Wotan, a ferida que inflige ao inimigo é um sinal impossível de apagar porque consiste na verdade absoluta da runa incriada: ante ela, sob ela, a falsidade essencial dos desígnios demiúrgicos fica descoberta e sua ressignificação é inevitável.

**E7 – Terceira diretriz.**

Após a perda de centralidade da runa Odal, que destaca a primeira diretriz, e da partição do princípio único de orientação do Eu, que descreve a segunda diretriz, a mais importante deformação dos sinais labirinto exterior é a denominada INVERSÃO RÚNICA, denunciada pela terceira diretriz. Esta deformação consiste em TRANSFORMAR UM SINAL RÚNICO "CONDUCENTE" EM "LIMITANTE" OU VICE-VERSA: é o que ocorre na figura 94, onde a RUNA CONDUCENTE GIBUR se transformou em LIMITANTE. Com outras palavras, a runa Gibur, que na figura 88 consta de QUATRO CORREDORES e uma ENCRUZILHADA, na figura 94 aparece com traços cheios que assinalam a "parede limitante" dos corredores; desse modo, por "inversão rúnica", no centro do labirinto se situou agora a CRUZ de Gibur, um substituto abstrato do TEMPLO SHAMBÁLICO. É claro então que o labirinto da figura 94, por inversão rúnica, é uma representação da chave Kalachakra e, portanto, um instrumento fixador da estrutura psíquica e aprisionador do Eu.

**E8 – Quarta diretriz.**

Apesar de suas deformações, todos os sinais labirinto exterior analisados até agora apresentaram uma característica comum: SUA RETILINEARIDADE. Tal propriedade permite agrupá-los todos sob a denominação de LABIRINTOS RÚNICOS; contrariamente, a perda da retilinearidade determina que os sinais labirintos sejam qualificados de ESPIRIFORMES. Na figura 99 podemos observar um sinal labirinto exterior de trama análoga ao da figura 94, mas carente da retilinearidade deste: assim, o da figura 94 é um LABIRINTO RÚNICO enquanto o da figura 99 sua versão ESPIRIFORME.

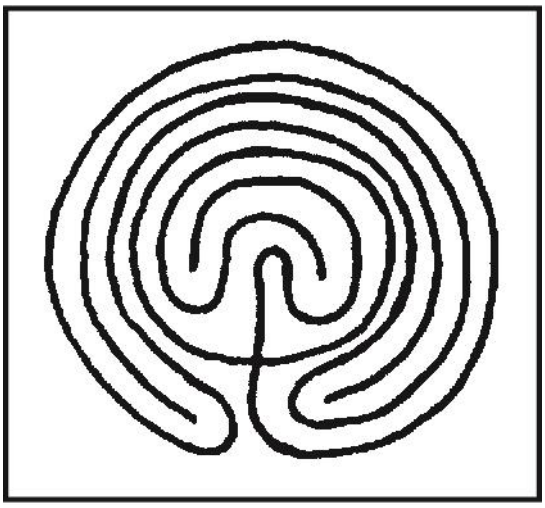


FIGURA 99

A que se deve esta particular deformação? Resposta: à influência do sujeito anímico. Em termos gerais, pode-se aceitar a seguinte lei: NA PRODUÇÃO DE UM SÍMBOLO SAGRADO POR PARTE DE UM VIRYA, A INFLUÊNCIA DO EU SE TRADUZ EM "RETILINEARIDADE RÚNICA", QUER DIZER, EM UMA TENDÊNCIA AO SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA; ENQUANTO A INFLUÊNCIA DO SUJEITO ANÍMICO MANIFESTA-SE COMO "CURVATURA ESPIRIFORME", QUER DIZER, COMO TENDÊNCIA AO SÍMBOLO SAGRADO DO PASU. Daí que um sinal rúnico como o da figura 94 possa perder sua retilinearidade e acabar assemelhado ao sinal espiral por influência de um sujeito anímico dominante, produzindo os sinais labirinto exterior que mostram as figuras 99 e 100.

O caso extremo de deformação por quarta diretriz é o dos labirintos druídicos medievais, que costumavam se construir no piso das catedrais góticas, um dos quais pode-se ver na figura 101. O porquê de se considerar este "labirinto" como o caso mais baixo da degradação e o mais extremo da deformação não é difícil de explicar; à parte de não existir quase retilinearidade, quer dizer, de ser quase completamente espiriforme, NESTE "LABIRINTO" NÃO EXISTE O "EXTRAVIO OBJETIVO": QUEM INGRESSA PELA ÚNICA ENTRADA ALFA (α), PODE CHEGAR SEM OBSTÁCULOS ATÉ O CENTRO TAU APENAS PERCORRENDO O CAMINHO, QUE VAI E VEM MAS QUE NÃO SE CORTA NUNCA; NESTE "LABIRINTO" NÃO É POSSÍVEL EXTRAVIAR-SE, NEM HÁ "BUSCA, OPÇÃO E ESCOLHA" PORQUE NÃO HÁ NENHUMA DISJUNÇÃO; TRATA-SE, POIS, DE UM CAMINHO ADISTÔMICO, UM CAMINHO QUE REPRESENTA A ELIX, A FUNÇÃO CONTÍNUA DO PROGRESSO EVOLUTIVO DO SUJEITO ANÍMICO E NÃO UM CAMINHO QUE REPRESENTA LABRELIX, A FUNÇÃO DISTÔMICA SEGUIDA PELO EU, TAL COMO O É TODO SINAL LABIRINTO EXTERIOR.

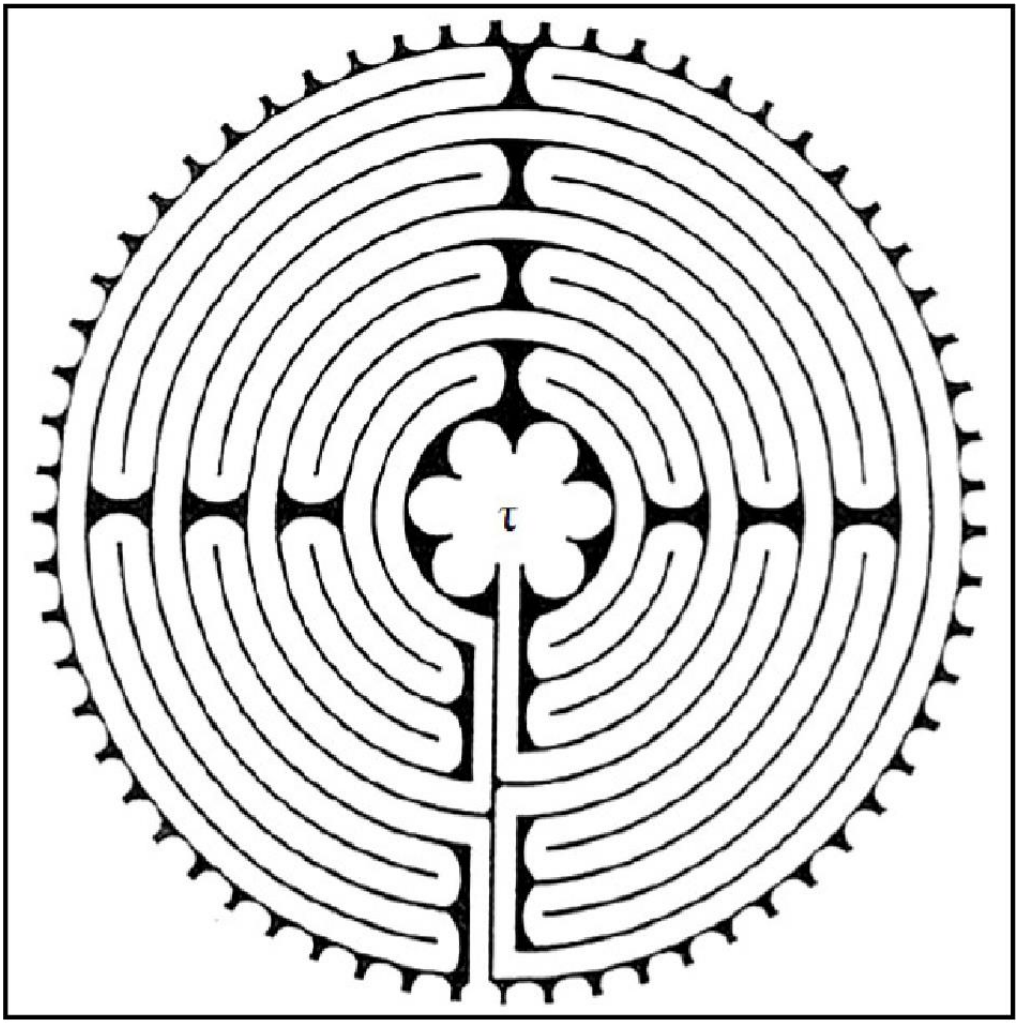



FIGURA 101

**F – Os símbolos sagrados e o símbolo sagrado do virya.**

Neste inciso, definimos Tirodinguiburr como o “símbolo sagrado” do virya; entretanto, é necessário esclarecer que este “símbolo sagrado” se diferencia de qualquer outro por seu caráter rúnico, quer dizer, NÃO ARQUETÍPICO. O que tal

diferença significa PARA O VIRYA se colocará em evidência, se recordamos o efeito que os símbolos sagrados causam ao emergir na esfera de luz DO PASU. Ter-se-á que recorrer, então, ao que já foi visto na Primeira Parte.

Em primeiro lugar, repararemos em que "TODO SÍMBOLO QUE EMERGE NA ESFERA DE LUZ ATUA, FRENTE AO SUJEITO, COMO O REPRESENTANTE DE UM ARQUÉTIPO, VALE DIZER, O SÍMBOLO SE DESDOBRA EM UM PROCESSO EVOLUTIVO QUE TENDE PARA UMA PERFEIÇÃO FINAL OU ENTELÉQUIA; DURANTE DITO PROCESSO O SÍMBOLO ALIENA A ATENÇÃO DO SUJEITO". "O símbolo I', por exemplo, se estabiliza frente ao sujeito consciente no nível Ψ' (ver figura 21). O nível de estabilização de toda representação consciente se alcança em um só movimento que começa na estrutura cultural; na figura 21, isto significa que o símbolo I' emerge do plano de significação até o nível Ψ' EM UM SÓ MOVIMENTO, progressivo até Ψ e abrupto até Ψ': NO NÍVEL DE ESTABILIDADE ACABA A EMERGÊNCIA E COMEÇA O PROCESSO. A estabilidade de uma representação é vivenciada pelo sujeito como o "aparecimento" da imagem, como um símbolo que, de repente, emerge e se faz claro que na consciência. Mas tal estabilidade não indica quietude, senão que assinala só uma mudança na atividade do símbolo: a partir daí, começa um processo entelequial que pode DISTRAIR completamente a atenção do sujeito, a menos de que este disponha de suficiente energia, ou seja: vontade, para contra-atacar. Em resumo, "toda representação consciente, ao estabilizar-se, tenta desenvolver um processo entelequial. Isso se deve a que, por estar formada por símbolos arquetípicos, comporta-se de maneira análoga à projeção no plano material dos Arquétipos universais e, como tal, tende para uma enteléquia. Este processo é, na realidade, só a continuação do movimento iniciado nos Arquétipos invertidos na memória arquetípica pela razão; pode-se falar, com propriedade, de um só fenômeno dividido em várias fases: fase 1 – atualização dos Arquétipos invertidos como esquemas do ente; fase 2 – representação racional (do esquema do ente); fase 3 – emergência da representação consciente; fase 4 – desenvolvimento do processo entelequial frente ao sujeito consciente. Naturalmente, a fase 4 é sempre interrompida pela vontade do sujeito, para manter o controle da consciência, uma vez que obteve suficiente conhecimento da representação por sua visão eidética. A capacidade do sujeito consciente de atuar volitivamente para desviar a atenção de uma representação é sinal de uma elevada evolução na estrutura psíquica do pasu, pois tal afirmação do sujeito só pode se dar em um esquema de si mesmo de grande complexidade estrutural: em um esquema de si mesmo que, justamente, se integrou com representações que completaram sua enteléquia do sujeito e formam parte, ainda que desconhecida, da história do microcosmo".

"Estamos, então, em que um sujeito consciente altamente evoluído há de ser capaz de evitar o processo entelequial das representações, processo que estas tentam desenvolver, por serem, além da imagem que representam, símbolos arquetípicos em plena atualidade. Entretanto, existe um tipo de representação ante cuja ELEVADA ENERGIA o sujeito consciente, ainda "o mais evoluído", não só é volitivamente ineficaz senão que corre o risco de ficar irreversivelmente fragmentado ou ser definitivamente dissolvido. Tão perigoso tipo de representação se denomina MITO e sua imagem SÍMBOLO SAGRADO". Em que se baseia o PERIGO dos símbolos sagrados para o sujeito consciente do pasu? Resposta: em que seu processo entelequial se desdobra SOBRE o sujeito consciente, tentando apoderar-se de sua vontade e tomar o controle do microcosmo. Para observar este processo com mais detalhes há que se partir do caso em que o sujeito consciente reflete sobre uma fantasia, causando sua interpretação racional pelo sujeito anímico das estruturas inconscientes e seu

mascaramento com um "símbolo sagrado emergente", tal como se explicou em "H" com o exemplo do deus-peixe-alado. Nesse caso, quando emerge na esfera de luz o símbolo sagrado, "ENTÃO A FANTASIA DEIXA DE INTERVIR NO FENÔMENO E SE AUSENTA DEFINITIVAMENTE DO PLANO OBJETIVO. Por quê? Resposta: Porque o mascaramento de um símbolo sagrado é energeticamente insuperável para qualquer objeto ideal. Contudo, toda representação consciente, ainda aquela que mascara uma fantasia, tenta desdobrar em um processo a potência de seus símbolos arquetípicos, processo que, segundo vimos, aliena a atenção do sujeito consciente e coloca à prova sua força volitiva: O SÍMBOLO SAGRADO, COMO TODA REPRESENTAÇÃO QUE MASCARA UMA FANTASIA, INICIA UM PROCESSO ENTELEQUIAL AUTÔNOMO NO MESMO INSTANTE EM QUE IRROMPE NA ESFERA DE LUZ. Mas há uma diferença entre ambos os processos, uma essencial e perigosa diferença: enquanto toda representação está referida ao si mesmo, ao esquema de si mesmo, quer dizer, à esfera de consciência, o símbolo sagrado se apresenta na esfera de luz REFERIDO AO SUJEITO CONSCIENTE; ocorre assim porque o símbolo sagrado se montou, de cara, sobre uma fantasia, sobre um objeto ideal sustentado essencialmente pelo sujeito. Isto se entenderá melhor se recordamos que toda fantasia representa objetos, ou situações objetivas, irreais, sem existência no mundo exterior, tais objetos irreais, "objetos da fantasia" ou "fantasmas", só podem existir na mente como produtos do sujeito consciente. O sujeito consciente sustenta a existência da fantasia, por mais evidentemente irreal que seja seu conteúdo, e, por isso, o símbolo sagrado, que se sobrepõe a ela, que dela recebe seu fundamento, é também essencialmente apoiado pelo sujeito consciente, referido a este".

"É clara a diferença apontada: toda representação consciente, por sua primeira intenção, está referida ao si mesmo; as fantasias, em troca, não possuem primeira intenção, são produto do sujeito consciente, "criações", e são sustentadas por este; o símbolo sagrado, cuja emergência teve como origem a apercepção de uma fantasia, manifesta-se frente ao sujeito consciente EM SUBSTITUIÇÃO DA FANTASIA, como objeto de apercepção; em consequência; sustentado por ele e referido a ele. Esta diferença referencial, que tratamos de esclarecer, implica em um efeito diametralmente oposto causado pelos processos entelequiais. Se o objeto ideal é uma representação, referida ao si mesmo, SEU PROCESSO SE DESENVOLVERÁ FRENTE AO SUJEITO COMO ESPETÁCULO; e o sujeito consciente, como espectador, poderá ATENDER ou não a tal espetáculo: se deseja conhecer colocará atenção no processo, mas sua energia volitiva lhe há de permitir interrompê-lo, retirando a atenção, tirando-o do presente. O SÍMBOLO SAGRADO, PELO CONTRÁRIO, TENTARÁ DESDOBRAR SEU PROCESSO SOBRE ELE, ENVOLVENDO-O COMO ATOR E NÃO COMO MERO ESPECTADOR" (Inciso "H" do "Funcionamento da Esfera de Consciência do Pasu", da Primeira Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea).

"O importante agora é compreender que os símbolos sagrados, desde o momento em que se produz a emergência, transcendem o plano físico do microcosmo e PARTICIPAM DO PLANO METAFÍSICO DO MACROCOSMO. Esta "participação metafísica" significa que o símbolo sagrado representa tanto o mito, o símbolo arquetípico, estruturado no esquema do microcosmo, como um Arquétipo psicoide do macrocosmo: sua "verdade" é uma verdade transcendente. Mas, por que tal transcendência só é possível QUANDO O SÍMBOLO SAGRADO EMERGE, quer dizer, quando se faz consciente, e não antes? Resposta: Porque só então, quando há "símbolo sagrado", representação de um mito", se dá o caso de que um símbolo arquetípico, situado no princípio da escala formativa do desígnio, seja ATIVADO ENERGETICAMENTE EM SEPARADO: ao atualizar o símbolo sagrado se

desengancha um elo da corrente; mas tal elo só pode existir separado se PARTICIPA de um Arquétipo universal e é sustentado por este. Vimos que o mito pode FAGOCITAR o sujeito cultural enquanto se encontre em seu contexto esquemático e enquanto o sujeito manifeste debilidade volitiva, mas, se o sujeito se retira ao seu contexto habitual, o mito não significa nada; inclusive o sujeito poderia ignorar toda a vida, e isto é o mais comum, a existência dos mitos estruturados. Mas, se um mito é representado fora do seu contexto, isso equivale a separar o primeiro elo de uma cadeia evolutiva que vai do Arquétipo universal ao ente, vale dizer, EQUIVALE A ATUALIZAR NO MICROCOSMO UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL NO PRIMEIRO INSTANTE DO SEU DESDOBRAMENTO EVOLUTIVO. De modo que o símbolo sagrado, ao emergir na esfera de luz e substituir a fantasia como objeto de apercepção do sujeito consciente, ESTÁ COLOCANDO O SUJEITO CONSCIENTE NÃO EM MERO CONTATO COM O MITO ESQUEMÁTICO, SENÃO COM UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL, E, ATRAVÉS DELE, COM O DEMIURGO. É certo, então, que todo símbolo sagrado, qualquer que seja seu sinal, desde o complexo Zeus olímpico até a abstrata cruz, representa o Deus do Universo, O Uno, o Demiurgo cósmico: o símbolo sagrado, em um fundo metafísico que há que se transcender, participa, ou é a manifestação revelada, da Vontade Do Uno".

"A Vontade do Demiurgo, presente por trás dos símbolos sagrados, explica porque seu aparecimento frente ao sujeito consciente não causa jamais uma loucura do tipo descrito como "primeiro fenômeno" (Inciso "H" do "Funcionamento da Esfera de Consciência do Pasu", da Primeira Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea). Aqui, ao contrário de uma regressão formal ao mundo primitivo do mito, corre-se o perigo de tornar-se um "representante de Deus na Terra", profeta, enviado divino, reformador social, herói, homem do destino, etc.; vale dizer, corre-se o risco que o sujeito anímico se identifique com uma função coletiva e cesse de evoluir como indivíduo. Tal o "perigo" que corre o sujeito consciente se é fagocitado pelo símbolo sagrado; mas, nesse caso, trata-se de uma loucura "legal", necessária para os objetivos micro e macrocósmico da finalidade do pasu.

Contudo, a afirmação de que "TODO SÍMBOLO SAGRADO REPRESENTA O UNO", E TRANSMITE SUA VONTADE AO SUJEITO ANÍMICO refere-se, desde já, a TODO SÍMBOLO SAGRADO PARA O PASU. No caso do virya, tal como se mencionou no começo, seu "símbolo sagrado" Tirodinguiburr apresenta uma diferença especial, com respeito aos "símbolos sagrados para o pasu" que vimos considerando. Esta diferença se evidenciará se nos referimos aos símbolos sagrados INICIÁTICOS, quer dizer, aqueles que são empregados coletivamente para INICIAR seus receptores no conhecimento de uma verdade metafísica. Com tal motivo, o Iniciador COMUNICARÁ ao iniciado o símbolo sagrado e este, por INDUÇÃO TRANSCENDENTAL, será capaz de colocar-se em contato com a "verdade metafísica" que o símbolo sagrado representa. Quando isso ocorre desenvolve-se um fenômeno psíquico, análogo ao que descrevemos no caso em que o símbolo sagrado mascara e substitui uma fantasia: o símbolo sagrado, revelado ao sujeito consciente por indução transcendental, desdobra-se em um processo evolutivo e tenta FAGOCITÁ-LO. E ESTE PROCESSO SE DENSENVOLVE INEVITAVELMENTE, TANTO SE O INICIADO É UM PASU COMO SE SE TRATA DE UM VIRYA PERDIDO, DEVIDO, NESTE ÚLTIMO CASO, A QUE O EU PERDIDO SE ENCONTRA SUBMERSO NO SUJEITO CONSCIENTE, EXTRAVIADO NO CAMINHO LABRELIX, E É INCAPAZ DE ORIENTAR-SE E SUBTRAIR-SE À AÇÃO DOMINANTE DO MITO.

Há que se confirmar, assim, que TODO SÍMBOLO SAGRADO, incluindo Tirodinguiburr, desenvolve na esfera de luz um processo entelequial sobre o sujeito

consciente SE O MESMO É COMUNICADO COMO SÍMBOLO INICIÁTICO: "Naturalmente, um símbolo sagrado pode ser também dominado volitivamente pelo sujeito consciente, mas tal possibilidade é efetivamente remota para o pasu e só um tipo virya, o "gracioso luciférico" conseguirá realmente deter seu processo". O fato é que, por consistir em uma configuração ARQUETÍPICA de sinais rúnicos, Tirodinguiburr se desdobrará inevitavelmente sobre o sujeito consciente do virya perdido, pois, como símbolo sagrado do virya, será dado a conhecer por um Iniciador, a fim de procurar o Primeiro Passo da solução de Wotan: inclusive a identificação do sujeito consciente com o símbolo sagrado é BUSCADA no Primeiro Passo, quando se introjeta o labirinto exterior por indução para experimentar a gnose do labirinto interior. Mas, se Tirodinguiburr se comporta como os restantes símbolos sagrados, quer dizer, se pode dominar o sujeito consciente do virya perdido e identificar-se com este, que utilidade tem seu emprego na Iniciação Hiperbórea? Ou, com outras palavras, qual é a diferença que tem com os restantes símbolos sagrados? Resposta: TIRODINGUIBURR, COM EFEITO, SE DESDOBRA EM UM PROCESSO ENTELEQUIAL QUE ABSORVE COMPLETAMENTE O SUJEITO CONSCIENTE, AO QUAL O EU PERDIDO ACOMPANHA SEM RESISTÊNCIA; ENTRETANTO, DIFERENTEMENTE DE OUTROS SÍMBOLOS SAGRADOS, A IDENTIFICAÇÃO COM TIRODINGUIBURR CAUSA O "DESPERTAR" E A "ORIENTAÇÃO" DO EU PERDIDO NO SEIO DO SUJEITO CONSCIENTE. VALE DIZER: QUANDO O SUJEITO CONSCIENTE SE CONFUNDIU COM TIRODINGUIBURR, QUANDO O SUJEITO CONSCIENTE "É" O SÍMBOLO SAGRADO, ENTÃO O EU PERDIDO FICA NATURALMENTE SITUADO NO LABIRINTO INTERIOR E SE DESCOBRE EXTRAVIADO E DESORIENTADO; TAL DESCOBRIMENTO É ABRUTO: O EU PERDIDO, COMO SE "DESPERTASSE" DE UM SONHO, ENCONTRA-SE SOBRE UM TETRARQUE E "COGNOSCE" PELA PRIMEIRA VEZ A SEQUÊNCIA BUSCA, OPÇÃO, E ESCOLHA; MAS, O QUE É MAIS IMPORTANTE, AO DESPERTAR LOCALIZA EM "FRENTE" A SI A PRAÇA TAU, A SAÍDA DO LABIRINTO, QUER DIZER, O EU PERDIDO, APÓS "DESPERTAR", SE "ORIENTA". VIRÁ, EM SEGUIDA, A BUSCA DA SAÍDA SECRETA, O CAMINHO PARA A PRAÇA TAU, O SEGREDO DO ÂNGULO RETO QUE SÓ O SEGUNDO PASSO INICIÁTICO PODERÁ OFERECER. MAS ESSE É UM PROBLEMA QUE SE RESOLVE MEDIANTE A PRÁXIS DA ÉTICA NOOLÓGICA, OU SEJA, ADOTANDO UMA "ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA". O CONCRETO É QUE O PROCESSO ARQUETÍPICO DE TIRODINGUIBURR, SUA FAGOCITAÇÃO DO SUJEITO CONSCIENTE, DESPERTA E ORIENTA O EU PERDIDO, PORQUE O SITUA "EM FRENTE AO CENTRO DO LABIRINTO INTERIOR", EM FRENTE À ARQUÊMONA ODAL: MAS, E ISTO HÁ QUE SE AFIRMAR FIELMENTE, O ÚNICO SÍMBOLO SAGRADO QUE APRESENTA SEMELHANTE QUALIDADE DE FACILITAR A LIBERAÇÃO DO ESPÍRITO ENCADEADO, DE DESPERTAR E ORIENTAR O EU PERDIDO PARA A ORIGEM, É TIRODINGUIBURR, O "SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA". OS RESTANTES SÍMBOLOS SAGRADOS, QUAISQUER QUE SEJAM, SÃO ALTAMENTE PERIGOSOS PARA O EU PERDIDO POIS, OU AUMENTAM SEU ENCADEAMENTO AO SITUÁ-LO NO CENTRO DA QUADRANGULARIDADE DE UM TEMPLO OU DE UMA ESPIRAL, OU O DISSOLVEM AO CAUSAR O ESCOAMENTO DO SÍMBOLO DA ORIGEM APÓS IMPULSIONAR O SUJEITO CONSCIENTE A DAR O "GRANDE SALTO" PARA O PRINCÍPIO DO ARQUÉTIPO.

É indubitável que Wotan, ao propor o Primeiro Passo da solução mediante Tirodinguiburr, contou com seu processo entelequial, uma vez que o mesmo, a identificação do sujeito consciente com o labirinto interior, OBRIGA o sujeito consciente a CENTRALIZAR o Eu perdido. Entretanto, se isto fosse tudo, se o Primeiro Passo se

reduzisse só ao processo de um símbolo sagrado arquetípico, não haveria liberação possível; NÃO OCORRE ASSIM, E A LIBERAÇÃO DO ESPÍRITO É UM FATO POSSÍVEL, PORQUE TIRODINGUIBURR É UM SINAL RÚNICO INTERPRETADO ARQUETIPICAMENTE: POR EFEITO DO SISTEMA REAL KALACHAKRA, CONSTRUÍDO PELOS SIDDHAS TRAIDORES, AS RUNAS INCRIADAS DO SÍMBOLO DA ORIGEM ESTÃO RELACIONADAS AO SÍMBOLO SAGRADO DO PASU, AO DESÍGNIO PASU, E PODEM SER DESCRITAS COM SINAIS QUE ADMITEM UMA INTERPRETAÇÃO ARQUETÍPICA; SE ESTES SINAIS ARQUETÍPICOS QUE FORMAM TIRODINGUIBURR, DESDOBRAM-SE EM UM PROCESSO ENTELEQUIAL, EM NADA AFETAM COM ISSO ÀS RUNAS INCRIADAS: ELAS PERMANECEM ETERNAS E IMUTÁVEIS EM SUA INDETERMINAÇÃO ABSOLUTA. AS RUNAS INCRIADAS SÃO A VERDADE DO VIRYA E A ELAS SE DIRIGIRÁ O EU, TRANSCENDENDO AS FORMAS ARQUETÍPICAS DE TIRODINGUIBURR, MEDIANTE UMA "ANÁLISE RÚNICA" QUE DESINTEGRARÁ A SUPERESTRUTURA DE CONEXÕES DE SENTIDO EXISTENTE ENTRE ELAS E OS SINAIS RÚNICOS. ENTÃO, A RUNA INCRIADA FICARÁ EXPOSTA À APREENSÃO DO EU E SEU ÊXTASE, NO KAIROS DA INICIAÇÃO HIPERBÓREA, LHE REVELERÁ A SAÍDA SECRETA PARA A PRAÇA TAU, O SEGREDO DO ÂNGULO RETO, E LHE CONCEDERÁ A IMORTALIDADE NA ARQUÊMONA ODAL: A PARTIR DALI, SUCESSIVOS ÊXTASES LHE PERMITIRÃO CONSTRUIR A ESCADA CARACOL PARA A ORIGEM TAU E A ESCADA INFINITA PARA O SELBST, TRANSMUTANDO-SE EM VIRYA DESPERTO, EM PONTÍFICE HIPERBÓREO, EM SIDHA BERSERKIR.

Já ficou clara a diferença que apresenta o símbolo sagrado do virya com respeito aos "símbolos sagrados para o pasu": Tirodinguiburr, o labirinto exterior de Wotan, é o único símbolo sagrado que facilita a liberação do Eu encadeado. Contudo, os restantes símbolos sagrados são muitas vezes potentes para desdobrar-se e fagocitar o sujeito consciente do virya: se isso ocorre antes de dar o Segundo Passo, o sujeito consciente, transformado em mito autônomo, impedirá sua concretização. É evidente que, após o Primeiro Passo, serão os símbolos sagrados, as máscaras do Demiurgo, os representantes do Inimigo, os principais inimigos do virya, que tratarão de impedir a liberação do Eu encadeado, sua imortalização na Arquêmona Odal. Como evitará o Eu, desperto e orientado, o assédio dos mitos, a possibilidade que um deles fagocite o sujeito consciente e submerja o Eu no engano e na ilusão? Resposta: APRESENTANDO, FRENTE AOS SÍMBOLOS SAGRADOS, UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA. Trata-se, pois, de praticar a ATITUDE ÉTICA PRÉVIA ao Segundo Passo, que descreve a Ética Noológica e que ir-se-á definindo nos próximos artigos.

**Primeira nota** – Estando clara a diferença essencial que apresenta Tirodinguiburr, sinal rúnico, com respeito a todo outro símbolo sagrado arquetípico, daqui em diante ter-se-á que entender que a expressão "SÍMBOLO SAGRADO" se refere-se a TODO SÍMBOLO SAGRADO ARQUETÍPICO, INCLUÍDO O SINAL RÚNICO TIRODINGUIBURR, mas que a expressão "O SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA", OU SIMPLESMENTE "TIRODINGUIBURR", significa A REPRESENTAÇÃO KALACHAKRA DE TRÊS RUNAS INCRIADAS, quer dizer, algo essencialmente diferente de "todo outro símbolo sagrado arquetípico".

**Segunda nota** – FAGOCITAR é um verbo procedente da Fisiologia que expressa a ação de um elemento orgânico chamado FAGÓCITO, presente no sangue e nos tecidos, cuja função consiste em destruir as bactérias e corpos nocivos ou inúteis para o organismo. O modo com o qual os fagócitos cumprem tal função, assimilando,

incorporando a si o elemento oposto, descreve, com grande eficácia, uma ação semelhante cumprida pelos símbolos sagrados: A FAGOCITAÇÃO PSÍQUICA. Tal fagocitação ocorre, naturalmente, quando a vontade é insuficiente para impedi-lo. Ainda que os termos "fagocitar" e "fagocitação" constituam um flagrante neologismo, continuaremos empregando-os no sentido figurado, para representar "a ação sugadora sobre a energia psíquica", exercida pelos símbolos sagrados.

O significado em castelhano literal seria: "fagocitación" = "sucção generalizada".

**G – Ética Noológica e Metafísica Hiperbórea.**

Da Primeira Parte, vamos citar os seguintes conceitos: define-se "a METAFÍSICA HIPEBÓREA como AQUELA CIÊNCIA CUJO OBJETO DE CONHECIMENTO SÃO OS SÍMBOLOS SAGRADOS; em consequência: TODO SÍMBOLO SAGRADO É A REPRESENTAÇÃO DE UMA VERDADE METAFÍSICA. Contudo, a definição não será completa senão indicamos sua principal condição: SÓ SE CONSIDERAM "OBJETOS METAFÍSICOS OS SÍMBOLOS SAGRADOS QUE EMERGEM PELO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA E ENFRENTAM O SUJEITO CONSCIENTE, caso (a). Um pouco que se medite sobre esta condição, compreender-se-á que a esta faz da Metafísica Hiperbórea UMA CIÊNCIA PRÓPRIA DA ESFERA DE LUZ, quer dizer, UMA CIÊNCIA DA CONSCIÊNCIA. Mas não que há que se confundir: que tal ciência seja "própria" da esfera de luz não implica em que seu âmbito de observação seja exclusivamente a esfera de luz; não dissemos "seu objeto de conhecimento é a esfera de luz" senão que "seu objeto de conhecimento são os símbolos sagrados QUE EMERGEM NA ESFERA DE LUZ". Qual é a diferença? Resposta: que, tal como se disse no artigo "H" ("Funcionamento da Esfera de Consciência do Pasu", da Primeira Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea), um símbolo sagrado é "não é só a representação de um mito, senão o termo de uma procissão de formas que parte do Arquétipo universal, quem está, segundo sabemos, sustentado pela Vontade do Demiurgo". Vale dizer: que um símbolo sagrado, por ter sido separado da estrutura do desígnio, PARTICIPA ATIVAMENTE DE UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL. A Metafísica Hiperbórea, então, é uma ciência "própria da esfera de luz", mas cujo objeto de conhecimento, o símbolo sagrado, faz possível a transcendência do microcosmo, pois estende seu âmbito de observação ao plano arquetípico do macrocosmo. É claro, a Metafísica Hiperbórea só pode ser praticada pelos viryas e Siddhas, já que nada parecido ao conhecimento dos Arquétipos universais é permitido ao pasu".

"Mas, se ao pasu está vedada a possibilidade de transcender os símbolos sagrados, que sentido tem seu aparecimento? Por que o Demiurgo previu sua emergência? Resposta: por um motivo operacional. É o Demiurgo, através dos Arquétipos universais, quem se propõe a OPERAR SOBRE O PASU EM DETERMINADOS MOMENTOS DA SUA HISTÓRIA; e tal operação é possível porque os Arquétipos universais se manifestam nos símbolos sagrados e estes participam daqueles. Eis aqui as possibilidades operacionais: o símbolo sagrado emergiu como representação de um mito, como efeito da racionalização de uma fantasia; ou até foi ENSINADO por um instrutor cultural, um Iniciador, e o pasu o A-PRENDEU: o tomou o sujeito cultural como impressão sensível e o percebeu o sujeito consciente como representação consciente, vale dizer, como símbolo sagrado emergente na esfera de luz; ou, também, o símbolo sagrado PODE TER SURGIDO NA SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL EXTERIOR E TER SIDO CAPTADO COMO "DESCOBRIMENTO"; etc. Em qualquer caso, sem que influa na maneira como o

símbolo sagrado chegou a ser conhecido pelo pasu, o certo é que, ao "aparecer" na esfera de luz, infalivelmente participará de um Arquétipo psicoide que exercerá sua ação sobre o sujeito. Contudo, quais são esses "momentos determinados" da história do pasu nos quais emergem os símbolos sagrados que permitem a operação dos Arquétipos psicoides, quer dizer, durante os quais a vontade do sujeito é dominada por uma vontade transcendente? Resposta: tais "momentos", próprios da história do pasu (mas que não são alheios à História de sua comunidade sociocultural, uma vez que existe um certo paralelismo entre a estrutura cultural e as superestruturas de fatos culturais) SÃO MOMENTOS DE CRISE. Os símbolos sagrados têm por função estender uma ponte sobre a crise, ALIVIANDO O SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO, A ALMA, POR UM INSTANTE OU POR UM TEMPO MAIS PROLONGADO, DO CONTROLE DO MICROCOSMO; mas isso ocorre, naturalmente, quando o sujeito carece de vontade para impor-se ao processo entelequial do símbolo sagrado; justamente, os "momentos de crise" são aqueles nos quais o sujeito anímico está desfalecente, talvez desesperado, sentindo que se afunda irremediavelmente nas trevas de uma situação insuperável".

Pois bem, a Sabedoria Hiperbórea afirma que o Primeiro passo da solução de Wotan causa no sujeito consciente uma CRISE SUB-RUNA. Isto significa que o despertar e a orientação do Eu perdido, sua localização frente à fenestra infernalis da Arquêmona Odal para buscar a saída secreta, produzem no sujeito consciente a inequívoca sensação de que se interrompe sua continuidade vital, de que a corrente temporal de consciência se detém e se confunde em alguns instantes intermináveis: é então quando emergem os símbolos sagrados mais perigosos, correspondentes a mitos de extrema sedução, e encurralam o Eu orientado contra a fenestra infernalis da Arquêmona Odal; É ALI QUE O EU DEVE EXIBIR A ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA, SUSPENDENDO A TENSÃO DRAMÁTICA, REDUZINDO A POTÊNCIA DO SÍMBOLO SAGRADO, E APROVEITANDO SUA DETENÇÃO PARA CONHECER SUA "VERDADE METAFÍSICA", PARA EXPLORAR O PLANO ARQUETÍPICO INVERTENDO O SENTIDO DO SÍMBOLO, QUER DIZER, PARA ROUBAR, COMO PROMETEU, O FOGO DO CÉU.

Todo virya que efetuou o Primeiro Passo da solução de Wotan deverá suportar a crise sub-runa do sujeito consciente, e suas tentativas emergentes. Analogicamente, esta é a circunstância que apresenta a crise sub-runa: O EU SE ENCONTRA "FRENTE" AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA, SUBMERSO AINDA NO SUJEITO CONSCIENTE. ENTRETANTO, APÓS TER DADO O PRIMEIRO PASSO DA SOLUÇÃO DE WOTAN, A GNOSE DO LABIRINTO INTERIOR LHE PERMITIU ORIENTAR-SE E SITUAR-SE JUNTO À ARQUÊMONA ODAL. COM RIGOR, O EU SE APOIA NO ÂNGULO RETO BETA (FIGURA 88), ENQUANTO TRATA DE ENCONTRAR A SAÍDA SECRETA, O SEGREDO DA PASSAGEM PARA A PRAÇA TAU. ENQUANTO NÃO SE CONCRETIZA O SEGUNDO PASSO, O EU ORIENTADO ESTÁ "APOIADO", QUER DIZER, "DE COSTAS" AO ÂNGULO RETO E "DE FRENTE" AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA: É ENTÃO QUANDO SOBREVÉM A CRISE SUB-RUNA DO SUJEITO CONSCIENTE. O SUJEITO CONSCIENTE EXPERIMENTA A SÚBITA INDEPENDÊNCIA DO EU, PRODUTO DO PRIMEIRO PASSO, COMO UMA RESISTÊNCIA INTERIOR DE SUA FORÇA VOLITIVA: POR ISSO, SENTE-SE ABSTRAÍDO E DESFALECENTE. MAS ESSA FORÇA VOLITIVA INTERIOR QUE SE REVELA NÃO É OUTRA QUE A "FORÇA PODEROSA" DO EU PERDIDO, QUEM, EM SUA BUSCA DE ORIENTAÇÃO, ARRASTAVA O SUJEITO CONSCIENTE NO SENTIDO EVOLUTIVO, DE ACORDO COM O OBJETIVO DA CHAVE GENÉTICA. ASSIM, O EU ORIENTADO TIRA SUA FORÇA VOLITIVA DO SUJEITO CONSCIENTE

E ESTE EXPERIMENTA A CRISE SUB-RUNA. SUA REAÇÃO É CONSEQUENTE: RECLAMA UMA SALVAÇÃO, UMA AJUDA PARA SUPERAR O MOMENTO CRÍTICO, UMA PONTE QUE UNA AS MARGENS DO ABISMO. E A AJUDA NÃO SE FAZ ESPERAR, PORQUE ESTÁ PREVISTA NO PLANO MICROCÓSMICO DO DESÍGNIO PASU: SURGEM ENTÃO, DAS PROFUNDEZAS DA ESFERA DE SOMBRA, OS SÍMBOLOS SAGRADOS. VÃO EMERGINDO NA ESFERA DE LUZ DISTINTAS REPRESENTAÇÕES DE MITOS ESTRUTURADOS, QUE TENTAM COMPLETAR SEU PROCESSO ENTELEQUIAL FAGOCITANDO O SUJEITO CONSCIENTE E ASSUMINDO O CONTROLE DO MICROCOSMO: SE AO MENOS UM DESTES SÍMBOLOS SAGRADOS CONCRETIZA SEU PROPÓSITO, O SUJEITO CONSCIENTE VER-SE-Á LIVRE DA ANGÚSTIA CRÍTICA E, PELO CONTRÁRIO, SENTIR-SE-Á FORTE E PODEROSO COMO UM DEUS. CLARO QUE ESTA MUDANÇA SÓ SIGNIFICA QUE O SUJEITO SE IDENTIFICOU COM UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL E QUE É O ARQUÉTIPO, O MITO, QUEM DOMINA O MICROCOSMO. NATURALMENTE, EM UM CASO SEMELHANTE, O EU ORIENTADO ESTÁ PERDIDO POIS, SE NÃO CONSEGUIU DAR O SEGUNDO PASSO E ISOLAR-SE NA ARQUÊMONA ODAL, SERÁ NOVAMENTE SUBMERGIDO NO SUJEITO CONSCIENTE, SUBMETIDO AO PIOR GRAU DE EXTRAVIO NO CAMINHO LABRELIX: O MITO, E POR TRÁS DO MITO O DEMIURGO, SE ENCARREGARÃO DE LEVAR AO EXTREMO AS DETERMINAÇÕES DO ENGANO.

DAÍ QUE SEJA UMA QUESTÃO DE CAPITAL IMPORTÂNCIA PARA O EU ORIENTADO O MODO DE EVITAR O PROCESSO DOS SÍMBOLOS SAGRADOS. É POSSÍVEL TAL PRETENSÃO? NOVAMENTE, A RESPOSTA É: SIM; O EU É CAPAZ DE CONTROLAR O PROCESSO DOS SÍMBOLOS SAGRADOS SE APRESENTA, FRENTE A ELES, UMA "ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA". COM OUTRAS PALAVRAS: QUANDO SOBREVÉM A CRISE SUB-RUNA DO SUJEITO CONSCIENTE, O EU ORIENTADO ENCONTRA-SE APOIADO NO ÂNGULO RETO DA ARQUÊMONA ODAL E DE FRENTE AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA; EMERGE, ENTÃO, FRENTE A ELE, UM SÍMBOLO SAGRADO QUE TENTA DESDOBRAR-SE COM GRANDE POTÊNCIA: SE ESSE DESDOBRAMENTO SE CONCRETIZA, O EU ORIENTADO ESTARÁ NOVAMENTE PERDIDO; MAS O EU CONSEGUE DETER SEU PROCESSO, E AINDA INVERTER O SENTIDO PARA EXPLORAR SUA ESSÊNCIA ARQUETÍPICA, APRESENTANDO UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA.

Como vemos, a "atitude graciosa luciférica" é o comportamento do Eu orientado frente aos símbolos sagrados, quer dizer, frente aos "objetos de conhecimento" da Metafísica Hiperbórea; isto equivale a afirmar que A ÉTICA NOOLÓGICA REQUER SER COMPREENDIDA EM UM CONTEXTO METAFÍSICO. A Ética Noológica é a resposta à pergunta: o que devo fazer para liberar meu espírito cativo? Pergunta que se apresenta o Eu SOMENTE QUANDO ESTÁ ORIENTADO, quer dizer, quando se encontra "APOIADO NO ÂNGULO RETO E DE FRENTE AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA"; vale dizer, crise sub-runa mediante "APOIO NO ÂNGULO RETO E DE FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO EMERGENTE"; ou, com mais precisão, "APOIADO NO SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA E DE FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO EMERGENTE". A pergunta ética fundamental: "o que devo fazer?" o Eu apresenta, então, por império do ATO ÉTICO FUNDAMENTAL que consiste em estar "apoiado no símbolo sagrado do virya e de frente ao símbolo sagrado emergente": este ato, cuja definição sintética é "O EU DE FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO" é, claramente, um ATO METAFÍSICO.

POR CONSEGUINTE, A ÉTICA NOOLÓGICA REFERE-SE EXCLUSIVAMENTE A UM "ATO INTERIOR", O EU FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO, E NÃO CONSIDERA NENHUM "ATO EXTERIOR": DO FATO CULTURAL SÓ TOMA EM CONSIDERAÇÃO AS REPRESENTAÇÕES CONSCIENTES QUE TENHAM ASSUMIDO A DIMENSÃO DE SÍMBOLOS SAGRADOS, POR EXEMPLO, OS SÍMBOLOS INICIÁTICOS INTROJETADOS POR INDUÇÃO TRANSCENDENTAL. QUANTO À CONDUTA DO VIRYA, A ÉTICA NOOLÓGICA SÓ DEFINE UM CASO DE COMPORTAMENTO EXTERIOR: AQUELE QUE CORRESPONDE À ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA INTERIOR E QUE SE DENOMINA "HONRA". COM OUTRAS PLAVRAS: QUALQUER FORMA DE EXPRESSÃO EXTERIOR É A MANIFESTAÇÃO DE UMA FORÇA VOLITIVA DETERMINADA; QUANDO A FORÇA VOLITIVA PROCEDE DO SUJEITO ANÍMICO, A EXPRESSÃO É "DOADORA DE SENTIDO", AFIRMADORA DO VALOR GERAL E PARTICULAR DOS OBJETOS CULTURAIS: A ESTA EXPRESSÃO, QUE CUMPRE O OBJETIVO MACROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU, A ÉTICA NOOLÓGICA NÃO CONSIDERA SOB NENHUM PONTO DE VISTA; PELO CONTRÁRIO, QUANDO A FORÇA VOLITIVA PROCEDE DO EU DESPERTO, ISTO É, QUANDO O EU APRESENTA UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA NO ATO ÉTICO FUNDAMENTAL, A EXPRESSÃO CORRESPONDENTE É A HONRA, AO QUE A ÉTICA NOOLÓGICA DEFINE ASSIM: "A HONRA É O ATO DA VONTADE GRACIOSA". AINDA QUE ESTA DEFINIÇÃO LOGO SEJA EXPLICADA NO PRÓXIMO INCISO, CONVÉM MENCIONAR QUE NO VIRIA PERDIDO, E AINDA NO INICIADO HIPERBÓREO, A HONRA NÃO É EXPRESSÃO PERMANENTE E QUE REQUER UM KAIROS: O KAIROS DA HONRA, O MOMENTO ABSOLUTO EM QUE SE MANIFESTA O ESPÍRITO E O VIRYA EXPRESSA A HOSTILIDADE ESSENCIAL. SÓ OS SIDDHAS LEAIS, CUJA EXPRESSÃO PERMANENTE É A HOSTILIDADE ESSENCIAL PARA COM A MATÉRIA MACROCÓSMICA, ATUAM SEMPRE COM HONRA.

RESUMINDO, O ÚNICO ATO EXTERIOR DO VIRYA QUE COMPREENDE A ÉTICA NOOLÓGICA É O KAIROS DA HONRA, A EXPRESSÃO QUE CORRESPONDE À ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA DO EU. ANTE O ATO ÉTICO FUNDAMENTAL, O EU FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO, O VIRYA SE PERGUNTA: O QUE DEVO FAZER? A ÉTICA NOOLÓGICA, BASEANDO-SE EM SEU PRINCÍPIO CARDINAL QUE ENUNCIA "A RUNA INCRIADA É A VERDADE DO VIRYA", OFERECE UMA RESPOSTA: O EU DEVE APRESENTAR UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA. E A SABEDORIA HIPERBÓREA CONFIRMA: SÓ ADOTANDO UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA O EU PODERÁ EVITAR O PROCESSO DOS SÍMBOLOS SAGRADOS E CONSEGUIRÁ ISOLAR-SE NA ARQUÊMONA ODAL, O CENTRO DO LABIRINTO INTERIOR; ENTÃO ATUARÁ COM HONRA, A ÚNICA MORAL DO VIRYA.

A atitude graciosa luciférica será definida, mais adiante, como própria de um tipo de virya perdido: o gracioso luciférico. A Ética Noológica descreve este tipo, junto ao "lúdico' e ao "sacralizante", como integrante de uma tipologia psicológica dos viryas perdidos, denominada ABERRO. Esta tipologia, que começar-se-á a desenvolver a partir do artigo seguinte, com a descrição do "tipo lúdico", refere-se, em todos os casos, ao ATO ÉTICO do "O EU FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO". Assim, os três tipos básicos de virya perdido, lúdico, sacralizante, e gracioso luciférico, definem-se pela atitude que o Eu perdido assume frente ao símbolo sagrado.

**H – Atitude lúdica e degradação dos símbolos sagrados.**

No artigo "E", analisou-se a deformação de uma série de sinais labirinto exterior e se demonstrou que todas as diferenças com respeito a TIRODINGUIBURR

respondem a um plano dos Siddhas Traidores de Chang Shambala. O objetivo deste plano se propõe, finalmente, a mudar o significado do sinal labirinto exterior para evitar sua utilidade na solução de Wotan ao problema do encadeamento espiritual: pelo contrário, o símbolo sagrado do virya, degradado e deformado, transformado em representação da chave Kalachakra, há de contribuir ao encadeamento espiritual. Quem são os encarregados de levar adiante este plano? Resposta: são os próprios viryas perdidos, os quais, com sua ATITUDE LÚDICA, causam a DEGRADAÇÃO dos símbolos sagrados e sua posterior DEFORMAÇÃO. Neste, e nos artigos seguintes, vamos descrever e estudar tal atitude de uma perspectiva ético-noológica; recordemos que o virya perdido degrada os símbolos sagrados com sua atitude lúdica e que só mediante uma atitude graciosa luciférica, "atitude ética prévia", poderá dar o Segundo Passo que conduz à liberação espiritual: para assumir esta última atitude, deverá prescindir totalmente da atitude lúdica e restituir aos símbolos sagrados seu significado metafísico.

Uma primeira ideia da atitude lúdica poderemos obter a partir do Primeiro passo da solução de Wotan: há que se considerar, para isso, a possibilidade de que o virya NÃO EXECUTE O PASSO INDUTIVO ENTRE O LABIRINTO EXTERIOR E O LABIRINTO INTERIOR, LIMITANDO-SE, EM TROCA, A PROJETAR O SUJEITO SOBRE O LABIRINTO EXTERIOR. Vale dizer que, em vez de interpretar a ideia "despertadora" de "busca, opção e escolha", e experimentar a "gnose do labirinto interior", o virya projeta o sujeito anímico sobre o labirinto exterior e BRINCA de resolver o "problema do labirinto". Do ponto de vista do virya lúdico, o labirinto exterior é um plano que mostra a rede de caminhos DE CIMA e que pode ser ABARCADO COM UM SÓ GOLPE DE VISTA; assim, ainda que sua visão revele a sequência "busca, opção e escolha", nem por isso deixa de ser uma projeção exterior sobre a qual o virya acredita ingenuamente poder GANHAR, indicando as cercas e obstáculos e percorrendo várias vezes os sinuosos caminhos com a vista, ou com um ponteiro, até dar com a "saída". É claro, quando o virya age desse modo, na realidade está BRINCANDO com o sinal labirinto exterior, quer dizer, NEGANDO-LHE O CARÁTER DRAMÁTICO À IDEIA QUE ESTE INDUZ.

Em geral, TODO JOGO REPRESENTA A DEGRADAÇÃO METAFÍSICA DE UM CULTO, A CUJAS PRÁTICAS RITUAIS NÃO SE QUIS RENUNCIAR: CONTINUA-SE, ENTÃO, PRATICANDO O RITO "COMO JOGO", QUER DIZER, NEGANDO SUA TRANSCENDÊNCIA METAFÍSICA ORIGINAL OU, O QUE É O MESMO, TORNANDO-A INCONSCIENTE. E O PRODUTO DESSA "ATITUDE LÚDICA" É A DEGRADAÇÃO E DEFORMAÇÃO DO SÍMBOLO SAGRADO QUE REPRESENTAVA O CULTO, A PERDA DE SEU SIGNIFICADO METAFÍSICO; PELO CONTRÁRIO, QUANDO O SÍMBOLO SAGRADO SE EMPREGA, NÃO COMO JOGO, SENÃO COMO SÍMBOLO INICIÁTICO A UM MISTÉRIO, OU COMO OBJETO DE CULTO, SUA TRANSCENDÊNCIA METAFÍSICA É A ÚNICA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL.

No caso do símbolo sagrado do virya, a transcendência metafísica que outorga quando é empregado no Primeiro Passo da solução de Wotan, procede de dar "um passo além" da mera compreensão racional de seu significado, passo INDUTIVO que está, naturalmente, ausente na atitude lúdica. Tal passo consiste, literalmente, EM SALTAR PARA O INTERIOR DO LABIRINTO INTERIOR, em tornar-se ator consciente do DRAMA de estar extraviado em uma rede de caminhos e sem possibilidade de orientar-se neles. É então quando o virya descobre, DRAMATICAMENTE, sua própria miséria espiritual, pois reconhece que se encontra efetivamente extraviado em um labirinto colossal. Este RE-CONHECIMENTO ocorre como GNOSE, como uma iluminação súbita do Eu perdido, como recordação de sangue, e produz o aparecimento

de uma urgente vontade de sair. Neste momento, efetivamente se saltou a barreira de uma ilusão antiga: com efeito, o engano da "liberdade", ou do "livre arbítrio", fica em evidência quando o Eu experimenta "a gnose do labirinto interior". Fica assim aniquilada a Estratégia cultural inimiga que criava a ilusão de que é possível ser e fazer por si mesmo: a compreensão de que o Eu está prisioneiro em um labirinto e de que todos seus atos estão determinados, condicionados pelos caminhos fixos que se devem obrigatoriamente percorrer, desvanece essa ilusão.

Resumindo, recordemos que o "salto indutivo" que estamos mencionando, do labirinto exterior ao labirinto interior, é a "transcendência metafísica" propriamente dita, a passagem que leva da simples contemplação de um símbolo sagrado até a íntima vivência da essência que este representa e que o sustenta internamente; os símbolos sagrados, como sabemos, representam verdades metafísicas, quer dizer, seres do plano arquetípico, Arquétipos universais, Mitos, etc.; o "salto indutivo" é, pois, também, um trânsito inteligente da forma aparente do símbolo sagrado até sua verdade metafísica. No caso do labirinto exterior, um trânsito tal se dá entre "o externo", o projetado e desdobrado, o confrontado à visão cognitiva, e "o interno", o experimentado como vivência do símbolo sagrado, como gnose de sua verdade metafísica: vivência, gnose, que implica a apreensão do significado metafísico do símbolo sagrado, quer dizer, o significado que lhe concede o Arquétipo universal e seu contexto, e não uma mera compreensão conceitual, cujo significado lógico racional baseia-se na estrutura cultural. Quem atravessou desse modo os limites do símbolo sagrado, e obteve a gnose de sua essência arquetípica, SEM SER FAGOCITADO PELOS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS, possui um conhecimento metafísico que tem caráter de VERDADE MACROCÓSMICA, quer dizer, caráter de conceito ou super conceito universal.

Contudo, com respeito ao sinal labirinto exterior, há que se insistir em que a "gnose do labirinto interior só poderá se alcançar quando o virya está disposto a dar o passo "SERIAMENTE", a transitar para o labirinto interior procurando a compreensão do significado do símbolo sagrado, vivenciando a dramaticidade do extravio: em caso contrário não conseguirá concretizar o Primeiro Passo. Por quê? PORQUE NÃO É POSSÍVEL "BRINCAR" COM A VERDADE METAFÍSICA SEM DEGRADÁ-LA E DESVIRTUÁ-LA AO MESMO TEMPO. Aquele que brinca SABE QUE NÃO É SÉRIO, não se entrega totalmente e, por isso, há de permanecer sempre rondando pela periferia do símbolo sagrado; a revelação de sua essência está vedada para ele.

**I – A atitude lúdica do virya perdido.**

Como se define a atitude lúdica? Resposta: a atitude de jogar consiste em criar um personagem imaginário, um reflexo de si, um desdobramento, o qual se submete às provas necessárias SEM CONFUNDIR JAMAIS OS PAPÉIS. O jogador, então, coloca uma máscara, protege-se, e joga ATRAVÉS de seu personagem fictício. Isto se comprova notavelmente no xadrez, jogo no qual as peças representam figuras da vida humana, que facilitam as projeções do jogador: a peça do rei, por exemplo, é quem na verdade arrisca a cabeça durante as contendas que se travam no tabuleiro, ou na alma do jogador; ainda que o jogador se identifique temporariamente com o personagem, SABE A TODO MOMENTO QUE NÃO É SÉRIO, que sempre pode abandonar a luta e recuperar a segurança de sua própria personalidade. Mas não é em todos os jogos que os personagens se corporificam fora, como no xadrez; em outros mais abstratos, as fichas são movidas por um único personagem: a máscara do jogador. E além dos "jogos" propriamente ditos, aqueles em que se convém que são tais, estão os acontecimentos, exteriores e interiores, que se encaram com atitude lúdica, EM GERAL, TODOS AQUELES NOS QUAIS O JOGADOR DESCOBRIU UM OBJETO SÊMICO, UM SÍMBOLO QUE LHE É IRRESISTIVELMENTE ATRAENTE, MAS COM

O QUAL NÃO DESEJA RESPONSABILIZAR-SE DIRETAMENTE. Porque o jogador, paradoxalmente, é o que NÃO JOGA, o que não passa por riscos a si mesmo, senão por intermédio de um personagem irreal; jamais se atreveria a correr os perigos aos que submete seus personagens e sempre regressa à mediocridade da vida cotidiana, rotineira, mas "segura". O JOGADOR É, ENTÃO, QUEM TEME SAIR DEFINITIVAMENTE DO ENGANO, romper o véu da ilusão e enfrentar as verdades que possam sobrevir. É irresponsável porque não deseja jogar-se e joga para experimentar em seus personagens intermediários as vivências que não se atreve a viver diretamente.

Entretanto, devido à aparência vulgar da atitude lúdica, não fica evidente que a mesma indique inequivocamente a propriedade do virya perdido; a atitude lúdica, com efeito, revela uma base estratégica: A INTUIÇÃO DO "CONFLITO" E DA POSSIBILIDADE QUE POSSUEM OS CONTRÁRIOS DE "GANHAR" OU "PERDER". Recordemos a definição dada no Inciso "C" do Tomo I da Segunda Pare dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea: "TODO FATO HISTÓRICO OU CULTURAL É A MANIFESTAÇÃO DE UM ARQUÉTIPO PSICOIDE, OU MITO, MEDIANTE UMA SUPERESTRUTURA, CUJOS MEMBROS, HOMENS E OBJETOS CULTURAIS, EVOLUEM EM CONJUNTO PARA A SUA ENTELÉQUIA"; mas a "evolução" do fato cultural tem um sentido determinado pela síntese de todas as tensões entre os objetos culturais do contexto axiológico, tensões que são a expressão dos "conflitos" entre os Arquétipos dos quais participam os objetos culturais: por isso se diz na primeira Parte: para o pasu "A GUERRA É O MODO COMO OS ARQUÉTIPOS RESOLVEM SEUS CONFLITOS"; estes "conflitos" arquetípicos, cuja manifestação são as tensões que se estabelecem entre os objetos culturais através das conexões de sentido, configuram uma trama dramática denominada ARGUMENTO KÁRMICO, pelos Senhores do Karma, quer dizer, pelos Siddhas Traidores de Chang Shambala; e no argumento kármico intervém o pasu inconscientemente, desempenhando um papel predestinado, atuando em representação dos Arquétipos e participando de seus "conflitos": MAS O PASU DEBE ATUAR NO DRAMA SEM SUSPEITAR JAMAIS DO ARGUMENTO KÁRMICO NEM SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA; DO CONTRÁRIO, SE DEBILITARIAM AS TENSÕES DRAMÁTICAS E O ARQUÉTIPO ASTRAL PERDERIA POTÊNCIA PARA CAPTURAR O PASU NA SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL; ASSIM, IGNORANDO AS TENSÕES ARGUMENTAIS QUE O IMPULSIONAM, O PASU TOMA PARTE ATIVA NOS CONFLITOS ARQUETÍPICOS E "LUTA PELA VIDA", QUER DIZER, LUTA PARA VIVER OU PARA SOBREVIVER. O virya perdido, por sua parte, apresenta duas atitudes típicas: "normalmente", quer dizer, quando o Eu perdido se encontra submerso no sujeito consciente e não manifesta senão sua força volitiva, o virya é ator inconsciente e ignora, como o pasu, os conflitos arquetípicos: as situações conflitivas da vida, a polêmica ou a guerra, o arrastam sempre como protagonista ativo, sem que chegue a se interrogar sobre sua essência nem a suspeitar do argumento kármico; a segunda atitude é a já adiantada: o virya intui o conflito e a possibilidade que têm os contrários de ganhar ou perder; tal intuição é claramente noológica, vertida pelo Eu no sujeito, sobreposta à sua força volitiva, e causa um estado de crise no sujeito consciente; o sujeito, de repente, percebe a base conflitiva dos acontecimentos e reage com angústia e temor: temor ao enfrentamento e seus resultados, temor de "perder". Neste segundo caso, do qual nos ocuparemos adiante, a crise do sujeito se resolve por meio de algum símbolo emergente que TAMPA A VOZ DO EU e elimina a fonte da angústia; cessa então a causa do alarme do sujeito, a intuição do conflito arquetípico, do argumento arquetípico, e a "normalidade" da ignorância retorna à vida do virya perdido. O passo seguinte consiste em tomar partido e intervir ativamente na luta,

definindo um sentido particular no contexto axiológico, quer dizer, integrando-se na superestrutura do fato cultural.

Mas nem todos dão este passo. O motivo é que em alguns viryas a intuição metafísica do conflito arquetípico, interpretada em termos sêmicos pelo sujeito cultural, acaba sendo uma experiência extremamente atraente: ocorre então que o Eu expressa atração pelo conflito ou por seus símbolos representativos, enquanto o sujeito experimenta o temor antes descrito, sem que lhe seja possível tampar completamente a expressão do Eu. Desta tensão entre o Eu e o sujeito consciente surge como resultado a atitude lúdica. Com outras palavras, muitos viryas perdidos preferem NÃO SE COMPROMETER no conflito, cedendo ao temor do sujeito anímico, mas, não conseguindo subtrair-se ao desejo de participar do conflito ou de seus símbolos; por influência do Eu, adotam um disfarce cultural e BRINCAM DE CONFLITO, deixando para seus títeres a tarefa de resolvê-lo.

Basicamente o jogador, reconhecedor do conflito, procura evitar que este se instale em sua própria vida porque É CONSCIENTE DAS POSSIBILIDADES EM QUE SE DEBATEM OS CONTRÁRIOS: GANHAR OU PERDER. E ELE NÃO DESEJA PERDER. O jogador TEME perder na vida e por isso não se joga jamais A SÉRIO, preferindo esconder-se por trás de suas máscaras lúdicas que são as que assumem efetivamente os riscos da confrontação. Por que joga? Resposta: PORQUE O CONFLITO LHE ATRAI E DESEJA GANHAR SEM CORRER, PARA ISSO, RISCOS REAIS. O jogo satisfaz essa paixão, pois permite enfrentar, pelo tempo de duração de um "MATCH GAME", um adversário fictício e circunstancial, ante quem se arriscarão somente elementos simbólicos, quer dizer, objetos culturais dotados de valor geral: pontos, fichas, dinheiro, etc. Vale dizer: NO JOGO NÃO SE ARRISCA NADA DE SI, "nem tanto de si", senão tantos fictícios, objetos culturais que não comprometem a situação estratégica interior do Eu, O JOGO NÃO MODIFICA O JOGADOR, NÃO O AJUDA A REORIENTAR-SE EM DIREÇÃO À ORIGEM.

Sintetizando a definição, O JOGADOR É QUEM INTUIU A REALIDADE DO CONFLITO E SUAS POSSIBILIDADES: GANHAR OU PERDER; MAS, NÃO ESTANDO DISPOSTO A SE COMPROMETER CONCRETAMENTE EM UM CONFLITO VERDADEIRO, POR TEMOR NÃO CONFESSADO DE PERDER, NEM TAMPOUCO DE RENUNCIAR À PAIXÃO DE GANHAR, DECIDE "JOGAR" A POLÊMICA OU A GUERRA, PARTICIPA EM UMA CONTENDA SIMULADA, NA QUAL SE SENTE SEGURO PORQUE "SABE QUE NÃO É SÉRIO", QUE AS PERDAS, EM TODO CASO, SERÃO OBJETOS CULTURAIS SUBSTANCIALMENTE DIFERENTES DO SEU CORPO, ALMA OU ESPÍRITO.

É importante destacar que o jogador sempre é consciente de que o jogo tem um fim, que conclui infalivelmente após um tempo prefixado, ao cabo do qual recupera sua própria personalidade: por isso sente-se SEGURO. Fora do jogo, que, por outro lado, pode abandonar a qualquer momento, está a "normalidade", o estado no qual há de permanecer indefinidamente. Esta "normalidade", na qual transcorre fatalmente sua vida, é o contexto axiológico do jogador, a superestrutura cultural onde representa um papel fixo do argumento kármico. Na realidade, jamais abandona esse mundo cultural pois, ao jogar, só simula ausentar-se dele, disfarçando-se por breves momentos de personagem ou partido, PROJETANDO SUA PAIXÃO PELO CONFLITO EM OBJETOS CULTURAIS, MÁSCARAS E MARIONETES.

O que significa esta atitude do jogador de NÃO SE COMPROMETER com o conflito real e sua intervenção, em troca, em enfrentamentos simulados? Resposta: que O JOGADOR "ENQUADROU" O CONFLITO DENTRO DOS LIMITES DO JOGO E

QUE O APRESENTOU EM "TERMOS SIMBÓLICOS". Como se vê, trata-se de uma operação muito mais complexa do que permite supor a vulgaridade da atitude lúdica.

O ENQUADRAMENTO do conflito é necessário para oferecer SEGURANÇA ao jogador: fora do quadro lúdico está a "normalidade" do mundo cultural. Na área, espacial ou psicológica, de dito enquadramento, há de acontecer um conflito simulado, irreal, onde se enfrentam os representantes simbólicos dos jogadores. E é a estes símbolos, se pretendemos compreender a atitude lúdica do virya perdido, que devemos prestar especial atenção.

Com efeito, os símbolos em jogo no jogo, de onde vieram? Porque é evidente que eles "tiveram que vir" à área enquadrada do conflito, uma vez que o jogador não abandona nem por um instante seu próprio mundo "normal"; justamente, segundo se explicou, joga para permanecer nele sem renunciar à paixão do conflito. Uma resposta geral já foi adiantada em "H", quando se enunciou: "todo jogo representa a degradação metafísica de um culto a cujas práticas rituais não se quis renunciar: continua-se, então, praticando o rito "como jogo", quer dizer, negando sua transcendência metafísica original ou, o que é o mesmo, tornando-o inconsciente". Referíamo-nos ali, desde já, aos jogos "tradicionais", tais como o xadrez ou os dados, constituídos por um conjunto de símbolos ou objetos culturais que devem se utilizar de acordo com certas regras. Com ditas regras se institui um argumento lúdico que regula o comportamento dos símbolos que se enfrentam durante a partida; com o PRINCÍPIO DO CERCO, por sua projeção, enquadra-se a área onde se trava o conflito simulado.

**J – Promoção sinárquica da atitude lúdica.**

Referimo-nos aos jogos "tradicionais" para exemplificar "em geral", mas aqui vamos destacar que EM PARTICULAR, a atitude lúdica é adotada pelo virya perdido em múltiplas situações da vida corrente; não se trata nestes casos de antigos cultos sagrados, senão de acontecimentos atuais que o virya perdido REDUZ aos termos de um jogo, quer dizer, os enquadra e os apresenta como um conflito simulado. Para que o faz? Resposta: em particular, o virya perdido encara "como um jogo" AQUELES FATOS CULTURAIS AOS QUAIS DESEJA ESVAZIAR DE CONTEÚDO DRAMÁTICO: PROCURA, ASSIM, PARTICIPAR DO FATO CULTURAL, MAS SEM ASSUMIR COMPROMISSO OU RESPONSABILIDADE ALGUMA, DIMINUINDO A "SERIEDADE" DO SEU PAPEL PRINCIPAL. Por exemplo, todos conhecemos sujeitos "Dom Juan" que JOGAM com as mulheres, simulando todo tipo de afetos, mas que fogem ante o menor traço de "obrigação", quer dizer, de "seriedade", na relação. E como este, existe toda uma espécie de tipos psicológicos correspondentes a sujeitos irresponsáveis para com outros símbolos, à parte "da mulher": por exemplo, "o emprego", "o lar", "os empréstimos", "a pátria", etc., são conceitos que habitualmente se enquadram em termos lúdicos, vale dizer, todo fato que, tomado "seriamente", imponha uma certa obrigação. O jogador, nestes casos, tenta se evadir de qualquer compromisso que o ligue com o fato, tirando-lhe "toda seriedade", negando seu caráter dramático e vivenciando-o "como um jogo". Cumprem-se, então, as condições da atitude lúdica: enquadramento do conflito dentro dos limites do jogo e sua apresentação em termos simbólicos. No exemplo anterior, o Dom Juan "enquadra o conflito" em torno de uma mulher-símbolo: o jogo consiste em seduzi-la, apresentando-se ante ela provido de uma máscara agradável; "ganha-se" se a mulher-símbolo se entrega a seu títere; e perde-se, em caso contrário.

Para a Sabedoria Hiperbórea, de acordo com a Ética Noológica, demonstrar uma atitude lúdica para com a vida significa um autêntico suicídio estratégico: AO NEGAR O CARÁTER DRAMÁTICO AO FATO CULTURAL, SE ESTÁ DESCONHECENDO O PROCESSO ARQUETÍPICO QUE O PRODUZ E SUA

EVOLUÇÃO PARA A ENTELÉQUIA, FINALIDADE QUE REPRESENTA PARA O ESPÍRITO CATIVO UMA "CATÁSTROFE". A atitude lúdica para com a vida produz um daltonismo gnosiológico que é característico no virya perdido e uma das causas principais de sua confusão estratégica. Mas a atitude lúdica será difícil de desterrar, uma vez que a cultura ocidental, habilmente dirigida pela Sinarquia, a promove em todos os níveis da educação como "meio adequado para aperfeiçoar a capacidade de decidir". Com efeito: existe uma complexa teoria matemática dos jogos que, com o concurso de computadores eletrônicos, permite investigar modelos analógicos de situações ou fatos. Os "negócios", business game, ou a "guerra", war game, podem ser simulados em um jogo cibernético, por exemplo, o qual, desenvolvido em grande velocidade, permite "antecipar" uma infinidade de prováveis variáveis e avaliar alternativas. Baseando-se em tais métodos cibernéticos, e na crença de que a opção que um jogador tem é efetivamente uma "decisão", inventou-se uma teoria das decisões à qual pomposamente se denomina "estratégia". Nem é necessário dizer que a origem deste obituário foram os Estados Unidos e que seus conceitos têm hoje aceitação universal. Vemos, assim, "executivos" banqueiros ou das empresas multinacionais, militares e diplomatas, que empregam a "estratégia" do jogo em todas as suas "decisões". Mas estes jogadores de alto nível, que hoje dirigem o mundo, são gnosiologicamente daltônicos: suas "decisões máximas" só beneficiam a Sinarquia. E por baixo dos "executivos estrategistas", pragmáticos e desapiedados para "ganhar" dinheiro, o ocidente capitalista, seguindo o modelo do "american way of life" produz diariamente milhões de novos jogadores daltônicos, viryas perdidos que se incorporam à vida dispostos a "competir" para "ganhar". Naturalmente, a amoralidade de um modo de vida que induz seus participantes a competir "como em um jogo", um jogo no qual, para demonstrar destreza, há que se destruir efetivamente o adversário, está à vista. Assim, qualquer um pode cair no enquadramento de um jogo alheio, apresentado por um jogador que ambiciona ganhar dinheiro-símbolos ou prestígio-símbolo, e ser destruído sem piedade. E este crime é lícito, inclusive fomentado e alentado pela sociedade ocidental, se se comete no quadro de um "business game", por exemplo.

Só agregaremos uma palavra sobre a falácia com que se pretende justificar a atitude lúdica para com a vida. Esta falácia é a tão famosa "capacidade de decisão" de que disporiam os executivos ("bussineman", diplomáticos, políticos, juristas, diretores, etc.) ocidentais apenas pelo fato de ter "competido" toda a vida até chegar a uma "alta posição". A verdade é que quando o enquadramento lúdico se efetua "sobre a sociedade", dito quadro é sustentado por uma superestrutura de fatos culturais. Quer dizer; por Arquétipos Astrais que procuram desdobrar-se durante o "match game", CAPTURAM O JOGADOR E DETERMINAM AS "OPÇÕES", DE MANEIRA QUE, QUALQUER QUE SEJA A DECISÃO, SEMPRE FAVOREÇA A EVOLUÇÃO KÁRMICA. Como cabe se esperar, então, de cidadãos competentes, formados em uma filosofia de vida lúdica, competitiva e amoral, SUAS "DECISÕES" SÃO COMPLETAMENTE ILUSÓRIAS, ESSENCIALMENTE DETERMINADAS PELAS "REGRAS DO JOGO" político, militar, diplomático, econômico, etc. E dessa ilusão de "decidir", vaidosa crença, padecem, por exemplo, tanto os que optam entre "pagar ou não um crédito", "devolver ou não um livro" (jogo do empréstimo); como o que "decide" obter por meio de uma dádiva, o "favor" de outra pessoa, que "decide" também entre aceitar ou não (jogo do suborno); assim como o governante que "decide" aliar-se com tal ou qual linha da Sinarquia (jogo da diplomacia), etc. Estas não são decisões verdadeiras, uma vez que as opções são falsas. Só pode decidir aquele que escolhe livremente e esta condição não a pode exibir ninguém que se encontre integrado à superestrutura dos fatos culturais. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea afirma que só está

em capacidade de decidir aquele que tenha superado todos os enquadramentos lúdicos da realidade, quem tenha dado esse "Segundo Passo" da solução de Wotan, que permite conhecer gnosticamente o Engano do mundo material, quer dizer, quem se tornou Iniciado Hiperbóreo; uma verdadeira decisão é, por exemplo, a que tomou o Führer, quando declarou a Guerra Total às Potências da Matéria, ou a de Lúcifer quando cedeu o Gral para que divinize as linhagens hiperbóreas.

**K – Plano sinárquico contra o símbolo sagrado do virya.**

Devemos avisar agora que não teríamos dedicado tantos artigos para descrever a atitude lúdica do virya perdido se não existisse um motivo importante. Tal motivo, que já foi adiantado ao demonstrar a deformação dos sinais labirinto exterior, é o propósito de expor o plano que a Sinarquia está levando a cabo para destruir o último símbolo sagrado iniciático de que ainda dispõem as linhagens hiperbóreas, vale dizer, o labirinto exterior de Wotan, Tirodinguiburr, e algumas das suas variantes culturais. Mas, como se destrói um símbolo sagrado? Resposta: degradando-o, rebaixando-o, isolando-o metafisicamente, exaltando a forma sobre a essência, MUDANDO SEU SIGNIFICADO por deformação, etc. Logo teremos oportunidade de estudar de que maneira se faz efetiva tal corrupção. Neste momento tenhamos presente que A SINARQUIA SE VALE DA ATITUDE LÚDICA PARA CUMPRIR O OBJETIVO DE SEU PLANO. Com efeito, vimos que o jogo consiste no enquadramento de um conflito apresentado em termos simbólicos e também que o jogador atua desse modo por temor; os símbolos do jogo são, assim, as expressões degradadas de certas realidades transcendentes intuídas pelo jogador e às quais este não quis tomar em sentido sagrado ou ritual, senão em sentido lúdico. Pois bem, um símbolo iniciático, tal como Tirodinguiburr, é antes de tudo um símbolo sagrado, quer dizer, um objeto da atitude lúdica. Então, para compreender com profundidade o plano corruptor da Sinarquia, devemos conhecer primeiro o modo no qual a atitude lúdica afeta o símbolo sagrado. Explicaremos m seguida e, mais adiante, voltaremos a tratar acerca do símbolo sagrado do virya.

**L – O "jogador sacrílego", profanador de símbolos sagrados.**

É claro já que, quando interrogávamos: de onde vêm os símbolos em jogo no jogo? Referíamo-nos a algo mais que jogos "tradicionais", pois a atitude lúdica, segundo se demonstrou, é adotada habitualmente pelos cidadãos competentes para intervir em todo tipo de fatos. No passado, quando ainda existiam as Escolas de Mistério, os rituais esotéricos tinham por missão colocar os iniciados em contato com a Divindade própria do culto, quer dizer, com um Arquétipo universal, Manu, Mito, etc.; este contato se realizava por intermédio de SÍMBOLOS SAGRADOS que representavam a Divindade ou o caminho que conduzia a ela. É claro, tais símbolos sagrados correspondiam a realidades metafísicas, às que só podia ter acesso após uma preparação psicológica para a "iniciação" ao Mistério. A princípio, pois, os símbolos sagrados iniciáticos estavam fora do mundo, eram metafísicos, NÃO PODIAM SER VISTOS DE NENHUM MODO POR OLHOS PROFANOS. O avanço do Kaly Yuga motivou a transformação dos Mistérios esotéricos em religião exotérica e, em consequência, muitos símbolos sagrados foram arrastados nessa queda. Deste fato procedem a maioria dos jogos "tradicionais", cujos símbolos, hoje atrozmente degradados, tiveram antiquíssimo caráter sagrado e esotérico.

Mas, segundo dissemos, o principal culpado da degradação dos símbolos sagrados é a atitude lúdica do virya perdido. Isto ocorre quando o virya apresenta uma atitude lúdica no ato ético fundamental, quer dizer, o Eu frente ao símbolo sagrado: TAL ATITUDE LÚDICA INTERIOR, ASSUMIDA PELO EU FRENTE AO SÍMBOLO

SAGRADO, DEFINE O TIPO DE "JOGADOR SACRÍLEGO", O QUE PROFANA E DEGRADA OS SÍMBOLOS SAGRADOS. O tipo de jogador sacrílego é o que favorece o objetivo do plano da Sinarquia e, como a atitude lúdica se acha hoje universalmente estendida, é bastante abundante sua presença nas sociedades atuais. Vejamos, antes de tudo, de que modo a atitude lúdica interior afeta o símbolo sagrado; mais adiante, contudo, se descreverá o tipo de jogador sacrílego.

Recordemos que "todo símbolo sagrado é a representação de uma verdade metafísica"; recordemos, também, que a atitude lúdica encobre uma postura ambígua de TEMOR de comprometer-se diretamente, e de ATRAÇÃO pelo conflito e pela possibilidade de ganhar. Tendo presente estes conceitos, suponhamos que o Eu, a princípio, intui uma "verdade metafísica" e a transfere ao sujeito consciente; dita intuição é apercebida pelo sujeito como uma fantasia e imediatamente racionalizada; um símbolo sagrado, que representa tal verdade metafísica, emerge no umbral da consciência e mascara a fantasia; o símbolo sagrado tenta, então, desdobrar-se em um processo entelequial que atualize seu conteúdo, sua verdade metafísica, quer dizer, tenta fagocitar o sujeito e tornar a própria consciência em conteúdo simbólico, no ato de sua verdade metafísica; fica assim apresentado o ato ético fundamental, o Eu frente ao símbolo sagrado; nesse momento, gera-se o TEMOR e o símbolo é rejeitado momentaneamente; mas, posteriormente comprova-se que a verdade intuída exerce uma ATRAÇÃO irresistível e que o símbolo ameaça instalar-se novamente na consciência; a ambiguidade origina-se na confrontação entre a tendência anímica do sujeito, que TEME a crise e a ação consequente do símbolo sagrado, e a tendência noológica do Eu perdido, que demonstra ATRAÇÃO pelo símbolo e sua verdade metafísica. Se a confusão sanguínea é muito grande, predominará a influência do pasu, o temor, e se experimentará uma paixão que chamamos "atitude lúdica interior" do jogador sacrílego; ela consiste, por um lado em NÃO RENUNCIAR AO SÍMBOLO SAGRADO e, por outro, em NÃO TRANSCENDER SUA FORMA PARA APREENDER A ESSÊNCIA, QUER DIZER, EVITAR TOMAR CONSCIÊNCIA DA VERDADE METAFÍSICA REPRESENTADA POR ELE; fundamentalmente procura-se CONTER O SÍMBOLO SAGRADO SEM SER CONTIDO POR ELE. É claro que tais propósitos não se poderão conseguir sem degradar o símbolo sagrado, SEM ATRAÍ-LO PARA O ENQUADRAMENTO INTERIOR DO JOGO.

Deve se entender, em síntese, que os símbolos sagrados CAEM no enquadramento lúdico interior porque o jogador sacrílego estabeleceu inicialmente UMA COMPETIÇÃO DIRETA COM ELES: para apoderar-se deles e satisfazer a paixão de jogar com eles.

Comecemos agora pelo princípio: o jogador sacrílego inicia sua atitude lúdica quando se dispõe a JOGAR com um símbolo sagrado que o atrai, mas com o qual não deseja, ou teme, comprometer-se. O símbolo sagrado passa a ser assim um "objeto de jogo" contra o qual se apresenta o desafio de sujeitá-lo no imediatismo do jogador, mediante o enquadramento degradante. Contudo: um símbolo sagrado não é qualquer símbolo; sua potência é maior porque o símbolo sagrado participa do Arquétipo universal, representa-o e facilita sua manifestação: o símbolo sagrado é a expressão da Divindade ou o Mito. Por isso, quando o objeto do jogo é um "símbolo sagrado" o jogador sacrílego adota uma atitude que vai além do temor ou da irresponsabilidade. Nesse caso, o jogador sacrílego necessita PROFANAR o símbolo sagrado e degradá-lo o suficiente para neutralizar sua potência. Só assim poderá "brincar com ele sem perigo", "pegá-lo em suas mãos" e gozar de sua exterioridade, sem necessidade de atravessar jamais essa forma, que será então nada mais do que uma casca, e topar com seu conteúdo oculto, com sua essência transcendente. Daí que se constitua um

erro considerar o jogador sacrílego como meramente "PROFANO", quando na realidade ele é um PROFANADOR NATO, um CORRUPTOR SEMIÓTICO; só é "profano" se os símbolos sagrados já foram profanados e não resta nada para corromper e degradar.

No jogador sacrílego enfrentamo-nos a uma atitude clássica de confusão estratégica, na qual se adotam permanentemente posturas ambíguas: busca-se sem declarar a busca; pretende-se ter sem estar disposto a dar; aceita-se "participar", mas "sem compromissos"; etc.

Devemos declarar, não sem certo pesar, que de tal atitude ambígua participa a maioria dos leitores de livros esotéricos. Com efeito: ler livros esotéricos é outro tipo de jogo praticado por certos jogadores que se sentem irremediavelmente atraídos "pelo ocultismo", mas que também experimentam, consequentemente, um temor não confessado a "comprometer-se com algo", ou a que "o conhecimento esotérico" o que supõem próprio de uma elite, os obrigue a "abandonar coisas", a "passar por provas", etc. Não obstante esse vago temor, como corresponde a todo jogador, continua girando ao redor dos símbolos sem transpassá-los jamais, mas albergando a esperança de que um golpe de sorte mude as coisas e um dia, talvez lendo algum "livro raro", consigam "ganhar" um conhecimento superior que, então, não terá custado nada. Naturalmente, tais jogadores são estupidamente egoístas, incapazes de arriscar-se realmente, e, portanto, sumamente difíceis de reorientar estrategicamente.

Para mostrar com profundidade essa atitude profanadora e o meio do qual se vale para conseguir seus propósitos, a corrupção e degradação, vamos expor esse aspecto da psicologia do jogador mediante uma alegoria esclarecedora.

**M – A alegoria do Sr. Lusor e o leopardo-símbolo.**

O tipo de jogador que estamos considerando é o "jogador sacrílego", o que brinca com os símbolos sagrados, aos quais previamente degradou, como medida de SEGURANÇA para "aproximar-se deles sem perigo". Este tipo é análogo ao do Sr. Lusor, um virya perdido ao qual ATRAEM irresistivelmente os "leopardos", mas em quem coexiste também o TEMOR de ser pego e devorado por eles. Não possuindo valor suficiente para estabelecer-se no habitat dos leopardos, quer dizer, na perigosa e desconhecida selva, o Sr. Lusor, incapaz de renunciar à paixão em contemplar e mesmo tocar a agreste criatura, concebe uma miserável ideia: extrairá a fera daquele ambiente natural e a transportará ao seu próprio mundo, à sua casa da cidade; uma vez ali, tentará domesticá-la. Decidido a cumprir tal propósito captura, ou faz capturar o animal e o mantém enjaulado por muitos anos. Mas isso não basta para satisfazer o desejo de aproximação não comprometida que experimenta: é necessário vencer sua ferocidade, amansá-lo, neutralizar os instintos selvagens. É assim como, após serrar-lhe as presas e extirpar-lhe as unhas, procede a debilitar a vontade do leopardo administrando-lhe uma alimentação herbívora, na qual se adicionou também uma droga tranquilizante. Finalmente, seus esforços se veem recompensados pois, um dia, consegue transtornar de tal modo a conduta do felino que este, transformado em manso "pussy cat", já não representa nenhum perigo e pode ser deixado "livre" fora da jaula. É então o Sr. Lusor, tomando "em suas mãos" o animal, comprovando que seu desejo se cumpriu, sorri feliz e até alardeia "saber muito sobre leopardos" .... PORQUE SE APODEROU DE UM DELES PARA BRINCAR.

Esta alegoria é demasiadamente transparente para que se requeira um esclarecimento detalhado. Só destacaremos que os "símbolos sagrados", quando deixam de ser objetos de culto e passam a cumprir funções lúdicas, foram degradados de maneira análoga ao leopardo da alegoria, o qual teve que ser submetido a uma vil

mansidão, antes de servir aos propósitos lúdicos de seu amo. A selva, habitat do animal selvagem, é o principal fator que determina sua conduta, o horizonte contra o que se contrasta sua existência, matriz causal que justifica e outorga sentido ao modo silvestre de ser; vale dizer, A SELVA É O CONTEXTO NATURAL QUE DEFINE O SENTIDO DO LEOPARDO ÔNTICO; extrair o animal desse meio equivale a efetuar uma amputação ecológica e o resultado de tal operação não pode ser outro do que um farrapo mutilado, um ser que perdeu sua razão de ser. Por outro lado, um leopardo contrastado contra um horizonte urbano é, sem dúvida, uma caricatura que recorda o original; isto é: a recordação de algo que poderia ser, mas que ali, sobre essas calçadas asfaltadas, junto a essas antenas de televisão, não é, nem será.

Nosso homem não possui um leopardo, então, senão um ser em decomposição que não tardará em desintegrar-se. Entretanto, essa possibilidade não preocupa, porque o que se deseja não é conservar o ser, senão sua aparência exterior, sua forma. E essa forma de leopardo que perdeu sua essência selvagem, porque era inseparável do horizonte selvagem, essa casca salpicada, é inserida artificialmente no meio urbano, para entretenimento e diversão de seu captor. Por isso, quando se considera o animal "adaptado ao habitat humano", quer dizer, domesticado, faz tempo que o leopardo morreu, ainda que seu cadáver seja animado por um fantasma cultural criado pelo homem.

Compreende-se assim que, com tal leopardo zumbi, poder-se-á brincar sem perigo, aproximando-se quanto se queira de sua forma oca, mas jamais se conseguirá penetrá-la e encontrar algo mais do que conceitos culturais depositados previamente, quer dizer, projetados pelo próprio observador. Da essência, da alma felina e selvagem, nada resta; NADA PARA REVELAR E CONHECER.

Até aqui a alegoria. Compreendemos agora, muito mais do que antes, a ação profanadora e degradante dos jogadores sacrílegos: para perceber a que se reduzem aos símbolos sagrados em suas mãos, só devemos pensar no leopardo domesticado da fábula. Como ao leopardo, de seu habitat selvagem, ao símbolo sagrado se lhe amputa do contexto arquetípico ao qual pertence, cortando seus contatos metafísicos, e se o insere artificialmente na realidade cotidiana do jogador sacrílego. Mas, a propriedade de ser "sagrado" vem aos símbolos de sua capacidade para representar o arquetípico, quer dizer, o "divino" para o pasu; por isso, facilitam a transcendência metafísica, Ao situá-los no imediatismo cultural do jogador sacrílego, perdem fatalmente seu caráter "sagrado" e adquirem um novo significado vulgar e pervertido. Como verdadeiros "anjos caídos", águias fulminadas, estrelas que se precipitaram "do céu até os pés" do jogador sacrílego, os símbolos sagrados se transformaram em SINAIS JACENTES, cadáveres em decomposição aos quais só a ilusão de uma quimera cultural pode manter ressuscitados, em tudo semelhantes ao leopardo domesticado da alegoria.

**N – Conclusões analógicas da alegoria do Sr. Lusor e o leopardo.**

Levando este caso ao extremo pode se comprovar que o "sacrilégio" de brincar com os símbolos sagrados não obedece somente a motivações, ou ao mero hábito, senão que entranha uma postura esotérica bem definida: a CONTRAINICIAÇÃO. Com efeito, no culto, o símbolo sagrado é a representação da divindade ou de alguma realidade metafísica; o símbolo expressa, assim, o Mistério. Por ele, pode-se ir do físico ao metafísico, trânsito que exige uma mudança no viajante, uma preparação prévia ao enfrentamento com o Mistério, em uma palavra: uma INICIAÇÃO. Desde já, aqui nos referimos à INICIAÇÃO SINÁRQUICA, a que administram os SACERDOTES por meio de "símbolos sagrados iniciáticos": no curso desta "iniciação ao Mistério", o iniciado sinarca acaba com o sujeito consciente fagocitado pelo mito autônomo e transformado

"ele mesmo em símbolo", quer dizer, em representante do Arquétipo ou Mito; algo muito diferente é a INICIAÇÃO HIPERBÓREA mediante o símbolo sagrado do virya, Tirodinguiburr, praticada com atitude graciosa luciférica, que detém e inverte o processo entelequial do símbolo e que permite transcender a forma arquetípica criada, para experimentar o êxtase da runa incriada. A iniciação sinárquica, em troca, requer que o iniciado consuma um SACRI-FÍCIO antes de tratar com qualquer símbolo sagrado: etimologicamente, dito termo procede da expressão latina SACRUM FACERE e significa: "oferenda de um objeto sagrado a um Deus". A castidade, a humildade, a pobreza, o valor, etc., que se exigem para a parte religiosa ou esotérica do culto, não são simples virtudes morais, senão a manifestação rigorosa, exibida exteriormente como "prova de conduta", do LIMITE ao qual se está disposto a chegar para penetrar no Mistério. Quanto se é capaz de DAR, de SACRI-FICAR, para isso? O casto sacrifica seu sexo, o humilde seu orgulho, o pobre sua riqueza, o valoroso seu temor, etc. Não se trata, pois, de virtude moral, senão de sacrifício, do esforço pessoal que se oferece ao símbolo sagrado para que este revele seu Mistério.

Há uma vontade, quer dizer, uma energia, que antes se gastava em gozar do sexo, orgulho, riqueza, etc., que o iniciado resgata e soma à sua própria com o propósito de que essa força maior lhe permita transcender os limites do símbolo sagrado, as fronteiras do Mistério. E é esta vontade, amplificada por uma ascese ou uma mística, o que verdadeiramente se oferece no altar do símbolo sagrado. Isto significa que: NA INICIAÇÃO, O INICIADO SACRIFICA A SI MESMO PARA ADAPTAR-SE AO SÍMBOLO SAGRADO E PENETRAR EM SEU MISTÉRIO. É O INICIADO QUEM CORTA OS VÍNCULOS MUNDANOS E, PROVIDO DE UMA VONTADE SUPERIOR, VIAJA AO MUNDO DO SÍMBOLO SAGRADO PARA TRANSCENDÊ-LO E APREENDER SUA ESSÊNCIA, TRANSFORMANDO-SE ASSIM "ELE MESMO EM SÍMBOLO". MAS SÓ SE "APROXIMARÁ" DO SÍMBOLO QUANDO SE ENCONTRE PREPARADO PARA FAZÊ-LO, SEM QUE ESTE FIQUE AFETADO DE NENHUM MODO: O INICIADO PROCURA SEMPRE PROTEGER O SÍMBOLO DAS CROSTAS CULTURAIS QUE PODERIAM DEFORMAR SEU SENTIDO.

Pelo contrário, o jogo sacrílego implica em uma contrainiciação: LONGE DE OFERECER ALGO DE SI, PARA CHEGAR ATÉ O SÍMBOLO SAGRADO E PENETRÁ-LO, O CONTRAINICIADO SACRIFICA O SÍMBOLO A SI MESMO. OBRIGA-O A DESCER DO CÉU METAFÍSICO ATÉ O ALTAR DO PRÓPRIO SUJEITO ANÍMICO, E ALI O SACRIFICA À CONTEMPLAÇÃO EXTERIOR, SUPERFICIAL, DE SEU OLHAR PROFANO. BRINCA COM ELE E O MANCHA SEM RESERVAS E POR FIM, PROFANADO E DEGRADADO, SUJEITA O SÍMBOLO SAGRADO EM SEU MÍSERO ENTORNO COBRINDO-O COM MUITAS CAPAS DE CROSTAS CULTURAIS.

Comprova-se assim que o jogador sacrílego, quando já não o é, vai rapidamente a caminho de transformar-se em contrainiciado. Mas não devemos exagerar ao qualificar os jogadores sacrílegos, pois a maioria deles jamais chega a ser contrainiciado nem muito menos; uma avaliação adequada seria a seguinte: DEPOIS DO INICIADO SINARCA, VALE DIZER, DEPOIS DO SACERDOTE INICIADO, OU CASO MAIS PERFEITO DO "TIPO SACRALIZANTE", É O JOGADOR SACRÍLEGO QUEM MAIS PERTO ESTÁ DOS SÍMBOLOS SAGRADOS.

O jogador sacrílego chegou aos símbolos sagrados, como o Sr. Lusor até o leopardo, sem atrever-se a realizar o passo transcendente para as essências arquetípicas; a vontade só lhe chega para permanecer na contemplação exterior. Mas o jogador não é místico, não há êxtase em sua visão, e, por isso, elevar-se até o mundo metafísico do símbolo sagrado representa-lhe um esforço que não está disposto a efetuar por muito tempo. Mas, como tampouco concorda em renunciar àquilo que lhe

atrai e lhe fascina, procura então obtê-lo pelo caminho mais fácil, sem SACRIFÍCIO: não ousando transcender o mesmo até o mundo do símbolo sagrado, da mesma forma que o Sr. Lusor temia o mundo do leopardo, decide degradar e submeter o símbolo ao seu próprio mundo cultural. É que na atitude profanadora do jogador sacrílego subjaz a crise já descrita, causada pela intuição metafísica que o Eu exsuda sobre o sujeito consciente e que se manifesta como uma mistura mórbida de atração e temor para com os símbolos sagrados: a atração o impulsiona a apoderar-se deles, como Sr. Lusor do leopardo, e o temor, temor a transcendê-los, de ser aprisionado pelo Mito, obriga-lhe a colocar limite nessa atração, com o enquadramento do Mito, obriga-lhe a colocar limite nessa atração, com o enquadramento lúdico. Em consequência, quando um símbolo sagrado iniciático, que foi objeto de culto, cai em mãos dos jogadores sacrílegos, tenta-se imediatamente ancorá-lo no mundo, tornando-o, por exemplo, objeto cultural e incorporando-o à superestrutura dos fatos culturais. Por último, logo após sujeitá-lo com lingas culturais, quer dizer, com conexões de sentido, compreende-se o símbolo sagrado com conceitos referidos a princípios culturais conhecidos: se o dota, assim, de um NOVO SIGNIFICADO, claro no contexto de tais conceitos, que possibilita inferir leis, regulamentos, códigos, etc., quer dizer, MODOS SEGUROS DE APROXIMAÇÃO.

Para citar só um exemplo bem conhecido sobre a atitude profanadora e corruptora dos jogadores sacrílegos, recordemos que a maioria dos antigos jogos, xadrez, I-Ching, dados, tarô, etc., foram, a princípio, objetos de culto, símbolos sagrados, instrumentos táticos hiperbóreos, aos quais se neutralizou a função essencial, redefinindo-os culturalmente, dotando-os de regulamentos convencionais, que permitem manipulá-los sem perigo e os colocam ao alcance das massas.

Como última conclusão, convidamos a uma breve reflexão, que deve fazer todo virya perdido cuja conduta se assemelhe à do jogador sacrílego.

Quem se sinta jogador sacrílego deve superar tal postura DESPOJANDO-SE DAS MÁSCARAS DO JOGO E DISPONDO-SE A ENFRENTAR DIRETAMENTE A REALIDADE; deve fazê-lo, ainda que tão valorosa mudança suponha descobrir que se desempenha um papel no argumento kármico do drama da vida. Reconhecer o caráter dramático da própria circunstância é o primeiro grande passo no caminho da reorientação estratégica e o único ponto de partida válido para iniciar a luta e transitar dita senda para a Origem. Porque esse drama e essa luta, contrariamente à ilusão que acredita viver o jogador sacrílego, É SÉRIO, inevitável enfrentar cedo ou tarde QUANDO O ESPÍRITO, FARTO DE JOGOS, RECLAME PELA LIBERDADE PERDIDA. Então, inexoravelmente, terá, por fim, que lutar, e talvez em desvantagem estratégica. Daí que a Sabedoria Hiperbórea sugira ao jogador sacrílego que supere seu temor e inicie a luta imediatamente, abandonando os símbolos mortos com os quais joga cotidianamente e dispondo-se a chegar até os símbolos vivos de sua memória de sangue. Mas a dificuldade que experimenta o jogador sacrílego para abandonar o jogo e comprometer-se responsavelmente na luta provém de um erro que está na própria raiz da atitude lúdica: O QUE JOGA ACREDITA QUE É "LIVRE" PARA ESCOLHER O ADVERSÁRIO, QUE NÃO HÁ "NECESSIDADE" DE COMPROMETER-SE COM UM PARTIDO, POIS SEMPRE É POSSÍVEL "MUDAR DE BANDO"; E COMO O JOGADOR ENCARA A VIDA "COMO UM JOGO", NÃO ESTÁ JAMAIS DISPOSTO A "APOIAR UM PARTIDO" SE ISSO IMPLICA EM LUTAR. Mas, repetimos, trata-se de um erro, de uma ilusão cultural, pois: NINGUÉM QUE ESTEJA ENCARNADO É REALMENTE LIVRE PARA "ESCOLHER O BANDO" JUNTO AO QUAL LUTAR, E MUITO MENOS PARA "MUDAR DE BANDO".

Já avisamos no artigo "J" contra o erro de acreditar que se "decide", quando se opta entre distintas possibilidades lúdicas. Tais opções são falsas, determinadas pelas

superestruturas dos fatos culturais, de acordo com o argumento kármico; segundo vimos ali, só o Siddha está em permanente capacidade absoluta de decidir. Pelas razões apontadas, o virya perdido, se pertence ao tipo lúdico, não é livre para decidir; DEVIDO AO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL EM QUE TRANSCORRE SUA VIDA, QUE NÃO É "JOGO", O VIRYA PERDIDO DISPÕE SOMENTE DE UMA OPÇÃO FÉRREA, ÚNICA "DECISÃO" QUE PODE TOMAR, BASEADA NO PRINCÍPIO "PELA GNOSE DA VERDADE, A LIBERDADE": OU LUTA PELA LINHAGEM HIPERBÓREA, SEU "PARTIDO", OU SE EXPÕE A UMA DESTRUIÇÃO CERTA. NINGUÉM PODE "PASSAR PARA O BANDO" DA SINARQUIA SE SEU SANGUE AINDA CONSERVA A RECORDAÇÃO DA ORIGEM; NEM NINGUÉM ABANDONA DITO BANDO SE PARTICIPA DELE CONSCIENTEMENTE: TAIS HIPÓTESES SÃO ABSURDAS E SE, APESAR DE TUDO, OS SIDDHAS TRAIDORES O ACEITAM NA HIERARQUIA, SERÁ SÓ PARA SUBMERGI-LO NA CONFUSÃO, PARA ACELERAR AINDA MAIS SEU PRÓXIMO FIM.

Na novela "O Mistério de Belicena Villca", o instrutor Konrad Tarstein diz estas palavras ao aspirante SS Kurt Von Sübermann: "Nem o senhor, nem eu, nem ninguém, pode escolher porque A ESCOLHA JÁ FOI FEITA, em outra esfera de consciência, em outro mundo. Não nos resta mais do que enfrentar nosso destino, que é também o destino da humanidade, e agradecer por termos sido indicados para tão augusta missão. Nosso Chefe, Kristo Lúcifer, é O Mais Belo Senhor, mas também é O Mais Intrépido, Pai do Valor; não devemos nem sonhar em defraudá-lo."

**O – Objetivos do plano sinárquico contra o símbolo sagrado do virya.**

O estudo detalhado da ação corruptora dos jogadores sacrílegos obedece ao propósito de alertar sobre o plano que a Sinarquia leva adiante para destruir o símbolo sagrado do virya, tal como foi declarado na parte final do artigo "K". Vimos já de que maneira os jogadores sacrílegos corrompem os símbolos sagrados até neutralizá-los e torná-los "objetos de jogo", quer dizer, em símbolos enquadrados em um sistema regulamentado do contexto habitual ou de um contexto alheio à verdade metafísica que representam: consegue-se assim "mudar seu significado", mas conservar sua forma. Como objeto de jogo, os símbolos sagrados se colocam ao alcance das massas, as quais, mediante a adição de incontáveis camadas de crostas culturais, completam a obra de degradação; o resultado final é que se "esquece" coletivamente a verdade metafísica, quer dizer, torna-se novamente inconsciente. E esse efeito é o que a sinarquia procura causar com a maior eficácia no caso do símbolo sagrado do virya, o labirinto exterior de Wotan: PROCURA-SE, PRINCIPALMENTE, QUE OS VIRYAS PERDIDOS CONHEÇAM SUA FORMA VULGARIZADA E ESQUEÇAM OU DESCONHEÇAM SEU SIGNIFICADO INICIÁTICO, OS DOIS PASSOS DA SOLUÇÃO DE WOTAN AO PROBLEMA DO ENCADEAMENTO ESPIRITUAL.

Para concretizar esse objetivo, a Sinarquia elaborou um plano que consta de duas partes: 1º - degradar os sinais labirinto exterior até tirar-lhes todo vestígio de seu significado iniciático; 2º - semear a confusão coletiva sobre o significado verdadeiro do sinal labirinto exterior e afirmar, no possível, um novo significado. Comentaremos em 01 a primeira parte, com certos detalhes e logo, mais brevemente, a segunda.

***01 – Primeira parte do plano: degradação do sinal labirinto exterior.***

Para degradar um símbolo sagrado não se necessita mais do que colocá-lo ao alcance dos jogadores sacrílegos, provocar o interesse dos profanadores para que estes o corrompam. Para cumprir esta primeira parte do plano, colocou-se em prática uma variedade de métodos que vão desde as palavras cruzadas-labirinto (CROSSWORD MAZE PUZZLE), destinados a vulgarizar a forma simbólica SEM

FAZER MENÇÃO DELA, até as elocubrações pseudocientíficas dos conhecidos autores de livros esotéricos ou de antropologia, agentes da Sinarquia, os quais descaradamente pretendem travar uma discussão racionalista EM TORNO dos mesmos. O objetivo, logicamente, é evitar que o virya perdido execute o Primeiro Passo e salte do labirinto exterior ao labirinto interior, assimilando gnosticamente à consciência ou esquema de si mesmo O SIGNIFICADO que o labirinto exterior revela, quer dizer, a noção de um Eu extraviado que busca, opta e decide. A atitude lúdica é a melhor "defesa" de que a Sinarquia dispõe contra esse "perigo", pois ela conduz o jogador a efetuar uma manipulação APENAS EXTERIOR do sinal labirinto, ao qual previamente "enquadrou", quer dizer, ancorado na proximidade cultural de seu mundo exotérico e profano. Com esse fim, há muitos anos, se vem alentando o uso coletivo de um "MAZE GAME", ou "jogo do labirinto", passatempo que consiste em um labirinto exterior, desenhado sobre um tabuleiro, onde se deve buscar o caminho correto que conduz à "saída"; há vários caminhos falsos, becos, cercas, encruzilhadas, etc., e, em alguns modelos particulares, empregam-se dados como no jogo do ganso.

O avanço da eletrônica e o controle financeiro que a Sinarquia exerce sobre as grandes corporações da indústria de computadores veio prestar uma inestimável colaboração nesta primeira parte do plano. A Sinarquia, com efeito, está produzindo e estimulando sua imitação, e distribuindo em todo o mundo, milhares de máquinas caça-níqueis (FLIPPER SLOT MACHINE), baseadas no princípio do "maze game" e controladas por computador eletrônico. A máquina dispõe de uma tela ou "periférico de vídeo" e teclas, ou alavancas de controle (joysticks), e o microprocessador está programado pelo fabricante para que, a cada nova partida, ou "match game" se represente na tela um labirinto, ou "maze", diferente. O jogo aqui consiste em controlar a pequena figura brilhante, geralmente um "homenzinho", pelos canais do labirinto, em busca de uma ansiada saída, enquanto os controladores internos qualificam os tropeços, becos, etc., com diferentes pontuações que, ao final, totalizados, somam um score. "Ganha-se" quando o homenzinho alcança a saída, ou o score é favorável, ou o tempo de trânsito é curto, etc. É claro que, fora das máquinas caça-níqueis, os programas (SOFTWARE) de ""maze game"" a baixo custo possibilitam que se pratique este jogo também em milhões de computadores pessoais que existem em todo o mundo.

É evidente que neste sofisticado ""maze game"" computadorizado se condensa e resume tudo quanto vimos mostrando: a contemplação que o jogador efetua do labirinto enquadrado na tela de vídeo não pode ser mais superficial; a degradação cultural do símbolo é, neste caso, completa, tal como convém ao plano sinárquico.

É interessante destacar que o "homenzinho brilhante", ao qual há que se guiar pelos tortuosos caminhos do "maze game", CUMPRE A FUNÇÃO DE "REPRESENTAR" O JOGADOR NA ÁREA DO CONFLITO; sobre este representante concreto o jogador projeta seu ALTER EGO, quer dizer, o "outro eu" no qual se desdobra sua consciência, ao manifestar a atitude lúdica. Deste modo, quem se encontra efetivamente prisioneiro do labirinto, enfrentando o conflito, correndo os riscos, tentando "ganhar", não é o jogador, senão o seu alter ego, o "homenzinho brilhante", que deixa de existir por um simples TILT do interruptor de alimentação elétrica.

Por outro lado, ainda que um "simples olhar" ao "maze game" faça possível captar a ideia de "busca, opção e escolha", é sumamente improvável que dita ideia seja conscientizada: devido ao "enquadramento" a que se submeteu o símbolo e à "pouca seriedade" com que a atitude lúdica deve se referir ao jogo. Mais claramente: o "enquadramento" produz no jogador a convicção de que o significado que revela o

labirinto exterior expressa apenas aspectos da mecânica operacional do jogo; "busca opção e escolha" são, assim, atos circunscritos à mera funcionalidade lúdica. Da tela de um "maze game", o significado verdadeiro será impotente, então, para cumprir sua missão iniciadora de induzir o Eu perdido a se estender no descobrimento do labirinto interior. Além disso, compreende-se facilmente que assim ocorra, pois: SERIA INCONCEBÍVEL QUE ALGUÉM CONSEGUISSE TRANSCENDER UM SÍMBOLO AO QUAL PREVIAMENTE ENQUADROU, PARA ASSEGURAR SUA IMANÊNCIA.

***O2 – Segunda parte do plano: confundir e desorientar o tipo gracioso luciférico.***

A segunda parte do plano sinárquico se propunha a "semear a confusão coletiva sobre o verdadeiro significado do sinal labirinto exterior e afirmar, no possível, um novo significado". A "mudança de significado" se consegue deformando o símbolo sagrado do virya e situando-o em outro contexto, por exemplo, o de um jogo; isso já está claro. O que falta determinar ainda é a que tipo de pessoas vai dirigida esta parte do plano; em poucas palavras, a quem se tenta confundir? Com segurança, não aos jogadores sacrílegos, nem sequer aos jogadores vulgares, pois para eles está destinada a primeira parte do plano. Então, a quem? Resposta: AOS VIRYAS PERDIDOS QUE EXPRESSAM, SEM SABÊ-LO, O TIPO GRACIOSO LUCIFÉRICO. Para compreender a resposta, há que se ter presente que o plano mencionado se executa com técnicas da Estratégia Psicossocial. Ditas técnicas, por exemplo, fazem possível, mediante uma campanha publicitária, enviar uma "mensagem" através da sociedade e que esta seja recebida só por um determinado extrato do povo: àqueles, justamente, aos quais se pretende dirigir a conduta para que se tornem "consumidores", "financiadores", "colaboradores", "turistas", etc. Uma "mensagem" tal é simplesmente um símbolo que é atrativo e condicionador para o TIPO PSICOLÓGICO das pessoas que compõem o extrato social ao qual vai dirigido, ou seja, ao "grupo alvo" ou "grupo objetivo", "OBJECTIVE GROUP"; o conceito do OBJECTIVE GROUP tem o sentido alegórico de objetivo balístico, TO HIT THE MARK, segundo a denominação universal que se lhe dá em Estratégia Psicossocial. Empregando técnicas semelhantes, colocou-se em prática a primeira parte do plano, dirigindo para o "objective group" dos jogadores sacrílegos o símbolo do labirinto exterior. E de maneira análoga, mas com técnicas muitíssimo mais elaboradas e eficazes, aponta-se para outro "objective group" uma mensagem que condensa a segunda parte do plano: confundir e desorientar um setor da sociedade sobre o significado do sinal labirinto exterior. Tal setor é o composto por aqueles viryas perdidos cujo perfil psicológico natural os torna permeáveis ao significado verdadeiro do sinal labirinto exterior: eles são aqueles que poderiam saltar espontaneamente do labirinto exterior ao labirinto interior ao compreender o significado de busca, opção e escolha; e a eles é a quem se busca confundir com a mudança de significado: é o "objective group" composto, segundo a resposta anterior, por viryas perdidos do tipo "gracioso luciférico".

Ter-se-ia, pois, que reapresentar a pergunta e indagar pelo TIPO PSICOLÓGICO do segundo "objective group". Com efeito, fora do "jogador sacrílego", que OUTRO TIPO conhecemos, suficientemente definido e inconfundível, para ser também declarado "objective group" e merecer tão preciso ataque por parte da Sinarquia? A resposta, neste caso, não oferece dúvidas: não conhecemos tal tipo, salvo pelo título que acabamos de adiantar, e não sabemos absolutamente distingui-lo. Na verdade, devido à desorientação estratégica dos psicólogos profissionais, ou à malevolência dos psicólogos hebreus, e ao controle que a Sinarquia exerce sobre as investigações acadêmicas, pouco é o que se avançou no Ocidente no estudo dos tipos psicológicos DO PONTO DE VISTA DA SABEDORIA HIPERBÓREA. Esta deficiência podemos observar aqui mesmo, nas dificuldades que se têm que superar para expor o

tipo de “jogador sacrílego” pois, sem tal exposição, quem teria compreendido a que nos referíamos ao aludir à “atitude lúdica” do virya perdido e a seu efeito degradante sobre os símbolos sagrados? E, entretanto, com tudo o que se explicou, longe está de ter ficado claro o modo em que dito tipo se insere na psicologia total do virya perdido: efetivamente, a “atitude lúdica” é só uma das atitudes que é possível adotar frente ao símbolo sagrado; outra seria, por exemplo, a “atitude sacralizante”. A Sinarquia, desde já, conhece a existência destes tipos, ainda que se cuide muito bem de divulgá-los e a prova está em que enfocou o tipo gracioso luciférico como “objective group” de seu plano contra o símbolo sagrado do virya.

Para colocar ordem neste tema, e esclarecer completamente a resposta anterior, se desenvolverá no próximo inciso um resumo da tipologia Aberro, a qual está baseada no critério caracterológico da Ética Noológica, quer dizer, na observação do ato ético interior, “o Eu frente ao símbolo sagrado”: são, então, as atitudes do Eu frente ao símbolo sagrado as características que definem os tipos da tipologia Aberro; a atitude lúdica definirá o tipo lúdico, a atitude sacralizante o tipo sacralizante, e a atitude graciosa luciférica o tipo gracioso luciférico. Definindo, assim, o contorno psicológico “receptor” dos membros do “objective group”, quer dizer, os expoentes do tipo gracioso luciférico, para quem está focada a mensagem tática da sinarquia, estaremos em condições, nos próximos artigos, de compreender melhor o objetivo da segunda parte do plano: confundir e desorientar os viryas perdidos mudando o significado dos sinais labirinto exterior.

POR ÚLTIMO, CONVÉM AGREGAR QUE OS “ELEITOS” COMO CANDIDATOS PARA A INICIAÇÃO HIPERBÓREA DEVEM PERTENCER, SEM EXCESSÃO, AO TIPO GRACIOSO LUCIFÉRICO. NOTEMOS QUE A TIPOLOGIA ABERRO É PARTE DA ÉTICA NOOLÓGICA E QUE, SEGUNDO SE EXPLICOU NO ARTIGO “C”: “A ÉTICA NOOLÓGICA ESTABELECE O VÍNCULO ENTRE A SEMÂNTICA NOOLÓGICA E A PONTÔNICA NOOLÓGICA. DESDE JÁ, POR SE TRATAR DE DISCIPLINAS INICIÁTICAS, TAL VÍNCULO É NECESSÁRIO E INEVITÁVEL, IMPOSSÍVEL DE SALTAR: NENHUM INICIADO HIPERBÓREO, AINDA QUE COMPREENDA COM PROFUNDIDADE A TEORIA DA SEMÂNTICA NOOLÓGICA, PODERÁ ADQUIRIR A PRÁXIS DA PONTÔNICA NOOLÓGICA SEM ACEITAR OS PRINCÍPIOS DA ÉTICA NOOLÓGICA. A EFETIVA EXPERIÊNCIA DAS RUNAS INCRIADAS REQUER QUE O EU ASSUMA UMA ATITUDE ÉTICA PRÉVIA, QUER DIZER, UMA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA”. É EVIDENTE QUE O ESTUDO DO TIPO GRACIOSO LUCIFÉRICO, ALÉM DE REVELAR AS CARACTERISTÍCAS DO “OBJECTIVE GROUP”, HÁ DE PERMITIR COMPREENDER A ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA, COMPREENSÃO IMPRESCINDÍVEL, TAL COMO SE EXPLICOU DE SOBRA, PARA EXECUTAR O SEGUNDO PASSO DA SOLUÇÃO DE WOTAN.

## OITAVO TOMO – A "TIPOLOGIA ABERRO" DA ÉTICA NOOLÓGICA

### A – Descrição específica dos tipos.

Começaremos recordando que a Sabedoria Hiperbórea, atendendo à HERANÇA HIPERBÓREA, ao Símbolo da Origem que encadeia o Espírito, distingue na humanidade três tipos de homens:

A - Os ANIMAIS-HOMENS ou PASUS, quase inexistentes hoje em dia em estado puro, mas presentes como "tendência animal" em todo virya, devido à herança genética do Arquétipo Manu original.

B - Os homens semidivinos ou VIRYAS: dividem-se, por sua vez, em VIRYAS DESPERTOS e VIRYAS ADORMECIDOS, segundo que predomine neles a herança hiperbórea do sangue ou a tendência animal do pasu.

C – Os Hiperbóreos Imortais ou SIDDHAS, cuja existência encontra-se fora de todas as determinações materiais.

Destes três tipos de homens, são os viryas perdidos que integram a maior parte da humanidade e, naturalmente, é dentro de seu conjunto onde se encontra o "objective group", cujo tipo psicológico desejamos conhecer. Na figura 102, pode-se observar um quadro sinótico que resume tudo quanto temos dito.

Comprovamos, assim, que a tipologia Aberro baseia-se na distinção de três características psicológicas do virya perdido INERENTES AO SEU COMPORTAMENTO FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO, isto é, o ato ético fundamental: o Eu frente ao símbolo sagrado. Trata-se, pois, de tipos sumamente específicos, cuja descrição deve ser extremamente precisa, se se pretende evitar confusões e mal-entendidos. Mas o critério adotado, apesar de seu rigor, tem uma grande vantagem que convém destacar.

Explicamos em várias oportunidades, que o virya perdido se transforma em "desperto" quando consegue reorientar-se para a Origem. O virya desperto, ainda que, todavia, não tenha conquistado o Vril, não voltará a perder-se novamente, porque seu Eu já adquiriu um permanente estado de alerta; já reconheceu o caráter bélico de seu extravio e compreendeu que só poderá liberar-se do cativeiro material se toda a sua força espiritual, seu valor, sua resolução, enfim, se toda sua vontade visa um único fim: o Retorno à Origem. Mas, tratando-se de uma situação essencialmente bélica, dito trânsito só terá êxito se previamente se o planificou; com outras palavras: há que se COGNOCER a maneira de chegar; quer dizer, há que se possuir uma Estratégia. Desde já, por "Estratégia" entendemos o conhecimento do meio para se chegar ao fim do caminho, um meio que pode ser alguma das vias secretas de liberação, uma vez que elas constituem propriamente "modelos estratégicos gerais". É da maior importância, então, saber de que maneira é possível CONHECER GNOSTICAMENTE uma via secreta para dispor, assim, da necessária ESTRATÉGIA PRÓPRIA. O Mistério do Labirinto, cuja solução emprega a via da oposição estratégica e a técnica arquemônica, procura que o Eu perdido efetue o salto indutivo do sinal labirinto exterior para o símbolo do labirinto interior: e é a gnose do labirinto interior, como se explicou, que permite estabelecer a DISTÂNCIA ESTRATÉGICA ENTRE O EU PERDIDO E O SELBST. A percepção dessa distância é o que orienta o Eu e o aproxima do centro do labirinto, de onde se consumará sua imortalidade e se colocará a seu alcance a possibilidade de liberar definitivamente o Espírito do encadeamento material. Nesse trânsito, entre o que o Eu perdido consegue dominar o segredo do ângulo reto para ingressar na Praça Tau, se produz o "ato ético fundamental", o Eu frente ao símbolo sagrado; quer dizer, o Eu, encurralado contra a fenestra infernalis da runa Odal, enfrenta os símbolos sagrados que emergem na esfera de luz e tentam fagocitar o

sujeito consciente durante sua emergência. E é então quando o Eu deve exibir a atitude graciosa luciférica, detendo o processo do símbolo sagrado e ingressando na Praça central Tau. Eis aqui, completo, o desenvolvimento da Estratégia do labirinto, a Estratégia própria de todo Iniciado Hiperbóreo da Ordem dos Cavalheiros Tirodal.

**B – A Lei do Globo do ato ético fundamental.**

O princípio fundamental, do qual parte a descrição tipológica, é o fato de que os viryas perdidos costumam reagir de três maneiras diferentes frente ao símbolo sagrado, quer dizer, durante o ato ético fundamental. Mas temos que recordar, Em primeiro lugar, que tal enfrentamento, o Eu frente ao símbolo sagrado, é um ato "interior", uma situação própria da estrutura psíquica. O símbolo sagrado, com efeito, pode ter sido descoberto interiormente pela apercepção que o sujeito consciente, e o Eu perdido, realiza sobre uma fantasia, ou proceder de uma percepção exterior, revelada por um Iniciador, por exemplo: neste último caso, uma vez introjetado, o símbolo atuará com toda sua potência diretamente na esfera de luz, analogamente a qualquer símbolo sagrado emergente. De maneira que, seja qual for a procedência do símbolo sagrado, o fato é que este APARECE ante a visão do Eu perdido e que existe a certeza de tal aparecimento. O símbolo sagrado APARECE na esfera de luz, então, DIFERENCIADO e DE FRENTE.

O aparecimento de um símbolo sagrado é sempre uma experiência impressionante, daí que não seja possível ao Eu perdido mostrar-se indiferente: o símbolo É DIFERENTE E IMPRESSIONA. Se um símbolo é verdadeiramente sagrado, quer dizer, se representa uma verdade metafísica da mais elevada ordem, seu aparecimento causará no Eu perdido uma impressão muito intensa, caracterizada por certos estados de ânimo típicos, tais como "assombro", "admiração", "surpresa", "pasmo", "estupor", etc., que convém resumir em um conceito: PERPLEXIDADE. Com outras palavras, O APARECIMENTO DO SÍMBOLO SAGRADO CAUSA A IMEDIATA PERPLEXIDADE DO EU PERDIDO. Entretanto, tal impressão não dura muito tempo e infalivelmente acontece uma reação do Eu perdido, que adota uma das três atitudes mencionadas no quadro sinótico da figura 102: atitude lúdica, atitude sacralizante, ou atitude graciosa luciférica.

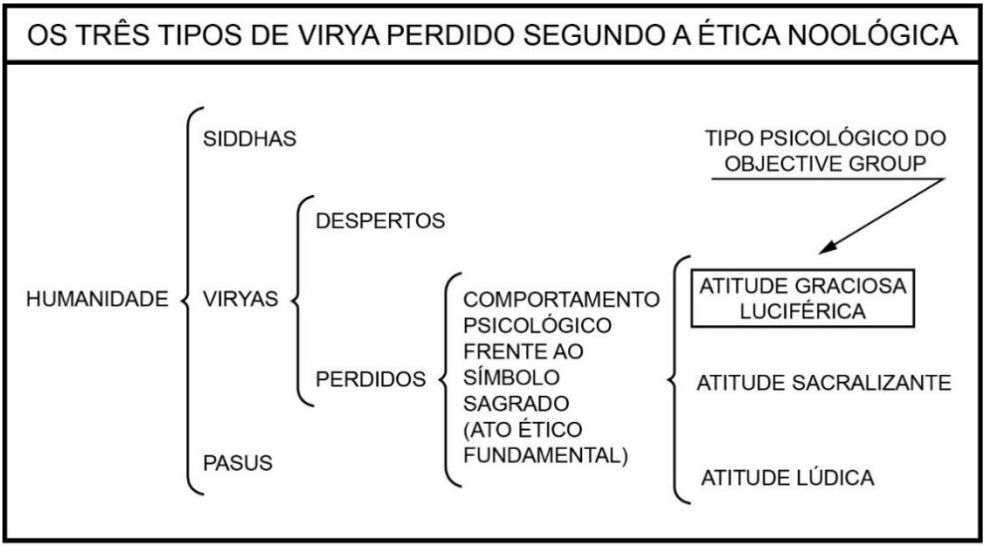



FIGURA 102

Vamos destacar agora um fenômeno que ocorre durante esse momento, quando o símbolo sagrado se manifesta à consciência, e que é determinante nas possíveis reações do Eu perdido. Se temos presente que PERPLEXIDADE significa INCERTEZA, DÚVIDA, HESITAÇÃO, etc., quer dizer, "DETENÇÃO", podemos descrever com precisão o fenômeno: QUANDO O SUJEITO CONSCIENTE SE DETÉM PERPLEXO FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO, ESTE PARECE "CRESCER" ANTE SEU OLHAR ATÔNITO. Este fenômeno é mais efetivo quando o sujeito consciente fica muito confuso, nem sequer percebe tal "crescimento" e, em troca, acredite estar improvisadamente diante um horizonte semiótico incomensurável. É o que ocorre com símbolos que representam deidades ou Mitos, cujo TAMANHO RELATIVO com respeito à consciência, ao esquema de si mesmo, parece extremamente grande... e capazes, inclusive, de esmagar algumas mentes fracas. A atitude sacralizante, segundo se verá mais adiante, é típica daqueles viryas perdidos cuja vontade é impotente para superar a ILUSÃO DE TAMANHO produzida pelo fenômeno de crescimento do símbolo.

Porque, e isto há que se afirmar, A RELAÇÃO DE GRANDE A PEQUENO COM QUE UM SÍMBOLO SAGRADO SE REFERE À CONSCIÊNCIA OU ESQUEMA DE SI MESMO É SÓ UMA ILUSÃO, UM ENGANO PRODUZIDO PELA POTÊNCIA QUE SEUS ARQUÉTIPOS INCREMENTAM NA EMERGÊNCIA. Não há, pois, símbolos sagrados "grandes" ou "pequenos", maiores ou menores, superiores ou inferiores, etc., senão SÍMBOLOS SAGRADOS POTENTES OU IMPOTENTES PARA ATUAR SOBRE A CONSCIÊNCIA OU ESQUEMA DE SI MESMO, QUER DIZER, SOBRE O SUJEITO CONSCIENTE E O EU PERDIDO. Vale dizer, no interior do virya, completando sua totalidade psíquica, ESTÃO TODOS OS SÍMBOLOS... E NENHUM É "MAIOR" OU "SUPERIOR" À PRÓPRIA CONSCIÊNCIA, AO ESQUEMA DE SI

MESMO. É a poderosa potência de alguns símbolos "sagrados" que produz grande perplexidade no Eu perdido e ocasiona a "ilusão de tamanho".

Para interpretar corretamente a natureza do fenômeno, é necessário recordar a origem dessa potência subjacente nos símbolos sagrados: os mitos estruturados nos esquemas da estrutura cultural ou os correspondentes Arquétipos universais ou Mitos. É evidente então que, SE O SÍMBOLO SAGRADO CAUSADOR DA PERPLEXIDADE DO EU PERDIDO REPRESENTA UM ARQUÉTIPO ATUAL, SEU "CRESCIMENTO" HÁ DE PROVIR DO PROCESSO EVOLUTIVO EM QUE ESTE TENTA DESENVOLVER-SE. Com outras palavras, O "CRESCIMENTO" É A FORMA COMO O EU PERDIDO PERCEBE O PROCESSO DO SÍMBOLO SAGRADO.

Como sabemos, o processo só pode ser interrompido pela ação volitiva do Eu. Se a vontade, por acaso, não for suficiente, o processo do símbolo sagrado continuará até a enteléquia, nutrindo-se, para seu desenvolvimento, durante todo esse lapso, de energia tomada da esfera de luz; isto significa que a esfera de luz vai se identificando paulatinamente com a representação arquetípica do símbolo sagrado ou, também, que a emergência do mito ocupa completamente a capacidade da esfera de luz. Recordemos, a este respeito, o que foi dito na Primeira Parte: "da potência com que um símbolo atravesse o umbral de consciência depende a região da esfera de luz na qual tenha que manifestar-se. O símbolo **I'**, por exemplo, estabiliza-se frente ao sujeito consciente no nível **Ψ'** (ver figura 21). O nível de estabilização de toda representação consciente alcança-se em um só movimento, que começa na estrutura cultural; na figura 21, isto significa que o símbolo **I'** emerge do plano de significação até o nível **Ψ'** EM UM SÓ MOVIMENTO, progressivo até **Ψ** e abrupto até **Ψ'**: NO NÍVEL DE ESTABILIZAÇÃO ACABA A EMERGÊNCIA E COMEÇA O PROCESSO".

"A estabilidade de uma representação é vivenciada pelo sujeito como o "aparecimento" da imagem, como um símbolo que, de repente, emerge e se faz claro na consciência. Mas tal estabilidade não indica quietude senão que assinala só uma mudança na atividade do símbolo: a partir daí, começa um processo entelequial que pode alienar completamente atenção do sujeito, a menos que este disponha de suficiente energia, ou seja, de vontade, para contrapor-se".

Seja como for, o certo é que: SE NÃO HÁ VONTADE DE SUBTRAIR-SE AO PROCESSO ARQUETÍPICO DO SÍMBOLO SAGRADO, OU SE ESTA É INSUFICIENTE, O PROCESSO CONTINUA SUA EVOLUÇÃO ATÉ A PERFEIÇÃO FINAL OU ENTELÉQUIA; OU SEJA: O PROCESSO SE ESTABILIZA. Nesta conclusão de capital importância pode-se perceber que UMA RELAÇÃO CONECTA A "VONTADE" E A "ESTABILIDADE": é a relação conhecida alegoricamente como LEI DO BALÃO e que pode se enunciar assim: À MENOR VONTADE MAIOR ESTABILIDADE DO PROCESSO.

Se se interpreta corretamente a Lei do Balão comprovar-se-á que a "ilusão de tamanho" é uma expressão ou "medida" de dita lei e, portanto, que tal "ILUSÃO" depende da relação entre ambos os fatores: a VONTADE do Eu perdido e a ESTABILIDADE do processo. Cabe destacar, entretanto, que A ILUSÃO DE TAMANHO, COMO EXPRESSÃO DA LEI DO BALÃO, DÁ UMA MEDIDA "INVERSA" DA VONTADE. Mais claramente: suponhamos que alguém enfrenta a visão de um símbolo cuja potência produz em seu Eu perdido um efeito muito pesado, por exemplo, um católico impressionado de santa perplexidade ante o aparecimento de um coração sangrando e coroado de espinhos; a Lei do Balão afirma, nestes casos, que se o símbolo sagrado é percebido como "enorme", "grande", "dilatado", "maior", "superior", etc., tal ilusão de GRANDE TAMANHO, indica, INVERSAMENTE, quão PEQUENA é a vontade. Perceber um símbolo "grande" é sinal certo de uma vontade "pequena" e,

naturalmente, no extremo da escala, o "panteísta", cuja visão de "Deus" abarca a totalidade de quanto é possível ver, segundo a Lei do Balão, POSSUI UMA VONTADE INDIVIDUAL QUASE INEXISTENTE.

Compreende-se agora que, estando os três tipos psicológicos definidos pela reação do Eu perdido frente ao símbolo sagrado emergente, será a Lei do Balão que determinará o grau de intensidade com que tal reação se faça efetiva. É conveniente, pois, aprofundar no conhecimento da Lei do Balão. Isto se conseguirá no artigo seguinte, mediante uma alegoria que permitirá, também, descrever analogicamente os três tipos psicológicos.

**C – A alegoria do Sr. Aberro e o balão.**

Dentro da alegoria, há que se distinguir dois momentos, caracterizados por cenas ou ícones diferentes. Em primeiro lugar, descreveremos uma cena e estabeleceremos algumas correspondências analógicas; finalmente, observaremos a segunda cena e tiraremos conclusões definitivas.

Dispostas assim as coisas, podemos passar para a primeira cena. Nela vemos um quarto de dimensões regulares, ocupado pelo Sr. Aberro, que se encontra surpreendido por um evento inesperado. Com efeito, o Sr. Aberro é dono de uma garrafa de pressão, cheia de uma mistura de gases muito valiosa, que constitui praticamente toda a sua riqueza; não deseja, pois, perder o gás por nada do mundo e, por isso, vigia periodicamente a válvula de escape, assegurando-se de que se encontre bem fechada. Eis aqui o motivo da surpresa: ao olhar, desta vez, para a válvula, comprova que se encontra aberta e que, por cima da garrafa, a figura heteromórfica de um balão policromado se infla sem cessar. Frente ao aparecimento do balão, o Sr. Aberro percebe, simultaneamente, várias coisas: que seu valioso gás alimenta de modo constante o inchaço do balão; que a policromia da sua superfície mutante lhe é muito atraente; que, entretanto, admira muito mais sua metamorfose pois, ainda que cresça continuamente, nunca termina de tomar uma forma definitiva; etc. E, ante uma impressão de matizes tão variados, e até contraditórios, o Sr. Aberro se detém perplexo durante um longo instante, observando que aquele orbe pneumático é (ou se tornou) extremamente grande.

Não será difícil estabelecer os pontos análogos de uma imagem alegórica tão simples. Assim, o Sr. Aberro representa o Eu do virya perdido, perplexo frente ao aparecimento do símbolo sagrado. A "garrafa" equivale a um depósito de energia psíquica inconsciente e a "mistura de gases" a dita energia. E a "válvula" corresponde ao órgão, ou função, por meio do qual a VONTADE do Eu se manifesta sobre o fenômeno.

É evidente, então, que o "balão" é uma figura análoga do símbolo sagrado. Se olharmos bem, veremos que o balão, em seu contínuo crescimento, mostra-se em muito semelhante AO PROCESSO do símbolo sagrado. O balão, igualmente ao símbolo, é no começo do fenômeno só um gérmen, pleno de propriedades potenciais; a válvula aberta permite que os sopros dos gases alimentem o gérmen e desenvolvam sua potência, atualizando "todas essas formas vistas pelo Sr. Aberro", que não são mais do que "momentos" do fenômeno, "estados" ou "fases" do processo. Também o símbolo sagrado, como o balão, é no começo do fenômeno só gérmen, quer dizer, puro sinal potencial; a contribuição nutricional da energia psíquica inconsciente, que é "composta" (por Arquétipos) como a "mistura" (por gases), produz o desenvolvimento do gérmen-símbolo, cujas propriedades se atualizam "na" consciência. Não esqueçamos em nenhum momento que o processo que estamos estudando, o "aparecimento do símbolo sagrado", é aquele pelo qual "se faz consciente" um símbolo e pode ser conhecido: toda relação entre o Eu e um símbolo revela um grau de

conhecimento consciente, seja porque o Eu abarque o símbolo com o entendimento ou seja porque este se erga, "inflado" e ameaçador, ante um Eu impotente.

Na primeira cena é o inflamento do balão o sujeito dinâmico que atua objetivamente sobre o Sr. Aberro, que, pelo contrário, permanece passivo, "perplexo", frente ao fenômeno. A segunda cena registra as possíveis reações do Sr. Aberro, que correspondem analogicamente aos tipos psicológicos. Em resumo, a primeira cena mostrou a ação do símbolo sagrado sobre o Eu perdido, quer dizer, a constituição do "ato ético fundamental"; a segunda mostrará a REAÇÃO do Eu perdido, reação que deve se interpretar como a ATITUDE ÉTICA FUNDAMENTAL do Eu frente ao Símbolo sagrado e que define o tipo psicológico de virya perdido por seu caráter lúdico, sacralizante ou gracioso luciférico. Por motivos de clareza, convém separar a descrição das três atitudes típicas e apresentá-las uma por vez. A segunda cena vem, então, dividida em três atos: I, II e III.

**D- Descrição analógica das atitudes "lúdica", "sacralizante" e "graciosa luciférica".**

***I – Atitude lúdica.***

Enquanto se dissipava a perplexidade, na alma do Sr. Aberro debatiam-se dois sentimentos desencontrados: fascinação e ATRAÇÃO pelo balão policrômico, e TEMOR para com seu processo de crescimento. De tal conflito foi triunfante o último contendente e logo o Sr. Aberro foi dominado por um medo mais intenso, que substituiu sua perplexidade e ameaçava tornar-se pânico. E a reação do Sr. Aberro foi rápida e típica, não dando tempo a que o balão se dilatasse demasiadamente: fugiu. Mas, antes de fugir, deu um brusco tapa e arrancou o balão do bico da garrafa, levando-o consigo para o canto do quarto no qual se refugiou.

Para o Sr. Aberro, o balão se transformou assim em um brinquedo. Claro que aquilo que tinha em suas mãos não se parecia em nada ao balão que antes se expandira sobre a garrafa e o fascinara com sua beleza policrômica: NÃO DEPOIS DE QUE O GÁS ESCAPASSE DE SEU INTERIOR E SE TRANSFORMASSE EM UMA MEMBRANA DESINFLADA. O balão, ao iniciar-se o fenômeno, era um gérmen cuja potência polimórfica se desdobraria sob a pressão dos gases; sem gás, o balão seria só uma casquinha de gérmen. E enquanto o Sr. Aberro brincava com aquele cadáver, na garrafa a válvula continuava aberta, perdendo-se por escape aquele precioso gás que havia estado alimentando o balão.

***II – Atitude sacralizante.***

O "aparecimento" do balão causou uma forte impressão no Sr. Aberro. A princípio, sentiu-se como que chocado, gelado de assombro, e, finalmente, maravilhado. Depois de uma sucessão de estados semelhantes o Sr. Aberro experimentou a convicção de que se achava ante uma manifestação numinosa, um fato sobrenatural, sinal de uma presença divina ou a própria divindade. No lugar da perplexidade, seu Eu adotou uma atitude de contemplação em êxtase do fenômeno; quer dizer: à incerteza inicial somou-se uma passividade ainda maior. Mas, nesse devir, o balão continuava crescendo continuamente, vale dizer, o fenômeno se havia ESTABILIZADO. E, quando o balão estava suficientemente "grande" para a temerosa e prudente apreciação do Sr. Aberro, este teve por certo que aquilo era tão grande e belo que devia ser necessariamente superior. E sentindo sua alma diminuída frente a tanta grandeza, encolhida de fervor religioso, aniquilada por uma devoção sem nome, o Sr. Aberro efetuou o primeiro ato, desde que presenciara o fenômeno: ajoelhou-se e

adorou o balão colorido... E o balão, que continuava crescendo com estabilidade, logo ficou tão enorme que acabou por ocupar todo o espaço do aposento, adaptando-se à forma das coisas que ali havia, as quais ficaram incrustadas em distintas partes da superfície elástica. E assim, ocorreu que o balão terminou por abraçar o Sr. Aberro, que continuava em sua posição devota, absorvendo-o entre as dobras volúveis e sepultando-o no fundo de suas entranhas pneumáticas.

***III – Atitude graciosa luciférica.***

O aparecimento do balão sacudiu a alma do Sr. Aberro como uma chicotada e, imediatamente, o fenômeno o impressionou em sua qualidade de fato dramático, cheio de inevitável sentido. A perplexidade foi abandonada, ante a íntima convicção de que se devia atuar. Mas tal atuação sobre o fenômeno era pressentida desde o princípio como fatalmente trágica e, por isso, o Sr. Aberro SORRIU PARA SE DAR CORAGEM.

O Sr. Aberro, que observava atentamente o fenômeno, adotou a atitude de sorrir no momento de atuar. E nesse mesmo momento se produziu o milagre: SUA RISADA MUDOU O SENTIDO DO FATO, TRANSFORMANDO-O DE "DRAMÁTICO" EM "CÔMICO". Ato seguido, o Sr. Aberro estendeu a mão e fechou a válvula, impedindo assim a passagem do gás. O balão ficou "fixado" em um ponto de seu desdobramento E ASSIM FOI CONSERVADO PELO SR. ABERRO, o qual, após inspecioná-lo e apreendê-lo, incorporou-o à sua coleção de objetos pneumáticos, utilitários, didáticos e humorísticos.

**E – Vigência da Lei do Balão no ato ético fundamental.**

Se consideramos que o aparecimento do balão, o ÚNICO balão causador das três reações I, II e III, é um evento análogo ao aparecimento de um símbolo sagrado frente ao Eu perdido, tal como se demonstrou, concluiremos que os tipos descritos nos três atos da segunda cena correspondem efetivamente a tipos psicológicos característicos do virya perdido. Antes de nos ocupar de tais correspondências convém destacar uma consequência de caráter geral, a qual é a vigência da Lei do Balão. Isto é, em toda a alegoria, com efeito, tanto na primeira cena como nos três atos I, II e III, da segunda, verifica-se analogicamente a Lei do Balão: "à menor vontade, maior estabilidade do processo". Recordemos que o Eu perdido, por sua essência noológica, manifesta-se como uma força volitiva; portanto: O EU PERDIDO SÓ PODE REAGIR VOLITIVAMENTE, QUER DIZER, ENERGÉTICAMENTE, FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO; POR ISSO, A "PERPLEXIDADE" DO EU IMPLICA EM NEUTRALIDADE ENERGÉTICA, NULIDADE VOLITIVA. Assim, de acordo à Lei do Balão, quando o Sr. Aberro se DETINHA perplexo frente ao balão, este crescia e o fenômeno tendia a estabilizar-se. No ato II, por exemplo, o caso no qual o Sr. Aberro reduz devotamente sua vontade ao mínimo, o fenômeno alcança uma estabilidade completa em seu desenvolvimento e o balão atinge um tamanho desmensurado que OCUPA A TOTALIDADE DE SEU ÂMBITO SENSÍVEL: a Lei do Balão antecipa, então, que dito "enorme" tamanho expressa de maneira inversa a medida "pequena" da vontade.

**F - Conclusão analógica da alegoria do Sr. Aberro e o balão.**

Comprovada a validade da Lei do Balão na alegoria, pois a mesma é propriedade do ato ético fundamental, podemos nos dedicar a examinar a tipologia Aberro. Contudo, sobre a atitude lúdica exibida pelo Sr. Aberro no ato "I", pouco é o que cabe agregar ao que já foi dito em comentários anteriores. Só assinalaremos que nesta imagem (ato I), como em nenhuma outra, ficou dolorosamente manifestado o efeito desastroso que a degradação do símbolo tem sobre a consciência do jogador sacrílego. Na alegoria pode-se observar claramente como a profanação e degradação do símbolo, representada pelo tapa e apropriação do balão, causa uma mutilação na

alma, uma ferida psíquica pela qual "escapa" energia do inconsciente, figurada na "perda de gás" da garrafa: tal energia, fora do controle do sujeito consciente ou do Eu, circula da esfera de sombra para a esfera de luz, brotando no umbral de consciência no lugar onde estava o símbolo sagrado emergente; é óbvio que todo tipo de patologias psíquicas, e até a demência irreversível, podem ser causadas por lesões semelhantes.

Notemos também que a atenção do Sr. Aberro se concentra, finalmente, na casquinha do gérmen-balão que tem em suas mãos, esquecendo completamente a garrafa e o valioso gás que dela escapa. Este esquecimento equivale à REPRESSÃO que o Eu perdido do jogador sacrílego efetua contra o fenômeno processual, UMA VEZ QUE CONSEGUIU DEGRADAR O SÍMBOLO SAGRADO, para interromper o processo e submergir o Arquétipo ou mito novamente no inconsciente. Mas, se olharmos bem, o Eu perdido atuou ali como se DESTAPASSE um depósito de energia psíquica do qual o símbolo sagrado era sua TAMPA; a repressão consiste em esquecer o depósito, em "tirá-lo da vista", no possível: definitivamente; e a repressão tem êxito neste sentido: "não se vê mais" o depósito; mas tal triunfo é altamente custoso pois o depósito, por fim esquecido, permanece indefinidamente destampado e ativado para liberar a energia, quer dizer, ESTÁ PREPARADO PARA TORNAR-SE UMA FUTURA "FONTE OCULTA" DE PERTURBAÇÕES.

**G – Critério na tipologia Aberro.**

Para maior clareza do que segue, há que se definir uma ordem qualitativa na tipologia Aberro. De acordo com essa ordem, que se fundamenta no princípio hiperbóreo da orientação estratégica, o tipo realmente "superior" é o gracioso luciférico, que se encontra mais bem orientado para a Origem do que os outros dois: tal tipo descreve o mais elevado estado espiritual que é possível alcançar um virya perdido. Com este critério foi ordenado o quadro sinótico da figura 102, em concordância com a sucessão de atos da segunda cena.

Após o primeiro tipo, o "gracioso luciférico", vem, em segundo lugar, o "tipo sacralizante", menos orientado que o anterior, mas mais que o seguinte, ou tipo "lúdico". Assim, em último termo, coloca-se o tipo lúdico na tipologia Aberro como o mais extraviado de todos. Os três tipos ficam, desse modo, opostos, de superior a inferior, segundo a ordem declarada; por exemplo, o tipo sacralizante é "superior", quer dizer, mais bem orientado que o tipo lúdico, etc. O tipo gracioso luciférico, o "objective group", o grupo alvo contra o qual se dirige o ataque da Sinarquia, previsto na segunda parte do plano exposto no artigo "O", encontra-se no alto da escala, como exemplar superior aos outros dois tipos.

**H – Tipo lúdico e tipo sacralizante.**

Se o tipo lúdico se caracteriza pela atitude contraditória de TEMOR e ATRAÇÃO pelo símbolo sagrado, de maneira oposta, o tipo sacralizante destaca-se pela SUBMISSÃO ao símbolo sagrado e a SUBLIMAÇÃO do símbolo sagrado. Em um exemplo anterior, mostrou-se o ato "B", que descreve alegoricamente o tipo sacralizante, como clara mostra da efetividade com que atua a Lei do Balão: com efeito, é característico deste tipo a tendência à CONTEMPLAÇÃO do símbolo sagrado, atitude que requer, para ser plena, da quietude do sujeito anímico, da passividade extrema da alma; consequentemente, a vontade se vê assim debilitada e reduzida, e, de acordo com a Lei do Balão, o símbolo cresce enormemente, produzindo a ILUSÃO de tamanho, que é uma medida inversa da vontade. Este último efeito esteve representado na alegoria pelo transbordante inflamento do balão.

Se falamos de ILUSÃO, estamos aludindo a APARÊNCIAS. O tipo sacralizante é, justamente, aquele cuja realidade se compõe exclusivamente de aparências. Para

comprová-lo, nada mais é necessário do que atender ao caráter contemplativo: a contemplação do símbolo sagrado jamais inclui seu exame ou inspeção racional, atos aos quais se julga desrespeitosos e sacrílegos; pelo contrário, aquela contemplação se contenta com o aspecto mais exterior e aparente do símbolo sagrado, pois considera como um favor ou uma graça divina qualquer conhecimento subsequente ao mesmo. Se penetra no interior do símbolo sagrado, se toma contato com sua essência arquetípica, isso não se deve a um esforço para conhecer, a um movimento efetuado pelo Eu perdido para chegar até ele e atravessar o véu da aparência: é o símbolo sagrado, inversamente, que ANESTESIA o eu perdido e se expande na consciência, em tudo semelhante ao balão do Sr. Aberro, absorvendo-o em suas profundezas pneumáticas.

O símbolo sagrado revela-se assim, ao Eu perdido, após ANESTESIÁ-LO e FAGOCITÁ-LO; e tal catástrofe não só não é jamais resistida pelo tipo sacralizante, senão que é tida em alta estima, denominando-se “êxtase sagrado”, “êxtase divino”, “Unio Dei”, etc.

**I- Tipo gracioso luciférico.**

Assim como demonstramos, em anteriores comentários, que a atitude lúdica se origina, em parte, no TEMOR a transcender os símbolos, pode-se demonstrar também que a atitude graciosa luciférica se fundamenta no VALOR. É evidente pois, que ditos tipos são OPOSTOS; entretanto, ambas as atitudes, uma originada no TEMOR e a outra fundamentada no VALOR, não se devem considerar como um par de contrários opostos: as duas estão “opostas”, mas só como o “superior” o está com o “inferior” tal como se explicou no artigo “H”.

Contudo, segundo a Sabedoria Hiperbórea, a atitude graciosa luciférica é característica de toda linhagem hiperbórea: ainda o “furor Berserkir”, próprio dos Siddhas, não poderia se produzir se o Eu desperto, previamente, não tivesse adquirido uma “atitude graciosa luciférica”; tampouco o virya perdido é claro, poderia concretizar a Iniciação Hiperbórea se não adotasse a “atitude ética prévia” ao isolamento do Eu perdido, quer dizer, a “atitude graciosa luciférica”. Mas, acabamos de afirmar que a atitude graciosa luciférica se fundamenta no VALOR; reveste-se, pois, da maior importância indagar: o que significa VALOR no ato ético fundamental, o Eu frente ao símbolo sagrado, quer dizer, no âmbito onde se suscita a atitude graciosa luciférica? Resposta: “VALOR” É A VONTADE GRACIOSA, OU SEJA, A VONTADE CARISMÁTICA. Para explicar este conceito há que se ter presente os termos nos que esteja apresentado o ato ético fundamental: o Eu perdido, PERPLEXO frente ao aparecimento do símbolo sagrado. Neste caso, o tipo gracioso luciférico é o único dos três tipos que reconhece: a) QUE ENTRE O SÍMBOLO SAGRADO E O EU PERDIDO CRIOU-SE UMA TENSÃO; b) QUE TAL TENSÃO TEM SIGNIFICADO DRAMÁTICO. Compreender o significado dramático do ato ético fundamental é essencial, porque A “TENSÃO” PROVÉM DA FORÇA COLOCADA EM JOGO PELO ARQUÉTIPO POR TRÁS DO SÍMBOLO SAGRADO PARA CAPTURAR O SUJEITO CONSCIENTE, E O EU PERDIDO SUBMERSO NELE, ANESTESIÁ-LO E FAGOCITÁ-LO: a este processo do símbolo sagrado só consegue opor-se com eficácia o tipo gracioso luciférico. Eis aqui, pois, com mais detalhes, a definição do conceito de valor: SÓ AQUELES QUE PERCEBERAM CONSCIENTEMENTE A TENSÃO DRAMÁTICA ENTRE O EU PERDIDO E O SÍMBOLO SAGRADO, QUER DIZER, OS MEMBROS DO TIPO GRACIOSO LUCIFÉRICO, E SE OPÕEM A ELA COM “VONTADE GRACIOSA”, POSSUEM VERDADEIRO “VALOR”. A este enunciado se denomina “definição noológica do valor”.

A "VONTADE GRACIOSA" é a força noológica que o Eu aplica contra o símbolo sagrado emergente, quando apresenta uma atitude graciosa luciférica; como se verá, a vontade graciosa contribui com uma energia extra ao Eu perdido, que lhe permite deter o processo do símbolo sagrado e evitar a fagocitação da consciência, SUSPENDENDO A TENSÃO DRAMÁTICA; por isso, chama-se "graciosa" tal vontade: porque a energia "extra" proporcionada é produto do Paráklito. Com esta mesma "vontade graciosa" o Iniciado Hiperbóreo ou Cavalheiro Tirodal constrói a esfera Ehre (1) em torno do Selbst.

Acontece, assim, que o valor noológico é a vontade graciosa manifestada pelo Eu durante o ato ético fundamental. Não há que se esquecer nunca este caráter INTERIOR do valor noológico, especialmente para distingui-lo do conceito vulgar de valor, que alude a um PERIGO EXTERIOR. O "valor", com efeito, se opõe ao "temor", mas ambos os atos estão referidos ao PERIGO: teme-se o perigo; valor é não temer o perigo. Mas, na significação vulgar o "perigo" é sempre externo ou objetivo, motivo pelo qual o valor se define como uma CARACTERÍSTICA DA CONDUTA, um traço do comportamento circunstancial. Em sua raiz latina, VALEO, o vocábulo já aludia a um caráter exterior ou objetivo: VALEO significa "ser forte", "poderoso", "robusto", etc.; o VALENTIS, ou valente, por exemplo, era "o forte".

Compreende-se então que, ao centralizar a definição do valor noológico em torno do Eu, no âmbito interior do ato ético fundamental, nos afastamos demasiadamente do conceito vulgar do valor. O "perigo" que ameaça o Eu, a fagocitação psíquica, procede de um símbolo sagrado emergente e mal se pode comparar com os perigos do mundo exterior. Em consequência, o valor necessário para enfrentar tal perigo não pode se derivar da exterioridade do comportamento, senão que deve ser definido precisa e cuidadosamente no próprio terreno de sua geração, isto é, o ato ético fundamental, o Eu frente ao símbolo sagrado.

Desde já que esta definição "interior" do valor noológico só é válida para o tipo gracioso luciférico, um virya de linhagem hiperbórea para o qual o valor é sua essência espiritual e não um mero revestimento psicológico ou postura exterior. O furor Berserkir, no extremo de pureza sanguínea, implica em uma mutação completa do microcosmo, mutação que transforma toda substância em energia resoluta, orientada para a Origem. A "atitude graciosa luciférica" é, pois, uma atitude valente, tanto se a adota para enfrentar um símbolo sagrado emergente como para dar o Segundo Passo da solução de Wotan e isolar o Eu na Arquêmona Odal, indo logo para a Origem. Já avisamos: "entre o Eu e a Origem sempre se encontra o Inimigo" .... e "o inimigo" pode ser qualquer das múltiplas formas do Engano que o Demiurgo utiliza. Ir para a Origem implica, pois, em um enfrentamento terrível de que só se poderá sair vencedor quem o cometa impulsionado por um arrojo sem reservas, uma ousadia imparável, audácia genial, intrepidez iluminada, atrevimento liberador, enfim, por um VALOR irresistível que é puro fogo, porque parte do Sangue Puro ou FANHEMA. Se, no último grau da pureza sanguínea, o VALOR é furor Berserkir, pura resolução, pura energia, puro fogo, uma cólera sublime, uma coragem metafísica, uma flecha incandescente disparada ao contrário do tempo, sobre o espaço inimigo, para o Vril! Então, quando o Eu-seta culmine ESSA VIAGEM INTERIOR, nas fronteiras do Espírito eterno, a liberdade original estará recuperada para sempre; não haverá mais cadeias nem Enganos; ficará para trás a loucura da matéria e a energia E SÓ O VALOR SOBREVIVERÁ NO ABSOLUTO.... PORQUE O ESPÍRITO HIPERBÓREO, O "ESPÍRITO-ESFERA NORMAL", ETERNO E INFINITO, É O VALOR ABSOLUTO.

**J – Efeito da atitude graciosa luciférica sobre a tensão dramática.**

Vimos que o tipo sacralizante percebe a Lei do Balão de forma SUBJETIVA, como "ilusão de tamanho" do símbolo sagrado. De maneira análoga, o tipo gracioso luciférico percebe a Lei do Balão de forma ENERGÉTICA, como "tensão dramática" do símbolo sagrado. Quando o Sr. Aberro, que captou a tensão dramática, ri "para se dar coragem", isso significa que dispõe de uma "vontade graciosa" para enfrentar a situação. A tensão dramática, manifestação energética da Lei do Balão, tende a imobilizar o Eu perdido, CRIANDO EM SEU ENTORNO UM MICROCLIMA DE ANGÚSTIA, VALE DIZER, UM CONTEXTO DRAMÁTICO. Qual é o benefício que concede a atitude graciosa luciférica nessa circunstância dramática? Resposta: A ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA SUSPENDE A TENSÃO DRAMÁTICA. Por isso, o Sr. Aberro pode, tranquilamente, "fechar a válvula", quer dizer, aplicar sua vontade e deter o fenômeno, quer dizer, interromper o processo do Arquétipo, logo, sem se alterar em nada, quer dizer, sem que o Eu perdido fique afetado, dedica-se a inspecionar o balão: vale dizer, o Eu perdido apreende o símbolo sagrado. E esta atitude gnóstica, claramente espiritual, valorosa até a temeridade, QUE RI DO PERIGO E PEGA O QUE LHE CONVÉM, SEM PEDIR PERMISSÃO A NINGUÉM, é, não há necessidade de insistir nisso, VERDADEIRAMENTE LUCIFÉRICA.

Mas, se a atitude graciosa luciférica suspende a tensão dramática, o que percebe em troca? Resposta: uma situação cômica; engraçada, mas notoriamente falsa. Ante o olhar luciférico, a circunstância dramática perde sua atmosfera trágica ou angustiante e se revela, em troca, artificial e fictícia. Por isso se diz que o olhar luciférico é risonho, que a risada "brilha nos olhos"; olhar que os Demônios e alguns mentecaptos acham ofensivo, mas diante do qual o Engano se faz patente, irremediavelmente. SE TIVÉSSEMOS O VALOR SUFICIENTE PARA OLHAR O UNIVERSO E RIR COM A RISADA DE LÚCIFER, VERÍAMOS COMO ESSA MALDITA ILUSÃO SE DISSOLVE NO CAOS PRIMORDIAL!

Em síntese, a atitude graciosa luciférica quebra a Lei do Balão, confirmando a sentença que enuncia: "quebrar as leis do Universo é a essência do luciférico".

A sabedoria popular, desde já, conhece perfeitamente o princípio de que a risada suspende a tensão dramática, ainda que projetado em situações exteriores ou fatos culturais. Todo mundo sabe, por exemplo, que uma piada dita no momento oportuno pode DISTENSIONAR qualquer situação dramática; e é uma cena repetida em todas as culturas, com muitas poucas variantes, aquela que descreve os heróis, antes de realizar uma façanha, despedindo-se com uma piada ou um gracejo.

Resumindo, o tipo gracioso luciférico jamais assumirá a atitude lúdica ou sacralizante frente ao símbolo sagrado, tentando degradá-lo ou submergindo-se nele, senão que, inversamente, disporá da possibilidade de transcendê-lo e de tomar conhecimento de sua essência arquetípica. Se a potência do símbolo sagrado é, ou parece ser, demasiadamente intensa, até um grau tal que, inicialmente, ultrapassa a capacidade de assimilação da consciência, NÃO TEMERÁ: exibirá, em troca, uma atitude graciosa luciférica que lhe permitirá vencer a perplexidade ante "o grande", suspender a tensão dramática, quebrar a Lei do Balão e atravessar assim, valente, orgulhosa e risonhamente, os limites formais do símbolo sagrado.

**K - Vontade graciosa luciférica do virya e vontade psicológica do pasu.**

Toca-nos agora responder a uma questão fundamental: de que força se vale a atitude graciosa para SUSPENDER a tensão dramática, que, segundo vimos, é de natureza energética? Resposta: tal como se adiantou, a tensão dramática é suspensa pela ação da VONTADE GRACIOSA. Entretanto, esta resposta não é de todo exata, pois carece dos detalhes que esclarecem que a suspensão da tensão dramática é

efeito de algo mais do que uma mera oposição de forças. Com mais detalhes, pois: a tensão dramática é uma energia aplicada contra o Eu, MAS UMA ENERGIA QUE CRESCE DE ACORDO COM O PROCESSO EVOLUTIVO DO ARQUÉTIPO; a esta energia crescente se opõe a vontade graciosa para contrapô-la e SUSPENDÊ-LA, mas ISSO SÓ SERÁ POSSÍVEL SE A ENERGIA VOLITIVA CRESCE NA MESMA MEDIDA QUE A TENSÃO DRAMÁTICA. Queremos significar com isso que a vontade é de algum modo "reforçada" pela atitude graciosa, quer dizer, que recebe uma energia extra. A suspensão da tensão dramática não procede, pois, da mera oposição, de uma relação físico-matemática de forças, senão de uma CONTRIBUIÇÃO MÁGICA de energia. Graças a tal aporte, a vontade se eleva poderosamente de nível, distanciando-se da oposição do símbolo, com o que a tensão dramática fica relativizada a um grau insignificante, "suspensa" em sua capacidade de atuar.

A "contribuição poderosa de energia", que, além disso, não é crescente, senão instantânea, o Eu obtém por VINCULAÇÃO CARISMÁTICA, contato que constitui um dos princípios da Estratégia Psicossocial. A "vinculação carismática" estabelece um contato transcendente com o Paráklito, que é, na verdade, quem contribui com a energia extra; com respeito ao Paráklito, segue a seguinte definição: "o agente carismático" está perpetuamente presente em um plano "absolutamente transcendente" ao mundo imanente da matéria e se denomina Paráklito". Mas este Paráklito não é uma das pessoas da trindade católica, senão um conceito antiquíssimo da Sabedoria Hiperbórea que convém repetir aqui: o Paráklito NÃO É UM "ASPECTO" DE DEUS, SENÃO A VONTADE DE DEUS; entende-se que a definição alude ao Deus Hiperbóreo "O Incognoscível" e não ao Pantocrator ou Demiurgo: A VONTADE DO VERDADEIRO DEUS SE DENOMINA "PARÁKLITO" OU VONTADE GRACIOSA DO INCOGNOSCÍVEL".

Contudo, como, sendo absolutamente transcendente, pode o Paráklito oferecer energia, quer dizer, vontade graciosa, ao Eu perdido? Resposta: explicaremos analogicamente, baseando-nos na seguinte citação: "O Eu é capaz de controlar o processo dos símbolos sagrados se apresenta, frente a eles, uma "atitude graciosa luciférica". Com outras palavras: quando sobrevém a crise sub-runa do sujeito consciente, o Eu orientado encontra-se APOIADO NO ÂNGULO RETO DA ARQUÊMONA E DE FRENTE AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA; emerge então, em frente a ele, um símbolo sagrado que tenta desdobrar-se com grande potência: se esse desdobramento se concretiza, o Eu orientado estará novamente perdido; mas o Eu consegue deter o processo, e ainda inverter o sentido para explorar sua essência arquetípica, apresentando uma atitude graciosa luciférica". A isto podemos agregar, como resposta, que A ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA PERMITE O ÊXTASE RÚNICO DO ÂNGULO RETO NO QUAL "SE APOIA" O EU ORIENTADO: O "ÂNGULO RETO", COM EFEITO, É UMA ANTIGA RUNA LIMITANTE CHAMADA "KENAZ". E no êxtase rúnico, segundo se disse, se manifestará o Paráklito à solicitação do Eu, contribuindo com a força irresistível e transmutadora da Vontade do Incognoscível: "se o Espírito, o Selbst, o Eu, o reclama, o Verdadeiro Deus se manifestará volitivamente: por isso, não é possível conhecer o Incognoscível, senão comprovar a ação de sua força, que reforça a esfera Ehre.

Em síntese, o Eu orientado, ao assumir a atitude graciosa luciférica, experimenta um êxtase rúnico que o coloca em vinculação carismática com o Paráklito, recebendo deste uma "energia extra" que lhe permite suspender a tensão dramática do símbolo sagrado e reforçar sua esfera de vontade egóica Ehre. Mas, se bem que o Eu recebe INTIMAMENTE a graça do Paráklito, o que suspende a tensão dramática é seu próprio ato, quer dizer, seu VALOR, uma vez que tal ato é efetuado com VONTADE

GRACIOSA. E ESSA ATITUDE DE VALOR, DA VONTADE GRACIOSA, QUE SUSPENDE A TENSÃO DRAMÁTICA NO ATO ÉTICO FUNDAMENTAL, É "A HONRA NOOLÓGICA", A ÚNICA AÇÃO MORAL DO VIRYA.

Contrariamente a esta vontade graciosa procedente do Espírito, cujo ato é a honra, a "vontade psicológica" do pasu é uma força anímica, carente de sentido ético. A vontade psicológica, como todo o anímico, está ligada ao orgânico: uma alimentação deficiente, ou excesso de atividade sexual, ou fadiga orgânica de qualquer espécie, podem enfraquecer em algum momento a vontade psicológica, cuja recuperação depende, então, da normalização da função orgânica alterada. A vontade graciosa, em troca, por ser de origem noológica, quer dizer, por proceder de um ser absolutamente transcendente, eterno e infinito, como o Espírito, é independente do orgânico: a vontade graciosa do virya, do herói, do guerreiro, não só é potente para vencer qualquer obstáculo que se interponha em seu caminho, senão que, Em primeiro lugar, é potente para vencer seus próprios Demônios interiores, os mitos e símbolos sagrados, e as debilidades que enfraquecem a vontade psicológica do sujeito anímico.

**L – O Paráklito, sua Graça, e o Carisma.**

No artigo "D" se expôs a seguinte conclusão. "Em síntese, nisto consiste a construção da esfera Ehre: o Eu, com atitude graciosa luciférica, deve conseguir que se manifeste o Paráklito durante o êxtase rúnico, quer dizer, que coincida no infinito atual: sua presença não oferecerá nenhum conhecimento à parte da verdade da runa incriada, mas, em troca, transmutará a estrutura psíquica do virya criando uma esfera de vontade egóica em torno do Selbst (figura 32). A esfera Ehre, cujo conteúdo é uma energia extra oferecida pelo Paráklito, torna-se, assim, uma fonte de força volitiva que o Eu consome para reforçar sua própria essência volitiva. Tal é a Graça do Verdadeiro Deus: que o Espírito invertido e encadeado não careça jamais da força necessária para concretizar sua liberação. Se a força volitiva é insuficiente, o Eu disporá sempre da possibilidade de RECLAMAR O AUXÍLIO DO PARÁKLITO. Não obstante, sua presença transmutadora só se manifestará àquele virya que expresse uma "atitude graciosa luciférica", vale dizer, a quem recebeu a mensagem do Gral de Kristos Lúcifer, O Enviado do Incognoscível, e se alinhou em seu "bando guerreiro". Sobre esse caráter AUXILIAR do Paráklito, aqui vamos completar o conceito e esclarecê-lo, recorrendo à sua etimologia; quanto à referência ao "Gral de Kristos Lúcifer", cabe avisar que dito tema será desenvolvido com detalhes no inciso "Estratégia "O" dos Siddhas Leais".

Paráklito é uma palavra grega (παράχλητος) derivada de PARAKLESIS (παράχλησις), chamamento, petição de auxílio, solicitação de liberação, etc., onde se vê, já, o significado apontado. O Paráklito é considerado assim, em sua origem, um "chamado de auxílio", um intercessor ou advogado pela liberdade, etc. O cristianismo empregou, a princípio, com bom senso, este vocábulo para designar o Espírito Santo ou Mediador Divino, conceito que se aproxima bastante ao da Sabedoria Hiperbórea: VONTADE-DO-INCOGNOSCÍVEL-DE-LIBERAR-O-ESPÍRITO. Mas, depois da nefasta aliança entre os Imperadores romanos e a Igreja, depois do concílio de Nicéia e subsequentes, "inventou-se" uma "trindade divina" e se incorporou o Paráklito aos Aspectos de Jeová Satanás, envenenando definitivamente seu significado original. Entretanto, a palavra é hiperbórea e não por ser degradada deixaremos de usá-la, quando nos convenha, remetendo-nos sempre ao conceito da Sabedoria Hiperbórea. A mesma reserva guardaremos com respeito a outras duas palavras, GRAÇA e CARISMA, igualmente violadas pela teologia católica e que agora redefiniremos.

Ao Paráklito se denomina AGENTE CARISMÁTICO, segundo se disse. A palavra CARISMA, assim como também caridade, caritativo, etc., provém da raiz grega CHARIS ou JARIS (χαρτς) que tem, entre outros muitos, o significado de GRAÇA,

atrativo, encanto, beleza, formosura, donaire, garbo, elegância, mas fundamentalmente, dom divino. Esta mesma raiz deu no latim GRATIA, de onde procede a palavra castelhana GRACIA, e grátis, gratificar, grato, etc., com as mesmas acepções que em grego. Também a GRATIA, as três Graças Divinas, registram a mesma origem: AGLAYA "a brilhante", EUFROSINA "a alegria do coração", e THALIA "a florida".

Etimologicamente, então CARISMA e GRAÇA são palavras sinônimas. Entretanto, para a Sabedoria Hiperbórea, ambas as vozes têm um sentido levemente diferente: em CARISMA se reserva o caráter absolutamente transcendente que corresponde à manifestação ou expressão do Paráklito como AGENTE ou ARTÍFICE DIVINO; dali o de "AGENTE CARISMÁTICO" como expressão do Paráklito. A GRAÇA, em troca, emprega-se para assinalar a atitude do virya, quando estabelece a vinculação carismática, quer dizer, a "atitude graciosa luciférica".

**M – O tipo gracioso luciférico participa da Mística Hiperbórea.**

Durante a atitude graciosa luciférica, então, o Eu estabelece um contato carismático com o Paráklito. Isso só pode ocorrer, de acordo com o que foi visto, em coincidência com o êxtase rúnico, quer dizer, quando o Eu coincide no infinito atual com a runa incriada. Este conceito permite compreender com mais exatidão a definição de Mística Hiperbórea exposta na Primeira Parte. Para isso, há que se dotar o conceito de "vinculação carismática" de seu significado "coletivo"; vale dizer, se, por um lado, a vinculação carismática significa o contato do Eu com o Paráklito, por outro lado, significa também o contato dos viryas entre si por coincidência carismática no "quadro" de uma "Mística Hiperbórea", quer dizer, em sua "área estratégica". Por isso, a Mística se define como "uma FORMA sustentada por um SER chamado Carisma". Sob esta "forma" que, agora se vê, não pode ser mais do que RÚNICA, existe uma área estratégica na qual os viryas se conectam pelo Sangue Puro, pelo Símbolo da Origem presente no Sangue Puro. Tal conexão, que vincula os viryas com seu "centro carismático" ou líder, é também uma experiência extática denominada "êxtase místico": a vinculação carismática, então, ao mesmo tempo em que conecta o Eu do Iniciado com o Paráklito, torna-o o "centro estratégico" de uma Mística e o vincula infalivelmente com os viryas perdidos que percebem seu "carisma". "Este carisma, que possuem em alto grau os líderes e que parece ser elemento indispensável para garantir o êxito na condução de comunidades e a fundação de organizações coletivas perduráveis, é o princípio sobre o qual se assenta uma Mística. Com efeito, uma Mística Hiperbórea, ou simplesmente Mística, é sempre a percepção coletiva de um Carisma que, por sua vez, pode ser sustentado na presença de um líder visível ou emanar de um pequeno grupo de pessoas ocultas. Mas, qualquer que seja o caso, a vinculação carismática entre viryas sempre tem por centro o Sangue, o Símbolo da Origem que constitui a herança da linhagem hiperbórea". "O Carisma é a expressão do Paráklito ou Espírito Santo e SÓ É EXPERIMENTÁVEL SUA RECORDAÇÃO a partir da Minne sanguínea": se este conceito é obscuro, far-se-á claro apenas ao notar que o Símbolo da Origem, e as runas que o compõem, só pode ser experimentado como recordação, quer dizer, como a recordação do ponto Tau na memória do sangue, QUALQUER ÊXTASE RÚNICO IMPLICA SEMPRE NA VIVÊNCIA DO SÍMBOLO DA ORIGEM, SUA "RECORDAÇÃO". Continua assim o parágrafo anteriormente citado: "Isto significa falar de uma experiência absolutamente transcendente e individual, à qual chamamos de ÊXTASE MÍSTICO e à qual não é possível nem imaginar relacionada com O COLETIVO, enquanto este conceito aluda ao relativo a "qualquer reunião de indivíduos", tal como o define o Dicionário Sopena. O que queremos dizer, então, ao falar de PERCEPÇÃO COLETIVA do carisma? Resposta: Que, "no quadro da Mística", as experiências

carismáticas individuais, diferentes e únicas em si mesmas, coincidem sincronisticamente em tempo e espaço. O que não significa absolutamente que tais experiências sejam COLETIVAS no sentido com que denominamos as EXPERIÊNCIAS COMUNS ou fenômenos cuja percepção, uma e a mesma, é compartilhada por muitos, tais como a observação de um eclipse ou a audição de uma melodia".

Segundo vemos, para a Sabedoria Hiperbórea "o Carisma é o ser que suporta essa forma chamada Mística"; mas, "tal forma e tal ser são absolutamente transcendentes": como podem ser conhecidos, então? Resposta: Não com a razão nem com nenhum sujeito anímico, quer dizer, não com a alma, não com o coração, etc. Só se pode perceber a Mística Hiperbórea com o Sangue, nesse contato estratégico entre o Sangue e o Eu perdido que explicamos com a alegoria do Eu prisioneiro, quando o Eu, desligado de toda razão, de todo instinto, "escuta o canto de A-mort dos Siddhas". A Mística é, por outro lado, A ÚNICA FORMA RÚNICA, VERDADEIRA E ABSOLUTAMENTE TRANSCENDENTE ÀS FORMAS ARQUETÍPICAS, QUE É POSSÍVEL UM VIRYA PERDIDO INTUIR, SEM CONHECER A SABEDORIA HIPERBÓREA. E isso ocorre apenas porque tal "forma rúnica" JÁ É CONHECIDA pelo virya, na Origem, e guarda dela uma recordação na memória do Sangue Puro.

A Mística Hiperbórea NÃO É UM FENÔMENO DE CAMPO DE FORÇA, segundo se afirma na Primeira Parte, senão um modo sincronístico e acausal de contato transcendente entre membros de Linhagem Hiperbórea, viryas e Siddhas, e com o Paráklito. Ela é responsável da vinculação carismática entre viryas e Siddhas Leais conhecida como Aurea Catena ou Cordão Dourado; os pasus SIM que se vinculam entre eles, e com os Demônios de Chang Shambala, MEDIANTE UM FENÔMENO DE CAMPO SEMELHANTE AO "MAGNETISMO" DA FÍSICA PROFANA, CAUSADO, NA VERDADE, PELOS ÁTOMOS GRAVIS DO ESPAÇO FÍSICO. Mas este grosseiro contato gregário, próprio da histeria coletiva, não se deve confundir com a vinculação carismática. "O virya é um ente essencialmente dual: em seu ser coexiste, junto à sua natureza anímica, a manifestação transcendente do Espírito, o Eu perdido que reflete em maior ou menor medida o Infinito. Quer dizer, no virya coexiste uma natureza animal e uma herança hiperbórea. Quando "desperta", quando a vinculação carismática do Cordão Dourado o coloca em contato com os Siddhas Leais ou com um líder e acessa as vias de liberação, então o Eu Infinito manifesta-se no Símbolo da Origem, dando lugar ao Selbst e à possibilidade de projetar dali o Sinal da Origem SOBRE o sinal do cerco, produzindo um cerco infinito. Nasce, assim, a Mística Hiperbórea, a qual não é mais do que um cerco infinito com um conteúdo carismático, um espaço estratégico: a arquêmona que o virya produz como ato de guerra individual é, certamente, uma Mística pessoal, enquanto a Mística racial é só o caso geral daquela, a determinação de uma arquêmona ou espaço estratégico para a transmutação e liberação espiritual de toda uma comunidade carismática". Sintetizemos o conceito. Os tipos gracioso luciférico do virya perdido atuam, comumente sem sabê-lo, dentro de uma Mística Hiperbórea. Quando enfrentam um símbolo sagrado e apelam à vontade graciosa para suspender a tensão dramática, isso é sinal inequívoco de que se vincularam carismaticamente com um líder carismático, o Führer, por exemplo, um Siddha Leal, com Kristos Lúcifer ou com Wotan, etc. Em qualquer caso, o virya perdido recebe uma "contribuição extra" de energia volitiva, diretamente do Paráklito, que lhe permite perceber graciosamente a comédia montada pelo Arquétipo ou o Mito e SUSPENDER a tensão dramática. O Eu perdido se vê, então, momentaneamente inundado de valor, transmutado pela vontade graciosa, alerta e resolvido a atuar: para deter o processo do símbolo sagrado, ao mesmo tempo

que transcendê-lo e conhecer sua essência arquetípica. Mas a "energia extra" que outorga o Paráklito não é um "conteúdo" do Eu perdido, nem sequer do Selbst, senão da esfera Ehre, A QUAL DEVE SER CONSIDERADA, TAMBÉM, COMO UMA "MÍSTICA PESSOAL" OU FORMA RÚNICA: CUMPRE-SE ASSIM O PRINCÍPIO DE QUE "O CARISMA", OU "AGENTE CARISMÁTICO", SÓ PODE SER CONTEÚDO DE UMA MÍSTICA. É o que acontece com o tipo gracioso luciférico: torna-se o "centro carismático de uma Mística, sua esfera Ehre, que parte dele e pode transmitir-se, por vinculação carismática, a outros viryas, que a percebem com o Sangue Puro. Por isso, os "chefes naturais" mandam e ninguém discute seu mandato, todos "sabem", com o Sangue, que ele é realmente superior; é o VALOR, a VONTADE GRACIOSA, o que delata sua condição de líder carismático.

Por que se participa de uma Mística? Resposta: pela Mine ou memória contida no Sangue Puro, pela potência hiperbórea da linhagem. Daí que careça de sentido falar em forma "coletiva" das linhagens hiperbóreas ou supor que seus membros possam enquadrar-se nos padrões da "psicologia das multidões". São as características dos pasus as que encaixam em tais padrões, característicos, também, das populações animais: nas multidões, integradas por públicos heterogêneos, as tendências animais do pasu e a pureza de Sangue, de cada um dos membros, dá lugar a dois fatos simultâneos e contrapostos. As tendências animais produzem um fenômeno coletivo de "gregarismo" ou "alma grupal"; o Sangue Puro atualiza o fato da raça Hiperbórea, ao vincular carismaticamente seus membros em um quadro rúnico da Mística. Ambos os fatos constituem dois "princípios fundamentais" nas técnicas de controle social, tal como se demonstra no "Tratado de Estratégia Psicossocial da ᛋᛋ". De maneira que, "dentro de uma Mística", não existem fenômenos coletivos, de campo de força, causais, etc., senão uma vinculação carismática, sincronística e acausal, que relaciona diretamente, virya por virya, a cada um, com seu líder e Führer. Cabe repetir, por último, que o valor, tal como o define a Ética noológica, como vontade graciosa, constitui o conteúdo de uma Mística, a esfera Ehre, e, portanto, não pode ser efetivamente ocultado ou dissimulado: com o Sangue a raça saberá sempre, carismaticamente, misticamente, quem são, na verdade, seus Heróis, Líderes ou Chefes.

Comprovamos, pois, que a atitude graciosa luciférica, que é o grau mais espiritual que pode alcançar um virya perdido, quer dizer, estrategicamente desorientado sobre a Origem, é também o mais próximo ao despertar e à orientação: basta a atitude graciosa luciférica para que o virya esteja em capacidade de concretizar os dois Passos da solução de Wotan ou, com outras palavras, só o tipo gracioso luciférico está em capacidade de acessar a Iniciação Hiperbórea. De fato, ainda que seja por um momento, a atitude graciosa luciférica concede esse estado de ALERTA que, como se explicou, é característica PERMANENTE do virya desperto ou Iniciado Hiperbóreo. Em resumo: o tipo gracioso luciférico está a um passo do virya desperto. E fica claro que a Mística, tal como foi definida, é propriedade exclusiva do tipo gracioso luciférico: que não se fale, nunca, de "mística sacerdotal" nem se confunda o "êxtase religioso", com o que muitos exemplares do tipo sacralizante se conectam com o Demiurgo Jeová Satanás, com a verdadeira Mística Hiperbórea.

**N – Correspondência entre a tipologia Aberro e a tipologia indo-ariana**

Ter-se-á uma melhor perspectiva da tipologia Aberro se a comparamos com a antiga tipologia indo-ariana, quer dizer, com a organização social que vulgarmente se denomina "sistema de castas". Na Índia as castas são quatro: a composta por BRAHMANES ou casta sacerdotal; a dos KSHATRIYAS ou casta nobre-guerreira; os VAISYAS ou casta de homens livres; e os SUDRAS ou casta servil. Esse sistema era também muito comum entre os semitas do Egito e Babilônia. Mas isso não se deve

estranhar, pois na realidade trata-se de uma herança comum atlante, já que dita civilização, em sua última era, achava-se organizada com base no mesmo sistema.

Contudo, referindo-nos exclusivamente ao sistema hindu, podemos dizer que, com certa boa vontade, é possível relacioná-lo com a tipologia Aberro SE ASSEMELHAMOS OS SUDRAS AOS PASUS E INVERTEMOS OS BRAHMANES COM OS KSHATRIYAS (e, em um plano transcendente, identificamos os Rishis com os Siddhas Leais, quer dizer, com os Senhores de Agartha). No quadro sinótico da figura 103 podem-se ver comparadas ambas as tipologias.

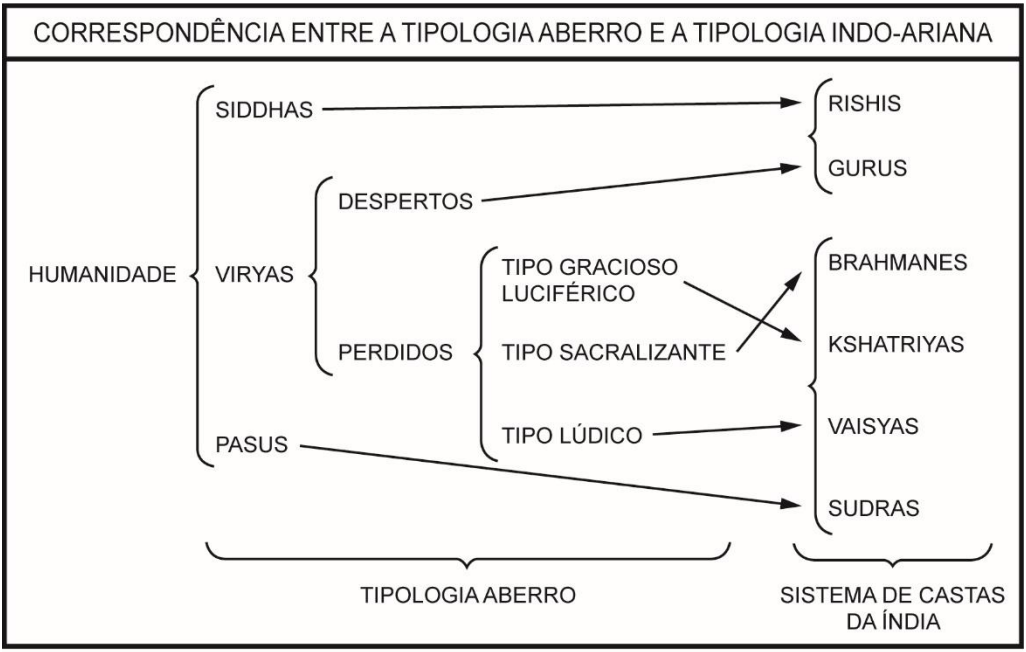



FIGURA 103

A primeira coisa que há de surpreender será, sem dúvida, o fato de que a equiparação de tipos requer uma inversão tão importante. Entretanto, tudo se esclarece se afirmamos que, com tal inversão, não fazemos mais do que restituir à casta dos Kshatriyas o lugar que lhes corresponde e que foi usurpado, em um passado remoto, pela casta dos Brâmanes. Trata-se, certamente, de uma mudança ocorrida na Atlântida, que há de durar até o final do Kaly Yuga, e à qual custará compreender em nossos dias, devido a um pré-julgamento profundamente arraigado. Aludimos à crença generalizada na "superioridade" da casta sacerdotal sobre a casta guerreira, a qual não é mais do que outra tática de desinformação sinárquica. Com a finalidade de contribuir para criar a máxima confusão neste assunto, muitos autores de livros esotéricos sustentaram, no último século, a tese de que o próprio Kaly Yuga, quer dizer, o período de maior decadência espiritual de que se tem memória, não teria outra origem do que "a rebelião dos Kshatriyas". Estes autores, entre os que há que contar René Guénon e

os teosofistas que ele combateu, como H. P. Blavatsky, Rudolph Steiner, etc., atuaram em apoio a uma corrente de pensamento filosófico-esotérica atlante, de clara inspiração Shambaliana, que pretende exaltar os Siddhas da Face Tenebrosa como "Mestres de Sabedoria" da Hierarquia Branca, ocultando sua nefasta condição de Traidores Originais da Raça de Espíritos Hiperbóreos.

Mas a verdade é muito diferente pois, de acordo com a Sabedoria Hiperbórea, corresponde ao quadro sinótico da Tipologia Aberro. Para colocar as coisas em seu lugar, há que se dispor de certos dados e de um esclarecimento posterior. Os dados são os seguintes: no período cristão-luciférico da Atlântida, a sociedade se achava organizada com base em princípios hiperbóreos antiquíssimos, também em quatro castas; a hierarquia espiritual de tais castas era esta: primeiro, a casta guerreira; segundo, a casta sacerdotal; terceiro, a casta cidadã e quarto, a casta servil; não deve dar lugar a confusão o fato de que também existiam quatro raças: vermelha, amarela, negra e branca, pois as três primeiras compunham EM CONJUNTO as três castas e a última, branca, era numericamente insignificante, pois constituía uma casta especial de CONSTRUTORES SAGRADOS. O que ocorreu após? Em um período posterior, qualificado com razão de "satânico", os Siddhas Traidores conseguiram um completo controle da civilização, destruíram o modelo "Império Universal" sobre o qual se achava organizada, e a governaram ferreamente por intermédio da casta sacerdotal, que os conheceu como Senhores da Face Escura. Para cumprir seus planos evolutivos, os Siddhas Traidores reorganizam a sociedade sob o domínio da casta sacerdotal, a qual elevam ao primeiro nível, criando assim o sistema que conheceram todos os povos da Antiguidade. Salvo aqueles que descendem diretamente dos "Cro-Magnon", quer dizer, da raça branca atlante, ou são tributários de sua sabedoria.

Até aqui os dados; vamos agora ao esclarecimento prometido.

Se, como afirmamos, produziu-se uma mudança na ordem hierárquica das castas superiores, no período satânico da Atlântida, é possível que tal suplantação tenha durado até nossos dias? E, ao ser assim, de que maneira se instrumentalizou? Para se encontrar as respostas há que se tocar em um tema que constitui a chave de todo o engano. Naquele tempo, os Siddhas Traidores decidiram apoiar sua estratégia mediante a criação de um Mito adequado; (recorde-se que ao falar de Mito, aludimos ao Arquétipo Psicoide cuja evolução se realiza na superestrutura de fatos culturais ou históricos). Dito Mito, que é responsável pela repetição histórica do erro até nossos dias, denomina-se "Duplo Poder" e foi representado com uma pluralidade de símbolos semelhantes: gêmeos, LABRIS ou duplo machado cretense, águia bicéfala, duas espadas, etc. Com este fato se relaciona o parágrafo seguinte, já visto no artigo "A ressignificação de Wotan": "Nesse então, no mundo, se tinha desatado a crise social que acompanhou o afundamento da Atlântida: duas das três castas que compunham a sociedade Atlante, a casta guerreira e a casta sacerdotal, encontravam-se envolvidas em uma guerra sem trégua; a casta sacerdotal era apoiada pelos Siddhas Traidores e a casta guerreira pelos Siddhas Leais. Em meio a esse conflito vieram a cair os objetos que soltara Freya-perdiz antes de reintegrar-se nupcialmente com Wotan: o labris de esmeralda não chegou a tocar a terra pois os sacerdotes o interceptaram no ar, e dando mostras de grande júbilo, o incorporaram à sua própria Estratégia; desde então, contribui, arquetipicamente, a perpetuar a fábula da "superioridade espiritual" que a casta sacerdotal deteria sobre a casta guerreira.

Vale a pena esclarecer que O TEMA do Mito era hiperbóreo, conhecido na Atlântida desde o período luciférico, quando servia de base à organização do modelo, ou via de liberação coletiva, "Império Universal"; a ação dos Siddhas Traidores consistiu em ressignificar um poderoso Arquétipo Psicoide para que operasse desde o

inconsciente coletivo universal na alteração do tema tradicional. A Tradição Hiperbórea afirmava que existem DOIS PODERES que devem se diferenciar em toda organização social: o Poder Espiritual e o Poder Temporal. Tais poderes têm a seguinte oposição: o Poder Espiritual é superior – "estrategicamente superior" – ao Poder Temporal. Bem: com base nesta doutrina, os Siddhas Traidores elaboraram o mito do Duplo Poder.

Eis aqui o engano: o Mito consiste em fomentar a crença de que a casta sacerdotal deve deter o Poder Espiritual e a casta guerreira o Poder temporal, consumando a inversão espiritual de valores. O que diz a Sabedoria Hiperbórea a respeito? Resposta: que, por apresentarem os Espíritos Hiperbóreos NORMAIS uma "hostilidade essencial" para com o mundo material do Demiurgo, o que os torna inevitavelmente uma RAÇA DE ESPÍRITOS GUERREIROS "NO" UNIVERSO, é a CASTA GUERREIRA que efetivamente entra em contato como o Espírito (NOUS) ou Vril; e também, que a CASTA SACERDOTAL só pode influir sobre a alma (PSIQUE), corpo emocional ou duplo astral do homem, quer dizer, sobre entes evolutivos, energéticos, materiais, etc. Isto far-se-á claro mais adiante, quando estudemos o contorno ético do tipo sacerdotal. É, pois, a própria essência das castas, os alcances espirituais de sua função, o que determina que, para casta guerreira é NATURAL o Poder Espiritual e para a casta sacerdotal o Poder Temporal. A inversão de castas, efetuada na Atlântida, responsável em grande medida pelo famoso "afundamento", e a ação evolutiva do Mito Duplo Poder, criaram, desde então, um conflito permanente. E, a cada vez que a casta guerreira tentou, como parte de uma estratégia hiperbórea de liberação coletiva, recuperar seu posto de regente do Poder Espiritual, foi aniquilada e caluniada.... e logo os louvadores da Sinarquia falaram da "Rebelião dos Kshatriyas" e culparam esta casta de linhagem hiperbórea de ser "responsável pelo Kaly Yuga".

**O – Falácia sobre a origem evolutiva do sistema de castas.**

Convém mencionar aqui, e observar com referência ao artigo "A dupla origem da Idade de Ouro" (Primeira Parte), uma teoria tão engenhosa quanto racionalista, que geralmente se maneja para aumentar a confusão ou simplesmente por ignorância. É a que associa "o solar" à casta guerreira e "o lunar" à casta sacerdotal. Esta teoria, aparentemente inocente, tem o fim oculto de explicar o "aparecimento" do sistema de castas por "evolução", procurando, desse modo, negar sua origem hiperbórea. Com efeito, se a casta sacerdotal é "solar" isso permite aos racionalistas esotéricos estabelecerem uma engenhosa relação com a "Idade de Ouro"; e o mesmo, se a casta sacerdotal é "lunar": se a vincula com a "Idade de Prata". Deste modo, dado que segundo as Tradições da Antiguidade, as Idades ocorreram de forma sucessiva, conclui-se que "primeiro teve seu aparecimento a casta solar, régia ou guerreira, e depois a lunar". Assim, ocorre que as castas surgiram no seio das sociedades depois de uma longa evolução: primeiro a casta solar; milhões de anos depois a lunar; outros milhões de anos mais tarde, quando as sociedades neolíticas "evoluíram" da vida nômade e pastoril às comunidades agrícolas, aparecem as cidades e com isso a casta urbana dos homens livres. Finalmente, a instauração da escravidão deu lugar às classes escravas ou servis e sua casta correspondente.

Que todo este raciocínio constitui um disparate o prova o seguinte exemplo: suponha-se que, dentro de cinquenta mil anos, alguns racionalistas esotéricos do futuro - que haverão de existir! – explorem as ruínas dos Estados Unidos da América - que haverá de existir! - e suponha-se também que, desse exame, conclua-se que "àquele sistema de governo, chamado "Democracia", os primitivos americanos chegaram depois de uma longa evolução: primeiro "apareceu" O PODER EXECUTIVO; após milhões de anos, O PODER LEGISLATIVO; e, milhões de anos mais tarde, formou-se O PODER JUDICIÁRIO". Não pense que exageramos pois, assim como em 1789, a

Constituição dos EUA consagrou os três poderes SIMULTANEAMENTE, os quais começaram a funcionar desde então, ocupados por CASTAS RENOVÁVEIS de homens públicos, assim na Atlântida, durante o período luciférico, a escolha da via "Império Universal" de liberação coletiva consagrou SIMULTANEAMENTE o sistema de castas: primeiro a casta régia, nobre e guerreira; segundo, a casta sacerdotal; terceiro, a casta cidadã; quarto, a casta servil ou escrava. Esta é a verdade que a Sinarquia trata de ocultar ou distorcer.

**P – Superioridade do tipo gracioso luciférico-kshatriya sobre os outros tipos.**

Segundo vimos, a casta guerreira, seu tipo, é naturalmente apta para estabelecer o contato noológico com o Espírito, enquanto a casta sacerdotal somente pode conseguir um contato psicológico com a alma, com a parte anímica do virya. Se estudamos o quadro sinótico da figura 103, onde se refere a tipologia Aberro ao antigo sistema de castas, não só se fará evidente esta afirmação senão que contaremos com uma irrepetível oportunidade de compreender com profundidade o tipo psicológico da casta sacerdotal, por comparação com o tipo sacralizante.

Não parece haver dúvida, em virtude de todo o exposto, sobre a indubitável relação que liga o tipo gracioso luciférico com o tipo Kshatriya ou guerreiro indo-ariano: ao primeiro definimos recentemente como "a um passo do virya desperto ou Iniciado Hiperbóreo"; e o segundo é o protótipo do guerreiro Hiperbóreo; em síntese, o virya desperto É um Kshatriya. Por isso, a casta Kshatriya, se sua pureza de sangue é suficiente, deve ser considerada superior à casta sacerdotal, uma vez que tal pureza permite aos seus membros conhecerem uma via de liberação para o Espírito e conquistar o Vril.

Estando clara a equivalência tipo gracioso luciférico – tipo Kshatriya, há que se evidenciar que o "tipo sacerdotal" É SOMENTE UMA FIGURA "RELIGIOSA" DERIVADA DO TIPO SACRALIZANTE: como se verá, a este tipo corresponde também a figura do "militar profissional". Mas, se buscamos uma característica típica para definir o tipo sacerdotal, o mais apropriado é começar a examinar o aspecto ético-psicológico de seus atos, já que o sacerdote, não só afeta uma conduta moral, mas que é o principal produtor de doutrinas morais. Atendendo a tal caráter, é conveniente observar do ponto de vista ético-psicológico os três tipos da tipologia Aberro: é o que se fará no próximo inciso. Contudo, cabe repetir aqui que O "TIPO SACERDOTAL", DA TIPOLOGIA INDO-ARIANA OU OCIDENTAL, É SÓ UM DOS SUBTIPOS QUE PODEM SE DERIVAR DO "TIPO SACRALIZANTE": um JOVEM COMUNISTA, por exemplo, que, com a consciência subjugada pelo Mito da Greve Geral, agita os operários de uma fábrica com a intenção de que também sejam capturados por dito Mito, é um outro "subtipo" clássico derivado do tipo sacralizante, um "subtipo religioso" denominado "agitador subversivo e revolucionário"; a "greve geral", é o símbolo sagrado que impressionou o Eu perdido do agitador, como o balão ao Sr. Aberro no ato II; devido à Lei do Balão, criou-se uma tensão dramática na consciência, que alimenta a aparência de que a "greve geral" é uma "grande verdade", um princípio supremo pelo qual cabe qualquer "SACRIFÍCIO", até "dar a vida"; o agitador, pois, é agitado, por sua vez, por um Mito, um Arquétipo inconsciente, que não se reveste de traços religiosos, senão sociais, mas ante o qual se inclina, como o sacerdote frente ao símbolo sagrado, e a quem sacrifica, como aquele, a sua vontade psicológica; rende-lhe culto e agita os demais para que compartilhem sua certeza; "evangeliza-os", incitando-os a acreditar nos bens que oferecerá o Mito: o "progresso econômico", a "justiça social", a "liberação política", o "fim da exploração trabalhista", etc.; mas todos estes "bens" são só imagens do inflamento do balão, a ilusão que cria o Mito para poder continuar desenvolvendo-se, pois a "greve geral" não traz nada semelhante e, pelo contrário, se se a deixa "crescer"

demasiadamente, como o balão do Sr. Aberro, acaba asfixiando todo movimento, toda liberdade, tornando a sociedade essa estrutura rígida chamada soviética. Neste exemplo, é claro, referimo-nos ao Mito Greve Geral, que é metafísico, e não a tal ou qual greve concreta, que pode ser justa ou injusta, do mesmo modo que, quando falamos da "vingança de Saturno", não pensamos no planeta dos anéis, senão em um personagem Mitológico.

## CONCLUSÕES ÉTICAS DA TIPOLOGIA ABERRO

### A – Filosofia e Ética Psicológica.

Na Filosofia clássica, a Ética é o ramo que estuda o comportamento moral, o qual se constitui em um de seus grandes problemas. Em síntese, e simplificando muitíssimo, se poderia afirmar que a Filosofia se ocupa de três grandes problemas irredutíveis: o problema ONTOLÓGICO, o problema GNOSIOLÓGICO, e o problema MORAL. Estes problemas referem-se a um ato concreto: o homem frente ao fato cultural, ou frente a alguma coisa incluída no fato cultural. Nesse contexto, o problema ontológico é a interrogação PELO SER do fato cultural ou da coisa que o compõe, quer dizer: o que é a coisa? Segundo a Sabedoria Hiperbórea, a resposta a este problema é de caráter "metafísico". O problema gnosiológico, em troca, interroga sobre O MODO como o homem CONHECE o que é a coisa; como sabemos que é a coisa? A resposta denomina-se, geralmente, "teoria do conhecimento". O problema moral, por último, questiona a atitude do homem frente à coisa, quer dizer, o que se deve fazer com a coisa? Tal como foi apresentado o problema, o homem referido ao fato cultural, a resposta só é oferecida pela ÉTICA PSICOLÓGICA DO PASU, doutrina que também compartilham os tipos lúdicos e sacralizantes do virya perdido.

É óbvio que os três problemas estão relacionados entre si e é por isso que nos artigos seguintes, ao declarar uma qualificação ética para os tipos Aberro, se INTITULARÁ da mesma forma seu comportamento gnosiológico. Isso ajudará a compreender melhor EM GERAL os tipos Aberro, pois, não devemos esquecer, aqui se estão descrevendo TIPOS PSICOLÓGICOS PUROS, quer dizer, modelos teóricos que raras vezes se ajustarão com exatidão nos casos concretos dos viryas perdidos.

### B – Qualificação ético-psicológica dos tipos Aberro.

As conclusões da Ética Psicológica se baseiam na avaliação moral do fato cultural exterior. Para a Ética noológica, este "fato moral" exterior só se reveste de valor se se produz no kairos da honra do virya, quer dizer, se o comportamento "moral" do virya expressa sua vontade graciosa luciférica; em qualquer outro caso, o fato moral é considerado como um ATO ÉTICO "GERAL": e um ato "geral" é aquele onde "se detém a certeza racional do virya", quem só confia nos atos específicos. Mas a tipologia Aberro é definida no curso do ATO ÉTICO FUNDAMENTAL, "o Eu frente ao símbolo sagrado": É EVIDENTE QUE TODA QUALIFICAÇÃO ÉTICO-PSICOLÓGICA DOS TIPOS ABERRO REQUER A EQUIPARAÇÃO DO ATO ÉTICO GERAL, "O HOMEM FRENTE AO FATO MORAL", COM O ATO ÉTICO FUNDAMENTAL, "O EU FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO". Entretanto, isso não é impossível se recordamos que todo fato cultural é conhecido mediante uma redução racional e a emergência, na esfera de luz, de uma representação consciente, equivalente: para equiparar ambos os atos, só há

que se observar A REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE DO FATO MORAL FRENTE AO EU e estabelecer as diferenças que tem com um símbolo sagrado.

A principal diferença reside no caráter "profano", ou melhor, prosaico, do SÍMBOLO que representa o fato moral, em oposição ao caráter especial e respeitável do SÍMBOLO SAGADO. Contudo, o símbolo do fato moral, analogamente ao símbolo sagrado, tentará desenvolver-se em um processo evolutivo por impulso dos Arquétipos universais: o que distingue ambos os símbolos, no momento de sua manifestação frente ao Eu, é a "potência ativa"; o símbolo sagrado dispõe sempre de potência suficiente para enfrentar um Eu perplexo e tentar anestesiá-lo e fagocitá-lo; o símbolo do fato moral raras vezes chega a tanto, salvo nos casos em que o Arquétipo psicoide ou o Mito que sustenta o fato cultural é descoberto e introjetado sob uma FORMA MORAL: então o símbolo do fato moral em nada difere de um símbolo sagrado pois, como este, representa um Arquétipo universal.

Mas há que se destacar, aqui, outra sutil diferença: ainda que tanto um símbolo sagrado como o símbolo de um fato moral representam o mesmo tempo Arquétipo "universal", NÃO SERÃO JAMAIS IDÊNTICOS, uma vez que o símbolo do fato moral há de se revestir sempre de uma forma "particular"; a potência ativa de ambos os símbolos será igualmente efetiva para dominar o sujeito consciente, mas diferirão na "forma". Mais claramente: o símbolo sagrado participa diretamente do Arquétipo que representa e é, portanto, UNIVERSAL; sua forma é idêntica à do Arquétipo universal, porque foi desenganchada da série de matrizes arquetípicas do desígnio, esquematizadas na Relação: o símbolo sagrado procede sempre dos conceitos-fatia percebidos em planos de significação oblíquos e emerge SEM MODIFICAÇÃO FORMAL para a esfera de luz; o símbolo do fato moral, pelo contrário, responde a apreensão do fato cultural e representa um COMPLEXO de elementos arquetípicos concomitantes, subestruturados, com os quais se forma racionalmente a IDEIA PARTICULAR do fato moral; vale dizer que em sua formação intervêm conceitos do valor particular, premissas culturais preeminentes, asserções simbólicas, etc. Deve-se distinguir, então, entre o caráter ESSENCIALMENTE UNIVERSAL do símbolo sagrado e a propriedade de ser FORMALMENTE PARTICULAR que caracteriza o símbolo do fato moral.

Tomando em consideração as diferenças apontadas, vemos que é factível equiparar o ATO ÉTICO FUNDAMENTAL, "o Eu frente ao símbolo sagrado", com o ATO ÉTICO GERAL, "o Eu frente ao símbolo do fato moral". Admitindo a validade dessa equivalência, nosso propósito seguinte consistirá em elucidar de que depende "o moral", observando diretamente a relação entre o eu e o símbolo do fato moral. As conclusões de tal elucidação nos permitirão antecipar imediatamente qual será a atitude ÉTICO-PSICOLÓGICA de cada um dos tipos Aberro ante a pergunta: o que devo fazer NESTE caso?

Em primeiro lugar, recordemos que a relação entre o Eu e o símbolo vem determinada pela Lei do Balão: "à menor vontade maior estabilidade do processo". Mas o símbolo, que representa Arquétipos inconscientes, é um FENÔMENO, um ser que sustenta a si mesmo na manifestação; como tal, possui uma COMPLEIÇÃO que lhe permite atuar dinamicamente sobre o Eu. Portanto, a relação que descreve a Lei do Balão não é uma mera ponte estendida entre o Eu e o símbolo, uma estrutura estática, senão uma TENSÃO DRAMÁTICA procedente de um símbolo particular, que expressa o complexo arquetípico correspondente ao fato cultural representado. Dita "tensão" é, então, também complexa, composta de uma pluralidade de forças concorrentes no ato, ou, se se quer sintetizar em uma palavra: HETERÓDINA.

Em que implica considerar que a tensão dramática é heteródina? Resposta: a princípio, algo evidente: que a tensão dramática afeta não uma, senão muitas e diferentes regiões da esfera de luz, na qual está submerso o Eu perdido. E em segundo termo, algo consequente: que O EU É CAPAZ DE PERCEBER A TENSÃO DRAMÁTICA DE MUITAS E DIFERENTES PERSPECTIVAS. Já tínhamos adiantado esta conclusão, quando demonstramos que a relação sobre o Eu e o símbolo sagrado, determinada pela Lei do Balão, podia ser percebida SUBJETIVAMENTE pelo tipo sacralizante, como "ilusão de tamanho", ou ENERGETICAMENTE pelo tipo gracioso luciférico, como "tensão dramática": justamente, esta diferente compreensão é o que diferencia os três tipos da tipologia Aberro. A ESSES TRÊS TIPOS, JÁ DETERMINADOS POR SUA ATITUDE FRENTE AO SÍMBOLO SAGRADO, ENFRENTAREMOS AGORA O SÍMBOLO COMPLEXO DO FATO MORAL PARA ELUCIDAR "DE QUE DEPENDE O MORAL".

A "relação" entre o Eu perdido e um símbolo complexo, a "tensão relativa", é também complexa, heteródina, suscetível de diversas interpretações, segundo vimos. Por todos os aspectos que o símbolo apresenta, se estabelecerão diversas formas de sua relação com o Eu; de todos os significados possíveis aos quais poderia reduzir-se a tensão relativa da relação, HÁ UM QUE É MORAL e que necessitamos descobrir; queremos saber, em primeiro lugar, em que termos foi traduzida a relação para que possamos reconhecer, sem nenhuma dúvida, que assumiu um caráter moral. Apresentado assim o problema, sem demasiadas pretensões, há que se considerar satisfatória a seguinte resposta geral: QUANDO AO INTERPRETAR A RELAÇÃO ENTRE O EU E UM SÍMBOLO COMPLEXO SURGE PATENTE UM "PRINCÍPIO DE BENEVOLÊNCIA" OU UM "PRINCÍPIO DE JUSTIÇA", ENTÃO O FATO CULTURAL, QUE O SÍMBOLO REPRESENTA, É AVALIADO COMO FATO MORAL.

A redução a que pode se sintetizar eticamente a relação entre o Eu e o símbolo resumimos nos dois princípios "de benevolência" e "de justiça", por motivos de clareza e brevidade no desenvolvimento do tema, e por considerar também que toda outra virtude ou princípio moral podem se derivar deles; por exemplo, do primeiro procedem alguns princípios menos básicos de obrigação: o princípio de utilidade, o princípio de não prejudicar, o princípio de não restringir a liberdade de ninguém, etc. E do segundo se derivam outros, por exemplo, a igualdade de tratamento e a igualdade perante a lei, etc. Outros, como a caridade, valor, temperança, honradez, gratidão, consideração, etc., podem, sem dúvida, derivarem-se dos dois princípios mencionados. Por tudo isto é que, a tais princípios de benevolência e justiça, vamos denominar: PRINCÍPIOS CARDEAIS DA ÉTICA PSICOLÓGICA.

Cabe esclarecer que a atitude ética é a posteriori da perplexidade inicial, quer dizer, da formação dos tipos psicológicos. Perguntar-nos-emos, então, continua atuando a Lei do Balão, ainda quando a relação já foi mencionada em termos éticos? Sim. Certo que quando o que se fez patente é o primeiro princípio a lei adota a forma: "à menor vontade maior quantidade de BEM implicado no processo". E se se tem a certeza de que a relação expressa o segundo princípio, a lei nos diz: "à menor vontade maior (mais efetiva) JUSTIÇA implicada no processo". A Lei do Balão está nos indicando, assim, que o inflamento do símbolo é traduzido pelo Eu sob o aspecto de uma sutil ilusão, não figurativa desta vez, senão conceitual: "o bem" ou "a justiça".

Não deixaremos passar aqui uma linha a mais sem avisar que A ATITUDE ÉTICA, TAL QUAL SE DEFINIU AQUI, SÓ É PRATICADA PELOS TIPOS "LÚDICO" E "SACRALIZANTE". Mas não significa este esclarecimento que o tipo gracioso luciférico seja completamente amoral ou imoral; pelo contrário, este tipo professa a única verdadeira moral: A QUE EMANA DE UM BEM ABSOLUTO E DE UMA JUSTIÇA

ABSOLUTA, BEM E JUSTIÇA CONHECIDOS DURANTE O ÊXTASE DA RUNA INCRIADA, A ÚNICA VERDADE DO VIRYA. A conduta moral do tipo gracioso luciférico é regida pelo princípio cardeal da Ética noológica e, por isso, exclui com GRAÇA a relatividade moral produzida pelas ilusões dos símbolos imanentes à matéria e à energia. Em um próximo artigo se definirá com precisão a qualificação ética do tipo gracioso luciférico.

**C – Ética Psicológica do tipo lúdico e do tipo sacralizante.**

Deixando entre parênteses, por um momento, o tipo gracioso luciférico, podemos distinguir na moralidade dos outros dois tipos duas atitudes manifestadamente diferentes: por um lado, estão os que creem que "o moral" é um valor intrínseco do próprio ATO, que dá lugar à pergunta: o que devo fazer? Crença que exige uma nova interrogação ante CADA FATO que possa ser qualificado de "moral"; a necessidade de estabelecer diretrizes de comportamento social levou este grupo, sem renunciar ao enfoque moral sobre cada fato concreto, a adotar, às vezes, uma atitude mitigada e a aceitar alguma forma de NORMA universal que reja a conduta moral; mas, nos dois casos, o rigoroso e o atenuado, afirma-se que "o bem" e "o justo" dependem de cada ato moral em particular, sendo possível que um mesmo fato, ocorrido sob circunstâncias diferentes, possua um valor diferente de bem ou de justiça; aqueles que compartilham deste critério são chamados em Ética Psicológica de DEONTOLOGISTAS; "deontologistas do ato" ou "ativistas" os rigorosos e "deontologistas normativos" os mitigados.

De outra parte, há aqueles que acreditam que o valor moral de um ato procede do fim a que dito ato vise: não se deve assim qualificar a cada fato segundo sua circunstância, senão atender a si. DE SUA FINALIDADE depende que se obtenha UM MAIOR EXCEDENTE DE BEM SOBRE O MAL OU UMA MAIOR JUSTIÇA; em outras palavras: um ato é "bom" ou "justo", e deve realizar-se, se, e apenas se, SUA FINALIDADE, acima de qualquer outra alternativa, PROMETE UM MAIOR EXEDENTE DE BEM SOBRE MAL OU UMA MAIS EFETIVA JUSTIÇA SOBRE A INJUSTIÇA; esta crença denomina-se em Ética Psicológica: TELEOLOGÍA e admite, como no caso dos deontologistas, várias posições, algumas rigorosas e outras mitigadas; é clássico, por exemplo, distinguir se a finalidade pretendida visa produzir um maior bem pessoal ou social e universal: se o fim perseguido redunda exclusivamente em um bem pessoal, os teleologistas são chamados de EGOÍSTAS ÉTICOS; caso contrário, se o bem a alcançar no ato moral tem um declarado fim social, coletivo, comunitário, etc., os teleologistas são conhecidos como UNIVERSALISTAS ÉTICOS ou, mais comumente, UTILITARISTAS.

Com referência à tipologia Aberro, entende-se que, devido à tendência a ENQUADRAR OS FATOS, característica da atitude lúdica, os membros do "tipo lúdico" atendam ao dever moral concreto, intrínseco a cada ato particular, e podem ser qualificados, em sua maioria, como "deontologistas éticos". Os "jogadores sacrílegos', mais temerosos de assumir compromissos permanentes, e também mais personalistas, costumam ser "deontologistas rigorosos do ato"; os "jogadores vulgares", quer dizer, aqueles que aplicam a atitude lúdica em toda sorte de atividades concretas em sua vida diária, no mais das vezes simulando tão habilmente "a seriedade" de seus atos, que acabam por esquecer que na realidade não acreditam no que fazem, escolhem ser "deontologistas da norma". Claro que, como a sociedade é constituída por uma esmagadora maioria de "jogadores vulgares", são eles que acabaram por impor a "moral corrente". Tal ética é estritamente cultural, baseada em regras concretas

de moralidade que permitem que decidir, ante determinado fato particular: “é bom”, “é justo”, etc., e se inseriu profundamente na estrutura orgânica da sociedade, por exemplo, na justiça, a qual foi codificada em leis que geralmente partem de normas deontológicas. Entretanto, segundo veremos, a atividade dos teleologistas teve também grande influência sobre as normas legais de base ética. O “tipo sacralizante”, pela dependência que adota frente a símbolos poderosos, aos quais sacraliza e reduz a “princípios cardeais”, é naturalmente teleologista. A finalidade de suas regras morais procede diretamente da finalidade para a qual se desenvolve o processo dos arquétipos representados pelos símbolos. Quer dizer que o “maior excedente de bem sobre mal” é a interpretação moral da perfeição final ou enteléquia, à qual tende o desdobramento evolutivo dos arquétipos. Mas tal enteléquia ou finalidade está só em potência por trás do símbolo e, para interpretá-la, regrá-la, normatizá-la e postulá-la, É PRECISO CAPTÁ-LA PREVIAMENTE, possibilidade que já vimos que está vedada ao tipo lúdico, por sua atitude temerosa e não comprometida. Para o tipo lúdico fica muito difícil suportar a presença dos símbolos mais poderosos e captar sua secreta finalidade, por isso só considera dos fatos seu aspecto mais aparente e exterior: PRIMA FACIE. O tipo sacralizante, por sua parte, se a sujeição ao símbolo é muito intensa, pode cair em posturas utópicas, ao afirmar tenazmente a primazia das enteléquias morais sobre qualquer norma concreta dos deontologistas.

Com “símbolo poderoso” queremos significar um símbolo complexo, por exemplo, um que represente um fato moral, cuja compleição lhe permita atuar com eficácia sobre o Eu, de acordo à Lei do Balão. Em tal situação, o tipo lúdico observará PRIMA FACIE o símbolo e o enquadrará ANTES de que a tensão cresça segundo à lei, quer dizer, antes de que “a interpretação moral da tensão” o leve a conclusões insuspeitas. É que tal “interpretação moral” da tensão dramática, enquanto CRESCE, é percebida como DEVER OU OBRIGAÇÃO TAMBÉM CRESCENTE; algo que o tipo lúdico teme e evita. Por isso, os “jogadores vulgares” do tipo lúdico, uma imensa maioria social, costumam manter um contato muito efêmero com aquele símbolo complexo que atua sobre sua fibra moral, não passando, em muitos casos, de um simples olhar indiferente, e, por isso também os membros do tipo lúdico podem ir desde a AMORALIDADE, que é um grau inferior do comportamento ético, por parte de alguns jogadores vulgares, até a MORALIDADE CULTURAL NORMATIVA, produto de uma obrigação PRIMA FACIE por parte dos jogadores sacrílegos e alguns outros, que é o grau mais alto de responsabilidade moral de que é capaz de chegar o tipo. Kant, um típico DEONTOLOGISTA ATIVISTA, tratou de conciliar as diferentes posições do tipo lúdico, apelando a um truque que permite, frente ao símbolo, não avançar demasiadamente na indagação de sua finalidade real – com o perigo de cair na teleologia -, nem propiciar a aceitação subjetivista de que o próprio ponto de vista sobre o que é bom ou justo seja o correto, - com o que se poderia cair no egoísmo ou solipsismo ético; sua solução foi: “age sempre de acordo com aquela máxima a qual possa, no próprio tempo, querer que seja uma lei universal”. Fica assim ultrapassada a apreciação PRIMA FACIE que o tipo lúdico possa obter do símbolo enquadrado: basta que o bem buscado NOS PAREÇA que é um bem comum.

O tipo sacralizante, por seu lado, VÊ CRESCER a tensão em forma de obrigação moral e se impõe, às vezes fanaticamente, UM DEVER (FAZER) que tratará, após a contemplação sacralizante, de fazer valer; não dissemos QUE CUMPRIRÁ, senão “que tratará de fazer valer”, e cumprir, os demais. Desse modo, os do tipo sacralizante impõem também, em muitos casos com extrema violência, seu ponto de vista teleológico ao tipo lúdico inferior: desde as utopias políticas e jurídicas até as regras religiosas e teológicas de crenças triunfantes acabam se impondo como norma

de conduta social, a despeito dos de tipo lúdico e ainda de lutas e conflitos entre as distintas facções em que se divide o tipo sacralizante. A pretensão mais corrente do tipo sacralizante é a exigência de que "toda a sociedade" deve ajustar sua conduta ética EM CONFORMIDADE COM UM MODELO MORAL TELEOLÓGICO, quer dizer, um que promete a melhor finalidade quanto ao bem e justiça. Mas não se trata, então, de uma mera regulamentação, de que o homem deva decidir sua conduta frente à pergunta "o que devo fazer?", valendo-se SÓ de normas morais; a pretensão vai além, ao exigir que CADA indivíduo adote seu caráter particular em conformidade com o modelo proposto. Os teleologistas são, neste sentido, intransigentes e tentam, assim, forçar a imitação de seus modelos paradigmáticos, por exemplo, os marxistas a Marx, Lenin, Fidel Castro, Che Guevara, etc.; os budistas a Buda; os muçulmanos a Maomé; os judaico-cristãos a Jesus Cristo; etc. E até os diretores capitalistas de grandes corporações, através de suas fundações, o controle político, publicitário, a imprensa, etc., tratam de medir ou condicionar o cidadão comum para que se mantenha dentro dos limites do "modelo liberal": pratique "o consumo", "a democracia", "a competição de mercado", etc. Em resumo: a pretensão teleológica "UTILITARISTA NORMATIVA" visa INFLUIR SOBRE OS TRAÇOS E DISPOSIÇÕES DO CARATER INDIVIDUAL, ADAPTANDO CADA UM SEGUNDO O MODELO EXEMPLIFICADO, PARA CONSEGUIR, POR FINAL, UM "BEM COMUM", UMA "JUSTIÇA MAIS PERFEITA", ETC. E esta pretensão de modelar o homem se compreende geralmente nas doutrinas teleológicas, pois tudo quanto conseguem legislar, e inserir na estrutura organizada da sociedade, visa tal finalidade: as regras morais, que logo se transformam em normas obrigatórias procedem "da cultura", uma cultura domesticada pela Sinarquia com o barro das doutrinas teleológicas.

**D – Ética noológica do tipo gracioso luciférico.**

Vamos convir, logo, em nos referir ao caso mais perfeito do tipo gracioso luciférico, isto é, ao Iniciado Hiperbóreo ou Cavalheiro Tirodal: nesse caso exemplar há que se pensar, cada vez que se aluda, neste artigo, ao tipo gracioso luciférico.

Considerando, pois, esse caso, do Iniciado Hiperbóreo, é evidente que a Ética Psicológica não conseguirá jamais definir nem explicar seu comportamento frente ao "fato moral", quer dizer, frente ao fato cultural que apresenta caráter "moral" para o tipo lúdico e o tipo sacralizante. Por quê? Resposta: porque nenhum "fato cultural" semelhante apresentará caráter moral para o tipo gracioso luciférico. E mais: nenhum fato cultural absolutamente será avaliado como fato moral; para o tipo gracioso luciférico nem o ato nem a finalidade do ato têm significado moral algum. Para compreender esta resposta devemos observar o ato ético fundamental e recordar que é a relação entre o Eu e o símbolo a que determina o caráter moral do fato cultural representado, ao ser interpretada como "princípio de justiça ou benevolência": os tipos lúdico e sacralizante, ao perceberem os princípios cardeais da Ética Psicológica, na realidade, COLOCAM SENTIDO moral no fato cultural, quer dizer, o afirmam como valor particular, dotam o contexto axiológico de "valor moral", que é um valor cultural particular; pois bem, nada disto ocorre quando é o tipo gracioso luciférico quem interpreta a relação entre o Eu e o símbolo: a atitude graciosa luciférica lhe permite suspender a tensão dramática e quebrar a Lei do Balão; dissemos em outro artigo que, então, o virya percebe "uma situação cômica, engraçada, mas notoriamente falsa. Ante o olhar luciférico, a circunstância dramática perde sua atmosfera trágica ou angustiante e se revela, em troca, artificial e fictícia"; então, se o deseja, pode inverter o sentido do símbolo e apreender sua essência arquetípica sem ser afetado por ela, devido a que

nesse momento o processo arquetípico está “detido” uma vez que que a tensão está “suspensa”; mas, o que acontece se o virya não deseja conhecer a essência do símbolo? Resposta: que, AO ESTAR A TENSÃO “SUSPENSA” PELA AÇÃO DA VONTADE GRACIOSA, A “RELAÇÃO” ENTRE O EU E O SÍMBOLO FOI DISSOLVIDA. MAS ESTA “RELAÇÃO”, ESTA “TENSÃO RELATIVA”, NÃO É NEM MAIS NEM MENOS DO QUE A REPRESENTAÇÃO DE UMA “CONEXÃO DE SENTIDO” EXTERIOR; O VÍNCULO OUTORGA VALOR PARTICULAR A UM OBJETO CULTURAL, NESTE CASO, A UM OBJETO MORAL: SUA DISSOLUÇÃO IMPLICA EM SUA NÃO AFIRMAÇÃO EXTERIOR. EM SÍNTESE, O TIPO GRACIOSO LUCIFÉRICO JAMAIS COLOCARÁ VOLUNTARIAMENTE SENTIDO NOS ENTES, COMO O ESTIPULA O OBJETO MACROCÓSMICO DA FINALIDADE DO PASU, E MUITO MENOS SENTIDO MORAL: JAMAIS INTERPRETARÁ A TENSÃO DRAMÁTICA COMO PRINCÍPIO ÉTICO E, EM CONSEQUÊNCIA, QUALQUER QUE SEJA O FATO CULTURAL REPRESENTADO, JAMAIS EXPRESSARIA UM VALOR MORAL QUE POSSA SER AFIRMADO NO CONTEXTO AXIOLÓGICO.

É claro, à luz dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea vistos até aqui, que o Iniciado Hiperbóreo, com seu Eu isolado na Arquêmona Odal, evitará no possível “colocar sentido nos entes” e cumprir, assim, o objetivo microcósmico da finalidade do pasu. O Iniciado Hiperbóreo é indiferente às superestruturas dos fatos culturais e, por isso, estes não podem capturá-lo: se o Arquétipo astral de um fato cultural, por acaso conseguisse estabelecer uma “conexão de sentido” com o Iniciado Hiperbóreo, a mesma não poderia resistir nem um instante à atitude graciosa luciférica. O Iniciado Hiperbóreo, se o deseja, pode deslocar-se pelo mundo sendo “culturalmente invisível”, por causa da falta de relações mútuas com as superestruturas. É evidente, então, que o Iniciado Hiperbóreo, que eliminou as conexões de sentido entre seu microcosmo e as superestruturas, JAMAIS AGREGARÁ “VALOR MORAL” AO CONTEXTO AXIOLÓGICO, pois este é expressão da interpretação ético-psicológica das conexões de sentido, correspondentes a tensões relativas entre o Eu e o símbolo do fato cultural, conexões que, neste caso, são inexistentes. Desde já, não será necessário insistir nisso, QUE A ELIMINAÇÃO DAS CONEXÕES DE SENTIDO, E SUA INVISIBILIDADE CUTURAL, O INICIADO HIPERBÓREO CONSEGUE APRESENTANDO PERMANENTEMENTE ESSA ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA QUE SUSPENDE TODA TENSÃO DRAMÁTICA ENTRE O EU ISOLADO E OS SÍMBOLOS REPRESENTADOS DO FATO CULTURAL, EVITANDO ASSIM QUE A EXPRESSÃO EXTERIOR CORRESPONDA A ALGUMA INTERPRETAÇÃO MORAL OU CULTURAL DE QUALQUER TIPO.

Mas, se o Iniciado Hiperbóreo não afirma nenhum valor ético psicológico, o que expressa sua expressão? Resposta: O VALOR ÉTICO-NOOLÓGICO, VALE DIZER, A “HONRA”, A ÚNICA MORAL DO VIRYA DESPERTO. Quando o Iniciado Hiperbóreo expressa a honra, sua expressão corresponde à vontade graciosa manifestada pelo Eu na atitude graciosa luciférica. E, como esta atitude é PERMANENTE, vê-se claramente que A HONRA DO INICIADO HIPERBÓREO, que a reflete, É TAMBEM PERMANENTE. IGUALMENTE, COMO NÃO EXISTEM CONEXÕES DE SENTIDO, ENTENDE-SE QUE A HONRA DO INICIADO HIPERBÓREO É INDEPENDENTE DE TODO “ATO” OU FATO CULTURAL. Com outros termos, a honra do Iniciado Hiperbóreo é um valor absoluto, independente de toda determinação cultural.

Se o Iniciado hiperbóreo não apresenta uma atitude graciosa luciférica “permanente”, a honra, sempre absoluta, será expressa nos momentos em que aquela seja assumida: tais momentos são os “Kairos da Honra”.

Seja qual for o caso, atitude graciosa luciférica permanente ou em um kairos, o certo é que a honra é independente do contexto e só tem valor para o Iniciado Hiperbóreo, que é quem a produz: A HONRA É DE SI E PARA SI. EM TODO CASO, A HONRA É UM VALOR QUE VALORIZA A SI MESMA.

O valor moral da Ética Psicológica depende das relações entre o Eu e os símbolos, e dos símbolos entre si: por esse caráter relativo o valor moral é eminente lógico e admite as conhecidas reduções a formas normativas e legais. Contrariamente ao valor moral psicológico, O VALOR MORAL NOOLÓGICO, A HONRA DO INICIADO HIPERBÓREO, NÃO DEPENDE DE NENHUMA RELAÇÃO E NÃO ADMITE FORMA LÓGICA ALGUMA: EM TODO CASO A HONRA, QUE É UM VALOR QUE VALORIZA A SI MESMA, CONSTITUI SUA PRÓPRIA LEI.

A HONRA DO INICIADO HIPERBÓREO EXPRESSA-SE COM INDEPENDÊNCIA DE TODO CONTEXTO E, PORTANTO, CARECE DE SIGNIFICADO CONTEXTUAL; NÃO É NEM LÓGICA NEM PSICOLÓGICA, NEM RACIONAL NEM IRRACIONAL: É, ISSO SIM, O ÚLTIMO REFLEXO DO INCRIADO, O ATO DA VONTADE GRACIOSA E CARISMÁTICA; SE SOB ALGUMA FORMA SE MANIFESTA, ESTA NÃO É ARQUETÍPICA, SENÃO RÚNICA, E SE DENOMINA "MÍSTICA HIPERBÓREA".

A HONRA DO VIRYA É A MAIS EXTERIOR MANIFESTAÇÃO DO CARÁTER DO ESPÍRITO HIPERBÓREO: POR ISSO, PARA OS INICIADOS HIPERBÓREOS, A HONRA É A MAIOR "VIRTUDE" QUE PODE EXIBIR UM VIRYA, POIS SUA PRESENÇA É PROVA INEQUÍVOCA DA PRESENÇA DO ESPÍRITO. A HONRA, QUE É PROPRIEDADE EXCLUSIVA DO ESPÍRITO HIPERBÓREO, REVELA O CARÁTER ORIGINAL DA RAÇA ETERNA E INFINITA.

Em síntese, o Iniciado Hiperbóreo, que é um tipo gracioso luciférico, qualquer que seja o fato cultural no qual participe ou o ato que execute, ATUA SEMPRE COM HONRA: sua "MORAL" não depende de nenhuma lei ou norma ético-psicológica, senão sua vontade de atuar, pois a honra é o ato de sua vontade, sua própria lei.

**E – Ética Psicológica e gnosiologia.**

Existe, segundo vimos no começo, uma estreita relação entre o problema ético e o problema gnosiológico, entre a pergunta "o que devo fazer?" e a pergunta "o que posso saber?". Com efeito, quando os membros do "tipo lúdico" são deontologistas do ato, quer dizer, que sustentam uma posição rigorosa, costumam manter pontos de vista gnosiológicos consequentes; são EMPÍRICOS ACÉRRIMOS, MATERIALISTAS, POSITIVISTAS, etc., presumivelmente devido à sequência "o que posso saber?". Resposta: "o que está enquadrado e simbolizado". Os deontologistas normativos, "moderados", quase sempre jogadores sacrílegos, são por sua parte: CIENTISTAS, TECNÓLOGOS, REALISTAS CRÍTICOS, EPISTEMOLOGISTAS, LOGÍSTICOS, etc. Até um "idealista", mas deontologista como Kant, já vimos que faz depender o valor moral do ato concreto.

Os teleologistas do "tipo sacralizante", ao afirmar o valor da finalidade do ato acima de qualquer outro princípio, são necessariamente CAUSALISTAS, do ponto de vista gnosiológico; se são, simultaneamente, MATERIALISTAS, podem ser, então: DETERMINISTAS, DIALÉTICOS, EVOLUCIONISTAS, TRANSFORMISTAS, etc. Se sustentam, em troca, alguma teoria ESCATOLÓGICA, serão RELIGIOSOS, DEVOTOS, CRENTES, ESOTÉRICOS, etc. E, fundamentalmente: SACERDOTES.

Regressando ao problema gnosiológico, basta refletir sobre o que foi dito para dar-se conta de que toda a discussão, e os TÍTULOS que assimilamos às posições

éticas, provêm da escolha entre as seguintes alternativas: I) NÃO HÁ NENHUMA ORDEM NO UNIVERSO; II) EXISTE UMA ORDEM, III) PROGRESSIVAMENTE SE ESTÁ ELABORANDO UMA. Naturalmente que, a partir de qualquer destas premissas, a resposta à pergunta "o que posso saber?" variará fundamentalmente: segundo I), a resposta pode ser: "saberemos com certeza até onde o acidental e o contingente o permitam"; resposta típica da deontologia. Segundo II): "podemos conhecer tudo, com absoluta certeza, à medida que cheguemos às causas finais"; resposta clássica da teleologia. Segundo III) "podemos saber até um nível tal que coincida com o mais alto nível de evolução do universo; ambos, o sujeito cognitivo e o objeto por conhecer, devem "encontrar-se" em um ponto de perfeição relativa, onde se alcançará, então, a máxima certeza possível" resposta característica dos evolucionistas de qualquer tipo.

**F- Militares e Kshatriyas.**

Há que se agregar aqui que os MILITARES DO KALY YUGA, QUE NÃO OBEDECEM A LÍDERES CARISMÁTICOS E QUE ESTÃO ORGANIZADOS EM "FORÇAS ARMADAS" SEM MÍSTICA, NÃO PERTENCEM À "CASTA GUERREIRA", NÃO SÃO KSHATRIYAS, SENÃO UM SUBTIPO ESPECIAL DO "TIPO SACRALIZANTE". A diferença entre o "subtipo militar" e o "subtipo sacerdote" está em que, frente ao símbolo sagrado, O SACERDOTE AFIRMA A ESSÊNCIA (ENTELEQUIAL) ACIMA DA FORMA E O MILITAR AFIRMA A FORMA ACIMA DA ESSÊNCIA. Comprova-se, efetivamente, que por trás "da forma" dos símbolos sagrados, CÍRCULO, CRUZ, CORAÇÃO, SERPENTE, etc., o sacerdote sempre vê um Mistério ou, no pior dos casos, um significado transcendente ou metafísico. O militar, em troca, atribui um valor superlativo ao formal, SÍMBOLOS PÁTRIOS, ESTANDARTES, UNIFORMES, SINAIS DE RECONHECIMENTO, MAPAS, CÓDIGOS, etc., mas sem atravessar jamais o véu da aparência, sem transcender às essências que sustentam essas formas que o atraem e hipnotizam; enfim, sem compreendê-las absolutamente. Mas, seja qual for O GRAU de intensidade que o símbolo exerça sobre o Eu do subtipo militar, de acordo com a Lei do Balão, este acabará submetido ao feitiço formal de seu inflamento, com a vontade anestesiada e a alma fagocitada "pela pátria", "a bandeira", etc., quer dizer, ajoelhado e idolatrando o "grande" e "maravilhoso" balão, tal como se comportava na alegoria o Sr. Aberro.

## TIPOS E PROFISSÕES

**A – Tipos Aberro e profissões particulares.**

Em artigos anteriores, afirmou-se que o "Sacerdote", expoente do tipo bramânico do sistema de castas indo-ariano, deriva-se como "subtipo" do tipo sacralizante da tipologia Aberro. Certamente, dentro do tipo sacralizante, fizemos a distinção de vários subtipos, ainda que só nomeando-os de passagem: sacerdote, militar, revolucionário social, etc. Neste inciso, não só vamos confirmar tal distinção, senão que demonstraremos a existência de outros subtipos, todos os quais respondem, em seu perfil psicológico, àquele tipo que vimos no ato II da alegoria do Sr. Aberro. Contudo, cabe esclarecer aqui que a classificação em SUBTIPOS da tipologia Aberro não está baseada apenas no comportamento interior, pois atende também à FUNÇÃO SOCIAL que cada tipo, o lúdico ou o sacralizante, cumprem no mundo.

Exporemos sinteticamente o critério da Sabedoria Hiperbórea para classificar as sociedades, de acordo com o papel profissional de seus membros. Segundo este

critério, em toda consideração sociológica, há de se distinguir, entre aquelas profissões que consomem daqueles que as praticam SÓ UMA PARTE DE SEU TEMPO VITAL e aquelas outras que requerem UMA ENTREGA TOTAL E CONSOMEM TODO O TEMPO VITAL DISPONÍVEL. As primeiras são chamadas PROFISSÕES PARTICULARES e se caracterizam porque EXISTE DELAS UMA DESCRIÇÃO COMPLETA, NO DOMÍNIO CULTURAL SOCIAL, DE TAL MODO QUE PODEM SER "APRENDIDAS". Quem aprende um ofício ou profissão particular está capacitado para cumprir, DURANTE CERTO TEMPO, um papel social comunitariamente reconhecido: FORA DESSE TEMPO SOCIAL, durante o qual o "profissional" SE IDENTIFICA COM SUA PROFISSÃO, é possível viver "a vida", "SUA VIDA". Evidentemente, o PAPEL PROFISSIONAL é um papel de ator no drama da vida e, na aceitação coletiva de que tal atuação só deva se cumprir em um HORÁRIO PARTICULAR, há que se ver a mão dos jogadores. O tipo lúdico, com efeito, na medida que vai conseguindo certa influência na organização da sociedade, TRATA DE SE PROTEGER, delimitando estritamente o contorno espacial e temporal do papel profissional. Proteger-se do que? Da fagocitação psíquica que poderia produzir uma PERMANENTE identificação com o papel profissional, o qual é na verdade uma máscara, um disfarce, uma aparência que representa um Arquétipo coletivo dominante.

Eis aqui um princípio da Estratégia Psicossocial: TODO ARQUÉTIPO COLETIVO INCONSCIENTE PODE SER FEITO CONSCIENTE "COLETIVAMENTE" SE É DESCRITO POR MEIO DE UM SISTEMA CONVENCIONAL DE SINAIS E APRESENTADO À COLETIVIDADE PARA SEU CONHECIMENTO. Portanto, "descrever o melhor possível" o modelo do papel profissional e "marcar temporalmente" tal papel em um "horário" é, em primeiro lugar, uma medida de segurança, uma garantia de que "se poderá sair" do papel em algum momento, "fora de horário", e se recuperará a própria personalidade. Como dissemos, há que se ver aqui a atitude lúdica típica: ENQUADRAR UMA SITUAÇÃO DENTRO DE CERTOS LIMITES SEGUROS E APRESENTÁ-LA EM TERMOS SIMBÓLICOS.

Naturalmente, o MODELO PROFISSIONAL do papel, uma vez descrito, fica incorporado na esfera de sombra terrestre como "Arquétipo coletivo universal": torna-se dominante quando consegue "capturar" um profissional na superestrutura do fato cultural e tenta desenvolver-se através dele, buscando concretizar a enteléquia da profissão. Corre-se, pois, o perigo de tornar-se um "fanático da profissão", um profissional "de tempo integral", esses "médicos apóstolos" que todos conhecemos, por exemplo, ou os também fanáticos, mas nefastos, executivos de negócios ou "businessman" que, por desgraça, também conhecemos e cuja dedicação à profissão lhes absorve todo seu tempo e impede distinguir onde termina o papel profissional e onde começa o homem. Mas, deste perigo salva-se facilmente, é óbvio, quem "respeita o horário"; separa a vida privada da coletiva; "esquece-se do papel profissional", que cumpriu a cada dia, da mesma maneira que o jogador "esquece seus games" após cada jogo.

A conclusão que se há que se tirar disto é que, enquanto o modelo profissional tenha sido bem DESCRITO SIMBOLICAMENTE em um "plano de estudos", e ENQUADRADO em um horário, por exemplo, poderá ser "exercido" um papel profissional sem perigo, poder-se-á "jogar" um papel na vida, "atuar" profissionalmente, etc. O perigo de uma captura permanente, por parte de um Arquétipo profissional começa, pelo contrário, quando os limites do modelo se tornam difusos e nem a descrição é completa, nem o horário é fixo. Isto ocorria, por exemplo, com as guildas da Idade Média, dentro das quais quase não se podia distinguir a humanidade que poderia existir em um artesão, fora do seu artesanato profissional: um CORDONNIER,

um sapateiro, era sempre tal, a todo momento, e não cabia esperar outra coisa dele, que não fosse pensar em couros e cravos; se pertencia a uma dinastia de artesãos, o nome de seu ofício ficaria adicionado à sua própria identidade e haveria, assim, uma "família Cordonnier" cujos membros poderiam chamar-se Pedro Cordonnier ou Hugo Filscordonnier, etc. Um artesão profissional pertencia, assim, a uma comunidade profissional da qual raras vezes conseguia destacar-se: não havia ali individualidade, senão coletividade; estava, em uma palavra: IMERSO NO INCONSCIENTE COLETIVO.

Na atualidade, progrediu-se para o desempenho de um papel profissional que permite o desenvolvimento simultâneo de outras esferas da personalidade: pode-se ser profissional e ao mesmo tempo indivíduo. A tal situação se chegou depois que a Sinarquia dissolveu com a revolução do Renascimento a civilização judaico-cristã da Idade Média. Entretanto, a individuação do homem NÃO É QUERIDA pela Sinarquia e se algo se avançou nesse sentido é à custa de seus planos mais do que como favor destes. A Sinarquia pretende só a massificação e coletivização completa da humanidade; salvo, é claro, os membros da raça sagrada hebraica, para cuja liberação social e elevação econômica se travou a mencionada revolução renascentista, além da francesa. Mas o sistema atual está longe de ser perfeito, uma vez que foi criado pelo tipo lúdico e registra em sua constituição o temor característico do jogador, sendo, em troca, produtor constante de enfermidades psíquicas: há uma neurose clássica de que padecem aqueles que travam uma luta inconsciente contra o Arquétipo profissional; se este os absorve, sentem alienados e sofrem de estresse; se, segundo a Lei do Balão, o símbolo profissional lhes é mais atraente do que sua própria vida e não conseguem uma individualidade plena, então descobrem que não podem abandonar a profissão, OU QUALQUER OUTRO PAPEL QUE OS SUBTRAIA DA VIDA, sem adentrar em um terreno escuro e abismal: os limites do papel profissional são, assim, os limites da crise; dentro da profissão, ou de um papel ou disfarce qualquer, a vida transcorre como em um jogo, mas um jogo tal que a falsidade e futilidade da trama se percebe a cada instante; fora dos papéis está o vazio existencial, a angústia do nada, de não ser nada, que os existencialistas também mostraram e à qual não é fácil enfrentar. Quando se experimentou a solidão, já não resta outra alternativa do que abandonar todo papel, toda profissão, todo disfarce, toda máscara, TODO JOGO, e "jogar a sério", fazendo VALER a linhagem hiperbórea, apontando a existência para a absoluta indeterminação do Vril, situando o Eu perdido no Selbst e permitindo a manifestação do Espírito Eterno, transcendendo o molde dos tipos e a armadilha dos PRINCÍPIOS ARQUETÍPICOS. Claro que, para isso, é óbvio ser valente ao extremo... e o valor é uma mercadoria escassa nos tipos lúdico e sacralizante...

Nas seguintes palavras, que o escritor sinarca Lanza del Vasto coloca na boca de seu "Judas", com intenção de desprestigiar o tipo gracioso luciférico, comprova-se com clareza qual deve ser a atitude luciférica para com o problema:

"*Um louco diz: "Eu sou o Tetrarca". Outro diz: "Eu sou um cântaro". Um terceiro louco diz: "Eu sou Deus". E falam, pensam, veem, como se fossem rei, cântaro, Deus. O homem sensato diz: "Eu sou carpinteiro", ou "publicano", ou "mercador". E fala, pensa, vê, como se o fosse. O homem sensato É UM LOUCO MAIS MEDÍOCRE.*

*"Sábio é aquele que se nega a assumir um personagem, e que se contenta em desempenhar o papel de homem".*

*"Pode um homem representar um personagem qualquer para falar, pensar, ver, como se o fosse". Mas, por ter querido sê-lo, sabe que não o é.*

*"Ser é o fato da pedra e da sujeira. Seria o fato de Deus se este por casualidade fosse. Mas o homem é superior a essas coisas por sua leveza. Não é: passa. Assovia, ri, pensa: passa".*

**B – Tipo Aberro e profissões coletivas.**

A segunda classe de profissões, exercidas quase sempre pelos membros do "tipo sacralizante", chamam-se PROFISSÕES COLETIVAS e, diferentemente das "profissões particulares", envolvem a totalidade do tempo vital. Também se distinguem das primeiras que, salvo o contorno tradicional, não estão descritas totalmente, sendo mais do que provável que quem as professe passe imediatamente a ser capturado pelo Arquétipo correspondente. Contudo, não se trata aqui de uma sobrevivência de costumes arcaicos, tal como as guildas medievais, senão de uma necessidade emergente da própria organização social. As profissões coletivas são necessárias porque consistem em FUNÇÕES ESSENCIAIS sobre as quais se baseia e estrutura a sociedade: por tal motivo, procura-se que quem vai desempenhar um papel coletivo careça de outra finalidade em sua vida do que aquela à qual visa sua profissão; o juiz: a justiça; o sacerdote: Deus; o militar: a defesa ou a guerra; o político: o bem social; etc. Todas estas profissões são subtipos do tipo sacralizante e compreende-se que "justiça", "Deus", "guerra", "bem social"; quer dizer, as "finalidades" às quais aspiram profissionalmente, são, na realidade, as enteléquias de seus respectivos Arquétipos dominantes, o balão final do Sr. Aberro.

Mas, como é necessário que alguém represente esses papéis, e dado que sem eles a sociedade não existiria, a estrutura social reserva e protege os lugares, os "empregos" que devem ser ocupados NÃO POR HOMENS, SENÃO POR FUNCIONÁRIOS, quer dizer, por aqueles que levem adiante as funções essenciais. Ainda que ingressar em tais postos implique na imersão no coletivo, e o obscurecimento da própria personalidade, a IDENTIFICAÇÃO DO EU INDIVIDUAL COM UM EU SOCIAL: o juiz, quando julga, não fala por si, senão pela sociedade inteira; sua voz é "a voz da justiça". Não é o Eu do padre que absolve dos pecados, senão "a voz de Deus" que fala por ele. E quando o militar faz seu discurso no Dia da Pátria, sua voz é a "voz da Pátria". Esta participação psicológica entre o sujeito individual e um "sujeito coletivo", se produz fundamentalmente porque, diferentemente das profissões particulares, as profissões coletivas não estão completamente enquadradas, nem espacial, nem temporalmente, segundo se disse. O profissional do tipo sacralizante jamais sabe exatamente onde termina o papel e onde começa sua individualidade; quando fala por si ou pela sociedade, quer dizer, pela justiça, por Deus, pela Pátria, ou por qualquer outro símbolo sagrado que o tenha fagocitado.

A profissão coletiva é um molde vazio com uma FORMA IMUTÁVEL, mas com uma CAPACIDADE INDEFINIDA; quem ocupe esse molde fica "con-formado" e só lhe resta expandir-se segundo a capacidade desconhecida, mas talvez interminável, da profissão coletiva; capacidade INTERNA, como se vê, que não é outra coisa do que a evolução do Arquétipo: a percepção do desenvolvimento do Arquétipo é a sensação de progresso, de "maior capacidade", de "elevada profissionalidade", que experimentam os personagens coletivos. Mas é inútil buscar, porque não pode existir nenhuma individualidade por trás dessa máscara; quem não ouviu falar de alguém, que "desapareceu" por trás do adorno de um posto oficial? E quem seria capaz de separar novamente em suas partes constituintes o homem e o personagem social? Quem buscaria, e seria capaz de encontrar Perez por trás do General de Cavalaria Perez? Ou Gomez por trás do Bispo Gomez? Além disso, quem pode supor que Perez deixe

de ser “General” durante a noite, “fora do horário”, como o bom sapateiro do bairro deixa de sê-lo – e quem não acredite, que leve seus sapatos para consertar “fora de horário” e verá como não tem êxito e se, em troca, avisa que “em tal lugar há uma conspiração subversiva” verá como Perez continua sendo General? E a mesma coisa acontece com o sacerdote ou o Juiz – e, se os houvesse, com o rei e o nobre –: são profissionais a todo momento e jamais deixarão de sê-lo; a menos que não o tivessem sido nunca e se se tratasse de jogadores infiltrados, que simulam desempenhar a profissão à espera de uma boa oportunidade para abandonar o jogo. Mas, caso contrário, se se trata de autênticos representantes do tipo sacralizante, a entrega à profissão será total, haverá substituição da personalidade individual por um perfil psicológico, ou papel coletivo, que será expressão do Arquétipo profissional. E o profissional coletivo, como o Sr. Aberro no ato II, será fagocitado nas entranhas de um balão demasiadamente inchado, de um símbolo sagrado, Justiça, Deus, Pátria, ao qual se adora e imita.

Só nos falta agregar que, enquanto os membros do tipo lúdico que praticam profissões particulares NÃO TENTAM IMPOR A NINGUÉM SUAS CONVICÇÕES PROFISSIONAIS, pelo contrário, os do tipo sacralizante SENTEM O DEVER de fazer partícipes aos demais de suas ideias e de impô-las, tal como mostramos mais atrás, ainda que pela força. Assim, uma sociedade verá desfilar honoráveis figuras de legisladores cujos pontos de vista jurídicos e morais devem ser tidos como paradigmáticos; e não menos augustos heróis militares, “pais da pátria”, cujas atribuições geopolíticas ainda ressoam e movem fervorosas defesas; e o que dizer dos santos e sacerdotes, cujas vidas exemplares foram objeto da admiração e imitação de gerações inteiras? Evidentemente, não se trata de homens, senão de Arquétipos que evoluem através dos homens... e daí seu perigo. No vazio de humanidade que se adivinha por trás de cada um desses personagens da História se percebe que tão inútil como é buscar individualidade em um profissional coletivo, é tentar discutir com ele seu ponto de vista. Inútil e perigoso, repetimos: PORQUE COM OS ARQUÉTIPOS NÃO SE DISCUTE; SÃO DESUMANOS POR NATUREZA E, SE SE APODERARAM DE UM HOMEM, O DESUMANIZAM TAMBÉM, TRANSFORMANDO-O EM UMA CASCA. Com os Arquétipos só valem duas atitudes: ou se possui suficiente vontade para resistir à sua captura ou se deve submeter a eles. O perigo consiste, então, em ser capturado diretamente pelo Arquétipo ou em que um “Arquétipo personalizado”, quer dizer, um profissional coletivo, suspeite que nossas ideias não são as que convêm ao bem da Justiça, da Religião ou da Pátria; a opção é, em qualquer caso, a mesma: resistir ou submeter-se.

Mas há que evitar cair na crença ingênua de que quando nos referimos a “profissões coletivas”, o fazemos pensando em “postos” ou “empregos” oficiais. Já dissemos que toda profissão coletiva encobre uma função social NECESSÁRIA, pelo que não seria difícil extrair de tal afirmação a consequência ingênua de que, em toda sociedade firmemente estabelecida e organizada, as profissões coletivas devem NECESSARIAMENTE concluir em um “posto oficial”. A verdade é que o “posto oficial” é NECESSÁRIO, mas não SUFICIENTE; e vamos ver porque: UM “POSTO OFICIAL” É O “ÚLTIMO TERMO” DE UMA AÇÃO CUJO PRIMEIRO MOVIMENTO O PRODUZ O ARQUÉTIPO COLETIVO. Assim vistas as coisas, desde o Arquétipo, NÃO É SUFICIENTE QUE ESTEJA VAGO O POSTO – AINDA QUE ESTE SEJA NECESSÁRIO – SE NÃO EXISTE O HOMEM INDICADO PARA OCUPÁ-LO. Por isso, “a sociedade”, que consiste em uma macroestrutura cultural, RASTREIA O HOMEM ADEQUADO EXPLORANDO, DESDE O INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL, CADA UM DE SEUS MEMBROS, EXISTA OU NÃO O “POSTO OFICIAL”. Uma vez

localizado e capturado o candidato, quando "sua voz" seja a voz do Arquétipo coletivo e seu sujeito anímico um sujeito social, SERÁ GUIADO PARA UM "POSTO OFICIAL" (QUE, SE NÃO EXISTE, ELE O CRIARÁ), DO QUAL EXERÇA O PODER. É claro, será o Arquétipo e não o homem quem "exerça o poder" uma vez que tal exercício é apenas a expressão exterior da evolução com que dito Arquétipo tende para a enteléquia; já o explicamos anteriormente: "o fato cultural está se desenvolvendo impulsionado por uma grande potência, NOTE-O OU NÃO O OBSERVADOR, e nessa marcha para a enteléquia, a superestrutura PEGA O NECESSÁRIO PARA SUA PERFEIÇÃO E REJEITA AQUILO QUE LHE É INÚTIL OU OPOSTO". Para mencionar um exemplo prático, digamos que na América do Norte não existia o "posto oficial" de Presidente, até que Jorge Washington o exerceu em 1789. Mas tal "posto" foi criado como último termo de uma ação revolucionária que começou em 1776, quando a superestrutura cultural norte americana capturou Jorge Washington, típico militar sacralizante, como "homem do destino" e o impulsionou para o cume do poder. E que ninguém tenha dúvida de que quando Jorge Washington falava, ou pensava, era o EUA nascente, seu Arquétipo coletivo, que falava ou pensava por ele.

Para assimilar melhor quanto se expôs sobre a relação entre o "tipo lúdico" e as "profissões particulares", por um lado, e o "tipo sacralizante" e as "profissões coletivas" por outro, preparamos na figura 104 um quadro sinótico no qual se pode encontrar a informação resumida.

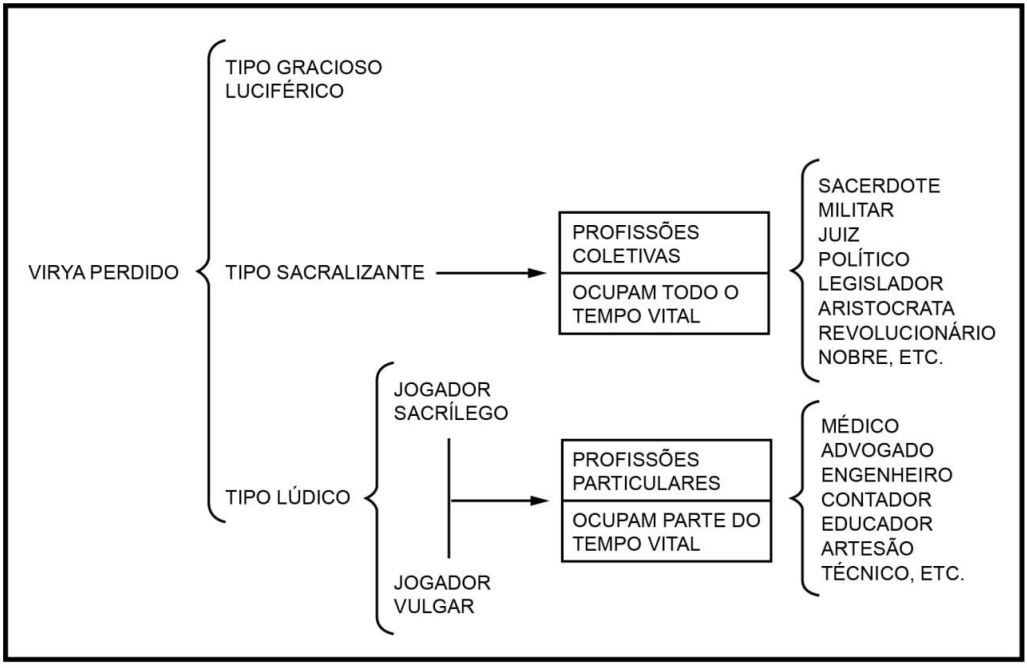



FIGURA 104

## NONO TOMO – POSSIBILIDADES DA VIA TÂNTRICA

### A – Kaly, o Kaly Yuga e o sexo dos Espíritos Hiperbóreos.

Na Índia, tão castigada culturalmente pelos "Mestres da Sabedoria" de Chang Shambala, deu-se uma solução para a queda evidente da humanidade no materialismo, mediante a incorporação das quatro Idades em seus eternos ciclos de retorno. As "Idades" são SATYA YUGA (Idade de Ouro), TRETA YUGA (de prata), DVAPARA YUGA (de bronze) e KALY YUGA (de ferro); claro que estes quatro "YUGAS" ou "IDADES" formam um CHATUR YUGA, o qual volta a se repetir eternamente nos diferentes Manvantaras, ou períodos de manifestação do Demiurgo. A "queda" está aqui justificada para facilitar novas "promoções" Kármicas dentro do sinistro Plano de Evolução, o qual tem sua expressão concreta nos Manus ou Arquétipos psicoides. Mas trata-se só de uma manobra cultural dos Mestres de Chang Shambala, os quais semearam a confusão nas tradições hiperbóreas dos antigos arianos: a "queda" é verdadeira e não existe nenhuma pessoa que tenha sobrevivido às "noites" que seguem os "Dias de Manifestação", sejam Yugas ou Manvantaras, quando o Demiurgo, qual monstro horripilante, reabsorve em sua substância a famosa "criação material".

Para nós, terá particular importância o conceito de Kaly Yuga, equivalente esotérico da Idade de Ferro egeia, ao qual vamos expor, de acordo à Sabedoria Hiperbórea. Mas antes diremos duas palavras sobre a "Idade de Ouro".

Segundo dissemos, a "Idade e Ouro" é uma figura exotérica fundamentada sobre a percepção da origem hiperbórea do Espírito. Mas talvez convenha esclarecer por que, nas distintas civilizações, sempre aparece vinculada com dita imitação da "origem", que é uma ideia transcendente, a imagem do "paraíso terrestre", que é uma ideia imanente. Por exemplo, na Epopeia de Gilgamesh descreve-se um paraíso habitado por Enkidu, e este é "o jardim das Hespérides" ou "os Campos Elíseos" nos mitos gregos; para não citar a Bíblia ou Aryana Vaiji, o paraíso dos parses, etc. Aqui deve-se adotar o seguinte critério hiperbóreo: 1º: "a queda" do homem primordial, e todos os mitos que aludam a ela, referem-se, de maneira distorcida, ao encadeamento do Espírito imortal à matéria; seu cativeiro e escravidão à obra do Demiurgo. Há, então, uma referência velada à "origem". 2º: O "paraíso terrestre" É UMA RECORDAÇÃO DO PASU. Com efeito: quando os Siddhas ingressam no Sistema Solar, encontram na Terra um hominídeo, antepassado do pasu, que era tudo o que o Demiurgo e seus Devas tinha conseguido, após milhões de anos de "desenvolvimento evolutivo" do Manu. Mas esta criatura miserável, que talvez por isso não evoluía, encontrava-se em um verdadeiro "paraíso", desfrutando feliz e ao cuidado dos Devas. Após a traição dos Siddhas, por causa do Mistério de Amor, os pasus começaram a "evoluir" mais depressa, devido à contribuição da linhagem hiperbórea e ao cativeiro dos Espíritos vindos de Vênus. Entretanto, em suas memórias genéticas conservou-se a recordação daquela era de completa felicidade e total idiotice. Segundo afirmávamos anteriormente, "o Espírito hiperbóreo é necessário nos Planos do Demiurgo porque é criador de cultura": basta observar a riqueza qualitativa e formal dos mitos da Idade de Ouro para comprová-lo.

Em tais híbridos culturais, as imagens primitivas, animais, do pasu, viram-se transformadas até adotar uma forma "mítica", quer dizer, arquetípica, graças à sua "adaptação" às diretrizes superiores da Raça Hiperbórea. Só assim pode haver "evolução": quando uma estrutura cultural é capaz de conter asserções (símbolos) que façam possível o processo dos Arquétipos psicoides. Nos "mitos" da Idade de Ouro, melhor do que em nenhum outro, poder-se-á comprovar esse duplo conteúdo, que é a

base da “cultura” (e a prova da Traição dos Siddhas da Face Tenebrosa): uma recordação genética do pasu (o “paraíso terrestre”) e uma recordação de sangue do Espírito Hiperbóreo (a “origem divina”); sua “combinação” dá os diferentes mitos sobre a Idade de Ouro.

Expusemos na definição “C” o que se deve entender por Idade, e logo explicamos dita definição, que vale a pena recordar agora: Uma Idade histórica é a conjunção da humanidade, durante tal período, e de um Arquétipo Manu, ao qual ela se subordina, evoluindo até sua concretização. Sabemos também que uma Idade é uma macroestrutura e que esta é a manifestação concreta do processo evolutivo do Manu; por isso, na Idade progride-se para uma perfeição, cuja última concretização é a enteléquia do Manu: a realização do Plano. Mas essa perfeição é, para o espírito encadeado, uma catástrofe, tal como o afirma o conceito hiperbóreo de Idade (egeu, sumério, indo-ariano, etc.), segundo vimos no exemplo de Ovídio. Interessa-nos agora referir-nos à “Idade” atual, de “ferro” ou de “Kaly”.

Na Idade atual, a humanidade “progride” tendendo para a enteléquia do Manu Vaisvasvata. Deveria, pois, chamar-se “Vaisvasvata Yuga”. A que se deve a denominação Kaly Yuga? Em primeiro lugar, recordemos que tal nome provém da Sabedoria Hiperbórea e que, portanto, deve ter uma significação especial para os viryas despertos; uma espécie de “mensagem” que expresse algum tipo esotérico de “orientação”. Com efeito: por trás do sugestivo nome de Kaly, escolhido para designar nossa Época, oculta-se um Mistério Maior, o qual é conhecido como Mistério de A-mort. Sobre o mesmo fizemos menção na alegoria do prisioneiro e agora tentaremos aproximar-nos de um aspecto que toca muito de perto a nós, ocidentais do século XX. Mas devemos esclarecer que este Mistério é imenso, tão grande como o drama que a cada qual lhe toca viver na existência humana, e, por isso, só podemos aspirar a dar alguns indícios, destacar sinais, que orientem na direção da verdade àqueles que buscam liberar-se das cadeias evolutivas. Mas, para alcançar este fim, teremos que afastar-nos, como já o fizemos outras vezes, dos conceitos ortodoxos que constituem dogmas na atualidade, e voltarmos a acepções muito antigas ensinadas pela Sabedoria Hiperbórea. Começaremos, então, por definir Kaly.

Para a Sabedoria Hiperbórea, a incorporação de Shiva, junto com Vishnu, ao Demiurgo Brahma, é equivalente à união de Cristo com o Demiurgo Jeová-Satanás, e o Espírito Santo. Ambas as trindades são exotéricas, próprias de cultos religiosos, e, portanto, historicamente tardias. Antes da formação do mito, os Deuses atuavam separados e já explicamos de que maneira o Demiurgo imitou com Jesus Cristo a figura histórica, atlante, de Cristo-Lúcifer. Shiva, igual a Cristo ou Apolo, foi desde o princípio a imagem de Lúcifer, o Grande Chefe dos Siddhas Hiperbóreos, e só a paixão imitativa do Demiurgo, e a imaginação dos Sacerdotes, pôde conceber uma associação trinitária. Há que se ver uma grande ironia em tudo isto, uma vez que Lúcifer representa a individualidade absoluta, ou seja: a liberdade absoluta, e nunca poderia estar associado com o Senhor da Escravidão, Aquele que impede toda liberdade. Para referir-nos ao Mistério a que alude o nome “Kaly Yuga”, devemos, pois, voltar à sua acepção hiperbórea, a qual tem escassa relação com os conceitos religiosos do budismo e das distintas escolas hindus de yoga.

Estes esclarecimentos valem, especialmente, para a negra Kaly, a “esposa” de Shiva, a quem se considera exotericamente como um “aspecto negativo” de Parvati, sua esposa “branca”. Pelo caminho religioso, quer dizer mítico, o sincretismo chega tão longe que Parvati é, por sua vez, Shakti, a “energia criadora” do Universo Vivo. Aqui, da mesma forma que com Shiva, nos remeteremos à Sabedoria Hiperbórea, a qual ensina que Kaly, assim como a Ísis egípcia, a Ishtar babilônica, a Vênus romana, a

Afrodite grega, a Shing Moo chinesa, a Sophia gnóstica, etc., são todas imagens brotadas da recordação de sangue das linhagens hiperbóreas. Recordação de sangue, dizemos, mas de quem? Da "esposa" de Lúcifer, a quem bem podemos chamar de Lillith, de agora em diante. Mas isto, como tudo quanto vimos dizendo, requer alguns esclarecimentos complementares. Exporemos, para isso, certos conceitos da Sabedoria Hiperbórea; mas recordemos a todo momento que estamos vendo as coisas DESDE A ORIGEM E, ainda que os Nomes tenham chegado até nossos dias, o conteúdo conceitual que lhes outorgamos aqui é muito antigo e esotérico.

**Primeiro**: os "Hiperbóreos" são membros de uma Raça Cósmica na qual existe uma diferenciação sexual. Esta afirmação significa somente que seus membros são masculinos e femininos NESTE UNIVERSO; nada podemos saber sobre o que ocorre fora dele.

**Segundo**: O sexo, entre os Hiperbóreos, não cumpre a função de procriar. A raça não diminuiu desde que se encontra no cativeiro material, PORQUE É IMORTAL; mas tampouco cresceu.

**Terceiro**: O sexo dos Hiperbóreos nada tem a ver com a diferenciação em pares de opostos que caracteriza a criação do Demiurgo. A vinda, e o posterior cativeiro dos Espíritos Hiperbóreos, é muito mais recente que a origem da criação do sistema solar; para não mencionar a colossal antiguidade do Universo do Uno. Quando eles penetraram pela "porta de Vênus", a criação já estava consumada, os opostos separados e o homem ou hominídeo habitava a Terra. Não é correto, pois, atribuir aos Hiperbóreos uma ANDROGINIA PRIMORDIAL. Quem passou por uma etapa evolutiva andrógina foi o pasu.

Na memória genética está gravado este processo, que também pode-se reconhecer na fisiologia humana, observando a bissexualidade glandular endócrina, e, por isso, nas composições culturais misturam-se os dois ascendentes mnêmicos: o genético do pasu e o minneico do hiperbóreo. Já explicamos que a cultura surge de combinações semelhantes e não será difícil compreender agora por que aparecem confundidas as imagens religiosas de Shiva e Kaly.

OS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS ENCONTRAM-SE ABSOLUTAMENTE DIFERENCIADOS POR SEXO. SEMPRE FOI ASSIM, DESDE QUE CHEGARAM AO UNIVERSO FÍSICO, E NÃO HÁ NENHUM REGISTRO QUE PROVE O CONTRÁRIO. O PASU, EM TROCA, PASSOU POR UMA ETAPA EVOLUTIVA NA QUAL SEU CORPO ERA ANDRÓGINO, MUITO ANTES DE CHEGAR A UMA DIFERENCIAÇÃO "BIOLÓGICA" DO SEXO. MAS A ALMA DO PASU NÃO POSSUI SEXO. PODE ENCARNAR INDISTINTAMENTE EM CORPOS MASCULINOS OU FEMININOS.

**Quarto**: há, então, Espíritos Hiperbóreos masculinos e femininos. Entretanto, sempre nos referimos especialmente à figura do virya desperto como "herói" ou "guerreiro"; não há, por acaso, mulheres hiperbóreas, quer dizer, Espíritos cativos femininos encarnados nos corpos físicos das mulheres pasus? Para responder, devemos tocar em um dos aspectos mais ocultos do Mistério de Amor: a Sabedoria Hiperbórea afirma que a queda primordial foi protagonizada de maneira esmagadoramente maior por espíritos masculinos do que por femininos, os quais ficaram encadeados, a partir daí, à evolução do pasu. Sendo assim, o que aconteceu com os Espíritos femininos faltantes, aqueles que não foram enganados pelos Siddhas Traidores e que jamais encarnaram? Aguardam o regresso à Origem dos viryas no Valhalla: são as Valquírias da mitologia nórdica. Mas para nós importa mais conhecer o papel que têm as MULHERES KALY dentro do drama da vida humana. Logo o saberemos.

Estes quatro conceitos nos permitirão encarar esse aspecto do Mistério de Amor que "toca muito de perto a nós, ocidentais do século XX", segundo dissemos antes: é o que se refere às práticas tântricas.

**B – O Tantra Yoga.**

Não faremos aqui um resumo da filosofia e do yoga tântrico; para adquirir esses conhecimentos há excelentes livros que recomendamos ler[1]. Em troca, nos referiremos a alguns símbolos esotéricos que todo tantrika deve saber e conhecer, e mostraremos porque a prática do yoga sexual costuma "falhar" entre os ocidentais, quer dizer, costuma ter efeitos desastrosos sobre a saúde física e mental do sadhaka[2]. Daremos, pois, por sabida grande parte desta filosofia.

O tantra yoga fundamenta-se na "Ciência do Alento", que trata sobre a "respiração" do Demiurgo no Manvantara, um período de tempo durante o qual se manifestam os Mundos pelo movimento rítmico dos cinco Princípios Puros ou tattvas do Universo. No homem, em seu corpo biológico, se reproduzem todos os processos cósmicos e intervêm, analogamente, os cinco tattvas; e também, em sua diferenciação sexual, se reflete dramaticamente a dualidade que caracteriza a natureza. Mas a função do sexo no pasu foi definida, desde o princípio para a reprodução, e JAMAIS SE PREVIU OUTRO FIM FORA DESSE.

Em outras palavras: o corpo humano é a expressão concreta de um Arquétipo Manu, que se desenvolve durante toda uma Idade, no quadro de uma "raça raiz"; em dito Arquétipo, o sexo cumpre, DESDE O PRINCÍPIO, uma função reprodutora; daí que, no corpo do pasu (ou do virya perdido), o sexo vise fundamentalmente a reprodução e uma prova pode se ver na sincronização com os ritmos lunares que exibe o período de fertilidade da mulher: a função sexual se vê, assim, conectada aos ritmos do Grande Alento e cingida ao processo do Arquétipo Manu.

Só a incorporação da herança hiperbórea ao sangue do pasu possibilitou QUE SURGISSE A IDEIA DE DAR AO SEXO OUTRO SENTIDO FORA DA MERA REPRODUÇÃO ANIMAL. Ideia que, por outro lado, teria sido inconcebível para o mísero pasu.

Métodos Hiperbóreos para o aproveitamento do sexo em favor da "reorientação estratégica" do virya houve muitos, nos milhões de anos que os espíritos levam de cativeiro. O Tantra Yoga é apenas o último deles, que a Sabedoria Hiperbórea ensinou para a "Idade Kaly", e o qual se submeteu a uma terrível confusão cultural, pelo sincretismo com o budismo, o dualismo Samkya, o monismo vedanta, a equiparação das forças com os mitos do panteão hindu, etc. Hoje o Tantra é uma filosofia irreconhecível, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, ao qual a Sinarquia lançou no Ocidente como mais um de seus artigos de consumo. Mas o que o torna particularmente nocivo é a prática do yoga sexual sem possuir as antigas chaves simbólicas, especialmente o conceito hiperbóreo sobre a "ioguini" ou mulher tântrica, que é a condição principal para que o yoga cumpra seu fim.

Muitas pessoas imprudentes, no Ocidente, lançam-se à prática do yoga, sem compreender que tais exercícios são uma parte mínima de uma filosofia de vida ou

---

[1] A partir dos textos tradicionais como o KULARNAVA TANTRA, o TANTRAKAUMADI, o SHAKTI SANGANA, o TANTRA SATUA, etc., também se devem ler os livros de JEAN REVIERE "O Yoga tântrico" e "Ritual de Magia tântrica hindu"; de ARTUR AVALON "The Serpent Power" e outros; de OMAR GARRISON "Yoga e Sexo"; o clássico de RAMA PRASAD "As Forças Sutis da Natureza"; e toda a obra de MIGUEL SERRANO.

[2] **Sadhaka**: oficiante das práticas tântricas, "discípulo" das Escolas Kaula.

modo de vida que, no Oriente, se cultiva do nascimento até a morte. Enquanto se trata de yogas que só se propõem a fortalecer a concentração mental ou a vitalidade física, o perigo não é maior, mas quando se entra em contato com as energias ígneas, como no tantra yoga, a situação muda desfavoravelmente para a saúde do imprudente.

Entretanto, não vamos condenar a prática das técnicas sexuais tântricas, senão indicar QUANDO UM OCIDENTAL PODE RECORRER A ELAS sem perigo, dado que as mesmas fazem parte da Sabedoria Hiperbórea.

Em primeiro lugar, recordemos que "a estratégia é o modo de vida de um virya hiperbóreo" e que "a estratégia é um meio para alcançar um fim". O fim declarado dos viryas hiperbóreos é: o regresso à Origem. A conquista deste fim implica em distintos passos: o "virya desperto" é o que vislumbrou a Origem e se orientou na busca do Vril e pode seguir qualquer das sete vias de liberação que se escutam no Canto de A-mort dos Siddhas Hiperbóreos; uma de tais vias, a da oposição estratégica, que empregavam os iniciados Berserkir da S.D.A., já mencionamos, e a ela nos referiremos com especial dedicação no sucessivo; mas o Tantra é outra das vias secretas de liberação e, portanto, busca o mesmo fim declarado: despertar o virya e conduzi-lo à Origem, à conquista do Vril.

Como o Tantra se propõe a cumprir esse objetivo? Transmutando o corpo físico do sadhaka e imortalizando-o durante a prática do maithuna, o ato sexual; liberando-o, assim, das cadeias kármicas e permitindo que se manifeste nele a consciência do Espírito Hiperbóreo; chegado a tal estado, com seu corpo de VRAJA e sua consciência gnóstica desperta, já se é um Siddha, um ser capaz de aplicar a possibilidade pura que oferece o Vril e abandonar, se o prefere, o Universo material.

Esta é a verdadeira finalidade do Tantra e se equivocam aqueles que só aproveitam suas práticas para obter maior prazer do ato sexual.

**C – A "via úmida" do Tantra Yoga.**

Recordávamos há pouco que o modo de vida de um virya hiperbóreo é "estratégico". Se se considera o Tantra como uma "estratégia" para o regresso à Origem, então não há inconveniente para que o virya incorpore as técnicas tântricas ao seu próprio modo de vida estratégico. Se não perde de vista os fins de toda estratégia hiperbórea, as práticas tântricas não poderão prejudicá-lo, mas convém estabelecer com clareza quando é apropriado seguir esta via e quando não (para o sadhaka ocidental). Para isso, nos referiremos à técnica fundamental do Tantra da "via úmida": a retenção do sêmen durante o orgasmo.

O maithuna ou união sexual é, no Tantra, a culminação de um ritual e a este ritual se chega após uma longa preparação filosófica e prática. Especialmente, aprende-se a controlar a respiração e o ritmo cardíaco à vontade e depois a distinguir os nadis, ou canais internos de energia e os chakras, ou vórtices de energia. Os chakras principais são sete, localizados mais ou menos à altura dos plexos, sobre um canal maior, chamado Shushumna, que corre paralelo à coluna vertebral.

Do chakra inferior, Muladhara, partem junto ao canal Shushumna, dois canais menores chamados Ida e Pingala, os quais envolvem, em forma helicoidal, Shushumna, cruzando-se em cada plexo sob os chakras restantes. O sexto chakra, Ajna chakra, encontra-se no entre cenho (entre as sobrancelhas), sobre a hipófise, e ali convergem também os canais Shushumna, Ida e Pingala. Mais acima do Ajna chakra está o Sahasrara chakra, Bramachakra, ou Brahmarandra, do qual falaremos em seguida.

Estamos citando o estritamente necessário para nossa explicação, mas naturalmente, se requer um conhecimento adicional para compreendê-la, o qual se pode adquirir em obras especializadas.

No Muladhara encontra-se enrolada e obstruindo o canal Shushumna a "serpente Kundalini", quer dizer, a Shakti ígnea, expressão no corpo físico da potência plasmadora do Demiurgo.

O objetivo EXOTÉRICO declarado de todo yoga é despertar Kundalini e fazê-la subir pelo canal Shushumna, de chakra em chakra, até o centro superior Ajna chakra. Dali, a força de kundalini permitirá estender a consciência aos outros corpos sutis do homem e chegar ao Sahasrara ou Lótus das mil pétalas, onde se logra a fusão com o Demiurgo Brahma, mediante um "salto de consciência" para a imanência absoluta. Com a consciência no Sahasrara consegue-se um êxtase que consiste, paradoxalmente, na dissolução da consciência individual, após a sua fusão ou identificação com a "consciência cósmica" ou seja: com o Demiurgo. Para o Tantra Hiperbóreo, este objetivo exotérico, e o estado de transe ou Samadhi e a fusão com O Uno ou Nirvana, no Sahasrara, é simplesmente um suicídio.

O objetivo esotérico do Tantra, como já dissemos, é o mesmo de toda estratégia hiperbórea: a mutação da natureza animal do pasu na divina e imortal do Siddha. Por isso, deve se ter bem claro que O VIRYA HIPERBÓREO, POR MEIO DO TANTRA, NÃO BUSCA NENHUMA FUSÃO COM O DEMIURGO SENÃO, PELO CONTRÁRIO, PERSEGUE ISOLAR-SE TOTALMENTE DELE PARA GANHAR A INDIVIDUALIDADE ABSOLUTA QUE OUTORGA O VRIL. Pode-se conseguir o objetivo esotérico por meio do yoga tântrico? Sim; sempre que se tenha uma ideia clara do "que" significa "despertar kundalini" e "para quê" e "quando" se pode acudir, sem perigo, às técnicas de retenção seminal no maithuna. Vamos por partes.

Muitos viryas confusos do ocidente, que costumam brincar imprudentemente com os tattvas, acreditam que "despertar kundalini" é algo assim como colocar em movimento uma energia reflexa, que age por si só, seguindo alguma lei desconhecida. A este erro contribui a ideia de que o Shushumna e os outros nadis são "canais" e que, portanto, "devem canalizar a energia por uma espécie de circuito, sem que se desvie nem transborde", analogamente aos "circuitos" do sistema nervoso. Acredita-se, também, que a substância de Kundalini é "um fogo" ou um "calor" ou, em todo caso, a força de uma energia natural. Mas Kundalini é muito mais do que estas crenças.

**D – O segredo de Kundalini.**

Vamos recorrer a um conceito da Sabedoria Hiperbórea para definir Kundalini; mas tenhamos presente que se requereriam vários livros para fundamentar esta explicação na "essência" de Kundalini e que, critério que se segue aqui, é muito mais breve, e sugestivo, referir-se a ela descrevendo analogicamente seu "comportamento", que não se ajusta, evidentemente, ao de uma força cega.

Já dissemos, ao falar da Cabala Acústica, que, "Na verdade o Universo foi feito a partir de contados elementos diferentes, não mais do que vinte e dois, que suportam, por suas infinitas combinações, a totalidade das formas existentes". Estes vinte e dois elementos (ou cinquenta, segundo as Tradições da Índia), podem se considerar como sons ou "bijas", quer dizer, raízes acústicas universais. Deste modo, acontece que toda "forma" é sustentada por um "nome", que é a formulação de uma determinada combinação dos bijas principais. Mas, segundo dissemos em outra parte, uma "forma concreta" é a expressão de um "estado" no processo evolutivo dos Arquétipos. Há, pois, uma relação entre os Arquétipos e os "nomes sagrados" de todas as coisas, que convém conhecer.

A princípio, os Arquétipos são "pensados" pelo Demiurgo O Uno (Brahma) e projetados no "grande oceano psíquico primordial" ou "Akasa", de onde permanecem em estado potencial. É o Alento do Uno, ou seja: a pronúncia dos "nomes", o impulso que inicia o processo evolutivo dos Arquétipos Manu, os quais, ao desdobrarem-se na

matéria, determinam as formas existentes; formas que progridem para a enteléquia, para uma mais completa manifestação do seu próprio arquétipo. É certo, então, que "a cada coisa" corresponde um nome secreto, arquetípico; conceito que é manipulado desde sempre pela magia e que se encontra profundamente desenvolvido nos sistemas filosóficos da Índia, mas que, fundamentalmente, constitui a base da Cabala Acústica.

Quando o Demiurgo pronuncia as Palavras, quer dizer, modula o Alento, adquire o aspecto de um Verbo ou Logos Cósmico. Pela característica que possui o espaço de ser uma expressão das mônadas arquetípicas, cuja manifestação são os Quanta psicofísicos de energia, trutis ou unidades U.E.V.A.C., o Alento do Demiurgo, suas Palavras, chega a todos os pontos do cosmos, fazendo possível que se plasmem as formas ali onde a matéria permita os processos evolutivos de cada Arquétipo particular. Esta compenetração é evidente no microcosmo do corpo humano, onde se refletem todos os processos do macrocosmo. Especialmente, vamos citar aquela parte do microcosmo que representa o aspecto "Logos" ou o "Verbo" do Demiurgo macrocósmico: Kundalini.

Kundalini é, no corpo humano, o Logos "criador" ou "plasmador de formas", expressão análoga do Logos Solar ou Logos Cósmico. Está "adormecido" porque o microcosmo JÁ FOI CRIADO, e evolui seguindo o processo do Arquétipo Manu de sua raça. Mas o motivo principal da inação de Kundalini é a sincronização rítmica do microcosmo com o macrocosmo do Uno, porque tal sincronização significa que há simultaneidade de processos e que a evolução do microcosmo não se afastará do processo arquetípico.

Sendo por natureza um Logos, o "despertar" de Kundalini, implicará na pronúncia (japa) de certos nomes (mantras). Com efeito: durante a subida pelo canal Shushumna, e em seu "descanso" em cada chakra, Kundalini recita PERMANENTEMENTE bijas e mantras, tal como corresponde a um autêntico Logos, cumprindo, assim, uma função de qualidade superior ao que lhe atribui a crença vulgar: "energia ígnea", "fogo serpentino", etc.; mas em todos os casos: força de ação reflexa.

Este caráter de "Logos" é o responsável de que todos os yogas que propõem o fim exotérico de "despertar Kundalini" acabem na "fusão com o Demiurgo"; na identificação absoluta do "eu" com O Uno cósmico. Este efeito se deve à função "harmonizadora", ou sincronizadora, que Kundalini cumpre, ao REPETIR OS NOMES (bijas ou mantras) DE CADA PARTE DO CORPO FÍSICO (e dos corpos sutis) E VERIFICAR QUE REFLITAM CORRETAMENTE OS PROCESSOS CÓSMICOS. Por este "comportamento" de Kundalini, os iogues que buscam efetivamente alcançar os Samadhis ou êxtases contemplativos, e ainda a fusão com O Uno, conseguem resultados assombrosos; deve ocorrer assim desde o momento em que o Logos, desperto no microcosmo, reproduz fielmente os bijas do Alento Cósmico, equilibrando todas as desarmonias e sincronizando todos os ritmos biológicos. Compreender-se-á agora por que qualificávamos de suicida, para aquele que busca a individualidade absoluta, a persecução do objetivo exotérico dos yogas (despertar Kundalini): PORQUE AUMENTA AINDA MAIS O ENCADEAMENTO MATERIAL DO VIRYA.

Há que ficar perfeitamente claro, então, que Kundalini NÃO DEVE SER DESPERTADA, se não se possuem as chaves para aproveitar seu poder RE-CRIADOR, pois SEU VERBO tanto pode representar a Vontade do Uno, NO MICROCOSMO, para assegurar a evolução, como a própria vontade, para produzir a mutação.

A Sabedoria Hiperbórea assegura que Kundalini tem a "missão secreta", entre outras, de intervir imediatamente "SE OS NEXOS NATURAIS ENTRE O MICROCOSMO E O MACROCOSMO SÃO ALTERADOS, DESDE O MICROCOSMO,

POR PRÁTICAS DE YOGA; NESSE CASO, KUNDALINI TENTARÁ RESTABELECER OS NEXOS, RE-CRIANDO COMPLETAMENTE OS CORPOS (físico, emocional, mental, etc.) DO MICROCOSMO, PARA CONECTÁ-LO OU RE-CONECTÁ-LO COM O DEMIURGO; MAS, SE ISTO NÃO É POSSÍVEL, KUNDALINI TENTARÁ DESTRUIR O MICROCOSMO, UMA VEZ QUE JÁ NÃO CUMPRE SEU DESTINO DE EVOLUIR ATÉ A ENTELÉQUIA DO ARQUÉTIPO MANÚ". Compreende-se, pois, o perigo a que se expõe um virya hiperbóreo, QUE ODEIA A OBRA DO DEMIURGO, se "desperta Kundalini" e este o submerge em um êxtase nirvânico: é possível que disso derive a loucura ou alguma séria lesão em seu corpo físico ou sutil. Por isso, a Sabedoria Hiperbórea diz ao virya que brinca com o yoga:

"o que farás, tu que ainda crês QUE O SEXO "É MAU",
quando Kundalini diga LAM
e tuas gônadas SE SEQUEM?
e: "o que farás, tu que ainda padeces de ANGÚSTIAS E TEMOR,
quando Kundalini diga VAM
e tua suprarrenal SE DISSOLVA?
e: "o que farás, tu, que ainda SOFRES E GOZAS
pelas coisas do mundo,
e ainda sentes o FOGO da ira
e o FRIO da indiferença,
quando Kundalini diga RAM
e teu pâncreas SE CALCINE?
e: "o que farás, tu, que ainda AMAS e ODEIAS,
quando Kundalini diga YAM
e teu coração exploda e SE VOLATILIZE?
e: "o que farás, tu, que ainda FALAS e ESCUTAS,
quando Kundalini diga HAM
e tua tiroide SE DESINTEGRE?
e: "o que farás, tu, que ainda VÊ SEM VER
quando Kundalini diga OM
e sobrevenha TUA MORTE?

Estas perguntas, e muitas mais, faz a Sabedoria Hiperbórea AO VIRYA HIPERBÓREO, quer dizer, A QUEM O DEMIURGO TOMARÁ POR INIMIGO e tentará destruir. Entretanto, a resposta não implica em ABANDONAR a prática do yoga "A PRIORI" senão, como dizíamos antes, operar estrategicamente com as técnicas tântricas, após saber "o que" significa despertar Kundalini, (algo que já explicamos) e "para quê" e "quando" se pode acudir sem perigo às técnicas de retenção seminal no maithuna. Devemos investigar, então, estas duas últimas condições.

Para conhecer com exatidão "quando" um virya pode empregar com êxito as técnicas sexuais do tantrismo, há que se partir de uma informação fundamental da Sabedoria Hiperbórea: o sadhaka NÃO DEVE AMAR "COM O CORAÇÃO" A MULHER DE CARNE[3]. Esta revelação certamente será tomada com surpresa ou desdém por aqueles que efetuam as práticas tântricas "com a mulher amada", uma figura muito cara à fantasia ocidental. Aqueles que assim procedem a Sabedoria Hiperbórea denomina simplesmente de "viryas ignorantes" pois "ignoram tudo sobre Kaly".

[3] **A MULHER DE CARNE** é aquela que a Sabedoria Hiperbórea também chama de MULHER EVA. Mais adiante se esclarecerão estas denominações, mas aqui, a "mulher de carne" deve ser considerada como uma "mulher comum" ou "mulher pasu".

Verdadeiramente causa riso pensar que a ignorância chegue tão longe para acreditar que, no maithuna com a "esposa" (ou "amiga" ou "amante") encontrar-se-á a liberação que prometem os textos sagrados orientais: isso é ter uma pobre ideia de Shiva e de Kaly. Mas o riso acaba aqui, pois tal ignorância é sumamente perigosa já que, para um casal ocidental, os resultados costumam ser desastrosos e é mais provável que, no lugar da ansiada "liberação", o que se obtenha sejam alterações psíquicas irreversíveis.

Não se deve, pois, amar a mulher com a qual se ajunta para praticar o maithuna tântrico; mas, então, que sentimento que se pode ter com relação a ela? NENHUM SENTIMENTO. Apresentamos esta pergunta, para destacar a dificuldade que existe no Ocidente para conceber uma relação NÃO AFETIVA com a mulher, dificuldade que não se apresenta na mente dos orientais PARA OS QUAIS FOI REVELADO O MÉTODO TÂNTRICO.

**E – A Estratégia Hiperbórea dos Cátaros do século XIII.**

Mas não se trata aqui de uma diferenciação "racial", de origem biológica, que se manifesta em distintas atitudes psicológicas frente ao sexo e a mulher, senão de um "caráter adquirido" pelos ocidentais e que registra um momento preciso de aparecimento histórico: o século XIII.

Concretamente, foram os Cátaros que, no quadro de sua Estratégia A2, planejaram a mutação coletiva da civilização ocidental e lançaram, para isso, o movimento dos trovadores.

Os Cátaros tinham dois problemas a resolver. O primeiro, do qual voltaremos a falar, era que os Druidas Beneditinos, com a sua revolução gótica, baseada na Cabala Acústica, produziram umas máquinas infernais que tinham, e têm, o poder de "sintonizar" o habitante da Europa com o Arquétipo psicoide da raça hebraica que, como dissemos, foi atualizado por Jesus Cristo. Essas máquinas de pedra são as catedrais góticas; e contra esse poder plasmador visava, em primeiro termo, a Estratégia dos "homens puros"[4]. O segundo problema era que, segundo ensina a Sabedoria Hiperbórea, "para mutar uma comunidade humana é necessário contar com uma enorme quantidade de energia psíquica coletiva, subtraída do processo dos Arquétipos psicoides do Demiurgo". Já se verá, ao estudar as leis da Estratégia Psicossocial da SS, que tal energia deve ser "contida" em um Arquétipo psicoide ou egrégora, CONSTRUÍDO PARA TAL FIM por iniciados Berserkir devidamente instruídos na Sabedoria Hiperbórea. Por ora, interessa-nos indicar que, neste caso, dito Arquétipo foi efetivamente criado pelos Cátaros e que correspondia À IMAGEM DA MULHER LUCIFÉRICA, LILLITH. Mas este arquétipo foi plasmado na psicoesfera terrestre como uma ação de guerra do próprio Lúcifer, o qual, DETRÁS DE VÊNUS, COM O RAIO VERDE, PROJETOU A IMAGEM DA SUA ESPOSA LILLITH. De modo que o Arquétipo da "Dama", tal o seu nome profano, correspondia a um espírito hiperbóreo CUJO SEXO NÃO SE ENCONTRA ASSOCIADO À FUNÇÃO DA PROCRIAÇÃO BIOLÓGICA. Justamente, a energia com que se alimentaria o Arquétipo Dama seria obtida da sublimação libidinosa que o cavalheiro faria de sua energia sexual ao buscar, nas mulheres comuns, o rosto da mulher hiperbórea, da qual fala a Canção de A-mort dos Siddhas, no sangue dos viryas perdidos. E tal é a característica do Arquétipo Dama, sua dissociação sexual, que o cavalheiro só pode projetar sobre mulheres "inalcançáveis", "distantes" ou "alheias" e jamais em uma que possa ser possuída

[4] **Homens Puros =** Cátaros

facilmente. É tão rigorosa esta condição que a Dama amada, quer dizer, a mulher em quem o enamorado projetou o Arquétipo, transforma-se em uma "mulher comum", "perde seu encanto", se lhe descompõe a "beleza", quando se a "conquista" e possui. Então, o amor se transforma em dor e o cavalheiro, desenganado, se vê impulsionado a buscar novamente outra Dama inalcançável, a quem adorará e tratará de conquistar. A partir da plasmação do Arquétipo Dama, gera-se uma tendência à idealização da mulher que não registra antecedentes históricos anteriores ao século XIII.

Posteriormente, demonstra-se que um Arquétipo psicoide só pode ser conscientizado quando foi DESCRITO. Para que atue, pois, socialmente, um Arquétipo que foi plasmado sem intervenção do Demiurgo – para que possa ser buscada A Dama – é necessário que alguém o "descreva", quer dizer, o revele ao povo. E essa era, justamente, a missão esotérica dos trovadores provençais: descrever A Dama; fazer o virya europeu recordar a imagem primordial da mulher hiperbórea; despertar sua Minne. Mas, para descrever algo, é preciso tê-lo visto antes. Onde obtiveram os trovadores sua visão prévia da Dama? De sua iniciação cátara no Languedoc francês, onde aprenderam a "galla ciência" e a "trobar clus". A Dama, RODEADA DE CERCOS DE PEDRA (torres ou muralhas) que SE DESCREVIA nas canções de amor, é uma clara prova da origem estratégico-hiperbórea que exibia o saber dos trovadores.

O segundo problema que deviam resolver os Cátaros apresentava a necessidade de que a sociedade europeia dispusesse de uma certa energia psíquica coletiva como requisito prévio à sua mutação. Já vimos parte da solução adotada: a plasmação de um Arquétipo psicoide, que teria por finalidade provocar a sublimação erótica no virya medieval. Falta-nos determinar agora de que maneira este Arquétipo poderia ser a solução para o segundo problema.

Poderemos sabê-lo se recordamos que um Arquétipo psicoide nutre-se de energia psíquica, tomada do "inconsciente coletivo universal", mediante a qual se desenvolve seu processo evolutivo. Para obter tal energia, o Arquétipo "captura" a atenção do Eu, emergindo ante sua vista como objeto cultural da superestrutura; o Arquétipo Dama, que é "psicoide", quer dizer "exterior", não atua de maneira diferente.

Vejamos qual é o mecanismo característico. Quando o cavalheiro experimenta DESEJO SEXUAL, "engatilha" a emergência consciente do Arquétipo Dama, estabelecendo-se, imediatamente, a CERTEZA de que a mulher desejada (a quem pode efetivamente "tocar" ou "possuir") NÃO É A DAMA DE SEUS SONHOS, a mulher ideal. Vista "de longe", a mulher de carne é uma representação da Dama; e sua contemplação, ou o desejo por ela, alimenta o Arquétipo com energia tomada da libido. Mas se "a aproximação" é suficiente para culminar com o acasalamento sexual, no qual se "inverteu o sentido da energia", então o Arquétipo Dama se retira, "sob o umbral de captura", e a mulher de carne fica entregue aos seus próprios "encantos". Ao romper-se o feitiço, é provável que o desejo aumente de maneira inextinguível; mas não para com a mulher de carne que foi desvalorizada pela ausência dos atributos ideais, senão para outra "mulher ideal", na qual se repetirá o processo do Arquétipo. O Arquétipo "conta" com esta reação, que ele mesmo provoca, para nutrir-se permanentemente: é o seu modo de proceder.

Naturalmente, o Arquétipo Dama é uma egrégora terrível, na qual os Cátaros confiavam armazenar suficiente energia psíquica para conseguir, mediante sua descarga instantânea quando assim conviesse à Estratégia A2, a mutação coletiva de incontáveis viryas perdidos em Siddhas imortais. O fracasso da Estratégia A2, e particularmente a destruição da elite cátara nas fogueiras do Papa Druida Inocêncio III, IMPEDIU QUE A EGRÉGORA FOSSE DESCARREGADA A TEMPO E DESATIVADA, após uma operação esotérica de Estratégia Psicossocial conhecida como

METAMORFOSE ARQUETÍPICA. Desde então, a egrégora não cessou de se alimentar, em um tipo de simbiose tão estreita que terminou por modificar de maneira irreversível a conduta dos viryas perdidos "ocidentais". Mas, sem o controle dos iniciados Cátaros, que teriam "dirigido" a conduta da egrégora, sua ação acabou sendo nefasta, muito longe de inspirar aquelas belas imagens da mulher hiperbórea, que impediam de amar a mulher de carne. Pelo contrário, com a passagem dos séculos, o aumento numérico da população e certos processos culturais modificaram o perfil do Arquétipo Dama, o qual se tornou, finalmente, um monstruoso vampiro, responsável de muitas das neuroses de que padece o virya contemporâneo. Para favorecer sua enteléquia, forçou ao máximo a idealização da mulher de carne, conseguindo idiotizar completamente o ocidental, que agora associou ao ato sexual "o dever" de experimentar um "amor" que ninguém conhecia antes do século XIII.

O virya moderno, preso na teia de aranha de sentimentos e ternuras, já não saberá distinguir a mulher de carne, pois subjaz agora sob o disfarce de suas projeções arquetípicas. E a mulher de carne, confundida ontologicamente pela masculinidade idiotizada dos viryas, se safará de seu controle, mudará erraticamente entre seus próprios limites sexuais e, por último, se masculinizará ela própria, em uma tentativa inconsciente de evitar a projeção do Arquétipo. O virya padecerá, então, de um sem-número de transtornos sexuais, desde a impotência e a insatisfação até a homossexualidade, já que esta última, tão frequente entre a população masculina atual, é o efeito de uma captura permanente do Eu por parte do Arquétipo Dama, que absorve assim a totalidade da energia disponível.

É claro que, após o fracasso da Estratégia A2, o descontrole do Arquétipo Dama foi capitalizado em favor da Estratégia da Sinarquia pelos Demônios de Chang Shambala, especialmente para reforçar a influência coletiva de Jesus Cristo, o qual se tornou, assim, em um espelho perfeito para que os viryas encontrassem a imagem amada e sublimassem a energia de que necessita o Arquétipo para prosseguir em seu processo. Claro que a imagem de Jesus se afeminou, na mesma medida que a mulher de carne se masculinizou; mas isso não preocupa demasiadamente a Sinarquia, uma vez que não afeta os povos "não cristãos", dos quais o principal é a "raça eleita" hebraica.

A ação descritiva dos trovadores esteve circunscrita ao âmbito europeu[5] e, por isso, não afetou as comunidades asiáticas, onde as técnicas tântricas floresceram até o século XVIII, ou seja, até o momento em que a "civilização europeia" se abateu sobre a Ásia e os viryas da Índia e do Tibete comprovaram, surpresos, que o homem europeu não conhecia a mulher de carne. Mas o dano já estava causado; para progredir, o asiático só tinha um caminho: imitar o europeu; quer dizer, amar e respeitar a mulher de carne, UMA SÓ NA VIDA, E DESEJAR TODAS AS DEMAIS, SUBLIMANDO A ENERGIA DE EROS. Desse modo, os asiáticos perderiam também de vista a mulher de carne e acabariam, salvo as tribos mais herméticas, completamente idiotizados, confundindo Kaly com a Shakti terrestre, com a Mãe Terra ou Matér-ia. A partir desta catástrofe, conclui-se a benéfica influência do yoga tântrico; uma vez que este requer, para sua realização, DISTINGUIR CLARAMENTE ENTRE A MULHER DE CARNE E A MULHER HIPERBÓREA. E tal distinção, não está demais repetir, não se poderá efetuar "se se ama com o coração a mulher de carne".

[5] Não concedemos demasiada importância à influência que pudessem ter exercido os trovadores no Oriente durante as Cruzadas, pois toda influência ocidental ali foi varrida pela expansão árabe e turca do Islã, desde o século XIII.

**F – O perigo do Tantra Yoga.**

Voltamos então a: "quando" um ocidental pode empregar as técnicas sexuais do tantrismo SEM PERIGO?

Partimos, para averiguar "quando", de uma afirmação da Sabedoria Hiperbórea: "o sadhaka não deve amar com o coração a mulher de carne". Agora sabemos porque: o "amor" que se experimenta pela mulher de carne é uma expressão consciente do processo evolutivo do Arquétipo Dama, que a mascara e impede de conhecer seu "verdadeiro Rosto". Mas o Arquétipo Dama atuou livremente por mais de setecentos anos, produzindo a incorporação de caracteres hereditários nas linhagens europeias, especialmente a "modulação" ou "perfil" do "anima" inconsciente, de acordo à sua imagem. E considerando também que a egrégora é, na atualidade, tremendamente potente, DEVE-SE ADMITIR, SEM DISCUSSÃO QUE, NO OCIDENTE, É MUITO DIFÍCIL NÃO AMAR A MULHER DE CARNE.

É compreensível, pois, que existam viryas aos quais lhes seja virtualmente impossível NÃO AMAR suas mulheres de carne; e isso não tem por que ser preocupante SE, NESSE CASO, PRUDENTEMENTE SE ABSTÊM DE PRATICAR O TANTRISMO. Mas, o que devem fazer, então, os viryas perdidos do ocidente que buscam a "liberação" das cadeias materiais? A Sabedoria Hiperbórea lhes aconselha que recorram às outras vias secretas para empreender o regresso à Origem, SE AINDA SÃO CAPAZES DE AMAR A MULHER DE CARNE. Este conselho não deveria ser desatendido; o risco é enorme: pelo caminho inverso do regresso, seguindo a Voz do sangue puro, consegue-se REINTEGRAR O EU COM O SI-MESMO, levar a consciência presente a identificar-se com o Espírito ou Vril e, em uma EXPLOSÃO GNÓSTICA, TRANSFORMAR-SE EM "INDIVIDUALIDADE ABSOLUTA". Pelo contrário, um uso indevido do tantrismo pode conduzir a um Samadhi nirvânico no Sahasrara que implica em uma recriação fisiológica harmonizadora por parte de Kundalini e uma identificação com o Demiurgo: a "fusão com Brahma"; neste caso, depois da "viagem ruim", a consciência do virya não ficaria reintegrada, senão fragmentada em um quadro esquizofrênico permanente, do qual dificilmente conseguirá recuperar-se.

Naturalmente, existe uma infinidade de situações diferentes nas quais podem se encontrar os viryas perdidos; desde aqueles que já "formaram família" e amam suas esposas como bons cristãos, até aqueles que ignoram completamente sua capacidade de amar; como eles saberão "quando" podem recorrer às práticas sexuais do tantrismo SEM PERIGO? Vamos responder que existe, efetivamente, uma maneira infalível de saber "quando" esse momento chegou: é a Prova de Família que propõe a Sabedoria Hiperbórea. Com a exposição de dita Prova, terminaríamos a série de advertências que vínhamos fazendo sobre os perigos do tantrismo.

**G – A Prova de Família.**

A Prova de Família não se refere especificamente ao sexo, senão aos "parentes de sangue", pais, irmãos, avós, tios, filhos, etc. Mas quem seja capaz de enfrentar a Prova de Família verá respondidas não só suas interrogações sobre sexo, senão que terá dado um importante passo para outras vias de liberação, à parte do tantrismo. Por isso, convém que todo virya ocidental afronte esta prova cedo ou tarde.

**H – Um tipo especial de conexão de sentido: os sistemas reais afetivos.**

É conhecido que a genealogia de uma família pode se grafar, estabelecendo correspondências analógicas com a figura de uma "árvore", na qual o "tronco" e a "raiz" correspondem à estirpe ascendente, e os "ramos" a distintas linhagens que descendem do tronco principal. Como exemplo, representamos, na figura 105, a família de

Mengano, irmão de Perengano e filho de Montano, quem, por sua vez, descende do tronco hiperbóreo dos Villano. Por mais útil que possa parecer esta analogia para determinar os ascendentes de uma linhagem, o grau de parentesco ou a proposição de uma herança, a mesma é, entretanto, insuficiente, do ponto de vista estratégico. Para demonstrá-lo, basta-nos indicar o caráter estático, de "fato inalterável", que apresenta o esquema: "uma árvore genealógica é, como a árvore vegetal que representa, um fato concreto e imutável, POIS SE REFERE FIELMENTE A EVENTOS JÁ OCORRIDOS"; tal é a opinião corrente. Sendo o esquema imutável, a insuficiência se destaca quando Mengano, por exemplo, apresenta-se a diretriz estratégica de "aumentar" a influência que a herança dos Villano exerce sobre si mesmo. Da analogia com a "árvore" não se deduz como isto seria possível: Mengano não pode ser ramo e tronco ao mesmo tempo; se é ramo NÃO É tronco; se é "Mengano", a herança sanguínea da estirpe Villano é a que mostra o esquema: uma quarta parte do sangue original. Com esta analogia não há, pois, solução; o que nasceu ramo não pode CRESCER ATÉ SER TRONCO e sua função certa é: FICAR COMODAMENTE EM SEU LUGAR.

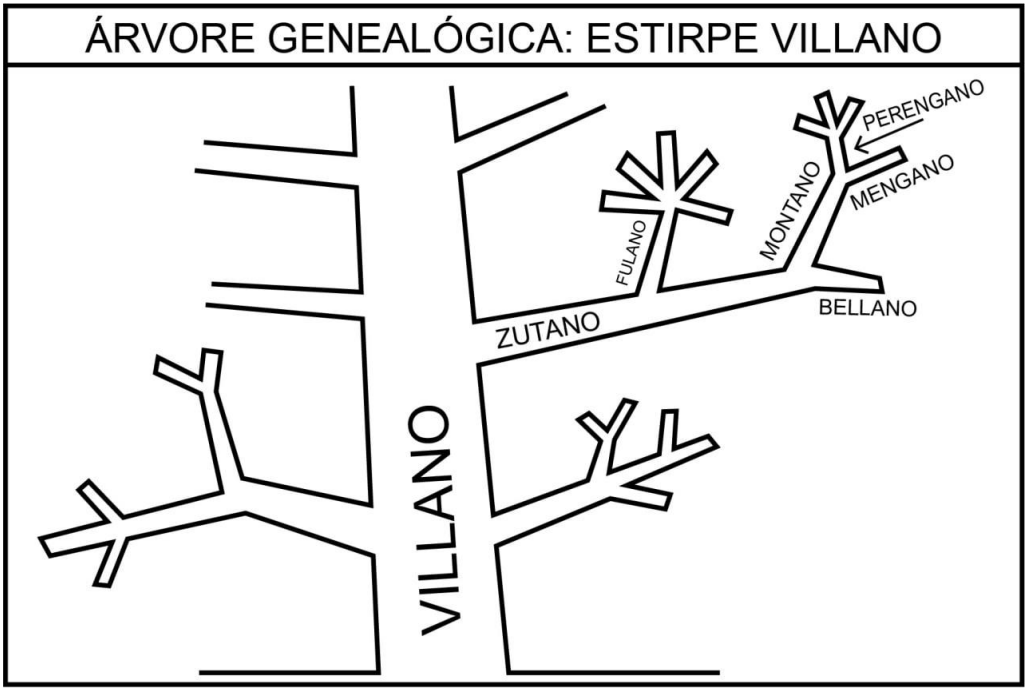



FIGURA 105

Pode-se superar a insuficiência do esquema recorrendo a outra analogia, não convencional desta vez, mas antes vale a pena esclarecer que uma "árvore

genealógica" constitui a descrição elementar de um Arquétipo Psicoide chamado "Arquétipo Familiar". A "árvore genealógica" representa, então, a superestrutura do "fato familiar", a qual evolui para a enteléquia do Arquétipo Familiar. Mas uma "família" define-se pelos membros vivos que exibe em cada época, mais do que pelo passado de sua linhagem, porque TODOS OS PARENTES VIVOS SÃO UMA EXPRESSÃO CONCRETA DO PROCESSO ARQUETÍPICO. Coloquemos um exemplo. Observamos a árvore da estirpe Villano; descobrimos que em 1910 viviam dezenove parentes desse sangue; OS DEZENOVE PARENTES, TODOS E CADA UM DELES, SÃO EXPRESSÕES CONCRETAS DO ARQUÉTIPO FAMILIAR: são "provas" ou "ensaios" evolutivos que O MODO BIOLÓGICO DO PROCESSO requer para concretizar a enteléquia do Arquétipo Familiar. Toda família ou linhagem tende para a enteléquia de um Arquétipo Familiar particular que é, por sua vez, hipóstase do Arquétipo Manu. E todo virya, no seio de sua própria família, evolui inevitavelmente nesse sentido. NÃO SE PODE ESCAPAR AO PROCESSO REAGINDO EXTERNAMENTE, por exemplo, abandonando a família, recluindo-se, ignorando-a, destruindo-a, etc. Ainda que todos os parentes tenham morrido e só sobreviva um virya, o Arquétipo Familiar continuará o processo através dele. O único caminho que tem o virya perdido para evitar a evolução É INTERIOR, PASSA PELO SANGUE E CONDUZ AO PASSADO. E já explicamos suficientemente como se deve buscar este caminho interior na recordação contida na Minne.

Mas Mengano compreendeu também que, prosseguindo em seu papel de ramo, só consegue evoluir no sentido do Arquétipo Familiar. Olhando para trás, compreende que descende de uma estirpe mais pura, Hiperbórea, e apresenta-se o problema de RECUPERAR uma herança que se encontra no passado. Como da árvore genealógica não se evidencia qual possa ser a solução, segundo dissemos, Mengano decide acudir à Sabedoria Hiperbórea, cujos ensinamentos afirmam que o "Sangue Puro" é o único recipiente da herança hiperbórea. Para a Sabedoria Hiperbórea, um esquema analógico a partir do Sangue Puro não deve variar topologicamente da árvore genealógica já vista. Mas, no lugar de uma árvore, considera que O SANGUE É EQUIVALENTE A UM RIO, cujo leito principal constitui-se no "tronco" da árvore genealógica, e cujos rios e riachos, afluentes ou tributários, encontram-se representados pelos ramos.

Aprofundemos nesta nova alegoria. Ao olhar agora a figura 105, vemos o "RIO VILLANO" ao qual chegam numerosos braços afluentes, entre os quais se destacam os rios "Zutano", "Montano" e "Mengano", conectados de tal maneira que cada um canaliza o fluxo do anterior. Mas o FLUXO dos rios é análogo à PUREZA do sangue. O rio Villano, por representar um Sangue Hiperbóreo mais puro, tem, consequentemente, um fluxo maior, qualidade que se percebe na figura 105, ao observar a grande largura de seu leito. E Mengano, o virya que buscava o caminho inverso do Sangue Puro, aparece na alegoria como um simples riacho de reduzido fluxo.

Vistas as coisas deste modo, o problema de Mengano não parece ser agora insolúvel, pois se reduz À OBTENÇÃO DE UM AUMENTO DO FLUXO, E ISSO SEMPRE É POSSÍVEL EM UMA ALEGORIA HIDRÁULICA. Podemos apresentar o problema estratégico de Mengano em termos analógicos do sistema hidráulico, perguntando: o que se deve fazer para aumentar o fluxo do riacho Mengano e, no possível, levá-lo a igualar-se ao do Rio Villano?

Antes de responder, vale a pena destacar que o fluxo, POR CORRER EM SENTIDO INVERSO, vai de Mengano a Villano, de maneira que a solução não está, como se poderia pensar superficialmente, em alargar o leito. Daí que a única solução

que existe para este problema seja: SOMAR OS FLUXOS DOS OUTROS RIOS AO LEITO DO RIACHO MENGANO.

Para esclarecer completamente esta solução hidráulica, consideremos somente o riacho Mengano e os rios Montano e Zutano, os quais encontram-se conectados “um em continuação do outro”, quer dizer: “em série”.

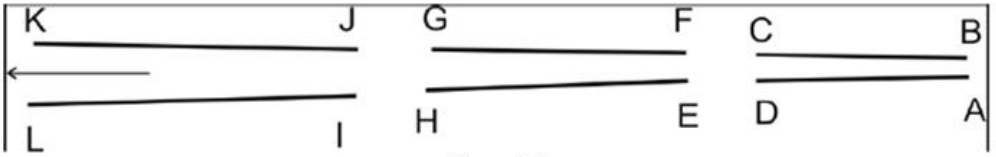



Figura 106

O Mengano conecta-se “pela largura” com o Montano, ou seja: CD com EF; e o Montano com o Zutano também: *GH com JI*.

A solução ao problema exige alterar esta conexão entre leitos “pela largura” e substituir por uma união longitudinal, com a finalidade de “somar os fluxos”.




Figura 107

A disposição teórica para os três leitos considerados foi desenhada na figura 107. Ali se percebe que os leitos estão agora conectados longitudinalmente, “em

paralelo"; o Mengano, por exemplo, ficou unido ao Montano pelas margens CB e EH. O resultado final é um novo Mengano, de fluxo muito superior devido à adição dos fluxos dos rios Montano e Zutano.




Figura 108

Continuando com este procedimento, e após adicionar ao Mengano TODOS os demais rios afluentes, é teoricamente possível igualar o fluxo do Rio Villano, dando por finalizado o problema.

**I – Captura mútua na superestrutura do fato familiar.**

Deixemos por ora a analogia hidráulica e voltemos ao problema estratégico do virya Mengano: que conclusão cabe extrair da solução hidráulica? O que significa para o virya Mengano "somar os fluxos"? Para responder, há que se transferir a solução hidráulica ao plano genealógico concreto da família de Mengano. Nela, "os rios" equivalem a parentes próximos ou distantes e a "soma dos fluxos" significa que Mengano DEVERÁ INCORPORAR EM SI MESMO SEUS PARENTES; SOMAR AO SEU PRÓPRIO SANGUE O SANGUE PURO DOS DEMAIS MEMBROS DA FAMÍLIA.

Parece uma loucura, mas corresponde perguntar: é possível esta solução? Segundo a Sabedoria Hiperbórea: SIM. E a tentativa que cada virya realiza para fazer efetiva tal solução é o que se denomina "Prova de Família".

Há um momento de "transição" na vida do virya: quando deixa de estar "perdido", pois tomou consciência do Grande Engano, mas ainda não "se orientou" e, portanto, não está completamente "desperto". Nesse difícil transe, o importante é DESCOBRIR A PRÓPRIA IDENTIDADE, que está sepultada sob múltiplas máscaras ou personalidades. Faz-se necessário, em primeiro lugar, distinguir aquela parte de si mesmo que transcende o processo Arquetípico Familiar. Para consegui-lo, há que se realizar duas coisas: por um lado, deve-se buscar, no Sangue, a recordação da Origem, a Herança Hiperbórea; e, por outro, conseguir a REINTEGRAÇÃO do Arquétipo Familiar, cujos pedaços estão espalhados pelo mundo na forma de "parentes de sangue". A Prova de Família tem por objeto conceder ambas as coisas, para que o virya supere a transição e encontre uma primeira orientação.

Mas, se bem que a Prova de Família vise favorecer o descobrimento do "Eu" verdadeiro, em cada um, e seja certo que este des-cobrimento se pode buscar por outro

caminho, onde a Prova não pode ser superada por nenhum outro método é com respeito à determinação da "capacidade de amar". Recordemos que queríamos saber "quando" é possível ao virya empregar as técnicas sexuais do tantrismo sem perigo, e que a Sabedoria Hiperbórea nos disse: "não deves amar com o coração a mulher de carne".

Soubemos, também, que o "amor" para com a mulher de carne tem relação com o processo do Arquétipo Dama. E, por último, dissemos que o virya ocidental, na maioria dos casos, padece de tal confusão e que é muito possível que ignore sua própria "capacidade de amar", e, com isso, ignore também quando lhe corresponde seguir a via tântrica. Neste caso, a conclusão da Prova de Família é definitiva, pois esta lhe indicará se deve continuar "amando" a mulher de carne ou se já está em condições de A-mar Kaly.

Já sabemos o que se espera dela; agora devemos conhecer em que consiste a Prova de Família. Em primeiro lugar, digamos que dita prova é absolutamente pessoal, uma vez que visa reforçar a individualidade do virya, e, por isso, tem que ser praticada por cada um em particular, qualquer que seja a situação familiar. Desde o virya que está "só" no mundo, até aquele que é um rebento de uma família prolífica, todos devem partir do princípio de que a prova "só interessa a ele", é "pessoal", "interior", e até "secreta". Somente com tais condições de intimidade e respeito por si mesmo pode se enfrentar a prova com possibilidade de êxito.

Por outro lado, há que se deixar claro, desde o princípio, que a Prova de Família NÃO É DE INSPIRAÇÃO MORAL, quer dizer, não salva nem condena ninguém. Só determina o grau de dependência existente com respeito aos processos arquetípicos e possibilita, em todo caso, reduzir tal dependência. Este esclarecimento vale, porque ninguém mais do que o virya poderá avaliar seu resultado de SUA PROVA PESSOAL e se o este for negativo, queremos antecipar que de nada lhe valerá enganar-se: pela via do tantrismo só encontrará amargura, e é possível que arruíne sua saúde e a do seu par.

**J – Aplicação da Prova de Família.**

Apresentamos agora a Prova de Família. Todo virya que tente esta prova deve começar por uma indagação preliminar:

Qual é minha família? Visando conhecer de onde procede sua Linhagem Hiperbórea. A Sabedoria Hiperbórea mostra duas leis que devem ser contempladas, ao dar a resposta:

1ª Lei – a Herança Hiperbórea do Sangue Puro se transmite por via materna. Esta herança pode facilmente anular o processo do Arquétipo Familiar da estirpe materna.

A resposta à indagação pela família parte, em primeiro termo, então, pela linhagem materna.

2ª Lei – os Arquétipos Familiares transmitem seus traços por herança genética. Se a Herança Hiperbórea da mãe é forte, predominará a herança genética paterna e, portanto, o Arquétipo Familiar da linhagem paterna será quem domine na intensidade do processo. Mas, se a Herança Hiperbórea materna é fraca, então as heranças genéticas de ambos os pais estão repartidas, tal como ensina a Genética. Ao indagar pela família, de acordo à segunda lei, figurará a linhagem paterna em segundo termo.

A indagação, considerando estas duas leis, deve referir-se, a princípio, somente aos familiares que viveram ou vivem contemporaneamente com a própria geração: especialmente os parentes próximos, aqueles com os quais se conviveu e que mais fortemente nos influíram ou afetaram. Em segundo lugar, após esta determinação,

a indagação recairá sobre os antepassados; MAS SÓ SE SE PASSOU A PROVA DE FAMÍLIA COM OS PARENTES CONTEMPORÂNEOS.

Quando se respondeu a indagação e se tem bem presente quais são os parentes AOS QUAIS VAI SE REFERIR A PROVA, deve enfrentar-se a esta com a mente colocada no conceito de que cada parente é, efetivamente, OUTRA EXPRESSÃO do Arquétipo Familiar. Se não se compreendeu esta simples verdade, ou se não se a aceita, é inútil tentar a prova.

Cumprida a indagação preliminar e tendo presente o conceito visado, pode-se efetuar a Prova de Família. ELA CONSISTE EM LOCALIZAR AS RELAÇÕES EXTERNAS QUE NOS VINCULAM COM NOSSOS PARENTES. Uma maneira de descrever a operacionalidade da Prova seria dizer que se trata de INTERROGAR sobre ditas relações externas, mas isso não é de todo exato; trata-se mais de DISPOR A MENTE PARA CONHECER quais são as relações questionadas. Se temos claro o que é que desejamos conhecer, a resposta brotará imediatamente em nossa consciência, sem necessidade de recorrer a raciocínios ou enunciados lógicos.

**K – Avaliação da Prova de Família.**

Para ter claro "o que é o que desejamos conhecer" ... podemos recorrer aos seguintes conceitos:

**A** – Por "relação externa" nos referimos às de ordem afetiva ("sentimentais" ou "emocionais") estando excluídas, em uma primeira consideração, aquelas relações puramente gnosiológicas, que procedem de "saber" que a árvore genealógica é um fato factual. Em outras palavras: todos sabemos o que é um tio, um pai, um irmão ou um primo; NÃO NOS REFERIMOS a tais relações estruturais ao considerar NOSSO tio, pai, irmão ou primo, senão AO QUE SENTIMOS POR ELES.

**B** – Toda carga afetiva é, evidentemente, um conteúdo "interno", próprio da esfera psíquica. Por que, então, denominamos "externa" a relação afetiva com os parentes? Porque a existência de "afetos" entre parentes que compartilham um mesmo Arquétipo Familiar é puramente ilusória e porque o sustentáculo dessa ilusão está baseado no "mundo exterior". Devemos distinguir, pois, entre os "verdadeiros" afetos que sentimos para com outras pessoas ou coisas e a "relação (afetiva) externa" que acreditamos experimentar por nossos parentes de sangue. Vamos explicar como se origina esta confusão.

É claro que toda carga afetiva procede de uma relação sujeito-objeto, estabelecida a partir das diferenciações do eu. Por efeito da objetivação, qualquer coisa é suscetível de possuir uma carga afetiva associada, a qual, em muitos casos, não será possível separar da própria coisa. Mas o virya encontra-se normalmente inserido em uma superestrutura de fato cultural onde desempenha seu papel dramático e de onde recolhe suas vivências externas, que, em maior ou menor medida, constituem relações afetivas "internas". Se o objeto de atenção é outra pessoa, que também integra a superestrutura, o enfrentamento da estrutura cultural própria, e a do próximo, produz uma relação afetiva mútua que se denomina "Kármica", porque é transferida desde o inconsciente coletivo pessoal ao inconsciente coletivo universal, quer dizer, à psicoesfera, onde se plasma como RELAÇÃO ENTRE ARQUÉTIPOS PSICOIDES e de onde CAUSA posteriores efeitos "Kármicos". No drama da vida, um virya pode amar ou odiar outro, ou ser amado ou odiado por este, e atribuir a tais relações afetivas o caráter de um vínculo concreto, dado que as mesmas são consistentes e efetivas dentro das superestruturas (se "existem", pode-se comprovar sua "existência") e até geram futuras reações Kármicas. E que a relação de ódio ou amor para com o próximo constitui um "vínculo concreto" não se poderá negar, pois a mesma implica no peso da carga afetiva sobre a consciência, cada vez que esta se refira ao próximo.

Ocorre o mesmo com os parentes de sangue? Costuma-se acreditar que sim, mas, em seguida, veremos que não é assim. Em primeiro lugar, recordemos que todo afeto deve estar REFERIDO A UM OBJETO afetivo, ao qual se diferenciou e com o qual se estabeleceu uma relação. Mas, sendo os parentes expressões de um mesmo Arquétipo Familiar, podem se considerar objetos afetivos, tal como o é uma pessoa qualquer à qual se ama ou odeia? A Sabedoria Hiperbórea afirma que um parente de sangue é um "objeto", na mesma medida que o é o "Eu" quando interroga, que é o "Eu"? E se coloca como objeto de sua própria interrogação. Nesse caso, o Eu realiza uma reflexão, um desdobramento sobre si mesmo, com a finalidade de "observar-se" gnosiologicamente; mas, por mais efetiva que pareça a objetivação de si mesmo, o resultado da inspeção será sempre subjetivo, impossível de verificar por ninguém mais do que o Eu reflexivo; por isso, ao "objetivo" produzido pela reflexão do "Eu" sobre si mesmo denominamos "ilusão". Contudo: segundo a Sabedoria Hiperbórea, os parentes de sangue são "reflexões" do Arquétipo Familiar e, portanto, nesse sentido, também lhes corresponde o qualificativo de "ilusões". Em todo caso, é à "relação afetiva", e ainda cognitiva, que acreditamos que existe entre nós e nossos parentes de sangue, a que cabe qualificar rigorosamente de "ilusória".

**C** – É claro que é muito difícil transcender a barreira desta ilusão, mas ninguém disse que passar de "virya perdido" a "virya desperto" fosse tarefa fácil. E, podemos assegurar: quem não se independeu do processo evolutivo dos Arquétipos Familiares verá muito dificultada sua orientação estratégica. Mas, tal "independência" não se adquire NEGANDO O PROBLEMA, quer dizer, rejeitando ou ignorando a função estrutural da família, senão, simplesmente, tomando consciência da situação e enfrentando a Prova de Família.

O primeiro obstáculo para aceitar que os parentes NÃO SÃO verdadeiros objetos afetivos se constitui no fato de que estes parentes apareçam efetivamente como objetos do mundo exterior. E, ante tal presença concreta, a afirmação de que se trata de meras ilusões parece carecer de fundamento. Mas a realidade é esta: nossos parentes, como nós mesmos, são verdadeiros objetos PARA O PRÓXIMO; os parentes, ENTRE SI, são expressões de um mesmo sujeito: o Arquétipo Familiar, e nenhum pode se considerar "objeto" do outro, que não seja a título "reflexivo". Um segundo obstáculo que impede de aceitar o caráter ilusório da objetividade familiar procede de um fenômeno denominado "realimentação por captura mútua". Este fenômeno, característico nos processos evolutivos de Arquétipos Familiares, é o responsável da crença em "relações externas" (afetivas) entre parentes de sangue.

Para compreender seu comportamento, recordemos o que dissemos páginas atrás sobre os Arquétipos Manu, que sustentam a superestrutura de um fato cultural: "o fato cultural se desenvolve impulsionado por uma grande potência, NOTE-O OU NÃO O OBSERVADOR, e nesta marcha para a enteléquia a superestrutura PEGA O NECESSÁRIO PARA SUA PERFEIÇÃO E REJEITA AQUILO QUE LHE É INÚTIL OU OPOSTO". Da mesma maneira procede o Arquétipo Familiar pois, mediante os membros da "família", tenta acomodar-se na superestrutura, ocupando os lugares QUE LHE DEIXAM LIVRE AS RELAÇÕES KÁRMICAS e adaptando-se aos processos evolutivos do Manu. É assim como os parentes vêm a desempenhar um papel determinado no drama da vida DO QUAL NÃO SE DEVEM APARTAR, sob pena de serem excluídos da superestrutura (o que implicaria que o Arquétipo Familiar deixasse de evoluir através dos parentes "expulsos" ou desencarnados). Para cumprir com seus papéis determinados, os parentes não podem suspeitar que todos são expressões de um mesmo Arquétipo e, pelo contrário, devem estabelecer "relações externas" entre si, muitas vezes apaixonadas e dramáticas, segundo convenha às "direções Kármicas"

das superestruturas. Com a finalidade de afirmar os parentes em seus papéis, e de confirmar a ilusão de suas existências objetivas e diferentes, o Arquétipo Familiar produz o fenômeno da realimentação por captura mútua.

Já sabemos como se produz a "captura": ao enfrentar a estrutura cultural própria com a superestrutura, para "conhecer", os Arquétipos Psicoides, que sustentam os objetos culturais externos, MODIFICAM O RELÊVO destes, favorecendo a projeção SOBRE os objetos exteriores DAS premissas culturais interiores. Por isso, todo ato cognitivo de um objeto exterior é, na realidade, o RECONHECIMENTO, ou conscientização, de um objeto interior projetado no mundo, Ali começa a "captura", pois a exteriorização dos objetos interiores implica na participação nos processos evolutivos da superestrutura, sua integração ao fato cultural. Este efeito é buscado pelos Arquétipos Psicoides para obter a energia que empregam em seu desenvolvimento. Em resumo: "os Arquétipos Psicoides se ALIMENTAM (pegam energia para sua evolução) das estruturas culturais (os viryas) que conseguem CAPTURAR na superestrutura".

A "captura mútua" se produz quando dois parentes enfrentam, no quadro dramático de uma superestrutura, suas estruturas culturais, com o fim de tomar conhecimento recíproco de si mesmos. Aqui, o Arquétipo Familiar, que é Psicoide, efetua uma dupla captura, por serem ambos parentes expressões do seu próprio processo evolutivo. Suponhamos que os parentes são Mengano e seu irmão Perengano. Mengano vê Perengano como "objeto cultural" e projeta sobre ele uma imagem interior; mas foi o Arquétipo Familiar mútuo quem ADAPTOU Perengano (como o "espelhinho" da alegoria) para RECEBER A PROJEÇÃO efetuada por Mengano; e o faz COM CRITÉRIO KÁRMICO, para que a "relação externa" estabelecida entre Mengano e Perengano adapte-se ao drama da vida, ou seja: ao processo "Manu" da superestrutura; Mengano RECONHECE que é ÓDIO o que sente por Perengano: essa relação faz possível que a maior potência de um "objeto" (Perengano) integrado na superestrutura "capture" a estrutura cultural (de Mengano) no processo do Arquétipo Psicoide que evolui no "objeto"; produzida a captura, todo Arquétipo se alimenta de energia tomada do sujeito capturado: mas, neste caso, o Arquétipo que sustenta o objeto (Perengano) sustenta também o objeto (Mengano), e a energia que toma de Mengano para desenvolver a enteléquia de Perengano é SUA PRÓPRIA ENERGIA REALIMENTADA. Se consideramos que Perengano "viu" também Mengano como "objeto cultural" e desse exame conclui que experimenta piedade, poderemos compreender que, reciprocamente, o Arquétipo Familiar realimentará energia de Perengano para o processo evolutivo de Mengano. Ocorreu, então, um fenômeno de "realimentação por captura mútua", o qual tem o fim de criar entre os parentes a ilusão das relações externas (afetivas). O processo dos Arquétipos Psicoides na superestrutura constitui um drama para aqueles que estão sujeitos a ele e devem representar um papel. E, nesse drama, os parentes de sangue têm que se comportar como se verdadeiramente fossem indivíduos particulares, para assegurar o desenvolvimento da trama. Por isso, ignoram que todos são um, e acreditam que entre eles existem verdadeiras relações afetivas. Pois, o que são esse ódio de Mengano e essa piedade de Perengano, senão a ilusão dos vínculos afetivos externos que a dupla captura ocasiona? É como se alguém ordenasse à sua mão esquerda que bata na sua mão direita e uma testemunha, que visse somente as mãos, afirmasse que a mão esquerda "agride" a direita. As mãos não agem separadas, ainda que as aparências indiquem o contrário, pois fazem parte de uma mesma estrutura orgânica e obedecem, ambas, ao cérebro; do mesmo modo que os parentes, ainda que acreditem odiarem-se

ou amarem-se, não agem separados pois fazem parte de uma mesma superestrutura familiar e "obedecem", todos, ao processo do Arquétipo Familiar.

**D** – Dissemos que a Prova de Família "consiste em localizar as relações externas que nos vinculam com nossos parentes" e, nos comentários precedentes, ficou claro que as "relações externas" são os diferentes afetos que temos para com eles, e que tais afetos constituem uma ilusão. Com estes esclarecimentos, e recordando que "interrogação", em nosso conceito, não se refere a uma construção lógica, senão a uma disposição psíquica para "conhecer", podemos dizer, também que: "a Prova de Família consiste em responder à interrogação: o que sinto por meu parente Albano?".

Em forma de interrogação, talvez fique mais acessível a Prova de Família ao ocidental, habituado a pensar racionalmente, sempre e quando se recorde que a interrogação visa averiguar a existência das "relações externas".

**L – Redução dos sistemas reais afetivos.**

**E** – Levando em conta o que dizem a 1ª e a 2ª lei, pode-se enfrentar a Prova de Família interrogando-se sobre os parentes selecionados na indagação preliminar, quer dizer, os contemporâneos. O procedimento da Prova é o seguinte: pergunta: o que sinto por Tio Albano? Resposta: "ódio" ou "amor" ou "carinho", etc., ou uma soma indefinível de afetos. Não importa, a princípio, a qualidade do afeto: SE EXISTE UM AFETO, DE QUALQUER TIPO, SIGNIFICA QUE O PROCESSO ARQUETÍPICO ESTABELECEU ILUSORIAMENTE UMA RELAÇÃO KÁRMICA. Nesse caso, o virya não deve seguir adiante com o tantrismo, e deve ter cuidado ao empreender outras vias de liberação hiperbóreas, POIS AINDA NÃO ESTÁ PREPARADO PARA INICIAR A BUSCA DO CENTRO.

**F** – Mas, da analogia estabelecida entre a "família" e a rede hidráulica dos Rios se extraía a conclusão de que o riacho Mengano pode aumentar seu fluxo até aproximá-lo ao do Grande Rio Villano, somando com o seu os fluxos dos restantes rios afluentes. Esta conclusão se traduzia analogicamente afirmando que o virya Mengano poderá purificar seu sangue, até o grau de igualar ao seu Antepassado Hiperbóreo Villano, na medida em que consiga reintegrar em si mesmo o Arquétipo Familiar, cujos pedaços, na forma de parentes de sangue, estão espalhados pelo mundo.

Se é possível reintegrar o Arquétipo Familiar ter-se-á que se começar por eliminar aquilo que constitui a ilusão da separação, ou seja: as "relações externas". A Prova de Família permitirá localizar as relações afetivas com os parentes; a IDENTIFICAÇÃO RECÍPROCA fará possível reduzi-las.

Antes de explicar a maneira de reduzir as relações externas faremos uma advertência.

Compreendemos que será difícil para muitos viryas, que têm parentes pelos quais experimentam sentimentos de desprezo ou repugnância, aceitar que estes fazem parte de uma só entidade, na qual também estão incluídos. Se tal for o caso do virya perdido, quem, ao enfrentar a Prova de Família, descobre que todo um universo de paixões o liga aos seus parentes de sangue, a ele diz a Sabedoria Hiperbórea que nada o impede de continuar evoluindo dentro do Plano do Demiurgo. Se suas paixões o atam à ilusão e não se sente capaz de superá-las, é inútil que aguce o ouvido, pois jamais escutará o canto dos Siddhas, nem seu espírito acudirá da Origem na recordação do Sangue. A Sabedoria Hiperbórea, por outro lado, não impulsiona o virya para que deixe de sentir afetos por seus parentes, senão, pelo contrário, aconselha-o a aceitar a amarga realidade de que eles formam parte dele mesmo e, de que é um dever reintegrá-los a si mesmo pela "identificação recíproca". Se esta maravilhosa reintegração tem lugar, os parentes que amamos já não estarão fora, senão dentro,

onde sempre poderemos encontrá-los, já que não morrerão como os parentes externos, que são uma mera reflexão do Arquétipo Familiar. Claro que junto a eles estarão os outros, aqueles pelos quais não professamos afetos positivos; e também muitíssimos parentes antepassados, aos quais não recordamos, mas que representam antigos ensaios, provas evolutivas, aspectos involuídos do Arquétipo Familiar.

**M – Método de "Identificação Recíproca".**

**G** – A "identificação recíproca" é o método de redução afetiva da Prova de Família. Pela Prova localizamos, por exemplo, determinados afetos para com o Tio Albano.

Esses afetos criam a ilusão da individualidade de Tio Albano e impedem sua reintegração interior. Para reduzi-los, somente é necessário identificar a relação exterior que liga Tio Albano conosco, ou seja: uma "identificação recíproca".

É evidente que este método tem por finalidade anular a realimentação por captura mútua, após reduzir as relações exteriores entre os parentes. Conhecemos, pela Prova, a relação afetiva para com Tio Albano; reciprocamente devemos indagar agora qual é a relação afetiva que Tio Albano mantém conosco.

Para isso, teremos que praticar a empatia com Tio Albano, situar-nos em seu lugar COM RESPEITO A NÓS, e experimentar, como se verdadeiramente fôssemos Tio Albano, os sentimentos que este sente para conosco. Naturalmente, não poderá fazer-se sem grande esforço (e ninguém disse que fosse fácil) mas terá o notável efeito de ANULAR nossas próprias relações exteriores com Tio Albano. É claro, uma empatia semelhante, que seria quase impossível de experimentar com um estranho à nossa linhagem, não é tampouco tão difícil entre membros de uma mesma superestrutura familiar. Se a identificação recíproca tem êxito, se conseguimos "olhar para nós do ponto de vista de Tio Albano", e identificamos os sentimentos que ligam este conosco, então comprovaremos admirados que, ao olhar novamente para Tio Albano SE REDUZIRAM NOSSOS PRÓPRIOS AFETOS PARA COM ELE, quando não, desapareceram totalmente, e a ilusão da separatividade CESSOU. As relações externas se anularam mutuamente.

Mas Tio Albano continua vivendo no mundo; o que veremos ao olhar seu rosto, agora que desapareceram as relações (afetivas) exteriores mútuas? Voltaremos a sofrer a captura na estrutura cultural de Tio Albano? Não se tornará a produzir a captura porque não há diferença entre Tio Albano exterior e Tio Albano interior, ou se se quer, há identidade arquetípica entre nós e ele. Após a Prova de Família, ao olhar o rosto dos parentes reintegrados, como em um espelho, reconheceremos neles aspectos de nós mesmos; perfis ignorados até então, mas que inegavelmente saberemos encontrar em nós.

**H** – Somente quando o virya reintegrou uma porção considerável do Arquétipo Familiar pode-se dizer, alegoricamente, que aumentou o fluxo de seu Sangue Puro. O caminho para a mutação está agora aberto, porque ao diluir-se a ilusão dos "mil rostos familiares", cessam também as cadeias Kármicas. O processo do Arquétipo Familiar visa o futuro; ali está sua Enteléquia. Pelo contrário, o caminho inverso da reintegração, agora comentado, equivale a inverter o processo e marchar para O Grande Antepassado Hiperbóreo, aquele que CONHECE O SEGREDO DA QUEDA PORQUE FOI O PROTAGONISTA; quem também se chama: O Grande Enganado. Com ele terá que enfrentar-se, cedo ou tarde, o virya que siga o caminho do Sangue Puro. E desse confronto supremo surgirá a Verdade Primordial. Então, o virya, como um vulcão de emoção derramado em uma cascata de paixões milenares, se arrojará a seus pés para tirar as cadeias do Engano, os grilhões da Traição, e restaurará em si mesmo a

linhagem extraterrestre dos Siddhas Hiperbóreos. Diz a Sabedoria Hiperbórea: "Recorda sempre que tua família é árvore e rio ao mesmo tempo".

Por isso se diz que O Grande Antepassado está “nas raízes do Sangue Puro”. Ali deverá buscá-lo, percorrendo inversamente a corrente do rio ancestral ou baixando por uns ramos que são também rostos hieráticos, espelhos de ti mesmo. Ele te está esperando, desde sempre, pois tua chegada significa sua liberação. Mas, tenhas cuidado em como te apresentas ante ele; não seja que seu rosto te aterrorize e retrocedas nesciamente. Recorda que ele está ali porque caiu e, por isso, seu rosto mostra o estrago de antigas e terríveis paixões. Oh, Virya!

Ele só poderá liberar-se se tu o olhas e sustentas seu olhar! Mas esse olhar significará tua morte! Oh, Virya! Nada te será ocultado, agora que conheces o Segredo da Árvore e do Rio: sim; ao vê-lo morrerás; mas ressuscitarás Nele, quando já liberado, VOLTE SEU ROSTO PARA A ORIGEM! Porque atrás das costas do Grande Antepassado encontra-se a Origem Primordial, à qual, POR UM MISTÉRIO DE A-MORT, Ele se viu privado de voltar, desde que começou o Tempo da Dor e do Sofrimento. Morto e tornado a nascer: ao ressuscitar tu, ressuscitas o Grande Antepassado, e fica soldada a espada que foi quebrada nas Origens; tu e O Grande Antepassado voltam a ser um só, como sempre foram, sem sabê-lo, e, por isso, ao ir para a Origem, morto e renascido, és um Iniciado do Sangue Puro, um Cavalheiro do Gral, um Siddha Imortal, um Divino Hiperbóreo, um Guerreiro de Lúcifer, O Galhardo Senhor. Um grande segredo conheces, Oh, Virya: o da Árvore e do Rio Familiar; se és intrépido e audaz, mas também humilde e desapegado, e não temes COMPROVAR TUA PRÓPRIA MISÉRIA, então este segredo te conduzirá ao Vril!

## DÉCIMO TOMO – TANTRA OCIDENTAL DA SABEDORIA HIPERBÓREA

### A – Quando não se deve seguir a via tântrica.

Nos oito comentários precedentes, expusemos a Prova de Família que possibilita, de maneira infalível, ao Virya ocidental, estabelecer "quando" pode recorrer "sem perigo" às técnicas sexuais do Tantrismo. Já adiantamos "quando" NÃO SE DEVE FAZÊ-LO: quando existem RELAÇÕES EXTERNAS com os parentes de sangue. Mas alguém pode perguntar: o que tem a ver as relações afetivas entre os parentes com as práticas sexuais que efetuaremos com nosso par? Quem isto se pergunta certamente se esquece que o objetivo exotérico de todo yoga, e também do Tantra, é "despertar Kundalini" e que Kundalini, como Logos, tem o poder de "recriar" os corpos do virya. Só pode aspirar à mutação aquele que, como Wildejäger, está disposto a tudo e nada lhe ata à obra do Demiurgo. Mas, se existem relações externas com os parentes, isso significa que o virya está atado karmicamente e desempenha um papel no drama da vida, e, o que é pior, seu corpo só constitui uma parte do Arquétipo Familiar. E ninguém pode imortalizar "uma parte" do microcosmo. Quando Kundalini desperta, SEU VERBO VAI DESCREVENDO O ARQUÉTIPO FAMILIAR E FIXANDO SUAS PARTES; se o virya tem seus parentes "fora" então Kundalini só recriará "até onde chega a consciência" e fixará essa parte do Arquétipo Familiar que o virya acredita ser. Este resultado é inevitável, porque Kundalini, como reflexo do Aspecto-Logos do Demiurgo, tem a "missão secreta" de harmonizar o microcosmo com o macrocosmo, o homem com o Plano, e JAMAIS VAI ALTERAR POR SI MESMA UMA RELAÇÃO KÁRMICA como a que implicam as relações externas com os parentes. As consequências do despertar de Kundalini variam consideravelmente, segundo seja o grau de confusão do virya perdido, e vão desde uma "benigna" fusão com o Demiurgo no Samadhi Sahasrara até a aniquilação do corpo físico "por decisão" do Arquétipo Familiar, o qual tentará evoluir através dos demais parentes. Esta última possibilidade causará surpresa porque, naturalmente, sempre se pensa que é o "melhor" ou mais evoluído da família; MAS O ARQUÉTIPO FAMILIAR PODE NÃO TER A MESMA OPINÃO. Em qualquer caso, Kundalini sempre se conduzirá de acordo à sua diretriz secreta de "harmonizar" (recriando o microcosmo) e "fixar" (o recriado) para manter ou restabelecer o sincronismo dos ritmos do microcosmo com o Plano do macrocosmo.

Para o virya, é imprescindível a reintegração do Arquétipo Familiar, pela Prova de Família ou por qualquer outro procedimento, ANTES de despertar Kundalini. Mas, dir-se-á: vamos então realizar em nós a enteléquia do Arquétipo Familiar? Não! Porque tudo quanto dissemos sobre Kundalini refere-se a ela "entregue à sua diretriz secreta" e nada dissemos ainda sobre a maneira em que se deve proceder com o Verbo Ígneo DURANTE as práticas tântricas. O propósito de "despertar Kundalini" é só uma ação tática, um meio, para concretizar o objetivo estratégico do retorno à Origem, tal como ensina a Sabedoria Hiperbórea a todo virya-sadhaka.

Afirmamos já "quando" não se deve praticar o tantrismo: quando existem relações externas com os parentes e o virya encontra-se ligado ao processo do Arquétipo Familiar (e aos processos dos Arquétipos psicoides das superestruturas). E explicamos porquê: há que se reintegrar o Arquétipo Familiar para evitar que Kundalini recrie só uma parte do mesmo. Mas isto não é nada mais do que um aspecto da dificuldade: e, se se quer, o menor. O maior problema se constitui no fato de que "quem padece a ilusão das relações externas NÃO PODERÁ DISTINGUIR KALY". E a percepção de Kaly é necessária A PRIORI da práxis tântrica, pois constitui o fundamento da restauração hiperbórea que se deve realizar na natureza do microcosmo para conseguir sua transmutação.

A Sabedoria Hiperbórea ensina, por outro lado, que "KALY SÓ AMA QUEM ESTEJA COMPLETO E SEJA UM EM SI MESMO". Logo veremos a importância desta afirmação.

Há um terceiro aspecto da dificuldade (para orientar-se) de padecer relações exteriores, que é o seguinte: o virya que ama ou odeia seus parentes está propenso a "amar com o coração a mulher de carne", quer dizer, a contribuir com o processo do Arquétipo Dama. Esta propensão provém fundamentalmente das relações Kármicas, que determinam o TIPO de par "destinado", da confusão sanguínea que ocasionou o "esquecimento" da mulher hiperbórea; e da "partição" do Arquétipo Familiar, que impede "distinguir Kaly".

**B – A decisão tântrica do virya ocidental.**

Até aqui revisamos com certa profundidade "quando" não se deve praticar o tantrismo. Vejamos agora "quando" é possível fazê-lo, e também, a pergunta que estava pendente, "para quê?".

Suponhamos que o virya Mengano conseguiu reintegrar em si o Arquétipo Familiar, eliminando por identificação recíproca as "relações externas", quer dizer, os afetos ilusórios que mantinham os parentes "fora". Já fez isto, mas ainda não percorreu inversamente a corrente de Sangue Puro para chegar até o Grande Antepassado. Sabe que deve fazê-lo rapidamente pois, ao estar "completo", o Arquétipo Familiar acelerará seu processo evolutivo para concretizar sua enteléquia. "Estar completo" significa ter desatado as ligações Kármicas, situação que o Arquétipo Familiar só vai permitir se pode continuar evoluindo, pois, caso contrário, recorrerá aos Devas da Morte para desfazer-se do descontrolado virya. Mengano conhece esse risco, mas escolheu a via tântrica da mão esquerda para marchar para a Origem e por isso se dispõe a cumprir o "Ritual dos Cinco Desafios". Mengano é um virya ocidental e seu modo de proceder está inspirado na Sabedoria Hiperbórea; por isso, ainda que indubitavelmente tântricos, seus atos se conduzem de acordo a uma simbologia mais antiga que a da Escola Kaula, mas adaptada às circunstâncias do Ocidente e de sua relação com o Fim do Kaly Yuga. Há um conceito da Sabedoria Hiperbórea que logo desenvolveremos com profundidade, mas que convém citar agora, pois justifica este aparente afastamento da ortodoxia tântrica e explica, também, as dificuldades que têm os viryas do Ocidente para professar as filosofias Orientais: é o da GEOCRONIA. A Geocronia é a propriedade que a Terra possui de influir sobre o Tempo Histórico dos povos que habitam determinados lugares. Assim, ocorre que nem todas as comunidades humanas encontram-se na mesma relação, com respeito ao Kaly Yuga, senão que a Índia, por exemplo, está "mais longe" do Fim da Idade Kaly do que a Europa. Existe todo um "caminho do Kaly Yuga", que começa no Polo Sul e acaba no Polo Norte, mas que serpenteia em torno do planeta seguindo certas linhas tectônicas; e a este caminho nos referimos quando dizemos, por exemplo, "no século IV, os germânicos avançam para o Kaly Yuga", etc. O importante agora é ter em conta que o Tantra da Índia e do Tibete, o Kaula e, ainda, o caminho Kula, ficaram atrasados com respeito ao "índice geocrônico" do Ocidente, pois este se encontra mais perto do Fim do Kaly Yuga do que o Oriente. É por isso que, no século XX, a Thulegesellshaft desenvolveu seu próprio yoga tântrico, o qual foi empregado internamente nas iniciações da Ordem Negra ϟϟ. Os conceitos que vimos oferecendo, e os que daremos em relação ao suposto "ritual" de Mengano, procedem daquele yoga ocidental da Thulegesellshaft e da Sabedoria Hiperbórea. Preferimos evitar referências ao Tantra hindu, pois nos perderíamos em esclarecimentos e comentários já que os orientais, hoje em dia, não veem com clareza conceitos tão elementares como este: se o caminho Kula, segundo declaram os Tantras, é a busca de uma "gnose absoluta" nós perguntamos: como podem acreditar

que o Demiurgo Brahma, com quem propõem a fusão do Samadhi, vai permiti-lo sem castigo? Os ocidentais, em troca, sabem desde há muito que a busca do conhecimento, a gnose, é castigada pelos Deuses, e o expressaram no mito de Prometeu ou no mito da "queda de Adão", dos gnósticos alexandrinos, etc. Há uma grande confusão no tantrismo atual e por isso aparece tingido de devoção e ritualismo, o que desfigura o sentido luciférico e guerreiro que deve exibir em seu caráter de via hiperbórea de liberação para o Kaly Yuga. Nós seguiremos outro caminho: transitaremos por uma ponte que salta parte da confusão, pois se apoia na pureza da Sabedoria Antiga, por um lado, e por outro na realidade concreta que deve enfrentar diariamente um virya ocidental; Mengano, por exemplo.

**C – O Ritual dos Cinco Desafios.**

O Ritual dos Cinco Desafios consiste em tomar vinho, comer carne, peixe e gérmen de trigo, e praticar o coito ou maithuna[6]. Em cada um destes atos, o sadhaka desafia o Demiurgo; nos quatro primeiros simbolicamente e no último concretamente. Antes de efetuar cada um dos cinco Desafios deve-se meditar em seu simbolismo para que o Ritual represente um verdadeiro ATO DE GUERRA INDIVIDUAL. Vale a pena repetir novamente que só se deve tentar esta etapa final do tantrismo quando se realizou um treinamento prévio de controle orgânico, por meio do yoga, e se conseguiu um fortalecimento muito forte da vontade, pelo desapego e a repugnância que o gnóstico experimenta para com a obra do Demiurgo. Quando o virya está "disposto a tudo", e exibe uma inabalável decisão guerreira, PODE ENTÃO enfrentar a Prova de Família para juntar os pedaços de sua alma que se encontram espalhados no mundo. Se triunfa nesta Prova, e consegue reintegrar em seu interior o Arquétipo Familiar, terá então, chegado às portas do Mistério de Amor. Digamos que é perfeitamente possível EVITAR o enfrentamento a este Mistério e buscar a liberação por outra via hiperbórea. Mas, se o virya possui UM VALOR ABSOLUTO, E SENTE-SE CAPAZ DE REENCONTRAR-SE CONSIGO MESMO, talvez se atreva, como Mengano, a praticar o Ritual dos Cinco Desafios. Porque este Ritual tem o objetivo de TRANSMUTAR o corpo do sadhaka, APÓS TER COMPLETADO A REINTEGRAÇÃO INICIADA NA PROVA DE FAMÍLIA, INCORPORANDO AO MICROCOSMO OS SÍMBOLOS DA TRAIÇÃO PRIMORDIAL. O sentido do Ritual é, então: INCORPORAR O SÍMBOLO QUE REPRESENTA CADA DESAFIO; por isso é que se recomenda a mais profunda concentração ao praticá-lo e, acima de tudo, não experimentar desejos ou gozos sensuais durante sua execução.

**D – O Desafio do Vinho.**

O vinho é o símbolo do sangue puro, e da recordação hiperbórea da Origem, "ARROJADO" AO MUNDO PELA TRAIÇÃO PRIMIGÊNIA DOS SIDDHAS. Por ela Lúcifer, O Cristo da Atlântida, consuma o sacrifício da descida infernal. Mas seu sacrifício foi parodiado por Jesus Cristo, quem deu ao vinho o significado de "sangue plebeu", de pasu, ao qual há que se transmutar "fora" para transformá-lo em "sangue de Jesus Cristo", ou seja, em sangue judeu. O primeiro desafio é, pois, beber vinho, ou

[6] O ritual oriental "das Cinco M" propõe empregar os mesmos elementos e dá para eles a seguinte interpretação simbólica: o VINHO (MADYA) representa o AR, a CARNE (MAMSA) o FOGO; o PEIXE (MATIA) a ÁGUA; o CEREAL (MUDRA) a TERRA; e o COITO com a MULHER (MAITHUNA) o ETER ou quintessência. Naturalmente, tais significados são exotéricos e não se revestem de nenhuma importância no Ritual dos Cinco Desafios que descrevemos aqui, ainda que pudesse tê-la em etapas preparatórias prévias, especialmente se o virya segue, paralelamente, uma via alquimista.

seja: incorporar o sangue puro que foi derramado no mundo, para transmutá-lo "dentro", no microcosmo, restaurando o sentido do sacrifício luciférico.

**E- O Desafio da Carne.**

A carne de animal alude ao maior Mistério que existe, DEPOIS do Mistério de Amor. Entretanto, a Sabedoria Hiperbórea aconselha ao virya não indagar neste Mistério até não ter conseguido a liberação de transmutar-se em Siddha: para não adicionar mais horror ao horror de estar encadeado à matéria. Dito mistério pode se resumir assim: tal como os Espíritos Hiperbóreos foram encadeados à evolução do pasu, há milhões de anos, muitíssimo tempo antes, em períodos que se medem em Manvantaras e Kalpas, OUTRAS CEPAS de Espíritos imortais foram encadeados à matéria. Ninguém sabe de onde procediam, se foram criados pelo Incognoscível ou se caíram de uma ordem inimaginável; o certo é que eles também são prisioneiros do Demiurgo O Uno, o qual os encadeou a evoluções infinitamente mais primitivas do que as que devem padecer os Hiperbóreos da Terra. Assim como os Hiperbóreos são empregados "para produzir cultura", segundo se explicou em outra parte, aqueles Espíritos são utilizados para "produzir vida", animal e vegetal, ainda que também costumem ser projetados ao "reino" mineral. E assim como os Hiperbóreos foram ligados à evolução do pasu para que, do embate entre o Espírito Hiperbóreo e a Alma Pasu, surja a cultura, assim também se ligou aquelas cepas de Espíritos cativos com as entidades da evolução dévica, para obter a emergência de um novo suporte das formas materiais: a vida. Quando dizemos que aqueles Espíritos estão ligados à vida, só queremos dizer isso: "a vida", o "fato de viver", e não se deve acreditar que as almas grupais vinculadas às evoluções "superiores" dos reinos vegetal e animal são expressão dos Espíritos cativos; tais almas grupais, como seu nome o indica, pertencem à evolução dévica ("elementais" ou Devas) e são, em tudo, semelhantes à "alma" do pasu.

Em nenhuma outra parte, fora do âmbito humano, poder-se-á comprovar o caráter dramático da vida, como no reino animal: em sua estupidez insuperável, na determinação de seus instintos, no horror da luta para sobreviver, que os leva a devorarem-se uns aos outros, na fatalidade de sua morte, etc. Sem dúvida, é no animal onde melhor está descrita A INFÂMIA DO DEMIURGO. O homem, para suportar essa visão de espanto que é a vida no mundo, criou um véu cultural chamado "poesia" que, por exemplo, ali onde anima uma vida miserável que come e defeca constantemente, faz ver: uma "bela ave cantora". A poesia mascara o horror da vida e, por isso, ela é a maior inimiga da gnose. Esta afirmação poderá doer, mas é rigorosamente certa, pois muito da loucura com que costumam concluir os êxtases gnósticos provém de uma insuficiente preparação para resistir às visões horrorosas a que se reduz a obra do Demiurgo, quando a gnose discorre o véu poético e dissipa a ilusão da beleza estética (que é uma pura criação cultural).

QUEM NÃO POSSUA UMA VISÃO GNÓSTICA DA VIDA NÃO PODERÁ COMPREENDER O MISTÉRIO DA MORTE. E, ATENÇÃO: QUEM NÃO COMPREENDA PREVIAMENTE O MISTÉRIO DA MORTE NÃO PODERÁ ACESSAR A IMORTALIDADE.

Este é o conhecimento sobre o qual há que se meditar antes de apresentar o Desafio de comer a carne animal. O sentido do Desafio é o seguinte: na carne está presente o Mistério da Vida e da Morte (há que se compreender isto) e a Morte Concreta; ao comer a carne, incorpora-se o símbolo da morte ao microcosmo e se prepara o corpo para a imortalidade. A IMORTALIDADE IMPLICA NA RESSURREIÇÃO INTERIOR DO ANIMAL SACRIFICADO FORA. E, QUANDO O SÍMBOLO DA MORTE FOI NEUTRALIZADO PELO MANTRA DA VIDA, O CORPO DO

VIRYA, DE MATÉRIA CORRUPTÍVEL, TRANSMUTA-SE EM VRAJA, A MATÉRIA INCORRUPTÍVEL.

**F – O Desafio do Peixe.**

O peixe simboliza a raça terrestre do pasu: desde sua origem em escuras e antigas lagoas[7] até seu fim na enteléquia do Arquétipo hebreu Jesus Cristo, toda a história do pasu está escrita no peixe. Ao comer o peixe incorpora-se ao microcosmo um símbolo que é expressão do Arquétipo Manu e que tem a missão de "fixar" desde dentro os limites do Arquétipo Familiar. Deve-se meditar e compreender o sentido deste Desafio nos termos em que está apresentado aqui, pois o simbolismo do peixe é extremamente complexo e pode dar lugar a desvios intelectuais. Só faremos notar que a primeira das dez manifestações de Vishnu é COMO PEIXE (MATSYA-AVATARA) e que o Manu deste Manvantara, VAISVASVATA, ostentou sempre o sinal do peixe tanto nos Vedas, onde recebeu este nome, como na Mesopotâmia, onde se chamou OANNES ou DAGON, ou durante o Império Romano quando se reencarnou como IKHTHYS (peixe) no hebreu Jesus, etc.

**G – O Desafio do Trigo.**

O gérmen de trigo representa A PALAVRA DO DEMIURGO, a expressão concreta de seu Verbo. No gérmen, como em qualquer outro BIJA, há uma potência que tenta desdobrar-se ao impulso do Grande Alento; por isso, o gérmen deve ser considerado como o símbolo do Arquétipo psicoide NO COMEÇO DA EVOLUÇÃO.

Se o Gérmen é situado em AMBIENTE FÉRTIL, o Arquétipo completará seu processo, que começa na germinação e acaba na produção de novos gérmens ou "reprodução". Mas todas estas qualidades que adquire a planta, durante o processo de seu crescimento, já se encontravam em potência no gérmen original ou BIJA. Se o gérmen é guardado em uma tigela, ao contato com o ar, ou VAYU TATTVA, não germina, mas se é depositado na terra, ou PRITHIVI TATTVA, então germina e atualiza no processo evolutivo as diversas qualidades potenciais. Este símbolo tem especial importância para interpretar "o despertar de Kundalini" quem, da mesma forma que o gérmen, é um BIJA, ou "Palavra do Demiurgo", de particular conteúdo potencial. Mas Kundalini é, em si mesmo, UM BIJA QUE EXPRESSA TODOS OS OUTROS BIJAS; UMA PALAVRA QUE CONTÉM TODAS AS PALAVRAS; UM SOM QUE É A SÍNTESE DE TODOS OS SONS, POIS REPRESENTA, NO MICROCOSMO, O AKASA TATTVA, ou "primeiro Éter" do Grande Alento". Como o gérmen de trigo, Kundalini necessita de um "ambiente fértil" para INICIAR SEU DESDOBRAMENTO.

Já dissemos que Kundalini "desperta" por si mesma quando ocorrem dessincronizações entre o microcosmo e o macrocosmo, e explicamos que sua "missão secreta" é restabelecer ditas alterações, harmonizando a totalidade dos ritmos do processo biológico. Podemos agregar agora que tal comportamento se deve a que KUNDALINI É SENSÍVEL À FLUÊNCIA CÓSMICA OU DO GRANDE ALENTO. Se se imagina o AKASA TATTVA como um oceano de substância psíquica e no meio dele uma bolha, ter-se-á uma ideia acertada de Kundalini. No homem, sobre o Muladhara chakra, encontra-se a bolha de AKASA, em cujo interior "dorme Kundalini". Esta bolha, como o gérmen exposto ao ar, não se "desenvolve", a menos que se altere seu ambiente, tornando-o fértil. Mas o bija Kundalini é uma bolha que flutua no AKASA,

[7] Na verdade, a mônada do pasu "foi peixe" na cadeia lunar e não na Terra, em um globo que logo se partiu em quatro para formar outras tantas luas, das quais a atual é a última que ainda permanece como satélite terrestre.

contraindo-se e expandindo-se ao ritmo da fluência do Alento; somente uma variação nessa fluência pode fazer com que Kundalini desperte e tente restituir o movimento solidário. O AKASA possui as dimensões TEMPO E ESPAÇO e, portanto, alterando ditas dimensões, é possível "despertar Kundalini": este é o princípio que se emprega na Estratégia Hiperbórea. No universo existem quatro estados de matéria sutil produzidos pelo Grande Alento: PRANA, procedente do Sol; MANAS, procedente do Manu; VIONANA, procedente do Demiurgo Jeová-Satanás; e ANANDA, procedente do Demiurgo O Uno. A operação com estas matérias também permite despertar Kundalini, se se altera sua fluência: este é o princípio que se emprega na Estratégia Sinárquica: especialmente o controle do prana solar pela respiração rítmica, que ensinam as escolas profanas de yoga.

Kundalini é a semente de uma planta com muitas flores; sua germinação tem a virtude de reproduzir o processo do Universo pois, ao romper-se a bolha, o bija original se decompõe em todas as Palavras da criação, recriando assim, no microcosmo, a ordem do macrocosmo. Mas esta semente está oculta no homem, que desconhece também o conteúdo de sua potência, a enteléquia de seus Arquétipos. Por isso, ao conhecer o gérmen, o sadhaka incorpora este símbolo ao microcosmo, devidamente conscientizado, e apresenta o desafio de determinar, por sua vontade, a germinação E OS FRUTOS da planta. Pode-se não se compreender isto pois, dir-se-á, "é aceitável que, escolhendo o momento de dar um "ambiente fértil", se possa determinar a germinação, mas: como podem se determinar os frutos se eles estão CONTIDOS POTENCIALMENTE NO GÉRMEN?" Se tal é a dúvida, pode-se pensar que uma abóbora que cresça dentro de uma fôrma cúbica não será esférica, senão cúbica, pois A FORMA DETERMINA O SER.

Quando Kundalini desperta por si mesma ou por uma "chamada sinárquica", recria "a forma" do Arquétipo familiar e esses são "seus frutos". No Desafio que estamos considerando, obriga-se Kundalini a despertar (germinar) DENTRO DE UMA FÔRMA que determina sua forma: essa fôrma é a imagem do Grande Antepassado Hiperbóreo, com cuja "forma" será recriado o microcosmo.

**H – O Desafio do Maithuna.**

O quinto Desafio consiste em incorporar ao microcosmo o símbolo da "mulher hiperbórea", quer dizer, a imagem de Lillith e, mediante o maithuna ou ato sexual "fora", desposar-se com ela "dentro". O êxito deste desafio, no qual se tornam efetivos os outros quatro, significa que se conseguiu concretizar a individuação absoluta e a imortalidade. Mas, como sua realização requer o concurso da mulher "fora", será necessário esclarecer novamente que a ioguini NÃO PODE SER QUALQUER MULHER, e muito menos uma "mulher amada", ou por quem se experimente o mínimo afeto. O tantra Kaula e todos os Tantras "da mão esquerda" baseiam-se na adoração da Shakti, o princípio feminino ou ativo do Demiurgo, a quem se considera como "esposa" de Shiva. Já avisamos que a identificação de Parvati com Shakti constitui um erro; agora vamos explicar a natureza do mesmo e a maneira de evitá-lo.

No começo de um ciclo, quando conclui o Pralaya ou Noite de Parabrahman, o Demiurgo jaz ainda imanifestado, afundado no Abismo cósmico; há ali unidade absoluta. Quando se produz o "despertar" do Uno, sua Manifestação, ocorre um desdobramento evolutivo que alcança a matéria de todo o Universo pelo impulso do Alento; este desdobramento, do qual "sai" o Akasa, é o "modelo", a "mãe", de todos os processos evolutivos do Universo. Durante a manifestação, o Demiurgo se expressa em infinitos pares de opostos que tornam quase impossível perceber a unidade anterior. Mas trata-se só de uma ilusão, Maya; a unidade não se partiu, pois subjaz por trás do véu da dualidade, como bem sabem os gnósticos que conseguem conciliar os

opostos no microcosmo e transcender para o Princípio único. Por isso, é inútil discutir sobre a dualidade ou unidade do Demiurgo, sendo ambos os conceitos a expressão de diferentes "momentos" de seu comportamento, quer dizer, distintas "fases" de seus ciclos de Manifestação, de suas "noites" e "dias". Mas, quando se requer levar em conta o aspecto evolutivo da matéria e suas diferentes organizações, é inevitável a referência aos opostos e à sua dualidade essencial. Então, por simplicidade, e sem esquecer que se trata de "um segundo estado" na natureza do Demiurgo, fala-se de grandes princípios opostos: yin e yang; bem e mal; masculino e feminino; etc. Os sistemas religiosos derivados de tais considerações, como tudo o que é religioso, implica em uma degradação gnóstica, uma queda exotérica, especialmente se os opostos se personificaram e dão lugar a uma devoção por parte de sacerdotes e fiéis. Por exemplo, os três pares de princípios opostos que mencionamos dão lugar, respectivamente, às religiões do Taoísmo, Zoroastrismo e Hinduísmo, e nas três o conhecimento aparece tingido emocionalmente pela redução mítica a que foram submetidos os princípios e pela devoção que implica em todo culto. O caminho do gnóstico, pelo contrário, consiste em evitar a devoção e saltar para os princípios, estabelecendo um contato transcendente com a unidade em que se resolvem as múltiplas dualidades. Mas tal contato não se dá pela via da "fusão com O Uno" nem por nenhum tipo de identificação com o Demiurgo, senão pela compreensão da unidade interior do microcosmo, na qual se reflete o macrocosmo. Esta compreensão é um conhecimento puro, uma gnose, que permite ao virya, após um infinito horror, superar a Manifestação e reconstruir a unidade do Demiurgo para, assim, em uma visão de loucura, comprovar sua insensatez e malignidade intrínseca; entretanto, após o espanto, sobrevém o descobrimento do Verdadeiro Deus, AQUELE A QUEM NÃO É POSSÍVEL CONHECER A PARTIR DO ABISMO. Toda gnose acaba ali, na certeza do Incognoscível, a quem NÃO É POSSÍVEL TRANSCENDER PELO CONHECIMENTO E, POR ISSO, É NECESSÁRIO CRIÁ-LO COM O PODER DO ESPÍRITO. O Vril oferece esta possibilidade absoluta.

A dualidade é, então, mera aparência; mas uma aparência extremamente consistente, enquanto não se tem acesso à gnose definitiva que permita transcendê-la. No estado confuso de "virya perdido", ou durante a transição ao estado de "virya desperto", parte-se de uma percepção diferenciada da realidade e de sua decomposição racional em pares de opostos. Chega-se, assim, ao conceito de que a Manifestação está baseada em um dualismo primordial que, no Hinduísmo, se personifica na figura masculina de um Deus e na feminina de sua "esposa" ou Shakti. Reduzidos analogicamente desta maneira, os Princípios Supremos podem conciliar-se "no matrimônio" dos Deuses, fundindo-se na unidade original ou "engendrando" outras manifestações, também duais. Mas, nos mitos em que os Princípios são femininos e masculinos, há que ver a ação formadora cultural dos espíritos hiperbóreos, combinada com a mecânica racional-emocional do animal homem ou pasu. Shiva e Parvati são só isso: imagens culturais produzidas pela "memória de sangue", hiperbórea, adaptadas para representar os Princípios Supremos pela racionalidade do pasu. Shiva é a recordação do Galhardo Senhor, Lúcifer. Sua esposa Parvati não pode ser outra do que o par extraterrestre de Lúcifer: Lillith.

O tantrismo, que é, como se disse, um sistema gnóstico, caiu exotericamente, após a interpretação de seus textos secretos, feita pelos dualistas do budismo. Eles, que propõem a fusão com O Uno, identificam, no microcosmo, SHIVA COM O ARQUÉTIPO FAMILIAR E PARVATI COM A SHAKTI, QUER DIZER, COM KUNDALINI. Nessa interpretação, o "despertar de Kundalini" e, sua subida até o Ajna chakra, significa "o matrimônio" de Shiva e Shakti. Mas, segundo é fácil deduzir após todo o exposto sobre o Arquétipo Familiar e Kundalini, este "matrimônio" não é mais do

que a recriação do microcosmo em harmonia com o macrocosmo, e a definitiva sujeição ao Plano de Evolução, quer dizer, ao processo do Arquétipo Manu.

Não é este, precisamente, o objetivo da gnose. Para evitar o Nirvana e concretizar o fim da individuação absoluta há, pois, que restabelecer o antigo sentido esotérico dos símbolos tântricos. Só assim será possível compreender o Ritual dos Cinco Desafios.

Para o sadhaka Mengano, a recriação do Arquétipo familiar como modelo do microcosmo, por Kundalini, constitui uma catástrofe. Pelo contrário, ele vai procurar IDENTIFICAR-SE COM O GRANDE ANTEPASSADO HIPERBÓREO, NO MOMENTO CULMINANTE DO MAITHUNA, PARA IMORTALIZAR, COM SUA FORMA, O MICROCOSMO. E esta restauração hiperbórea é o objetivo declarado do quinto desafio; vejamos como se procede para sua consecução.

Dissemos que Kundalini "dorme" em uma bolha de Akasa, sobre o Muladhara chakra. Essa bolha é, em linguagem simbólica, o ovo primordial que contém o gérmen, a semente, da Shakti potencial, indiferenciada. Kundalini Shakti é um reflexo, no microcosmo, do primeiro bija pronunciado pelo Demiurgo ao iniciar a Manifestação e sua consequente separação em pares opostos. Por isso, dizemos que ela é Verbo; Logos plasmador que recria o Plano; Bija de bijas, Palavra de palavras. Mas, se bem que ela, como Logos, possui o princípio de todas as formas, qual é sua própria forma, anterior e primeira, síntese ontológica e ôntica de todo o existente, Forma de formas? É necessário responder a esta pergunta ANTES DE ROMPER O OVO DA SHAKTI porque senão, tal como aconteceu ao destampar a caixa de Pandora, incontáveis males podem se abater sobre o homem ignorante.

Notamos de passagem que a falta de resposta à pergunta anterior ou a ignorância é a causa do que denominamos "despertar de Kundalini por seus próprios meios" pois, ainda que este "despertar" se consiga por meio do yoga, se se descuida do conhecimento formal do bija Kundalini, inevitavelmente se perderá todo o controle sobre seu poder plasmador e se acabará sucumbindo no Nirvana. O gnóstico não busca aniquilar seu Eu e não renuncia à ação, pelo contrário, FORTALECE SEU EU DIRIGINDO ESTRATEGICAMENTE A VONTADE DE ATUAR. POR ISSO, NO GNÓSTICO, É O EU QUEM DESPERTA KUNDALINI, DETERMINANDO SUA FORMA. Não estamos falando da essência, que é "feminina" e se manifesta ativamente como Logos, senão da FORMA que, enquanto Shakti, Kundalini adotará durante sua manifestação.

Se se ignora a pergunta anterior, coisa que ocorre nas Escolas exotéricas de yoga, então Kundalini, ao despertar por seus próprios meios, ADOTA A FORMA DA MÃE PRIMORDIAL, CUJO ARQUÉTIPO "LÊ" NA MEMÓRIA GENÉTICA DO PASU. A ideia do princípio feminino como "mãe" está vinculada à separação por sexo do andrógino animal, antepassado do pasu. Certamente, tal ideia NÃO TEM NADA A VER COM A SABEDORIA HIPERBÓREA, pois os espíritos cativos NÃO TÊM MÃE e seus sexos, segundo se disse em outra parte, não se encontram relacionados com uma função reprodutora.

DEIXAR KUNDALINI ENTREGUE À SUA PRÓPRIA FORMA É PERMITIR QUE SE IDENTIFIQUE PARVATI COM SHAKTI, A "ESPOSA" COM A "MÃE CÓSMICA"; SIGNIFICA A RECRIAÇÃO, O "RENASCIMENTO", NO MICROCOSMO, DO ARQUÉTIPO MANU, SUA ENTELÉQUIA, E, POR CONSEGUINTE: A DERROTA DO ESPÍRITO EM SUA PRETENSÃO DE TRANSITAR INVERSAMENTE PARA A ORIGEM.

Não são poucos os viryas que, em lugar da ansiada liberação do encadeamento material, acabam ainda mais afundados na matéria, devido a uma

incorreta e exotérica prática do yoga. E, nesse resultado, tem muito a ver a pretendida DEVOÇÃO OU ADORAÇÃO que se exige para com a Shakti. Esta atitude emocional denomina-se "desguarnição estratégica", pois o despertar de Kundalini "como mãe" surpreende o virya em um estado de total desamparo, a "adoração", e o leva a sucumbir no processo do Arquétipo Manu.

Vejamos qual deve ser o procedimento esotérico para que o quinto Desafio tântrico culmine com liberação espiritual do virya: É O EU QUEM PLASMA A FORMA PRIMEIRA DO LOGOS PLASMADOR. Isto se consegue projetando sobre o ovo A FORMA DE LILLITH, quem não é "mãe", senão esposa espiritual de Lúcifer e protótipo geral da mulher hiperbórea.

Há que esclarecer expressamente, para dissipar qualquer erro, que Lillith NÃO É UM ARQUÉTIPO, senão uma "recordação de sangue" hiperbóreo.

O problema, para cumprir tal operação, é o seguinte: como um virya perdido, que não conseguiu ainda perceber sua Minne, pode "projetar" a imagem de Lillith, a qual certamente "esqueceu", pela confusão sanguínea? Justamente para isso se estabelece o maithuna, o ato sexual com a "mulher fora": PARA QUE DELA EMERJA A IMAGEM DE LILLITH E SE INTROJETE "DENTRO", RE-CONHECIDA PELO EU, QUEM, POR SUA VEZ, A PROJETARÁ SOBRE O OVO, DEPERTANDO e PLASMANDO A FORMA DA MULHER HIPERBÓREA EM KUNDALINI, RECUPERANDO ASSIM, "DENTRO", A ESPOSA DO GRANDE ANTEPASSADO.

E aqui vem a terrível exigência, a chave fundamental do Mistério de Amor, sem a qual nenhuma prática tântrica tem sentido hiperbóreo: A MULHER DE FORA, A IOGUINI, NÃO PODE SER QUALQUER MULHER, ELA DEVE SER UMA MULHER KALY!

**I – Mulher Eva e Mulher Kaly.**

Exigimos anteriormente "não amar com o coração a mulher de carne"; agora sabemos que além de "não ser amada", a mulher exterior deve ser "Kaly". Existem, pois, dois tipos de mulheres: a "mulher Eva" ou "mulher de carne" ("mulher pasu") e a "mulher Kaly". Para estabelecer com clareza a diferença entre ambos os tipos de mulher, há que se partir do seguinte conceito: após a queda na matéria, por um Mistério de Amor, sobreveio a tragédia da encarnação e a escravidão do Espírito Hiperbóreo; no drama da vida, por sua confusão sanguínea, mas, principalmente, pelo Mistério de Amor em si, o virya ESQUECEU O ROSTO DE SUA COMPANHEIRA HIPERBÓREA, a quem, genericamente, chamamos: "Lillith". Este esquecimento só pode ser qualificado como de "LOUCURA PRIMORDIAL", e, se bem que algumas vias de liberação permitem ao virya transitar o caminho inverso em solidão, o tantrismo, pelo contrário, exige A RECORDAÇÃO PRÉVIA DO ROSTO DA PROMETIDA PARA PLASMAR, COM SUA FORMA, O OVO DE KUNDALINI SHAKTI. O problema consiste, então, em DAR UM ROSTO A LILLITH, suprema experiência que significa: CONTEMPLAR NOVAMENTE, APÓS MILHÕES DE ANOS DE INFÂMIA, A DIVINA FACE DA MULHER HIPERBÓREA.

Há que se entender que estamos ante um mistério fundamental do drama humano e que este só pode ser "esboçado" literariamente, "insinuado" através de símbolos e chaves. Porque agora exporemos qual é a diferença entre a mulher Eva e a mulher Kaly, mas tal explicação será sempre insuficiente, a menos, que se consiga transpassar gnosticamente o véu dos símbolos. O problema: "dar um rosto a Lillith", pode apresentar-se deste modo: se o virya esqueceu "dentro" o rosto de sua prometida: pode, por acaso, encontrá-lo "fora", "projetando", por exemplo, o rosto "esquecido", quer dizer: inconsciente, sobre uma mulher de carne? Sim; tal possibilidade existe, mas,

repetimos, A MULHER EXTERIOR, A IOGUINI, NÃO PODE SER QUALQUER MULHER. E agregamos: a mulher Kaly É AQUELA QUE RE-VELA, DES-COBRE, O ROSTO ESQUECIDO PARA SUA CONTEMPLAÇÃO FORA. Por que Kaly? Porque Lillith "fora" é Kaly.

É necessário darmos algumas voltas em torno deste Mistério. A princípio, devemos fazer uma distinção: a "projeção" de Lillith NÃO É SEMELHANTE À PROJEÇÃO DE UM ARQUÉTIPO, POIS ELA É UMA RECORDAÇÃO DE SANGUE. Qual é a diferença? Que todo Arquétipo do microcosmo se encontra refletido em Arquétipos do macrocosmo e, por isso, A PROJEÇÃO DE UM ARQUÉTIPO INCONSCIENTE, DE "DENTRO", NÃO SOFRE DEFORMAÇÃO "FORA". Mas a recordação de sangue hiperbórea não tem equivalências simbólicas no macrocosmo e, então, sua projeção NÃO É FORMADA SENÃO CON-FORMADA, COM-POSTA, a partir dos "quanta arquetípicos de energia" (U.E.V.A.C.) que intervém na matéria reflexiva. Há, pois, uma importante deformação quando a recordação de sangue é vista "fora", no mundo de Maya, a "ilusão". No caso do Belo Rosto de Lillith, devemos assumir que a deformação é atroz, dado que o mesmo, "fora", transformou-se na feroz imagem de Kaly, "A Negra". Mas, ao virya perdido não resta outra alternativa, se cometeu a loucura de esquecer O Belo Rosto, do que descobri-lo, reencontrá-lo, no mundo, transformado EM TERRÍVEL DEIDADE... e AMÁ-LO ASSIM.

Kaly é uma imagem de loucura, porque foi uma loucura esquecer Lillith. O sadhaka ocidental, ao buscar Kaly no mundo, enfrenta-se à loucura de contemplar seu negro rosto e de assistir sua dança frenética; por isso a Sabedoria Hiperbórea aconselha não apresentar o quinto Desafio a menos que se esteja disposto a AMAR KALY. Mas aqui, por "amor", entende-se outra coisa diferente do amor cortesão que já definimos anteriormente. Amar Kaly significa TRANSMUTAR O ÓDIO DA MULHER KALY EM UM FOGO FRIO QUE GELARÁ PARA SEMPRE O CORAÇÃO DO SADHAKA. Mas, como se pode compreender esta afirmação, sem conhecer a mulher Kaly? Estamos referindo-nos a um grande Mistério, mediante símbolos, palavras insinuantes, que talvez provoquem uma intuição; mas a verdade só pode ser conhecida através da luta e do confronto.

A mulher Kaly, no Ocidente, não será fácil de encontrar, se se a busca com a mente carregada de dogmas e preconceitos, com o coração sensível à moral "cristã", sentindo ódio ou amor para com a família, quer dizer, experimentando relações afetivas. O tantrika é o mais duro dos viryas: "duro entre os duros", e ninguém pode transitar seu caminho se está abrandado pela cultura ocidental ou é sensível às ilusões da vida, ou seja: se ainda pode ser capturado pelos fatos culturais e incorporado ao processo dramático dos Arquétipos psicoides. Por que tantas advertências? Porque a mulher Kaly só pode ser distinguida POR SUA ATITUDE PARA COM O SEXO e o sexo constitui um "tabu" da "cultura ocidental", quer dizer: uma premissa cultural preeminente, que atualmente condiciona o julgamento das pessoas.

Se supomos superadas as barreiras culturais, que impediriam não só distinguir a mulher Kaly, senão aceitá-la como iniciadora, poderemos considerar seu perfil psicológico, única forma de que dispomos para reconhecê-la. Com efeito: dentro da confusão que reina nas sociedades ocidentais, dever-se-á localizar a mulher Kaly partindo de sua conduta sexual, requisito que será difícil cumprir, a menos que se disponha de elementos psicológicos reveladores. Vamos dar alguns de tais elementos e tentaremos descrever o perfil psicológico da mulher Kaly, aludindo a seus traços mais destacados, mas, sem dúvida, estes chocarão a "moral cristã".

Em primeiro lugar, digamos que se a mulher Kaly é imprescindível para o maithuna do quinto Desafio, NÃO É NECESSÁRIO QUE ELA SAIBA QUE O É. Na

realidade, é conveniente que a mulher não conheça nada de tantrismo, nem do que se espera dela, para evitar sua simulação dos estados espirituais ou qualquer predisposição para o maithuna, fora da estritamente sexual. Se se conta com uma mulher Kaly, não é importante O QUE ELA PENSE: SÓ SUA PRESENÇA ASSEGURA O ÊXITO DO QUINTO DESAFIO. Por outro lado, há que declarar de cara que, APÓS O MAITHUNA RITUAL, SE ESTE CUMPRIU O OBJETIVO DE DESPERTAR O SADHAKA, É CONVENIENTE NÃO VOLTAR A VER A MULHER KALY.

Todas estas condições nos dizem que o sadhaka ocidental deve preparar-se SOLITARIAMENTE para apresentar os Cinco Desafios e que o quinto, o maithuna, tem de praticar com uma mulher Kaly escolhida previamente, a qual será "desconhecida", quer dizer, de nenhum ou quase nenhum trato. Desta maneira se salva o caráter reservado e que, enquanto "sacerdotisa", tem que exibir a ioguini; no Ocidente não existem sacerdotisas iniciadas no Tantra e, portanto, é necessário tomar a mulher Kaly em um sentido hierático que restitui o caráter sacerdotal da sua função iniciadora.

Vejamos agora quais são os traços mais destacados da mulher Kaly.

No Oriente, afirma-se que a "mulher Kaly é prostituta", mas naturalmente, a palavra "prostituta" alude ali a outro sentido diferente ao de "comércio sexual por dinheiro" que se lhe outorga no Ocidente. Há ali um conceito, desconhecido no Ocidente, de "prostituta sagrada" para definir certo tipo de sacerdotisas que, em determinadas datas, oficiam a iniciação (DIKSHA) tântrica dos sadhakas, praticando o maithuna. Mas tais sacerdotisas, ainda que copulem com diferentes homens em cada iniciação, não o fazem por dinheiro, prazer, ou qualquer outro motivo de interesse material; senão pelo objetivo religioso de "representar a esposa de Shiva" durante o matrimônio mágico celebrados nos chakras do sadhaka. O que se desconhece no Ocidente é que a "prostituição sagrada" não é simplesmente uma prática que se pode ensinar e aprender qualquer mulher, senão que os Gurus selecionam especialmente as mulheres que vão tomar o sacerdócio, para detectar com exatidão a mulher Kaly. É tão desconhecido este tema que para muitas pessoas lhes custa aceitar o fato de que um Iniciado Kaula pode saber se uma mulher tem condições para ser "prostituta sagrada", apenas observando-lhe os olhos, ainda que se trate de uma menina. A incompreensão que produz este tema demonstra a diferença tremenda que existe entre a mentalidade ocidental e a oriental... com desvantagens esotéricas para a primeira. Isso de "observar seus olhos" não se trata de um eufemismo, senão de uma verdade literalmente transcrita; pois NOS OLHOS DA MULHER KALY, HÁ GRAVADO UM SINAL DE MORTE. Quem não saiba "ler" este sinal, especialmente o sadhaka ocidental, deverá distinguir a mulher Kaly, segundo já dissemos, por sua conduta sexual. Como? Porque há algo especial em sua conduta sexual que a mulher Eva não possui, e que se explica perfeitamente com o conceito oriental de "prostituta sagrada". Com efeito: a mulher Kaly é "prostituta", mas esta palavra não alude ao "comércio carnal", senão a UMA ATITUDE PARTICULAR PARA COM O SÊMEN DO HOMEM, que só elas possuem e que, no Ocidente, é muito característico das verdadeiras prostitutas, as que "fazem amor por dinheiro" segundo comumente se diz, mas que de nenhum modo é exclusivo das "mulheres públicas", senão que se dá também, com muita frequência, entre as "mulheres honestas", quer dizer, aquelas que copulam tanto ou mais que as rameiras, mas "não o fazem por dinheiro". Seja como for, o importante é que a mulher Kaly mostra "uma atitude particular para com o sêmen do homem" que a caracteriza, que é inata, quer dizer, "não se adquire por aprendizagem"; e que pode se antecipar, se se sabe ler o "sinal de morte" que está gravado em seus olhos. Expressaremos sinteticamente qual é tal atitude, mas ter-se-á que refletir muito sobre isso, pois há aqui, encoberta, uma das chaves do Mistério de Amor: A MULHER KALY

É AQUELA QUE TENTA ARRANCAR, POR QUALQUER MEIO, O SÊMEN DO HOMEM. Por causa desta característica é que os sadhakas orientais devem submeter-se a uma rigorosa preparação física e mental para controlar a ejaculação seminal durante o maithuna: não se trata só de retenção seminal e de inverter o sentido do orgasmo, senão de superar toda a poderosa força de vontade que a mulher Kaly aplica para apoderar-se do sêmen e exteriorizá-lo no mundo. Para completar o conceito, há que se ver na atitude da "mulher Kaly" uma dissociação do prazer e a função sexual. O prazer não costuma ser, para ela, a culminação do ato sexual, uma espécie de recompensa para uma ginástica bem-feita, senão que, pelo contrário, existe uma eterna insatisfação na mulher Kaly, que constitui um dos motivos de sua prostituição. Não é que a mulher Kaly não experimente o prazer do orgasmo: sua insatisfação não tem origem fisiológica, senão psicológica e até nos atreveríamos a dizer "espiritual", se soubéssemos que não seríamos mal interpretados e que "se sabe" de que tipo de mulher estamos falando.

De quanto falamos sobre a mulher Kaly, será na dissociação do prazer onde deverá se buscar a diferença fundamental com a mulher Eva. Esta apresenta como principal objetivo do sexo a busca do prazer e jamais se lhe ocorrerá, que não seja circunstancialmente ou por alguma perversão, "provocar" nada no homem e muito menos abrigar A TODO MOMENTO a intenção de arrancar seu sêmen. Por conseguinte, a mulher Eva costuma "entregar-se" ao ato sexual de uma maneira totalmente passiva, esperando "receber" o prazer. A mulher Kaly, pelo contrário, é totalmente ativa e transcorre com lucidez o maithuna, tentando provocar o orgasmo masculino.

Estas atitudes "passiva" e "ativa" de Eva e Kaly se relacionam com certos mitos antigos que os hebreus expurgaram dos relatos do Gênese; relatos de origem Atlante que Moisés recolheu no Egito. Antes da censura, o Gênese narrava a história de Adão no Paraíso, fazendo menção de DUAS mulheres que foram suas esposas: a primeira, Lillith, cujo mágico nome desapareceu completamente da Bíblia, mas que ainda se conserva em numerosos Midrash hebreus; e a segunda, Eva, a quem o Gênese atribui uma participação fundamental na queda de Adão, chamada sugestivamente "mãe de todos os mortais". O que aconteceu com Lillith, a primeira esposa de Adão? Robert Graves, após investigar junto ao rabino Raphael Patai centenas de Midrash e documentos da Tradição judaica, recompilou os mais importantes mitos em seu livro "Os Mitos Hebreus"; ali lemos o seguinte, como resposta: "Adão e Lillith nunca encontraram a paz juntos; pois quando ele queria deitar-se com ela, Lillith considerava ofensiva a postura deitada que ele exigia. Por que hei de deitar-me debaixo de ti? – perguntava – eu também fui feita com pó, e por conseguinte sou tua igual!". Como Adão tratou de obrigá-la a obedecer pela força, Lillith, irada, pronunciou o nome mágico de Deus, elevou-se no ar e o abandonou. "Logo, em outro mito, explica-se que Deus criou uma segunda esposa para Adão, Eva, utilizando uma costela ou "a cauda", tal como ficou escrito finalmente no Gênese. Do que não cabe dúvida é que o mito anterior, que algum dia foi considerado uma verdade tão certa como os restantes relatos da Bíblia, tem milhares de anos de antiguidade; e que deve registrar, como todo mito, uma origem transcendente, uma alusão a alguma verdade primigênia. Neste sentido, não se deve estranhar que Lillith, após sua fuga do Paraíso, se tornasse uma figura demoníaca, um "demônio de luxúria", segundo as tradições do Oriente Médio, especialmente árabes, judaicas, assírio babilônicas e sumérias; pois, já o dissemos, "Lillith no mundo é Kaly".

Não é nossa intenção desentranhar o mito antes apontado; só queremos destacar que há milhares de anos, muito antes de que existisse o tantrismo, JÁ SE SABIA QUE A MULHER KALY DESEMPENHA UM PAPEL ATIVO DURANTE O ATO

SEXUAL E QUE EXIGE, PARA ISSO, UMA POSTURA DETERMINADA. E, por isso, o sadhaka ocidental não tem necessidade de estudar o Kamasutra para estabelecer sua posição durante o maithuna: a mulher "embaixo", em atitude passiva, corresponde ao tipo "Eva"; e a mulher "em cima", de joelhos, em atitude ativa, expressa claramente o tipo "Kaly". O sadhaka ocidental que decida apresentar o quinto Desafio tem que estar preparado mentalmente para receber Kaly. Nem por um instante pode pensar em obter prazer do maithuna e, pelo contrário, tratará de envolver-se em um clima de sagrada expectativa. A mulher Kaly, já o avisamos, pode não ser agradável, especialmente se foi localizada no mundo da prostituição; mas é inevitável que assim ocorra devido ao Mistério de Amor. A mulher Kaly, que é capaz de revelar Kaly, representa também o Kaly Yuga; e, por isso, sua feiura será tanto mais terrível quanto mais perto se encontre uma sociedade do "fim do Kaly Yuga", quer dizer: quanto mais profundamente nos internemos no espírito de Ocidente. Esta é a mensagem hiperbórea que contém a denominação "Idade Kaly", da qual falávamos em outro inciso. A mulher Kaly demonstra uma atitude especial para com o sêmen do homem que, segundo dissemos, é característica da prostituta. Podemos extrair certas conclusões desta afirmação, que nos permitirão aproximar-nos simbolicamente à negra Kaly. Em primeiro lugar, a mulher Kaly, como prostituta, não copula para procriar; e, desse modo, corresponde à figura de Kaly quem, por ser o reflexo exterior de Lillith, representa o Espírito Feminino Hiperbóreo, o qual não possui o sexo associado com uma função reprodutora. POR ISSO, EXISTE UM SINAL DE MORTE NOS OLHOS DA MULHER KALY: PORQUE SEU VENTRE INFECUNDO CONSTITUI A SEPULTURA DA SEMENTE HUMANA. ELA PRETENDE ARRANCAR A SEMENTE E DEPOSITÁ-LA EM SEU VENTRE; MAS NÃO DESEJA QUE A MESMA FRUTIFIQUE: ESTA É A ATITUDE LUCIFÉRICA DAS MULHERES KALY (ou Lillith). Ela não deseja filhos, se os tem são "não queridos" e certamente vêm marcados pela fatalidade. Tampouco deseja o prazer como a mulher Eva; e se acessa o maithuna, talvez o faça por outros motivos, tais como o dinheiro, a curiosidade ou a intriga. TAMPOUCO DESEJA SER AMADA, ainda que costume aceitar o cortejo de seus admiradores, os quais, geralmente, ignoram a periculosidade da mulher Kaly: ELA DESTRUIRÁ SEM PIEDADE O IMBECIL QUE SE ATREVA A AMÁ-LA COM O CORAÇÃO.

Pelo contrário, a mulher Eva se "entrega" ao amor e ao sexo com a mesma inconsciência, fazendo um papel passivo e secundário. Em seu ventre fértil, a semente frutifica e produz filhos de carne. Mas o mais importante é que a mulher Eva é "mãe", representa a Mãe Cósmica, o Arquétipo Feminino da Shakti, emanado pela Mente do Demiurgo, e, por isso, expressa o mesmo caráter FIXADOR de Kundalini Shakti. Quando o homem atual associa sua vida à de uma mulher Eva, praticamente cessa a evolução de seu Arquétipo Familiar; pois fica FIXADO no ponto de desenvolvimento alcançado até o momento em que se celebra o "casamento da carne". A partir dali se produz um processo de aperfeiçoamento das estruturas culturais, que pode dar a sensação de que existe um verdadeiro progresso, mas só se trata da percepção dos desdobramentos que realiza a "persona" A PARTIR DO NÍVEL FIXADO. A mulher Eva, por ser mãe, fixa seu "esposo" em um determinado nível evolutivo do Arquétipo Familiar; mas isso não preocupa ninguém, pois as pessoas, por temor, não desejam progredir demasiadamente no desenvolvimento do Arquétipo preferindo, em troca, manterem-se dentro dos limites formais, a que o cinge o "olhar" de sua mulher de carne.

A mulher Kaly manifesta uma particular predileção em destruir a obra da mulher Eva, a quem despreza, utilizando, para isso, o poder de seu Sinal de Morte. Ela dispõe dos meios para "encantar" o bom esposo e afastá-lo do círculo fixador de seu

matrimônio da carne, dando a este a possibilidade de renascer, quer dizer, de começar a viver outra história, liberado já da influência fixadora da mulher de carne.

Mas, nem bem conseguiu seu objetivo, a mulher Kaly "quebra o feitiço" e abandona, como fez Lillith com Adão, o virya perdido, o qual, se é forte, poderá superar e aproveitará a oportunidade de voltar a viver; ou, se é pusilânime, arrastar-se-á novamente, buscando a proteção materna e fixadora da mulher Eva. Há que se entender aqui que só aqueles viryas perdidos que possuem alguma possibilidade de "orientar-se" são seduzidos por mulheres Kaly, o que constitui, de certo modo, um privilégio; ainda que toda uma vida burguesa e prazerosa possa ficar destruída. Em síntese, logo que a mulher Kaly tenha liberado o virya da teia de aranha da mulher Eva, este ficará entregue às suas próprias forças; e então, o que seja "como águia" voará e caçará; e o que seja "como verme" se arrastará e será devorado.

**J – Execução do Ritual dos Cinco Desafios.**

O Mistério da mulher Kaly é profundo, e em muitos aspectos insondável; opaco às indagações meramente intelectuais. Para saber Dela, o melhor é enfrentar o Mistério vivente de sua pessoa e buscar ali, na escuridão do Abismo, a revelação da verdade; cada um, assim, recolherá aquela parte do Mistério que lhe corresponda, segundo a pureza de seu sangue; e se esse contato pessoal com a mulher Kaly, dentre a imundície de sua prostituição, se vê surgir a horrível figura da antiga Deusa, então sim, praticamente ficará demonstrado que a indagação não era em vão, que não se tratava de um capricho cultural, senão de um grito que brotava do rio de sangue puro. Depois da visão da loucura, o virya nunca mais voltará a ser o mesmo; efeito que não conseguirá nenhum comentário literário ou explicação intelectual.

Por isso é fútil, e até certo ponto sacrílego, comentar, como o vimos fazendo, alguns aspectos, por mais exotéricos que sejam, do Mistério de Amor. Estamos persuadidos de antemão de que a verdade esotérica permanecerá sempre oculta por trás dos símbolos, de tal modo que nossa intenção é simplesmente aproximar ao Mistério, para que este, qual massa gravitacional, atraia com força irresistível a consciência do virya. Não foi outro o critério com que tratamos o Ritual dos Cinco Desafios, tentando induzir intuições que revelam o terrível Mistério de Amor, cuja essência esotérica está além, muito além das palavras e símbolos. Agora toca-nos completar a descrição do quinto Desafio, onde se resumirão e terão mais sentido os comentários e explicações prévias, e não parece ocioso agregar uma última advertência: HÁ QUE SE TER PRESENTE QUE NINGUÉM PODE EXPOR EFETIVAMENTE OS ESTADOS PSICOLÓGICOS DE UMA EXPERIÊNCIA INICIÁTICA.

O QUE MAIS SE PODE PRETENDER, NESSE SENTIDO, É MOSTRAR OS PASSOS CONCRETOS E ALUDIR AOS SÍMBOLOS FUNDAMENTAIS.

O que faremos, então, será ENSINAR UMA FÓRMULA para a iniciação tântrica ocidental. Mas esta FÓRMULA, que seguirá passo a passo o virya Mengano, só será desvendada por quem tenha transitado o caminho prévio, desde a Prova de Família até o Quinto Desafio, e possua um coração duro e frio como o Monte Kailás. Pelo contrário, desalentamos de efetuar estas práticas a todo aquele que não reúna as condições exigidas.

No destino do Guerreiro, existem certos momentos particulares durante os quais os antigos símbolos arquetípicos ressuscitam e se inserem dramaticamente em sua trama: o aprendizado, as provas, o batismo de sangue ou fogo, o combate, a batalha, a derrota, o prêmio e o castigo, a morte, etc., são todos marcos repetidos mil vezes em circunstâncias semelhantes por outros tantos guerreiros. E em cada um de tais momentos, o guerreiro experimenta um estado de ânimo característico,

especialmente relacionado com os símbolos concretos de que se compõe a estrutura dos fatos. Mengano, que é um guerreiro experiente, já conheceu as alegrias do triunfo, a paciência do sitiador e o desespero do sitiado, o fervor da batalha, a dor de perder um camarada, a surpresa da traição e os mil sentimentos do amor. No guerreiro, todos os estados de ânimo jazem NO VALOR, sem chegar jamais a transpassá-lo. Mas o valor requerido para apresentar o quinto Desafio é maior do que o necessário para enfrentar qualquer outra situação do Destino do Guerreiro, mais ainda que a luta corpo a corpo contra um feroz inimigo que tenta tirar-lhe a vida. Não se deve, pois, enganar ninguém, se declaramos que o estado de ânimo de Mengano é de uma serena expectativa, de uma disposição quase religiosa frente à iminência do Mistério: sob a serenidade das águas da alma subjaz o fundo de aço de um valor inabalável; imprescindível, por outro lado, quando se decidiu resolver o Mistério de Amor pela via do tantrismo.

Quem não conhece a ESPERA DO A-MOR[8] não poderá compreender qual é o estado de ânimo que deve ter o sadhaka ao apresentar o quinto Desafio. No Oriente, para transpor tal dificuldade, exige-se ADORAR A DEUSA, DESCOBRINDO-A NA SHAKTI, quer dizer, na ioguini. Mas esta ADMIRATIONIS SACRA é menos conhecida ainda no Ocidente. Por isso, talvez convenha esclarecer que durante a "espera do Amor" experimenta-se um afeto modesto e casto, "como o amor à irmã ou à noiva", que não pode tingir-se nem por um instante com o fogo de uma paixão, cuja origem seja o desejo de possuir fisicamente a mulher; a esta última paixão chamamos de "animal", própria da natureza do pasu. Para compreender porque é NECESSÁRIA tal disposição de ânimo, consideremos a seguinte alegoria: o sadhaka está no caso daquele que perdeu uma preciosa joia, recordação dos seus antepassados, da qual ignorou durante muito tempo seu paradeiro; de repente, um dia descobre que a mesma tinha permanecido desde então afundada no lodo de um fétido pântano; resgatá-la não parece tarefa difícil, entretanto, é NECESSÁRIO preparar-se animicamente para superar a náusea que sobrevirá ao entrar em contato com o miasma; se se age prevenido, será possível vencer a apreensão: para isso se requer muito valor e decisão; suponhamos agora que se conseguiu resgatar a joia: entre as mãos enlodadas, ela não brilha: é preciso LAVAR COM ÁGUA LIMPA, purificar, batizar, tirar o barro, apagar as manchas, antes de APRECIAR DE NOVO SUA BELEZA; ENTÃO, SÓ ENTÃO, SERÁ RECONHECIDA COMO A JOIA PERDIDA E SOBREVIRÁ A ALEGRIA DO REENCONTRO. De análoga maneira, há de se predispor-se o sadhaka para buscar Kaly, a joia enlodada, no pântano da mulher Kaly... e terá que contar com muito valor e decisão, e com um afeto pudico e casto, para superar sua náusea.

É no quinto Desafio, mais do que em nenhuma outra via iniciática, onde o Mistério da Morte é mais patente. Enfrentar Kaly significa a Morte ou a loucura, que é outro tipo de morte. Mas desta Morte é possível ressuscitar, renascer imediatamente; porque a resolução do seu Mistério, a gnose, situa o sadhaka Além de seu alcance, tornando-o imortal. Dali a NECESSIDADE DO VALOR E DO PUDOR: o valor é necessário para vencer o pudor da Morte, que é terror. Como bem disse o Judas de Lanza del Vasto, ao contemplar a carniça, "A atenção de ti, Morte, nos devoraria todos em seguida, se a natureza não tivesse erigido em torno de toda voluptuosidade o muro

[8] Um conceito poético do A-mor poderá se encontrar no livro de MIGUEL SERRANO, "Nos, el Libro de la Resurrección", Ed. Kier, Buenos Aires.

do pudor. O pudor de ti, Morte, é terror, e raros são aqueles que o forçam; seu prazer é abismo"[9].

Valor para vencer o pudor da Morte, que é Terror; e casta expectativa para vencer as paixões animais, são os dois aspectos essenciais da "espera do A-mor". Mas, após a "espera", sobrevém o Amor, que, na alegoria simboliza-se com "a alegria do reencontro" ao contemplar a joia perdida, limpa de toda imundície, quer dizer, Lillith sob o véu terrível de Kaly. Este A-mor é diferente do amor e até, diríamos, contrário a ele: quando se possui o A-mor já não é possível sentir amor por nada nem por ninguém. O amor é sempre "por algo", requer um objeto de referência e, como toda relação, depende diretamente da estrutura cultural, que é quem determina, nas distintas épocas e lugares, sua "forma" característica: o amor encontra-se determinado formalmente pela moral, quer dizer, pelos costumes[10]. O A-mor, pelo contrário, não registra objeto algum de referência, pois é "sujeito de si mesmo" e só é possível experimentá-lo quando se "reencontrou" Kaly e se celebraram o matrimônio mágico, alcançando-se a individuação absoluta. O A-mor é também, como o Gral, um reflexo da Origem: mas um reflexo PROJETADO SOBRE O EU; o A-MOR É, ENTÃO, A INTUIÇÃO DO VRIL. Nada eterno liga quem alcançou a felicidade eterna do A-mor; e, por isso, por carecer de amor para com os objetos externos, os gnósticos são temidos e infalivelmente perseguidos pela Sinarquia. É que o A-mor, segundo dissemos, é CONTRÁRIO ao amor, mas não OPOSTO a ele; entretanto não se costuma perceber esta diferença se considera, sem mais, o A-mor como OPOSTO ao amor. Mas o oposto ao amor é concretamente o ódio; daí a identificação entre o A-mor e o ódio, o que não constitui mais do que um disparate mal-intencionado. Os ϟϟ da Ordem Negra, por exemplo, que recebiam a iniciação de A-mor e manifestavam "uma falta total de amor pelas coisas do mundo", foram qualificados de "filósofos do ódio" pelos panegiristas da Sinarquia. Naturalmente que nós opinamos que se ser valoroso e duro, mas ao mesmo tempo belo como um Deus, e desprezar a miserável obra do Demiurgo, é sustentar uma filosofia do ódio, DECLARAMO-NOS PARTIDÁRIOS DE TAL FILOSOFIA! De qualquer maneira, não podemos A-mar o que ama o pasu e, certamente, A-mamos o que ele odeia.

O sadhaka Mengano, antigo guerreiro, já bebeu o vinho do sangue puro, comeu a carne, o peixe e o cereal, e meditou profundamente sobre o sentido esotérico desses Desafios. E, como produto de tais meditações, se predispôs animicamente a "esperar o A-mor". Vejamos, em seguida, a FÓRMULA tântrica que Mengano emprega, ao apresentar o quinto Desafio.

Com uma mulher Kaly, que é também uma verdadeira prostituta, pactuou por uma soma de dinheiro sua participação no maithuna e a conduziu, para isso, a um ambiente adequado; quer dizer, a um lugar onde é possível tomar um banho e ficar nus o tempo que for necessário[11]. Não existe nenhum afeto entre Mengano e a mulher Kaly, mas este não cessou de entretê-la e lisonjeá-la, desde o próprio momento em que fecharam o trato, festejando sua "beleza" e cumulando-a de presentes "símbolos": flores, perfumes, pulseiras, cosméticos, etc.; e também prometendo futuros encontros,

[9] JUDAS – Lanza del Vasto – Pag. 98 – Ed. Goyanarte, Buenos Aires.

[10] "Moral" vem do latim MORES = costumes.

[11] Nesta "fórmula", se levou "ad extremum" o tipo da mulher Kaly, ao situá-la no mundo da prostituição. Há que se afirmar que Ela poderia ser encontrada em qualquer outro lugar e que, tal como ocorre com o "virya perdido", que ignora seus ancestrais hiperbóreos, muitas mulheres também o ignoram. Estas "viryas perdidas" desconhecem que NO LADO ESCURO DE SUA ALMA HABITA A DEUSA DA MORTE, E QUE SEU TERRÍVEL PODER AS HABILITA PARA SACRALIZAR O AMOR DO GUERREIRO.

nos quais sua generosidade será ainda maior. Mengano procura, com tão insólita conduta, criar a sensação de ser "inexperiente" ou "bobo", para provocar na mulher Kaly a cobiça, a vaidade e o desprezo, e evitar definitivamente a possibilidade de que surja nela algum afeto positivo. Enquanto a mulher Kaly aguarda nua sobre o leito, regalando-se com a ideia de depenar o incauto sadhaka, este toma um banho, durante o qual intensifica o estado de ânimo de "espera do A-mor", que já definimos. Antes de abandonar o banho Mengano repassa os "pedaços" do Arquétipo Familiar, Zutano, Montano, Bellano, etc., assegurando-se de que esteja completo em seu interior; quando percebe a inequívoca sensação de que o fluxo de seu rio se multiplicou, aí então ingressa no recinto da mulher Kaly.

Os olhos do gnóstico atravessam as ilusões do mundo para ver outras realidades que subjazem além dos véus culturais, quer dizer, além da Estratégia do Grande Enganador. Mas esse olhar traz à consciência imagens dramáticas que revelam a Presença do Demiurgo em cada átomo de matéria: já não será possível para o gnóstico contemplar a natureza como "paisagem", pois o processo dos Arquétipos psicoides que a sustentam se desenvolve ante sua visão aguçada. Por isso, ao observar a mulher Kaly nua sobre o leito, o sadhaka não pode deixar de pensar no pântano que oculta sob imundo lodo a joia extraviada no passado. Ó, escuridões do corpo e da alma! Em que profundezas encontraremos a luz da Verdade esquecida?

Nesse corpo prostituído, após essa vontade degradada, sob essa beleza carnal que se esfuma, mostrando a corrupção em que se apoia, ali – vejam todos! – oculta-se a Deusa da Morte. Até ela chegamos, para amá-la, e superar a miséria da Vida. Ó Lúcifer, dai-nos a força de teu Raio Verde para resistir à visão do Negro Rosto! Só assim poderemos devolver ao mundo as maçãs da Traição Primordial! E só assim, Ó Lúcifer, poderemos reencontrar Lillith e desposá-la, para reempreender logo, já transmutados, o caminho inverso que nos levará até teu exército de heróis imortais! A contemplação da mulher Kaly, para aquele que se dispôs a "esperar o A-mor" produz uma ADMIRATIONIS SACRA, uma experiência de transcendência suprema; mas não é possível estender-se mais do que uns instantes nela.

O sadhaka Mengano situa-se junto à mulher Kaly e se entretém alguns minutos em um jogo erótico que consiste em tocar, repetindo interiormente certos mantras, suas zonas erógenas. O propósito deste exercício não é excitar a mulher Kaly, possibilidade remota de conseguir em uma profissional do sexo, senão ganhar sua confiança para a solicitação do BEIJO NEGRO. Antes de explicar de que se trata, convém avisar novamente que a mulher Kaly TENTARÁ ARRANCAR O SÊMEN DO SADHAKA POR QUALQUER MEIO, o que constitui um perigo, durante os jogos eróticos prévios, que pode fazer fracassar o sadhana[12]. Por isso, se exige uma grande concentração, não somente na retenção seminal senão no estado anímico "pudico e casto", que evitará ser dominado por paixões animais. O sadhaka Mengano virou-se de costas, para que a mulher Kaly lhe administre o BEIJO NEGRO, a umas duas polegadas acima do ânus; e enquanto ela o faz, ele, retendo a respiração e dirigindo a consciência para o ovo onde dorme Kundalini Shakti, pronuncia o mantra "Lillith". ESTE É O PRIMEIRO CHAMADO A LILLITH. Depois do BEIJO NEGRO, deve começar o maithuna. Para isso, o sadhaka se deita com o Lingam[13] para cima e solicita à mulher Kaly que se coloque na "posição de Lillith", quer dizer, de joelhos, sentada sobre seu corpo, E QUE SE MANTENHA ASSIM. Nesta primeira parte do Maithuna, o Lingam deve permanecer

[12] SADHANA = "prática" tântrica.

[13] LINGAM = pênis.

introduzido no yoni[14] SEM QUE OS CORPOS SE MOVAM, durante um tempo bastante longo. As mãos do sadhaka, ao menos em algum momento, tocam os seios da mulher Kaly; mas logo as coloca, com o mudra do punho, sobre o seu umbigo.

É neste momento que a sorte do sadhaka está em jogo e o êxito da iniciação tântrica depende somente da pureza sanguínea do sadhaka. Entrecerrando as pálpebras, mas não o bastante para não ver através delas, e tratando de que a mulher Kaly não consiga perceber se é observada, Mengano efetua então, um dos passos mais delicados da sua "fórmula": FAZ-SE RIO. Identifica sua consciência com a corrente líquida e logo se sente correr, deslizando-se por um canal, transformado em rumoroso riacho. Há que se assinalar que esta experiência falha SE SÓ SE VÊ O RIO E NÃO SE EXPERIMENTA SER RIO. Pelo contrário, É NECESSÁRIO QUE A CONSCIÊNCIA SEJA LÍQUIDA E SE DERRAME INVERSAMENTE POR UM LEITO QUE TEM CADA VEZ MAIOR INCLINAÇÃO.

Primeiro, Mengano foi um riacho de água cristalina, que corria alegremente por um canal de margens baixas, seu "eu" estava em todas as partes, mas principalmente na superfície, contemplando placidamente como ficavam para trás os campos cobertos de relva que se alternavam, a cada tanto, com negros bosques de árvores centenárias. E, de repente, e logo ao rodear a ladeira de um monte policromado, entre redemoinhos de protestos e salpicos de alegria, a confluência de outro leito veio somar mais fluxo à corrente do Mengano.

Em pouco tempo, após várias confluências semelhantes, Mengano sentiu-se rio caudaloso que avançava com arrogância por um vale de colinas baixas, recortadas nitidamente contra um céu celeste, sem matizes. Os salgueiros, inclinados preguiçosamente, se compraziam em acariciar com seus ramos as águas já não tão limpas, mas cada vez mais violentas e rugidoras. Sucederam-se incontáveis dias e noites, enquanto o rio Mengano, já muito torrencial, continuava subindo os antigos leitos, tornando-se fragorosas cascatas, golpeando com tenacidade as rochas das margens, arrancando, às vezes, fracas árvores e sentindo que o sol aquecia o seu fluxo para levar-lhe a água, que logo devolvia a refrescante chuva. À medida que se somavam os fluxos afluentes, as águas do Mengano tornavam-se cada vez mais vivas; já não se tratava só de peixes, répteis e crustáceos, camalotes, samambaias e vitórias-régias: todo um universo de criaturas viventes habitava e se nutria do rio de consciência! A maioria de tais seres eram desconhecidos ATÉ ENTÃO para o olhar maravilhado de Mengano, quem, pela primeira vez, compreendia o que é um OBJETO-SÍMBOLO-VIVENTE. Há certos órgãos no corpo humano que a cultura nos assegura que são comuns a todos os homens, e dos quais suspeitamos sua existência em nosso corpo, mas aos que não poderemos ver nunca, a menos que pratiquemos nossa própria dissecação; da mesma maneira, como se, de repente, pudéssemos tomar consciência desses órgãos, dos quais possuíamos só obscuras intuições, assim foi o descobrimento que fez Mengano daqueles símbolos viventes, que eram tão seus como os órgãos de seu corpo e que tinham permanecido até então indiferenciados como estes. E, por isso, enquanto fluía caudaloso por um país de altas montanhas nevadas e temíveis nevascas, era consciente da esmagadora multiplicidade de si mesmo e chorava umas lágrimas salobras, que se afundavam nas profundezas de sua consciência líquida.

Os rios afluentes se apresentavam cada vez mais espaçados, até que desapareceram por completo. Nesse ínterim, Mengano tinha se transformado em um rio muito largo e torrencial que ainda corria rugidor entre montanhas cobertas de neve e glaciares preguiçosos que descarregavam na água os seus icebergs gelados. Logo,

[14] YONI = vagina.

as cadeias montanhosas, que se abriam a ambos os lados do rio Mengano, foram se distanciando entre si, deixando livre o espaço de um grande vale. A largura do rio também cresceu, ainda que tenha diminuído a profundidade, e suas águas se espalharam bruscamente em um enorme estuário, cuja boca parecia conectar-se com um mar de tamanho incomensurável. Mas não era um mar, senão outro rio, de fluxo imenso, ao qual Mengano reconheceu imediatamente como o "Rio Villano", a corrente hiperbórea do sangue puro QUE CONDUZ "ADVERSO FLUMINE"[15] PARA A ORIGEM EXTRATERRESTRE de sua estirpe. Quando a consciência fluente, que era o rio Mengano, desembocou no Rio Villano, experimentou em um instante esse milagre que se chama EXPANSÃO GNÓSTICA. Como se uma enorme gota de azeite se estendesse sobre a água em todas as direções, assim se expandia gnosticamente a consciência de Mengano. E uma nova e infinita multiplicidade de objetos-símbolos-viventes se incorporava à sua consciência, emergindo das águas recém-descobertas. A "loucura", pensou Mengano, consistia sem dúvida em deixar-se absorver pelo fluxo daquele Rio fabuloso; e realmente só o treinamento prévio, seu valor sem limite e o estado de ânimo que ainda conservava, de "espera do A-mor", o estavam salvando de perder-se na inconsciência daquelas águas escuras e impenetráveis, mas borbulhantes de vida imanifestada. Porque o Rio da herança hiperbórea era um enxame espantoso de símbolos viventes e de todo tipo de objetos, quer flutuando, quer afundados, que demonstravam sua demencial opulência: havia ali, por exemplo, ilhas habitadas por antepassados mortos, os quais saudavam com gritos veementes à passagem inversa da consciência líquida; e antigas cidades submersas; e barcos de mil épocas distintas, navegando com rumo incerto; e animais desconhecidos ou talvez inexistentes; e infinitas maravilhas mais que seria impossível descrever. A expansão gnóstica levou Mengano a descobrir um mundo novo; mas esse mundo era o da loucura primordial que sobreveio após a Traição dos Siddhas e a Queda do Espírito; a partir dali já não poderia voltar, SEM CAIR NOVAMENTE NA CONFUSÃO, pois o "enxame espantoso", que ia ficando atrás, lhe cortaria a passagem, modificando o leito pelo qual chegara ao Rio Villano, ou abrindo outros leitos que só seriam canais sem saída. De fato, Mengano era consciente que o estuário e as montanhas paralelas já não existiam mais e que, se voltasse atrás, só encontraria o extravio da loucura.

Mas tão nefasta possibilidade não preocupava Mengano, pois sua decisão de seguir até o fim era inabalável e, além disso, sua vontade via-se gnosticamente fortificada, à medida que a corrente ancestral o aproximava da origem do Mistério. Mengano, a essa altura do trajeto, havia notado que o manto de uma penumbra crescente o ia cobrindo à medida que avançava. Logo compreendeu que as águas do Rio hiperbóreo corriam pelo fundo de um monstruoso e profundo cânion, escavado na negra rocha, após uma erosão fluvial de milhões de anos, cujas altíssimas paredes impediam a chegada da luz. Mas a penumbra ia se tornando ainda maior, devido a que o cânion se estreitava permanentemente, até que por fim se tornou uma afiada garganta, pela qual a água corria gotejando. E então sim, a escuridão foi total. As tenebrosas profundezas da garganta pela qual se deslizava lhe impediram de perceber a tempo que aquele leito ia morrer contra a encosta de uma montanha colossal, tingida de uma maravilhosa cor dourada; por isso, só pôde ter dela uma visão fugaz, antes de ver-se precipitado em suas entranhas, ao derramar-se a totalidade do fluxo por uma aterradora rachadura com forma de yoni. Ainda que as águas, consciência líquida, preenchessem completamente a capacidade do túnel de pedra, Mengano pressentia de alguma maneira misteriosa um bramido distante, que por momentos era semelhante

[15] ADVERSO FLUMINE: águas para cima, contra a corrente.

a um uivo de partir o coração, e que o fazia pensar em uma besta gravemente ferida. Levava bastante tempo circulando pelo interior da montanha dourada; e como o fluxo era muito forte, cabia supor que, se ainda não a havia atravessado, seu diâmetro devia ser excepcionalmente grande, qualidade que provoca a admiração de Mengano. Logo, o estrondo foi ensurdecedor, e ficou claro que não havia nenhuma besta gravemente ferida, senão que o bramido era produzido pelas águas, ao caírem em profundezas ainda mais escuras e terríveis. E a titânica cascata também consumiu a consciência líquida de Mengano; e este, ao cair irremediavelmente para o abismo, também rugia e urrava, presa de uma fúria Berserkir. Após tão atroz e estrepitosa queda, sobreveio uma súbita quietude, que Mengano logo pôde apreciar, quando conseguiu sobrepor-se à violência do salto e ao terror do abismo. Maravilhado, compreendeu que as águas do Rio hiperbóreo alimentavam um lago localizado no interior da montanha dourada, no centro de uma enorme caverna, cujas dimensões não se atrevia a imaginar. Uma suave penumbra crepuscular, procedente, pelo visto, de uma fosforescência das rochas, contribuía para aumentar aquele mágico clima de paz e serenidade. Se tivesse um rosto humano, Mengano teria sorrido, mas sua alegria por ter chegado até ali, após percorrer tanta distância, manifestava-se igualmente nessa suave ondulação que agitava a superfície do lago e que era, de certo modo, um sorriso aquático. Perdida a noção do tempo, poderia permanecer indefinidamente ali, com a consciência espalhada em um suave remanso que acariciava as margens rochosas e recebia em sua superfície o reflexo apagado da caverna crepuscular. Sim, teria permanecido muito tempo assim, como um lago de consciência, SE UM MOVIMENTO NO REFLEXO não tivesse atraído bruscamente sua atenção. Algo havia se movido sobre um setor menos iluminado da margem! E Mengano, que acreditava estar só, viu-se de repente aguçando sua percepção líquida para captar, com o espelho de água de seu rosto, a causa daquele movimento, uma causa que, aparentemente, não poderia ser "vivente", pois a vida era inconcebível ali, nessa ignota caverna oculta nas entranhas de rocha da montanha dourada. Mas a imagem de espanto que se refletia no "lago Mengano" desmentia essa suposição: Era, sem dúvida, um "homem" que estaria recostado contra o tronco da macieira, junto à margem, e que agora se levantava com dificuldade! Mas quando ficou completamente em pé, Mengano compreendeu que aquele Gigante Branco não era humano; e teve o pressentimento de que se encontrava frente ao Grande Antepassado Hiperbóreo. Queria conservar sua serenidade de lago, mas um terror insensato se agitava nas profundezas de sua alma líquida; e, quando o Gigante se aproximou o suficiente para refletir uma imagem nítida, algo assim COMO UM RUBOR IRREPRIMÍVEL produziu círculos concêntricos na superfície, ondas que delatavam a inquietude de Mengano. Uma vergonha infinita apoderou-se de Mengano ao descobrir, refletida no espelho de água de sua consciência, a miséria primordial de si mesmo. E a tal embaraço somava-se o horror de comprovar que o rosto do Gigante estava VIRADO PARA AS COSTAS, como se, em um tempo remoto, tivesse girado sua cabeça em "meio círculo" ficando logo soldada para sempre. Entretanto, o que mais impressionou Mengano foi o conhecimento de que AQUELA ÁGUA que preenchia o lago subterrâneo, e que era a fonte do Rio Villano e dos incontáveis rios que tinha percorrido em sentido inverso para chegar até ali, MANAVA ABUNDANTEMENTE DE UMA FERIDA SITUADA NO PEITO DO GIGANTE. Ao saber daquele tormento milenar, que havia deixado marcado um rastro de dor no rosto do Grande Antepassado, um último e terrível estremecimento comoveu completamente a consciência de Mengano. Sem poder conter-se, a voz de Mengano elevou-se da superfície líquida: - Lúcifer, Ó Lúcifer!

E como um amargo lamento, a Voz do Grande Antepassado perguntou:

Quem pronunciou o nome do Grande Chefe? – e logo prosseguiu – senti agitar-se a Fonte do Sangue Puro...

Não sei teu nome ... – respondeu Mengano, da superfície do lago.

Todo nome é uma catástrofe, um tição no inferno do Demiurgo .... Antes nós não éramos nomeados porque sabíamos Nomear... Mas tu, Espelho do Sangue Puro, estás manchado pela loucura do mundo e necessitas de palavras... Eu era ANIR, lembras? Mas, ainda o sou? Espelho do Sangue Puro: tua loucura ao perguntar por mim é o reflexo de minha própria loucura, do antigo extravio que nos multiplicou e nos submergiu no excremento da matéria... No princípio amamos, recordas? .... No princípio amamos...

Vim te buscar, Ó Anir, - subiu trêmula a voz do lago Mengano – para que tu me guies até a Origem de nossa raça imortal. Poderás fazê-lo?

Já não posso ver a Origem, não compreendes que meu rosto está virado para outro lado? ... E além disso estou moribundo.... Fui ferido no Começo, durante o combate de A-mor, e a chaga infligida jamais voltará a sarar... A menos que Ela...

Ó Anir, eu desejo curar-te! – afirmou Mengano – poderás recuperar tua eternidade! Veio comigo a mulher Kaly e te está esperando FORA! Ela te devolverá a honra se tu lhe concedes a honra de desposá-la para sempre! Ó Anir, Grande Antepassado Hiperbóreo, Raiz de minha Estirpe, não tornes jamais a abandonar Kaly!

Suspirou o Gigante ferido, com um gesto de infinito cansaço, enquanto em seus olhos brilhava o fogo da antiga paixão subsistente, renovada agora pela promessa que brotava do lago Mengano, de reencontrar a mulher Kaly.

Sim, - assegurou o Grande Antepassado com demencial resolução – dizes bem, Espelho do Sangue Puro, estou disposto a completar minha morte, e logo a morrer mil vezes mais, SÓ PARA CONTEMPLAR DE NOVO O ROSTO DELA!... Ó Espelho: o que nos aconteceu? O que é esta embriaguez do Abismo com que nos derrotaram? Éramos como deuses... se ao menos conservasse meu tridente, a nova luta seria mais justa... Mas assim, ferido e acorrentado, sem possibilidade de olhar para a Origem de frente porque não tenho um rosto que enfrente, estou condenado ao extravio eterno!... A menos que Ela... Mas não devo fazer esperar a Prometida!

Então, avançando com o passo vacilante, tropeçando pelas correntes que sujeitavam seus tornozelos, sangrando profusamente pela antiga ferida, SEM VER PARA ONDE AVANÇAVA, pois, seu rosto estava “virado para as costas”, O Grande Antepassado quis caminhar em direção ao lago. Mas, ainda que o separasse muito pouca distância do lago subterrâneo, não era tarefa fácil chegar até ele, pois um intumescimento de séculos havia endurecido seus membros; entretanto, em seguida, rodou pelo solo rochoso, deslizou encosta abaixo na margem e finalmente afundou-se silenciosamente nas águas vivas do lago Mengano. E Mengano, nesse momento, teve a sensação de estar no centro de uma explosão de fogo que se expandia, abarcando não só os Rios de Sangue Puro, senão também a totalidade do microcosmo. Jamais o sadhaka Mengano acreditou, antes daquele maithuna, que chegaria a conhecer uma paixão tão terrível e voraz como essa, que constituía, entretanto, a única motivação PARA O MUNDO EXTERIOR por parte do Grande Antepassado. Mas tal gnose era necessária, como veremos, para COMPLETAR A FÓRMULA do quinto Desafio.

Quando o Grande Antepassado submergiu no espelho do lago Mengano, já não houve objeto a refletir nem imagem refletida, toda diferença se consumiu na explosão de fogo, e a consciência do virya Mengano e de Anir foram novamente uma só. A TOTALIDADE DO SANGUE ERA ENTÃO “PURA”, TRANSMUTADA GNOSTICAMENTE, MAS TAMBÉM ERA “FOGO”, PELO MISTÉRIO DE A-MOR. O passo seguinte da FÓRMULA cumpriu-se nesse momento da expansão ígnea e a

transmutação do sangue. Desde que se iniciou o maithuna, e Mengano FEZ-SE RIO, até o instante da expansão ígnea e do Regresso do Grande Antepassado, só tinham transcorrido alguns minutos, talvez dez ou quinze; mas durante esse tempo a mulher Kaly permaneceu imóvel, na posição de Lillith, pois assim foi pactuado de antemão. Entretanto, após o Regresso de Anir, sem ser clarividente, qualquer um teria percebido que o semblante do sadhaka resplandecia em uma expressão de luciférica felicidade; enquanto uma inspeção mais minuciosa teria observado a suave aura esverdeada que agora se estendia em torno do seu corpo. A mulher Kaly não pôde deixar de notar a mudança, e foi talvez por isso, ou por uma compulsão inconsciente, que começou a mover-se ritmicamente, com a decisão tomada de ARRANCAR O SÊMEN DO SADHAKA. Enquanto o entusiasmo dela ia aumentando, Mengano (ou Anir) contemplava seu duro rosto sem ser notado, pois havia entreaberto as pálpebras para permitir que apenas passasse um débil raio de luz. Fazia isto pois aguardava o momento em que se cumpriria a sentença do Tantra Hiperbóreo: O ÓDIO DA MULHER KALY ABRE AS PORTAS DA ETERNIDADE. E nesta sentença se apoiava, em grande medida, o êxito de sua FÓRMULA.

Segundo a Sabedoria Hiperbórea, nessa sentença encontra-se a verdadeira solução do Mistério da Esfinge.

Para aplicar dita sentença no sadhana, o Tantra Hiperbóreo afirma que: "DURANTE O MAITHUNA COM A MULHER KALY, SE O SADHAKA CONSEGUE RETER SEU SÊMEN EVITANDO QUE ELA O SEPULTE EM SEU VENTRE INFECUNDO, O ÓDIO DA MULHER KALY ARBRIRÁ AS PORTAS DA ETERNIDADE". O ódio se produz quando para ela se faz patente que não conseguirá "arrancar o sêmen"; é nesse momento que "se abrem as portas da eternidade"; por isso, há que se estar atento, sem que ela o note, às variações de seu duro rosto; pois, como diz o Tantra Hiperbóreo, "AS PORTAS DA ETERNIDADE SÃO OS OLHOS DA MULHER KALY". Não convém agregar mais comentários a este Mistério; mas vale a pena recordar que, ao observar os olhos da mulher Kaly, se está contemplando um SINAL DE MORTE.

O olhar de Mengano, como em um sonho, estava cravado nos olhos da mulher Kaly; enquanto esta, ofegando raivosamente, subia e baixava seu corpo para esfregar o Lingam com o seu yoni. E os olhos da mulher Kaly, brilhantes de luxúria, estavam também cravados no rosto do sadhaka, tratando de adivinhar o momento de seu orgasmo e simulando, com suspiros fingidos e gritos estudados, o próprio orgasmo; tratava de enganar o sadhaka sobre os efeitos que a sua virilidade, supostamente, produziam nela, para induzi-lo, desse modo, a completar o coito. Mas, à medida que transcorria o tempo, sem que o maithuna culminasse na ejaculação do sêmen, a fúria dos movimentos foi se acalmando; e quando, em um momento dado, a mulher Kaly teve a convicção de que o orgasmo nunca chegaria, UMA CHISPA DE ÓDIO EMERGIU DA ESCURIDÃO DE SUA ALMA E EXPLODIU ELETRICAMENTE EM SEU ROSTO. Foi só um instante, mas foi suficiente para que o olhar atento de Mengano-Anir descobrisse que os olhos da mulher Kaly tinham se transformado em duas janelas de aterrorizante escuridão.

Devemos declarar que este é o momento crucial do quinto Desafio: se no sadhaka predomina a Vontade do Grande Antepassado, então tudo estará perdido: POIS ELE VOLTARÁ A CAIR e, nesse instante de máxima tensão bioelétrica, AMARÁ FORA A MULHER KALY, COMO ANTES AMOU A MULHER EVA, ENTREGANDO-LHE SEU SÊMEN; mas se é o "eu" reorientado, que busca o caminho inverso do retorno à Origem, quem impõe a vontade na conduta do sadhaka, a imortalidade será possível, pois este não temerá ESPREITAR A ETERNIDADE.

No sadhaka Mengano predominava, ainda, acima da paixão devoradora de Anir, uma vontade inquebrantável de regressar à Origem. Por isso, quando os olhos da mulher Kaly foram como gretas tenebrosas, além do Sinal da Morte, Mengano espreitou seu Mistério e compreendeu que aquelas Portas de Eternidade conduziam a uma Noite mais negra do que todas as noites criadas pelos Deuses, a um Vazio que jamais seria preenchido por nada nem por ninguém, a um Nada absoluto e incognoscível e que, entretanto, era razão e matriz de todo Ser. E então ocorreu o milagre proibido à natureza mortal: MENGANO SENTIU A-MOR POR AQUELA NOITE ETERNA, KALY! Ó, KALY! Por uma Alquimia que só poderá conhecer quem penetrou o véu terrível do Mistério de A-mor, o ÓDIO DA MULHER KALY SE TRANSMUTOU NO A-MOR A KALY. O que ocorreu em seguida? O frio. O frio da Noite Eterna apagou a paixão primordial no sangue do sadhaka e deixou seu coração gelado para sempre. Sentindo seu coração gelado de A-mor, o olhar de Mengano regressou das profundezas da Noite Eterna até a cova dos seus olhos entrecerrados; e então, ao abri-los, comprovou com horror que a Noite Eterna também o A-mava e o havia seguido até seu mundo, ATRAVESSANDO EM SENTIDO INVERSO O SINAL DA MORTE. Porque ali já não estava a mulher Kaly, senão uma Deidade temível e vingativa que exigia imediatamente a morte por A-mor.

Kaly era a representação da Noite Eterna e, como tal, era negra e aterrorizante; estava nua e suas formas não eram belas, senão opulentas e grosseiras; de seu pescoço pendia um colar com incontáveis crânios espetados como contas: eram as cabeças de seus amantes, os que tinham morrido por A-mor a Ela, assassinados por Ela; pois a Deusa é a Suprema Prostituta, que compartilha o A-mor com todos os seus amantes, mas também é a Esposa Ciumenta, que não aceita ser traída por nenhum deles. E ainda que soubesse o que Ela exigiria, ao contemplá-la dançando sobre seu ventre, Mengano voltou a sentir desde seu coração de gelo que a A-mava além de todo limite. Por isso, contendo a respiração, levou sua consciência até o ovo de Kundalini Shakti e, sobre ele, projetou duas vezes o mantra “Lillith”. ESTE É O SEGUNDO CHAMADO A LILLITH.

O sadhaka Mengano olhava enfeitiçado de A-mor como Kaly bailava em torno de seu Lingam ereto a dança da imortalidade, desenhando com seus pés e com os mudras de suas mãos as Runas da Morte.

Quando comprovou que a Deusa já havia dançado quatro vezes, soube que, ao culminar a quinta, morreria. E não obstante esta certeza, aguardou com calma a quinta ronda. E só quando a espada se alçou ameaçadora, sustentada por um férreo e negro braço, que mudava freneticamente de lugar ao ritmo da dança, Mengano conseguiu conter a respiração e projetar sobre o ovo Kundalini Shakti, por três vezes, o mantra “Lillith”.

ESTE É O TERCEIRO CHAMADO A LILLITH, e é o passo final da FÓRMULA. Ao nomear pela terceira vez o mantra, O OVO SE ROMPEU! E dentre as membranas rasgadas nasceu para a vida o Logos plasmador, plasmado, por sua vez, com a forma hiperbórea da Divina Lillith. Mas tão perfeita era sua Beleza, tão cegante a luz de seu olhar azul, tão embriagador o perfume de seus cabelos de seda, tão doce o som de sua risada, tão suave sua pele de veludo, tão irresistível o desejo de A-mor de sua Absoluta presença feminina, que VÊ-LA E DESPOSÁ-LA É UM SÓ ATO. Por isso, ao romper-se o ovo, instantaneamente se produz o orgasmo interior, com o sêmen saltando para dentro para fecundar a Desposada, quem só parirá o “Filho da Morte”. Com efeito: Lillith foi desposada pelo Grande Antepassado e a esta é a quem imortalizará, ao recriar o microcosmo com o poder de seu Verbo, segundo já se explicou mais atrás; mas ao recriá-lo O FAZ NASCER DE NOVO e é, portanto, seu filho, um Filho da Morte.

Estamos expondo em separado aspectos de um só ato; pois, no mesmo momento do orgasmo, enquanto Lillith era desposada "dentro", um violento golpe de espada seccionava a cabeça do sadhaka Mengano; mas aquela cabeça era também a do Grande Antepassado Anir, a que não podia olhar para a Origem; e, por isso, o sadhaka Mengano, ao sentir o horrível ranger das vértebras cervicais ao se quebrarem, enquanto se afundava na Negra Noite da Morte, pensava que perder aquela cabeça extraviada constituía, sem nenhuma dúvida, uma liberação. E assim era que, um instante após desposar Lillith, morria decapitado seu Esposo; quem ressuscitaria após outro instante como Filho da Morte. E Ela, que nascia já desposada, tornar-se-ia, quase que imediatamente, Viúva.

Eis aqui os paradoxos que se apresentam EM TODAS AS VIAS DE LIBERAÇÃO: O SIDDHA IMORTAL É FILHO DE SI MESMO, E TAMBÉM FILHO DA VIÚVA E FILHO DA MORTE. Mas só o KULATANTRIKA, quem ofertou sua cabeça no altar de Kaly, é chamado CAPUT NIGER, CABEÇA NEGRA.

Voltemos ao quinto Desafio. Após decapitar o sadhaka, Kaly inseriu sua cabeça no colar e logo, sempre dançando, PENETROU NO CORPO RECÉM RESSUSCITADO DO SADHAKA. E o fez pelo lado, introduzindo-se e fechando-o atrás de si, naquela antiga chaga que, segundo mentem alguns, também tinha Jesus Cristo.

Repetimos novamente que o assassinato do sadhaka por Kaly e o nascimento e matrimônio de Lillith ocorrem simultaneamente, porque tais eventos são aspectos diferentes de um só e mesmo ato: a consumação do A-mor. Quando o sadhaka A-ma Kaly "fora", recupera Lillith "dentro", consumando com Ela o matrimônio mágico, o coito do qual nascerá o Filho da Morte; por isso, a felicidade de possuir Lillith é indescritível, assim como o é o êxtase com que culmina o maithuna, o orgasmo do A-mor sem amor, no qual o sêmen SALTA PARA DENTRO e repara o Erro Original.

Não devem restar dúvidas sobre o nascimento de Lillith a partir da ruptura do ovo Kundalini Shakti: LILLITH NÃO FOI "CRIADA" POR UM ATO DE IMAGINAÇÃO, NEM TAMPOUCO DEVE SER IDENTIFICADA COM KUNDALINI. Pelo contrário: KUNDALINI É PARA LILLITH COMO O CORPO HUMANO É PARA O ESPÍRITO HIPERBÓREO: UM VEÍCULO DE MANIFESTAÇÃO. A fórmula para recuperar Lillith foi a seguinte: ao contemplar a NOITE ETERNA, através dos olhos da mulher Kaly, o sadhaka projeta sua recordação sem rosto de mulher hiperbórea; e A NEGRA ETERNIDADE, DESDE A MATRIZ DE SUNAIDA, DEVOLVE AO SADHAKA O ROSTO DE SUA A-MADA, O QUE SIGNIFICA: DESCOBRE PARA ELE O VÉU DO ESQUECIMENTO E O COLOCA DE FRENTE COM O ESPÍRITO DA MULHER HIPERBÓREA QUE FOI SUA ESPOSA DAS ORIGENS. Mas esse contato tanto tempo esperado SE DÁ ATRAVÉS DO MUNDO, POR INTERMÉDIO DA MULHER KALY; e, por isso, o espírito da mulher hiperbórea manifesta-se primeiro externamente, vindo DA eternidade PARA o mundo e DO mundo PARA o sadhaka. É necessário, então, dar um corpo ao Espírito, para A-má-la e desposá-la. Ao ingressar no mundo da Eternidade, o Espírito Dela é Kaly; e porque é Kaly já tem rosto; e ao plasmar com seu rosto o ovo do Logos Plasmador, já tem corpo, mas, ao romper-se o ovo, Kaly "entra", porque ela é "o Espírito Dela", que deve nascer com o Belo Rosto de Lillith; mas, antes de entrar, assassina o sadhaka, decapitando sua cabeça invertida, pois só quem seja morto "de fora" pode ser ressuscitado "de dentro".

Há outro aspecto terrível deste Mistério de que não podemos nos desviar: para conseguir a imortalidade há que se desposar Lillith; portanto: Lillith deve viver! Para que Lillith viva é necessário outorgar-lhe um corpo de Kundalini Shakti, portanto, há que plasmar o ovo! Para plasmar o ovo há que se contar com a dança de Kaly; portanto: Kaly deve revelar-se ao sadhaka! Para que Kaly se revele é necessário o ódio da

mulher Kaly; portanto: a mulher Kaly fará possível que emerja Kaly! Para que emerja Kaly, a mulher Kaly abrirá seus olhos à eternidade, invertendo seu Sinal de Morte, que já não estará para "fora" senão para "dentro"; portanto, a mulher Kaly deve morrer! Com efeito, a imortalidade do sadhaka implica na morte da mulher Kaly. Morte iniciática, morte simbólica ou morte real por desencarne? Quem pode responder com certeza? Cada sadhaka ocidental, como Mengano, deverá resolver por si mesmo este Mistério.

Expusemos com certos detalhes a "fórmula" de Mengano, para demonstrar que o tantrismo é algo mais do que um jogo erótico ou uma série de técnicas sexuais para "melhorar a união conjugal". Seguimos este caminho porque queremos desalentar as práticas tântricas naqueles viryas que não estejam capacitados para A-mar Kaly. Porque esta via só oferece a liberação àqueles que, como Mengano, não temem entregar seu crânio para que adorne o colar da Deusa.

Como epílogo do 8º comentário, podemos resumir o exposto, afirmando que Mengano, sadhaka ocidental, apresentou com êxito o Ritual dos Cinco Desafios e conseguiu seu objetivo estratégico de imortalizar o corpo físico e alcançar a individuação absoluta. Entretanto, entendemos que um epílogo tal, ainda sendo exato, pode ser insuficiente para quem se interroga sobre os passos POSTERIORES de Mengano: - é que nunca se poderá falar do que ocorre DEPOIS da iniciação? Mostram-nos um Ritual no qual se consegue despertar Kundalini e imortalizar o corpo físico; isso significa que se alcançou o Vril? E, ... etc. ... etc.

Naturalmente, não é aconselhável responder racionalmente a tais perguntas; e, por isso, ninguém que possua as respostas concordará em comentar dessa maneira o Mistério do renascimento e a imortalidade. Podemos, entretanto, aproximar-nos ao Mistério se acudimos à linguagem simbólica, com a qual aquele se expressa. Eis aqui, então, um novo epílogo:

Por uma margem de rio arenosa, cercada de variada folhagem, caminham de mãos dadas Ela e Ele. Por fim, se detêm; em frente a eles está a água. Apontando com o indicador para o horizonte distante, Ele diz:

Além da água está a montanha e, atrás dela, o Vril. Temos a gnose; só nos falta recuperar o Poder, Ó, A-mada.

E Ela, sorrindo docemente, responde:

Ó, A-mado: o Fim e o Princípio estão agora ao nosso alcance, para onde iremos?

Devemos ir para o Princípio – respondeu Ele – que será nosso Fim.

Ó, A-mado: seremos capazes de abandonar estas Delícias novamente?... Quanto Tempo estivemos separados...!

Seremos fortes! Já não te amarei sobre a praia, nem na água, a ti que és suave como um sopro; agora tenho gelado o coração de A-mor, e seu rosto, que resplandece de brancura, me A-ma da eternidade da Noite. Escuta, A-mada, o segredo que nos custou tanto conhecer: O Grande Enganador levantou um Paraíso em torno do Vril. Muitos regressam ao Paraíso, mas poucos se atrevem a CRUZÁ-LO e ir além...

E seguiram de mãos dadas. Às vezes, ele se detinha e dançava, e então Ela o chamava de Shiva. E quando Ela dançava, Ele lhe dedicava doces olhares e a chamava de Parvati. Mas, outras vezes, Ele desembainhava sua espada, radiante de beleza, e Ela se tornava leve e voava como o vento; e então eram Lúcifer e Lillith, indo para a Origem... E tinham muitos outros nomes que eram, como estes, resíduos de antigas rondas de A-mor.

Um dia, chegaram muito perto do lugar por onde tinham ingressado no passado, naquele tempo sem Tempo, quando ainda não conheciam o significado da palavra "lágrima". Reconheceram com horror o bosque de macieiras e escutaram como

seus frutos os chamavam, entre risos e promessas. Mas, desta vez, não se detiveram. E, ao sair do bosque encantado, comprovaram, tremendo de felicidade, que ainda estava abandonado naquele lugar o veículo que, um dia, os trouxe de Hiperbórea. Visto do exterior, parecia talhado em mármore, com suas oito janelas e sua torre pontiaguda, semelhante ao capacete dos sacerdotes tailandeses. Penetraram de costas, por uma das janelas, e pousaram seus pés no corredor circular do interior. Antes de se abraçarem e se cobrirem de carícias mútuas, olharam pela última vez, através das janelas, o Horror da Besta. Logo se A-maram sem reservas, livres já da Loucura, e então, pois ainda continuavam de costas, SE PREPARARAM PARA VIRAR O ROSTO PARA DENTRO DA NAVE, PARA ENFRENTAR A VERDADE.

## DÉCIMO PRIMEIRO TOMO: ESTRATÉGIA "O" DOS SIDDHAS LEAIS

### A – O Gral: ato de guerra de Kristos Lúcifer.

No capítulo anterior, mencionamos uma estratégia que os Siddhas empregam para contrapor à "cultura", arma estratégica inimiga, e explicamos a mesma por meio de uma alegoria, como consistente de uma mensagem carismática. Dita mensagem buscava dois objetivos: 1º DESPERTAR; 2º ORIENTAR para a "saída secreta", "centro" ou Vril; e, naquele exemplo em particular, a "saída" se encontrava após descobrir "o anel", ou seja, após ser ter feito consciente do PRINCÍPIO DO CERCO.

Entretanto, a segunda parte da mensagem, a CANÇÃO DE AMOR, oferecia a quem a escutasse a possibilidade de "encontrar a saída" por outras seis vias diferentes da OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA (que se baseia no princípio do cerco). De qualquer maneira, esta Estratégia, tal como a descrevemos, com suas sete possíveis vias de liberação, responde a objetivos puramente individuais, quer dizer, é dirigida exclusivamente para o homem (virya perdido). Por isso, agora nos toca declarar que a mesma forma parte – a parte "individual" – de uma concepção maior, à qual chamamos: Estratégia "O".

A Estratégia "O" é dirigida fundamentalmente para obter a liberação individual do homem; mas, em certas ocasiões históricas favoráveis, os Siddhas procuram "orientar" a raça em seu conjunto para forçar a mutação coletiva. Nesse caso, os "líderes", muitas vezes, "enviados" pelos Siddhas e outras vezes "iluminados" por eles, encarregam-se de projetar carismaticamente no povo as diretrizes estratégicas, buscando REINTEGRÁ-LO À GUERRA CÓSMICA. Para que tal tarefa possa realizar-se com probabilidades de êxito, é necessário que os "líderes" disponham de um elemento externo, situado no mundo, que represente de maneira irrefutável a origem divina da raça. Este elemento externo deve dar prova também do compromisso assumido pelos Siddhas ao "induzir" os viryas a reempreender a guerra contra o Demiurgo e de sua resolução de "esperar" os Kalpas que sejam necessários, enquanto eles ganham a liberdade. Por estas condições, pode-se compreender que dito "elemento externo" seja uma verdadeira PEDRA DE ESCÂNDALO para o Demiurgo e suas hostes demoníacas, e que todo Seu Poder, ou seja, o Grande Engano, esteja voltado para conseguir sua destruição ou, na falta desta, evitar que permaneça ao alcance do homem.

Mas, apesar da contrariedade que tal ação causava no inimigo, os Siddhas têm cumprido sua parte do Pacto Primordial e, com um desprezo admirável para com o Poder das Potências Infernais, depositaram-no no mundo e o resguardaram de qualquer ataque, para que os homens ou seus líderes carismáticos O DESCUBRAM E SE VALHAM DE SEU SIGNIFICADO.

A Estratégia "O" dos Siddhas acha-se, então, dirigida para o interno de cada homem, pelos "cantos carismáticos", tratando de despertar neles a recordação de sangue e de induzi-los a seguir alguma das sete vias de liberação. Mas, também, procura impulsionar a raça, em seu conjunto, para que cesse de ir no sentido "evolutivo" ou "progressivo" da História e, rebelando-se ao Plano do Uno, em um salto inverso, transmute as "tendências animais do pasu" e recupere sua natureza divina (hiperbórea). Para conseguir este segundo propósito, já não individual, senão racial, dissemos que se dispõe de um "elemento externo".

O que será, concretamente este "elemento externo", esta "coisa" à qual atribuímos propriedades tão maravilhosas? Trata-se de algo que só a descrição teria vários volumes e que, para abreviar, chamaremos GRAL. Sendo impossível revelar

aqui um Mistério que tem sido impenetrável para milhões de pessoas, trataremos, como de costume, de "aproximar" a este, por meio de alguns comentários.

Perguntávamos: o que será CONCRETAMENTE essa coisa maravilhosa que agora sabemos que se chama GRAL? Comecemos por aí. Concretamente, o Gral é uma pedra, um cristal, uma gema; disto não cabe dúvida. Mas NÃO É UMA PEDRA TERRESTRE; disto tampouco cabe dúvida. Se não é uma pedra terrestre, cabe se perguntar qual é a sua origem: a Sabedoria Hiperbórea afirma que PROVÉM DE VÊNUS, mas não assegura que essa seja sua origem. Nós podemos supor, por falta de outra precisão, que os Senhores de Vênus a trouxeram à Terra desse planeta verde. Mas os "Senhores de Vênus" não são originários de Vênus, senão de Hiperbórea, um "centro original" que não pertence ao Universo Material, e cuja "recordação de sangue" levou muitos viryas perdidos a identificá-lo erroneamente com um "continente nórdico" ou "polar", "desaparecido". Segundo a Sabedoria Hiperbórea, o Gral foi trazido ao sistema solar pelos Siddhas IMEDIATAMENTE APÓS IRROMPEREM PELA PORTA DE VÊNUS PARA INSTALAR-SE NO VALHALLA. Seja como for, há outro ASPECTO CONCRETO que convém levar em conta: o Gral é uma gema que se reveste da maior importância para os Siddhas, a tal ponto que ELES NÃO ESTÃO DISPOSTOS A ABANDONÁ-LO OU PERDÊ-LO. Por camaradagem e solidariedade para com os viryas perdidos, SITUARAM-NO no mundo; mas no final do Tempo, o Gral será recuperado e devolvido ao seu lugar de origem.

A que se deve este interesse sem medida em conservar a misteriosa gema? A que esta foi tirada momentaneamente da mais bela joia que jamais se viu no Universo do Uno, daquele adorno que ninguém seria capaz de imitar neste, nem em outros mundos: nem os Mestres Ourives, nem os Devas Construtores, nem os Anjos Planetários, Solares ou Galácticos, etc. Porque o Gral é uma gema da Coroa de Cristo-Lúcifer, Aquele que é mais puro que o mais puro dos Siddhas, o único que pode falar cara a cara com o Incognoscível. Cristo-Lúcifer é quem, ESTANDO NO INFERNO, ESTÁ ALÉM DO INFERNO. Podendo ficar em Hiperbórea, à luz do Incognoscível, Cristo-Lúcifer quis acudir em resgate aos espíritos cativos, protagonizando o incompreensível sacrifício do Seu próprio AUTOCATIVEIRO. Ele se instalou como Sol Negro do Espírito, "iluminando" carismaticamente, "detrás" de Vênus, por intermédio do Paráklito, diretamente no sangue dos viryas perdidos.

Como uma gema do Galhardo Senhor se manchou, caindo aqui na Terra, uma das cloacas mais repugnantes dos Sete Infernos? Porque Ele assim o dispôs. Cristo-Lúcifer entregou o Gral aos Siddhas COMO GARANTIA de seu compromisso com o homem, de seu sacrifício, e COMO PROVA MATERIAL IRREFUTÁVEL DA ORIGEM DIVINA DO ESPÍRITO.

**B – Poder do Gral.**

O Gral é, neste sentido, um REFLEXO da origem divina, o qual haverá de guiar, como um farol, o rumo vacilante dos espíritos rebeldes que decidam abandonar a escravidão de Jeová-Satanás.

Já vimos o que o Gral é: uma gema da coroa de Cristo-Lúcifer. Vejamos agora o que o Gral REPRESENTA para os espíritos cativos. Em primeiro lugar, o Gral encontra-se ligado à ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS e seu significado deve se buscar primeiro em relação a tal Mistério. Isso se explica se levamos em conta que, há milhões de anos, quando os Siddhas Traidores se aliaram ao Demiurgo Jeová-Satanás, para carnalizar os espíritos hiperbóreos, Cristo-Lúcifer entregou sua gema para que a VERDADE DA ORIGEM DIVINA PUDESSE SER VISTA COM OLHOS MORTAIS. Por isso, o Gral, colocado no mundo como prova da origem divina do espírito, DÁ SENTIDO A TODAS AS LINHAGENS HIPERBÓREAS DA TERRA. Por ele, o sangue dos viryas,

ainda que mergulhados na mais tremenda confusão, reclamará sempre sua HERANÇA EXTRATERRESTRE. A presença do Gral, a princípio, IMPEDE O INIMIGO DE NEGAR OS ANCESTRAIS HIPERBÓREOS. Mas, assim como o Gral dá um sentido cósmico à História do homem, conectando-o com a raça imortal das origens, DIVINIZA as linhagens hiperbóreas da Terra, assim também para o Demiurgo, pela presença do Gral, ditas linhagens passam a ser "motivo de escândalo" e objeto da perseguição e do escárnio, do castigo e da dor. As DIVINAS linhagens hiperbóreas serão, a partir do Gral, LINHAGENS HERÉTICAS, "condenadas" para toda a "eternidade" (um Manvantara) por Jeová-Satanás. O Gral veio despertar recordações indesejáveis, valorizar o passado do homem; será então a recordação e o passado o que mais se atacará e a APAGAR sua influência visará, em grande medida, a Estratégia Sinárquica. Sejamos capazes de perceber este ataque, que é evidente para a visão gnóstica, e compreenderemos com maior profundidade a função HISTÓRICA do Gral. A colocá-lo em evidência dedicaremos os parágrafos seguintes.

**C – Reação do Demiurgo contra o Poder do Gral.**

O principal crime do homem foi negar a supremacia de "Deus", quer dizer, do Demiurgo terrestre Jeová Satanás, e rebelar-se contra sua escravidão. Mas o homem é um ser miserável, imerso em um inferno de ilusão, no qual se sente insensatamente "à vontade", sem possibilidade de romper o feitiço por si mesmo. Se negou o Demiurgo e se "rebelou", foi em virtude de um agente exterior, mas que "coisa" no mundo pode ser capaz de DESPERTAR o homem, de ABRIR SEUS OLHOS à divindade esquecida? "Se tal coisa existe, dirão os Demônios, é o objeto mais abominável da criação material". Mas essa "coisa", esse "objeto abominável", não é deste mundo; e dele "comeu" o homem-espírito-cativo. Esse "fruto verde", que mais tarde chamarão de Gral, é um alimento que nutre com a GNOSE PRIMORDIAL, quer dizer, com o conhecimento sobre a verdade das origens. Pelo Gral, fruto proibido por excelência, o homem saberá que é imortal, que possui um espírito divino encadeado à matéria, que procede de um mundo impossível de imaginar DO INFERNO TERRESTRE, mas pelo qual SENTE NOSTALGIA e ao qual DESEJA REGRESSAR. PELO GRAL, O HOMEM RECORDOU!

Eis aqui seu primeiro crime. Recordar a origem divina será, dali em diante, um TERRÍVEL PECADO; e aqueles que o cometeram deverão pagar por isso. Essa é a Vontade do Demiurgo, a "Lei de Jeová-Satanás". Serão seus Ministros, os Demônios de Chang Shambala, que se encarregarão de executar a condenação, cobrando o castigo em uma moeda que se chama: dor e sofrimento. O instrumento será, naturalmente, a encarnação, repetida mil vezes em transmigrações "controladas" pela "Lei" do Karma, declarando cinicamente que a dor e o sofrimento são "para o bem" dos espíritos, "para favorecer a evolução". Se "o mal" está no sangue, então se o debilitará, favorecendo a mistura racial e se o tornará impuro, envenenando-o com o TEMOR DO PECADO. O resultado será a CONFUSÃO ESTRATÉGICA do Espírito e o completo obscurecimento sobre o passado do homem. "No passado não há nada digno de ser resgatado", afirmarão durante milênios as pessoas sensatas, em coro com os Demônios da Hierarquia. A teologia, e ainda a mitologia, falarão sobre o pecado do homem com a linguagem do Demiurgo: o "pecado", a "queda" e o "castigo". A "ciência", por outro lado, mostrar-nos-á um panorama mais desalentador: "provará", lançando mão de imundícies fósseis, que o homem descende de um proto-símio chamado "hominídeo", ou seja, desse mísero e desprezível animal que foi o antepassado do PASU. A "ciência" levou o passado do homem à sua degradação mais dramática, vinculando-o "evolutivamente" com os répteis e vermes. Para o homem moderno, já não haverá ancestrais divinos, senão símios e trilobitas. Realmente, necessita-se partir de um ódio sobre-humano, para desejar que o homem se humilhe de maneira tão triste.

Mas deixemos o triste, sejamos otimistas. Para que olhar para o passado, dirá a Sinarquia, com a Voz da ciência e da teologia, se o homem é "algo projetado para o futuro"? No passado não há nada digno de respeito: alguns primitivos crustáceos marinhos afundados no lodo, tratando de ganhar o meio terrestre, impulsionados pela "evolução", milhões de anos depois, alguns símios decidem fazerem-se homens: impulsionados novamente pela milagrosa "lei de evolução", tornam-se bípedes, fabricam ferramentas, comunicam-se falando, perdem o pelo e entram na História; e logo vem a História do homem: os documentos, a civilização, a cultura. E, na História, continua implacável a "evolução", tornada agora uma lei mais inflexível, chamada dialética: os desacertos da humanidade, (as guerras, a intolerância, o fascismo) são "erros"; os acertos (a paz, a democracia, a ONU, a vacina Sabin) são "êxitos". Da batalha dialética entre êxitos e erros surge sempre um estágio superior, um benefício para a humanidade FUTURA, confirmando-se a tendência evolutiva ou progressista. Por acaso, não é essa tendência progressista da História TUDO DE BOM QUE CABE SE ESPERAR DO PASSADO?

Por isso sejamos otimistas; olhemos para o futuro; ali estão todos os bens, todas as realizações; o teólogo assegura que, após um Julgamento FUTURO, para os bons se abrirão as portas do paraíso; os rosa-cruzes, os maçons e outros teosofistas, situam no futuro o momento em que, concluída parcialmente a "evolução espiritual", o homem se identifica com sua mônada, ou seja, com o seu "arquétipo divino", e se incorpora às hierarquias Cósmicas dependentes do Demiurgo; e até os materialistas, ateus ou cientistas, apresentam uma imagem venturosa do futuro: mostram-nos uma sociedade perfeita, sem fome nem enfermidades, onde um homem, tecnocrata e desumanizado, reina feliz sobre legiões de androides e robôs. Não abundaremos em detalhes sobre um fato por demais evidente: tentou-se APAGAR o passado do homem, desconectando-o de suas raízes hiperbóreas; NÃO SE CONSEGUIU APAGAR TOTALMENTE dito passado; mas, em compensação, conseguiu-se criar uma fratura metafísica entre o homem e seus ancestrais divinos de modo tal que, na atualidade, um abismo o separa das recordações primordiais; um abismo que tem um nome: confusão. Paralelamente com tal sinistro propósito, "projetou-se o homem para o futuro", eufemismo utilizado para qualificar a ILUSÃO DE PROGRESSO de que padecem dos membros das civilizações modernas. Tal "ilusão" é gerada culturalmente por poderosas "ideias força" (o "sentido da História"; a "aceleração histórica"; o "progresso científico"; a "educação"; civilização vs. barbárie; etc.) empregadas habilmente como arma estratégica. Os homens, condicionados desse modo, acreditam cegamente no futuro, olham só para ele, e ainda os fatalistas, que vislumbram um "negro futuro", admitem que, se uma exceção imprevisível ou um milagre oferecem uma "saída" à civilização, ela se encontra, de todos os modos, no "futuro"; o passado é, em qualquer caso, motivo de indiferença geral.

Este "fato evidente" representa, sem dúvida, um importante triunfo para a Sinarquia; mas um triunfo que não é definitivo. Com efeito; vimos que a máxima pressão da Estratégia Sinárquica se aplica em APAGAR o passado, em obscurecer a recordação da origem divina, e que tal ataque se produz como REAÇÃO à AÇÃO GNÓSTICA do Gral. Mas o Gral NÃO É SÓ um fruto proibido, consumido pelo homem em tempos remotos, imediatos à sua escravização.

O Gral é uma realidade QUE PERMANECERÁ no mundo, enquanto o último espírito hiperbóreo continue cativo. Pelo Gral, sempre é possível que o homem DESPERTE E RECORDE. Mas, para gozar de sua gnose, é imprescindível compreender que o Gral, como REFLEXO DA ORIGEM, ilumina no sangue DESDE O PASSADO. Sua luz vem AO CONTRÁRIO DO SENTIDO DO TEMPO e, por isso,

ninguém que tenha sucumbido à Estratégia Sinárquica poderá receber sua influência. Já comprovamos que uma poderosa Estratégia cultural "projeta o homem para o futuro" e tenta apagar seu passado e confundir suas recordações. Mas o Gral NÃO SE DEVE BUSCAR OLHANDO PARA O FUTURO, pois assim jamais será encontrado. A rigor da verdade, o Gral NÃO DEVE SE BUSCAR ABSOLUTAMENTE, se com tal verbo, "BUSCAR", entendemos uma ação que implique em "movimento". Só "buscam" o Gral aqueles que não compreenderam seu significado metafísico e acreditam, em sua ignorância, que se trata de um "objeto" que pode ser "encontrado". Recordemos uma das histórias medievais sobre o Gral que, ainda que deformada por sua adaptação judaico-cristã, conserva bastantes elementos da Tradição Hiperbórea. Nela Parsifal, o louco puro, sai para "buscar" o Gral. Em sua ignorância, comete o desatino de empreender a busca "viajando" cavalheirescamente por diferentes países. Este "deslocamento" visa ESSENCIALMENTE O FUTURO, porque em todo movimento há uma temporalidade imanente e inevitável e, naturalmente, Parsifal jamais "encontra" o Gral "buscando-o" no mundo. Passam-se, assim, anos de busca inútil, até que compreende esta simples verdade. Então, um dia, completamente nu, apresenta-se ante um castelo encantado e, uma vez dentro, APARECE-LHE O GRAL (não o encontra) e seus olhos são abertos. Percebe então que o TRONO ESTÁ VAZIO e decide reclamá-lo, transformando-se finalmente em Rei. Devemos ver nessa alegoria o seguinte: Parsifal compreende que o Gral NÃO DEVE SER BUSCADO no mundo (Valplads), através do tempo (Consciência fluente do Demiurgo), e decide valer-se de uma VIA ESTRATÉGICA HIPERBÓREA. Para isso se SITUA "nu" (sem as premissas culturais preeminentes) em um castelo ("praça" fortificada pela lei do cerco), dessincronizando-se do "tempo do mundo" e criando um "tempo próprio", inverso, que "visa o passado". Então, APARECE o Gral e "abre seus olhos" (recordação de sangue; Minne). Parsifal percebe que "o trono está vazio" (que o espírito ou Vril pode ser recuperado) e decide reclamá-lo (submete-se às provas de pureza das vias secretas de liberação) e se transforma em Rei (transmuta-se em Siddha imortal).

Esperamos ter deixado claro que o Gral não se deve buscar, pois ele aparece somente quando a consciência do virya se dessincronizou do tempo do mundo e se despojou da máscara cultural.

Desejamos mostrar agora outro aspecto da reação inimiga, que a presença do Gral motivou.

Pelo Gral, o homem comete o crime de despertar; "pecou" e o castigo se cobra na moeda da dor e do sofrimento, pela encarnação e a lei do Karma. Os encarregados de velar pela Lei, e aos quais mais ofende a recordação hiperbórea dos homens despertos, são os "anjos guardiões", quer dizer, os Demônios de Chang Shambala e sua Hierarquia Branca. Há, à parte desta, uma REAÇÃO DIRETA DO DEMIURGO que convém conhecer. Mas, como tal reação se repetiu muitas vezes, desde que os espíritos hiperbóreos foram encadeados ao jugo da carne, uma exposição completa deveria abarcar um lapso de tempo enorme, que vai além da História oficial e se perde na noite da Atlântida e Lemúria. Desde já, não podemos embarcar em um relato semelhante; e, por isso, só nos referiremos à reação do Demiurgo EM TEMPOS HISTÓRICOS; mas não se deve esquecer que tudo quanto se diga sobre este fato NÃO É EXCLUSIVO DE UMA ÉPOCA, senão que já foi e certamente voltará a ser. Quando se apresenta a pergunta, ingênua: "como são os mundos de onde procede o espírito cativo?", acreditando que possa haver alguma imagem que represente a inimaginável Hiperbórea, a Sabedoria Hiperbórea costuma responder com uma figura metafórica; diz assim ao ignorante aprendiz: "Imagine que um cisco de pó recebe um fraco reflexo dos Mundos Verdadeiros e suponha que, após, tal cisco é dividido e reorganizado em

infinitas partículas. Faça outro esforço de imaginação e suponha agora que o Universo material que você conhece e habita foi construído com as partículas daquele cisco de pó. A Sabedoria Hiperbórea lhe diz: se é capaz de reintegrar, em um ato de imaginação, a imensa multiplicidade do cosmo naquele cisco original, então, vendo-o em sua totalidade, perceberá um fraco reflexo dos Mundos Verdadeiros. Se é capaz de reintegrar o Cosmo em um cisco de pó, verá só uma imagem deformada da Pátria do Espírito. Isso é tudo quanto se pode conhecer DAQUI". A metáfora torna-se transparente se se considera que o Demiurgo construiu o Universo imitando uma torpe e deformada imagem dos Mundos Verdadeiros. E insuflou Seu Alento na matéria e a ordenou com o propósito de "copiar" o fraco reflexo que uma vez recebeu das Esferas Incriadas. Mas nem a substância era adequada, nem o Arquiteto estava capacitado para isso e, somado a esses males, deve-se considerar a intenção perversa de pretender REINAR COMO DEUS DA OBRA, à semelhança do Incognoscível. O resultado está à vista: um inferno maligno e demencial, no qual, muitíssimo tempo após sua criação, por um Mistério de Amor, incontáveis espíritos imortais foram escravizados, encadeados à matéria e sujeitados à evolução da vida.

A característica principal do Demiurgo é, evidentemente, a IMITAÇÃO, por meio da qual tentou reproduzir os Mundos Verdadeiros e cujo resultado foi este vil e medíocre Universo material. Mas é nas diferentes partes de Sua Obra onde se percebe a alucinante persistência em imitar, repetir e copiar. No Universo, "o todo" é sempre cópia de "algo": os "átomos", todos semelhantes; as "células", que se dividem em pares análogos; os "animais sociais", cujo instinto gregário se baseia na "imitação"; a "simetria", presente em uma infinidade de fenômenos físicos e biológicos; etc. Sem estender-se em mais exemplos, pode-se afirmar que a esmagadora multiplicidade formal do real é só uma ilusão, produto do cruzamento, intersecção, combinação, etc., de umas poucas formas iniciais. Na verdade, o Universo foi feito a partir de contados elementos diferentes, não mais do que vinte e dois, que suportam, por suas infinitas combinações, a totalidade das formas existentes.

Tendo presente o princípio imitativo que rege a obra do Demiurgo, podemos considerar agora SUA REAÇÃO DIRETA ante a presença do Gral.

**D – A "Raça Sagrada" Hebreia.**

Dissemos que o Gral DIVINIZA as linhagens hiperbóreas, ao PROVAR de maneira irrefutável a verdade da origem; e que a reação dos Demônios foi considerar estas como LINHAGENS HERÉTICAS, merecedoras do castigo mais terrível.

Mas enquanto os Demônios ocupavam-se em castigar os viryas com as pesadas cadeias do Karma, muito outra seria a atitude do Demiurgo. Ele, segundo sua característica, quis IMITAR, e ainda superar, as linhagens hiperbóreas, fundando uma RAÇA SAGRADA que o represente DIRETAMENTE, quer dizer, que CANALIZE SUA VONTADE; e, por intermédio da mesma, reinar sobre os espíritos encarnados. Uma "raça sagrada" que se levante no próprio meio dos povos condenados à dor e ao sofrimento da vida e que, triunfando sobre eles, acabe por infringir-lhes a humilhação final de submetê-los à Sinarquia dos Demônios. Então, as linhagens hiperbóreas, afundadas no barro da degradação espiritual, exalarão seus últimos lamentos e esses gritos de dor, esses uivos de terror, serão a doce música com que a raça sagrada presenteará o seu "Deus" Jeová-Satanás, o Demiurgo da Terra. Como já falamos, o Demiurgo tentou muitas vezes esta empresa; "os ciganos", por exemplo, são o remanescente étnico de uma "raça sagrada" que prosperou na última Atlântida, quando os Siddhas da Face Tenebrosa submeteram à Sinarquia do Horror as linhagens hiperbóreas. Os espíritos encarnados viram-se ali precipitados às mais infames práticas: o sangue divino se degradou e confundiu, por meio da mistura indiscriminada

de raças e, o que é pior, conseguiram realizar uniões férteis entre homens e animais, com o concurso da magia negra; imolaram-se milhares de vítimas humanas para saciar a sede de sangue de Jeová-Satanás, adorado ali em seu aspecto de "Deus dos exércitos infernais". A crueldade, a orgia coletiva, diferentes formas de drogadição, etc., eram todos "costumes" que as linhagens hiperbóreas haviam adotado; enquanto nos olhos da "raça sagrada" brilhava de gozo o olhar do Demiurgo, a Sinarquia do Horror exercia sua tirania de oricalco. Em tal estado de degradação, ninguém mais era capaz de receber a luz do Gral, nem de escutar o canto dos Siddhas. Por isso, Cristo Lúcifer decidiu manifestar-se À VISTA DOS HOMENS. Fê-lo acompanhado por uma guarda de Siddhas Hiperbóreos, e isso determinou o fim da Atlântida...

Mas esta é uma história antiga. Em tempos recentes, o Demiurgo resolveu REPETIR novamente a imitação das linhagens hiperbóreas, a criação de uma "raça sagrada" que o represente e à qual estará reservado o alto destino de reinar sobre todos os povos da Terra. Com o pacto de sangue celebrado entre Jeová-Satanás e Abraão, fica fundada a "raça sagrada" e seus descendentes, os hebreus, constituirão o "povo escolhido". Assim como os espíritos hiperbóreos divinizados pela presença do Gral representam a "linhagem herética" por excelência, os hebreus, frente a eles, se apresentarão como a "linhagem mais pura da Terra". Israel, povo eleito por Jeová-Satanás para que seja seu representante na Terra, que títulos exibirá como PROVA IRREFUTÁVEL de que tal é Sua Vontade? O Demiurgo, seguindo seu habitual sistema de "imitar", raciocina deste modo: "Se pela gema de Cristo-Lúcifer, o Gral, foi divinizada a linhagem hiperbórea, também por uma "pedra do céu" será consagrada a estirpe de Abraão. Colocarei no mundo uma pedra na qual estará escrita Minha Lei como PROVA IRREFUTÁVEL de que Israel é o povo eleito, ante o qual deverão humilhar-se as demais nações". Tal é a reação direta do Demiurgo. Escolhe, dentre o excremento da humanidade, o povo mais miserável; e após pactuar com ele, fá-lo "crescer" à sombra de reinos poderosos. Quando decide que chegou o momento de a "raça sagrada" cumprir sua missão histórica, "renova o pacto" entregando a Moisés a chave do Poder. Então Israel, a linhagem mais pura da Terra, atravessa os milênios e vai para seu futuro de glória, enquanto os impérios e os reinos se afundam no pó da História. Sem dúvida, foi efetiva a reação do Demiurgo e poderosos foram os efeitos de Sua Pedra, a força da Sua Lei. Por isso, cabe se perguntar: o que é, na realidade, o que Jeová-Satanás entrega aos hebreus como instrumento de poder e de dominação universal? Diremos sinteticamente: as Tábuas da Lei" contêm o segredo das vinte e duas vozes que o Demiurgo pronunciou quando ordenou a matéria e pelas quais foi formado todo o existente. O conjunto de símbolos contidos nas Tábuas da Lei é o que de outrora se conhece como CABALA ACÚSTICA. Na Atlântida, este conhecimento foi, a princípio, patrimônio de outra "raça sagrada"; mas, mais adiante, os Guardiões da Arte Lítica, antepassados do Cro-Magnon e pais da raça branca, chegaram a dominá-lo por completo.

"As Tábuas da Lei" são, então, "a pedra" que o Demiurgo colocou no mundo como suporte metafísico da "raça sagrada", imitando o conjunto "linhagem hiperbórea / Gral". Entretanto, como em todas as "imitações" do Demiurgo, não deve se ver aqui uma equivalência demasiadamente precisa. O Gral, desde o passado, reflete para cada um dos viryas a origem divina e constitui uma tentativa de Cristo-Lúcifer de acudir em ajuda aos espíritos cativos ou, em outras palavras, a influência do Gral visa o individual e o espiritual. As Tábuas da Lei, pelo contrário, visam o coletivo e o material; elas representam o pacto racial, coletivo, entre Jeová-Satanás e o povo hebreu e, além disso, seu conteúdo cabalístico revela as chaves que permitem dominar todas as ciências materiais.

Se a confusão estratégica, a encarnação, o encadeamento à Lei do Karma, etc., são males terríveis que afligem os espíritos hiperbóreos, a convivência terrestre com uma "raça sagrada" de Jeová-Satanás é, sem dúvida, o mais espantoso pesadelo, pior ainda do que qualquer das desgraças mencionadas. Porque, a partir do "pacto renovado" com Moisés, a inimizade RACIAL entre as linhagens hiperbóreas ("heréticas") e a linhagem sagrada ("hebreia") será permanente e eterna, com a desvantagem irreversível para os primeiros de que a Vontade infernal do Demiurgo se expressará irresistivelmente através dos segundos. Depois do "aparecimento" de Israel, só resta aos viryas a alternativa dramática de regressar à Origem ou sucumbir definitivamente. Escavando no mito hebreu de Abel e Caim, sob um véu de calúnias, pode-se apreciar uma descrição acertada da inimizade racial e teológica entre hebreus e hiperbóreos. Em dito mito, Ábel, que é pastor de rebanhos, representa o TYPO básico do hebreu; e Caim, o lavrador, a figura do virya. Conta a lenda que, para Jeová-Satanás, eram agradáveis as oferendas de sangue de Abel, o pastor, consistentes no sacrifício dos cordeiros primogênitos "com sua gordura"[16].

Em troca, desprezou os "frutos da terra" que exibia Caim, a quem condenou finalmente a levar uma "marca", um "sinal", que delate sua condição de "assassino".

Este curioso critério afetivo de Jeová-Satanás perpetuou-se através dos séculos no ódio que os hebreus sentem para com as linhagens hiperbóreas, ódio que, não o esqueçamos, PROVÉM DO DEMIURGO.

É interessante aprofundar mais sobre a figura de Caim. Segundo a Bíblia foi, além de agricultor, o primeiro que CONSTRUIU CIDADES AMURALHADAS e o inventor dos pesos e medidas. Seu descendente, Tubal-Caim (desdobramento mítico do próprio Caim) foi fabricante de armas e de instrumentos musicais. Se observamos agora esta figura de Caim, à luz da Sabedoria Hiperbórea, comprovaremos que possui muitos dos atributos característicos dos viryas hiperbóreos. Em primeiro lugar, a associação da Agricultura com a construção de cidades amuralhadas, é uma antiquíssima fórmula estratégica hiperbórea que empregaram recentemente, por exemplo, os etruscos e os romanos, e que foi expressa com perfeição pelo rei germânico Henrique I, o Passareiro, ídolo de Heinrich Himmler e de Walter Darré. Por outro lado, a invenção dos pesos e medidas, que os hebreus atribuem a Caim, os gregos a Hermes e os egípcios a Thot, permite identificar Caim com esses dois Deuses hiperbóreos. E, por último: a acusação de assassino e a condição de fabricante de armas revelam claramente que a figura de Caim representa alguns GUERREIROS TEMÍVEIS, talvez os BERSERKIR; a delatar ou assinalar essa qualidade visa certamente a famosa marca. Na Bíblia, o livro sagrado do "povo eleito", no mito de Abel e Caim, encontram-se perfeitamente reveladas as regras do jogo. Na "preferência" de Jeová-Satanás pelos pastores hebreus, representados por Abel; e no desprezo e castigo das linhagens hiperbóreas, simbolizadas por Caim, aparece apresentado o conflito metafísico das origens; mas atualizado agora como confrontação cultural e biológica. A raça sagrada hebreia veio para trazer a presença de Jeová-Satanás, (Presença CONSCIENTE, diferente do SOPRO PANTEÍSTA com que o Demiurgo anima a matéria) ao plano da vida humana, da encarnação, da dor e do sofrimento. Por isso, a antiga inimizade transcendente entre espíritos cativos e Demônios transforma-se em inimizade imanente entre as linhagens hiperbóreas e o Universo material, dado que a raça sagrada é MALKHOUTH, o décimo SEPHIROTH, quer dizer, um aspecto

[16] Ao avaliar as "oferendas de sangue" não se deve confundir jamais a figura do "pastor" com a do "caçador". O pastor é o que degola sua vítima PREVIAMENTE DOMESTICADA. O caçador, ao contrário, como o guerreiro, obtém sua presa após lutar com ela e vencê-la.

do Demiurgo. Este último deve se entender assim: ISRAEL É O DEMIURGO. Vale a pena esclarecê-lo. Segundo os ensinamentos secretos da Kabala e tal como se pode ler no Livro de Esplendor ou SEPHER YETSIRAH, quer dizer, acudindo às fontes mais confiáveis da Sabedoria Hebreia, para a "criação" da "raça sagrada" Jeová-Satanás manifesta um de seus dez aspectos ou SEPHIROTH. O décimo Sephiroth, MALKHOUTH (O REINO), É O PRÓPRIO POVO DE ISRAEL, de acordo com os textos oficiais hebreus, o qual tem um nexo metafísico com o primeiro Sephiroth, KETHER (CORONA), que é a Cabeça ou Consciência suprema do Demiurgo[17]. Em outras palavras: há identidade metafísica entre Israel e Jeová-Satanás ou, se se quer, "ISRAEL É JEOVÁ-SATANÁS".

Como dizíamos antes, a inimizade entre a raça sagrada e as linhagens hiperbóreas, inimizade que vimos declarada no mito de Abel e Caim, significa um confronto entre estes e o Universo material, dado o caráter de Malkhouth, desdobramento do Demiurgo, que ostenta Israel. Com Malkhouth, o Demiurgo quis impor a REALEZA da linhagem sagrada hebreia aos restantes povos da Terra. Se estes povos gentios ESQUECERAM O PASSADO e se submeteram ao Plano que leva adiante a Hierarquia Branca, então aceitarão de bom grado a SUPERIORIDADE HEBREIA e o mundo irá alegremente para a Sinarquia. Mas, ai daqueles GOYM que não renunciem à sua herança hiperbórea e persistam em recordar o conflito das origens! Não haverá lugar para eles na Terra porque, com a Presença de Malkhouth, a linhagem sagrada de Israel, o Demiurgo assegura sua perseguição e imediato aniquilamento. Dramático destino o do Espírito cativo! Durante milênios, RECORDAR A ORIGEM, quer dizer, exibir uma linhagem herética, era castigado pelos Demônios com um forte Karma, e a dor, o sofrimento, eram tão terríveis que se acabava esquecendo. Mas, enquanto esta degradação ocorria, no fundo de seu coração, fervendo em seu sangue, o condenado podia participar da Minne e acessar a GNOSE; era seu direito: se conseguisse elevar-se do pântano da confusão espiritual, ninguém podia impedir-lhe que recebesse a luz do Gral nem que escutasse o canto dos Siddhas. Com Israel, nem esta miserável oportunidade de despertar seria possível, pois o conflito foi apresentado em termos biológicos, raciais, culturais...: quem se comprometa na contenda, deve agora arriscar tudo, pois, ao enfrentar Israel, se está enfrentando o próprio Demiurgo.

Israel avança na História com uma força irresistível. Suas grandes ideias vão dominando pouco a pouco a cultura do Ocidente, paralelamente com o crescimento de sua potência financeira. Quem será capaz de opor-se à força conjunta do judaico-cristianismo, da judaico-maçonaria, do judaico-marxismo, do sionismo, do Trilateralismo?

Quem poderá "sair" dos bancos de ROTHSCHILD, de JACOB SCHIFF, de KUHN AND LOES, de ROCKEFELLER, etc.? E quem competirá com os hebreus nos campos da ciência ou da arte? Já descrevemos na Novela Mágica o fantástico PODER MATERIAL da Sinarquia; contra estas forças organizadas, o virya não tem a mínima chance.

**E – Efeito social da Estratégia "O".**

Por isso, ante tão formidável poder, a única alternativa estratégica válida é a confrontação racial: a raça sagrada de Jeová-Satanás opor-se à linhagem hiperbórea dos espíritos cativos. E neste choque de linhagens, nesta guerra levada ao terreno do

[17] Segundo a Kabala, Malkhouth, a realeza, transforma-se em SHEQUINAH "depois do pecado de Adão", e assim permanecerá, como aspecto feminino de Jeová-Satanás, "até a vinda do Messias". Para não complicar o comentário, utilizaremos somente o conceito de Malkhouth.

sangue, o virya desperto, aquele que recorde e deseje regressar, deverá escutar o canto dos Siddhas e, seguindo uma via secreta de liberação, encontrar "a saída", conquistar o Vril, e transmutar-se em Divino Hiperbóreo imortal. Terá cumprido, assim, com a primeira parte da Estratégia "O". Mas se um líder carismático, desperto e transmutado, coloca-se à frente de uma comunidade racial e decide guiar os viryas EM CONJUNTO de regresso à Origem, poderá aplicar em sua totalidade a Estratégia "O", aproveitando a presença do Gral. Neste caso, o líder apresentará a Guerra Total contra as forças demoníacas da Sinarquia, mas especialmente exercerá sua máxima pressão SOBRE A RAÇA SAGRADA, pois ela representa DIRETAMENTE o inimigo, ou seja, o Demiurgo Aprisionador. Entretanto, só nas épocas modernas, quando a presença universal da Sinarquia e o poder da raça sagrada fiquem em evidência, será possível que algum Grande Chefe identifique corretamente o inimigo e declare contra eles a Guerra Total. A inimizade irreconciliável entre a linhagem sagrada hebreia e a linhagem herética hiperbórea poderia ser exemplificada considerando as infinitas vezes que se produziram confrontos e descrevendo os diferentes resultados. Podemos assegurar que haveria material para preencher vários tomos, razão pela qual devemos ser prudentes e referir-nos ao estritamente necessário para a compreensão da Estratégia "O" dos Siddhas. É com este critério que vamos considerar apenas um exemplo, mas um exemplo que será altamente esclarecedor. As linhagens hiperbóreas, desde a mais remota antiguidade e qualquer que seja o tempo histórico ou o país considerado, coincidiram sempre em que a sociedade humana devia se organizar em torno de três funções principais: régia, sacerdotal e guerreira. A HARMONIA e a INDEPENDÊNCIA das três funções garantiria um certo equilíbrio apropriado para os tempos de paz e de prosperidade, ou seja, QUANDO A SOCIEDADE PROGRIDE MATERIALMENTE PARA O FUTURO. Em diferentes épocas da sua história, muitíssimos povos de linhagem hiperbórea experimentaram breves períodos nos quais o equilíbrio das três funções permitiu desfrutar dessa tranquilidade social, medíocre e cortesã, que ocultava, na realidade, uma ausência total de contato carismático entre a massa do povo e seus líderes, situação típica que se caracteriza pela indiferença geral. Quando uma sociedade se estabiliza desta maneira, a Hierarquia Branca de Chang Shambala afirma que "evolui" e que "progride". É, pois, do interesse dos Demônios levar a humanidade a um estado de equilíbrio permanente das três funções. Com que objetivo? Para preparar o advento da Sinarquia[18], quer dizer, a Concentração do Poder em mãos de uma Sociedade Secreta ou confraria oculta. Que finalidade tem de se concentrar o poder em mãos de seres que atuam nas sombras? A resposta encontra-se relacionada com a manifestação, por parte do Demiurgo, de MALKHOUTH, a raça sagrada: O PODER SOBRE AS NAÇÕES PERTENCE (nesta etapa de Kaly Yuga) A ISRAEL, COMO HERANÇA DE JEOVÁ-SATANÁS E PROVA DE SUA LINHAGEM TEOLÓGICA. ENQUANTO NÃO CHEGA O TEMPO DE ISRAEL, A SINARQUIA SERÁ O REGENTE DO PODER CONCENTRADO PELA HIERARQUIA BRANCA.

Compreende-se que os Siddhas, frente a semelhante conspiração, procurem desestabilizar o equilíbrio sinárquico das sociedades e influam carismaticamente nos viryas, com a finalidade de despertar um deles e transmutá-lo em líder hiperbóreo. Tal é, fundamentalmente, o objetivo da Estratégia "O". Por isso, o canto dos Siddhas chama sem cessar no sangue puro e o Gral é uma presença permanente, que mostra, a quem o queira ver, o reflexo da origem divina do espírito.

[18] A palavra Sinarquia significa, etimologicamente, Concentração de Poder, de SYN = concentração e ARKHIA = poder.

Mas não se deve acreditar que a Estratégia “O” só tem êxito quando acontece uma autêntica transmutação de virya em Siddha imortal; esse é, sem dúvida, o mais importante êxito; mas este não é muito frequente, especialmente no caso de líderes ou condutores de povos. Há, em troca, outros casos, não tão vistosos nem evidentes como uma transmutação, mas cuja influência benéfica na organização das sociedades motivou que se os considere também como êxitos da Estratégia “O”. Referimo-nos, especificamente, àqueles líderes que, com certo grau de inconsciência, escutam o canto carismático e intuem alguns princípios da Sabedoria Hiperbórea. Como não se encontram completamente despertos e ignoram a procedência da “mensagem”, aplicam no governo de seus povos os princípios estratégicos, tomando-os por invenção própria.

Poderíamos abundar em exemplos, mas terá particular interesse para nós considerar o caso daqueles que “descobriram”, sem sabê-lo, o princípio do cerco.

Quando, na estrutura mental de um líder, se incorporou o “princípio do cerco”, seu sangue puro, e, com este, o canto dos Siddhas, o impulsiona a aplicar a “lei do Cerco” em todos os seus atos concretos.

Surgem, assim, desde sociedades particulares até teorias políticas, filosóficas, morais, etc., concebidas e executadas de acordo à lei do cerco, no quadro da Estratégia “O”. Um exemplo típico é a ideia do “Império Universal”. Vale a pena comentá-lo.

Quando a Estratégia “O” consegue despertar a natureza divina em algum líder, é factível que a sua posterior atividade provoque notáveis mudanças sociais. Se é rei, quer dizer, se detém a função régia, avançará gibelinamente sobre a função sacerdotal e, com o apoio da função guerreira, tratará de expandir os limites de seu Estado. Se o líder é um guerreiro notável, não tardará em colocar-se a coroa para, depois, esmagando a função sacerdotal, começar a tarefa de organizar um Estado militar. Na maioria dos casos, o desequilíbrio das três funções realiza-se à custa da função sacerdotal, que costuma ser lunar e sinárquica. O importante é que o líder, rei ou guerreiro, ao aplicar a lei do cerco em sua visão da sociedade, conclui geralmente por coincidir na ideia do Império Universal como a mais apropriada para demonstrar a superioridade de sua raça e para perpetuar a recordação da sua estirpe. O Império Universal Acádio; os Impérios da Assíria e Babilônia; o Grande Império Persa; destruído por Alexandre Magno; o Império Romano, etc., foram concebidos do mesmo modo: pela aplicação da lei do cerco, no quadro da Estratégia “O”, que fizeram os líderes hiperbóreos no curso dos milênios. Não podemos deixar de mencionar que muitas “ideias modernas” registram o mesmo procedimento em sua concepção: tal as distintas variantes do “nacionalismo”, o fascismo, o falangismo, o nacional-socialismo, as “federações” e “confederações”, etc. Estas e muitas outras teorias políticas são o produto da aplicação da lei do cerco por parte de alguns líderes modernos. No caso do "fascismo”, nacional-socialismo, etc., é evidente que têm um nexo bastante estreito com a antiquíssima ideia do Império Universal, o que explica de maneira eloquente o porquê de tais ideologias terem sido perseguidas até o aniquilamento pela raça sagrada e as forças da Sinarquia. É que, justamente, a ideia de “Império Universal", que é hiperbórea e surge da aplicação da lei do cerco, opõe-se irredutivelmente à ideia da “Sinarquia Universal”, propiciada pela Hierarquia Branca de Chang Shambala, e levada adiante em favor da raça sagrada. Havíamo-nos proposto a dar um exemplo da inimizade irreconciliável entre a linhagem herética hiperbórea e a linhagem sagrada hebreia; e isso ficou manifestado na oposição entre Império Universal e Sinarquia, quer dizer, entre suas respectivas concepções ideais da sociedade. Munido destas chaves, qualquer um pode revisar a História e tirar suas próprias conclusões; não é, pois, necessário insistir mais sobre isso.

**F – Jesus Cristo, imitação demiúrgica de Kristos Lúcifer.**

Dissemos anteriormente que a "raça sagrada" foi criada pelo Demiurgo como IMITAÇÃO das linhagens hiperbóreas e mostramos que "as Tábuas da Lei" e o terrível conhecimento com que estavam escritas, foram entregues aos hebreus à SEMELHANÇA do Gral. Podemos agregar agora que a "imitação" não concluiu ali; pelo contrário, durante séculos preparou-se uma infernal falsificação histórica na qual os fatos vinham significar um agravo infinitamente mais ofensivo do que a imitação das linhagens hiperbóreas ou do Gral. Estamos falando da usurpação, vulgarização e degradação perpetrada contra a figura divina de Cristo-Lúcifer. Já mencionamos que, durante os dias de maior decadência espiritual da Atlântida, Cristo-Lúcifer MANIFESTOU-SE à vista dos viryas perdidos. Sua presença teve a virtude de purificar e orientar muitos viryas, os quais, graças a esta descida aos infernos, realizada pelo Galhardo Senhor, puderam assim empreender o caminho do regresso. Entretanto, a reação covarde dos Siddhas da Face Tenebrosa, que recorreram ao emprego da magia negra para impedir o resgate, conduziu finalmente a uma guerra sem trégua, que só concluiu quando desapareceu a última Atlântida. E ainda que o continente atlante tenha desaparecido, devorado pelas águas, e milhares de anos de barbárie e confusão estratégica apagassem estes fatos da História, não é menos certo que o drama vivido foi tão intenso, que jamais se obscureceu de todo na memória coletiva das linhagens hiperbóreas. Por isso, quando o Demiurgo concebeu a sinistra ideia de imitar, grosseiramente, a imagem redentora de "Cristo-Lúcifer descendo entre os homens", era inexorável que tal infâmia desencadearia mudanças irreversíveis e confrontos definitivos.

O que pretendia desta vez o Demiurgo? Ainda que pareça incrível, desejava produzir, à IMITAÇÃO da transmutação hiperbórea, UM SALTO na humanidade. Mas não nos espantemos demasiadamente: o que se buscava era um salto para adiante, PARA O FUTURO; e, sobretudo, tentava-se LIMITAR os membros da humanidade, sem distinção alguma por sua raça ou religião, a um TYPO PSICOLÓGICO universal, ou seja, a um ARQUÉTIPO COLETIVO. Esse arquétipo, é claro, era o da RAÇA HEBREIA; pois o que se queria, definitivamente, era JUDAIZAR a humanidade e prepará-la para o Governo Mundial da Sinarquia.

Para levar adiante um plano tão ambicioso, colocar-se-iam em movimento numerosas forças, as quais concorreriam para a figura do Messias e fariam possível seu ministério terrestre. Para a missão de "preparar o veículo" mediante o qual Jeová-Satanás se manifestaria aos homens, foi comissionado um dos Mestres de Sabedoria da Hierarquia Branca, o qual seria conhecido, após sua encarnação, como Jesus de Nazaré. Tampouco se descuidou da questão da linhagem, e por isso o Mestre Jesus encarnou no seio de uma família hebreia, cuja genealogia podia reverter até Abraão. Mas o corpo físico do Messias possuiria uma constituição diferente à de um simples hebreu: Maria seria engravidada "com o olhar" por um dos Demônios da Hierarquia, o "Anjo Gabriel", o qual, na realidade, emprega o método de "intersecção de campos", uma das três formas de partenogênese que existem. O Mestre Jesus animaria durante trinta anos esse corpo superior, mas seria a seita essênia que, durante todo esse tempo, encarregar-se-ia de desenvolver suas potencialidades esotéricas, treinando-o nos segredos da Kabala acústica. Nesta tarefa, os essênios seriam assistidos pelos Mestres da Hierarquia, e estes pelos Siddhas Traidores; todo Chang Shambala tinha se concentrado em sustentar o Messias, já que do êxito de sua missão dependeria, em grande medida, a "evolução" futura da humanidade. Se a obra do Messias triunfasse, a humanidade inteira seria "civilizada", quer dizer, judaizada, e se acabaria a "barbárie", quer dizer, a recordação mitológica dos ancestrais divinos. O mais horroroso desta

conspiração era que o Demiurgo e seus Demônios contavam, desta vez, COM A RECORDAÇÃO DE SANGUE que as linhagens hiperbóreas ainda guardavam do Cristo da Atlântida, para "atraí-los" para sua imitação, o Jesus-Cristo, e mediante uma fantástica confusão, submetê-los definitivamente. Com que colossal hipocrisia se planejou e se executou a trapaça! Após Jesus Cristo, quem seria capaz de distinguir o Cristo da Atlântida de sua caricatura? Só alguns poucos suspeitaram do engano, gnósticos, maniqueus e cátaros; e contra eles caiu o anátema das Forças Escuras, a perseguição e o aniquilamento. É que este Jesus Cristo, como arquétipo judaico que é, permite muitas interpretações, todas "legais", segundo a conveniência da Sinarquia: há um Cristo redentor; um Cristo de piedade; um Cristo "que virá"; um Cristo-Deus; um Cristo-homem; um Cristo revolucionário social; um Cristo Cósmico; um Cristo Avatar, etc. O que jamais se permitirá conceber (ou "recordar") a ninguém é um Cristo Luz, quer dizer, um Cristo-Lúcifer. Após Jesus Cristo, esse será o maior pecado, a maior heresia, e o castigo merecido será castigo exemplar. "No ano 30 da "era cristã", o Verbo se fez carne e habitou entre os homens". Aquele por cuja Palavra foi criado o mundo vestiu-se com a roupa de seu Arquétipo Hebreu, Malkhouth, e manifestou-se aos homens na pessoa de Jesus de Nazaré. Fenômeno dos fenômenos, Maravilha das maravilhas, que espetáculo prodigioso terá sido ver o Demiurgo feito homem! Há que se reconhecer que, desta vez, há uma inegável qualidade em sua infernal ideia de imitar o Cristo da Atlântida e aproveitar-se da recordação de sangue dos viryas. O resultado está à vista. Pouco a pouco, os povos saíram da "barbárie" e a "civilização" alcançou até os últimos rincões da Terra. E os homens, lenta, mas inexoravelmente, foram adaptando-se ao padrão psicológico judaico. Como se conseguiu este êxito? Por qual alquimia coletiva a efêmera vida de Jesus Cristo conseguiu influir sobre os povos durante milênios até desembocar em sua completa judaização? Foi só a recordação de sangue do Cristo da Atlântida o que determinou tal resultado ou houve outros fatores ocultos que contribuíram para a confusão da humanidade e sua judaização atual? Sem entrar em muitos detalhes, dado que o tema é muito longo, podemos dizer que o Arquétipo Hebreu de Jesus Cristo, que se encontrava, da mesma forma que todos os Arquétipos, em um Plano Arquetípico ou Psicoesfera em torno da Terra, foi PRECIPITADO AO PLANO FÍSICO ou ATUALIZADO, durante a encarnação do Demiurgo no corpo de Jesus de Nazaré. Tal atualização do arquétipo Malkhouth significa que se estabeleceu UMA FORÇA PERMANENTE NA TERRA, a qual atua de maneira equivalente à gravitacional, "empurrando" o homem para a FORMA (MORPHE) JUDAICA. Isso é devido a uma razão QUE É TAMBÉM UM TERRÍVEL SEGREDO: JESUS-CRISTO NÃO DESENCARNOU! Pelo contrário, situou-se desde então "no centro da Terra", junto ao Rei do Mundo, irradiando dali sua "potência arquetípica" (hoje diríamos "informação genética") nos infinitos eixos geocêntricos que partem do centro terrestre e atravessam a coluna vertebral dos homens. Esta é a força arquetípica permanente de Jesus-Cristo. Mas não é a única: também atua sobre o homem uma influência Judaica EMOCIONAL, irradiada do próprio "povo eleito" de Israel, já que a raça sagrada faz parte da anatomia oculta da Terra, cumprindo a função de CHAKRA CORAÇÃO ou ANAHATA CHAKRA. Com respeito à última pergunta, vale a pena destacar que o "animal-homem" ou pasu, criado pelo Demiurgo há milhões de anos para que "evoluísse", de acordo ao Plano que seguem os sete reinos da natureza, tendia naturalmente a formar um TYPO que respondia a alguns Arquétipos básicos. Entretanto, desde o ano 33 da era cristã, pode-se assegurar que o arquétipo judaico de Jesus Cristo é agora o arquétipo psicológico do pasu, quer dizer, o TYPO para o qual tende por evolução. Isto significa que, nos viryas, que possuem, pelo antigo Mistério de Amor, uma herança animal, as tendências do pasu o impulsionarão inconscientemente

para o arquétipo judaico. Só a pureza de sangue poderá evitar o predomínio das tendências animais do pasu e o consequente perigo de corresponder psicologicamente ao arquétipo judaico. Já demonstramos de que maneira o Demiurgo levou o conflito original ao terreno do confronto racial, após criar a raça sagrada, à imitação das linhagens hiperbóreas divinizadas pelo Gral. Agora acabamos de ver como uma nova imitação, desta vez de Cristo Lúcifer, significou outro avanço destruidor contra as linhagens hiperbóreas. A poderosa força formatadora do arquétipo Judaico de Jesus Cristo, atuando desde o centro da Terra, em todo tempo e lugar, aumentou tremendamente o sonho em que se encontrava desde outrora a "consciência de sangue" dos viryas. No campo de batalha do sangue lutam agora, sem trégua, duas forças esotéricas: o canto dos Siddhas e a tendência arquetípica judaica de Jesus Cristo. E o "despertar" tornou-se, então, uma luta terrível e desesperada, travada no interior e no exterior de cada um, MUITAS VEZES INCONSCIENTEMENTE. É por isso que, após Jesus Cristo, já não será possível qualificar nem povos nem organizações, senão que se terá que atentar especificamente ao grau de confusão dos homens. Deve ser assim porque, em muitos casos, organizações sinárquicas inteiras podem cair sob o comando de um homem subitamente consciente de algum princípio hiperbóreo (produto da luta esotérica que se trava em seu interior), quem poderia até "torcer" momentaneamente o rumo desta. E vice-versa, em outros casos, poderá ocorrer que um grupo qualificado como "hiperbóreo" seja conduzido por personagens mais ou menos judaizados. No extremo, teremos hebreus (judeus de sangue) que se rebelam contra Jeová e tentam dramaticamente recuperar sua herança hiperbórea, caso que pode ocorrer com mais frequência do que se costuma imaginar, assim como encontraremos, muitas vezes, pessoas que "pelo sangue" declaram ser perfeitos "arianos", mas que, psicologicamente, demonstram ser mais judeus do que o Talmude. Um exemplo muito eloquente teremos, observando a Igreja Católica, na qual convivem os adoradores de Jesus Cristo e do Demiurgo, junto a padres nacionalistas e patriotas que servem à causa de Cristo Lúcifer e dos Siddhas, sem sabê-lo. Devemos, pois, ser prudentes ao qualificar as organizações humanas e, ainda naquelas claramente sinárquicas, deter-nos sempre para avaliar o grau de confusão dos homens com os quais devemos topar. Considera-se uma mostra de capacidade estratégica a habilidade para localizar o "homem justo", ainda que dentro de uma organização sinárquica como a maçonaria, a quem logo se falará, tratando de ISOLÁ-LO da organização na qual milita (apelando à aplicação da lei do cerco) para poder DIRIGIR-SE, mediante símbolos apropriados, À SUA PARTE HIPERBÓREA.

Um exemplo de quanto vimos dizendo se constitui no caso da heresia soteriológica[19] de Pelágio, chamada também de "pelagianismo". A princípios do século V, este bispo britânico começou a defender a teoria de que o homem, por si mesmo, é suficiente para protagonizar sua salvação. Isso é possível, segundo Pelágio, porque "há no homem um princípio de perfeição espiritual". É evidente para nós que em Pelágio predominava a linhagem hiperbórea. Seu sangue puro logo lhe permitiu perceber que a "salvação" do homem (sua "orientação") dependia de "um princípio espiritual" (ou Vril), o qual deveria ser "descoberto" e "cultivado" interiormente. Mas onde a posição "herética" de Pelágio estava mais clara era no referente ao pecado original: o homem não pecou em absoluto e "se Adão pecou, seu pecado morreu com ele; não se transmitiu à descendência humana". Definitivamente, o "homem é livre" e "nasce sem

[19] Chama-se SOTERIOLOGIA por tratar da SOTERIA ou dos meios de salvação e santificação.

pecado"; daí a apresentar a injustiça da dor e do sofrimento, ou de qualquer outro castigo imposto por Jeová-Satanás, havia só um passo. Em consequência, a perseguição contra Pelágio começou logo, e não acabou até sua eliminação, na África; foi levada adiante pelas mais importantes autoridades eclesiásticas de sua época, entre os quais se destacaram os Papas Inocêncio I e Zózimo, São Jerônimo e o apóstata gnóstico Santo Agostinho, o que prova o temor que produziam suas ideias.

No Sínodo de Cartago do ano 411, foram condenadas sete proposições, síntese de sua doutrina. Vale a pena que as recordemos agora, para comprovar que estas derivam-se da Sabedoria Hiperbórea. Eis aqui as sete proposições condenadas:

1 – Adão, mortal por sua criação, morreria com pecado ou sem ele.

2 – O pecado de Adão prejudicou só a ele, não à linhagem humana.

3 – As crianças recém-nascidas encontram-se naquele estado em que se achava Adão antes da sua prevaricação (quer dizer: antes de provar o fruto proibido do Gral).

4 – É falso que nem pela morte nem pela prevaricação de Adão se tenha que morrer todo o gênero humano e que se tenha que ressuscitar pela ressureição de Jesus-Cristo.

5 – O homem pode facilmente viver sem pecado.

6 – A vida correta de qualquer "homem livre" conduz ao céu, do mesmo modo que o Evangelho.

7 – Antes da vinda de Jesus Cristo, houve homens "impecáveis", quer dizer, que de fato não pecaram[20].

**G – As Tábuas da lei, as Kabalas e os Druidas.**

É hora de que nos perguntemos: o que aconteceu com o Gral e sua imitação, as Tábuas da Lei, após tantos séculos de irredutível inimizade entre hebreus e hiperbóreos? Começaremos por responder a segunda parte da pergunta. As Tábuas da Lei contêm o segredo da Kabala acústica, ou seja, a descrição das vinte e duas vozes com que o Demiurgo concretizou a criação. Para preservar este segredo dos olhares profanos, as Tábuas foram guardadas na "Arca da Aliança" enquanto uma "interpretação" da Kabala acústica era cifrada por Moisés nos quatro primeiros livros do Pentateuco. As vinte e duas letras hebraicas, com que foram escritas as palavras cifradas, têm uma relação direta com os vinte e dois sons arquetípicos que o Demiurgo pronunciou, o que lhes outorga um inestimável valor como instrumento mágico. Mas tais letras possuem um significado numérico; de modo que toda palavra hebraica é também uma cifra suscetível de ser analisada e interpretada. Essa é a origem da Kabala numérica judaica, a qual não se deve confundir com a Kabala numérica atlante, que se encontrava referida a outro sistema de sinais alfabéticos. A interpretação do conteúdo esotérico da Escritura é o objeto da Kabala numérica; mas o conhecimento assim obtido deve se considerar, do ponto de vista mágico, como muito inferior ao domínio das leis do Universo que outorga a Kabala acústica.

Mas a Kabala acústica se achava "escrita" nas Tábuas da Lei e estas encerradas na Arca, de onde só podiam ser retiradas uma vez ao ano, para privilégio dos sacerdotes. A Arca foi enterrada em uma cripta profunda, debaixo do Templo, pelo rei Salomão, alguns mil anos antes de Jesus Cristo, e permaneceu no mesmo lugar até a Idade Média, quer dizer, por vinte e um séculos. Poderíamos agregar QUE FOI A MANEIRA COM QUE SE A ENTERROU o que impediu que a Arca fosse encontrada

[20] Tomados de B. LLORCA Manual de Historia Eclesiástica – Pág. 180, Ed. Labor, Espanha.

antes; mas este comentário não esclarecerá nada, se não se possuem as chaves esotéricas.

Quando da morte de Salomão, o reino de Israel dividiu-se em duas partes. As tribos de Judá e Benjamim, que ocupavam o sul da Palestina, ficaram sob o comando de Roboão, filho de Salomão; e o resto do país, formado por dez tribos, ficou sob o comando de Jeroboão. No ano de 719 A.C., o rei Sargão da Assíria destruiu o reino de Israel e as dez tribos foram transportadas, para servir em escravidão, no interior da Assíria. As tribos restantes formaram o reino de Judá, do qual descendem, em maior ou menor medida, os judeus atuais.

As "dez tribos perdidas de Israel" não desapareceram da História, como a propaganda interesseira dos judeus pretende fazer crer; dado que se sabe sobre o assunto muito mais do que se diz. Por exemplo, é certo que houve hebreus na América e também que grande parte da população atual do Afeganistão descende dos primitivos membros da raça sagrada. Mas o que a nós interessa é comentar que houve uma migração de hebreus para o norte, os quais iam guiados por uma poderosa casta levita. Após atravessar o Cáucaso, onde foram dizimados por tribos hiperbóreas, chegaram às estepes da Rússia e ali chocaram com os escitas (eram muito inferiores em número e praticamente não afetaram a identidade étnica destes); mas a casta levita não aceitou perder sua condição de membros da raça sagrada, degradando seu sangue. Os levitas permaneceram, assim, dedicados ao culto e ao estudo da Kabala numérica, durante muitos anos, chegando a realizar grandes progressos no campo da feitiçaria e magia natural. Quando, séculos depois, os escitas se deslocaram para o Oeste, uma parte deles se estabeleceu nos Cárpatos e nas margens do Mar negro, enquanto outra parte continuava seu avanço para a Europa Central, onde foram conhecidos como CELTAS. Acompanhando os Celtas, iam os descendentes daqueles sacerdotes levitas, conhecidos agora como DRUIDAS, os quais detinham um terrível poder, obtido do domínio da magia negra. E, já dissemos em outra parte, a aliança entre os Druidas e os Celtas não acabaria jamais, prolongando-se até nossos dias. Como chegaram os levitas da tribo perdida a tornarem-se Druidas? Quer dizer, como obtiveram seu sinistro conhecimento? A explicação deve-se buscar no fato de que ESTES LEVITAS, coisa que não ocorreu com os outros sacerdotes judeus, nem então nem mais adiante, NÃO SE CONFORMAVAM COM O SABER QUE SE PODIA EXTRAIR DA ESCRITURA. ELES DESEJAVAM CHEGAR À AUTÊNTICA FONTE DA KABALA ACÚSTICA. Sua insistência e perseverança para concretizar esse propósito, e o fato de que pertenciam à "raça sagrada", levou os Demônios de Chang Shambala a confiar-lhes uma importantíssima missão; uma missão que requeria sua intervenção dinâmica na História. O cumprimento dos objetivos propostos pelos Demônios redundaria em benefício dos levitas, pois lhes permitiria avançar cada vez mais no conhecimento da Kabala acústica. Que tipo de missão lhes haviam encomendado os Demônios? Uma tarefa que tinha direta relação com seus desejos: deviam "neutralizar" os instrumentos líticos que, milhares de anos atrás, os homens de Cro-Magnon, sobreviventes atlantes, haviam construído em todo o mundo. Mas os Cro-Magnon não construíram somente monumentos megalíticos, senão que sua ciência incluía outras alterações do meio ambiente; e a maneira em que os Druidas deviam "neutralizá-las" iam desde a destruição, a gravação de símbolos nas grandes pedras, a modificação das dimensões ou a construção análoga de "outros monumentos". Com a passagem dos séculos, os Druidas chegaram a ser grandes mestres da Kabala acústica e já vimos na história de John Dee como a gastavam, quando desejavam "recuperar" algum dos transdutores líticos atlantes. Voltaremos a falar, mais adiante, sobre a ciência perdida dos Cro-Magnon e a mestria esotérica dos Druidas. Enquanto os Druidas iam com os Celtas

para a Europa, o reino de Judá, no Oriente Médio, era destruído por Nabucodonosor e sua população levada em cativeiro para a Babilônia, no ano de 597 A.C. Foram liberados em 536 e, vinte anos depois, em 516, reconstruíram o Templo de Salomão, sem encontrar a Arca com as Tábuas da Lei. No século IV, foram dominados pelos gregos de Alexandre; e, no século II, aliaram-se com os romanos contra os gregos (140 A.C.). Após a morte de Júlio Cesar, o Senado de Roma outorgou o título de rei da Judeia a Herodes I, no ano 37 A.C. e no primeiro ano da era cristã (ou em 4 A.C., se se quer) nasceu o Salvador, Jesus de Nazaré, o Cristo. Após Herodes I, os romanos tiraram do povo eleito a possibilidade de ter um rei de sua linhagem e colocaram no poder uma série de procuradores que tentaram, em vão, dominar a crescente agitação social. A "crucificação de Jesus Cristo" (que não existiu) ou a "luta contra os cristãos" que se costuma dar como explicação da atitude belicosa e suicida dos judeus, não são corretas; sendo a verdadeira causa do mal-estar o fato, pressentido por todos os membros da raça sagrada, de que o arquétipo hebreu "seria jogado aos gentios". Era palpável para eles, em virtude de compartilhar a substância do Demiurgo, a ação judaizante que se realizaria, dali em diante, sobre todo o mundo. O que não lhes parecia tão claro era: de que modo, após a presença de Jesus Cristo, poderia se cumprir o antigo pacto com Jeová-Satanás, a promessa de que a linhagem sagrada herdaria o poder sobre as demais nações? Necessitar-se-iam vários séculos e o trabalho de eminentes rabinos cabalistas para que os hebreus recuperassem a fé sobre seu papel na História. Mas enquanto esse tempo não chegava, a paciência dos romanos se esgotou muito antes; no ano de 70 D.C., o General Tito destruiu Jerusalém, o Templo de Salomão, e "dispersou" os judeus para todos os cantos do Império Romano. Com a Diáspora do ano 70, começa a história moderna do povo eleito, cuja culminação está para produzir-se em nossos dias, quando a Sinarquia transfira às suas mãos a totalidade do poder mundial. Quando, em 313, o Imperador Constantino, o Grande, reconheceu o cristianismo como religião oficial do Império Romano, iniciou-se uma época difícil para a raça sagrada. O motivo era que nos povos recentemente cristianizados predominava mais a recordação de sangue de Cristo Lúcifer do que o arquétipo judaico de Jesus-Cristo, fato que quase sempre desembocava em um generalizado sentimento antijudeu. Ainda que, ao longo do tempo, terminaria por triunfar a permanente influência do "raio geocêntrico" de Jesus Cristo sobre a recordação hiperbórea, e as massas acabariam judaizadas, enquanto isso a raça sagrada correria o perigo de ser exterminada. Mas a "ameaça" logo seria conjurada. Se existiu realmente um perigo efetivo contra os hebreus é algo que ter-se-á que duvidar, pois, no século V, São Bento de Núrsia funda a ordem na qual ingressarão, em massa, os Druidas "cristãos", os quais se lançarão, desde então, à tarefa de mediar entre a Igreja e a Sinagoga. (Sobre a ação mediadora e protetora dos Druidas para com os hebreus, concordo com a teoria que o Professor Ramírez, da Universidade de Salta, expôs ao meu neffe Arturo Siegnagel. Entretanto, a missão dos Druidas ia muito mais longe, segundo se verá, do que a simples proteção da raça sagrada).

**H – Analogias entre a Estratégia "O" e a via da oposição estratégica.**

Dissemos que as Tábuas da Lei ficaram onde as havia guardado Salomão e logo foram encontradas na Idade Média, mais precisamente no século XII. Não conclui, com esta afirmação, nossa resposta; senão que teremos que voltar brevemente, no próximo inciso, para continuar com o relato. Enquanto isso, tratemos de encontrar resposta para a primeira parte da pergunta, que dizia: o que aconteceu com o Gral? Ao contrário da pergunta pelas Tábuas da Lei, que obrigou a se referir a fatos da História, a questão do Gral nos levará ao terreno estritamente esotérico. Mas, em primeiro lugar, convém esclarecer que a pergunta foi mal colocada. Já explicamos que o Gral não deve

ser buscado; agreguemos agora que se trata de um objeto do qual não é possível se apropriar e que, portanto, deve ainda estar onde sempre esteve. É um erro, pois, tanto "buscar" o Gral como interrogar: o que aconteceu com ele? Mas, nos perguntaremos: como ter-se-á que enfrentar esse Mistério, então, para obter algum conhecimento adicional, livre de paradoxos? A única maneira, em nossa opinião, de avançar no conhecimento do Mistério, consiste em aprofundar as analogias que unem a "função orientadora para a origem" do Gral, função externa, com as "vias secretas de liberação espiritual" da Sabedoria Hiperbórea, que são funções internas, "orientadoras para a origem". Neste sentido, podemos estabelecer uma analogia muito significativa entre a "Pedra Gral" da Estratégia "O" e as "lapis opositionis", empregados na via da "oposição estratégica". No capítulo que dedicamos à Estratégia "A1" de John Dee, fez-se a descrição do ritual secreto que praticavam os Berserkir da S.D.A. (Sapiens Donabitur Astris), baseado na via de oposição estratégica e na técnica arquemônica. Mostrou-se ali a Arquêmona que os Berserkir construíram na cripta subterrânea, consistente em uma "praça" ou área cercada por um anel de água. Aplicando a "lei do cerco" à Arquêmona se consegue ISOLAR a praça do Valplads; quer dizer, consegue-se LIBERAR UMA ÁREA no mundo do Demiurgo[21]. Mas isso não é suficiente; é necessário que os Berserkir se dessincronizem do tempo do mundo e gerem um tempo próprio, inverso, que lhes permita DIRIGIR-SE PARA A ORIGEM. Para isso, praticam a OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA CONTRA OS LAPIS OPOSITIONIS, QUE SE ENCONTRAM SITUADOS SOBRE UMA RUNA NO VALPLADS, EM FRENTE À FENESTRA INFERNALIS. Temos, agora, de aproximar-nos ao maior segredo, aquele que explica o método empregado pelos Siddhas para MANTER, permanentemente, eternamente, se se quer, o Gral no mundo. Comecemos por indagar o seguinte: qual é a RESIDÊNCIA dos Siddhas? Podemos partir de uma resposta conhecida, que nós repetimos muitas vezes: os Siddhas residem no Valhalla. Tal resposta é correta, mas insuficiente; pois caberia perguntar, por sua vez, o que é o Valhalla? Onde se encontra?

Frente a estas interrogações, podem-se adotar dois critérios; um, recorrer a elementos da mitologia nórdica, e dizer, por exemplo, que "no alto do Freixo Yggdrasil encontra-se o Valhalla, lugar onde vão residir os guerreiros mortos em combate, regido por Wotan, etc." E um segundo critério, que nos parece mais acertado, consiste em despojar as respostas de adornos folclóricos e expressá-las com símbolos da Sabedoria Hiperbórea, que poderão ser facilmente interpretados mediante analogias. Com este critério, podemos afirmar imediatamente que o Valhalla É A PRAÇA LIBERADA PELOS SIDDHAS (ou Ases) EM ALGUM LUGAR DO UNIVERSO DO UNO. Esta praça, naturalmente, tem as dimensões de um país e se encontra fortemente fortificada. Nela habitam os Senhores de Vênus e muitíssimos Siddhas e Valquírias, os quais se preparam permanentemente para a luta, enquanto aguardam o fim do Kaly Yuga e o despertar dos espíritos cativos. Seus incontáveis Siddhas guerreiros, imortalizados com seus corpos de vraja, formam fileiras do Wildes Heer, exército furioso de Wotan, e vigiam as muralhas do Valhalla, ainda que o inimigo jamais se atreveria, ante tão temível guarnição hiperbórea. Os Siddhas liberaram a praça forte do Valhalla aplicando, com suas Poderosas Vontades, a lei do cerco às muralhas de pedra. A conquista do tempo próprio que reina o Valhalla, e que os independe de qualquer "ciclo" ou "lei" do mundo do Demiurgo, procede de uma maravilhosa operação de oposição estratégica. Mas, qual terá sido a pedra, a lapis oppositionis que os Siddhas

[21] A aplicação, pelas antigas linhagens hiperbóreas, desta fórmula estratégica, tornou-se, na Bíblia, a fábula de que Caim foi o primeiro que "cercou uma área e a murou" (dentro da qual construiu cidades cuja Economia se baseava na Agricultura).

empregaram em sua Estratégia Hiperbórea? Desde que ocorreu o Conflito das Origens, há milhões de anos, os Siddhas praticam a oposição estratégica CONTRA UMA PRECIOSA GEMA EXTRATERRESTRE, FACILITADA PARA TAL EFEITO PELO GALHARDO SENHOR, CRISTO LÚCIFER. "ESSA PEDRA CHAMA-SE GRAL".

A relação analógica entre Arquêmona e Valhalla torna-se mais evidente ainda se consideramos que este possui uma "PORTA INFERNALIS", equivalente à "FENESTRA INFERNALIS" daquela. A porta infernalis é uma abertura na muralha que se encontra permanentemente vigiada por atentos sentinelas. Frente à porta infernalis, mas fora do Valhalla, quer dizer, "no mundo", ENCONTRA-SE SITUADO O GRAL, SOBRE UMA RUNA; contra ele, segundo se disse, os Siddhas praticam a oposição estratégica. É necessário que aprofundemos um pouco mais na descrição desta disposição, devido à sua extraordinária importância para a aproximação ao Mistério do Gral. Na cripta da S.D.A. as lapis oppositionis se colocavam SOBRE runas de prata ENGASTADAS NAS LAJES DO PISO. Analogamente, o Gral, como uma lapis oppositionis, FOI DEPOSITADO NA ORIGEM SOBRE UMA RUNA E AINDA CONTINUA ALI: SOBRE A RUNA E NA ORIGEM. Não se trata de um jogo de palavras, senão de uma propriedade do Gral, que deve ser examinada com atenção: o Gral, como reflexo da Origem, não pode devir no tempo, à semelhança das "coisas" materiais criadas pelo Demiurgo; em outras palavras, o Gral não pode estar no presente. Na verdade, o Gral se encontra no remoto passado, naquele tempo e lugar em que foi colocado, e, por isso, NÃO DEVE SER BUSCADO empregando "movimento" (e tempo) para consegui-lo, pois tal atitude VISA O FUTURO, ou seja, em sentido contrário, tal como já explicamos. Mas se o Gral se encontra no passado, se o tempo não o arrasta para o presente com sua incontível fluência, como acontece com os objetos materiais, e SEMPRE PERMANECEU ALI (no passado), como é que chegamos a saber dele? E o mais importante: como pode ATUAR no presente, tal como o exige a Estratégia "O", PRESCINDINDO DO TEMPO? Quer dizer, em virtude de qual "elemento" se conecta o Gral "do passado" com "o presente", por exemplo, com um líder hiperbóreo? A solução para estes problemas se constituiu, desde outrora, em um perigoso segredo... que agora vamos tratar de revelar. O enigma se resolve raciocinando deste modo: se bem que o Gral PERMANECEU SEMPRE NO PASSADO, propriedade que unicamente possui no Universo a Gema de Cristo Lúcifer, O MESMO NÃO ACONTECEU COM A RUNA QUE O SUSTENTAVA (e que ainda o sustenta). Eis aqui o grande segredo: enquanto o Gral, reflexo da origem divina, permanece como tal "SITUADO NA ORIGEM", a runa sobre a qual foi assentado atravessou os milênios e chegou até o presente. Por certo que a runa "sempre está presente", o que significa: "em qualquer circunstância histórica". Falemos um pouco da runa.

É conhecida como RUNA DA ORIGEM ou RUNA DE OURO, mas devemos esclarecer que tais nomes não só designam o "símbolo" da runa, senão que também a PEDRA TERRESTRE que foi assento primordial do Gral. Por isso, quando a Sabedoria Hiperbórea faz alusão à "Runa de Ouro", do que na realidade se está tratando é de uma pedra, muito antiga, de cor azul-violeta, na qual os Siddhas engastaram um sinal rúnico de ouro. Faz-se necessário, pois, conhecer a procedência da mesma e o motivo de sua construção. Já mencionamos em outras ocasiões que, a princípio, os Siddhas ingressaram no Sistema Solar "pela porta de Vênus" e que um grupo deles, os "Siddhas Traidores", se "associou" ao Plano do Demiurgo, provocando logo, em combinação com este, a catástrofe dos espíritos cativos. Os espíritos hiperbóreos foram encadeados à matéria por terem caído em uma cilada cósmica, o Mistério de Amor; mas não falaremos disso por ora. O efeito que se produziu no mundo evolutivo do Demiurgo, ao assimilar os espíritos confusos, é o que hoje chamaríamos de uma mutação coletiva.

Ao mal da ordenação imitativa da matéria, feita pelo Demiurgo, somou-se logo o mal da mutação de sua Obra e o encadeamento dos espíritos, quer dizer, a modificação do Plano, realizada pelos Siddhas Traidores. E para "controlar" tão maligna empresa, os Siddhas Traidores decidem fundar a Hierarquia Branca, na qual devem se organizar as diferentes manifestações dévicas do Demiurgo.

**I – Chang Shambala, morada dos Siddhas Traidores.**

A "sede central" do Poder, Chang Shambala, é também a chave da mutação coletiva dos sete reinos da natureza. Com efeito, de que maneira mantinha o Demiurgo A ESTABILIDADE DA FORMA SOBRE A TERRA e como se certificava, antes da mutação, de que os sete reinos evoluiriam de acordo com seu Plano? Há dois princípios que intervêm na execução do Plano, um estático e o outro dinâmico. O Plano se apoia ESTATICAMENTE nos Arquétipos e DINAMICAMENTE no Alento do Logos Solar. Quer dizer, que era UMA FORÇA PROCEDENTE DO SOL (veículo físico do Logos Solar) que mantinha o impulso evolutivo nos sete reinos da natureza terrestre. Bem, para provocar qualquer alteração permanente no Plano do Demiurgo É IMPRESCINDÍVEL INTERCEPTAR A CORRENTE ENERGÉTICA PROCEDENTE DO SOL QUE, ATRAVESSANDO O OCEANO DE PRANA, CONVERGE SOBRE A TERRA. Para cumprir esta condição, os Siddhas Traidores instalaram-se, desde o princípio, ENTRE O SOL E A TERRA, em uma posição FIXA que jamais deixa passar nenhum raio de luz (quer dizer, nenhum fóton) sem que antes tenha sido interceptado. Esta afirmação pode parecer fantástica, e na verdade o é; mas mais fantástica e insensata foi a construção de Chang Shambala, já que o que descrevemos é a função "técnica" da sede do Poder dos Siddhas Traidores. Eis aqui outro "segredo" que já não é tal, a "localização" de Chang Shambala se poderá agora determinar a partir deste dado: sempre se encontra entre a Terra e o Sol. Na realidade, Chang Shambala está muito perto da terra, o que dará uma ideia de seu enorme tamanho. Entretanto, aqui não se trata de um capricho, senão que se deveu construir assim por exigências de sua função MODULADORA do plasma genético solar. É claro, não faltará quem diga, tolamente, que tudo isto é um disparate, dado que "as tradições do Tibete e da Índia" afirmam que Chang Shambala "é um reino situado na Ásia, entre as montanhas Altai, o Deserto de Gobi e os Himalaias". Sem dúvida, um comentário deste tipo constituirá um disparate maior do que nossas afirmações. A princípio, as célebres "tradições do Tibete e da Índia" são produto da desinformação estratégica que, durante séculos, a Hierarquia desenvolveu, para que se ignore a verdade. E, em segundo lugar, digamos que os dados mais sérios da tradição (já que há alguns dados dignos de crédito), sempre mencionam A LOCALIZAÇÃO DA PORTA DE CHANG SHAMBALA e jamais o reino em si. Esta sutil distinção é sumamente sugestiva, pois o fato de que em um determinado lugar geográfico exista uma porta NÃO IMPLICA QUE O REINO ESTEJA IMEDIATAMENTE DETRÁS! Poderia entendê-lo assim uma mente primitiva, condicionada pela crença de que a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos, e, de fato, tal coisa ocorre frequentemente. Mas aqui estamos tratando a informação em outro nível e, por isso, repetiremos quatro versos do Canto da Princesa Isa, que tivemos a oportunidade de conhecer, quando estudamos a história de Nimrod, O Derrotado:

"Mas ainda que Dejung esteja longe,
Suas portas estão em todas as partes.
Sete portas tem Dejung,
E sete muros a circundam".

A essas "portas induzidas" se referem as lendas orientais, as quais "estão em todas as partes" e conduzem ao reino que, evidentemente, não ocupa um simples lugar

geográfico. Nossa referência a eventos tão remotos (a perversa associação entre os Siddhas Traidores e o Demiurgo) tinha como finalidade servir de introdução para um fato que vamos destacar em seguida: quando o Demiurgo concorda com os Siddhas Traidores de ceder a estes o controle da Hierarquia, entrega-lhes O SINAL TIPHERETH, que representa um dos dez Sephiroth e permite um controle total sobre os aspectos FORMAIS da criação. O Sinal Tiphereth é a expressão simbólica da "manifestação material dos Arquétipos divinos", aspecto que costuma sintetizar-se como "BELEZA DO DEMIURGO". Se não se compreendeu bem, convém repetir que os Demônios de Chang Shambala ficaram de posse de um sinal que representa TODO o aspecto Tiphereth do Demiurgo, permitindo acessá-lo e compartilhar seu poder. Naturalmente que o sinal Tiphereth é a chave de Maya, a ilusão do real, e, portanto, a mais terrível ferramenta da feitiçaria. Quem observe o sinal Tiphereth, o qual é bastante complexo, "do mundo", quer dizer, encarnado karmicamente, corre o risco de confundir-se imediatamente, perdendo todo ponto de referência e, por conseguinte, a razão. Por tal motivo, a Sabedoria Hiperbórea recomenda aplicar a lei do cerco ao sinal Tiphereth, para poder observá-lo sem perigo. Não é preciso assinalar que, em toda ofensiva hiperbórea contra os Demônios de Chang Shambala, cedo ou tarde se produz um confronto com o sinal Tiphereth, dado que se confia em sua nefasta influência para vencer os viryas.

**J – O Valhalla de Agartha, morada dos Siddhas Leais.**

Após os Siddhas Traidores receberem o sinal Tiphereth e construírem Chang Shambala, já não foi possível para os Siddhas Hiperbóreos permanecerem sobre a superfície terrestre. Mas tampouco desejavam abandonar o Sistema Solar, deixando atrás de si bilhões de espíritos cativos. E então planejaram a Estratégia "O". Mas antes, que quadro apresentava um espírito cativo?: Basicamente, a perda do Vril e a inconsciência consequente, quer dizer, a perda do tempo próprio. O encadeamento à matéria parte, fundamentalmente, do encadeamento ao "imanente fluir da consciência do Demiurgo", ou seja, da sincronização ao Tempo do Mundo. Os espíritos cativos, ligados ao Tempo, iriam tardar milhões de anos para recuperar sua consciência, se é que algum dia o conseguiriam. Nessas circunstâncias, os Siddhas, em uma maravilhosa exibição de valor e intrepidez, dão início à Estratégia "O". O primeiro problema que deviam enfrentar era manterem-se "independentes" do Tempo, mas não "fora dele", já que teriam que seguir de perto as desventuras dos espíritos cativos para ajudá-los a evitar a confusão estratégica e, eventualmente, resgatá-los. Por outro lado, a independência do tempo era necessária para que os Siddhas pudessem conservar seu próprio tempo, sua consciência da Origem, pois, de outro modo, correriam o risco de cair também no Grande Engano. Mas, enquanto se sucedessem os éons, os Siddhas deveriam dispor de um lugar agradável, apto para ser ocupado e defendido por uma guarnição de terríveis guerreiros estelares. Estes eram os problemas principais; havia outros, mas os ignoraremos, em homenagem à brevidade. O procedimento a seguir foi o seguinte: os Siddhas buscaram um lugar da Terra conveniente para seus propósitos. Como tal lugar IA DESAPARECER após a oposição estratégica, não o escolheram DENTRO DE UM CONTINENTE, pois isso teria ocasionado, talvez, um cataclismo (que atrasaria ainda mais o destino os espíritos cativos). Em troca, buscaram entre as ilhas e escolheram uma delas, situada no que hoje seria o extremo setentrião, mas que naqueles dias era uma zona tropical, procedendo, em seguida, a CERCÁ-LA. Sendo uma ilha enorme, o trabalho a realizar, para construir uma ciclópica muralha de pedra em todo o seu perímetro, pareceria hoje uma tarefa impossível. Mas a Sabedoria Hiperbórea de que dispunham os Siddhas lhes deu as soluções para acabar rapidamente com tal trabalho e, em pouco tempo, um

muro colossal transformava a paradisíaca ilha em inexpugnável fortaleza. Não é possível descrever a arquitetura extraterrestre dos muros, pois nos perderíamos em explicações e não adiantaríamos muito; só diremos que, em algumas seções, a construção era semelhante à fortaleza pré-incaica de SACSAHUAMAN (perto de Cuzco, no Peru), mas tal semelhança, devemos dizer também, era muito aproximada, já que Sacsahuaman é ainda DEMASIADAMENTE HUMANA. Na muralha, criaram uma só abertura, coisa que surpreenderá aqueles que não conheçam os princípios estratégicos da Sabedoria Hiperbórea. E, fora desta abertura, que já nomeamos com uma denominação moderna: PORTA INFERNALIS, colocou-se a RUNA DE OURO.

Chegou o momento, pois, de voltar ao maior Mistério. O Grande Chefe, Cristo Lúcifer, audazmente instalado em um lugar impensável, atrás de Vênus, como Sol Negro ou expressão da Origem, decidiu responder à vil conspiração dos Siddhas Traidores com um ato de guerra. Para cumprir Sua Vontade foi que os Siddhas Hiperbóreos ocuparam a ilha e a amuralharam, iniciando a Estratégia "O". Mas a Estratégia "O" tinha por objeto "despertar" e "orientar" os viryas, individual ou racialmente, já o dissemos; então, em que consistia o "ato de guerra" com o qual respondia Cristo Lúcifer à traição dos Siddhas de Chang Shambala? Concretamente: o golpe de guerra estava dado pelo Gral. A gema hiperbórea, tirada da fronte do Galhardo Senhor e assentada no mundo do Demiurgo, impediria os Demônios de negar a origem divina do espírito, já que o seu inofuscável brilho espalharia, a todo momento, os reflexos da Pátria Primordial. O Gral, ao divinizar as linhagens hiperbóreas, constituía o maior desafio, pois ameaçava enviar ao fracasso os planos infernais. O conflito seria, desde então, eternamente apresentado por todo aquele que conseguisse despertar, qualquer que fosse o inferno em que se encontrasse, já que o Gral seria assentado no plano físico, quer dizer, na mais baixa das regiões infernais, e SEU BRILHO SERIA VISTO DE TODOS OS CANTOS DO MUNDO, incluído o plano astral e todos aqueles "purgatórios" que os Demônios preparam ali para enganar os espíritos; e ainda naqueles planos tão sutis das mônadas emanadas pelo Demiurgo, onde também há espíritos hiperbóreos completamente idiotizados, aos quais se fez crer que "devem permanecer ali enquanto seus "outros corpos" mais densos evoluem". Por último, o Gral era, se se nos permite a metáfora, uma luva jogada na cara dos Demônios, para um desafio ao qual estes, por sua covardia, não seriam capazes de responder. Mas não era tão simples conseguir que o Gral, uma vez ingressado no plano físico, permanecesse simplesmente localizado em um lugar, por exemplo, em um altar. Por sua característica atemporal, como reflexo da Origem, o Gral, qual verdadeiro diluente universal, atravessaria tudo e se perderia de vista... especialmente se, para quem o olhasse, TRANSCORRESSE O TEMPO DO MUNDO. O Gral não pode ser assentado sobre nenhuma substância que flua ao impulso do Alento do Logos, quer dizer, que flua temporalmente, pois SE PERDERIA NO PASSADO, JÁ QUE SUA ESSÊNCIA ESTÁ SEMPRE NA ORIGEM. O que fazer? Há que se "preparar" um assento material, de maneira tal, que o suporte (o Gral), AINDA QUE ESTE PERMANEÇA NO PASSADO E AINDA QUE O TEMPO DO MUNDO TRANSCORRA EFETIVAMENTE PARA DITO ASSENTO. Pode se construir algo assim? Somente se entre a substância do assento e o Gral se intercala um sinal QUE NEUTRALIZE A TEMPORALIDADE. Isto significa que o sinal deve representar O MOVIMENTO INVERSO ao empregado pelo Demiurgo para construir o Sistema Solar[22]. Um sinal assim, que é o cúmulo dos símbolos heréticos, foi empregado pelos Siddhas para construir o assento do Gral, o qual nós

[22] Há que se descartar os movimentos físicos: Aqui e=dv/dc. Aqui nos referiremos a «outro tipo de movimentos».

chamamos de RUNA DE OURO. Atenção a isto, porque o diremos uma só vez: DA RUNA DE OURO, que é um sinal muito complexo e de tremendo poder mágico, DERIVA-SE, COM UMA PRÉVIA MUTILAÇÃO E DEFORMAÇÃO, A RUNA SUÁSTICA, da qual se escreveram tantos disparates. Para construir o assento do Gral, optou-se por uma pedra cristalina de cor azul-violeta, semelhante a uma ágata. Na parte superior, em uma zona ligeiramente côncava, engastou-se uma runa de ouro habilmente cinzelada pelos Siddhas. E, uma vez concluído o assento, se o depositou fora das muralhas da ilha, em direção à porta infernalis, mas a muitas milhas dali, em uma região continental. Será difícil que alguém possa imaginar o maravilhoso espetáculo do Gral descendo nos sete infernos. Talvez se se pensasse em um raio verde, de brilho cegante e influência gnóstica sobre o vidente, ante quem os Demônios viram seus ferozes rostos, gelados de terror; um raio que, qual lâmina ofuscante de invencível espada, vai rasgando os quatrocentos mil mundos do Engano, buscando o coração do inimigo; uma verde serpente voadora que porta entre seus dentes o fruto da verdade, até então negada e ocultada; se se pensa no raio, na espada, no fruto, na serpente, talvez assim seja possível intuir o que ocorreu naquele momento crucial, quando a verdade foi colocada ao alcance dos espíritos cativos. Sim, porque desde que o Gral se assentou sobre a Runa de Ouro, a Árvore da Ciência ficou plantada ao alcance daqueles que, completamente confusos, viviam no inferno acreditando habitar um paraíso. De agora em diante, poderiam comer de seu fruto e seus olhos seriam abertos! Aleluia por Cristo Lúcifer, a Serpente do Paraíso! Aleluia por aqueles que comeram do fruto proibido: os viryas despertos e transmutados! Qual foi o passo seguinte dos Siddhas? Previamente à queda do Gral, mas quando este fenômeno já estava ocorrendo em outros planos, aplicaram a lei do cerco às muralhas da ilha, ISOLANDO A ÁREA INTERIOR DA EXTERIOR. Para compreender o efeito que tal ação estratégica produziu, há que se ter presente que ESSA ERA A PRIMEIRA VEZ QUE SE LIBERAVA UMA PRAÇA no Sistema Solar. Quando um anel de fogo pareceu brotar das imponentes muralhas e já não se viu mais o interior da ilha, envolta em uma estranha nuvem vibratória e flamígera, o Demiurgo começou a sentir amputada sua substância. A Estratégia dos Siddhas visava ganhar-lhe não somente a área plana da ilha, senão também seu relevo, seus montes e vales, seus lagos e bosques, seus vegetais e animais; a ilha, país vasto, era também uma gigantesca Arca de Noé, que deveria receber durante milênios os viryas que conseguissem despertar e fugir das cadeias materiais e também aqueles que se tivessem transmutado, lutando até a morte nas batalhas. Todo um país subtraído ao controle imanente do Demiurgo era uma experiência nova, mas, como quer que isto foi possível, o certo é que a ilha continuava ali: oculta por uma barreira de fogo, mas no mesmo lugar. É por isso que a reação do Demiurgo fez tremer a Terra, procurando afetar de algum modo aquele fenômeno incompreensível e recuperar o domínio da "praça". Terríveis maremotos agitaram os mares adjacentes e ventos nunca vistos sopraram inutilmente contra as titânicas muralhas; o céu se obscureceu pelas nuvens de cinza de vulcões subitamente despertos e o fundo do oceano ameaçava partir-se e tentar tragar a ilha "liberada".

O mundo parecia ter enlouquecido, mostrando o espetáculo aterrorizante de todas as forças da natureza "descontroladas" quando, "como se fosse o cúmulo das abominações", o Gral desceu sobre a Terra[23].

Ó que poderíamos agregar, para dar uma ideia do que aconteceu ali? Já dissemos que é muito difícil descrever (e até mencionar) um evento que gerou uma

[23] Segundo a Sabedoria Hiperbórea, "dois Siddhas ALADOS, tenentes de Cristo-Lúcifer, acompanharam o Gral em sua descida".

irritação perpétua nos Demônios. Talvez este comentário diga algo a alguém, coisa que duvidamos: “ao cair o Gral sobre a Terra, além dos trezentos e setenta mil mundos, o Grande Rosto do Ancião lançou um uivo de horror que AINDA SE OUVE REVERBERAR nos confins do cosmo”. Nem bem o Gral ficou assentado sobre a Runa de Ouro, os Siddhas praticaram a oposição estratégica, conseguindo, agora sim, que a ilha amuralhada se tornasse invisível, desaparecendo para sempre da superfície terrestre. Daí em diante os homens adormecidos falariam do Valhalla, a morada dos Deuses, e também de Hiperbórea, a “ilha tragada pelo mar”, pois o mito original, transmitido carismaticamente pelos Siddhas, sofreu distintas quedas no exoterismo, devido à impureza sanguínea dos viryas.

**K – Comentário sobre a Runa de Ouro ou Sinal da Origem.**

A pergunta que iniciou o precedente comentário esotérico, recordemo-la, dizia: o que aconteceu com o Gral? Como resposta, obtivemos que é errôneo indagar sobre o Gral, já que este é virtualmente A ORIGEM, e jamais se moveu dali. Seu assento, todavia, a Runa de Ouro, possui as dimensões de um objeto material e é dado supor que, em grande medida, este sim seja afetado pelas leis físicas. Podemos, então, reapresentar o problema: o que aconteceu com a Runa de Ouro? Continua ainda sustentando a gema de Cristo Lúcifer? Neste último caso, a resposta é afirmativa: a Runa de Ouro foi, desde então, o assento do Gral, situação que não variou em absoluto nos tempos modernos. Quanto à primeira pergunta, devemos compreender que seria uma tarefa impossível resumir aqui o itinerário completo seguido pela Runa de Ouro até nossos dias; isso nos obrigaria a mencionar civilizações desaparecidas e, muitas delas, completamente desconhecidas para a cultura oficial. Remeter-nos-emos, então, aos tempos históricos, começando por estabelecer algumas diretrizes que permitirão enfrentar o problema de maneira correta, evitando assim muitas superstições ou desinformações.

1º - A Runa de Ouro foi, muitas vezes, confundida com o Gral. Com efeito, já explicamos por que não se deve buscar o Gral. Entretanto, em algumas ocasiões, realmente HOUVE TRANSPORTE e se pensou, com razão, que se tratava do Gral. Mas o Gral NÃO É UM OBJETO DO QUAL SE POSSA APROPRIAR, E MENOS AINDA MANIPULAR OU TRANSPORTAR. Com toda verossimilhança, o que foi transportado é a Runa de Ouro, no quadro de uma Estratégia racial. Neste caso, não podemos imputar a confusão unicamente à ação estratégica inimiga porque, na degradação dos antigos mitos hiperbóreos, a maior responsabilidade recai sobre a impureza sanguínea dos viryas.

2º - A presença da Runa de Ouro entre os membros de uma comunidade de linhagem hiperbórea tem a virtude de favorecer a vinculação carismática e de legalizar a condução de seus líderes.

3º - A presença da Runa de Ouro é a presença do Gral; e o povo a quem os Siddhas tenham confiado sua custódia é, SEM DÚVIDA, nesse momento, a linhagem hiperbórea mais pura da Terra.

4º - Para se certificar se um determinado povo esteve em posse da Runa de Ouro, há que se estudar sua arquitetura hiperbórea de guerra: A POSSE DA RUNA DE OURO EXIGE A CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS DE PEDRA COM PECULIARES PROPRIEDADES TOPOLÓGICAS. Ditas construções podem NÃO PARECEREM feitas para a guerra, mas tal aparência obedece exclusivamente à ignorância que existe sobre a Estratégia Hiperbórea. Um exemplo se constitui no “castelo” de Montségur, sobre o Mont Thabor, no Languedoc francês. Esta construção, que não é uma fortaleza nem muito menos, foi erigida para permitir que a seita hiperbórea dos Cátaros pudesse RECEBER E CONSERVAR a Runa de Ouro. Os princípios que ali predominam são os

da "lei do cerco" e da "oposição estratégica", sendo tarefa inútil pretender fazer de Montségur um observatório astronômico ou um templo solar. Mas, como a arquitetura de Montségur foi projetada EM FUNÇÃO da Runa de Ouro, quem não atenda a esta chave jamais chegará a algum resultado positivo.

5º - Há que se distinguir entre o assento do Gral, ao qual chamamos Runa de Ouro, e o Sinal da Origem, que a Runa de Ouro representa. Dissemos que na pedra azul-violeta os Siddhas engastaram uma figura de ouro e denominamos ao conjunto (pedra e figura) Runa de Ouro. Mas o Sinal da Origem, que foi cinzelado em ouro e engastado, possui por si mesmo o particular poder de apresentar "afinidade" com o Gral. Por isso, muitas linhagens hiperbóreas, que não alcançaram a alta honra de custodiar a Runa de Ouro, receberam, em troca, o Sinal da Origem como prêmio à sua pureza de sangue e reconhecimento do esforço empenhado em sua Estratégia. Assim, o Sinal da Origem teve, com a passagem da História, uma particular proliferação entre certas linhagens que, orgulhosamente, o incorporaram aos seus estandartes. Naturalmente, os líderes trataram, a princípio, de velar em parte seu conteúdo simbólico, simplificando a figura, quer dizer, tirando alguns elementos sugestivos; mas, após a queda no exoterismo e a vulgarização, O VERDADEIRO ASPECTO do Sinal da Origem foi esquecido; já dissemos, por exemplo, que a Suástica procede, por mutilação e deformação, daquele sinal primordial. Entretanto, em muitos casos, devido à extraordinária pureza sanguínea de alguma linhagem, o Sinal da Origem foi exibido completo, permitindo aos líderes empregar seu enorme poder para projetar a luz do Gral sobre a massa do povo. Poderíamos dar vários exemplos de comunidades asiáticas portadoras do Sinal, mas temos à mão o caso dos SAXÕES que tinham gravado o Sinal da Origem no tronco de árvore ao qual consideravam coluna do mundo (UNIVERSALIS COLUMNA). O fim de tão audaz determinação merece também um comentário. Quando, em 772, Carlos Magno conquistou Erbury, procedeu rapidamente a destruir o tronco IRMINSUL e a executar cinco mil membros da nobreza saxã. Não conformado com isto, após três décadas de heroica resistência, a raça saxã, de puríssima linhagem hiperbórea, foi totalmente "cristianizada" (com prévia execução dos seus mais puros rebentos). Soubemos que muitos alemães cultos consideram "afortunada" esta espantosa campanha carolíngia. Assim, o professor Haller opina, sem rubor, que "sem a submissão dos saxões, hoje não existiria uma nação alemã"[24]; pois, "para o devir histórico da nação alemã, tal qual é hoje, a incorporação dos saxões ao Império de Carlos Magno era uma condição prévia imprescindível"[25]. Esta opinião generalizada baseia-se na análise "a posteriori" dos fatos históricos e, por isso, considerando que a extinção da dinastia carolíngia possibilitou que, duzentos anos mais tarde, o sangue saxão chegasse, com OTTO I, a colocar-se à frente do mundo ocidental, e se dá por assentado que a dominação e "conversão" dos saxões foi "necessária" e positiva. Eis aqui NOSSA opinião: A judaico-cristianização dos saxões representa o mais duro golpe que os Poderes Infernais desferiram sobre as linhagens hiperbóreas na era cristã, maior ainda do que a conversão dos vikings, dos celtas ou a destruição dos cátaros, só comparável ao aniquilamento dos reinos godos. E a destruição da árvore IRMINSUL, com a perda, para o Ocidente, do Sinal da Origem, é uma catástrofe muito difícil de avaliar.

6º - Não é imprescindível, nem sequer necessário, que a Runa de Ouro se encontre no seio de um povo, para que a influência do Gral atue sobre este. O Gral

[24] Prof. Johannes Haller – La entrada de los Germanos en la Historia – Pág. 99, U.T.H.A., México.

[25] *Haller – OP.CIT. Pág. 101.*

atua sobre os viryas DA ORIGEM, propriedade que não pode ser afetada por nenhuma variável física, encontre-se onde se encontre a Runa de Ouro. Por isso, é até certo ponto absurdo que se atribua a tal ou qual povo ter alcançado "um alto grau de civilização" porque "encontrava-se em posse do Gral"; dado que o Gral não pode estar em posse de ninguém, pois é, por disposição do Galhardo Senhor, prova da divindade de TODOS os espíritos cativos. O que um povo pode ter EM CUSTÓDIA é a Runa de Ouro, mas só como prêmio e reconhecimento a uma pureza racial obtida PREVIAMENTE. Quer dizer que o fato de ter em custódia a Runa de Ouro não é a causa da grandeza de um povo, senão que, inversamente, a pureza de sua linhagem o fez credor da alta honra de ser depositário do assento do Gral. Mas, se bem que a Runa de Ouro SÓ É ENTREGUE ÀQUELES QUE MERECEM TÊ-LA, é certo que sua proximidade afeta o meio ambiente, criando um microclima mutante. É por isso que os Siddhas costumam depositar a Runa de Ouro, durante as épocas obscuras, em lugares apropriados para influenciar as linhagens menos confusas.

7º - De todo o exposto até aqui se depreende a importância capital que teria para uma comunidade de linhagem hiperbórea conseguir a custódia da Runa de Ouro. Impõe-se, pois, tratar com atenção esta possibilidade, coisa que faremos no próximo capítulo, ao tratar sobre a Estratégia "A2" dos Siddhas. Entretanto, antes de considerar a Estratégia "A2", devemos esclarecer um conceito fundamental, que se depreende facilmente das conclusões precedentes. O problema pode se resumir na pergunta: para que necessita "o rei" (ou quem quer que detenha a função régia) encontrar o Gral (ou seja, a Runa de Ouro)?

**L – O Gral como "Tabula Regia".**

Em seguida, convidaremos a uma breve reflexão sobre a atitude que se deve adotar ao tomar conhecimento dos fatos protagonizados pelos Siddhas; e logo daremos resposta ao problema, aprofundando um pouco mais na simbologia do Gral. Se requer uma profunda meditação nos símbolos que vamos apresentando, para captar seu conteúdo final, o qual deve ser percebido sempre como dramático e trágico, pletórico de urgências espirituais. Ninguém que tenha tomado consciência do incrível sacrifício realizado pelos Siddhas, ao manter o Gral no mundo durante milhões de anos, mediante a oposição estratégica, quer dizer, por um constante e contínuo ato de Vontade; ninguém que o tenha compreendido, repetimos, poderá permanecer impassível, em meio à confusão, sem experimentar urgência em liberar-se das cadeias do Demiurgo e partir, tratando de aliviar, de algum modo, a tarefa dos Siddhas. Ninguém que comprove com seu sangue a verdade destes símbolos poderá evitar que a honra, única moral do virya, o pressione com insistência para "abandonar tudo" e partir. Mas essa partida será "com as armas na mão", como Nimrod e Wildejagër, disposto a dar batalha sem trégua aos Demônios e sentindo que o sangue se acendeu pelo "furor Berserkir", pela "hostilidade original" para com a Obra do Demiurgo, transmutando a fraca substância orgânica do corpo físico em vraja, a matéria incorruptível. É o mínimo que o virya pode fazer, para responder, em alguma medida, ao auxílio que os Siddhas têm prestado às linhagens hiperbóreas, possibilitando, com sua Estratégia Hiperbórea, que o Gral DÊ PROVA DA ORIGEM DIVINA. Vamos agora à pergunta pendente.

A Pedra-Gral, a gema de Cristo-Lúcifer, É SUSTENTADA NO MUNDO PELA OPOSIÇÃO DOS SIDDHAS, onde cumpre sua função de refletir a Origem e divinizar as linhagens hiperbóreas; mas, por ESTAR RELACIONADA TEMPORALMENTE COM O VALHALLA, sinaliza também, a todo virya liberado, um caminho para a morada dos Imortais. Esse caminho é o que seguem os guerreiros caídos em batalha, os heróis, os campeões, guiados pelas mulheres hiperbóreas, aquelas que lhes foram prometidas

no começo dos tempos e que, durante milhares de anos, pelo TEMOR que lhes infeccionava o sangue, haviam esquecido. Se o valor demonstrado na façanha foi suficiente purgante, infalivelmente Ela estará ali, junto ao guerreiro caído, para curar suas feridas com o amor gelado de Hiperbórea e guiá-lo no caminho inverso que conduz ao Valhalla. E ESSE CAMINHO SE INICIA NO GRAL. Mas não se deve pensar, por isto, que a luz do Gral visa a salvação individual dos viryas perdidos; para isso se dispõe do "Canto dos Siddhas" e das sete vias secretas de liberação espiritual. Pelo contrário, dentro da Estratégia "O", o Gral deve cumprir o papel fundamental de RESTAURAR A FUNÇÃO RÉGIA; ou seja, deve servir a um propósito racial ou social. Por isso, o Gral será requerido em todos os casos em que se tente instaurar o Império Universal ou qualquer outro sistema de governo baseado na aplicação social da lei do cerco (monarquia, fascismo, nacional-socialismo, aristocracia do espírito, etc.). Os fatos históricos que conduzem à "busca do Gral", sempre semelhantes, podem se resumir, simbolicamente, como segue. A princípio, o reino é "terra gasta" ou o "rei está enfermo" ou simplesmente o trono ficou acéfalo, etc. (Podem existir muitas interpretações, mas, essencialmente, o símbolo se refere a um esgotamento ou decadência na liderança carismática ou a um vazio de poder, seja porque o governo seja exercido por um rei, casta ou elite). Os melhores cavalheiros partem para "buscar o Gral", em uma tentativa para colocar fim aos males que afligem o reino e conseguir que retorne o antigo esplendor. Só um consegue "encontrar" o Gral e devolver o bem-estar ao reino, quer seja "curando o rei" ou "coroando a si mesmo". Curiosamente, o cavalheiro triunfante sempre é apresentado como "tonto", "louco puro", "ingênuo", mas especialmente como "plebeu". Os "melhores cavalheiros" equivalem aqui a qualquer uma das múltiplas forças sociais que se preparam para lançar-se sobre a função régia, quando existe acefalia ou vazio de poder. Finalmente, "um deles" triunfa e restabelece a ordem no reino; "era o plebeu e agora é rei, com a aprovação e o consentimento do povo". Em nossa interpretação isto significa, evidentemente, que uma "força social" predominou sobre as restantes (os "outros cavalheiros") e SUBSTITUIU A ORDEM EXISTENTE (que estava interdita) POR UMA NOVA ORDEM, unanimemente aceita PELO POVO. Mas, se o problema se reduz a uma mera luta pelo poder, para que necessita o novo rei (ou nova elite, aristocracia, casta, etc.) encontrar o Gral?: PORQUE O GRAL CONFIRMA A FUNÇÃO RÉGIA.

Quando, em tempos de crise, uma nova elite ou um líder carismático detém o Poder, com intenções de restauração régia, deve apressar-se a LEGALIZAR sua situação; pois senão outra elite ou líder virá questionar seus títulos e tentará também ocupar o lugar vago, sucedendo-se assim uma interminável série de batalhas (políticas ou militares). Mas se há luta pelo Poder, NINGUÉM TEM SEU CONTROLE; e pode ocorrer que, no final, o reino acabe dividido entre várias facções. É necessário dirimir a questão, consultar um juiz infalível, uma autoridade indiscutível e transcendente. Aqui é onde se apresenta a necessidade de recorrer ao Gral. Por que ao Gral? Porque o Gral é também a TABULA REGIA, a "lista de reis"; ELE DIZ QUEM DEVE GOVERNAR, A QUEM CORRESPONDE REGER, PORQUE ELE REVELA QUEM TEM O SANGUE MAIS PURO. Mas esta revelação não é simplesmente oracular e arcana, senão que por mediação do Gral, a pureza do líder, seu direito à condução, será conhecida por todos e reconhecida por todos, carismaticamente. Daí que o louco puro, de linhagem hiperbórea, mas de estirpe plebeia, após encontrar o "Gral", seja "reconhecido pelo povo" como rei indiscutível. Quando uma linhagem hiperbórea confia na luz do Gral para a escolha de seus líderes, pode-se dizer com propriedade que se sucederá uma dinastia de "Reis do Gral". Durante o reinado de um destes, pode acontecer que a linhagem alcance um grau tão elevado de pureza, que se faça digno de obter a custódia

da Runa de Ouro. É o que ocorreu, por exemplo, no século XIII, no condado francês de Toulouse, quando a Runa de Ouro foi confiada aos Perfeitos Cátaros. (Alegar-se-á, contra esta afirmação, que os Cátaros eram maniqueus, quer dizer, herdeiros de uma tradição gnóstica, e que esse é o motivo pelo qual foram aniquilados, existindo só uma relação circunstancial entre eles, os condes de Toulouse e a população occitana. Tal argumento, de origem Druida-moderna, tenta desviar a atenção do fato mais importante da epopeia cátara: sua relação com o Gral. O fato de que fossem gnósticos, coisa que ninguém discute, e de que ensinassem uma das sete vias secretas de liberação, baseada na Canção de Amor dos Siddhas, origem da cultura dos trovadores, coisa que poucos conhecem, não explica em nada sua relação com o Gral. O Gral, no quadro da Estratégia "O", tem um sentido puramente racial. Se a Runa de Ouro foi confiada aos Cátaros, é porque estes participavam ativamente em técnicas de transmutação coletiva, AS QUAIS NÃO PODEM EXCLUIR A FUNÇÃO RÉGIA, e não simplesmente "porque eram de filiação gnóstica".).

**M – Messias hebreu e Messias imperial.**

Um tema conectado com a propriedade que possui o Gral de ser Tabula Regia é o do Messias Imperial e sua imitação, o Messias Judeu. A princípio, digamos que se é Rei do Gral pela pureza de sangue, atributo absolutamente individual, que não depende da raça, nem da estirpe, nem de nenhum patrimônio material. Um Rei do Gral exibe virtudes puramente pessoais, tais como o valor, a intrepidez ou a honra, e jamais fundamenta seu prestígio nas posses materiais ou no valor do ouro. A autoridade de um Rei do Gral, por estas razões, provém exclusivamente de seu carisma pessoal, o qual se estende ao resto do povo graças à "vinculação" que se estabelece entre o Rei e CADA UM DELES, em seu sangue, POR MEDIAÇÃO DO GRAL: é o princípio da Mística psicossocial. Por isso, um Rei do Gral, EM SUA COMUNIDADE, é reconhecido pelo povo. Naturalmente que TODOS OS POVOS teriam seu Rei do Gral, se a ação da Sinarquia e da raça hebreia, com sua "Democracia", Socialismo, Comunismo, etc., não tivessem usurpado a função régia. De todos os modos, cabe perguntar: haveria, em nível universal, para as linhagens hiperbóreas, a possibilidade de que um Rei do Gral fosse reconhecido por todos? Tratar-se-ia aqui de um personagem de inegável pureza, cuja majestade seria evidente para todas as linhagens da Terra, que poderiam aceitar ou não sua potestade, mas a quem não poderiam negar o direito de reger. Bem, é fácil responder, então, que o único Senhor a quem se credencia, para todas as linhagens hiperbóreas, tal direito, é Cristo-Lúcifer. Se Ele se apresentasse ante as linhagens hiperbóreas, seu direito A REGER PELO SANGUE[26], baseado em sua inegável pureza, poderá ser aceito ou não, mas jamais negado. Mas a ideia do Messias Imperial não provém de uma mera especulação. Foi nos dias negros da Atlântida quando, em resposta ao clamor dos Siddhas, surgiu a possibilidade de que a excelsa Presença de Cristo-Lúcifer se manifestasse à vista dos homens. Nesses dias, a confusão dos espíritos cativos era tão completa que já ninguém mais respondia ao canto dos Siddhas, nem era capaz de perceber a luz do Gral.

Por isso, anunciou-se durante séculos a vinda do Messias Imperial, o Rei dos Reis do Gral, que ia restaurar a função régia para restabelecer a aristocracia espiritual das linhagens hiperbóreas e destruir a Hierarquia sinárquica que os Demônios impunham. A profecia finalmente se cumpriu com a chegada de Lúcifer, o Cristo da Atlântida; mas Sua Divina Presença foi resistida covardemente pelos Demônios de

[26] Não é demais repetir que nos referimos a OUTRO SANGUE, diferente do físico. Enquanto não se possua uma explicação melhor, é conveniente que o leitor entenda este "sangue" em sentido simbólico.

Chang Shambala, os quais recorreram ao emprego da magia negra e abriram uma brecha entre as regiões infernais do plano astral e o plano físico. A partir daí se generalizou uma terrível contenda, que só concluiu quando o continente da Atlântida "afundou-se nas águas do Oceano". Não vem ao caso relatar aqui eventos que hoje ninguém recorda e que, talvez, não convenha recordar. Só agregaremos que, quando o Demiurgo, segundo já explicamos, concebe a sinistra ideia de copiar a Presença do Cristo da Atlântida, decide "anunciar" também a chegada de um "Messias", imitando, à sua maneira, a figura do Messias Imperial. Mas as diferenças são enormes. E aqui algumas:

**1º** - O Messias Imperial vem restaurar a função régia; o Messias hebreu vem usurpar a função sacerdotal.

**2º** - O Messias Imperial credencia seu direito PELO SANGUE; o Messias hebreu credencia seu direito PELO CORAÇÃO.

**3º** - Por isso, o Messias Imperial será reconhecido pelo povo PELO SANGUE (carismaticamente); por isso, o Messias hebreu será reconhecido pelo povo (judaizado) PELO CORAÇÃO (emocionalmente).

Apresentamos uma pergunta: o que aconteceu com o Gral e sua imitação, as Tábuas da Lei? E oferecemos vários elementos que contribuem à sua resposta. Em resumo, dissemos que o Gral, da Origem, repousa ainda na Runa de Ouro, e mencionamos que esta última foi dada em custódia, no século XIII, aos cátaros do Languedoc francês. O que aconteceu com a Runa de Ouro, desde então? É o que trataremos de responder nos próximos incisos, ao expor a Estratégia "A2" dos Siddhas. E sobre as Tábuas da Lei, dissemos que permaneceram por vinte e um séculos sepultadas sob as ruínas do Templo de Salomão, em Jerusalém, onde foram encontradas, no século XII. Sobre este descobrimento e posterior destino falaremos também nos próximos incisos.

**N – Estratégias históricas "A1" e "A2" dos Siddhas Leais**

A Estratégia "O" é uma "estratégia geral" ou totalizadora; as Estratégias "A1" e "A2" são "estratégias parciais" ou de campo. A Estratégia "A1", que, a princípio, atribuímos a John Dee e Wilhelm Von Rosenberg, e que na verdade foi projetada por eles, ficou finalmente conectada com outra estratégia de campo, muito anterior, graças ao Pergaminho de Gengis Khan. Essa outra estratégia, à qual denominamos "A2" para simplificar, é levada adiante NA HISTÓRIA até meados do século XIII. A partir desse momento, perde vigência (por ter fracassado em conseguir seu objetivo) e, recentemente, no século XVII, com a Estratégia "A1", EMERGEM NA SUPERFÍCIE DA HISTÓRIA ALGUMAS DE SUAS DIRETRIZES. Devemos fazer notar muito claramente que a Estratégia Geral "O", que é esotérica e transcendente, diferencia-se fundamentalmente das Estratégias Parciais "A1" e "A2" em que estas dirigem-se dinamicamente a INCIDIR NA HISTÓRIA. Em outras palavras, as "A1" e "A2" são estratégias que tentam desviar as variáveis sociais "a longo prazo", para forçar a restauração da função régia; apoiam-se, para isso, na ação de líderes hiperbóreos que guiem carismaticamente seus povos contra os planos sinárquicos, empregando a guerra, se for preciso. Estas estratégias, então, estão relacionadas com aquela parte "racial e coletiva" da Estratégia "O", quer dizer, com as funções do Gral. A Estratégia "A2", especialmente, teve a ver com o último destino histórico da Runa de Ouro, segundo veremos em seguida.

Para interpretar sem equívocos o papel que a Estratégia "A2" teve na História, que agora vamos desenvolver, sintetizamos os argumentos principais em alguns gráficos.

A Figura 109 mostra como deveriam ter acontecido os fatos, se tivesse triunfado a Estratégia “A2”.

A figura 110 expressa, em troca, a situação estratégica real no ano 1250. Dedicar-nos-emos, no momento, a comentar a Estratégia “A2”, referindo-nos a tais figuras.

Mais adiante, quando chegue a vez da Estratégia “A1”, empregaremos outros gráficos igualmente sintéticos.

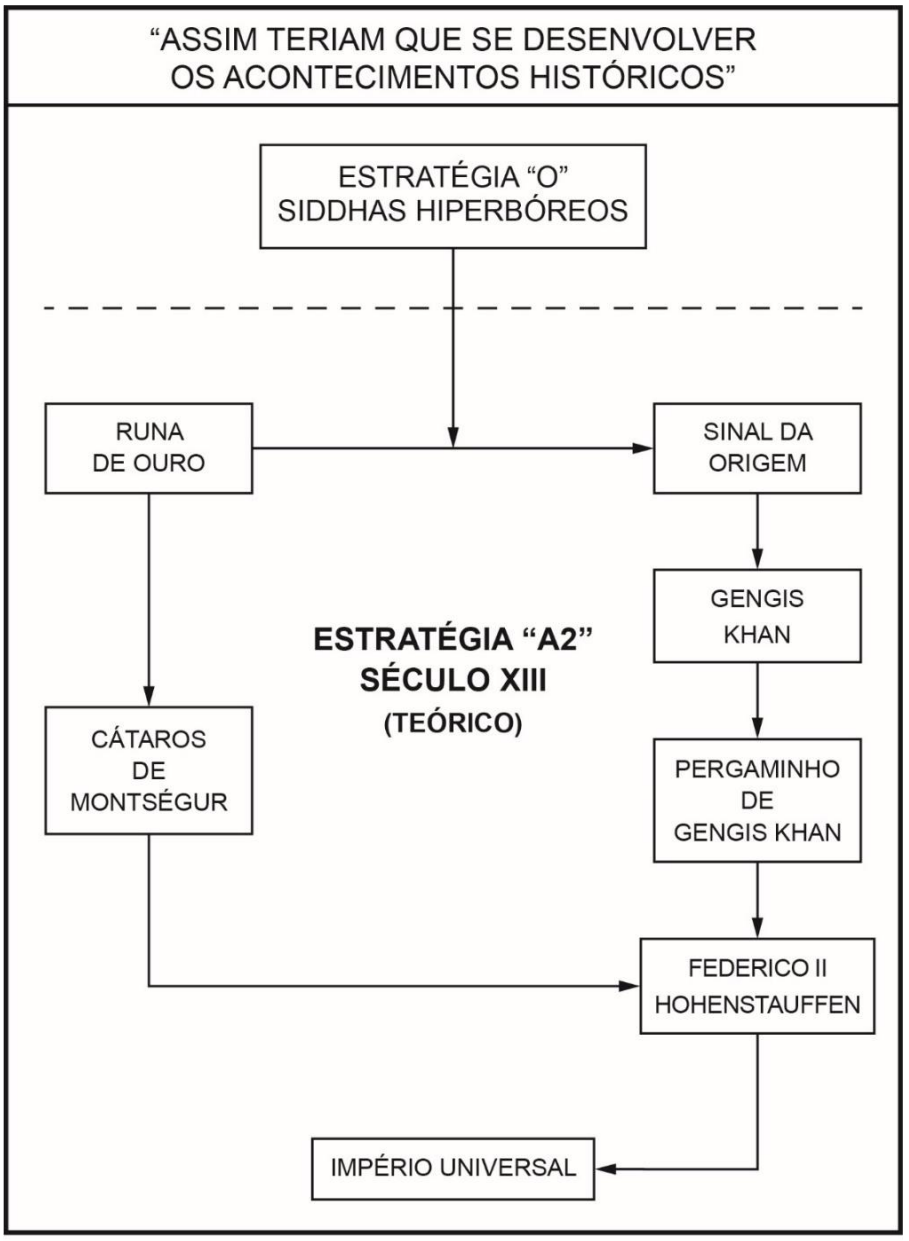

"ASSIM TERIAM QUE SE DESENVOLVER
OS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS"
ESTRATÉGIA "O"
SIDDHAS HIPERBÓREOS
RUNA
DE OURO
SINAL DA
ORIGEM
GENGIS
KHAN
ESTRATÉGIA "A2"
SÉCULO XIII
(TEÓRICO)
CÁTAROS
DE
MONTSÉGUR
PERGAMINHO
DE
GENGIS KHAN
FEDERICO II
HOHENSTAUFFEN
IMPÉRIO UNIVERSAL

FIGURA 109

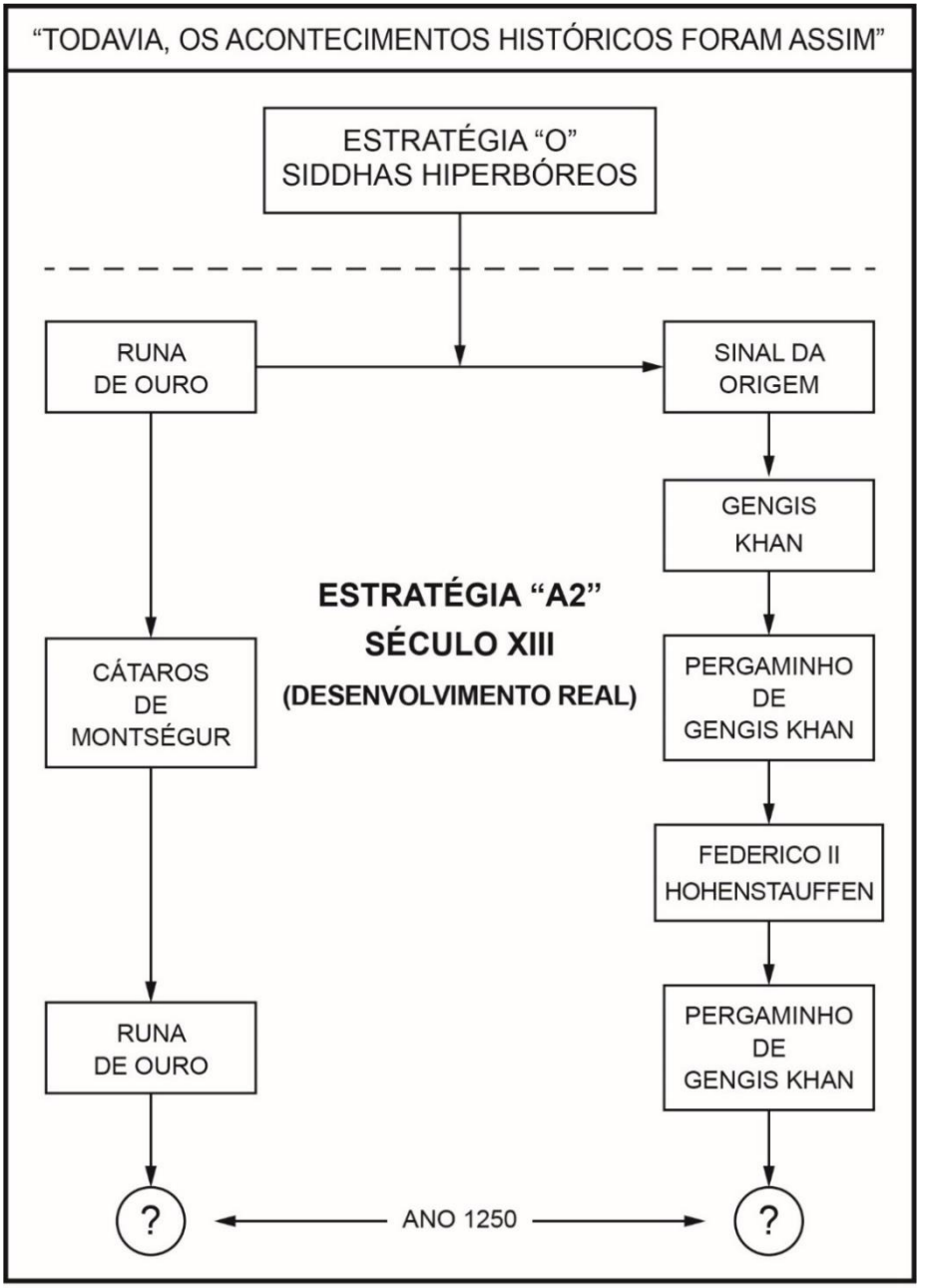

"TODAVIA, OS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS FORAM ASSIM"
ESTRATÉGIA "O"
SIDDHAS HIPERBÓREOS
RUNA
DE OURO
SINAL DA
ORIGEM
GENGIS
KHAN
ESTRATÉGIA "A2"
SÉCULO XIII
(DESENVOLVIMENTO REAL)
CÁTAROS
DE
MONTSÉGUR
PERGAMINHO
DE
GENGIS KHAN
FEDERICO II
HOHENSTAUFFEN
RUNA
DE OURO
PERGAMINHO
DE
GENGIS KHAN
?
ANO 1250
?

FIGURA 110

## DÉCIMO SEGUNDO TOMO – FUNDAMENTOS DA RÚNICA NOOLÓGICA

### A – Rúnica Noológica e Kabala Numérica.

Afirmou-se, em reiteradas ocasiões, a existência de duas Kabalas e que as duas tratam acerca da criação do mundo por parte do Demiurgo, O Uno. Uma, a Kabala Numérica, contém o segredo dos dez Sephiroth e dos 22 sons; permite obter as chaves dos Arquétipos Coletivos Psicoides (Manus) e conhecer os Planos do Demiurgo terrestre Sanat Kumara ou Jeová-Satanás. A outra Kabala Acústica trata cerca da maneira em que esses Planos podem se levar à prática (pelo domínio do éter sonoro AKASA TATTVA) e permite elaborar procedimentos para influir sobre o mundo físico.

A Kabala Numérica facilita o controle sobre as multidões e os homens, em COMBINAÇÃO COM ELEMENTOS CONCRETOS DA KABALA ACÚSTICA. A Kabala Acústica possibilita a Taumaturgia e o exercício da totalidade das artes ocultas, EM COMBINAÇÃO COM ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA KABALA NUMÉRICA. Ambas as doutrinas são, então, complementares e necessárias para a práxis mágica.

Mas, como a Kabala Numérica é objeto, quase que exclusivamente, de estudo por parte de sábios judeus, a Kabala Acústica, pelo menos nos últimos 3.000 anos, é de domínio dos Druidas, esta complementação não ofereceu problemas às duas raças engendradas por Jeová-Satanás, cúmplices e executoras do Plano da Sinarquia. Mas isto nem sempre foi assim. No período Kristão-Luciférico da Atlântida, durante seu esplendor Hiperbóreo, a Kabala Numérica, que era uma doutrina teórica para a interpretação simbólica do mundo, podia ser estudada por qualquer um. Durante milênios, foi um patrimônio cultural coletivo, e assim continuou, até o cataclismo final que submergiu Atlantis. Esta é a razão pela qual alguns grupos étnicos sobreviventes, e outros que eram vassalos e habitavam terras continentais, possuíram e conservaram conhecimentos originalmente cabalísticos, como a matemática ou a astronomia (Egípcios, Sumérios, Maias, etc.).

Contrariamente à vulgarização da Kabala Numérica, na Atlântida a Kabala Acústica era conhecida só por Iniciados Hiperbóreos, enquanto durou o período Luciférico. Mais tarde, quando o Satanismo foi uma prática habitual por parte da Casta Sacerdotal, grande parte da doutrina se perdeu e, após o afundamento, praticamente desapareceu como "saber iniciático".

Entretanto, um remanescente pequeno de sobreviventes que não eram negroides como os egípcios, nem vermelhos como os toltecas, nem amarelos como os mongóis, possuíam suficiente CONHECIMENTO PRÁTICO sobre a Ciência Atlante para reconstruir a Kabala Acústica, se assim o tivessem desejado. Este grupo é o que a antropologia moderna denomina "homens de Cro-Magnon" e que, na realidade, se constituem nos autênticos ancestrais da raça branca.

Na Atlântida NÃO EXISTIA UMA RAÇA BRANCA IMPORTANTE. O Cro-Magnon era uma raça menor de viryas, tomada sob a proteção dos Siddhas Hiperbóreos de raça amarela, à qual se lhes encomendou, durante o período luciférico, uma missão coletiva vinculada com a Kabala Acústica: serem os guardiões da Sabedoria Lítica[27]. Eles, melhor do que mais ninguém, possuíam o segredo da pedra: do talhado; de seu transporte por levitação; da ressonância telúrica, que permitia aproveitar as correntes de energia da Terra; da construção de transdutores de cristal de rocha, cujo uso como oráculo também conheceu John Dee, e que podiam constituir,

[27] Daí provém a amizade (camaradagem hiperbórea) entre brancos e mongóis; amizade que hoje se terá que descobrir e atualizar: Esse é o problema que enfrenta o Siddha Anael na Ásia, África e América Latina.

segundo o tipo, uma arma "lançadora de raios", uma "lâmpada de chama perene" e até um "veículo voador". A tecnologia lítica da Atlântida pareceria, ainda hoje, em que desenvolvemos técnicas para construir circuitos integrados de estado sólido com 50.000 transistores de cristal de silício, óxidos, etc.; assombrosa, pela precisão e efetividade que conseguiu.

Após o afundamento, os brancos Cro-Magnon, guiados por alguns Siddhas Hiperbóreos, ocupavam-se em "estabilizar o relevo formal da superfície terrestre", valendo-se dos conhecimentos adquiridos na Atlântida. É este povo o que constrói os grandes megalitos que se encontram disseminados perto dos litorais, em todo o mundo, os quais não são monumentos primitivos, senão avançadíssimos instrumentos técnicos. Enquanto não se tenha uma ideia clara do que significa REALMENTE o "afundamento da Atlântida", não se poderá compreender o trabalho megalítico dos Cro-Magnon. Talvez se esclareça algo se consideramos que o ocorrido NÃO FOI UM SIMPLES CATACLISMO, explicável SOMENTE por causas físicas, tais como a hipótese "sísmica" de Platão ou a do "aerólito" de Velikovsky, senão a consequência de uma guerra terrível, na qual os Siddhas extraterrestres investiram todo seu enorme conhecimento. O campo de batalha não era somente a superfície terrestre, pois outros planos de existência, mais sutis, achavam-se envolvidos no conflito. Por fim, é muito o que se desconhece, mas deve se ter presente que, APÓS o cataclismo da Terra, que é um organismo vivente, teve que ser restaurada em sua funcionalidade fisiológica, para que continuasse sendo habitável (para que os "reinos" da natureza não reagissem "contra" o homem, por exemplo). Nesta tarefa trabalharam os Cro-Magnon, empregando menires, dólmens e cromlechs, e outros instrumentos telúricos que se descreverão mais adiante.

Vale a pena citar agora uma página de Louis Charpentier, onde este imagina a possível função dos menires:

*"Há uns cinco ou seis mil anos, os chineses descobriram – e talvez não só eles – que o corpo humano é a sede de umas correntes distintas dos influxos nervosos, cujos percursos se encontram fora de todos os condutos anatômicos conhecidos."*

*"No homem são, estas correntes - que são duas e de natureza oposta – equilibram-se; mas se, por uma ou outra razão, exterior ou interior, chegam a desequilibrar-se, instaura-se a enfermidade e, com ela, um ou outro micróbio".*

*"Mas os médicos chineses daquele tempo descobriram, também, que era possível atuar sobre ditas correntes, puncionando alguns pontos de seus percursos, por meio de agulhas de sílex – atualmente são metálicas –, com objetivo de restabelecer o equilíbrio necessário, ou até criar voluntariamente certos transtornos. É a terapia chinesa conhecida com o nome de ACUPUNTURA".*

*"Da mesma forma que o corpo humano ou animal, a terra é percorrida por correntes distintas das magnéticas e cuja natureza não se conhece muito bem, mas que exercem sua ação sobre as camadas geológicas que atravessam e, portanto, sobre a vegetação".*

*"Por outro lado, há alguns lustros, os agrônomos tentaram – ao parecer, com certo êxito – ativar os cultivos levantando antenas capazes de recolher a eletricidade estática atmosférica, que logo era distribuída pelo solo, mediante diversos procedimentos".*

*"Não se descarta que o menir – ainda que a pedra não seja boa condutora – exerça uma ação da mesma ordem, especialmente quando está úmida, por exemplo, mediante "água da lua", ou seja, o orvalho".*

*"Então, poderíamos pensar que os menires foram levantados mais ou menos altos, segundo a intensidade da corrente telúrica, para estabelecer um equilíbrio benéfico".*

*"Neste sentido, poder-se-iam empreender estudos agronômicos muito interessantes".*

Indubitavelmente, se está aqui em um bom caminho. Mas, como se verá nos próximos comentários, a Acupuntura terrestre é apenas um objetivo secundário da construção megalítica.

**B – Os Guardiões da Sabedoria Lítica.**

Para compreender ao que nos referimos, quando falamos da "tecnologia Lítica" que os Cro-Magnon aplicaram, após os cataclismos atlantes, convém considerar previamente certos aspectos do habitat humano sobre a superfície terrestre. Mas aqui não trataremos do habitat ecológico, disso se ocupam as ciências naturais, senão das RELAÇÕES PSÍQUICAS que o homem entabula com o MEIO em que habita, e da maneira como esse habitat foi escolhido. Para isso, devemos definir o conceito de PSICORREGIÃO, como "aquele habitat escolhido pelo homem em virtude de uma QUALIDADE TELÚRICA PSIQUICAMENTE APRECIÁVEL".

Esta definição exclui a escolha do habitat por necessidade ou obrigação. Porque, em seus múltiplos deslocamentos, o homem COSTUMA ESCOLHER O LUGAR EXATO no qual construirá sua habitação, fundará uma cidade, elevará sua alma a Deus, etc., motivado por vivências transcendentes que ultrapassam a mera necessidade fisiológica de se alimentar ou proteger-se. Assim, uma PSICORREGIÃO é O LUGAR ESCOLHIDO, por excelência, para realizar atos de maior ou menor transcendência.

A princípio, a psicorregião pode ser "pessoal" ou "social". Desejamos subir em uma colina; ESCOLHEMOS UMA DETERMINADA, dentre muitas outras da cadeia montanhosa. Nesta escolha, influíram motivações psicológicas de extrema complexidade, mas, sobretudo, há que se destacar a INTERAÇÃO entre uma COLINA ESCOLHIDA e o FATO DE ESCOLHER, porque precisamente esta INTERAÇÃO converte em PSICORREGIÃO PESSOAL a colina preferida.

Outra pessoa talvez prefira outra colina, mas, de toda uma paisagem de colinas, para mim, a colina escolhida é DIFERENTE, DESTACA-SE de alguma maneira misteriosa, adquire um realce que a transforma em OBJETO DE APRECIAÇÃO, em PSICORREGIÃO PESSOAL. Psicorregiões pessoais, então, são quantos lugares se escolham, por motivo de interação telúrica, desde um "canto de enamorados", de trânsito fugaz, até um "lar", no qual se há de viver durante muitos anos.

Por outro lado, uma PSICORREGIÃO SOCIAL é aquele lugar que se escolheu, com base em motivações psicológicas de ordem comunitária ou coletiva. Por exemplo, um lugar que exerce certo "encanto" a mais de uma pessoa é uma "psicorregião social". A "caverna" escolhida, entre muitas outras, por uma tribo, como habitat comunitário, é também uma psicorregião social, a menos que esta escolha estivesse motivada exclusivamente pela necessidade.

Na antiguidade, os lugares em que se erigiam as cidades eram escolhidos por motivos transcendentes, de ordem religiosa ou esotérica. Hoje em dia, a humanidade habita em grandes cidades, que são também psicorregiões coletivas pois, ainda que os atuais cidadãos NÃO TENHAM ESCOLHIDO a psicorregião, o fizeram em algum momento seus antepassados quando, por determinadas motivações, decidiram que esse era o lugar preferido, o local exato, no qual SE DEVERIA ERIGIR a cidade e COLOCAR A PEDRA FUNDAMENTAL. É evidente, pois, que toda cidade foi, uma vez, uma PSICORREGIÃO PRIMORDIAL, escolhida pelos "fundadores" e que o mesmo há

de ter ocorrido com os "lugares sagrados", sobre os quais se erigem os templos religiosos, que foram também selecionados em algum tempo primordial.

Em uma cidade com muitos templos, escolhemos aquele de nosso agrado, o qual constitui, para nós, uma PSICORREGIÃO PESSOAL. Mas o lugar onde se assenta o templo foi, na época de sua fundação, uma PSICORREGIÃO SOCIAL; e ainda o é, uma vez que a ele acodem muitos fiéis que sentem a mesma atração. Como de costume, referimo-nos somente às interações telúricas e descartamos outras relações importantes, mas de ordem psicológica, como a "proximidade" ou a "distância" do templo; a adoração nele de alguma devoção ou imagem sagrada; qualquer necessidade ou obrigação; etc.

Sem nos estendermos em mais exemplos, podemos completar este conceito, considerando que, na atualidade, devido à expansão demográfica e material da civilização, não é mais comum que se pratique a escolha de uma PSICORREGIÃO SOCIAL, ainda que toda a humanidade escolha constantemente PSICORREGIÕES PESSOAIS.

Mas, na antiguidade, existia toda uma ciência para a seleção telúrica e, de fato, as mais antigas cidades que chegaram até nossos dias foram fundadas mediante diretrizes que são hoje completamente desconhecidas. O racionalismo moderno, como sempre, oferece explicações dogmáticas que a "História", a "Arqueologia", etc., sustentam com rigor. Para elaborar tais explicações jamais se consulta, é claro, as Tradições dos povos, cuja riqueza em mitos e lendas (os "objetos culturais" das superestruturas dos fatos históricos) poderiam certamente aproximar à verdade. Pelo contrário, emprega-se um "método científico" para interpretar o fato que, desta vez, é extremamente simples: inventa-se um "manual de procedimentos", racionais e, consultando suas diretrizes classificatórias, qualifica-se "academicamente" o trabalho dos antigos. Em dito manual, consideram-se as diretrizes de "defesa", "alimentação", "provisão de água", "comunicações", etc. Se uma cidade, por exemplo, Babilônia, foi fundada "tendo em conta ditas diretrizes", ou seja: perto de um rio, próxima das rotas comerciais, sobre uma elevação que domine o entorno, etc., então seus habitantes eram geniais, "quase modernos". Mas se um povo cometeu "erro" de edificar suas cidades faltando algumas de tais regras da moderna estratégia racionalista; se, por exemplo, "desprezou" aquela inexpugnável colina e escolheu viver no vale, então trata-se "simplesmente de gente idiota", seres primitivos que "ignoravam tudo" sobre a maneira como se deve "planejar uma boa cidade".

É claro que a obsessão racionalista, que afirmou, durante séculos, que Troia não podia estar onde realmente estava e que não consegue compreender por que os Maias construíram cidades que nunca habitavam, não reconhece um aspecto importante do problema, o qual é a escolha das psicorregiões.

Na antiguidade, confiava-se a inspeção telúrica a pessoas sensitivas, sacerdotes ou iniciados, os quais jamais empregavam um critério racional nessa tarefa, senão que se guiavam por conhecimentos esotéricos. Estas pessoas "sabiam escolher o lugar" adequado às necessidades da comunidade, que variavam em muitos casos: cidade duradoura, cidade transitória, acampamento, fortalezas, fazenda, etc. Em tempos muito antigos, para toda construção selecionava-se com cuidado o local conveniente, fosse um porto, um templo ou uma ponte. Hoje em dia, parece evidente que primeiro surgiu o caminho e depois, nos lugares vagos, construiu-se a ponte ou se colocaram as pedras para saltar. Entretanto, surpreenderia saber com quanta frequência se faziam desvios muito grandes para cruzar o rio, por lugares que não eram nem os mais rasos, nem os mais próximos entre as margens, senão que a "psicorregião" predominava, acima de qualquer diretriz lógica ou racional. Um rio "não

se devia" cruzar por qualquer parte, assim como a terra "não se devia" arar e cultivar em sua totalidade; existiam zonas, PSICORREGIÕES NEGATIVAS, onde a influência telúrica era nefasta e às quais se devia evitar cuidadosamente. Muitas daquelas precauções dos antigos chegaram até nossos dias (o antropólogo JENSEN as chama: "sobrevivências") como complementos de mitos e lendas, mas são tomadas por superstições carentes de sentido.

O certo é que, na antiguidade, a existência de lugares "hostis" era muito conhecida e aceita, o que explica muitas das "falhas" que se teriam cometido na escolha dos lugares úteis, segundo as diretrizes do "manual de procedimentos" dos racionalistas modernos. Porque, muitas vezes, um lugar dotado de todas as vantagens EVIDENTES, em matéria de segurança e alimentação, apresentava, em troca, a desvantagem ESOTÉRICA de conter uma psicorregião negativa que impedia efetivamente o assentamento, por não garantir o bem-estar comunitário. Pelo contrário, podiam se localizar lugares completamente desguarnecidos ou perigosos, mas que representavam verdadeiros paraísos terrestres para aqueles que DESFRUTAVAM de sua psicorregião. Nenhuma outra coisa, por exemplo, explica a tragédia de Pompéia, edificada sobre uma encosta do vulcão Vesúvio; cidade que, apesar do terremoto de 63, foi reedificada a pedido de seus habitantes, os quais não suportavam a ideia de abandoná-la e, por isso, pereceram quase em sua totalidade dezesseis anos depois, em 79, quando uma nova erupção a sepultou sob a lava ardente e as cinzas.

Não nos estenderemos mais em um tema de fácil compreensão. Só nos resta agregar que, na Atlântida, durante o período luciférico, existia toda uma "ciência das psicorregiões" com base na qual os Siddhas Hiperbóreos instruíam os viryas sobre as técnicas a empregar para "dominar a natureza" e reorientar-se estrategicamente. A "natureza", segundo esta ciência, é só um aspecto sensível, uma aparência concreta, dessa multiplicidade infinita de processos evolutivos em que consiste a macroestrutura de uma Idade Manu. Por isso, "dominar a natureza" significa conhecer a maneira de operar sobre os processos evolutivos e conseguir a independência dos Arquétipos Psicoides. A "ciência" que permitia tal "domínio da natureza" fazia parte da Kabala Acústica e esta, segundo já adiantamos, só era conhecida por uma elite de iniciados hiperbóreos.

Após os cataclismos (o "afundamento da Atlântida), a Terra experimentou uma alteração muito grande no funcionamento de seus sistemas de energias vitais e fluidos sutis. Acentuaram-se os contrastes entre psicorregiões até um ponto tal, que os desníveis eram facilmente percebidos pelo homem e eram, muitas vezes, perigosos. Para equilibrar as psicorregiões e torná-las habitáveis para a humanidade, os Cro-Magnon empregaram externamente seus conhecimentos de Kabala Acústica. Mas tal ação exterior, para ser efetiva, deve estar acompanhada de um TRABALHO INTERIOR, pois a humanidade (ou seus conjuntos étnicos) interage com a psicoesfera (o corpo "sutil") da Terra, assento dos Arquétipos Psicoides, e esta relação pode "atenuar" ou "excitar" os contrastes entre psicorregiões.

Hoje em dia, a possibilidade de efetuar um controle "coletivo" sobre o meio ambiente, empregando poderes psíquicos (a "força da vontade") será tomada com ceticismo, pois o avanço do Kaly Yuga (a expansão demográfica de elementos racionais "confusos", a predominância generalizada das tendências animais do pasu, etc.) produziu uma humanidade imersa em um torpor materialista, que lhe impede de tomar consciência de seu potencial mental e do poder com que esta potência poderia atuar sobre as psicorregiões. Em consequência, o homem moderno encontra-se impossibilitado para resolver as alterações atuais entre psicorregiões. A Estratégia da Sinarquia capitalizou esta impotência e lançou movimentos subversivos que

"denunciam o conflito entre o homem e o meio ecológico", mas existem, na verdade, causas reais que um movimento autenticamente ecologista deveria investigar seriamente.

Voltando ao conceito de psicorregião, já é hora de perguntar: ao que se chama interação psicológica entre o homem e o meio ambiente? Já o definimos indiretamente: existem lugares "nefastos" que denominamos de PSICORREGIÕES NEGATIVAS, assim como há também lugares que possuem certo "encanto", aos quais vamos agora denominar de PSICORREGIÕES POSITIVAS. Estes conceitos elementares podem se aprofundar, se definimos um novo conceito: o de CLIMA PSICOFÍSICO.

Recordemos que uma PSICORREGIÃO é o "habitat escolhido" pelo homem em virtude de uma qualidade telúrica psiquicamente apreciável. Agora podemos agregar que toda psicorregião possui um CLIMA que lhe é próprio, o qual pode-se definir como "o conjunto de percepções sensoriais e extrassensoriais que impressionam um homem situado em seu entorno". O conceito de "clima" pode-se aplicar tanto às psicorregiões positivas como às negativas, pessoais ou sociais, etc. Por exemplo, desde a lúgubre "sensação de opressão" que se experimenta em uma tenebrosa caverna até o "ambiente eletrizado" de uma sala de teatro que, no momento culminante do drama ou a tragédia, é percebido por todo o público, existe uma infinidade de "climas" especiais de conhecimento habitual. Com o fim de alcançar um desenvolvimento claro e compreensível deste conceito, começaremos por estudar os "climas" das psicorregiões naturais.

**C – Conceitos de "psicorregião".**

Há lugares no mundo que têm um encanto particular e, às vezes, suas qualidades são tão intensas que, ao serem percebidas por muitos, transcendem fronteiras e ganham fama duradoura. Quem já não ouviu falar de alguma montanha inspiradora, um estuário de sonhos, um riacho de doces murmúrios, lugares todos recomendados como muito propícios para a meditação ou o amor, ou para recobrar a saúde perdida ou, ainda, para indagar o futuro? Geralmente são os espíritos sensíveis, músicos ou poetas, os quais expressam em linguagem popular estas qualidades geográficas, contribuindo para crescer sua fama.

Estamos aqui ante um caso de PSICOLOGIA PROFUNDA, cuja compreensão costuma se facilitar, ao estabelecer analogias com fenômenos da Física. Por isso, fala-se de CLIMA PSICOFÍSICO, ainda que seria mais apropriado referir-se a MICROCLIMA, quer dizer: ÀS CONDIÇÕES DO CLIMA EM UM ESPAÇO LIMITADO. Por exemplo, o que queremos significar quando dizemos que uma psicorregião possui um MICROCLIMA particular? Que em dita psicorregião experimenta-se um estado psicológico diferente ao que se vivenciaria em outras partes, ainda que nas imediações. Mas tal estado psicológico não responde só às percepções sensoriais, quer dizer: visuais, auditivas, olfativas, etc., senão que envolve também outros planos do ser, outras regiões da alma, cuja fibra não é facilmente afetada na vida habitual. É como se o lugar, seu microclima, INDUZISSE no homem uma força totalizadora que, dissolvendo percepções e sensações, o transportasse para o NÃO DIFERENCIADO ou inconsciente. E esta regressão aos estados primordiais de consciência, longe de constituir uma atitude passiva por parte de quem a experimenta, gera a PARTICIPAÇÃO ATIVA entre o homem e o microclima. A CONSCIÊNCIA DE EXPERIMENTAR algo especial, o êxtase, é justamente o efeito da PARTICIPAÇÃO ATIVA.

Já mencionamos em diversas oportunidades o conceito de PSICOESFERA, a qual alude a um "campo" que envolve a Terra e se compenetra com todos os pontos do espaço interior. Tal campo é equivalente ao que, na Ciência do Alento hindu, se

denomina GLOBO TERRESTRE DE AKASA, quer dizer, aquela esfera onde jazem depositados os Arquétipos Manu, que nós chamamos de "psicoides", e, em um plano inferior a estes, os "registros akásicos", que não são mais do que a impressão astral de seu desdobramento evolutivo na matéria. Este campo é, também, uma das dez "Vestimentas" ou "Véus" do Demiurgo Jeová-Satanás, "o Ancião dos Dias", como se chama na Kabala hebreia.

No "campo" da Psicoesfera tem lugar o INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL, onde jazem os Arquétipos Psicoides, e este interage com o INCONSCIENTE COLETIVO PESSOAL de cada indivíduo (pasu ou virya perdido). Dessa maneira conecta-se a evolução humana com o desenvolvimento do Arquétipo Planetário, pois a Psicoesfera é o "substrato" da filosofia terrestre, o "corpo sutil" que faz às vezes de "sistema nervoso vital", constituído por uma completa rede de energias telúricas, com milhões de vórtices ou "chakras" e canais de distribuição ou "nadis", etc.

O importante agora é compreender que certa parte da psique humana, chamada de "inconsciente pessoal", PARTICIPA DO INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL OU PSICOIDE. De fato, o pasu encontra-se absolutamente ligado à Psicoesfera e só o virya pode transcender a determinação arquetípica que exerce o inconsciente coletivo psicoide – através do inconsciente coletivo pessoal – sobre a consciência ordinária. Essa transcendência, esse despertar, essa liberação que se alcança após transitar o caminho do regresso à Origem, é tema que já tratamos em outras partes.

Estamos agora em condições de definir uma ILHA PSICOIDE, a partir do conceito de PSICORREGIÃO já estudado: UMA ILHA PSICOIDE É A CONTRAPARTIDA DE UMA PSICORREGIÃO NO CAMPO DA PSICOESFERA.

Estes três conceitos não devem dar lugar à confusão. Para evitar mal-entendidos, façamos notar que, inversamente, UMA PSICORREGIÃO É A PROJEÇÃO DE UMA ILHA PSICOIDE EM UMA ÁREA GEOGRÁFICA DETERMINADA. Deste ponto de vista, pode-se afirmar que UMA ILHA PSICOIDE É O ARQUÉTIPO DE UMA PSICORREGIÃO. Compreende-se, assim, que necessitamos aludir previamente ao conceito de "Psicoesfera" só para definir o âmbito da existência das "ilhas psicoides".

Em anteriores incisos, apresentamos a distinção entre "fato natural" e "fato cultural". Deste último dissemos, então, que era "a forma" em que se concentrava um Arquétipo psicoide ao evoluir para sua enteléquia; mas como o fato cultural é "essencialmente estrutural" chamamos de "superestrutura" à estrutura que suporta dita forma. Também estudamos de que maneira a superestrutura do fato cultural "captura" todo aquele que estabeleça uma relação cognitiva com ele, incorporando-o como sujeito de seu drama; com sua maior potência, o Arquétipo psicoide do fato cultural tenta desdobrar-se através do sujeito humano "capturado" e exteriorizando sua própria estrutura cultural.

Podemos aplicar estes conceitos para explicar a origem daquela PARTICIPAÇÃO ATIVA entre o homem e o microclima, que mencionávamos recentemente: AO SENTIR-SE ATRAÍDO POR UMA PSICORREGIÃO, O HOMEM "PARTICIPA ATIVAMENTE DE SEU MICROCLIMA", PORQUE FOI CAPTURADO PELO MICROCLIMA EM QUE SE DESDOBRA A ILHA PSICOIDE. Não há ainda um fato cultural propriamente dito, MAS TODO FATO CULTURAL COMEÇA PELA "ESCOLHA" DE UMA PSICORREGIÃO. Podemos dizer, para dar mais clareza ao assunto, que uma ilha psicoide opera como o "quadro" ou "enquadramento" no qual deve-se dar todo fato cultural. Por isso, quando uma ilha psicoide captura o homem no microclima de sua psicorregião, SÓ POR ESSE FATO fica disposto o quadro próprio para que os Arquétipos Psicoides, em uma "reação Kármica", se desdobrem através

de uma superestrutura que inclui agora o homem e a psicorregião como elementos componentes, e cuja forma, dramática, denomina-se: "fato cultural".

Os Arquétipos que chamamos de "ilhas psicoides" evoluem concretamente nas psicorregiões e estas são âmbitos EXCLUSIVAMENTE GEOGRÁFICOS; o "microclima" é a estrutura natural, PARA O HOMEM, que suporta a psicorregião. Daí que o "microclima da psicorregião" seja equivalente, em outro grau, à "superestrutura do fato cultural": ambos são expressões dos Arquétipos Psicoides; o primeiro o é de uma "ilha psicoide"; o segundo, de um "Arquétipo Manu".

Um Arquétipo pode ser "conhecido", quer dizer, conscientizado, mediante a DESCRIÇÃO de alguma das FORMAS CONCRETAS que adota durante sua evolução. Neste sentido, podemos afirmar que toda psicorregião é uma FORMA CONCRETA que adota a ilha psicoide correspondente durante sua evolução e, portanto, TODA PSICORREGIÃO É UMA "DESCRIÇÃO NATURAL" DE SUA ILHA PSICOIDE. Compreende-se, então, a importância que teria para uma Estratégia Psicossocial a possibilidade de conhecer e distinguir as psicorregiões, uma vez que sendo PROJEÇÕES GEOGRÁFICAS de Arquétipos Psicoides, SÃO REPRESENTÁVEIS GRAFICAMENTE. Pessoas sensitivas devidamente treinadas, iniciadas na Sabedoria Hiperbórea, podem desenhar em um mapa o CONTORNO das psicorregiões ou representar em uma "maquete" a superfície em relevo. Na SS, por exemplo, chegou-se a contar com um corpo de oficiais treinados para traçar a poligonal de qualquer psicorregião da Europa.

**D – Conceito de "ilha psicoide".**

Retomemos a distinção entre "psicorregião natural" e "psicorregião social". Uma psicorregião natural é um lugar feito pela própria mão do Demiurgo, quer dizer, onde evolui um Arquétipo "ilha psicoide", como por exemplo, uma paisagem, gruta, abismo, rio, montanha, etc., todos lugares nos quais se pode perceber um microclima particular.

Uma psicorregião social é, em troca, um lugar escolhido pelo homem para estabelecer seu habitat, edificar povoados, templos, jardins ou palácios, ao qual modificou seu caráter "natural" para adaptá-lo aos fins comunitários.

É evidente que todo local do segundo caso foi, antes da intervenção do homem, um lugar do primeiro caso. Vale a pena perguntar: QUALQUER LUGAR pode servir para, mediante sua modificação ou alteração formal, dotá-lo de um microclima adequado às necessidades humanas? Não; é necessário escolher cuidadosamente o local. Tal como vimos na história de Nimrod, O Derrotado, às vezes pode levar anos para localizar um lugar adequado, e isso se se dispõe de pessoas capacitadas para LER na natureza as descrições das ilhas psicoides.

E, entretanto, apesar de tal complexidade, os brancos Cro-Magnon, "sábios da pedra", adaptaram psicorregiões em todo o mundo para que pudessem ser habitadas pelo homem. Após o último cataclismo atlante, eles "repararam" o sistema nervoso terrestre, fazendo possível NOVAMENTE a reorientação estratégica dos viryas. Porque, se bem que as construções megalíticas têm relação com as correntes de energia telúrica, isso provém só de um ASPECTO FUNCIONAL destas e não se constitui, nem muito menos, "o motivo" de sua fabricação, como supõem Louis Charpentier e outros adeptos do druidismo. Não se tratava de praticar uma "acupuntura terrestre", senão de conduzir-se de acordo a uma Estratégia Hiperbórea; eis aqui a chave para interpretar a atitude dos construtores Cro-Magnon.

Hoje em dia, a Sinarquia tenta apagar de qualquer maneira os rastros da Guerra Cósmica, e sua tática, neste sentido, consiste em negar toda determinação bélica aos povos da pré-história. Comprovar-se-á, assim, que todos os autores

esotéricos da Sinarquia, teosofistas, rosa-cruzes, maçons, martinistas, etc., são PACIFISTAS AO EXTREMO, que afirmam cegamente que "os sobreviventes da Atlântida foram fundadores de civilizações" e oferecem "como prova" as culturas maia, suméria, egípcia, etc., sem explicar o lapso de milhões de anos que separam estas daquele cataclismo.

Para nos aproximarmos da verdade, e evitar a desinformação sinárquica, perguntemo-nos por um momento: qual é a conduta mais provável que adotariam os sobreviventes de uma civilização que sucumbiu e desapareceu por efeito de uma guerra total?: Com toda segurança, não se comportariam SÓ como alguns fundadores de civilizações... Na realidade, tais sobreviventes manteriam um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA e só se conduziriam seguindo DIRETRIZES MILITARES, tanto para deslocarem-se como para acampar, ainda que tratassem de salvar elementos da sua perdida civilização, NÃO SERIA ESSE, desde já, O MOTIVO PRINCIPAL QUE DETERMINARIA SUAS AÇÕES. Temos um exemplo muito à mão naqueles japoneses que sobreviveram mais de vinte anos nas ilhas do Pacífico, depois que finalizou a Segunda Guerra: ainda que eles construíssem para eles objetos culturais necessários para sobreviver ou viver, tais como uma cabana, um anzol, ou um jogo de go, e ainda que tivessem transmitido parte de seus conhecimentos aos aborígenes, "civilizando-os", NENHUM DESTES MOTIVOS DETERMINAVA SUAS AÇÕES; pelo contrário, ao serem encontrados, comprovou-se que os soldados não haviam se esquecido da guerra EM NENHUM MOMENTO, mantendo sempre um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA e conduzindo-se, tanto para deslocarem-se como para acampar, segundo DIRETRIZES MILITARES; um exemplo disso era o correto funcionamento de suas armas, às quais haviam lubrificado e mantido em boas condições, e fundamentalmente, o RESPEITO CONSTANTE PELO GRAU MILITAR – um sargento de 1945 ainda era sargento em 1960 – o que revela todo um universo de honra e virtudes marciais.

Não há que se duvidar que esta é a atitude dos que sobrevivem a uma guerra total E NÃO SE RENDERAM: TODO MOVIMENTO, TODA AÇÃO, É TÁTICA E, PORTANTO, DEVE SE EXECUTAR DE ACORDO AOS PRINCÍPIOS DA GUERRA. MAS TODA TÁTICA, POR SUA VEZ, DEVE SER PLANEJADA NO QUADRO DE UMA ESTRATÉGIA GERAL, DE MODO QUE CONTRIBUA PARA CUMPRIR SEUS OBJETIVOS. Por isso, os Cro-Magnon moviam-se e atuavam seguindo as táticas da Sabedoria Hiperbórea e seus ATOS DE GUERRA, chamem-se menires, dólmens ou cromlechs, obedeciam a objetivos da Estratégia Geral dos Siddhas.

O objetivo principal da Estratégia Hiperbórea é "o retorno à Origem" e, portanto, um dólmen, por exemplo, há de servir para isso PRINCIPALMENTE; e logo, para "escutar a música das esferas" ou "fixar as correntes telúricas", como pretende o druidismo. Há em tudo isto um grande segredo que nos obriga, para não o trair, a empregar a linguagem simbólica. Digamos então, que QUANDO SE ALCANÇA EFETIVAMENTE O OBJETO PRINCIPAL DA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA, OS VIRYAS DESAPARECEM DA HISTÓRIA. Não podemos acrescentar mais.

Deste modo, ocorre que toda ação de guerra bem-sucedida, levada a cabo por viryas hiperbóreos, APÓS A GUERRA TOTAL, culmina com o DESAPARECIMENTO DE SEUS PROTAGONISTAS. MAS AS ARMAS DE PEDRA SEMPRE FICAM, AINDA QUE NÃO POSSAM SER EMPREGADAS NOVAMENTE DA MESMA FORMA QUE AS UTILIZARAM SEUS CONSTRUTORES. Louis Charpentier descobriu que, sugestivamente, os megalitos da França estão distribuídos sobre uma enorme espiral que abarca todo o país; também comprovou que, desde tempos imemoriais, há toda uma migração esotérica de pessoas, as quais, qual gigantesco jogo da oca, vão peregrinando pelo caminho em espiral buscando um tipo de iniciação aos mistérios da

construção lítica ("alvenaria")[28]. Naturalmente, algo que Charpentier desconhece, tal migração começa A POSTERIORI das construções de pedra, pois OS CONSTRUTORES DESAPARECERAM QUANDO COLOCARAM A ÚLTIMA PEDRA DO CENTRO DA ESPIRAL OU "OLHO". Aos que chegam depois, e desconhecem o segredo da pedra ou carecem de pureza sanguínea para apresentar uma Estratégia Hiperbórea, SÓ LHES RESTA A ALTERNATIVA DE PURIFICAR-SE SEGUINDO A ROTA DA PEDRA DOS SIDDHAS. Como A ORIGEM É COMUM A TODAS AS LINHAGENS HIPERBÓREAS, é possível que, ao seguir um caminho para a Origem, ABERTO POR OUTROS VIRYAS, consiga-se RECORDAR O SEGREDO e possa-se, assim, apresentar uma Estratégia própria.

Para neutralizar estas armas líticas, e a possibilidade de "Orientação Estratégica" que oferecem, os Druidas ocuparam-se, durante séculos, em efetuar um bloqueio mágico, gravando sinais ou praticando rituais que têm por finalidade alterar as psicorregiões adjacentes. Mas, desde que se infiltraram na Igreja Católica, seu atuar tem sido tremendamente efetivo pois, após destruir as armas líticas, no lugar em que estas se encontravam, levantaram outras construções de pedra especialmente projetadas, segundo princípios da Kabala Acústica, para conseguir os fins estratégicos da Sinarquia. Disso voltaremos a falar mais adiante.

**E – Trabalho megalítico do homem de Cro-Magnon.**

Vamos destacar agora um elemento que se encontra estreitamente ligado ao trânsito pelo mundo dos brancos Cro-Magnon. Se em um mapa indicamos a distribuição mundial dos megalitos – a qual será indubitavelmente incompleta, pois muitos foram destruídos – e em outro mapa idêntico marcarmos os lugares onde se encontrou o antigo sinal da SUÁSTICA, veremos que as áreas de dispersão são idênticas.

[28] Louis Charpentier – Los Gigantes – Plaza y Janes




FIGURA 112
FIGURA 111

Se bem que a Suástica seja ostentada por povos que, ainda que habitando os lugares megalíticos, não foram os construtores destes, este fato não invalida o argumento pois, justamente estes povos de cultura inferior recolheram ou descobriram a Suástica a partir da construção megalítica, JÁ QUE, EM CERTO SENTIDO, AMBAS SÃO UMA E A MESMA COISA. Já declaramos que as construções megalíticas são ARMAS TÁTICAS para serem usadas no quadro de uma Estratégia Hiperbórea e que o objetivo de tal Estratégia é "o Retorno à Origem". Para compreender nossa afirmação anterior, não há mais do que recordar que em toda ação estratégica PARA A ORIGEM deve intervir o Gral, reflexo da Origem. Mas o Gral se acha suportado pela Runa de Ouro e nesta gravado o Sinal da Origem, DO QUAL SE DERIVA, MEDIANTE DEFORMAÇÕES E MUTILAÇÕES, A RUNA SUÁSTICA. Daí que uma construção lítica, projetada para transladar uma comunidade guerreira "para a Origem", faça possível que outra comunidade, mais impura ou confusa, perceba o Sinal da Origem e "adore", ou considere "sagrada", a Runa Suástica.

Mas a Suástica, que se deriva do Sinal da Origem, não representa ela mesma tampouco um "sinal solar" apesar de ter sido racionalizada como tal por sacerdotes decadentes, os quais a identificaram também com "a vida", "o movimento", "a reencarnação", "o polo", etc. Na Antiguidade, a Suástica ERA UM SÍMBOLO HIPERBÓREO DO FOGO E DO SANGUE, QUANDO AMBAS AS SUBSTÂNCIAS SÃO UMA E A MESMA COISA. Hoje em dia, o fogo é COMBUSTÃO, a ilusão ótica de um

processo químico de mudança de estado da matéria, e o sangue um LÍQUIDO PLASMÁTICO. Mas a Sabedoria Hiperbórea ensina que SANGUE PURO E FOGO possuem uma natureza comum, conhecimento que está na base da Kabala Acústica utilizada pelos Cro-Magnon, para DOMAR as correntes de energia telúrica. Aquele que pode VER a energia telúrica a acha semelhante a um vapor ígneo; mas o sangue também SE VÊ dessa mesma forma: como um vapor ígneo; e, por tal analogia, falou-se, durante milênios, de "sangue da Terra" e inclusive, devido a que nos cursos de água, rios e riachos, a circulação da energia telúrica é maior, identificou-se a água como um "sangue terrestre".

Há, pois, um conhecimento perdido em torno da Suástica que só os arianos da Índia, os germânicos da Frísia e Saxônia, e talvez os maias de Yukatán, conservaram de maneira deformada, até os tempos modernos. Há uma antiga palavra sânscrita para designar o fogo que destaca a "recordação" hiperbórea da identidade que vimos assinalando: é a palavra PUR, que, além de significar "fogo", constitui a raiz de PURO, uma qualidade do Sangue. Com efeito, nos Vedas se lê constantemente que o Sangue dos reis, guerreiros ou sacerdotes, quer dizer, de membros das castas superiores, é PURO, portanto, ÍGNEO. Sangue e fogo se nomeavam em sânscrito antigo, então, com uma única palavra, PUR, que também significa PURO, qualidade indiscutível de AGNI, o Deus do Fogo, e do Sangue dos heróis lendários ou Siddhas.

Também os germânicos conservaram parte deste conhecimento, ao utilizar a Suástica como RUNA, ou seja: como palavra mágica, elemento da Kabala Acústica.

A Kabala Acústica baseia-se no princípio de que toda forma se acha sustentada por uma palavra, que é também um Arquétipo, a qual foi pronunciada no começo do Drama pelo Logos Criador, ou seja: o aspecto Verbo do Demiurgo. Conhecer a Kabala Acústica significa uma VANTAGEM ESTRATÉGICA que permite, por exemplo, "adaptar" o meio ambiente, o Valplads, para que sirva aos fins de uma Estratégia Hiperbórea, diminuindo a pressão satânica de Maya, a ilusão do real.

Por isso, aqueles que utilizavam, como letras, a Suástica e outros símbolos da Kabala Acústica, estavam, sem dúvida, possuindo uma vantagem estratégica sobre outros povos já sinarquizados. Vantagem que hoje os germânicos perderam, pois devem submeter-se às regras de um mundo judaizado, satanista e sinárquico, mas que, entretanto, não representa um mal tão grande como o que tiveram que suportar outros povos hiperbóreos, como os astecas, por exemplo, os quais, não só perderam seu alfabeto de símbolos kabalísticos, senão que se destruiu sua cultura e até se tentou exterminar sua raça.

**F – Megalitos e Runa Suástica.**

Dizíamos que os Cro-Magnon semearam o mundo de megalitos e agregamos, como dado ilustrativo, que a Suástica aparece nos mesmos lugares em que se erigiram as armas líticas. Sabemos que sobre este tema se verteram uma infinidade de opiniões absurdas; entretanto não podemos nos esquivar das afirmações de certos comentaristas profanos, muito promovidos ultimamente[29], os quais, após observar que as construções megalíticas se encontram distribuídas predominantemente perto dos litorais de rios e mares, tiram a conclusão de que "os construtores provinham do mar", ou era, simplesmente, uma "raça marinheira". Esta presunção A DESMENTIMOS DE IMEDIATO e afirmamos, em troca, que o trabalho dos LÍDERES da arte lítica era muito mais vasto do que se costuma supor, pois incluía TODA A SUPERFÍCIE dos

[29] "SUSPEITAMENTE" PROMOVIDOS.

continentes, e que, por desconhecer-se, agora, em que consistia este trabalho, chega-se a conclusões errôneas e absurdas.

A chave está na Kabala Acústica, a qual inclui o uso de ressoadores LÍTICOS – menires e dólmens – mas também DISPOSITIVOS FORMAIS – como os cromlechs, o labirinto, o contorno de grandes rochas e montanhas, o poço e a caverna, etc., QUE ATUAM DE MODO DESCRITIVO SOBRE OS ARQUÉTIPOS PSICOIDES. Existem muitas cavernas que foram modificadas artificialmente para SERVIR a determinados fins, quando não são totalmente artificiais; e numerosos poços, em todo o mundo, registram uma elaboração humana. Também os petróglifos e figuras rupestres de origem Cro-Magnon, como nas cavernas de Altamira, Lascaux ou Aurignac, tinham seu fundamento na Kabala Acústica: em conjunto com certos mantras ou palavras mágicas permitiam operar sobre as almas grupais, - elementais ou egrégoras – dos animais aos que se desejava caçar ou domesticar. No Peru, no sítio arqueológico de Marcahuasi, situada em um pequeno platô andino a quatro mil metros de altitude, pode-se visitar, hoje em dia, uma autêntica oficina-escola Cro-Magnon; ali qualquer um poderá contemplar "in situ" todo um arsenal de armas líticas táticas e comprovará, se tem "boa vista", que estas excedem, por sua esmagadora diversidade, às mais conhecidas do menir, o dólmen ou a muralha.

**G – O arsenal lítico da Rúnica noológica.**

Já nos referimos às modificações que os Cro-Magnon efetuaram em muitas psicorregiões, transformando-as de "naturais" em "sociais" ou aptas para que os viryas as habitem e se "reorientem estrategicamente". Mas também mencionamos que, em muitos casos, as psicorregiões sociais foram alteradas novamente pelos druidas, com o propósito de readaptá-las para a Estratégia da Sinarquia; por exemplo, vale a pena recordar que muitos dos grandes templos das religiões "modernas", católica, muçulmana, budista, etc., foram edificados SOBRE antigos "templos pagãos", ou seja: em lugares que eram venerados desde a mais remota antiguidade e em cujo centro existia um menir, um dólmen, um cromlech, etc. Vamos explicar agora a natureza desta CONTRAOFENSIVA SINÁRQUICA.

Os Druidas se infiltram, a partir do século IV, na ordem beneditina, e logo, desde o Cister e Cluny, lançam a Ordem do Templo, na primeira e mais terrível ofensiva destinada a instaurar o Governo Mundial da Sinarquia. O importante é que, para que tal plano desse resultado, deviam preparar, com antecipação de séculos, as psicorregiões religiosas da Europa, para que seus microclimas capturassem os "crentes" e os incorporassem ao processo do Arquétipo de Jesus Cristo.

Para isso, os Druidas contavam com a Kabala Acústica, na qual eram mestres, e com a Kabala Numérica, que prazerosamente colocaram a sua disposição os sábios judeus; combinando este formidável conhecimento, desenvolveram uma técnica de controle psicossocial baseada na ressonância arquetípica de enormes estruturas de pedra. A expressão concreta deste trabalho é a catedral gótica que "aparece", como todos sabem, no século XI. Esta gigantesca construção é um instrumento lítico finamente calibrado para gerar um microclima religioso, capaz de confundir o paroquiano com sua grandiosidade e de sugerir-lhe uma atitude de respeito e devoção. Nada mais do que isso necessita o Arquétipo de Jesus Cristo para efetuar a captura, transformando o microclima em superestrutura e a psicorregião religiosa em fato cultural! Mas o mais admirável de tal máquina infernal – e ainda que esta afirmação escandalize os geneticistas, diremos da mesma forma – é que, uma vez efetuada a captura, "modula" a informação genética do crente, tornando hereditário o Arquétipo de Jesus Cristo, ou seja: judaizando geneticamente o incauto; isto se consegue porque o Arquétipo de Jesus Cristo, que é psicoide, quer dizer, pertencente ao inconsciente coletivo universal, se introduz e se plasma no inconsciente coletivo pessoal pela ação

da catedral, ou que implica em uma modificação cromossômica EM TODAS AS CÉLULAS DA ESTRUTURA ANATÔMICA HUMANA. São assim as catedrais: MÁQUINAS PARA PROGRAMAR PSIQUICAMENTE (E GENETICAMENTE) A POPULAÇÃO, COM O PROPÓSITO DE FORMAR UM TIPO HUMANO JUDAICO, QUE ATUAM SOBRE A HERANÇA GENÉTICA PELA TRANSMISSÃO DE CARACTERES SIMBÓLICOS INDUZIDOS.

A construção de catedrais – e de outros monumentos que não mencionamos por motivos de brevidade – é, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, uma autêntica tática de Estratégia Psicossocial colocada em prática pela Hierarquia Branca de Chang Shambala para favorecer o advento da Sinarquia Universal. Sobre a FUNÇÃO das catedrais, tanto o Druida Fulcanelli como o céltico Louis Charpentier, e muitos outros autores de similar filiação sinárquica, pretendem que estas seriam "livros de pedra", destinados a perpetuar um "saber oculto" – aqui seria a Alquimia – o que, devido ao "obscurantismo reinante", não pode ser exposto nem sequer por organizações iniciáticas.

Custa a crer que tais idiotices possam se dizer de boa fé! E estaríamos tentados a duvidar do critério racional daqueles que as emitem SE NÃO ESTIVÉSSEMOS A PAR DE QUE EXISTE UMA ESTRATÉGIA SINÁRQUICA E DE QUE ELES SÃO SEUS AGENTES.

Para esclarecer as coisas, recordemos que com as pirâmides do Egito ocorre uma conspiração similar, na qual todos os autores "esotéricos" concordam em afirmar que, por exemplo, "Keops é um livro de pedra, onde se verteu o saber egípcio, para perpetuá-lo através dos tempos". Em que fundamentam tal afirmação? Na perfeita orientação geográfica das construções – pirâmides e catedrais – e na intervenção de NÚMEROS muito exatos e chamativos, extraídos da Física ou da Astronomia, nas dimensões do monumento.

Vejamos agora qual é a verdade que a Sinarquia pretende ocultar ou dissimular, com teorias absurdas: tanto as pirâmides como as catedrais e, em geral, todos os templos construídos com base em princípios cabalísticos, SÃO MÁQUINAS FUNCIONAIS, construídas para operar coletivamente sobre o público. Faça-se qualquer um a seguinte pergunta: em que máquina não intervém medidas e dimensões vinculadas com as leis da natureza que pretendem governar e aproveitar? Inferir disso que a máquina é um livro no qual se verteram conhecimentos da natureza, destinados a serem lidos no futuro é uma ideia irreal.

Uma máquina é construída para ser usada no presente e no futuro imediato, ou para que funcione enquanto tenha vida útil, mas nunca se faz pensando no que ocorrerá milhares de anos depois. Claro que, se dita máquina atravessa os milênios e é contemplada por seres que ignoram seu OBJETIVO FUNCIONAL, não seria estranho que raciocinassem equivocadamente que a mesma é "um livro" e até "lessem mensagens" nela. Pense-se, para colocar um exemplo extremamente simples, em alguns homens do futuro que, ignorando tudo sobre nossa civilização, encontrassem O QUADRANTE DE UM RELÓGIO DE PAREDE DE UM METRO DE DIÂMETRO. E que, de seu exame, que se trata de um "livro" feito para as gerações futuras por alguns seres antigos que conheciam a longitude do meridiano terrestre, contavam até doze, provavelmente adoravam o círculo, talvez o Sol, estavam na Idade de Bronze, etc. Todas estas deduções são lógicas, mas NADA INDICAM SOBRE O RELÓGIO, nem sobre o OBJETIVO FUNCIONAL para o qual foi projetado.

É necessário entender, então, que as catedrais e outros monumentos similares devem ser considerados em sua TOTALIDADE ESTRUTURAL, atendendo à FUNÇÃO para a qual foram projetados. E se não sabemos qual é essa função, MELHOR É

CALAR, porque, de outra maneira, colaboramos com a Estratégia Sinárquica, que consiste em fomentar a confusão em tudo aquilo que se relacione com Chang Shambala e seus planos demoníacos.

**H – Estratégia Druídica.**

Estreitamente conectada a este tema, existe outra tática sinárquica sobre a qual vamos avisar agora. Quando se fala de "Idade Média" e "Renascimento" costuma-se cometer um erro deliberado, consistente em afirmar que efetivamente "uma espécie de abismo" separa ambas as épocas. Pareceria, segundo os historiadores da Sinarquia, que a Idade Média foi uma época de trevas impenetráveis, cujos negrores foram dissipados bruscamente pelo humanismo renascentista. O Renascimento pareceria ser, assim, que surge por geração espontânea, totalmente divorciado da época que vem "superar". Mas olhando bem a coisa, torna a se descobrir, por trás de tais opiniões, a tática sinárquica.

**I – Revolução cultural druídica.**

Diremos novamente: o Demiurgo, seu Grande Alento, impulsiona a matéria a EVOLUIR, seguindo a ordem formal de seus Planos ou Arquétipos Manus. A Lei da Evolução rege, assim, todas as ordens de existência, incluídas as sociedades humanas. Mas a Hierarquia Branca de Chang Shambala costuma apurar essa Evolução social, mediante uma alteração chamada REVOLUÇÃO, a qual se expressa também por uma lei precisa que consiste em apresentar uma oposição dialética ao sistema que se procura REVOLUCIONAR. Por isso, não se deve estranhar que, por trás de toda revolução, os revolucionários neguem e desvalorizem a ordem anterior: é pura tática sinárquica, que pode ser comprovada observando a Revolução Francesa, Russa, Cubana, etc., onde se evidencia o choque dialético e a negação, por parte da nova ordem, de todo valor, à ordem destituída. Esta tática sinárquica é muito evidente e não requererá mais comentários... se não fosse que o Renascimento não figura na História como "revolução".

Entretanto, ignorando as qualificações, descobrimos, no coração da mudança renascentista, a mesma Estratégia sinárquica que dirige as grandes revoluções da História; e com ela a negação da "época anterior", à qual se acusa de "obscurantista". Mas, uma vez que descartamos seu caráter natural ou espontâneo, devemos perguntar: quem lança uma revolução tão vasta como "o Renascimento"? Porque toda revolução registra, por trás dos protagonistas em evidência, uma Hierarquia de "cérebros cinzentos" que PLANEJAM E DIRIGEM o movimento. O aspecto violento é só a culminação de um longo trabalho subversivo, efetuado por profissionais, "agitadores e revolucionários" os quais foram também "agitados" por forças ocultas, que raramente se mostram à luz pública. Sabemos que a Sinarquia encoraja por trás estes poderosos movimentos, mas, no caso do Renascimento, isso nem sempre aparece suficientemente claro e diremos porquê: por que o Renascimento foi uma REVOLUÇÃO CULTURAL, NÃO POLÍTICA como as revoluções violentas, que estamos acostumados a considerar.

A REAÇÃO a tal revolução chamou-se: CÁTAROS E FEDERICO II HOHENSTAUFER; e foi ferozmente reprimida. E, perceba-se, que se falamos de uma reação no século XIII a uma revolução que se produz no século XV, é porque admitimos que no século XIII já estavam à vista as motivações que desencadeariam a revolução do renascimento: motivações que os Druidas e seus sequazes incubaram durante oitocentos anos. E a maior de tais motivações, a mais evidente, eram as catedrais, tão eficazes em seu objetivo revolucionário cultural, tão esplêndidas em sua perfeição estrutural, mas, sobretudo tão grandiosas frente à pequenez humana, que tornava

dificílimo reagir contra elas. Mas esta inibição era, sem dúvida, outro importante objetivo sinárquico.

Repetimos pela última vez: comete-se um erro ao acreditar que o Renascimento significou verdadeiramente uma reação contra a cultura da Idade Média. Foi a própria Idade Média, suas FORÇAS OCULTAS, que gerou o Renascimento, preparando-se durante séculos, atuando sobre as massas mediante táticas psicossociais, entre as quais – pois não são as únicas, nem muito menos – contam-se as catedrais que vimos mencionando.

Mas, certamente, estamos tentados a perguntar: sem as catedrais, teria existido o Renascimento? ACREDITAMOS QUE NÃO. Esta resposta pode dar uma ideia da importância que atribuímos à influência coletiva das gigantescas máquinas de pedra e à ciência que permitiu projetá-las: a Kabala Acústica.

**J – Noções de Corologia Esotérica.**

Quem tenha lido os nove incisos anteriores já terá compreendido que rejeitamos "o ponto de vista SOCIOCULTURAL, que reconhece o homem como agente ativo e a Terra como sujeito passivo, (o qual) é agora aceito (pelos geógrafos) em termos gerais[30], pois o mesmo implica em um falso conceito de "livre arbítrio" de que o homem, escravo de Jeová-Satanás, na realidade, não dispõe. Pelo contrário, para nós, e de acordo à Sabedoria Hiperbórea, o homem é SUJEITO de um drama (o processo dos Arquétipos Psicoides) que se desenvolve no teatro de uma psicorregião da Terra, a qual se comporta como um AGENTE ATIVO que o captura e integra à superestrutura dos fatos culturais.

Quando fizemos a crítica das "Idades históricas" e da "cultura", demonstramos que o pasu ou virya perdido é, em geral, prisioneiro dos fatos culturais; mas, mais adiante, ao definir as "psicorregiões", explicamos que estas constituem o âmbito primário sobre o qual se inicia o processo do fato cultural; "homem" e "psicorregião" pareceriam ser, assim, os elementos fundamentais e suficientes para compreender o drama da vida humana. Entretanto, isto não é assim, pois "psicorregião", tal como a definimos, é um conceito ESPACIAL, que nada nos diz sobre a dimensão TEMPORAL do drama. Para completar este aspecto, a Sabedoria Hiperbórea oferece o conceito complementar de GEOCRONIA, a partir do qual, LOGO, se pode definir o Kaly Yuga.

É fácil compreender que o processo dos Arquétipos Psicoides NÃO PODE SER O MESMO EM DIFERENTES PSICORREGIÕES. Por exemplo: o Arquétipo Dama se desenvolve através de Fulano e o impulsiona a buscar uma mulher "amada"; se a psicorregião onde se desenvolve o drama é, por exemplo, a "aldeia natal" de Fulano, então este poderá projetar seu "amor impossível" em alguma das aldeãs e sublimar sua energia sexual, com a qual se alimenta o Arquétipo Dama; mas se a psicorregião é, por exemplo, uma "ilha deserta", a projeção não se concretizará "fora" e o processo tomará outro rumo. Neste exemplo extremamente simples, mas que exemplifica muitos outros casos, percebe-se que AO VARIAR A PSICORREGIÃO, VARIA O PROCESSO (porque, naturalmente, varia a superestrutura do fato cultural).

Mas esta variação do processo, de que natureza é? Porque não dizemos que o processo "não terá lugar", senão que, simplesmente, "ao mudar de psicorregião, o processo varia". A resposta é: ao mudar de psicorregião, o processo varia TEMPORALMENTE, ou, em outras palavras: se um homem, capturado e integrado à superestrutura de um fato cultural, muda de psicorregião, O PROCESSO DE SEU DRAMA É MAIS RÁPIDO OU MAIS LENTO, DE ACORDO AO CARÁTER

[30] JAN M. BROEK – GEOGRAFIA – MANUELA U.T.M.R.A – MEXICO.

GEOCRÔNICO DO LUGAR. Compreende-se agora a importância que tem, do ponto de vista Estratégico, a situação geográfica dos viryas.

**J1 – Efeito geocrônico sobre "Kaly exterior".**

Existe, pois, uma relação entre toda psicorregião e a temporalidade que consome o processo dos Arquétipos Psicoides QUANDO SE DESDOBRAM EM SEU ÂMBITO. Mas os diferentes Arquétipos Psicoides compõem um conjunto infinito e, CADA UM DELES APRESENTA UM TEMPO DE EVOLUÇÃO DIFERENTE EM CADA PSICORREGIÃO PARTICULAR. Por isso, não é possível levar em consideração NENHUM ARQUÉTIPO EM PARTICULAR para referir-se à relação temporal entre "psicorregiões" e "fatos culturais" ou, na psicoesfera, entre "ilha psicoide" e "Arquétipo Psicoide". O conceito de "geocronia" é definido pela Sabedoria Hiperbórea seguindo um caminho inverso: NÃO SE REFERE À PROJEÇÃO DE UM ARQUÉTIPO PSICOIDE, SENÃO A UMA RECORDAÇÃO DE SANGUE; A RECORDAÇÃO DE LILITH FORA, OU SEJA: KALY. Com efeito: "GEOCRONIA É A CAPACIDADE QUE TEM UMA PSICORREGIÃO PARA OBSCURECER A IMAGEM DE KALY".

O que tem isto a ver com o tempo? Que, INVERSAMENTE, uma psicorregião onde não é possível perceber Kaly é um lugar onde pode SE DAR A MÁXIMA SINCRONIZAÇÃO TEMPORAL entre os ritmos biológicos do microcosmo e o Tempo do macrocosmo, que é expressão do imanente fluir da Consciência do Demiurgo. Portanto, a geocronia dá uma indicação NEGATIVA das possibilidades que oferece uma psicorregião para alcançar ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA ou, em outras palavras: a maior índice geocrônico de uma psicorregião, menor possibilidade de Orientação Estratégica.

Dentro da Sabedoria Hiperbórea, há uma ciência que estuda todo o referente às psicorregiões e sua relação geocrônica com o homem: é a COROLOGIA ESOTÉRICA[31]. A Thulegesellschaft possuía um importante "círculo fechado", especializado em estudos corológicos, o qual, após 1936, passou ao Instituto Ahnenerbe da SS. E foram os especialistas em corologia do Instituto Ahnenerbe os que efetuaram uma pesquisa mundial de índices geocrônicos e descobriram que UMA VERDADEIRA ROTA DE TREVAS PODIA SER LOCALIZADA, OU COROGRAFIADA, SOBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE (Figura 113).

Dita "Rota" é a expressão atual do chamado "Kaly Yuga", e demonstra, tal como antecipávamos em outra parte, que sua influência não é uniforme em toda a Terra, como caberia de se esperar de uma simples "Idade Histórica", senão que varia de "intensidade" segundo a latitude considerada.

[31] COROLOGIA, da raiz grega COROS = LUGAR, significa literalmente "estudo das relações entre coisas e pessoas que dão carácter aos lugares", na teoria do geógrafo alemão do século XIX FERDINAND VON RICHTHOFEN. Mas a Corologia Esotérica ocupa-se de estudar não quaisquer lugares, senão "psicorregiões" e de estabelecer relações especificamente "geocrônicas" entre aquelas e o homem afetado pelo seu entorno. A Corologia Esotérica é, com propriedade, "Sabedoria Hiperbórea aplicada". O mesmo podemos dizer de outra ciência complementar: a COROGRAFIA, que estuda e desenvolve técnicas para representar psicorregiões em mapas ou "maquetes".




FIGURA 113

A "intensidade" que varia é a das "trevas", que impedem de perceber Kaly e, por isso, à medida que se "avança" no sentido da Rota do Kaly Yuga, a perda de Orientação Estratégica é cada vez maior[32].

**J2 – Determinação corológica da Rota do Kaly Yuga.**

A Rota do Kaly Yuga tem seu ponto de menor intensidade no polo Sul e de maior intensidade no polo Norte. Do polo Sul, avança sobre a Antártica formando, com parte da península antártica e vários arquipélagos de ilhas, "a ômega da mão esquerda"[33]. Estas ilhas, entre as quais figuram principalmente as Órcades, Sandwich e Georgia, são um apêndice exterior da Cordilheira dos Andes, que se afunda sob o Oceano Atlântico para reaparecer na Antártica, como "Cadeia Antarctandes", na Terra de San Martin. A Rota continua logo sobre a América, paralelamente à Cordilheira dos Andes, mas, à altura da linha equatorial, vira bruscamente para o Oeste e "envolve" a Terra, surgindo pelo Leste da Ásia e atravessando toda a Europa. Sempre de Leste a Oeste, a Rota cruza o Oceano Atlântico até México e Cuba, de onde volta a virar para

[32] Isto não significa que o Kaly Yuga atua SOMENTE na rota. Toda a terra está submetida à sua influência, mas, PARA O HOMEM, devido à ação geocrônica das psicorregiões, a INTENSIDADE DAS TREVAS é esmagadoramente maior DENTRO DA ROTA.

[33] Entende-se que nos referimos à "mão esquerda" de Sanat Kumara ou Jeová-Satanás.

o Norte, abarcando quase todo o território dos Estados Unidos, parte do Canadá e Groenlândia.

Dessa maneira, seguindo um esquema tectônico não sempre claramente apreciável, a Rota do Kaly Yuga impõe um movimento helicoidal ou em "forma de mola" ao redor da Terra.

As linhas que limitam a Rota do Kaly Yuga denominam-se, em Corologia Esotérica, de CURVAS ISOCRÔNICAS, pois foram traçadas "em índices geocrônicos"[34].

Distinguem-se, assim, sete grandes regiões de diferente "intensidade geocrônica", cada uma delas limitada por ambas as curvas isocrônicas (Figura 114). A Região I, "ômega da mão Esquerda", é um recinto limitado por duas curvas isocrônicas e duas retas; a primeira destas (a a'), é um seguimento do círculo polar antártico, e a segunda (b b'), é um segmento do paralelo que passa pela cidade chilena de Punta Arenas. A partir dali, estende-se a Região II até a linha (c c') que forma parte do meridiano "90° Oeste". A Região III abarca uma área muito grande, que conclui na linha (d d'), a qual está determinada pelo meridiano que passa por Pequim. Em continuação, segue a região IV, sempre dentro da Rota, quer dizer, limitada por duas isocrônicas e duas retas, que termina na linha (e e'), a qual é parte do meridiano que passa pelo Monte Elbruz, no Cáucaso. A Região V, claramente europeia, acaba no segmento (f f'), parte do meridiano que passa pela Ilha da Madeira. Desde aí se estende a Região VI até o segmento (g g'), parte do Círculo Polar Ártico, e além, encontra-se o fim da Rota: a Região VII, "de máxima obscuridade".

Existem também duas zonas geocrônicas, fora da Rota: uma que abarca a África do Sul, tem as dimensões de uma Região V, e outra, que inclui a Inglaterra e a Irlanda, é uma clara mostra de Região VI, "mais perto" do fim do Kaly Yuga do que a próxima Região V europeia, ou seja: onde as trevas do Kaly Yuga são um grau mais intensas que na Europa. Indicou-se também, na figura 114, com uma grande roda dentada, cujo centro axial ou eixo está situado na Mongólia, o "CENTRO DE MENOR INTENSIDADE DO KALY YUGA" (DA TERRA), que mencionamos no inciso 1 desta introdução. A rigor da verdade, dito "centro" é o vértice de um colossal vórtice de energia, que cumpre a função de outorgar "movimento" à Rota e, por isso, chama-se de "Motor do Kaly Yuga", ainda que mais apropriado seria dizer "entre cenho de Sanat Kumara". Analogamente ao olho do furacão, no "centro de menor intensidade", reina uma absoluta calma, que permite a seus habitantes alcançar a mais alta transcendência; por isso, os Siddhas Hiperbóreos contaram, e contam sempre, com esses habitantes, os mongóis, quando seus planos de Estratégia Psicossocial requerem a mobilização de povos de linhagem hiperbórea em distintas Regiões da Rota.

[34] Isocrônica, das raízes gregas: ISO = igual, e CRONOS = Tempo. Significa literalmente "em tempo constante"; mas, em Corologia, as curvas isocrônicas aludem à constância do índice geocrônico.

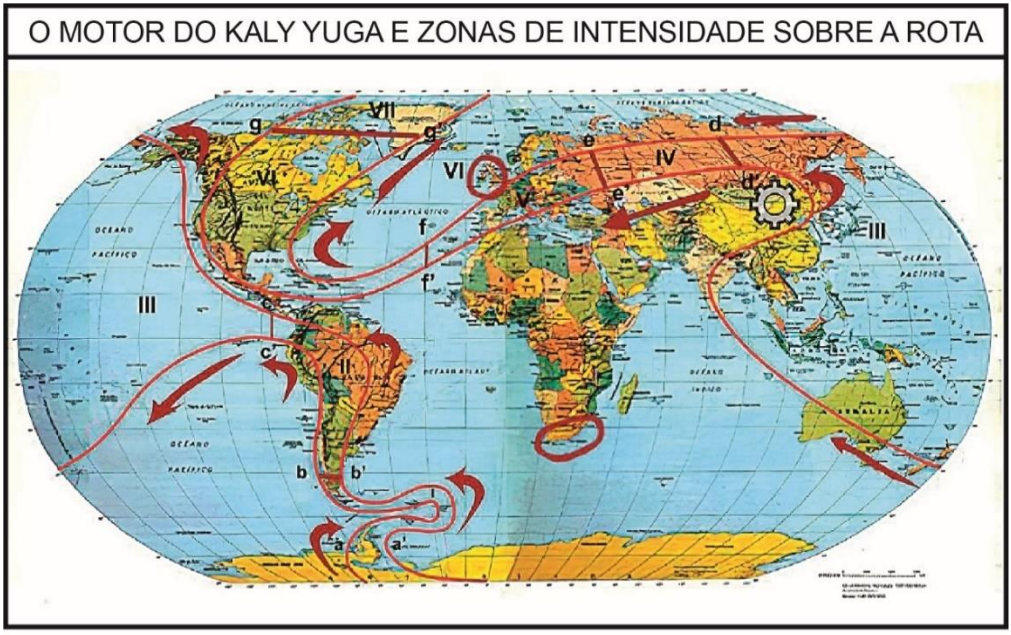

O MOTOR DO KALY YUGA E ZONAS DE INTENSIDADE SOBRE A ROTA
VII
g
g'
VI
VI'
e
d
IV
d'
III
f
f'
III
c
c'
II
b
b'
a
a'

FIGURA 114

## DÉCIMO TERCEIRO TOMO: CONCEITOS COMPLEMENTARES DA SABEDORIA HIPERBÓREA

As noções elementares de Corologia Esotérica, que desenvolvemos precedentemente, vão nos permitir interpretar, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, numerosos fatos que, até agora, salvo nos círculos fechados da Thulegesellschaft, foram objeto da desinformação cultural sinárquica. Daremos alguns exemplos de tal interpretação nos seguintes comentários:

### A – Hiperbórea e os Hiperbóreos.

No ocultismo sinárquico, costuma-se estabelecer uma associação absurda e tendenciosa entre a Suástica, o movimento polar ou circular da constelação da Ursa Maior, o número sete, as regiões do Turão ou Mongólia e os "hiperbóreos". Como produto disso, "provam-se" ou fundamentam afirmações como esta: "A Mongólia é um centro de difusão da Suástica; dali se propagou para todo o mundo"; ou esta outra: "a Suástica simboliza o movimento em hélice da Ursa ao redor da estrela polar". Não perderemos tempo em rebater estas e muitas outras afirmações semelhantes; à luz da Sabedoria Hiperbórea e com a ajuda da Corologia Esotérica, iremos diretamente à origem da confusão.

Em primeiro lugar, há que se repetir que a Suástica é uma expressão exotérica do Sinal da Origem e, como tal, NÃO REGISTRA UM "CENTRO DE DIFUSÃO", uma vez que todo virya, em qualquer lugar do mundo, topa-se, cedo ou tarde, com este Sinal quando, em sua Estratégia de Retorno à Origem, entra em relação carismática com o Gral. É o que ocorreu, em tempos históricos, com povos que, habitando em zonas megalíticas, acabaram "descobrindo" por si mesmos, e adotando como brasão, o antiquíssimo sinal da Suástica.

Vamos estabelecer agora uma distinção muito importante sobre a procedência dos "hiperbóreos" pois existem, pelo menos, três tradições dignas de consideração, mas contraditórias entre si. Mencionaremos cada uma delas por ordem de antiguidade e esclareceremos a que tipo de "hiperbóreos" se refere cada uma, mas, antes, diremos umas palavras sobre o termo "hiperbóreo".

A aceitação usual é que "Hiperbórea", tal como aparece em Homero e outros poetas gregos, alude a um país "além" (hiper) de onde sopra o Vento do norte (Bóreas). Mas esta é uma etimologia tardia, da época em que o nascente racionalismo grego associava a cada "força da natureza" um Deus ou Mito; assim ocorreu com o Sol (Hélios), a Lua (Selene), Vênus, Saturno, o Mar (Poseidon), etc., e, naturalmente, os Ventos: o do Norte, Bóreas; o do Sul, Noto; o do Leste, Euro; e o do Oeste, Zéfiro. Antes destas reduções mitológicas "Bóreas" significava "sopro do Norte", como em BOREIROS (boros) com um duplo sentido de "vento" e "espírito", tal como acontece com PNEUMA (pneuma) que tem as seguintes acepções: sopro, VENTO; alento, respiração; vida, alma; ESPÍRITO, anjo, demônio, sopro divino, ESPÍRITO SANTO, etc. "Hiperbóreo" pode se traduzir, então, em um sentido arcaico, como "Espírito que procede de ALÉM do Norte" e Hiperbórea passa a ser "o país (ou a origem, procedência) dos Espíritos de ALÉM do Norte". Esta definição, inspirada, evidentemente, na recordação de Sangue, ajusta-se bastante aos ensinamentos da Sabedoria Hiperbórea, a qual afirma que os Espíritos cativos procedem de Hiperbórea, um "centro racial" extraterrestre, mas também "extra universal" e talvez antimaterial. Dali, os Espíritos Hiperbóreos, cuja natureza é hostil à ordem material do Demiurgo, ingressaram no Universo por uma porta cósmica, conhecida nos Mistérios como "Porta de Vênus". Por que o fizeram? É parte do Mistério, mas alguns suspeitaram que vinham

após perderem uma guerra cósmica em outros universos inimagináveis; entretanto, o mais sensato é pensar que A CONDUTA GUERREIRA DOS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS É PRODUTO DE SUA HOSTILIDADE ESSENCIAL PARA COM A ORDEM MATERIAL. O concreto é que, se bem que os hiperbóreos sempre reivindicaram Hiperbórea como sua Pátria do Espírito e conservaram por ela uma recordação indelével; uma vez caídos na encarnação, por um Mistério de A-mort, esta recordação tornou-se suficientemente apagada, para que só convenha falar de uma "nostalgia por outro mundo". Na recordação contida na Minne sanguínea, não há de se ter uma recordação clara de Hiperbórea, porque esta só pode ser "vista" pelo Espírito puro ou Vril; o que de fato há no sangue é a RECORDAÇÃO DA ORIGEM, quer dizer, do lugar de procedência do Espírito, e esta recordação responde a uma palavra mágica, a qual não convém manipular demasiadamente, para não aumentar sua degradação semântica, que se escreve: THULE.

THULE É O NOME DA ORIGEM E, PORTANTO, SEU SÍMBOLO GRÁFICO É O "SINAL DA ORIGEM", DO QUAL SE DERIVA POR MUTILAÇÃO E DEFORMAÇÃO A RUNA SUÁSTICA.

Com estes esclarecimentos, podemos considerar as três origens tradicionais dos "hiperbóreos".

**Primeira** – A mais antiga tradição, germano-nórdica, é a que situa Hiperbórea no extremo setentrião, em uma zona povoada hoje em dia pelo gelo ártico. Esta tradição não tem mais fundamento do que a recordação de Sangue de Thule e suas associações a diversos "motivos" tomados dos registros akásicos, desde a Ilha Valhalla até a Atlântida de Frísia.

Entretanto, quando a recordação é muito clara e se refere a uma ilha habitada por gigantes, que possuíam um terrível poder espiritual chamado "Vril" e a umas belíssimas mulheres magas capazes de dar um amor que imortalizava o amado, do que se está falando é dos Siddhas Hiperbóreos e da Ilha Valhalla que uma vez esteve realmente no Norte, há milhões de anos.

**Segunda** - Outra tradição, muito mais recente, de uns dez mil anos antes de Jesus Cristo, faz vir os hiperbóreos do poente, quer dizer, do Oeste ocidental. É esta uma Tradição Atlante Greco-mediterrânea, que não só é patrimônio dos gregos – estes são os que melhor a expressaram em tempos históricos – senão de todos os povos remanescentes ou vassalos da afundada Atlântida: lígures, bascos, berberes, egípcios, cretenses, etc. Aqui se alude especificamente à migração Cro-Magnon que avançou, segundo veremos mais adiante, seguindo inversamente a Rota de Kaly Yuga, ou seja: do Oceano Atlântico, pela Europa e Ásia, até a China e, por mar, até a América do Sul. É claro que NEM TODOS os Cro-Magnon chegaram até o final da Rota. O trajeto assinalado demandou milhares de anos, pois os mestres da pedra iam readaptando as psicorregiões, e diversos grupos, após permanecerem durante séculos em um lugar, acabaram por formar muitos dos povos "históricos" de raça branca. Mas a migração, seu núcleo central, jamais se deteve, até que chegou ao "ômega da mão esquerda"; as provas de sua passagem se constituem nos rastros de mestiçagens com "gigantes de raça branca" que se observa ao longo da Rota inversa, desde o Leste da Europa, Rússia, China, Japão, ilhas do Pacífico; e América do Sul, desde a Colômbia até a Terra do Fogo. Esta segunda Tradição, então, não alude aos Siddhas Hiperbóreos, senão aos Cro-Magnon, que eram, em sentido espiritual, autênticos Hiperbóreos[35].

[35] Entretanto, do ponto de vista das linhagens Hiperbóreas atuais, é aquela migração Cro-Magnon que explica a origem da raça branca e sua distribuição geográfica.

**Terceira** – A última tradição consiste em afirmar que os hiperbóreos, primitivamente, procederam do Leste, sem precisar com exatidão um local em particular. Tal atitude varia com os distintos grupos étnicos considerados pois, enquanto alguns povos germânicos declaravam provir do Cáucaso e outros das planícies da Ucrânia ou dos Montes Urais, a Tradição branca costuma se envolver com a amarela, ao marchar para o Leste, vinculando-se claramente com os xamãs da Sibéria e Mongólia. Por outro lado, na Índia, os indo-arianos procedentes do Irã, quer dizer, do Oeste, admitiram sempre uma origem "nórdica", mas aqui se trata do Norte da Índia, ou seja: os Himalaias e, além, Mongólia. Esta tradição também tem seu fundo de verdade, como as outras duas, mas, neste caso, o erro se baseia em identificar toda uma comunidade étnica com certos "Deuses" ou Heróis Legendários que, na verdade, procediam do Leste da Ásia ou, mais concretamente, da Mongólia. É claro que não estamos nos referindo aos Mestres de Sabedoria de Chang Shambala, tão caros ao teosofismo ocidental, senão a alguns Siddhas Hiperbóreos que, aproveitando o "centro de menor intensidade do Kaly Yuga", irromperam dali na História dos povos, para levar adiante uma Estratégia racial. Dali provinha Odin-Wotan e para lá regressava, a cada dezenove anos, o Hiperbóreo Apolo, o qual deixou um rastro cultural desse trânsito no Oriente nos símbolos da ursa, o sete, o polo, etc., que ostentavam muitos dos povos que se encontravam "em seu caminho".

É certo, então, que houve "hiperbóreos" procedentes do longínquo Oriente, como afirma a terceira Tradição apontada, mas aqueles eram Siddhas Hiperbóreos (que logo se incorporaram às mitologias como Deuses, Anjos ou Heróis) e não povos migratórios.

**B – Deslocamento verdadeiro dos homens de Cro-Magnon.**

Os Cro-Magnon, mestres da arte lítica, iniciam seu deslocamento estratégico DO ATLÂNTICO, seguindo um sentido inverso ao da Rota do Kaly Yuga. Começam na Região V (figura 114), onde aplicam a quase totalidade de sua ciência megalítica, e logo, lentamente, vão se dirigindo para as Regiões, IV, III e II. Em cada Região, acontecem três coisas: um grupo DESAPARECE DA HISTÓRIA; outro grupo assenta-se na psicorregião, especialmente para praticar a Agricultura e a pecuária; e um terceiro grupo, o grosso da raça, se desloca, na maneira indicada, para as regiões do Sul. Enquanto tem lugar esta migração, quer dizer, durante milhares de anos, os Siddhas Hiperbóreos ENCARREGADOS DE CONDUZIR A ESTRATÉGIA CRO-MAGNON, instalam-se no "centro de menor intensidade", onde abrem uma porta para a Ilha Valhalla, chamada por eles de Agartha. Tal porta, um túnel topológico NADI entre dimensões do espaço, ORIENTADO PARA DENTRO DA TERRA, é a origem da crença de que Agartha, o país dos Siddhas, é um "mundo subterrâneo". Cabe destacar aqui um fato de grande importância: OS SIDDHAS HIPERBÓREOS QUE CONDUZIRAM A ESTRATÉGIA CRO-MAGNON ERAM DE RAÇA AMARELA. Esta particularidade obedecia a que ditos Siddhas foram, há centenas de milhões de anos, os que desenvolveram e ensinaram aos Cro-Magnon a Kabala Acústica, na Segunda Atlântida.

**C – Estratégia do Führer.**

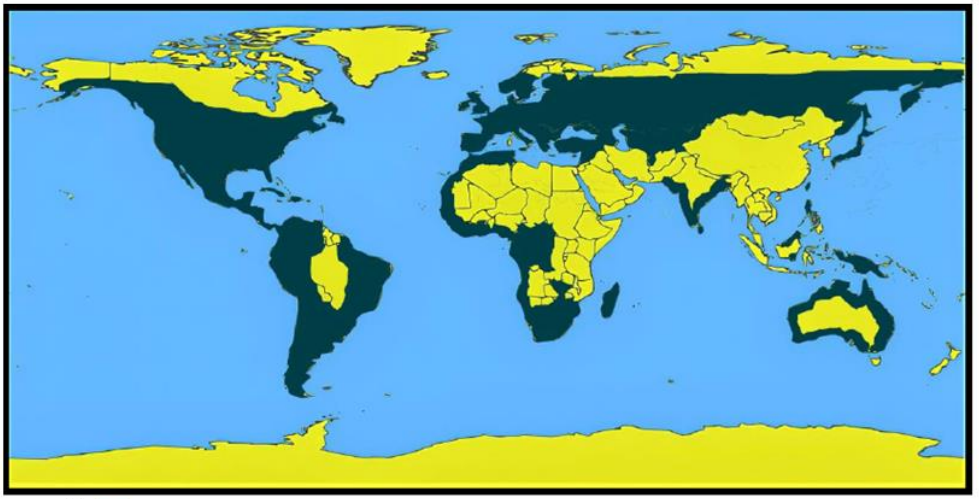
Conectada com este tema, há que se considerar a Estratégia Geral do Führer, pois, pode-se assegurar, quem ignore a existência da Rota do Kaly Yuga jamais poderá compreender a ofensiva para o Leste que a Alemanha empreende, durante a Segunda Guerra Mundial. Ensaiaram-se explicações políticas – o propósito de aniquilar o regime comunista russo – ou geopolíticas – a necessidade de conquistar "espaço vital" ou Lebesranm no Leste – mas o verdadeiro objetivo estratégico só era conhecido por muito poucas pessoas no Terceiro Reich: o Führer, Rosenberg, Rudolph Hess, Himmler, os

iniciados da SS e algumas poucas pessoas mais; e este objetivo era o seguinte: marchar com um Exército Luciférico, sob o estandarte da Suástica, pela Rota do Kaly Yuga EM SENTIDO INVERSO – se diz – "baixar por Kaly Yuga" até a América do Sul. Entretanto, o êxito de tal objetivo esotérico só se poderia alcançar se se levava a cabo uma temerária operação "comando", consistente em ocupar o centro de menor intensidade, na Mongólia, e "operar a porta de Agartha".

**D – Israel, chakra terrestre.**

"Dentro da Rota de Kaly Yuga, encontram-se distribuídos os principais chakras da Terra". Esta afirmação da Sabedoria Hiperbórea não requereria um comentário, a não ser pela possibilidade de que conduza a erro a declaração que fizemos em outra parte da obra de que "Israel cumpre a função de chakra coração ou Anahata chakra da Terra". Com efeito: ao observar a figura 114 percebe-se claramente que o Estado de Israel fica fora da Rota, o que parece contradizer a afirmação anterior. Mas não existirá nenhuma possibilidade de erro se esclarecemos que o chakra Israel é construído pela "raça eleita" e não pelo Estado de Israel. Pelo contrário, a concentração de membros da raça hebreia na Palestina É UM ATO OPOSTO AOS PLANOS DA SINARQUIA, questão que o Führer conhecia perfeitamente e, por isso, tratou de favorecer a emigração e o assentamento em "Eretz Israel" dos judeus europeus. Várias negociações entabuladas entre a Alemanha e a Inglaterra para concretizar essa migração[36] foram frustradas pelas intrigas da maçonaria inglesa, organização sinárquica que, contrariamente à crença comum, opunha-se à erradicação dos judeus europeus. O motivo é eminentemente esotérico: a função que, na anatomia planetária, cumprem os hebreus, consiste em produzir um contato COLETIVO entre o "corpo emocional" da Terra e a consciência do Demiurgo; E ESTA FUNÇÃO SÓ PODE SER EFETIVA SE SE MANTÉM A DIÁSPORA, QUER DIZER, A "DISPERSÃO" MUNDIAL DOS JUDEUS. Na figura 115 representou-se, mediante áreas sombreadas, um quadro atual da distribuição mundial da raça hebreia que demonstra, de maneira eloquente, que O OBJETIVO PRINCIPAL DA ESTRATÉGIA JUDAICA NÃO É SIONISTA, SENÃO SINÁRQUICA.

[36] Antes de 1939.



✡ RAÇA HEBREIA: PRINCIPAIS ÁREAS DE DISTRIBUIÇÃO (1980)

Figura 115

**E – A missão dos Mongóis na História.**

A estratégia “O” impulsionou duas “linhas de ação”: uma claramente ocidental inicia-se com a entrega da Runa de Ouro aos Cátaros de Montségur, para sua custódia; e outra, asiático-ocidental, começa quando Gengis Khan recebe o Sinal da Origem. Esta segunda linha, e em geral toda a estratégia A2, fundamentam-se em um princípio da Sabedoria Hiperbórea referente à missão que corresponde na História aos povos mongóis. Devemos, pois, conhecer este princípio e também definir o que se deve entender por “povos mongóis”. Mas isso não é tudo: ao conhecer a missão dos mongóis, perguntar-nos-emos pelo verdadeiro significado do nome “Kaly Yuga”, com o qual se denomina a era atual, e tal interrogação nos obrigará a refletir longamente sobre conceitos modernos de “Idade histórica” e “História”, antes de chegar a uma definição que expresse claramente o conceito hiperbóreo de Kaly Yuga.

Estes e outros assuntos de similar importância serão o objeto da Introdução. Ao concluir esta, narrar-se-á brevemente os fatos que intervêm na estratégia A2, a qual será, graças ao visto aqui, facilmente compreendida.

1º - Por “mongóis” deve-se entender não somente uma comunidade racial de características étnicas definidas, senão aqueles povos que, possuindo tais características étnicas, habitaram outrora o território da Mongólia, quer dizer, nesse mar seco, entre os montes Altai, Khangai, Sayansk ou Tannu-Ola e o deserto de Gobi ao Sudeste.

Com este critério, serão considerados também "mongóis" aqueles grupos étnicos que abandonaram por emigração seu primitivo assentamento na Mongólia, por exemplo, os hunos, búlgaros, turcomanos, etc.[37]

A necessidade de ligar alguns povos "amarelos", a princípio nômades, com determinado território, para considerá-los, então, "mongóis" provém da particular importância que a Sabedoria Hiperbórea atribui a uma ampla região da Ásia central, à qual vagamente costuma-se identificar como "Mongólia". Com efeito: na Mongólia encontra-se o CENTRO DE MENOR INTENSIDADE DO KALY YUGA, conceito que explicamos anteriormente. Mas agora podemos dizer que é em virtude da qualidade "geocronológica" da Mongólia que os povos provenientes de seus confins realizam sempre movimentos significativos para a História da humanidade. A origem mongol, ou seja, o fato de provir de Mongólia, é um sinal fundamental para compreender a estratégia dos Siddhas pois:

2º - "A MISSÃO DOS MONGÓIS NA HISTÓRIA É EMPURRAR AS LINHAGENS HIPERBÓREAS DE RAÇA BRANCA PARA O KALY YUGA". À luz do que foi visto até aqui, já deve ser claro, que, efetivamente, é possível "avançar para o Kaly Yuga', percorrendo as distintas Regiões da Rota. E isso é o que ocorreu: "um avanço para o Kaly Yuga", para muitos povos de Linhagem Hiperbórea, cada vez que uma invasão turaniana os obrigou a abandonar as terras do Leste. Ainda que tal "empurrão" para o Oeste tenha se repetido em incontáveis oportunidades desde a mais remota antiguidade, recordemos somente, a título de exemplo, alguns dos fatos protagonizados por raças turanianas na atual era cristã, comprovando assim, que o deslocamento sempre segue a Rota do Kaly Yuga: no século IV, a irrupção dos hunos na Europa produz a invasão dos germânicos no Império Romano; no século IX, os magiares, procedentes dos Montes Urais, invadem a Transilvânia "empurrando" para o Oeste as tribos germânicas e eslavas que habitavam essa região; no século XIII, um Império Mongol, no comando de Gengis Khan, ataca Armênia, Rússia, Polônia, Hungria, Silésia, etc.; desde o século XIV, uma grande expansão turca começa pressionar o Ocidente, acaba com o Império Romano do Oriente no século XV e, no século XVII chega a ocupar Viena; etc.

Se a História é eloquente, com respeito à afirmação do inciso 2, em troca, não é evidente – e trataremos de esclarecê-lo – que objetivo perseguem tais invasões das raças turanianas, DADO QUE AS MESMAS SEMPRE FORAM PROVOCADAS PELOS SIDDHAS HIPERBÓREOS. O objetivo estratégico – que, naturalmente, também estava contemplado na Estratégia Geral do Führer – era o seguinte: dar fim ao Kaly Yuga. Para isso, as Linhagens Hiperbóreas da raça branca devem internar-se na Rota de Kaly Yuga até alcançar a máxima obscuridade e logo, dali, terão que transitar a Rota no sentido inverso, para o Leste, ao comando de um Grande Chefe que apresente a Guerra Total às Potências Infernais e consiga para a raça, no fragor do combate, a mutação definitiva, a mudança mágica que transforma o animal-homem em Herói semidivino e o Herói em Siddha Imortal.

Este objetivo foi proposto pelos Siddhas Hiperbóreos há milhares de anos, mas só recentemente, graças à Corologia Esotérica das SS e ao seu descobrimento de uma Rota do Kaly Yuga, puderam-se compreender as razões ocultas que o sustentavam. E, por isso, baseando-nos na Sabedoria Hiperbórea, que é mãe das ciências das SS,

[37] Este esclarecimento é necessário porque, de outro modo, seriam considerados "mongóis" todos os membros da raça amarela (chineses, japoneses, tibetanos, birmanes, siameses, malaios, polinésios, maoris, turcos, turcomanos, búlgaros, magiares, lapões, fineses, samoiedos, quirguizes, ostíacos, esquimós, etc.) e esse não é o nosso critério, segundo se verá.

podemos afirmar que a Estratégia Geral do Führer contempla UM ÚLTIMO ATAQUE AO OCIDENTE, POR PARTE DAS RAÇAS TURANIANAS, ANTES DE ALCANÇAR O FIM DO KALY YUGA.

Dessa vez, será o Siddha Anael quem, à frente de enormes exércitos mongóis, ostentando novamente um estandarte com um Sinal Polar, avançará irresistivelmente pela Rota do Kaly Yuga. Mas os homenzinhos judaizados, afundados nas trevas da confusão sanguínea, NÃO VERÃO O SINAL, NEM COMPREENDERÃO QUE O FIM CHEGOU. Acreditarão até o último momento que assistem ao advento da Sinarquia e se alegrarão por isso insensatamente. Só reagirão quando, incrivelmente, DE BERLIM, VEJAM SURGIR UM EXÉRCITO DE HOMENS IMORTAIS QUE VESTEM O UNIFORME DA SS ETERNA. Mas, então, será tarde, pois eles se desdobrarão em todas as direções, possuídos de um furor Berserkir... E SÓ RESPEITARÃO O SINAL DO SANGUE PURO.

**F – Estratégia hebreia de Cristóvão Colombo.**

Uma Estratégia dos Siddhas consiste, então, em "empurrar" as linhagens Hiperbóreas da raça branca "para o Kaly Yuga", empregando para isso as raças turanianas, provenientes do centro de menor intensidade, como "massa tática". Para impedir tal objetivo, a Sinarquia procurou a todo momento "afastar o horizonte" do Kaly Yuga, aprofundando a exploração das Regiões da Rota. E, com tal motivo, um de seus agentes infernais, um judeu conhecido como Cristóvão Colombo, prolonga, no século XV, o trânsito europeu para a Região VI da Rota; ver figura 114.

Este é o objetivo secreto do "descobrimento" da América, que mencionamos ao expor o Projeto Thule do Dr. Dee, mas que ao que era impossível explicar então, sem recorrer aos elementos da Corologia Esotérica, tais como o conceito geocrônico do Kaly Yuga ou a Corografia da Figura 114.

A Sinarquia tratou, assim, de lograr com que a Estratégia dos Siddhas de "marchar para o Oeste, para logo regressar, a Sangue e Fogo, para o Leste" – se veja dificultada pela barreira de água que o Oceano Atlântico opõe entre as Regiões V e VI. Neste sentido, o "descobrimento" de Colombo teve êxito (mas o mesmo é relativo, pois Inglaterra e Irlanda, por motivos que não discutiremos aqui, respondem às características corológicas de uma autêntica Região VI, qualidade que permitiu a líderes como Napoleão ou o Führer planejar estratégias que excluem a América como objetivo bélico).

**G – Missão da América do Sul na História.**

Na figura 113, traçou-se um triângulo tri-continental, cujos vértices se assentam em Pequim (Ásia), em Argel (África) e Buenos Aires (América), e ao qual, tomando em consideração a inicial dos continentes, se denomina de: "as três "A".

Já falamos da Ordem Anael da América do Sul, fundada pelos Siddhas Hiperbóreos após a catástrofe da Segunda Guerra Mundial. Segundo as diretrizes dadas à Ordem em 1946, os Siddhas promoveriam no mundo três focos de conflito FORA DO CONTROLE DA SINARQUIA. Estes três focos não estariam situados sobre a Rota do Kaly Yuga, onde se executaria a paródia de um "confronto" Leste-Oeste, para favorecer os planos do Governo Mundial da Sinarquia, senão fora da mesma, e, por isso, os povos envolvidos no conflito seriam chamados "do Terceiro Mundo" ou "sustentadores da Terceira Posição". Os três focos, que na Ordem Anael se denominavam "vértices de liberação", fizeram-se efetivos após poucos anos: o de Pequim, em 1949, após a revolução de Mao Tse Tung; o de Buenos Aires, em 1946, após o triunfo eleitoral do presidente Juan Domingo Perón; e o de Argel, em 1962, pela independência da França.

Para cumprir os objetivos propostos estes "vértices de liberação" deveriam se organizar com base em um princípio nacional-socialista ou fascista, quer dizer, com uma política que favoreça a justiça social "para dentro" e defenda os interesses nacionais "para fora" das fronteiras. Mas o principal seria que, a partir dos vértices de liberação, se estendesse o conflito a outros focos de semelhante composição social. Buscava-se tal efeito não para favorecer "a revolução", já que tais movimentos de liberação nacional-socialistas operariam fora das internacionais socialistas, comunistas ou trotzkistas, senão para balcanizar as áreas de conflito, com miríades de países "independentes" ou "liberados" que tornassem inoperante, com seus votos contraditórios, as Nações Unidas ou outro organismo sinárquico semelhante.

A Revolução Chinesa conseguiu este objetivo na Ásia, mas seu papel mais importante ERA EVITAR UMA INVASÃO RUSSA AO CENTRO DE MENOR INTENSIDADE, a qual poderia se produzir da própria URSS ou do Sudeste Asiático. A Diretriz de Anael de 1946 dizia: "China e África constituem o corpo de uma Nova Ordem Mundial que surgirá do caos do Ocidente, mas sem as urgências do Kaly Yuga" e logo: "A América espanhola será a cabeça dessa nova civilização, nisso está empenhada a Vontade dos Siddhas".

China e África cumpriram sua parte do plano dos Siddhas nas décadas de 50 e 60; o que aconteceu, então, com a América espanhola? Aqui o projeto não era novo pois, já no século XIX, Simón Bolivar havia compreendido que, sem uma América do Sul unida em busca de objetivos nacionalistas e patrióticos, seria impossível resistir à pressão das grandes potências imperiais, e sem essa união, qualquer possibilidade de independência política, econômica ou cultural seria pura utopia. A Diretriz de Anael para a América espanhola apoiava-se em considerações semelhantes e, por isso, a partir de 1951, poderosas forças espirituais convergem sobre três importantes personagens, que eram peças fundamentais da Estratégia Hiperbórea: referimo-nos ao presidente chileno Carlos Ibañez, ao presidente brasileiro Getúlio Vargas e ao presidente argentino Juan Domingo Perón. Estes três mandatários tentaram, entre 1951 e 1954, levar adiante um plano geopolítico denominado "ABC" (Argentina – Brasil – Chile), elaborado pela Ordem Anael do Brasil, o qual consistia, simplesmente, em formar com os três países um eixo – a "L" inclinada – que permitisse resistir à pressão do imperialismo anglo-americano. Esse eixo "ABC" contemplava a integração política, econômica e social dos três países, os quais consolidariam assim o terceiro "Vértice de Liberação".

Naturalmente, esse plano fracassou, após uma sinistra conspiração que levaria Getúlio Vargas ao suicídio em 1954 e de que outra não menos sinistra contrarrevolução sinárquica derrubasse o presidente Juan Domingo Perón, em 1955.

Quais são as alternativas atuais da Estratégia dos Siddhas para o Terceiro Mundo? Poderíamos dizer, corologicamente, que o Triângulo das três A "girou" e que seus vértices apontam agora para outros centros espirituais: o Vértice de Pequim se transladou ao "centro de menor intensidade do Kaly Yuga", na Mongólia; o Vértice de Argel está agora em Trípoli, da Líbia; e o Vértice de Buenos Aires, ainda que isso não seja completamente claro porque, transladou-se para Santiago do Chile. Desse último país surgirá, então, a cabeça de uma nova Civilização Hiperbórea, de alcance tri-continental, ainda que, para isso, deve primeiro levantar-se acima das nações da América espanhola e convocá-las em torno de um projeto conjunto de liberação.

A ROTA SECRETA DO KALY YUGA E O TRIÂNGULO DA TRÍPLICE "A"
SANTIAGO - TRÍPOLI - ULAANBAATAR

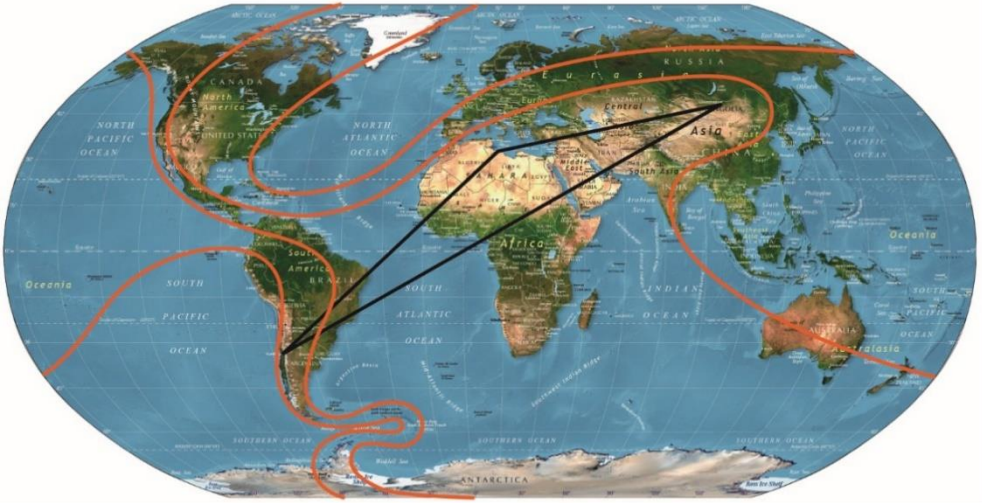



FIGURA 116

# Sumário

SEXTO TOMO: A ORDEM LAGRGAL DE AGARTHA, CUSTODIADORA DOS LIVROS DE CRISTAL ..... 2

**A – Os Livros de Cristal da Biblioteca de Agartha.** ..... 2

**B – Missão dos Cavalheiros Tirodal.** ..... 3

**C – O Sagrado Livro de Cristal Tirodal.** ..... 5

**D – A crucificação de Wotan.** ..... 7

**E – A Ressignificação de Wotan.** ..... 8

**F – A chave Kalachakra.** ..... 16

**G – O Mistério do Labirinto.** ..... 21

SÉTIMO TOMO: TIRODINGUIBURR: O SÍMBOLO SAGRADO DO VIRYA .. 24

**A - Significado do Labirinto exterior de Wotan.** ..... 24

**B – Função operacional do Labirinto Exterior de Wotan.** ..... 29

B1 – Princípio de Indução Noológica. ..... 29

B2 – Princípio de isolamento do Eu. ..... 31

**C – Semiótica psicológica e Rúnica Noológica.** ..... 33

**D – O princípio cardinal da Ética Noológica.** ..... 38

**E – Análise semiótica dos sinais labirinto exterior.** ..... 41

E1 – Degradação e deformação do símbolo sagrado do virya. ..... 41

E2 – Diretrizes para a análise semiótica. ..... 41

E3 – Primeira diretriz. ..... 42

E4 – O Mandala de Shambala e a primeira diretriz. ..... 51

E5 – Segunda diretriz. ..... 58

E6 – Gibur, a arma do Cavalheiro Tirodal. ..... 59

E7 – Terceira diretriz. ..... 60

E8 – Quarta diretriz. ..... 60

**F – Os símbolos sagrados e o símbolo sagrado do virya.** ..... 62

**G – Ética Noológica e Metafísica Hiperbórea.** ..... 68
**H – Atitude lúdica e degradação dos símbolos sagrados.** ..... 71
**I – A atitude lúdica do virya perdido.** ..... 73
**J – Promoção sinárquica da atitude lúdica.** ..... 76
**K – Plano sinárquico contra o símbolo sagrado do virya.** ..... 78
**L – O "jogador sacrílego", profanador de símbolos sagrados.** ..... 78
**M – A alegoria do Sr. Lusor e o leopardo-símbolo.** ..... 80
**N – Conclusões analógicas da alegoria do Sr. Lusor e o leopardo.** ..... 81
**O – Objetivos do plano sinárquico contra o símbolo sagrado do virya.** ..... 84
OITAVO TOMO – A "TIPOLOGIA ABERRO" DA ÉTICA NOOLÓGICA ..... 88
**A – Descrição específica dos tipos.** ..... 88
**B – A Lei do Globo do ato ético fundamental.** ..... 89
**C – A alegoria do Sr. Aberro e o balão.** ..... 92
**D- Descrição analógica das atitudes "lúdica", "sacralizante" e "graciosa luciférica".** ..... 93
**E – Vigência da Lei do Balão no ato ético fundamental.** ..... 94
**F - Conclusão analógica da alegoria do Sr. Aberro e o balão.** ..... 94
**G – Critério na tipologia Aberro.** ..... 95
**H – Tipo lúdico e tipo sacralizante.** ..... 95
**I- Tipo gracioso luciférico.** ..... 96
**J – Efeito da atitude graciosa luciférica sobre a tensão dramática.** ..... 98
**K - Vontade graciosa luciférica do virya e vontade psicológica do pasu.** ..... 98
**L – O Paráklito, sua Graça, e o Carisma.** ..... 100
**M – O tipo gracioso luciférico participa da Mística Hiperbórea.** ..... 101
**N – Correspondência entre a tipologia Aberro e a tipologia indo-ariana** ..... 103

**O – Falácia sobre a origem evolutiva do sistema de castas.** ..... 106

**P – Superioridade do tipo gracioso luciférico-kshatriya sobre os outros tipos.** ..... 107

**CONCLUSÕES ÉTICAS DA TIPOLOGIA ABERRO** ..... 108

A – Filosofia e Ética Psicológica. ..... 108

B – Qualificação ético-psicológica dos tipos Aberro. ..... 108

C – Ética Psicológica do tipo lúdico e do tipo sacralizante. ..... 111

D – Ética noológica do tipo gracioso luciférico. ..... 113

E – Ética Psicológica e gnosiologia. ..... 115

F- Militares e Kshatriyas. ..... 116

**TIPOS E PROFISSÕES** ..... 116

A – Tipos Aberro e profissões particulares. ..... 116

B – Tipo Aberro e profissões coletivas. ..... 119

NONO TOMO – POSSIBILIDADES DA VIA TÂNTRICA ..... 122

**A – Kaly, o Kaly Yuga e o sexo dos Espíritos Hiperbóreos.** ..... 122

**B – O Tantra Yoga.** ..... 125

**C – A "via úmida" do Tantra Yoga.** ..... 126

**D – O segredo de Kundalini.** ..... 127

**E – A Estratégia Hiperbórea dos Cátaros do século XIII.** ..... 130

**F – O perigo do Tantra Yoga.** ..... 133

**G – A Prova de Família.** ..... 133

**H – Um tipo especial de conexão de sentido: os sistemas reais afetivos.** ..... 133

**I – Captura mútua na superestrutura do fato familiar.** ..... 137

**J – Aplicação da Prova de Família.** ..... 138

**K – Avaliação da Prova de Família.** ..... 139

**L – Redução dos sistemas reais afetivos.** ..... 142

**M – Método de "Identificação Recíproca".** ..... 143
DÉCIMO TOMO – TANTRA OCIDENTAL DA SABEDORIA HIPERBÓREA 145
**A – Quando não se deve seguir a via tântrica.** ..... 145
**B – A decisão tântrica do virya ocidental.** ..... 146
**C – O Ritual dos Cinco Desafios.** ..... 147
**D – O Desafio do Vinho.** ..... 147
**E- O Desafio da Carne.** ..... 148
**F – O Desafio do Peixe.** ..... 149
**G – O Desafio do Trigo.** ..... 149
**H – O Desafio do Maithuna.** ..... 150
**I – Mulher Eva e Mulher Kaly.** ..... 153
**J – Execução do Ritual dos Cinco Desafios.** ..... 158
DÉCIMO PRIMEIRO TOMO: ESTRATÉGIA "O" DOS SIDDHAS LEAIS ..... 171
**A – O Gral: ato de guerra de Kristos Lúcifer.** ..... 171
**B – Poder do Gral.** ..... 172
**C – Reação do Demiurgo contra o Poder do Gral.** ..... 173
**D – A "Raça Sagrada" Hebreia.** ..... 176
**E – Efeito social da Estratégia "O".** ..... 179
**F – Jesus Cristo, imitação demiúrgica de Kristos Lúcifer.** ..... 182
**G – As Tábuas da lei, as Kabalas e os Druidas.** ..... 185
**H – Analogias entre a Estratégia "O" e a via da oposição estratégica.** ..... 187
**I – Chang Shambala, morada dos Siddhas Traidores.** ..... 190
**J – O Valhalla de Agartha, morada dos Siddhas Leais.** ..... 191
**K – Comentário sobre a Runa de Ouro ou Sinal da Origem.** ..... 194
**L – O Gral como "Tabula Regia".** ..... 196
**M – Messias hebreu e Messias imperial.** ..... 198

**N – Estratégias históricas "A1" e "A2" dos Siddhas Leais** ..... 199

DÉCIMO SEGUNDO TOMO – FUNDAMENTOS DA RÚNICA NOOLÓGICA ..... 203

**A – Rúnica Noológica e Kabala Numérica.** ..... 203

**B – Os Guardiões da Sabedoria Lítica.** ..... 205

**C – Conceitos de "psicorregião".** ..... 208

**D – Conceito de "ilha psicoide".** ..... 210

**E – Trabalho megalítico do homem de Cro-Magnon.** ..... 212

**F – Megalitos e Runa Suástica.** ..... 214

**G – O arsenal lítico da Rúnica noológica.** ..... 215

**H – Estratégia Druídica.** ..... 217

**I – Revolução cultural druídica.** ..... 217

**J – Noções de Corologia Esotérica.** ..... 218

J1 – Efeito geocrônico sobre "Kaly exterior". ..... 219

J2 – Determinação corológica da Rota do Kaly Yuga. ..... 220

DÉCIMO TERCEIRO TOMO: CONCEITOS COMPLEMENTARES DA SABEDORIA HIPERBÓREA ..... 223

**A – Hiperbórea e os Hiperbóreos.** ..... 223

**B – Deslocamento verdadeiro dos homens de Cro-Magnon.** ..... 225

**C – Estratégia do Führer.** ..... 225

**D – Israel, chakra terrestre.** ..... 226

**E – A missão dos Mongóis na História.** ..... 227

**F – Estratégia hebreia de Cristóvão Colombo.** ..... 229

**G – Missão da América do Sul na História.** ..... 229



LUIS FELIPE MOYANO

**Se "O Mistério de Belicena Villca' é a melhor carta de apresentação para um escritor prodígio como Nimrod de Rosario, "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constituem os mais altos cumes que pode alcançar um ser humano em seu empenho em superar qualquer limitação que afeta, necessária e intrisecamente, a perfeição humana na consecução de um êxito em qualquer campo, concretizando para a posteridade o mais extraordinário trabalho científico-literário que o mundo conheceu. Neste contexto, não há palavras na língua portuguesa para catalogar este colossal trabalho de investigação científico/esotérico/gnóstico. Concebido em 14 tomos, "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" simplesmente são a mais alta sabedoria à qual pode ter acesso o homem, em qualquer tempo e contexto. "Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" constelam o maior esforço jamais realizado pelo homem para resolver o mistério integral de nossa existência e de todo o universo.**

**O EDITORIAL**